BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

FRÉDÉRIC MARTEL

NO ARMÁRIO DO VATICANO



PODER, HIPOCRISIA E HOMOSSEXUALIDADE

OBJETIVA

Frédéric Martel

No armário do Vaticano

Poder, hipocrisia e homossexualidade

TRADUÇÃO
Artur Lopes Cardoso

OBJETIVA

Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
Nota do autor e dos editores
Prólogo

PRIMEIRA PARTE: FRANCISCO

1. Domus Sanctæ Marthæ
2. A teoria de gênero
3. Quem sou eu para julgar?
4. Buenos Aires
5. O sínodo
6. Roma Termini

SEGUNDA PARTE: PAULO

7. O Código Maritain
8. O amor de amizade

TERCEIRA PARTE: JOÃO PAULO

9. Sacro Colégio
10. Os Legionários de Cristo
11. O círculo de luxúria
12. Os guardas suíços
13. A cruzada contra os gays
14. Os diplomatas do papa

15. Um casal estranho
16. Rouco
17. A filha mais velha da Igreja
18. A CEI
19. Os seminaristas

QUARTA PARTE: BENTO

20. Passivo e bianco
21. O vice-papa
22. Dissidentes
23. VatiLeaks
24. A abdicação

Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor
Créditos

Nota do autor e dos editores

No armário do Vaticano foi publicado simultaneamente em oito línguas e vinte países pelas seguintes editoras e grupos editoriais: Robert Laffont, na França; Feltrinelli, na Itália; Bloomsbury, no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Austrália. Foi publicado também pela Agora, na Polônia; pela Roca Editorial, na Espanha e na América Latina; pela Balans, na Holanda e na Romênia; e pela Sextante Editora, em Portugal. Na França, onde o livro foi publicado com o título *Sodoma*, o editor foi Jean-Luc Barré.

Este livro baseia-se em um grande número de fontes. Durante a pesquisa, que durou mais de quatro anos, foram ouvidas mais de 1500 pessoas, no Vaticano e em trinta países: entre elas, 41 cardeais, 52 bispos e *monsignori*, 45 núncios apostólicos e embaixadores estrangeiros e mais de duzentos padres e seminaristas. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, nenhuma por telefone ou e-mail. A essas fontes de primeira mão se junta uma vasta bibliografia com mais de mil referências, livros e artigos. Além disso, as pesquisas realizadas para este livro nesses trinta países mobilizaram uma equipe de oitenta investigadores, correspondentes, conselheiros, intermediários e tradutores.

Todas as fontes, as notas, a bibliografia, a equipe de pesquisadores e três capítulos inéditos, longos demais para figurarem aqui, encontram-se reunidos em um documento de trezentas páginas disponível para consulta on-line em: ‹www.sodoma.fr› (conteúdo em francês e inglês); serão publicadas também atualizações com o *hashtag* #sodoma na página de Facebook do autor:

@fredericmartel; na conta do Instagram: @martelfrederic e no Twitter: @martelf.

Prólogo

– É membro da paróquia – sussurrou o prelado, ao ouvido, num tom conspirador.

O primeiro a usar uma mensagem cifrada comigo foi um arcebispo da Cúria Romana.

– Sabe, é muito praticante. É membro da paróquia – insiste em voz baixa, falando dos hábitos de um célebre cardeal do Vaticano, antigo ministro de João Paulo II, que conhecemos bem, tanto ele como eu. Antes de acrescentar:
– E, se lhe contasse o que sei, você não ia acreditar!

E, é claro, falou.

Vamos nos deparar várias vezes, neste livro, com esse arcebispo, o primeiro de uma longa lista de padres que me descreveram a realidade que eu pressentia, mas que muitos tomarão como ficção. Um conto de fadas.

– O problema é que, se eu disser a verdade sobre o "armário" e as amizades particulares no Vaticano, ninguém vai acreditar. Dirão que é inventado, porque, aqui, a realidade ultrapassa a ficção – revelou um padre franciscano que trabalha e também mora no interior do Vaticano há mais de trinta anos.

No entanto, foram muitos os que descreveram a mim esse "armário". Alguns ficaram inquietos em relação ao que eu ia divulgar. Outros revelaram os segredos aos sussurros e, depois, em voz alta, os escândalos. Outros ainda se mostravam loquazes, bastante loquazes, como se tivessem esperado por muitos anos para sair do silêncio. Mais de quarenta cardeais e centenas de bispos, de *monsignori*, padres e núncios (os embaixadores do papa) aceitaram

se encontrar comigo. Entre eles, alguns homossexuais assumidos, presentes todos os dias no Vaticano, fizeram com que eu me aprofundasse no seu mundo de iniciados.

Segredos de polichinelo? Boatos? Difamações? Sou como são Tomé: preciso ver para crer. Assim, precisei fazer uma longa investigação e viver em imersão na Igreja; me hospedei em Roma, uma semana por mês, morando regularmente no interior do Vaticano graças à hospitalidade de altos prelados que, por vezes, também se revelavam membros "da paróquia". E, em seguida, viajei por mais de trinta países, entre os cleros da América Latina, da Ásia, dos Estados Unidos e do Médio Oriente, e recolhi mais de mil testemunhos. Durante essa longa investigação, passei aproximadamente 150 noites por ano fazendo reportagens fora de casa, fora de Paris.

Durante esses quatro anos de pesquisa e abordagem a cardeais e padres, por vezes inacessíveis, nunca escondi a minha identidade de escritor, jornalista e investigador. Todas as entrevistas foram realizadas com o meu nome verdadeiro, e bastava aos meus interlocutores que fizessem uma breve pesquisa no Google, na Wikipédia, no Facebook ou no Twitter para que conhecessem os pormenores da minha biografia de escritor e repórter. Com frequência, esses prelados, pequenos e grandes, tentaram me seduzir recatadamente, e alguns deles, muito pouco constrangidos, ativa ou mais intensamente. Faz parte dos riscos da profissão!

Por que é que esses homens, habituados a manter o silêncio, aceitaram quebrar a omertà? É um dos mistérios deste livro e a sua razão de ser.

O que me disseram foi durante muitos anos indizível. Uma obra como esta dificilmente seria publicável há vinte anos ou mesmo apenas há dez. Durante muito tempo, os caminhos do Senhor permaneceram, se assim for permitido dizer, impenetráveis. Atualmente são menos, porque a renúncia de Bento XVI e a vontade de reforma do papa Francisco contribuíram para libertar a palavra.

As redes sociais, a maior ousadia da imprensa e os inúmeros escândalos de "costumes" eclesiásticos tornaram possível, e necessário, revelar esse segredo nos dias de hoje. Como tal, este livro não aponta para a Igreja em geral, mas um "gênero" particular da comunidade gay; conta a história do componente majoritário do Colégio Cardinalício e do Vaticano.

Muitos cardeais e prelados que oficiam a Cúria Romana, a maioria dos que se reúnem em conclave sob os afrescos da Capela Sistina, pintada por Michelangelo — uma das cenas mais imponentes da cultura gay, povoada de corpos viris, rodeados pelos *Ignudi*, esses robustos efebos desnudados —, dividem as mesmas "inclinações". Parecem uma "família". Usando uma referência mais *disco queen*, um padre confessou: "*We are family!*".

A maioria dos *monsignori* que usou da palavra na varanda da *loggia* de São Pedro, entre o pontificado de Paulo VI e o de Francisco, para anunciar tristemente a morte do papa ou para proferir, com uma franca alegria, *Habemus papam!*, tem um mesmo segredo em comum. *È bianca!*

Sejam eles praticantes, homossexuais, iniciados, não héteros, mundanos, versáteis, em dúvida, enrustidos ou estejam simplesmente no armário, o mundo que descubro, com as suas cinquenta sombras de gay, está além do entendimento. A história íntima desses homens, que projetam uma imagem de piedade, em público, e levam outra vida privada, tão diferentes entre si, é uma meada difícil de desemaranhar. As aparências de uma instituição talvez nunca tenham sido tão enganadoras, e também enganadoras são as profissões de fé sobre o celibato e os votos de castidade, que escondem uma realidade totalmente diferente.

O segredo mais bem guardado do Vaticano não é segredo para o papa Francisco, que conhece a sua "paróquia". Quando da sua chegada em Roma, compreendeu que precisava lidar com uma corporação bastante extraordinária

no seu gênero e que não está limitada — como se julgou durante muito tempo — a algumas ovelhas negras. Trata-se de um sistema; e de um rebanho bem vasto. Quantos são? Não importa. Afirmemos apenas: representam a maioria.

De início, é claro, o papa foi surpreendido com a dimensão dessa "colônia maledicente", com as suas "qualidades encantadoras" e os seus "defeitos insuportáveis", de que fala o escritor francês Marcel Proust no seu célebre *Sodoma e Gomorra*. Mas o que é insuportável para Francisco não é tanto a homossexualidade tão disseminada, mas a hipocrisia vertiginosa dos que pregam uma moral estreita e ao mesmo tempo têm um companheiro, aventuras e, por vezes, acompanhantes pagos. Eis a razão pela qual ele fustiga sem descanso os falsos devotos, os santarrões, os falsos beatos. Francisco denunciou repetidas vezes, nas suas homilias matinais na Casa Santa Marta, essa duplicidade, essa esquizofrenia. A sua frase merece ser posta em destaque neste livro: "Por trás da rigidez, há sempre alguma coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla".

Vida dupla? As palavras foram proferidas e, dessa vez, a testemunha é irrefutável. Francisco repetiu com frequência essas críticas a propósito da Cúria Romana: apontou com o dedo os "hipócritas" que levam "vidas escondidas e amiúde dissolutas"; aqueles que "maquiam a alma e vivem de maquiagem"; a "mentira" erigida sistematicamente que provoca "muita dor, a hipocrisia provoca muita dor: é uma maneira de viver". Façam o que eu digo, mas não o que eu faço!

Será necessário dizer que Francisco conhece aqueles a quem se dirige desse modo sem nomeá-los: cardeais, mestres de cerimônias papais, antigos secretários de Estado, substitutos, minutadores ou camerlengos. Na maioria dos casos, não se trata apenas de uma orientação difusa, de certa fluidez, de homossexualidade ou de "tendências", como se dizia na época, nem sequer de sexualidade reprimida ou sublimada, todas elas também frequentes na Igreja

de Roma. Muitos desses cardeais que "não amaram mulheres, apesar de cheios de sangue!", como disse Rimbaud, são praticantes. Quantas voltas dou para dizer coisas tão simples! Que, ontem tão chocantes, são hoje tão banais!

Praticantes, certamente, mas ainda "no armário". É inútil apresentar aqui aquele cardeal que aparece em público na varanda da *loggia* e que foi apanhado num escândalo, rapidamente abafado, de prostituição; ou um cardeal francês que teve, durante muito tempo, um amante anglicano na Europa; ou ainda aquele que, durante a juventude, foi desfiando aventuras como uma freira desfia as contas do seu rosário; sem me esquecer daqueles que encontrei nos palácios do Vaticano e que me apresentaram o seu companheiro como o seu assistente, o seu minutador, o seu substituto, o seu motorista, o seu criado de quarto, o seu factótum ou até o seu guarda-costas!

O Vaticano tem uma comunidade homossexual que está entre as maiores do mundo, e duvido que mesmo no Castro, o bairro gay tão emblemático de San Francisco, hoje em dia mais misturado, haja tantos homossexuais!

No caso dos cardeais mais velhos, esse segredo deve ser procurado no passado: a juventude tempestuosa e os anos de libertinagem antes da libertação gay explicam a vida dupla e a homofobia à antiga. Ao longo da minha investigação, tive frequentemente a impressão de voltar no tempo e me ver nas décadas de 1930 ou 1950, que desconheço, com aquela mentalidade dicotômica de povo eleito e povo maldito, o que fez dizer a um dos padres com quem me encontrei frequentemente: "Benvenuto a Sodoma!".

Não sou o primeiro a evocar esse fenômeno. Vários jornalistas já revelaram escândalos e casos no cerne da Cúria Romana, mas o tema da minha obra não é esse. Ao contrário desses vaticanistas, que denunciam "desvios" individuais, mas ocultam o "sistema", é preferível nos preocuparmos menos com os casos desagradáveis do que com a vida dupla muito banal da maioria dos dignitários da Igreja. Deixando de lado as exceções e centrando-nos no sistema e no

modelo (*the pattern*, como dizem os sociólogos americanos). Nos pormenores, certamente, mas também nas grandes leis — e haverá, como veremos, catorze regras gerais neste livro. O tema é a sociedade íntima dos padres, a sua fragilidade e o seu sofrimento ligado ao celibato forçado transformados em sistema. Não se trata, portanto, de julgar esses homossexuais, mesmo quando ainda se encontram no armário — gosto bastante deles! —, mas sim de compreender o seu segredo e o seu modo de vida coletivo. O que está em questão não é denunciar esses homens nem expor sua orientação sexual em vida. O meu projeto não é o de *naming and shaming* — denúncia e divulgação —, prática americana que consiste em tornar públicos os nomes para expor as pessoas. Que fique bem claro que, para mim, um padre ou um cardeal não deve ter a menor vergonha de ser homossexual; penso mesmo que deveria ser um estatuto social possível entre outros.

Todavia, impõe-se a necessidade de trazer a público um sistema construído simultaneamente, desde os menores seminários até o santo dos santos — o Colégio Cardinalício —, sobre a vida dupla homossexual e a mais vertiginosa homofobia. Cinquenta anos depois de Stonewall, a revolução gay nos Estados Unidos, o Vaticano é o último bastião a se libertar. A partir de agora, muitos católicos deduzem essa mentira, mesmo antes de ler as descrições deste livro.

Sem esta base de leitura, a história recente do Vaticano e da Igreja romana fica opaca. Ao ignorarmos a dimensão largamente homossexual, nos privamos de uma das principais chaves de compreensão da maior parte dos fatos que há várias décadas tem manchado a história da santa sé: as motivações secretas que incentivaram Paulo VI a ratificar a proibição dos métodos contraceptivos artificiais, o repúdio ao preservativo e a obrigação estrita do celibato dos padres; a guerra contra a "teologia da libertação"; os escândalos do banco do Vaticano na época do célebre arcebispo Marcinkus, também ele homossexual;

a decisão de proibir o preservativo como meio de luta contra a aids, no preciso momento em que a doença faria mais de 35 milhões de mortos; os casos VatiLeaks I e II; a misoginia recorrente, e com frequência insondável, de inúmeros cardeais e bispos; a renúncia de Bento XVI; a guerra atual contra o papa Francisco... Em cada uma dessas vezes, a homossexualidade desempenha um papel central que muitos supõem, mas que nunca foi contado abertamente.

A dimensão gay não explica tudo, é claro, mas é uma questão decisiva para quem deseja compreender o Vaticano e as suas posturas morais. Podemos partir também da hipótese, embora não seja esse o tema deste livro, de que a homossexualidade feminina é um ponto importante para compreender a vida dos conventos, das religiosas em clausura ou não, das irmãs e das freiras. Por fim — infelizmente —, a homossexualidade é também uma das explicações do encobrimento institucionalizado de crimes e delitos sexuais que hoje em dia chegam a dezenas de milhares. Por quê? Como? Porque a "cultura do segredo" que era necessária para manter o silêncio sobre a forte ascendência da homossexualidade na Igreja permitiu que os abusos sexuais fossem escondidos e os predadores se beneficiassem, sem o conhecimento da instituição, desse sistema de proteção — embora a pedofilia também não seja o tema deste livro.

"Quantas máculas na Igreja", disse o cardeal Ratzinger, que também descobriu a dimensão do "armário" num relatório secreto de três cardeais, cujo conteúdo foi descrito a mim e que constituiu uma das principais razões da sua renúncia. Esse relatório mencionaria menos a existência de um "lobby gay", como foi dito, do que a onipresença dos homossexuais no Vaticano, as chantagens, os assédios erigidos em sistema. Existe realmente, como diria Hamlet, algo de podre no reino do Vaticano.

A sociologia homossexual do catolicismo também permite explicar outra realidade: o fim das vocações. Durante muito tempo, como veremos, jovens

italianos que descobriam que eram homossexuais, ou que tinham dúvidas quanto à própria orientação sexual, escolhiam o sacerdócio. Assim, esses párias tornavam-se iniciados e transformavam uma fraqueza em força. Com a libertação homossexual da década de 1970 e a socialização gay nos anos 1980, as vocações católicas secaram naturalmente. Hoje em dia, um adolescente gay tem outras opções, além da ordenação, mesmo na Itália. O fim das vocações tem múltiplas causas, mas a revolução homossexual é, paradoxalmente, uma de suas principais forças motrizes.

Essa matriz explica, por fim, a guerra contra Francisco. Nesse caso, para compreendermos, precisamos ser contraintuitivos. O papa latino-americano foi o primeiro a utilizar a palavra "gay" — e não apenas homossexual —, e podemos considerá-lo, se o compararmos com os seus antecessores, o mais *gay-friendly* dos sumos pontífices modernos. Houve palavras cuidadosamente escolhidas sobre a homossexualidade: "Quem sou eu para julgar?". E podemos presumir que esse papa não tem nem as tendências nem a inclinação que foram atribuídas a quatro dos seus predecessores recentes. No entanto, em virtude precisamente do seu pretenso liberalismo quanto às questões de moral sexual, Francisco é alvo, hoje, de uma violenta campanha iniciada pelos cardeais conservadores que são muito homofóbicos — e, em sua maioria, secretamente homossexuais.

De algum modo, o mundo está do avesso! Podemos dizer até que haja uma regra tácita que se verifica quase sempre neste livro: quanto mais homofóbico é um prelado, mais provável que seja homossexual. Esses conservadores, tradicionalistas, esses *dubia* são, em muitos casos, os famosos "intransigentes que levam uma vida dupla" de que Francisco fala com tanta frequência.

"O carnaval acabou", teria dito o papa ao seu mestre de cerimônias no exato momento da sua eleição. Em seguida, o argentino veio abalar os joguinhos de conivência e de fraternidade homossexuais que se desenvolveram às

escondidas desde Paulo VI, ampliaram-se sob João Paulo II, antes de se tornarem ingovernáveis sob Bento XVI, precipitando possivelmente a sua queda. Com o ego tranquilo e a relação serena com a sexualidade, Francisco destoa. Não é da paróquia!

O papa e os seus teólogos liberais se deram conta de que o celibato dos padres havia falhado? Que se tratava de uma ficção que quase nunca corresponde à realidade? Adivinharam que a batalha lançada pelo Vaticano de João Paulo II e Bento XVI contra os gays já seria uma guerra perdida? E que agora se virava contra a Igreja à medida que cada um tomava conhecimento das reais motivações: uma guerra maquinada por homossexuais dentro do armário contra gays assumidos! Uma guerra entre gays, em suma.

Isolado nessa sociedade maledicente, Francisco está, no entanto, bem informado. Seus assistentes, colaboradores mais próximos, mestres de cerimônias e peritos em liturgia, teólogos e cardeais, de grupos em que os gays também são a maioria, sabem que no Vaticano a homossexualidade inclui tanto muitos dos chamados quanto muitos dos escolhidos. Eles de fato sugerem, quando questionados, que a Igreja se tornou sociologicamente homossexual ao proibir que os padres se casassem; e que, ao impor uma privação que vai contra as leis da natureza e uma cultura do segredo, é responsável, em parte, pelas dezenas de milhares de casos de abusos sexuais que a corroem por dentro. Sabem também que o desejo sexual, e principalmente o desejo homossexual, é um dos principais motores e motivos que fazem a roda girar na vida do Vaticano.

Francisco tem consciência de que deve fazer as posições da Igreja evoluírem e que só conseguirá fazer isso pagando o preço de uma luta sem tréguas contra todos os que utilizam a moral sexual e a homofobia para esconder as próprias hipocrisias e a vida dupla. Mas aí está: esses

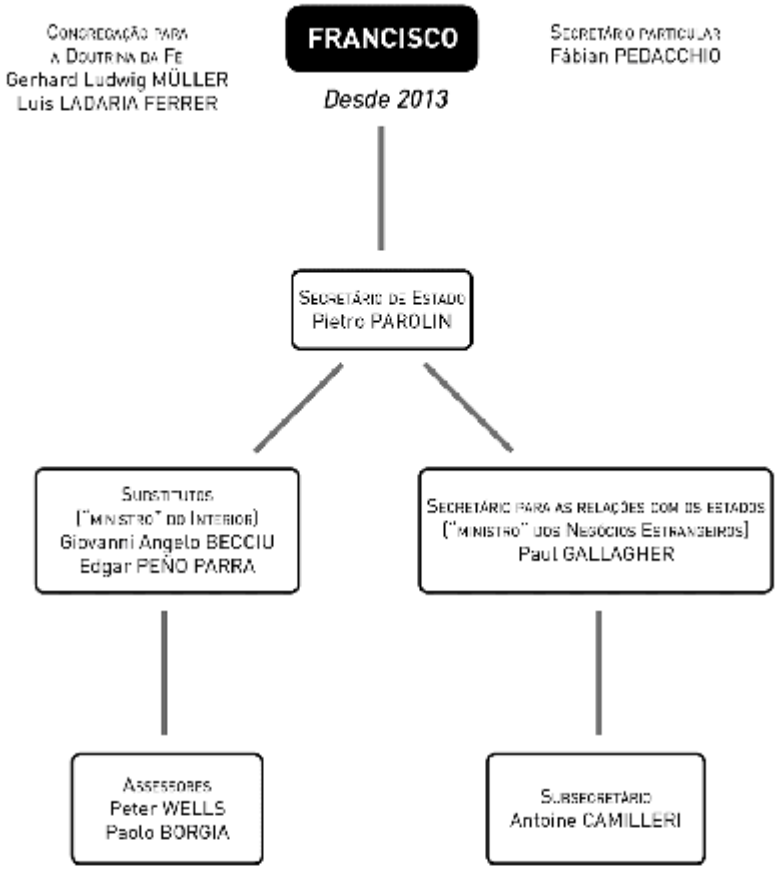
homossexuais escondidos são na maioria poderosos e influentes e, no caso dos mais "intransigentes", muito ruidosos em suas posições homofóbicas.

Eis o papa: ameaçado, atacado por todos os lados e geralmente criticado. Francisco, dizem, está "entre os lobos".

Isso não é exatamente verdade: ele encontra-se entre as *malucas*.

Primeira parte

Francisco



**Os quatro organogramas deste livro foram simplificados: alguns titulares de cargos, títulos e datas de função foram reduzidos ou omitidos por razões de legibilidade. Uma terceira seção da Secretaria de Estado foi criada em 2017.*

1. Domus Sanctæ Marthæ

"Boa noite", diz a voz. "Queria te agradecer."

Levando o polegar e o mindinho ao ouvido, Francesco Lepore reproduz, para mim, a conversa telefônica. Acaba de atender ao telefone, e a sua linguagem corporal parece tão importante agora quanto as palavras que o seu misterioso interlocutor pronuncia em italiano, com um forte sotaque. Lepore se recorda dos mais ínfimos pormenores da chamada:

— Foi no dia 15 de outubro de 2015, perto das 16h45, lembro muito bem. O meu pai tinha morrido havia pouco, uns dias antes, e eu me sentia sozinho e abandonado. Foi então que o meu celular tocou. Era um número desconhecido. Atendi no modo automático. "Alô?", a voz continuou, "*Buona sera!* Aqui é o papa Francisco. Recebi a sua carta. O cardeal Farina me entregou em mãos, e estou ligando para dizer que fiquei muito comovido com a sua coragem, que a coerência e a sinceridade da sua carta me sensibilizaram."

"Santo padre, eu é que estou comovido com a sua ligação; por ter tido o cuidado de me ligar. Não era necessário. Senti apenas uma necessidade de lhe escrever."

"Não, é verdade, fiquei muito comovido com a sua sinceridade, a sua coragem. Não sei o que posso fazer para ajudá-lo agora, mas gostaria de fazer algo."

Com a voz trêmula, Francesco Lepore, surpreso por um telefonema tão inesperado, hesita. Após um silêncio, o papa recomeçou: "Posso pedir um favor a você?".

"Que favor?"

“Quer rezar por mim?”

Francesco Lepore fica em silêncio.

— Por fim, respondi a ele que tinha parado de rezar. Mas que, se ele quisesse, podia rezar por mim — diz.

O papa explicou que já rezava por ele antes de ele pedir:

“Posso abençoá-lo?”

— Respondi afirmativamente a essa pergunta do papa Francisco, claro. Houve um breve silêncio, ele me agradeceu de novo e a conversa terminou assim.

Passado um momento, Francesco Lepore me disse:

— Sabe, não sou muito a favor desse papa. Não defendo muito Francisco, mas fiquei verdadeiramente sensibilizado com o gesto dele. Nunca falei sobre isso, guardei para mim, como um segredo pessoal e uma coisa boa. É a primeira vez que conto isso.

(O cardeal Farina, que entrevistei duas vezes no seu aposento do Vaticano, confirmou ter enviado a carta de Lepore ao papa e a autenticidade do telefonema de Francisco.)

Quando recebeu essa chamada, Francesco Lepore estava em ruptura com a Igreja. Tinha acabado de se demitir e ser, segundo a expressão consagrada, “reduzido ao estado laical”. O padre intelectual, que deixava os cardeais do Vaticano orgulhosos, abandonou a batina. Enviara havia pouco uma carta ao papa Francisco, uma garrafa lançada ao mar com muita dor, uma epístola em que conta a sua história de padre homossexual que se tornou tradutor de latim do papa. Para acabar com isso. Para reencontrar a sua coerência e sair da hipocrisia. Com o seu gesto, Lepore queimou os seus navios.

No entanto, essa chamada santa leva-o de volta, inexoravelmente, a um passado que quis esquecer, uma página que quis virar: o seu amor pelo latim e

pelo sacerdócio; a sua entrada na religião; a sua ordenação como padre; a sua vida na residência Santa Marta; as suas amizades particulares com vários bispos e cardeais; as suas conversas intermináveis sobre Cristo e homossexualidade, sob a batina e, por vezes, em latim.

Ilusões perdidas? Sim, certamente. A sua ascensão foi rápida: um padre jovem nomeado para atuar com os cardeais mais prestigiosos e logo posto a serviço direto de três papas. Tinham ambições em relação a ele; prometeram-lhe uma carreira no palácio apostólico, talvez mesmo o episcopado ou, quem sabe, o traje purpúreo e o chapéu vermelho!

Isso foi antes da sua escolha. Francesco teve que decidir entre o Vaticano e a homossexualidade — e, ao contrário de inúmeros padres e cardeais que preferem levar uma vida dupla, optou pela coerência e pela liberdade. O papa Francisco não falou claramente sobre a questão gay na conversa, mas ficou claro que foi a honestidade do padre que o incitou a telefonar direto a Francesco Lepore.

— Ele me pareceu tocado pela história e talvez também pelo fato de eu ter revelado determinadas práticas do Vaticano, como os meus superiores haviam me tratado sem humanidade — há muitos protetores e muito *jus primae noctis* no Vaticano — e como tinham me abandonado assim que deixei de ser padre.

Mais significativo, o papa Francisco agradece especificamente a Francesco Lepore por ter privilegiado "a discrição" em relação à sua homossexualidade, uma forma de "humildade" e de "segredo", em vez de uma pública e tonitruante saída do armário.

Algum tempo depois, o monsenhor Krzysztof Charamsa, um prelado que gravitava em volta do cardeal Ratzinger, será mais ruidoso, e a sua saída do armário, bastante divulgada pela mídia, suscitará uma violenta reação do Vaticano. O papa não telefonará a ele!

Compreendemos aqui a regra tácita de *No armário do Vaticano*: vale mais, para pertencer ao Vaticano, aderir a um código, o "código do armário", que consiste em tolerar a homossexualidade dos padres e dos bispos, desfrutar dela, se for o caso, mas mantê-la em segredo sob quaisquer circunstâncias. A tolerância anda de mãos dadas com a discrição. E tal como Al Pacino em *O poderoso chefão*, nunca se deve criticar ou abandonar a sua "família": "Nunca tome partido contra a família".

Como viria a descobrir no decurso desta longa investigação, ser gay, no clero, consiste em fazer parte de uma espécie de norma. As únicas linhas a não ultrapassar são a da midiatização ou a do ativismo. Ser homossexual no Vaticano é possível, fácil, banal e até incentivado; mas a palavra e a visibilidade são proibidas. Ser discretamente homossexual é fazer parte "da paróquia"; ser aquele que provoca o escândalo é se excluir da família.

À luz desse "código", o telefonema do papa Francisco a Francesco Lepore faz agora todo sentido.

Meu primeiro encontro com Lepore foi no começo desta investigação, alguns meses antes da sua carta e da ligação do papa. Esse homem, mudo por profissão, tradutor discreto do santo padre, aceitou conversar de rosto descoberto. Eu tinha começado este livro havia pouco e não tinha muitos contatos no Vaticano. Francesco Lepore foi um dos meus primeiros padres gays, antes de dezenas de outros. Nunca poderia imaginar que, após ele, fossem tão numerosos os prelados da santa sé que se confessariam a mim.

Por que falam? Todo mundo faz confidências em Roma: os padres, os guardas suíços, os bispos, os inúmeros *monsignori* e, ainda mais do que os outros, os cardeais. Uns verdadeiros tagarelas! Todas essas eminências e essas excelências são muito linguarudas, se soubermos proceder, por vezes beirando a verborragia e, em todos os casos, a imprudência. Cada um tem as suas

razões: para uns é por convicção, para participar na batalha ideológica feroz que se trava agora no âmago do Vaticano, entre tradicionalistas e liberais; para os outros é pela sede de influência e, convenhamos, por vaidade. Finalmente, outros ainda desabafam por azedume, por gosto pela maledicência e pelo mexerico. Os velhos cardeais só vivem de fuxico e de difamação. Lembram os clientes habituais dos clubes gays e dúbios da década de 1950, que cruelmente ridicularizavam todas as pessoas, mundanos e malévolos, porque não assumiam a própria natureza. O "armário" é a sede da crueldade mais inverossímil.

Francesco Lepore queria sair desse meio e me disse imediatamente o seu verdadeiro nome, aceitando que as nossas conversas fossem gravadas e divulgadas.

No nosso primeiro encontro, organizado por um amigo comum, Pasquale Quaranta, jornalista do *La Repubblica*, Lepore chegou um pouco atrasado, por causa de uma greve de transportes. Tínhamos combinado de nos encontrar no segundo andar do restaurante Eataly, na Piazza della Repubblica, em Roma. Escolhi o Eataly, que surfa na onda do *slow food*, do comércio justo e do nacionalismo *made in Italy*, porque é um restaurante relativamente discreto, longe do Vaticano, onde é possível conversar à vontade. O menu propõe dez tipos de massas (bastante decepcionantes) e 73 tipos de pizzas, pouco compatíveis com a minha dieta *low carb*. Nos encontramos ali várias vezes, para longas conversas, quase todos os meses, regadas a espaguete *all'amatriciana* — o meu preferido. E em todas as vezes o antigo padre se animava e de repente começava a desabafar.

Na antiga fotografia, que me mostrou, um pouco amarelada, o colarinho clerical chama atenção, um branco leitoso sobre a batina negra: Francesco Lepore tinha acabado de ser ordenado padre. Tinha o cabelo curto bem

penteado e o rosto barbeado; o oposto de hoje, ostentando uma barba generosa e a careca totalmente lisa. É o mesmo homem? O padre recalcado e o homossexual assumido são os dois rostos de uma mesma realidade.

— Nasci em Benevento, uma cidade da Campânia, um pouco ao norte de Nápoles — Lepore diz. — Os meus pais eram católicos não praticantes. Muito cedo, senti uma profunda atração pela religião. Eu adorava as igrejas.

Muitos padres homossexuais entrevistados descreveram essa atração. Uma procura misteriosa da graça. O fascínio pelos sacramentos, o esplendor do tabernáculo, a cortina dupla, o cibório e a custódia. A magia dos confessionários, cabines de voto fantasmagóricas pelas promessas que lhes estão ligadas. As procissões, os retiros espirituais, as auriflamas. E também as roupas festivas, os mantos, a batina, a alva, a estola. A vontade de desvendar o segredo das sacristias. E, depois, a música: as vésperas cantadas, a voz dos homens e a sonoridade dos órgãos. Sem esquecer dos genuflexórios!

Muitos também me disseram que encontraram na Igreja "uma segunda mãe": e é de conhecimento geral quanto o culto, sempre irracional e autoeletivo, da santa virgem é um grande clássico para essa confraria. Mamãe! Inúmeros escritores homossexuais, de Marcel Proust a Pasolini, passando por Julien Green ou Roland Barthes, até Jacques Maritain, cantaram o amor-paixão pela sua mãe, efusão de coração que foi não só essencial, como também constituiu muitas vezes uma das peças-chave da autocensura (foram muitos, entre os escritores e os padres, aqueles que só aceitaram sua homossexualidade após a morte da mãe). A mamãe, que sempre ficou fiel ao seu menino, retribuindo-lhe esse amor e cuidando do seu velho filho como se fosse a sua própria carne, compreendeu tudo, aliás.

Já Francesco Lepore quer seguir o caminho do pai:

— O meu pai era professor de latim, e eu quis aprender a língua para me aproximar deste mundo. — E continua: — Aprender latim com perfeição. E,

desde os dez ou onze anos, quis entrar para o seminário.

Algo que faz contrariando a opinião dos pais: aos quinze anos, já quer abraçar a carreira eclesiástica.

Caminho clássico dos jovens padres: o seminário num liceu católico, depois cinco anos de graduação em filosofia e em teologia, seguidos dos "ministérios", ainda chamados na Itália de "ordens menores", com os seus leitores e acólitos, antes do diaconato e da ordenação.

— Eu me tornei padre aos 24 anos, em 13 de maio de 2000, no momento do Jubileu e da Parada do Orgulho Gay Mundial — resume Francesco Lepore, numa descrição surpreendente.

O jovem compreendeu muito rápido que o vínculo entre o sacerdócio e a homossexualidade não era contraditório, nem sequer ocasional, como havia pensado inicialmente.

— Sempre soube que eu era homossexual. Ao mesmo tempo tinha uma espécie de atração-repulsa por esse tipo de desejo. Evoluía num meio que considerava a homossexualidade intrinsecamente ruim; lia livros de teologia que a definiam como um pecado. Durante muito tempo, vivi a homossexualidade como uma espécie de culpa. A via que escolhi para sair disso foi negar essa atração sexual, transferindo-a para a atração religiosa: escolhi a castidade e o seminário. Virar padre era, para mim, uma espécie de solução para expiar uma falta nunca cometida. Durante os anos de formação na Universidade do Opus Dei, em Roma, me dediquei muito intensamente à oração, praticava a ascese, indo até os castigos corporais, tentando mesmo me tornar franciscano para viver a minha religião ainda mais intensamente, e conseguindo me manter casto durante cinco anos, sem sequer me masturbar.

O percurso de Francesco Lepore, entre pecado e mortificação, com essa necessidade lancinante de fugir aos desejos, pagando o preço das imposições

mais penosas, é quase comum na Itália do século XX. Ali, a carreira eclesiástica foi, durante muitos anos, a solução ideal para muitos homossexuais que dificilmente assumiam sua orientação íntima. Dezenas de milhares de padres italianos julgaram sinceramente que a vocação religiosa era "a" solução para o seu "problema". Esta é a primeira regra deste livro: *O sacerdócio foi, durante muito tempo, a escapatória ideal para os jovens homossexuais. A homossexualidade é uma das chaves da sua vocação.*

Vamos nos deter um pouco nessa matriz. Para compreendermos o percurso da maioria dos cardeais e de inúmeros padres com ao quais vamos nos deparar neste livro, precisamos partir desse processo de seleção, quase darwiniano, com uma explicação sociológica. Na Itália, foi mesmo uma regra durante muito tempo. Aqueles jovens afeminados que se inquietavam quanto aos seus desejos, aqueles rapazes que sentiam algo a mais pelo melhor amigo e que eram ridicularizados por causa da voz afetada, aqueles homossexuais em busca um do outro sem querer se declarar, aqueles seminaristas que não estavam no bom caminho não tinham muitas opções na Itália das décadas de 1930, 1940 ou 1950. Alguns compreenderam precocemente, quase por atavismo, como fazer da homossexualidade sofrida uma força, transformar uma fraqueza em trunfo: tornando-se padres, o que lhes permitia retomar o poder sobre a própria vida, julgando responder ao chamamento duplo de Cristo e dos seus desejos.

Tinham outras opções? Numa cidadezinha italiana da Lombardia ou numa aldeia do Piemonte, de onde vêm muitos cardeais, a homossexualidade ainda é considerada, nos dias de hoje, o Mal absoluto. Pouco se compreende esse "infortúnio obscuro"; teme-se essa "promessa de um amor múltiplo e complexo"; receia-se essa "felicidade indizível e até insuportável", citando Rimbaud. Entregar-se a ela, mesmo sendo discreto, seria escolher uma vida de

mentira ou de censura; tornar-se padre, em contrapartida, aparece como uma forma de escapatória. Juntando-se ao clero, tudo se torna simples para o homossexual que não se assume: passa a viver entre rapazes e a usar túnicas; param de lhe perguntar sobre as namoradas; os colegas de escola, que já faziam piadas de mau gosto, ficam impressionados; estão de acordo com as honras, ele que era alvo de escárnio; junta-se a uma raça eleita, ele que pertencia a uma raça maldita; e a mamãe, repito, que compreendeu tudo sem dizer nada, incentiva essa vocação miraculosa. E sobretudo isto: a castidade com as mulheres e as promessas de celibato não assustam o futuro padre, muito pelo contrário; ele adere, com alegria, a essa imposição! Na Itália das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960, o fato de um jovem homossexual escolher a ordenação e essa espécie de "voto de celibato entre homens" fazia com que se sentisse inserido, portanto, na ordem, senão na força, das coisas.

Um monge beneditino italiano que foi um dos responsáveis da Universidade Sant'Anselmo, em Roma, me explicou a lógica:

— A escolha do sacerdócio foi antes de mais nada, para mim, o resultado de uma fé profunda e vital. Contudo, retrospectivamente, também a analiso como uma forma de ter a minha sexualidade sob controle. Sempre soube que eu era gay, mas foi só muito mais tarde, passados quarenta anos, que aceitei esse aspecto fundamental da minha identidade.

Claro que cada percurso é único. Inúmeros padres italianos me disseram que só tinham descoberto sua homossexualidade depois da ordenação ou quando começaram a trabalhar no Vaticano. São muitos aqueles que só deram esse passo bem mais tarde, depois dos quarenta anos de idade ou durante a década de 1970.

A essa seleção sociológica dos padres junta-se uma seleção episcopal, que ainda amplia o fenômeno. Os cardeais homossexuais privilegiam os prelados com inclinações homossexuais, que, por sua vez, escolhem padres gays. Os

núncios, os embaixadores do papa encarregados da seleção dos bispos, entre os quais a porcentagem de homossexuais atinge recordes, realizam, por sua vez, uma seleção "natural". Segundo todos os testemunhos que recolhi, os padres que têm inclinações seriam privilegiados, quando essa homossexualidade é percebida. Mais prosaicamente, não é raro que um núncio ou um bispo promova um padre que pertence "à paróquia" porque espera dele um favor qualquer.

É a segunda regra de *No armário do Vaticano*: *A homossexualidade se estende à medida que nos aproximamos do santo dos santos; há cada vez mais homossexuais quanto mais subimos na hierarquia católica. No Colégio Cardinalício e no Vaticano, o processo preferencial teria tido êxito: a homossexualidade torna-se a regra, a heterossexualidade, a exceção.*

Comecei realmente a escrever este livro em abril de 2015. Uma noite, o meu editor italiano, Carlo Feltrinelli, me convidou para jantar no restaurante Rovello 18, na Via Tivoli, em Milão. Já nos conhecíamos, porque ele tinha publicado três dos meus livros, e eu desejava falar sobre *No armário do Vaticano*. Havia mais de um ano que eu investigava a questão da homossexualidade na Igreja católica, multiplicando as entrevistas em Roma e em alguns países, lendo inúmeras obras, mas o meu projeto permanecia ainda hipotético. Tinha o tema, mas não sabia como escrevê-lo.

Durante algumas conferências públicas em Nápoles e Roma naquele ano, falando sobre os católicos gays, eu havia afirmado: "Um dia será necessário contar a história do Vaticano". Depois, um jovem escritor napolitano relembrou essa frase e o jornalista de *La Repubblica* Pasquale Quaranta, um amigo que me acompanha desde então na preparação do livro, também me trouxe essa lembrança. Mas o meu tema continuava inominável.

Antes de ocorrer esse jantar, imaginava que Carlo Feltrinelli recusaria tal projeto; se assim fosse, eu teria abandonado o livro e *No armário do Vaticano* não teria visto a luz do dia. Mas aconteceu precisamente o contrário. O editor de Boris Pasternak, de Günter Grass e, mais recentemente, de Roberto Saviano me bombardeou com perguntas, questionou minhas ideias antes de me inspirar, para me encorajar a trabalhar, enquanto me deixava também com o pé atrás:

— Esse livro deveria ser publicado ao mesmo tempo na Itália e na França, para dar mais força à publicação. Vai ter imagens? Você também vai ter que me provar que sabe mais sobre isso do que diz.

Ele se serviu de um pouco mais de vinho, que era de uma boa safra, e continuou a refletir em voz alta. E, de repente, acrescentou, puxando o "s":

— Mas eles vão tentar *assssassssiná-lo*!

Eu tinha acabado de receber a luz verde; me lancei na aventura e comecei todos os meses a passar um tempo em Roma. Mas ainda não sabia que teria que fazer a investigação em mais de trinta países e durante quatro anos. *No armário do Vaticano* será lançado. Custe o que custar!

No número 178 da Via Ostiense, no sul de Roma, fica a Al Biondo Tevere, uma popular *trattoria* italiana. Lá o Tibre corre aos pés da esplanada — daí o nome do restaurante. É um lugar comum, longe do centro, pouco frequentado e, no mês de janeiro, faz um frio tremendo. Por que raios Francesco Gnerre combinou de se encontrar comigo nessa espelunca tão afastada?

Gnerre, professor de literatura aposentado, dedicou uma parte importante das suas pesquisas à literatura gay italiana. Também assinou, durante mais de quarenta anos, centenas de críticas de livros em diversas revistas gays.

— Milhares de gays como eu construíram sua biblioteca lendo os artigos de Francesco Gnerre na *Babilonia* e na *Pride* — diz o jornalista Pasquale

Quaranta, que organizou o jantar.

Gnerre escolheu o local intencionalmente. Foi na Al Biondo Tevere que o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini jantou, na noite de 1º de novembro de 1975, com Pelosi, o jovem prostituto que iria assassiná-lo algumas horas depois, numa praia de Ostia. Essa "última ceia", imediatamente antes de um dos crimes mais horríveis e mais célebres da história italiana, foi alvo de uma estranha comemoração nas paredes do restaurante. Recortes de jornais, imagens das filmagens, cenas de filmes, todo o universo de Pasolini revive nas paredes laqueadas do restaurante.

— A maior associação gay italiana é o Vaticano — afirma, no lugar do *antipasti*, Francesco Gnerre.

E o crítico literário começou um longo relato, o da história das relações enredadas entre os padres italianos e a homossexualidade e, entre eles, questões em comum. Também revelou a homossexualidade de vários romancistas católicos e comentou sobre Dante:

— Dante não era homofóbico — explica Gnerre. — Há quatro referências à homossexualidade n'*A divina comédia* nas partes chamadas *Inferno* e *Purgatório*, apesar de não haver nenhuma no *Paraíso*! Dante simpatiza com seu personagem gay, Brunetto Latini, que também é o seu professor de retórica. E, embora o coloque na terceira zona do sétimo círculo do inferno, respeita a condição homossexual.

Tomando o caminho das letras, do latim e da cultura para resolver o próprio dilema, o padre Francesco Lepore também passou anos tentando decifrar os não ditos da literatura ou do cinema — os poemas de Pasolini, Leopardi, Carlo Coccioli, as *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, os filmes de Visconti, sem se esquecer das figuras homossexuais n'*A divina comédia*, de Dante. A literatura desempenhou um papel importante na vida de muitos

padres e homossexuais italianos que estão se sentindo mal consigo mesmos: "o mais seguro dos abrigos", dizem.

— Foi pela literatura que compreendi muitas coisas — acrescenta Lepore. — Estava à procura de códigos e senhas.

Para tentarmos decifrar esses códigos, podemos nos interessar por outra figura-chave sobre a qual falamos com o universitário Francesco Gnette: Marco Bisceglia. Este teve três vidas. Foi cofundador da Arcigay, a principal organização homossexual italiana dos últimos quarenta anos e que, ainda hoje, reúne centenas de milhares de membros, distribuídos por comitês locais em mais de cinquenta cidades da península. Antes disso, Bisceglia era, a princípio, um padre.

— Marco foi para o seminário porque estava convencido de ter recebido um chamado de Deus. Disse que acreditava, de boa-fé, na sua vocação religiosa, quando na verdade a sua vocação foi algo que descobriu passados cinquenta anos: a homossexualidade. Durante muito tempo, reprimiu a sua orientação sexual. Julgo que esse percurso seja muito típico na Itália. Um rapaz que prefere a leitura ao futebol; um rapaz que não se sente atraído pelas moças e que não compreende muito bem a natureza dos próprios desejos; um rapaz que não quer confessar à família e à mãe sobre os seus desejos frustrados; era um pouco natural que tudo isso conduzisse os jovens homossexuais italianos aos seminários. Mas o que é fundamental no caso de Marco Bisceglia é que ele não foi hipócrita. Durante várias décadas, enquanto permaneceu na Igreja, não experimentou a vida gay; foi só depois que viveu a sua homossexualidade com os excessos dos recém-assumidos.

Esse retrato caloroso desenhado por Gnerre, que conheceu bem Bisceglia, esconde provavelmente os tormentos e as crises psicológicas desse padre jesuíta. Ele evoluiu em seguida para a teologia da libertação e parece que também teve problemas com a hierarquia católica, o que talvez tenha

contribuído para sua conversão à militância gay. Voltou a ser padre no final da vida, depois dos anos de ativismo gay, e morreu de aids em 2001.

Três vidas, portanto: o padre; o militante gay que se opõe ao padre; o doente de aids, por fim, que se reconcilia com a Igreja. O seu biógrafo, Rocco Pezzano, que interrogo, continua espantado com "essa vida solta" em que Marco Bisceglia se encontrou, indo de fracasso em fracasso sem ter descoberto verdadeiramente o seu caminho. Francesco Gnerre é mais generoso: põe em primeiro plano a sua "coerência" e o movimento de uma "vida dolorosa, mas magnífica".

Padres e homossexuais: duas faces de uma mesma moeda? Gianni Delle Foglie, outra figura do movimento gay italiano, fundador da primeira livraria gay de Milão, que se interessava pelos escritores católicos homossexuais, proferiu esta frase célebre: "Os gays foram deixados quase sozinhos perante o Vaticano. Mas talvez seja melhor assim: deixem que fiquem juntos! A batalha entre os gays e o Vaticano é uma guerra entre bichas [*una guerra tra froci*]!".

É em Roma que Francesco Lepore vive suas primeiras aventuras sexuais. Como no caso de muitos padres italianos, a capital, aquela de Adriano e de Michelangelo, foi reveladora das suas inclinações singulares. Descobre que o voto de castidade é pouco respeitado e que os homossexuais são maioria entre os padres.

— Me encontrei sozinho em Roma e foi então que descobri o segredo: com frequência os padres levavam uma vida devassa. Era um mundo totalmente novo para mim. Comecei uma relação com um padre que durou cinco anos. Quando nos separamos, atravessei uma crise profunda. A minha primeira crise espiritual. Como podia ser padre e, ao mesmo tempo, viver a minha homossexualidade?

Lepore aborda esse tema com os seus confessores e também com um padre jesuíta (a quem narra todos os pormenores) e, em seguida, com um bispo (a quem os poupa). Todos o exortam a persistir no sacerdócio, a não voltar a falar de homossexualidade e a não se sentir culpado. Fazem com que ele compreenda, sem rodeios, que pode muito bem viver a sua sexualidade, desde que se mantenha discreto e não faça dela um motivo de militância.

É nesse momento que o seu nome é proposto para um lugar na prestigiosa Secretaria de Estado, no palácio apostólico do Vaticano, algo equivalente aos serviços do primeiro-ministro do papa.

— Estavam à procura de um padre fluente em latim e, como circulava o rumor de que eu estava em crise, alguém propôs o meu nome. O monsenhor Leonardo Sandri, que depois veio a ser cardeal, entrou em contato com o meu bispo e me convidou para encontrar com as pessoas da seção latina. Fiz um teste de latim e fui contratado. Lembro de que, apesar de tudo, me alertaram, o que prova que sabiam que eu era gay, usando frases subentendidas. Disseram que "embora eu tivesse o nível que me qualificava para o cargo", era necessário que começasse "a dedicar a minha vida ao papa e a esquecer todo o resto".

No dia 30 de novembro de 2003, o padre napolitano chega à Domus Sanctæ Marthæ, a residência dos cardeais no Vaticano — e o domicílio atual do papa Francisco.

Só se pode visitar a Domus Sanctæ Marthæ com uma autorização especial e apenas às quartas e quintas-feiras de manhã, entre as dez e o meio-dia, quando o papa está em São Pedro de Roma. O monsenhor Battista Rica, o célebre diretor da residência, que tem uma sala no local, é quem me concede a autorização indispensável. Indica minuciosamente como passar pelo controle dos gendarmes e, em seguida, dos guardas suíços. Encontrarei muitas vezes

com esse prelado de olhos líquidos, um franco-atirador próximo de Francisco que conheceu a glória e a queda, e que acabará, como veremos, por permitir que eu fique numa das residências do Vaticano.

Com cinco andares e 120 quartos, a Domus Sanctæ Marthæ poderia ser um hotel qualquer dos subúrbios de Atlanta ou de Houston, se o papa não morasse lá. Moderna, impessoal e insignificante, a residência contrasta com a beleza do palácio apostólico.

Numa visita com o diplomata Fabrice Rivet à famosa III Loggia do imponente palácio, fiquei maravilhado com os mapas-múndi pintados nas paredes, os animais selvagens rafaélicos e os tetos artísticos, que refletem a luz nas fardas dos guardas suíços. Não há nada disso em Santa Marta.

— É um pouco fria, é verdade — reconhece Harmony, uma jovem siciliana que foi encarregada de me mostrar as instalações.

Num painel, na entrada, vejo: "Obrigatório traje adequado". E, um pouco mais longe, "Nem bermuda nem saia". Reparo também em várias sacolas Gammarelli, a marca de luxo das vestes pontificais, que estão na recepção de Santa Marta. A sala de audiências e a sala de imprensa também são bastante insignificantes, e está tudo como manda o figurino: o triunfo do mau gosto.

Na sala de reuniões do papa, dou de cara com uma obra imensa que representa a virgem de Guadalupe, símbolo de toda a religiosidade da América Latina: um presente do cardeal e arcebispo do México, Norberto Rivera Carrera, que tentava talvez assim obter o perdão para as suas companhias e os seus pecados. (O cardeal foi criticado por não ter denunciado o famoso padre pedófilo Marcial Maciel e, então, foi afastado por Francisco.)

A alguns metros, há uma capela reservada ao papa, onde ele celebra a missa para um grupo restrito, todas as manhãs, às sete. É feia, como a sala de jantar, que é bem mais ampla, mas que parece um refeitório. Harmony me mostra a

mesa, que fica um pouco afastada das outras, em que Francisco faz as refeições, com seis pessoas no máximo.

No segundo andar está o aposento privado do santo padre, que não é aberto à visitação; me mostram uma réplica exata, na ala oposta: é uma suíte modesta que compreende uma pequena sala de estar e um quarto com uma cama de solteiro. Um dos guardas suíços que protege o papa, e que frequentemente passa a noite diante da porta do seu quarto, confirma essas informações. Voltarei a vê-lo muitas vezes em Roma e conviveremos inclusive no café Makasar, um bar de vinhos afastado do Vaticano, em Borgo, onde me encontrarei com todos os que preferem me ver com discrição. Com o passar dos meses, o jovem virá a ser, como veremos, um dos meus informantes sobre a vida gay do Vaticano.

Passamos à lavanderia. Anna é uma mulher pequena, doce e dedicada, e Harmony me apresenta a ela como a "lavadeira do papa". Em dois cômodos ao lado da capela papal, essa freira se ocupa, com uma devoção impecável, das roupas de Francisco. Desdobra minuciosamente casulas e albas, como se fossem o santo sudário, para me mostrar (ao contrário dos seus antecessores, Francisco se recusa a usar o roquete e a murça vermelha).

— Veja os diferentes trajes que sua santidade usa. Brancos, em geral; verdes, para uma missa regular; vermelhos e violeta, para ocasiões especiais; por fim, prata, mas o santo padre não usa essa cor — diz Anna.

Quando estou prestes a deixar a Domus Sanctæ Marthæ, cruzo com Gilberto Bianchi, o jardineiro do papa, um italiano jovial, servidor dedicado do santo padre e visivelmente preocupado com as árvores cítricas de sua santidade que foram plantadas na área externa, bem em frente à capela pontifical.

— Aqui é Roma, não estamos em Buenos Aires! — diz, inquieto, Gilberto, com um ar de especialista no assunto.

Enquanto rega algumas orquídeas, o jardineiro do santo padre acrescenta:

— Esta noite fez muito frio para as laranjeiras, os limoeiros, as tangerineiras; não sei se vão aguentar.

Do meu lado, observo, inquieto, as árvores encostadas no muro, tentando sobreviver ao inverno. E, sim, não estamos em Buenos Aires!

— Aquele muro ali, ao lado da capela, onde estão as laranjeiras, marca a fronteira — diz Harmony de repente.

— Que fronteira?

— A do Vaticano! Do outro lado é a Itália.

Ao deixar a Domus Sanctæ Marthæ, dou de cara, bem na entrada da residência, com um cabideiro em que se vê, bem aparente, um guarda-chuva com as cores do arco-íris: uma bandeira LGBT!

— Não é o guarda-chuva do papa — Harmony diz imediatamente, como se tivesse desconfiado de uma gafe.

E, então, enquanto os guardas suíços me cumprimentam e os gendarmes baixam os olhos à medida que me afasto, começo a pensar. De quem poderá ser aquele belo guarda-chuva que ostenta tais cores contranaturais? Será do monsenhor Battista Ricca, o *direttore* de Santa Marta, que gentilmente me convidou para visitar a residência que está a seu encargo? Terá sido esquecido por um dos assistentes do papa? Ou por um cardeal cuja Cappa Magna combinaria suas cores tão bem com aquele guarda-chuva de arco-íris?

De qualquer modo, imagino a cena: o seu feliz proprietário, talvez um cardeal ou um *monsignore*, dando o seu passeio pelos jardins do Vaticano com a sua bandeira de arco-íris nas mãos! Quem é? Como se atreve? Ou será que ele não está a par disso? Imagino-o percorrendo a Via delle Fondamenta e, em seguida, a Rampa dell'Archeologia, com o seu guarda-chuva, para visitar Bento XVI, que vive em clausura no mosteiro Mater Ecclesiæ. A menos que, sob esse

belo guarda-chuva multicolorido, dê uma voltinha até o palácio do santo ofício, sede da Congregação para a Doutrina da Fé, a antiga Inquisição. Talvez o guarda-chuva de arco-íris não seja de ninguém conhecido e também ele esteja no armário. Fica por ali. Alguém pega emprestado, devolve, leva de novo, se utiliza dele. Imagino então que os prelados emprestem uns aos outros, trocam, em função das circunstâncias e das intempéries. Um para fazer a sua oração sob o arco-íris; outro para flanar perto da Fontana della Conchiglia ou da Torrione di San Giovanni; outro ainda para prestar homenagem à estátua mais venerada dos jardins do Vaticano, a de são Bernardo de Claraval, grande reformador e doutor da Igreja, conhecido pelos textos homossexuais e pelo amor terno ao arcebispo irlandês Malaquias de Armagh. A construção dessa estátua rígida, que leva uma vida dupla bem no coração do catolicismo romano, será um símbolo?

Como eu gostaria de ser um observador discreto, um guarda suíço de sentinela, um recepcionista de Santa Marta, para acompanhar a vida daquele guarda-chuva multicolorido, um "barco embriagado", mais leve do que uma rolha, que dança pelos jardins do Vaticano. Será essa bandeira de arco-íris "condenada pelo arco-íris" o código secreto da "parada selvagem" de que fala Rimbaud? A menos, é claro, que sirva apenas para proteger alguém da chuva!

— Cheguei a Santa Marta no final de 2003 — prossegue, em outro almoço, Francesco Lepore.

Embora seja o mais novo dos padres que atuam na santa sé, passa a viver entre os cardeais, os bispos e os velhos núncios do Vaticano. Conhece todos; foi assistente de vários; mede a extensão dos seus talentos e das suas pequenas manias; desvendou os seus segredos.

— As pessoas que trabalhavam comigo moravam lá, e o próprio monsenhor Georg Gänswein, que viria a ser o secretário particular do papa Bento XVI,

também vivia conosco.

Lepore passa um ano na célebre residência que se revela ser palco de um homoerotismo espantoso.

— Santa Marta é um lugar de poder — explica. — Trata-se de uma grande encruzilhada de ambições e intrigas, um local onde há muita concorrência e inveja. É verdade que um número significativo de padres que moram lá é formado por homossexuais, e lembro que, durante as refeições, havia piadas incessantes sobre esse tema. Davam nomes aos cardeais gays, feminizando-os, levando todos que estavam à mesa às gargalhadas. Sabíamos quem tinha um parceiro e quem mandava vir rapazes a Santa Marta para que passassem a noite com eles. Muitos levavam uma vida dupla: padre no Vaticano durante o dia; homossexual nos bares e casas noturnas à noite. Com frequência, esses prelados tinham o costume de dar em cima dos padres mais novos, como eu, dos seminaristas, dos guardas suíços ou mesmo dos laicos que trabalhavam no Vaticano.

Foram muitos os que descreveram essas "refeições com fofoca", em que os padres contam em voz alta histórias da corte papal e, baixinho, histórias de rapazes — que são, em geral, as mesmas. Ah, as gracinhas da Domus Sanctæ Marthæ! Ah, as conversas na surdina que escutei na Domus Internationalis Paulus VI, na Domus Romana Sacerdotalis ou nos aposentos do Vaticano, quando eu me alojava e almoçava por lá.

Francesco Lepore continua:

— Um dos prelados de Santa Marta trabalhava na Secretaria de Estado e era próximo do cardeal Giovanni Battista Re. Naquela época, ele tinha um jovem amigo eslavo que com frequência obtinha permissão para entrar à noite na residência. Mais tarde, apresentou-o como membro da sua família: seu sobrinho. Claro que ninguém acreditou! Um dia, quando o padre foi promovido, os boatos se multiplicaram. Então, o cardeal Giovanni Battista Re

e o bispo Fernando Filoni fizeram um esclarecimento público, confirmando que o jovem eslavo era realmente membro da sua família e o assunto foi encerrado!

Assim, a onipresença dos homossexuais no Vaticano não é uma questão de desvio, de "maçã podre", de "ovelhas negras" ou de "rede que tem peixe ruim", como disse Joseph Ratzinger. Não é nem lobby nem dissidência; também não é uma seita ou uma maçonaria no cerne da santa sé: é um sistema. Não é uma minoria; é uma grande maioria.

Nesse momento da conversa pergunto a Francesco Lepore qual é, segundo ele, a importância dessa comunidade, incluindo todas as vertentes, no Vaticano.

— Imagino que a porcentagem seja muito elevada. Diria que ronda os 80% — garante.

Quando conversei com um arcebispo não italiano, com quem encontrei várias vezes, ele me explicou:

— Dizem que três dos cinco últimos papas eram homossexuais e alguns dos seus assistentes e secretários de Estado também. A maioria dos cardeais e dos bispos da Cúria, idem. Mas a questão não é saber se esses padres do Vaticano têm essa orientação: eles têm. A questão é saber, e esse é o verdadeiro debate, se são homossexuais praticantes ou não praticantes. E aí é que tudo se complica. Alguns prelados que são gays não praticam a homossexualidade. Podem ser homossexuais na sua vida e na sua cultura, mas não assumem uma identidade homossexual.

Durante uma dezena de conversas, Francesco Lepore me contou como eram os excessos gays no Vaticano. O seu testemunho é incontestável. Ele teve vários amantes, entre arcebispos e prelados, e foi assediado por cardeais dos quais falaremos. Escrutinei cada uma das suas histórias, entrando em

contato pessoalmente com os cardeais, arcebispos, *monsignori*, núncios, minutadores, assistentes, simples padres ou confessores de São Pedro, todos de fato homossexuais.

Lepore esteve durante muito tempo no coração da máquina. Quando um cardeal dá uma cantada discreta ou quando um *monsignore* faz investidas descaradas, é fácil identificar os que estão no armário, os praticantes e outros membros "da paróquia". Eu próprio tive a experiência. É um jogo bastante fácil! Porque mesmo para quem é um solteirão inveterado, preso num armário digno de uma caixa-forte e que fez voto de celibato heterossexual, há sempre um momento em que a pessoa se trai.

Graças a Lepore — e em seguida, por extensão, a mais 28 informantes, todos com funções no interior do Vaticano e abertamente gays na minha presença, fontes que cultivei durante quatro anos e com as quais me encontrei regularmente —, eu soube, desde o início da minha investigação, aonde me dirigir. Tinha identificado os cardeais que eram "da paróquia" ainda antes de encontrá-los; conhecia os assistentes que deveria abordar e os nomes dos *monsignori* de quem deveria me tornar amigo. São muitos deles.

Durante bastante tempo me lembrarei das conversas sem fim com Lepore na noite romana; quando eu mencionava o nome de determinado cardeal ou de tal arcebispo, ele se animava de repente, vibrava e exclamava, por fim, agitando as mãos: "Gaysíssimo!".

Francesco Lepore foi um dos padres favoritos do Vaticano durante muito tempo. Era jovem e sedutor — realmente sexy; era também um intelectual erudito. Seduzia tanto física quanto intelectualmente. De dia, traduzia os documentos oficiais do papa para latim e respondia às cartas dirigidas ao santo padre. Também escrevia artigos culturais para o *L'Osservatore Romano*, o jornal oficial do Vaticano.

O cardeal Ratzinger, futuro papa Bento XVI, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, aceitou, inclusive, escrever um prefácio para uma das coletâneas de textos de erudição de Lepore e elogiou o jovem padre.

— Tenho uma recordação agradável daquele período — diz Lepore. — Mas a questão homossexual permanecia mais premente do que nunca. Eu tinha a impressão de que a minha vida já não me pertencia. E, depois, fui atraído muito rapidamente pela cultura gay de Roma: comecei primeiro a frequentar clubes esportivos, heterossexuais, mas descobriram. Comecei a celebrar missa cada vez com menos frequência, a sair com roupas civis, sem a batina nem o colarinho; logo, deixei de dormir em Santa Marta. Os meus superiores ficaram sabendo. Quiseram me mudar de função, talvez me afastar do Vaticano, e foi então que o monsenhor Stanisław Dziwisz, secretário pessoal do papa João Paulo II, e o diretor do *L'Osservatore Romano*, para o qual eu escrevia, intervieram a meu favor. Conseguiram que me mantivessem no Vaticano.

Voltaremos a falar mais vezes, neste livro, com Stanisław Dziwisz, hoje cardeal aposentado na Polônia. Mora na Cracóvia, onde fui me encontrar com ele duas vezes para entrevistá-lo. Foi durante muito tempo um dos homens mais poderosos do Vaticano, dividindo a direção com o cardeal secretário de Estado Angelo Sodano, à medida que o estado de saúde de João Paulo II se deteriorava. Dizer que uma lenda obscura envolve esse polonês arrojado é um eufemismo. Mas não nos precipitemos; os leitores terão tempo para compreender o sistema.

Graças a Dziwisz, portanto, Francesco Lepore foi nomeado secretário particular do cardeal Jean-Louis Pierre Tauran, um francês muito influente, experiente diplomata e "ministro" dos Negócios Estrangeiros de João Paulo II. Encontrei quatro vezes com Tauran, e ele viria a ser um dos meus informantes e contatos regulares no Vaticano, apesar da sua insondável esquizofrenia. Eu próprio nutri uma afeição ilimitada por esse cardeal fora do comum, que ficou

durante muito tempo debilitado pelo terrível mal de Parkinson, antes de vir a morrer no verão de 2018, no exato momento em que eu relia a versão final deste livro.

Graças a Tauran, que estava ciente dos seus hábitos, Lepore prosseguiu a vida intelectual no Vaticano. Em seguida, trabalhou com o cardeal italiano Raffaele Farina, que dirige a biblioteca e os arquivos secretos do Vaticano, e depois com o seu sucessor, o arcebispo Jean-Louis Bruguès, ambos informados da sua orientação. Confiaram a ele a edição de manuscritos raros e a publicação de coletâneas de colóquios de teologia, editados pela imprensa oficial da santa sé.

— A minha vida dupla, essa hipocrisia lancinante, continuava a me desagradar muito — continua Lepore. — Mas não era corajoso o suficiente para deixar tudo e renunciar ao sacerdócio.

Então o padre organizou a sua exoneração minuciosamente, sem, no entanto, chamar muita atenção.

Segundo sua versão (que foi confirmada pelos cardeais Jean-Louis Tauran e Farina), ele decidiu "deliberadamente" consultar sites gays no seu computador no Vaticano e deixar as páginas abertas com artigos comprometedores.

— Eu sabia muito bem que todos os computadores do Vaticano estavam submetidos a um controle rigoroso e que logo eu seria descoberto. Isso de fato ocorreu. Fui convocado e tudo aconteceu muito depressa: não houve processo nem sanção. Fizeram uma proposta para que eu voltasse à minha diocese e lá ocupasse uma posição importante, mas recusei.

O incidente foi levado a sério; merecia ser levado a sério aos olhos do Vaticano. Francesco Lepore foi recebido, então, pelo cardeal Tauran "que estava extremamente triste com o ocorrido":

— Tauran me censurou amigavelmente por eu ter sido ingênuo, por não saber que "o Vaticano tinha olhos em todos os lugares", e me disse que eu

precisava ser mais prudente. Não me criticou por ser gay, apenas por ter sido descoberto! E foi assim que as coisas terminaram. Alguns dias depois, deixei o Vaticano e larguei para sempre a batina.

2. A teoria de gênero

Uma antessala? Um cômodo? Um vestiário? Estou na sala do aposento privado do cardeal americano Raymond Leo Burke, uma residência oficial do Vaticano na Via Rusticucci, em Roma. É um cômodo estranho e misterioso, que observo minuciosamente. Estou sozinho. O cardeal ainda não chegou.

— Sua Eminência está presa lá fora. Mas não vai demorar — diz dom Adriano, um padre canadense, elegante e um pouco contido: o assistente de Burke. — Está sabendo das novidades?

No dia da minha visita, o cardeal americano tinha acabado de ser repreendido pelo papa. É preciso dizer que Burke propagou as provocações e os protestos contra o santo padre, a ponto de ser considerado o seu opositor número um. Para Francisco, Burke é um fariseu — o que não é um elogio vindo de um jesuíta.

No círculo próximo do papa, os cardeais e *monsignori* que entrevistei se divertiam:

— Sua Eminência Burke é louca! — diz um deles, um francês, que atribuiu, com toda a lógica gramatical, o adjetivo no feminino.

Essa feminização dos títulos de homens é surpreendente, e precisei de um tempo para me habituar ao modo de falar dos cardeais e bispos do Vaticano. Se Paulo VI tinha o hábito de se expressar na primeira pessoa do plural ("Dizemos..."), descubro que Burke gosta que utilizem o feminino para se referir a ele: "Vossa Eminência pode estar orgulhosa", "Vossa Eminência é grandiosa", "Vossa Eminência é muito bondosa".

Mais prudente, o cardeal Walter Kasper, próximo de Francisco, se limita a acenar a cabeça em sinal de consternação e incredulidade quando cito o nome de Burke, deixando escapar o qualificativo "louco" — no masculino.

Mais racional na sua crítica, o padre Antonio Spadaro, um jesuíta considerado uma das eminências pardas do papa, com quem conversei regularmente na sede da revista *La Civiltà Cattolica*, da qual é diretor, explicou:

— O cardeal Burke assumiu a liderança da oposição ao papa. Esses opositores são muito veementes e, por vezes, muito ricos, porém não muito numerosos.

Um vaticanista revelou o apelido com que o cardeal americano, um homenzinho rechonchudo, seria brindado no centro da Cúria: "The Wicked Witch of the Midwest" [Bruxa má do meio-oeste]. Todavia, em relação a essa eminência rebelde que quer defender a tradição, o papa Francisco não brinca com as palavras. Sob a aparência de um homem sorridente e jovial, há um homem duro. "Um sectário", afirmam os seus detratores, agora muito numerosos no Vaticano.

O santo padre castigou o cardeal Burke, exonerando-o sem aviso prévio do cargo de prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, o tribunal de apelo do Vaticano. Prêmio de consolação: foi nomeado em seguida, *promoveatur ut amoveatur* (promovido para ser removido), representante do papa junto à Ordem de Malta. Com o título retumbante de Cardinalis Patronus — o cardeal patrono da Ordem —, Burke continuou desafiando o sucessor de Pedro, o que lhe valeu uma nova repreensão do sumo pontífice exatamente no dia da minha visita.

Na origem desse novo confronto está algo que não poderia ser inventado: uma distribuição de preservativos! A Ordem de Malta, ordem religiosa soberana, realiza ações de caridade em inúmeros países. Em Mianmar, alguns

membros teriam distribuído camisinhas a soropositivos para evitar novas contaminações. No final de uma turbulenta investigação interna, o "grão-mestre" acusou o seu número dois, o "grão-chanceler", de ter autorizado a dita campanha de preservativos. A humilhação é frequente no catolicismo, pasoliniana, por vezes digna de *Salò ou os 120 dias de Sodoma*. O primeiro demitiu o segundo das suas funções na presença do representante do papa: o cardeal Burke.

Acha que acabou a missa? Pelo contrário. As coisas ficaram mais sérias quando o papa foi informado de que o ajuste de contas entre rivais havia contribuído para essa situação e quando percebeu exatamente quem e o que estava envolvido (o controle sobre a maneira como um fundo de 110 milhões de euros, discretamente protegido numa conta em Genebra, seria distribuído).

Muito descontente, Francisco convocou Burke para pedir esclarecimentos e decidiu reinstalar à força o grão-chanceler, apesar da oposição direta do grão-mestre, que invocou a soberania da sua organização e o apoio de Burke. Essa medição de forças, que manteve a Cúria na expectativa, terminou com o afastamento do grão-mestre e a colocação da Ordem sob tutela. Burke, severamente desautorizado, embora tenha conservado o título, se viu privado de todo o poder, transferido para o substituto do papa. "O santo padre me deixou o título de Cardinalis Patronus, mas agora não tenho nenhuma função. Nem sequer recebo informações, nem pela Ordem de Malta nem pelo papa", lamentaria Burke, mais tarde.

Foi durante um desses episódios dessa verdadeira novela rocambolesca, no momento em que Burke foi convocado pelo círculo próximo do papa, que tive um encontro marcado com ele. E, enquanto pregavam o sermão a Burke, eu esperava o cardeal em sua casa, sozinho, na sua antessala.

Na verdade, eu não estava mais sozinho. Daniele Particelli acabou vindo me encontrar. Esse jovem jornalista italiano, que haviam me recomendado, alguns meses antes, por colegas experientes, costuma me acompanhar nas entrevistas. Investigador e tradutor, intermediário obstinado, Daniele, com quem cruzaremos regularmente neste livro, foi o meu principal colaborador em Roma durante quase quatro anos. Ainda me lembro da nossa primeira conversa:

— Não sou religioso — diz —, e isso me permite ter o espírito mais aberto e mais livre. Tenho interesse por tudo o que diz respeito à comunidade LGBTQ em Roma, os saraus, os aplicativos, a cena gay underground. Também gosto muito de eletrônicos, sou um tanto geek, bastante digital. Gostaria de me aperfeiçoar como jornalista e aprender a contar histórias.

Foi assim que começou a nossa parceria profissional. O namorado de Daniele cultivava plantas exóticas, enquanto ele tinha que se ocupar, todas as tardes, de Argo, um cão da raça welsh corgi pembroke, que precisava de tratamento especial. No resto do tempo, estava livre para fazer as investigações ao meu lado.

Antes de Daniele, eu tinha entrado em contato com outros jornalistas de Roma para me ajudarem nas pesquisas, mas todos se mostraram indiferentes ou desatentos; excessiva ou insuficientemente militantes. Daniele gostava do meu tema. Não queria se vingar da Igreja, nem era benevolente em relação a ela: só queria fazer jornalismo de uma forma neutra, segundo o modelo, disse, dos bons artigos da *New Yorker* e da chamada "narrativa de não ficção"; e isso correspondia ao meu projeto. Tinha pretensão de fazer *straight journalism*, como dizem nos Estados Unidos: jornalismo factual — fatos, nada mais do que fatos, e o *fact-checking*. Nunca teria imaginado que o mundo que ia descobrir ao meu lado fosse tão inverossímil e tão pouco *straight*.

— Desculpe, Sua Eminência me comunicou que ainda está um pouco atrasada — explica mais uma vez o assistente de Burke, dom Adriano, visivelmente incomodado.

Para puxar assunto, perguntei se estávamos no cômodo do cardeal ou no seu escritório.

— Sua Eminência não tem escritório — responde o jovem padre. — Trabalha em casa. Podem continuar esperando aqui.

A antessala do cardeal Burke, um cômodo de solteiro que gravei para todo o sempre na minha memória, é uma espécie de salão, ao mesmo tempo clássico, luxuoso e insignificante. Em inglês, chamariam de *bland*: insípido. No meio do cômodo havia uma mesa de madeira escura, cópia moderna de um modelo antigo, sobre um tapete combinando com o mobiliário; em toda a volta, algumas poltronas luxuosas vermelhas, amarelas e beges em madeira torneada, cujos braços contornados eram ornados como cabeças de esfinges ou de leões com juba. Em uma cômoda, uma Bíblia aberta num atril; na mesa, uma composição de pinhas secas, entrançadas e coladas umas às outras — arte decorativa dos velhos dândis. Um abajur entrelaçado. Algumas pedrarias e estátuas religiosas horrorosas. E toalhinhas de crochê! Na parede, uma estante de prateleiras bem enfeitadas e um imenso retrato de um eclesiástico. O retrato de Burke? Não — mas a ideia me ocorre.

Calculo que Burke seja um herói para o seu jovem assistente, que decerto o idolatra — a palavra é mais bonita em inglês: *to lionize*. Tento puxar conversa sobre o sexo dos anjos, mas dom Adriano se mostra tímido e pouco loquaz, antes de nos deixar sozinhos, de novo.

Como a espera se torna insuportável, finalmente saio da sala e vagueio um pouco pelo aposento do cardeal. De repente, me deparo com um altar particular numa decoração de falso iceberg, um retábulo em forma de tríptico colorido, como uma capelinha aberta ornamentada com uma grinalda

iluminada que pisca e, no meio, o célebre chapéu vermelho do cardeal. Um chapéu? O que estou dizendo? É um barrete litúrgico.

Então me vêm à memória as imagens extravagantes de Raymond Leo Burke, ridicularizadas de maneira tão frequente na internet: o cardeal diva, o cardeal dândi, o cardeal *drama queen*. É preciso vê-las para crer. Olhando-as, começamos a imaginar o Vaticano sob outra luz. Ridicularizar Burke é um tanto fácil demais!

A minha imagem preferida do prelado americano não é a mais espetacular. Nela, vemos o cardeal, de setenta anos, sentado num trono verde-aspargo do dobro do tamanho dele, rodeado por um tecido. Usa uma mitra amarela fosforescente e comprida, com o formato da Torre de Pisa, e longas manoplas azuis-turquesa, que fazem com que suas mãos pareçam de ferro; a murça é verde-couve, bordada de amarelo, forrada com uma capa verde-alho-poró que revela umas mangas de renda vermelha grená violácea. As cores são inesperadas; a imagem, excêntrica e exagerada. É fácil tornar caricata uma caricatura.

Dom Adriano me pega de surpresa admirando o solidéu vermelho do cardeal e me orienta, com sua gentileza de pajem, para o banheiro, que procuro.

— Por aqui — murmura, lançando um olhar cúmplice.

Enquanto Sua Eminência Burke sofre uma reprimenda de Francisco, eis que estou no seu banheiro, o local das suas abluções. Um estranho reservatório, digno de um resort spa de luxo, aquecido como uma sauna. Os sabonetes de marca, com perfumes suaves, estão metodicamente arrumados, e as toalhas pequenas dobradas sobre as médias, colocadas por sua vez sobre as grandes, e as grandes sobre as muito grandes. O rolo de papel higiênico é novo e tem uma proteção que garante a sua pureza imaculada. Ao sair, no corredor, descubro dezenas de garrafas de champanhe! Champanhe de marca!

Mas por que o cardeal precisa de tantas garrafas de bebida alcoólica? A frugalidade não está inscrita nos evangelhos?

A alguns passos, vejo um armário com espelhos, ou uma penteadeira, aqueles grandes espelhos inclinados em que é possível nos vermos por inteiro, o que me encanta. Se eu tivesse aberto as três portas ao mesmo tempo, teria me visto como o cardeal todas as manhãs: com toda a atenção, rodeado pela sua imagem, abraçado por si mesmo.

Diante do armário: sacolas vermelhas, esplêndidas, recém-chegadas da loja — serão mais uma vez Gammarelli, o costureiro dos papas? Dentro das caixas: solidéus do cardeal, casacos de pele falsa e trajes avolumados. Tenho a impressão de estar nos bastidores do filme *Roma*, de Fellini, quando se prepara o extravagante desfile de moda eclesiástica. Em breve vão aparecer padres apaixonados de patins (para ir mais depressa ao Paraíso), freirinhas de hábito, padres com vestido de noiva, bispos com luzes brilhantes, cardeais disfarçados de lampadários; e, o ponto alto do espetáculo, o Rei Sol em grande pompa, engrinaldado de espelhos e luzes. (O Vaticano pediu a censura do filme em 1972, apesar de continuar rodando em circuito fechado, como me confirmaram, nos dormitórios *gay-friendly* de determinados seminários.)

O roupeiro da eminência americana não revelou todos os seus segredos. Dom Adriano, superintendente encarregado do guarda-roupa do cardeal, me reconduziu discretamente ao salão, encerrando minha exploração e me privando de ver a famosa Cappa Magna do cardeal.

Burke é conhecido por usar essa indumentária de outros tempos. As imagens em que veste esse grande traje preferido, destinado às cerimônias, tornaram-se célebres. O homem é grande; com a Cappa Magna, torna-se um gigante — diria uma dama viking! Performance! Happening! No seu longo vestido jocoso (diriam que está vestido com uma cortina), Burke desfila e mostra, simultaneamente, as plumas e o canto.

Esse manto longo é uma capa de seda furta-cor vermelha, coberta por um capelo abotoado atrás do pescoço, fechada à frente (as mãos saem por uma fenda) com uma cauda que varia, dizem, segundo a dignidade. A "cauda" de Burke pode chegar, de acordo com a ocasião, a doze metros de comprimento. O cardeal *larger than life* procurará, assim, se engrandecer à medida que o papa tenta diminuí-lo?

Francisco, que não tem medo de enfrentar a nobreza de batina do Vaticano, teria comunicado a Burke que estava fora de questão usar a Cappa Magna em Roma. "Acabou o carnaval!", teria dito, segundo uma frase noticiada pelos meios de comunicação social e talvez apócrifa. Ao contrário do seu antecessor, o papa não gosta dos fru-frus e das pregas dos cardeais tradicionalistas. Quer cortar as batinas. Na verdade, seria uma pena se Burke obedecesse: os seus retratos são tão heterodoxos.

Na internet, as imagens dos seus trajes causam furor. Aqui, vemos Burke usando o galero cardinalício, um grande chapéu vermelho com borlas que foi abandonado por quase todos os prelados depois de 1965, mas que ele continua defendendo, apesar de aparentar, quase aos setenta anos, uma velha vingativa. Na Ordem de Malta, em que escandaliza menos por ser uma seita ritual que conta, também, com as capas, as cruzes e as próprias insígnias, pode se vestir como conviria a um homem da Idade Média, sem correr o risco de alvoroçar os sectários.

Lá, Sua Eminência usa batinas com anquinhas que dão volume e escondem suas dobras de gordura. Em outra imagem, destoa com a sua capa e uma espessa pele de arminho branco em volta do pescoço, o que faz um queixo triplo. Aqui, ainda, sorri com ligas acima do joelho e meias das jarreteiras para baixo, que lembram as do rei da França antes da guilhotina. Frequentemente, é visto rodeado de jovens seminaristas que beijam sua mão — magníficos, ainda por cima, de tal modo que Adriano parece ter o culto da beleza grega,

que, como é sabido, sempre foi mais masculina que feminina. Suscitando, simultaneamente, a admiração e o sarcasmo de Roma, Burke aparece sempre rodeado de acompanhantes obsequiosos, de Antínoos ajoelhados diante dele ou de caudatários que seguram a longa cauda vermelha da sua Cappa Magna, como pajens atrás de uma noiva. Que espetáculo! O cardeal de saia amarfanha seus efebos e, em troca, os pajens ajustam a sua batina arregaçada. Isso me lembra a infanta Margarida em *As meninas*, de Velázquez!

Para dizer a verdade, nunca vi uma coisa tão extraordinária. Diante desse homem mascarado para mostrar a sua virilidade, hesitamos, nos interrogamos, perdemos o nosso latim. Girly? Tomboy? Sissy? Faltam palavras para descrever esse cardeal envolto nos seus ornamentos femininos. Eis a teoria de gênero! A mesma que Burke claramente vilipendiou: "A teoria de gênero é uma invenção, uma criação artificial. É uma loucura que causará desmedidas desgraças na sociedade e na vida daqueles que apoiam essa teoria... Alguns homens insistem em entrar nos banheiros femininos. É desumano", como o cardeal não teve papas na língua em explicar numa entrevista.

Burke não se importa de cair em contradição. Nesse quesito, sobe muito a régua. Ele pode passear, a todo vapor, de Cappa Magna, batina extralongilínea, numa floresta de renda branca ou vestindo um longo casaco com forma de roupão, ao mesmo tempo que denuncia, ao longo da entrevista e em nome da tradição, uma "Igreja que se tornou excessivamente feminizada".

— O cardeal Burke é aquilo que denuncia — resume, severamente, uma pessoa próxima de Francisco, que imagina que o papa talvez pensasse em Burke quando denunciou os prelados "hipócritas" com "almas maquiadas".

— É fato que hoje em dia Burke se sente isolado no meio do Vaticano. Mas, mais do que desamparado, ele é único — corrige o inglês Benjamin Harnwell, um dos fiéis de Burke que entrevistei cinco vezes.

Certamente o prelado ainda pode contar com alguns amigos que tentam equipará-lo às suas vestes em vermelho-vivo, amarelo-pistache ou castanho-glacê: o cardeal espanhol Antonio Cañizares, o cardeal italiano Angelo Bagnasco, o cardeal cingalês Albert Patabendige, o patriarca e arcebispo de Veneza Francesco Moraglia, o arcebispo argentino Héctor Aguer, o bispo americano Robert Morlino e o suíço Vitus Huonder, que também fazem, todos eles, encontros de Cappa Magna. No entanto, a espécie está em vias de extinção. Essas *self-caricatures* ainda podiam tentar a sorte no RuPaul, o *reality show* que elege a mais bela drag queen dos Estados Unidos, mas, em Roma, foram todos marginalizados ou exonerados de suas funções pelo papa.

Os seus adeptos na santa sé garantem que ele "devolve espiritualidade à nossa época", mas evitam se exibir com ele; o papa Bento XVI, que mandou Burke vir para Roma porque o considerava um bom canonista, ficou em silêncio quando ele foi castigado por Francisco; os detratores dele, que não querem ser citados, me contam em segredo que ele tem "um parafuso a menos" e espalham alguns boatos sem que ninguém, até hoje, tenha apresentado a menor prova de uma verdadeira ambiguidade. Digamos apenas que, tal como todos os homens de Igreja, Burke é *unstraight* (um belo neologismo inventado por Neal Cassady, escritor da geração beat, nas cartas ao amigo Jack Kerouac, para designar um não heterossexual ou um abstinente).

O que proporciona o brilho a Burke é a sua aparência. Ao contrário da maior parte dos seus correligionários, que acreditam esconder a própria homossexualidade multiplicando as declarações homofóbicas, ele é, de alguma forma, sincero. É antigay e age às claras. Não procura esconder suas preferências, exibe-as com afetação e provocação. Não há nada de afeminado em Burke: trata-se, diz, de respeitar a tradição. Mas isso não impede que o

cardeal evoque irresistivelmente uma drag queen por meio de seus trajes extravagantes e de sua aparência insólita!

Julian Fricker, um artista drag alemão, que tenta reatar a tradição dos espetáculos transformistas com um grande nível de exigência artística, explica em uma entrevista em Berlim:

— O que me impressiona, quando contemplo a Cappa Magna, os hábitos ou o chapéu sobrepujado por ornamentos florais de cardeais como Burke, é o exagero. Cada vez maior, cada vez mais comprido, cada vez mais alto; tudo isso é muito típico dos códigos das drag queens. Há essa *extravaganza* e essa artificialidade desmesurada, o repúdio ao *realness* (realidade), como se diz no jargão drag, para classificar aqueles que querem parodiar a si próprios. Também há certa ironia *camp*, pela escolha de batinas desses cardeais, que a andrógina Grace Jones ou Lady Gaga poderiam ter usado. Esses religiosos parecem brincar com a teoria de gênero e com as identidades que não são fixas, mas fluidas e *queers*.

Burke não é comum. Nem trivial, nem medíocre. É complexo, singular — logo, fascinante. É uma bizarrice. Uma obra-prima. Oscar Wilde teria adorado.

O cardeal Burke é o porta-voz dos tradicionalistas e encabeça a fila da homofobia no centro da Cúria Romana. Sobre a questão, multiplicou as declarações retumbantes, colecionando as contas de um verdadeiro rosário antigay. "Não se deve", disse em janeiro de 2014, "convidar casais gay para jantares de família em que estejam presentes crianças." Um ano depois considerou que os homossexuais em relacionamentos estáveis se parecem com "aqueles criminosos que assassinaram alguém e que tentam ser amáveis com os outros homens". Denunciou que "o papa não tem a liberdade de alterar os

ensinamentos da Igreja em relação à imoralidade dos atos homossexuais ou da insolubilidade do casamento".

Num livro de entrevistas, teorizou inclusive sobre a impossibilidade do amor entre pessoas do mesmo sexo: "É impossível falar do amor homossexual como sendo um amor conjugal, porque dois homens ou duas mulheres não podem viver as características da união conjugal". Para ele, a homossexualidade é um "pecado grave" porque, segundo uma fórmula clássica do catecismo católico, é "intrinsecamente desordenada".

— Burke se insere na linha tradicionalista do papa Bento XVI — diz o antigo padre Francesco Lepore. — Sou muito hostil às suas posições, mas devo reconhecer que aprecio a sua sinceridade. Não gosto dos cardeais que mantêm um discurso duplo. Burke é um dos poucos que têm coragem de emitir suas opiniões. É um opositor radical ao papa Francisco, que o sancionou por isso.

Obcecado com a "pauta homossexual" e a teoria de gênero, o cardeal Burke denunciou, nos Estados Unidos, os *gay days* da Disneylândia e a autorização dada aos homens para que dançassem uns com os outros na Disney. Quanto ao casamento homossexual, para ele é claramente "uma provocação a Deus". Numa entrevista determina que "esse tipo de mentira só podia ter uma origem diabólica: Satanás".

O cardeal leva a cabo a sua cruzada pessoal. Na Irlanda, em 2015, na época do referendo sobre o casamento gay, os seus comentários durante os debates foram tão violentos que obrigaram o presidente da Conferência Episcopal Irlandesa a romper com ele (o "sim" venceu por 62% contra 38%).

Em Roma, Burke parece um elefante numa loja de porcelanas: a sua homofobia é tamanha que incomoda inclusive os cardeais italianos mais homofóbicos. O seu *hetero-panic* lendário, expressão característica de um heterossexual que exagera tanto o seu medo da homossexualidade que chega a suscitar dúvidas quanto à sua orientação, faz sorrir. A sua misoginia irrita. A

imprensa italiana ridiculariza suas pretensões de dama literata, suas batinas de cor lilás e seu catolicismo de renda.

Na época da visita de Francisco a Fátima, em Portugal, o cardeal Burke chegou a provocar o papa recitando de forma descarada o seu rosário, com o terço entre as mãos, folheando a Vulgata, enquanto o papa proferia a homilia: a imagem desse gesto de desdém apareceu na primeira página dos jornais portugueses.

— Com um papa sem sapatos vermelhos nem vestes excêntricas, Burke fica louco — ironiza um padre.

— Por que há tantos homossexuais aqui no Vaticano, entre os cardeais mais conservadores e mais tradicionalistas?

Fiz essa pergunta diretamente a Benjamin Harnwell, que é próximo do cardeal Burke, em menos de uma hora de conversa com ele. Nesse momento, Harnwell me explicava a diferença entre cardeais "tradicionalistas" e "conservadores" no interior da ala direita da Igreja. Para ele, tanto Burke como o cardeal Sarah são tradicionalistas, enquanto Müller e Pell são conservadores. Os primeiros repudiam o Concílio Vaticano II, enquanto os segundos o aceitam.

A minha pergunta pega Harnwell de surpresa. Ele me olha, inquisidor, e por fim diz:

— É uma boa pergunta.

Harnwell é um inglês, na casa dos cinquenta anos, que fala com um sotaque forte. Solteirão entusiástico, um pouco esotérico e próximo da extrema direita, tem um currículo complicado. Com ele, volto no tempo e, diante do seu conservadorismo, tenho a impressão de estar em frente não de um súdito de Elizabeth II, mas da rainha Vitória. É um ator coadjuvante neste livro e nem sequer é padre; mas aprendi muito cedo a me interessar por esses

personagens secundários que permitem ao leitor compreender, obliquamente, lógicas complexas. Sobretudo, aprendi a gostar desse católico convertido, radical e frágil.

— Apoio Burke, defendo-o — me previne de cara Harnwell, que sei que é um dos confidentes e conselheiros secretos do cardeal "tradicionalista" (não "conservador", insiste ele).

Meu encontro com Harnwell dura cerca de quatro horas, ao final de uma tarde, em 2017, a princípio no primeiro andar de um café triste em Roma Termini, onde combinou de me encontrar, precavidamente, antes de continuarmos a nossa conversa num restaurante boêmio do centro de Roma.

Benjamin Harnwell, que se apresenta com um chapéu Panizza preto na mão, dirige o Dignitatis Humanae Institute, uma associação ultraconservadora e de lobby político, que tem o cardeal Burke como presidente entre uma dúzia de cardeais. O conselho de administração da seita tradicionalista reúne os prelados mais extremistas do Vaticano e inclui as ordens mais obscuras do catolicismo: monárquicos legitimistas; ultraconservadores da Ordem de Malta e da Ordem Equestre do Santo Sepulcro; partidários do rito antigo; e alguns deputados europeus católicos fundamentalistas (durante muito tempo, Harnwell foi assistente parlamentar de um deputado europeu inglês).

Centroavante dos conservadores no Vaticano, esse lobby é abertamente homofóbico e se opõe visceralmente ao casamento gay. Segundo minhas fontes (e a *Testimonianza* do monsenhor Viganò, de que voltaremos a falar em breve), parte dos membros do Dignitatis Humanae Institute em Roma e nos Estados Unidos seria constituída por homossexuais praticantes. Daí a minha pergunta direta a Benjamin Harnwell, que repito agora.

— Por que há tantos homossexuais aqui no Vaticano, entre os cardeais mais conservadores e mais tradicionalistas?

Foi assim que a conversa mudou de rumo e se prolongou. Estranhamente, a minha pergunta libertou o nosso homem. Se até então havíamos tido uma troca de palavras convencional e entediante, a partir dali ele me encarou de um modo diferente. No que pensa aquele soldado do cardeal Burke? Deve ter se informado sobre mim. Bastaram-lhe dois cliques na internet para saber que já escrevi três livros sobre a questão gay e sou um ardente partidário das uniões civis e do casamento gay. Esses pormenores teriam passado despercebidos, se é que isso é possível? Ou, então, foi a atração pelo interdito, essa espécie de dandismo do paradoxo, que o incitou a se encontrar comigo? Ou ainda o sentimento de ser intocável, a matriz de tantos desvios?

O inglês se esforça para estabelecer a distinção, assim como para hierarquizar os pecados, entre os homossexuais "praticantes" e aqueles que se abstêm:

— Se não há ato, não há pecado. E, aliás, se não houver escolha, também não há pecados.

Benjamin Harnwell, que no início estava com pressa e tinha pouco tempo para mim entre dois trens, não parece mais querer ir embora. Agora me convida para tomar mais um copo. Quer me falar de Marine Le Pen, a política francesa de extrema direita com quem simpatiza; e também de Donald Trump, cuja política aprova. E falar também da questão gay. E eis que estamos no cerne do meu tema, que Harnwell, agora, não abandona mais. Propõe um jantar.

"A dama faz protestos demasiados."[a] Só descobri o significado profundo dessa frase de Shakespeare, que iria se transformar na matriz deste livro, mais tarde, depois da primeira conversa com Benjamin Harnwell e da minha visita à casa do cardeal Burke. É uma pena, porque não pude interrogar esses anglo-saxões sobre a famosa réplica de *Hamlet*.

Assombrado pelo espectro do pai, Hamlet está convencido de que seu tio assassinou o rei antes de se casar com a rainha, sua mãe; então, o padrasto teria subido ao trono no lugar de seu pai. Devia se vingar? Como ter certeza sobre esse crime? Hamlet hesita. Como saber?

É aqui que Shakespeare inventa a sua célebre pantomima, uma verdadeira peça secundária dentro da peça principal (Ato III, Cena 2): Hamlet vai tentar capturar o rei usurpador. Para isso, recorre ao teatro, pedindo a uns atores de passagem que representem uma cena diante dos verdadeiros personagens. Esse teatro de sombras, com um rei e uma rainha de comédia no cerne da tragédia, faz com que Hamlet descubra a verdade. Os atores, com um nome falso, conseguem penetrar psicologicamente nos personagens reais para ressaltar os aspectos mais secretos da sua personalidade. E quando Hamlet pergunta à mãe, que assiste à cena: "Senhora, que vos parece a peça?",[b] ela responde, falando da sua própria personagem:

— A dama faz protestos demasiados.

A frase, que revela a hipocrisia, quer dizer que, quando se protesta muito vivamente contra qualquer coisa, é bem provável que falte sinceridade. Esse excesso os trai. Hamlet compreende, através da sua reação e da do rei, refletidas na rainha e no rei de comédia, que o casal provavelmente tenha mesmo envenenado o seu pai.

Eis uma nova regra de *No armário do Vaticano*, a terceira: *Quanto mais veemente for um prelado contra os gays, quanto mais forte for a sua obsessão homofóbica, maior a probabilidade de este não estar sendo sincero e de a sua veemência esconder algo de nós.*

Foi assim que encontrei a solução para o problema da minha investigação, construindo-a sobre a pantomima de Hamlet. O objetivo não é gerar a "saída do armário", por princípio, de homossexuais vivos, mesmo que sejam homofóbicos. Não quero analisar ninguém nem, certamente, aumentar o

drama dos padres, frades ou cardeais que já vivem a sua homossexualidade — quase uma centena deles confessou — no sofrimento e no medo. A minha abordagem é sem julgamentos: não sou um juiz! Logo, está fora de questão julgar esses padres gays. O seu número será uma revelação para inúmeros leitores, mas, a meu ver, não é um escândalo, por si só.

Se temos o direito de denunciar a sua hipocrisia — o tema deste livro —, não se trata aqui de censurá-los pela sua homossexualidade, e é inútil citar tantos nomes. O que é preciso, como diz Rimbaud, é "inspecionar o invisível e ouvir o inaudito". Portanto, é pelo teatro daqueles que fazem "exagerados protestos" e pelo "conto de fadas" de um sistema construído quase que inteiramente em segredo que eu poderia explicar as coisas. Mas, neste momento, como disse o poeta, "só eu tenho a chave dessa parada selvagem!".

Quase um ano depois do meu primeiro encontro com Benjamin Harnwell, a que se seguiram vários almoços e jantares, fui convidado a passar um fim de semana com ele na abadia de Trisulti, em Collepardo, onde ele agora reside, longe de Roma.

O governo italiano atribuiu a gestão dessa abadia cisterciense ao Dignitatis Humanae Institute, que dirige com Burke, com a condição de que fizessem a manutenção desse patrimônio classificado como monumento nacional. Lá ainda residem dois monges, e, no dia da minha chegada, fiquei surpreso ao vê-los, ao final da tarde, sentados nos extremos da mesa em U, comendo em silêncio.

— São os dois últimos frades de uma comunidade religiosa muito maior, cujos membros morreram. Cada um tinha o seu lugar, e os dois últimos continuaram sentados na posição de sempre à medida que as cadeiras entre eles foram se esvaziando — explica Harnwell.

Por que é que aqueles dois velhinhos permaneceram naquele mosteiro isolado, rezando a missa na alvorada, todas as manhãs, para raros fiéis? Com isso me pergunto sobre o desígnio inquietante e magnífico desses religiosos. Não precisa ser crente — o que é o meu caso — para achar essa dedicação, essa piedade, esse asceticismo, essa humildade admiráveis. Aqueles dois frades, os quais respeito profundamente, representam para mim o mistério da fé.

No final da refeição, ao arrumar os talheres na cozinha austera, mas ampla, vejo um calendário de parede em homenagem ao Duce. A cada mês, uma imagem diferente de Mussolini.

— É frequente aqui, no sul da Itália, encontrar imagens de Mussolini — tenta justificar Harnwell, visivelmente incomodado pela minha descoberta.

O projeto de Harnwell e Burke é transformar o mosteiro em quartel-general italiano e local de formação de católicos ultraconservadores. Nos seus planos, descritos longamente, Harnwell se propõe a oferecer um "retiro" a centenas de seminaristas e fiéis americanos. Passando algumas semanas ou alguns meses na abadia de Trisulti, esses missionários de um novo gênero frequentarão aulas, aprenderão latim, voltarão às origens e rezarão juntos. No longo prazo, Harnwell pretende criar um amplo movimento de mobilização para restituir a ordem na Igreja, "a boa direção", e compreendo que se trata de combater as ideias do papa Francisco.

Para pôr em prática esse combate, a associação de Burke, o Dignitatis Humanae Institute, recebeu o apoio de Donald Trump e do seu célebre conselheiro de extrema direita Steve Bannon. Tal como confirma Harnwell, que organizou o encontro entre Burke e o católico Bannon, naquela mesma antessala onde estive em Roma, a afinidade entre eles foi instantânea. A proximidade entre eles aumentou, ao longo de encontros e conversas. Harnwell, que fala de Bannon como seu mentor, faz parte da guarda romana

próxima do estrategista americano sempre que este provoca intrigas no Vaticano.

Harnwell se dispôs a levantar dinheiro para financiar o seu projeto ultraconservador, já que a angariação de fundos era a base das suas atividades. Fez um apelo a Bannon e a fundações de extrema direita nos Estados Unidos para que o ajudassem. Precisava, inclusive, de carteira de habilitação para chegar sozinho ao mosteiro de Trisulti. Durante um almoço em Roma anunciou, com um sorriso radiante, que finalmente tinha passado no exame de direção, depois de tentar durante 43 anos.

Trump enviou outro emissário para junto da santa sé, em nome de Callista Gingrich, a terceira mulher do ex-presidente republicano da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, nomeada embaixadora. Ela também teve o apoio de Harnwell desde que chegou a Roma. Nasceu uma aliança objetiva entre a ultradireita americana e a ultradireita do Vaticano. (Burke também amplia as cortesias com os europeus, recebendo no seu salão o ministro do Interior italiano, Matteo Salvini, ou o ministro da Família, Lorenzo Fontana, um homofóbico próximo da extrema direita.)

Obstinado a concluir o que comecei, aproveito o tempo que tenho com Harnwell no seu mosteiro para fazer mais perguntas sobre a questão gay na Igreja. O fato de o círculo próximo a João Paulo II, Bento XVI e Francisco ser constituído por inúmeros homossexuais é um segredo de conhecimento geral e que Harnwell sabia. No entanto, quando lhe disse que um antigo cardeal secretário de Estado seria gay, o inglês não acreditou.

À minha frente, repete: "O cardeal secretário de Estado gay! O cardeal secretário de Estado gay! O cardeal secretário de Estado gay!". E o assistente de tal papa, gay também! E aquele outro, igualmente gay! Harnwell parece maravilhado com a nossa conversa.

Em seguida, durante outro almoço, em Roma, ele me conta que nesse meio-tempo fez a sua investigaçãozinha. E confirma que, segundo as próprias fontes, eu estava bem informado:

— Sim, tinha razão, o cardeal secretário de Estado é de fato gay!

Benjamin Harnwell fica mudo por um instante; eis que, naquele restaurante com comida abundante, ele se benze e faz uma oração em voz alta, antes da refeição. Aqui, o gesto é anacrônico, um pouco deslocado nesse bairro laico de Roma, mas ninguém presta atenção quando ele começa a comer discretamente a sua lasanha, acompanhada por uma taça de vinho branco italiano (muito bom).

Em seguida a nossa conversa foi por um caminho estranho. A todo momento protegendo o "seu" cardeal Raymond Burke: "ele não é político", "é muito humilde", apesar de vestir a Cappa Magna.

Harnwell é indulgente e, quanto a essa sensível questão da Cappa Magna, continua defendendo obstinadamente a tradição, e não a dissimulação. Por outro lado, em relação a outros temas e a outras figuras da Igreja, ele corre riscos. Agora, avança de rosto descoberto.

Eu poderia me estender sobre as nossas conversas e os cinco almoços e jantares; contar os boatos que os conservadores difundem. Guardemos isso para mais tarde, porque o leitor certamente me levaria a mal se eu revelasse tudo agora. Basta dizer, neste momento, que, se tivessem me contado a história inaudita que vou descrever com todos os pormenores, confesso que não teria acreditado. A realidade, é fato, ultrapassa a ficção. *The lady doth protest too much!*

Ainda sentado no salão do cardeal Burke, que não está presente, consolado quanto à sua ausência porque, por vezes, um aposento vale mais do que uma longa entrevista, começo a perceber a dimensão do problema. Será possível

que Raymond Burke e o seu correligionário, Benjamin Harnwell, ignorem que o Vaticano seja povoado por prelados gays? O cardeal americano é, ao mesmo tempo, um sagaz caçador de homossexuais e um erudito apaixonado por história antiga. Conhece melhor do que ninguém a face sombria de Sodoma. É uma longa história.

Na Idade Média, os papas João XII e Bento IX cometeram o "pecado abominável", e no Vaticano todo mundo conhece o nome do amigo do papa Adriano VI (o célebre João de Salisbury) e os dos amantes do papa Bonifácio VIII. A vida maravilhosamente escandalosa do papa Paulo II é igualmente célebre: morreu, dizem, de um ataque cardíaco, nos braços de um pajem. Quanto ao papa Sisto IV, nomeou cardeais vários dos seus amantes, entre eles o seu "sobrinho" Rafael, feito cardeal aos dezessete anos (a expressão "cardeal-sobrinho" passou à posteridade). Júlio II e Leão X, ambos protetores de Michelangelo, ou ainda Júlio III são apresentados em geral, também eles, como papas bissexuais. Por vezes, como já referia Oscar Wilde, alguns papas escolheram o nome Inocêncio por antífrase!

Mais perto de nós, o cardeal Burke tem ciência, como todo mundo, dos rumores recorrentes sobre os hábitos dos papas Pio XII, João XXIII e Paulo VI. Existem panfletos e libelos; o cineasta Pasolini dedicou, por exemplo, um poema a Pio XII, no qual evoca um pretenso amante (*A un Papa*). É possível que esses boatos se baseiem em vinganças da Cúria, cujo segredo pertence ao Vaticano e aos seus cardeais venenosos.

Mas Burke não precisa recuar tanto. Para avaliar corretamente o peso dessas amizades específicas, basta olhar para seu próprio país, os Estados Unidos. Por ter morado lá durante muito tempo, conhece de cor os seus correligionários e a lista infinita dos escândalos que atingiram um grande número de cardeais e bispos americanos. Contra tudo o que seria de esperar, são esses os prelados mais conservadores, mais homofóbicos, que foram

muitas vezes revelados nos Estados Unidos por um seminarista assediado sedento de vingança, por um prostituto um pouco linguarudo demais ou pela publicação de uma foto ousada.

Uma moral com dois pesos e duas medidas? Nos Estados Unidos, onde tudo é maior, mais extremo, mais hipócrita, descobri uma moral décupla. Eu morava em Boston na época das primeiras revelações do imenso escândalo de pedofilia "Spotlight" e fiquei, como todo mundo, impactado com o que aconteceu. A investigação do *Boston Globe* foi divulgada em todo o país, trazendo à tona um verdadeiro sistema de abusos sexuais: foram acusados 8948 padres e identificadas mais de 15 mil vítimas (sendo 85% meninos entre onze e dezessete anos). O arcebispo de Boston, o cardeal Bernard Francis Law, se tornou o símbolo do escândalo: a sua campanha de acobertamento e o fato de ter protegido inúmeros pedófilos o obrigaram, enfim, a renunciar (tendo uma conduta bem-sucedida para Roma, oportunamente diligenciada pelo cardeal secretário de Estado Angelo Sodano, para ter direito à imunidade diplomática e, assim, escapar da justiça americana).

Burke, um bom conhecedor do episcopado americano, não pode ignorar que a hierarquia católica do seu país — os cardeais, os bispos — é em sua maioria homossexual. O célebre e poderoso cardeal e arcebispo de Nova York, Francis Spellman, era um "homossexual sexualmente voraz", no entendimento dos seus biógrafos, no testemunho do escritor Gore Vidal e também nas confidências do antigo diretor do FBI, Edgar Hoover. Do mesmo modo, o cardeal Wakefield Baum, de Washington, morto recentemente, morava havia muitos anos com o seu assistente particular — um clássico do gênero.

O cardeal Theodore McCarrick, antigo arcebispo de Washington, também é homossexual praticante; conhecido por suas relações arranjadas com seminaristas e jovens padres aos quais chamava seus "sobrinhos" (acusado, por fim, de abusos sexuais, foi proibido pelo papa de todos os ofícios públicos em

2018). O arcebispo Rembert Weakland foi desmascarado por um antigo namorado (e mais tarde descreveu nas suas memórias o seu percurso homossexual). Outro cardeal americano foi afastado do Vaticano e mandado de volta aos Estados Unidos devido à sua conduta inadequada com um guarda suíço.

Ainda outro cardeal americano, bispo de uma grande cidade americana, "vive há anos com o namorado, um antigo padre", enquanto um arcebispo de outra cidade, do tipo conquistador e partidário dos ritos antigos, "vive rodeado por um bando de jovens seminaristas", como confirma Robert Carl Mickens, um vaticanista americano conhecedor da vida gay da alta hierarquia católica dos Estados Unidos. O arcebispo de St. Paul e Minneapolis, John Clayton Nienstedt, seria também homossexual e investigado pelas alegações de comportamento sexual impróprio com homens (as quais nega categoricamente). Ele abandonou o cargo, logo em seguida, por encobrir os abusos sexuais. Uma renúncia aceita também pelo papa Francisco.

A vida privada dos cardeais americanos, num país onde o catolicismo não é predominante e é, há muito tempo, fonte de notícias negativas na imprensa, é com frequência alvo de investigações minuciosas pelos meios de comunicação, que têm menos escrúpulos do que os da Itália, os da Espanha ou os da França na hora de revelar a vida dupla dos prelados. Como em Baltimore, onde o círculo próximo do cardeal foi apontado com o dedo em virtude de seus maus hábitos e de seus comportamentos inquietos. O cardeal em questão, Edwin Frederick O'Brien, ex-arcebispo, não quis responder às minhas perguntas sobre as amizades especiais da sua diocese. Atualmente mora em Roma, onde ostenta o título e os atributos de grão-mestre da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém — não estou brincando. Mandou o seu adjunto, Agostino Borromeo, me receber, e depois o seu porta-voz, François Vayne,

um francês simpático, que teve o cuidado, ao longo de três encontros, de desmentir todos os rumores.

Segundo as informações de que disponho, levantadas pelos meus investigadores numa dezena de países, um número significativo de lugares-tenentes, grão-priores, grandes oficiais e chanceleres da Ordem Equestre, nos países em que está representada, estaria no armário e seria praticante, a ponto de alguns se divertirem com essa Ordem Equestre cuja hierarquia seria um "exército de *malucas* a cavalo".

— A presença de inúmeros homossexuais praticantes nas estruturas hierárquicas da Ordem Equestre não é segredo para ninguém — garante um grande oficial da Ordem, ele próprio assumidamente homossexual.

O cardeal americano James M. Harvey, que se tornou prefeito da Casa Pontifícia no Vaticano, um lugar sensível, foi alvo de um processo de afastamento acelerado, *promoveatur ut amoveatur*, por Bento XVI, que teria censurado o fato de Harvey ter recrutado Paolo Gabriele, o mordomo do papa — a origem do VatiLeaks. Teria Harvey desempenhado um papel nesse escândalo que, diziam, também estava ligado a um "lobby gay"?

O que o cardeal Burke pensa desses escândalos frequentes, dessas estranhas coincidências e do elevado número de cardeais que fazem parte "da paróquia"? Como pode agir em defesa da moral quando o episcopado americano está desacreditado a esse ponto?

Devemos nos lembrar também, apesar de se tratar de outro assunto, que cerca de uma dezena de cardeais americanos esteve implicada em casos de abusos sexuais — quer por terem sido os autores, como Theodore McCarrick afastado; quer por terem protegido padres predadores, transferindo-os de paróquia em paróquia, como Bernard Law e Donald Wuerl; quer ainda por terem sido insensíveis ao destino das vítimas, minimizando o seu sofrimento para proteger a instituição (os cardeais Roger Mahony, de Los Angeles;

Timothy Dolan, de Nova York; William Levada, de San Francisco; Justin Rigali, da Filadélfia; Edwin Frederick O'Brien, de Baltimore; ou Kevin Farrell, de Dallas). Todos criticados pela imprensa, por associações de vítimas ou pelo monsenhor Viganò, na sua *Testimonianza*. O próprio cardeal Burke foi mencionado pela Bishop Accountability, associação americana de renome, pela gestão inadequada das questões relacionadas à pedofilia, na diocese de Wisconsin e do Missouri quando foi bispo e, mais tarde, arcebispo: segundo disseram, ele teria minimizado os fatos e teria sido, de certa forma, "insensível" ao destino dos prejudicados.

O papa Francisco, visando explicitamente os cardeais americanos, proferiu palavras severas na volta de sua viagem aos Estados Unidos, em setembro de 2015: "Aqueles que encobriram essas coisas [os abusos sexuais] também são culpados, incluindo alguns bispos".

Francisco, exasperado com a situação americana, nomeou aliás, em 2016, três cardeais de ruptura: Blase Cupich, para Chicago; Joseph Tobin, para Newark; e Kevin Farrell, chamado a Roma como prefeito para se ocupar do ministério que tem a seu cargo os leigos e a família. Esses novos cardeais, que se encontram no perfil oposto reacionário e homofóbico de Burke, são pastores bastante sensíveis à causa dos imigrantes e dos LGBTs e partidários da tolerância zero na questão dos abusos sexuais. Se um dentre eles poderia ser homossexual (o monsenhor Viganò acusa todos de defenderem uma ideologia "pró-gay"), os outros dois não parecem fazer parte "da paróquia" — o que tenderia a confirmar a quarta regra deste livro: *Quanto mais pró-gay for um prelado, menos provável de ser gay; quanto mais homofóbico for um prelado, maior é a chance de ser homossexual.*

E, também, há Mychal Judge. Nos Estados Unidos, esse frade franciscano é antiBurke por excelência. Teve um percurso exemplar na simplicidade e na

pobreza, com frequência em contato com os excluídos. Ex-alcoólatra, Judge conseguiu se reabilitar e dedicou sua vida de religioso a ajudar os pobres, os sem-teto e os soropositivos a ponto de pegá-los pelos braços — uma imagem ainda rara no início da década de 1980. Nomeado capelão do New York City Fire Department, acompanhava os bombeiros aos locais dos incêndios, e, na manhã de 11 de setembro de 2001, estava entre os primeiros a correr para as torres gêmeas do World Trade Center. Foi aí que morreu, às 9h59 da manhã, vítima de traumatismo craniano.

O seu corpo foi transportado por quatro bombeiros, como mostra uma das imagens mais célebres do Onze de Setembro, imortalizada por Shannon Stapleton para a Reuters — uma verdadeira Pietà moderna. Identificado de imediato no hospital, o padre Mychal Judge foi considerado a primeira vítima oficial do Onze de Setembro: nº 0001.

Em seguida, Mychal Judge se tornou um dos heróis da história dos atentados: 3 mil pessoas assistiram ao seu funeral na igreja de São Francisco de Assis, em Manhattan, na presença de Bill e Hillary Clinton e do então prefeito republicano de Nova York, Rudolph Giuliani, que afirmou que o seu amigo era "um santo". Um quarteirão de uma rua de Nova York foi rebatizado com o seu nome; o seu capacete de bombeiro foi oferecido ao papa João Paulo II, em Roma; e a França condecorou-o com a Legião de Honra, a título póstumo. Durante uma pesquisa em Nova York, em 2018, em que interrogo vários bombeiros e entro em contato com o porta-voz dos bombeiros da cidade, percebo que a sua memória continua viva.

Pouco depois da sua morte, os seus amigos e colegas de trabalho revelam, no entanto, que Mychal Judge era um padre gay. Os seus biógrafos, bem como o antigo comandante dos bombeiros de Nova York, confirmaram a orientação sexual dele. Judge era membro da Dignity, uma associação que reúne católicos gays. Em 2002, uma lei reconheceu os direitos sociais dos companheiros

homossexuais dos bombeiros e policiais mortos no Onze de Setembro e foi batizada como The Mychal Judge Act. O cardeal homofóbico Raymond Burke e o padre-capelão *gay-friendly* Mychal Judge: dois lados opostos da Igreja católica nos Estados Unidos.

Quando entrego os primeiros resultados da minha pesquisa e as informações brutas ao cardeal americano James Francis Stafford, antigo arcebispo de Denver, durante duas entrevistas no seu cômodo privado em Roma, ele fica estupefato, me escuta religiosamente e aguenta os golpes. Soube de imediato, a minha primeira impressão é sempre boa: o meu "gaydar" funciona muito bem, a sua atitude e a sua sinceridade me convencem de que Stafford provavelmente não é homossexual — o que é bem raro na Cúria Romana. Nem por isso a sua reação é menos severa:

— Não, Frédéric, não é verdade. É falso. Você está enganado.

Expus o nome de um importante cardeal americano, a quem ele conhece bem, e Stafford é categórico ao desmentir a sua homossexualidade. Magoei-o. E, no entanto, sei que não estou enganado porque disponho de testemunhos em primeira mão, confirmados depois; descubro também que o cardeal nunca se questionou verdadeiramente sobre a possível vida dupla levada por seu amigo.

Agora ele parece refletir, hesitar. A sua curiosidade ganha da sua lendária prudência. No meu foro íntimo, monologando em voz baixa, comento que o cardeal "tem olhos, mas não vê". Ele mesmo me revelará, com devoção, um pouco mais tarde "que é, por vezes, um pouco ingênuo" e com frequência só percebe tardiamente coisas que todo mundo já sabia.

Para desanuviar o ambiente, conduzo o cardeal um pouco para o lado, menciono outros nomes de maneira enviesada, comento casos específicos, e Stafford reconhece que ouviu certos rumores. Falamos com muita franqueza

da homossexualidade, dos inúmeros casos que mancharam a imagem da Igreja nos Estados Unidos e em Roma. Stafford parece sinceramente abatido e até desesperado com o que conto e que já não consegue desmentir.

Em seguida falo de algumas grandes figuras literárias católicas, como o escritor François Mauriac, que tanto o influenciou na juventude; a publicação da biografia de Jean-Luc Barré, bem documentada, confirmou a sua homossexualidade de forma definitiva.

— Está vendo, às vezes compreendemos tardiamente as verdadeiras motivações e os segredos tão bem protegidos das pessoas — digo.

Stafford está destruído por completo. "Até Mauriac", parece dizer, como se eu tivesse feito uma revelação estrondosa, mesmo que a homossexualidade do escritor já não seja contestada hoje em dia. Stafford parece um pouco perdido. Não tem mais certeza de nada. Vejo, no seu olhar, a sua angústia, insondável, o seu medo, o seu desgosto. Os seus olhos embaçam, magníficos, e agora se enchem de lágrimas.

— Não choro com frequência — diz. — Não choro facilmente.

Junto com o francês Jean-Louis Tauran, James Francis Stafford continuará sendo, sem dúvida, o meu cardeal preferido dessa longa pesquisa. É a bondade personificada, e acabo por me afeiçoar ao homem idoso e frágil, prezo-o pela sua fragilidade. Sei que a sua devoção exagerada não é fingimento.

— Espero que esteja enganado, Frédéric. Espero profundamente.

Falamos da nossa paixão comum pelos Estados Unidos, das tortas de maçãs e dos sorvetes, como em *On the Road*, que se tornam melhores e mais cremosos à medida que avançamos para o Oeste americano.

Hesito em contar sobre a minha viagem pelo Colorado (ele foi arcebispo de Denver) e sobre as minhas visitas às igrejas mais tradicionais de Colorado Springs, bastião da direita evangelista americana. Gostaria de falar dos padres

e dos pastores violentamente homofóbicos que entrevistei na Focus on the Family ou na New Life Church. O fundador desta última igreja, Ted Haggard, se revelou, enfim, homossexual, depois de ter sido denunciado por um acompanhante pago, chocado com a sua hipocrisia. Mas será necessário provocá-lo mais? Ele não é responsável por esses religiosos loucos.

Sei bem que Stafford é conservador, pró-vida e antiObama, mas quando se mostrou intransigente e puritano nunca foi sectário. Não é de causar polêmicas e não aprova de modo algum os cardeais que se juntaram à direção do instituto ultraconservador Dignitatis Humanae Institute. De Burke, sei que já não espera nada, apesar de ter umas palavras gentis, porém artificiais, sobre a sua pessoa:

— É um bom homem — diz Stafford.

Será que a nossa conversa, no outono da sua vida — com 86 anos —, colocou um ponto-final nas suas ilusões?

— Em breve, vou voltar definitivamente para os Estados Unidos — revela Stafford enquanto passamos pelas suas várias estantes dispostas em fileira, no seu imenso apartamento da Piazza di San Calisto.

Prometi enviar a ele um pequeno presente, um livro de que gosto muito. Ao longo dessa pesquisa, esse livrinho branco se tornaria, como veremos, um código acerca do qual eu preferia manter segredo. Uma vez cativado pela obra, passarei a oferecê-la, mês após mês, a duas dezenas de cardeais, entre os quais Paul Poupard, Camillo Ruini, Leonardo Sandri, Tarcisio Bertone, Robert Sarah, Giovanni Battista Re, Jean-Louis Tauran, Christoph Schönborn, Gerhard Ludwig Müller, Achille Silvestrini e, claro, Stanisław Dziwisz e Angelo Sodano. Sem esquecer os arcebispos Rino Fisichella e Jean-Louis Bruguès, ou ainda o monsenhor Battista Ricca. Também o ofereci a outras eminências e excelências que deverão permanecer anônimas.

A maioria dos prelados gostou desse presente com duplo sentido. E vários voltaram a me falar dele mais tarde; uns entusiasmados, outros mais reservados. Alguns agradeceram por escrito por terem ganhado esse livro de pecadores. Talvez o único que de fato tenha lido, Jean-Louis Tauran — um dos poucos cardeais verdadeiramente cultos do Vaticano —, disse que aquele pequeno livro branco o inspirara muito. E que o citava com frequência nas suas homilias.

O velho cardeal Francis Stafford foi afetuoso ao falar comigo acerca do livrinho cor de alabastro, quando voltei a encontrá-lo meses mais tarde. Acrescentou, enquanto me encarava:

— Frédéric, rezarei por você.

O devaneio que havia me levado tão longe foi interrompido de repente por dom Adriano. O assistente do cardeal Burke apareceu no salão, mais uma vez. Pediu desculpas de novo, antes de me passar as últimas informações. O cardeal não chegaria ao encontro a tempo.

— Sua Eminência pede desculpa. Pede desculpa, de verdade. Estou muito envergonhado, peço desculpa — repete dom Adriano, desamparado, manifestando obediência e baixando o olhar ao se dirigir a mim.

Pouco depois fiquei sabendo pelos jornais que o cardeal foi castigado mais uma vez por Francisco.

Lamento deixar o aposento sem ter conseguido apertar a mão de Sua Eminência. Vamos marcar uma nova data, dom Adriano promete. *Urbi* ou *Orbi*.

Em agosto de 2018, quando eu estava novamente morando num cômodo no interior do Vaticano, enquanto terminava este livro, a publicação surpreendente da *Testimonianza* do arcebispo Carlo Maria Viganò provocou

um verdadeiro rebuliço no cerne da Cúria Romana. Dizer que esse documento, referente aos Estados Unidos, teve "o efeito de uma bomba" seria um eufemismo reforçado por uma lítotes! A imprensa levantou de imediato suspeitas de que o cardeal Raymond Burke e as suas redes americanas (especificamente, Steve Bannon, o ex-estrategista político de Donald Trump) poderiam ter tido algum envolvimento. E o velho cardeal Stafford não teria imaginado uma carta como aquela nem sequer nos seus piores pesadelos. Quanto a Benjamin Harnwell e aos membros do seu Dignitatis Humanae Institute, eles tiveram um momento de alegria... antes de caírem na realidade.

— Você foi o primeiro a me falar que esse secretário de Estado e esses cardeais eram homossexuais, e você tinha razão — diz Harnwell, durante o quinto almoço em Roma, no dia seguinte ao início das hostilidades.

Numa carta de onze páginas, publicada em duas línguas por jornais e sites ultraconservadores, o antigo núncio em Washington, Carlo Maria Viganò, ataca o papa Francisco, num discurso ácido, publicado deliberadamente no dia da viagem pontifical à Irlanda, país onde o catolicismo é devastado por casos de pedofilia. O prelado acusa o papa de ter encoberto diretamente os abusos homossexuais do cardeal americano Theodore McCarrick, hoje com 88 anos. McCarrick, antigo presidente da Conferência Episcopal Americana, um prelado poderoso, grande angariador de dinheiro — e de amantes —, foi privado do seu título cardinalício e afastado pelo papa Francisco. No entanto, Viganò se vale precisamente do caso McCarrick como pretexto para ajustar as suas contas, sem qualquer superego. Fornecendo um grande número de informações, de anotações e de datas que confirmam a sua tese, o núncio aproveita esse fato, sem nenhuma elegância, para sugerir ao santo padre que se demita. Ainda mais hipocritamente, enumera os cardeais e bispos da Cúria Romana e do episcopado americano que, segundo ele, participaram dessa imensa dissimulação: é uma lista infinita de nomes de prelados, entre os mais

importantes do Vaticano, desmascarados, para o bem e para o mal. (Em defesa do papa, o seu círculo próximo diz que Francisco "foi informado antes de tudo por Viganò das relações homossexuais do cardeal McCarrick com seminaristas maiores de idade, algo que, sob seu ponto de vista, não era suficiente para uma condenação". Em 2018, quando soube, sem sombra de dúvida, que também havia, além das relações homossexuais, abuso sexual de menores, "castigou o cardeal de imediato". A mesma fonte duvida que o papa Bento XVI tenha tomado medidas significativas em relação a McCarrick, as quais, de todo modo, se de fato existiram, não foram aplicadas.)

A publicação da *Testimonianza* do monsenhor Viganò no final do verão de 2018, um verdadeiro "VatiLeaks III", teve uma repercussão internacional sem precedentes: foram publicados milhares de artigos em todo o mundo, os fiéis ficaram estarrecidos e a imagem do papa Francisco foi atingida. Conscientemente ou não, Viganò acabou por corroborar os argumentos daqueles que pensavam, havia muito, que se acobertavam os crimes e os abusos sexuais no âmago do Vaticano. E embora o *L'Osservatore Romano* tenha apenas dedicado uma linha ao relatório ("um novo episódio de oposição interna", limitou-se a escrever o órgão oficial da santa sé), a imprensa conservadora e de extrema direita exigiu, enfurecida, uma investigação interna e, eventualmente, também o afastamento do papa.

O cardeal Raymond Burke — que afirmou alguns dias antes: "Creio que já esteja na hora de reconhecermos que temos um problema muito grave de homossexualidade na Igreja" — está entre os primeiros a aumentar a voz: "A corrupção e a infâmia que entraram na Igreja devem ser purificadas na raiz", clama o prelado, que exige uma "investigação" sobre a *Testimonianza* de Viganò, tendo em conta o passado sério do acusador, cuja "autoridade" não apresenta, segundo ele, a menor dúvida.

— O cardeal Burke é amigo do monsenhor Viganò — confirma Benjamin Harnwell, pouco depois da publicação da carta fatídica. (Aliás, Harnwell diz que tem um encontro com Burke, no mesmo dia, "para uma troca de impressões".)

Em seguida, vários prelados ultraconservadores se lançam para enfraquecer Francisco pela brecha aberta. O arcebispo reacionário de São Francisco, Salvatore Cordileone, sobe ao palco para avalizar e legitimar o texto "sério" e "desinteressado" de Viganò e para denunciar veementemente a homossexualização da Igreja — o que chega a ser irônico.

A ala direita da Cúria declara guerra a Francisco. Nada impede mesmo de pensar que essa ofensiva seja lançada por uma facção gay contra outra facção gay da Cúria, sendo uma antiFrancisco e de extrema direita e a outra pró-Francisco e de esquerda. Uma esquizofrenia notável que o padre e teólogo James Alison resumirá para mim, durante uma conversa em Madri, com uma frase significativa:

— *It's an intra-closet war!* O caso Viganò é a guerra do armário velho contra o armário novo!

Embora o arcebispo Carlo Maria Viganò seja um grande profissional cuja seriedade é geralmente reconhecida, o seu gesto não está acima de todas as suspeitas. Esse homem irascível e "no armário" não é um delator! É certo que o núncio conhece de cor a situação da Igreja nos Estados Unidos, onde foi embaixador da santa sé durante cinco anos. Antes, havia sido secretário-geral do *governatorato* da cidade do Vaticano, o que lhe permitiu tratar de inúmeros dossiês e lhe permitiu ser informado sobre todos os assuntos internos, em especial os relacionados com os costumes esquizofrênicos dos mais altos prelados. É mesmo possível que tenha guardado dossiês sensíveis sobre um grande número deles. (Viganò assumiu o cargo do monsenhor Renato Boccardo, hoje arcebispo de Spoleto, onde o entrevistei.)

Tendo sido encarregado também da designação dos diplomatas da santa sé, um corpo de elite de onde saiu um grande número de cardeais da Cúria Romana, Viganò aparece, portanto, como uma testemunha confiável, e a sua carta, como irrecusável.

Muitos disseram que a *Testimonianza* era uma operação promovida pela ala dura da Igreja para desestabilizar Francisco, estando Viganò estreitamente ligado às redes da extrema direita católica. Segundo as minhas informações, não há provas disso; tratar-se-ia menos de um complô, ou de uma tentativa de golpe que não vingou, como pudemos ler, do que de um ato, creio, isolado e pouco exaltado. Apesar de ser conservador e "rígido", Viganò é, antes de tudo, um "curial", isto é, um homem da Cúria e um produto puro do Vaticano. É, segundo uma testemunha que o conhece bem, aquele "tipo de homem que geralmente é leal ao papa: pró-Wojtyła sob João Paulo II, pró-Ratzinger sob Bento XVI e pró-Bergoglio sob Francisco".

— O monsenhor Viganò é um conservador, digamos, na linha de Bento XVI, mas é, antes de tudo, um grande profissional. Acusa com datas, fatos, é muito preciso nos seus ataques — explica, durante um almoço em Roma, o célebre vaticanista italiano Marco Politi.

O cardeal Giovanni Battista Re, um dos raros que foram citados positivamente no documento, se mostra, apesar de tudo, severo quando o interrogo, no seu aposento do Vaticano, em outubro de 2018:

— Triste! É muito triste! Como é que Viganò pôde fazer uma coisa dessas? Algo não está bem na sua cabeça... [*Faz um sinal como se fosse um louco.*] É incrível!

Já o padre Federico Lombardi, antigo porta-voz dos papas Bento XVI e Francisco, sugere, durante uma de nossas conversas regulares depois da publicação da carta:

— O monsenhor Viganò sempre foi bastante rigoroso e corajoso. Ao mesmo tempo, em cada um dos cargos que ocupou, foi um elemento de grande divisão. Esteve sempre um pouco em guerra. Colocando-se nas mãos de jornalistas reacionários bem conhecidos, põe-se, portanto, a serviço de uma operação antiFrancisco.

Ele não tem a menor dúvida de que o caso Viganò se tornou possível graças à ajuda dos meios de comunicação e de jornalistas ultraconservadores que se opõem à linha do papa Francisco (os italianos Marco Tosatti e Aldo Maria Valli, o *National Catholic Register*, o LifeSiteNews.com ou ainda o riquíssimo americano Timothy Busch, da rede de televisão católica EWTN).

— Esse texto foi imediatamente explorado pela imprensa católica reacionária — explica o monge beneditino italiano Luigi Gioia, um excelente conhecedor da Igreja, durante uma entrevista em Londres. — Os conservadores se empenham em negar a causa dos abusos sexuais e do acobertamento da Igreja: o clericalismo. Isto é, um sistema oligárquico e condescendente que apenas tem como fim a preservação do poder a qualquer custo. Para evitar reconhecer que é a própria estrutura da Igreja que está em questão, procuram bodes expiatórios: os gays que teriam se infiltrado na instituição e que a teriam comprometido pela sua incapacidade intrínseca de se controlar sexualmente. É a tese de Viganò. A direita não teve a menor dificuldade em aproveitar essa ocasião inesperada para tentar impor a sua pauta homofóbica.

Se essa campanha contra Francisco é reconhecida, me parece, mesmo assim, que o gesto de Viganò é mais irracional e solitário do que se pensou: é um ato desesperado, uma vingança pessoal, acima de tudo, fruto de uma ferida íntima profunda. Viganò é um lobo — porém um lobo solitário.

Então, por que é que ele rompe abruptamente com o papa? Um *monsignore* influente no círculo próximo do monsenhor Becciu, então ainda "substituto",

ou seja, o ministro do Interior do papa, levantou uma hipótese durante um encontro no Vaticano, pouco depois da publicação da carta (essa conversa, assim como a maioria das minhas entrevistas, foi gravada com a anuência do entrevistado):

— O arcebispo Carlo Maria Viganò, que foi sempre vaidoso e um pouco megalomaníaco, sonhava em se tornar cardeal. Era o seu principal sonho; o seu único sonho, na realidade. O sonho de uma vida. É verdade que os seus antecessores foram, em geral, elevados à púrpura. Mas ele não! Francisco começou por mandá-lo voltar de Washington e, em seguida, privou-o do seu soberbo aposento, que era exatamente aqui, no interior do Vaticano, e ele teve que se mudar para uma residência no meio dos núncios aposentados. Durante todo esse tempo, Viganò reprimiu o ódio. Mas continuava esperando! Depois que passou o consistório de junho de 2018 sem que ele tivesse sido elevado a cardeal, as suas últimas esperanças desapareceram: ia fazer 78 anos e compreendeu que o seu momento havia passado. Ficou desesperado com isso e decidiu se vingar. É simples assim. A sua carta pouco tem a ver com os abusos sexuais e tudo a ver com essa decepção.

Por muito tempo Viganò foi alvo de críticas pela sua vaidade, pelas fofocas, pela paranoia, e foi, inclusive, acusado de ter alimentado a imprensa certa vez, o que lhe valeu o afastamento de Roma e o envio para Washington por ordem do cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado sob Bento XVI (as notas do VatiLeaks são explícitas em relação a esses diferentes pontos). Também existem boatos sobre a sua orientação: a sua obsessão antigay é tão irracional que poderia esconder uma repressão e uma "homofobia internalizada". É essa, aliás, a tese do jornalista católico americano Michael Sean Winters, que desmascarou Viganò: o "seu ódio a si mesmo" o levaria a odiar os homossexuais; ele seria aquilo que ele próprio denuncia.

O papa, que se recusou a comentar o controverso panfleto, deu a entender uma análise semelhante. Numa homilia de 11 de setembro de 2018, sugere que o "Grande Acusador que se enfurece contra os bispos", que "procura revelar os pecados", faria melhor se, em vez de acusar os outros, "acusasse a si mesmo".

Alguns dias depois, Francisco reincide: ataca de novo Viganò, sem citar seu nome, em outra homilia que visa os "hipócritas", uma palavra que repete uma dezena de vezes. "Os hipócritas de dentro e de fora", insiste. Acrescentando: "o Diabo utiliza os hipócritas [...] para destruir a Igreja". *The lady doth protest too much!*

Seja a *Testimonianza* escrita ou não por uma *drama queen*, existe outro aspecto que a torna mais interessante: não só nas motivações secretas do monsenhor Viganò, provavelmente múltiplas, mas também na veracidade dos fatos que ele revela. E é aqui que a sua carta se torna um documento único, um testemunho importante, sobre a "cultura do segredo", a "conspiração do silêncio" e a homossexualização da Igreja.

Apesar da falta de transparência do seu texto, que é uma mistura de fatos e de insinuações, Viganò fala sem ambiguidades: considera necessário "confessar publicamente as verdades que mantivemos escondidas" e pensa que "as redes homossexuais presentes na Igreja devem ser erradicadas". Ao fazer isso, o núncio cita os três últimos secretários de Estado — Angelo Sodano, sob João Paulo II; Tarcisio Bertone, sob Bento XVI; e Pietro Parolin, sob Francisco — como suspeitos de terem acobertado abusos sexuais ou de pertencerem ao *corrento filo omossessuale*, a corrente pró-homossexual do Vaticano. Com os diabos!

Pela primeira vez, um alto diplomata do Vaticano revela os segredos dos casos de pedofilia e da grande predominância da homossexualidade no

Vaticano. No entanto, eu levantaria a hipótese, seguindo assim a análise de vários vaticanistas experientes, de que o monsenhor Viganò se interessa menos pelo tema dos abusos sexuais (tendo sido ele próprio acusado pela imprensa de tentar encerrar a investigação sobre o arcebispo John Nienstedt — alegação que Viganò nega veementemente) do que pela questão gay: a exposição parece ser a única e verdadeira motivação da sua carta. O seu novo memorando de outubro de 2018 confirma de forma decisiva esse ponto.

Ao fazer isso, o núncio comete dois erros importantes. Em primeiro lugar, mistura numa única crítica várias categorias de prelados que mal se relacionam entre si, em especial padres suspeitos de terem cometido abusos sexuais (o cardeal de Washington, Theodore McCarrick); prelados que, segundo ele, teriam dado cobertura a esses predadores (por exemplo, de acordo com a sua carta, os cardeais Angelo Sodano ou Donald Wuerl); prelados que, de acordo com ele, "pertencem à corrente homossexual" (cita, sem apresentar provas, o cardeal americano Edwin Frederick O'Brien e o italiano Renato Raffaele Martino) e prelados que teriam sido "cegados pela ideologia pró-gay" (os cardeais americanos Blase Cupich e Joseph Tobin). No total, cerca de quarenta cardeais e bispos são apontados ou "desmascarados". (Os monsenhores Cupich e Tobin desmentiram firmemente as acusações do núncio; Donald Wuerl apresentou ao papa a sua demissão, que foi aceita; os demais não comentaram.)

O que é chocante no testemunho de Viganò é a grande confusão mantida entre padres culpados de crimes ou de acobertamento, por um lado, e padres homossexuais ou apenas *gay-friendly*, por outro. Essa desonestidade intelectual grave que mistura abusadores, condescendentes e aqueles que simplesmente eram homossexuais ou simpatizantes só pode ser produto de um espírito complicado. Viganò ficou preso na homossexualidade e na homofobia da década de 1960, quando ele próprio tinha vinte anos: não

compreendeu que os tempos mudaram e que em boa parte do mundo, a partir da década de 1980, passamos da criminalização da homossexualidade para a criminalização da homofobia! O seu pensamento de outrora relembra também os escritos de homossexuais homofóbicos típicos, como o padre francês Tony Anatrella ou o cardeal colombiano Alfonso López Trujillo, de quem em breve teremos oportunidade de voltar a falar. Essa confusão inadmissível entre culpado e vítima se encontra, aliás, no próprio cerne da questão dos abusos sexuais: Viganò é a caricatura daquilo que denuncia.

Além dessa grave confusão intelectual generalizada, o segundo erro de Viganò, o mais grave no plano estratégico para manter a perenidade do seu "testemunho", teria sido desmascarar não só alguns cardeais importantes próximos de Francisco (Parolin, Becciu), mas também outros que foram importantes para os pontificados de João Paulo II (Sodano, Sandri, Martini) e de Bento XVI (Bertone, Mamberti). É certo que todo conhecedor da história vaticana sabe que o caso McCarrick tem sua origem nos excessos orquestrados sob o pontificado de João Paulo II: ao escrever a respeito disso, o núncio se priva, no entanto, de inúmeros dos seus apoiadores que são conservadores. Mais impulsivo do que estratégico, Viganò se vinga cegamente, desmascarando todos aqueles de quem não gosta, sem plano nem tática, pensando que a sua mera palavra é prova suficiente para denunciar a homossexualidade dos colegas. Assim, os jesuítas são suspeitos de serem "desviantes" (leia-se homossexuais)! Ao acusar todo mundo, menos a si próprio, Viganò revela de forma magnífica, e contra a sua vontade, que a teologia dos fundamentalistas pode ser também uma sublimação da homossexualidade. Foi assim que Viganò se privou de aliados: a direita do Vaticano não pode admitir, por mais crítica que seja em relação a Francisco, que se lance a dúvida sobre os pontificados anteriores de João Paulo II e de Bento XVI. Ao escolher como alvos Angelo Sodano e Leonardo Sandri (apesar

de, estranhamente, poupar os cardeais Giovanni Battista Re, Jean-Louis Tauran e, sobretudo, Stanisław Dziwisz), Viganò comete um erro estratégico importante, sejam as suas afirmações verdade ou não.

A extrema direita da Igreja, que a princípio apoiou o núncio e defendeu a sua credibilidade, percebeu depressa a armadilha. Após uma primeira investida estridente, o cardeal Burke se calou, por fim, revoltado pelo fato de o nome de Renato Raffaele Martino, seu amigo próximo e ultraconservador, figurar na carta (Burke legitimou um comunicado, escrito por Benjamin Harnwell, contestando com veemência o fato de que Martino poderia fazer parte da "corrente homossexual" — sem fornecer quaisquer provas disso, é claro). Do mesmo modo, Georg Gänswein, o colaborador mais próximo do papa emérito Bento XVI, teve o cuidado de não endossar a carta, por mais que isso lhe custasse. Apoiar o testemunho de Viganò seria, portanto, para os conservadores, dar um tiro no pé e, ao mesmo tempo, correr o risco de entrar numa guerra civil em que todos os golpes seriam permitidos. Sendo, talvez, os homossexuais no armário mais numerosos na direita da Igreja do que na esquerda, o efeito bumerangue seria devastador.

No círculo próximo de Francisco, um arcebispo da Cúria com quem me encontrei no momento da publicação da carta justificou com estas palavras a prudência do papa:

— Que resposta você quer do papa sobre uma carta que lança a suspeita de que vários antigos secretários de Estado do Vaticano e dezenas de cardeais são cúmplices de abusos sexuais ou homossexuais? Que confirme? Que desminta? Que negue os abusos sexuais? Que negue a homossexualidade no Vaticano? Veja bem que a margem de manobra era limitada. Se Bento XVI também não reagiu, foi pelas mesmas razões. Nem um nem outro poderiam se expressar depois de um texto tão perverso.

Mentira, vida dupla, acobertamento, a *Testimonianza* do monsenhor Viganò mostra pelo menos uma coisa que vamos compreender neste livro: todo mundo se apoia e todo mundo parece mentir no Vaticano. O que lembra as análises da filósofa Hannah Arendt sobre a mentira em *Origens do totalitarismo* ou no seu célebre artigo "Verdade e política", em que sugeria que "quando uma comunidade se lança na mentira organizada", "quando todos mentem sobre tudo o que é importante" e, permanentemente, quando há a "tendência para transformar fato em opinião", para repudiar as "verdades de fato", então o resultado não é tanto que se acreditem nas mentiras, mas que se destrua "a realidade do mundo comum".

E o arcebispo da Cúria conclui:

— Viganò não se interessa coisa nenhuma pela questão dos abusos sexuais, e o seu memorando é muito pouco útil quanto a esse primeiro ponto. Em contrapartida, o que ele quis fazer foi elaborar uma lista dos homossexuais do Vaticano e denunciar a infiltração dos gays na santa sé. Esse é o objetivo dele. Digamos que, em relação a esse segundo ponto, a sua carta está provavelmente mais próxima da verdade do que em relação ao primeiro. (Neste livro, utilizarei com prudência a *Testimonianza* de Viganò, porque mistura fatos provados ou prováveis com puras calúnias. E, embora esse documento tenha sido considerado crível por dezenas de cardeais e bispos ultraconservadores, não deve ser encarado ao pé da letra nem ser subestimado.)

E então temos *No armário do Vaticano*. Dessa vez, o testemunho é irrefutável: um eminente núncio e arcebispo emérito acaba de revelar, sem rodeios, a presença massiva de homossexuais no Vaticano. Acaba de nos revelar um segredo bem guardado. Acaba de abrir a caixa de Pandora. Francisco está, realmente, no meio de *malucas*!

---

a. "The Lady doth protest too much, methinks", em William Shakespeare, *Obras completas*. Trad. de Barbara Heliodora. São Paulo: Nova Aguilar, 2016. 3 v.

b. Tradução de Barbara Heliodora.

3. Quem sou eu para julgar?

"Quem sou eu para julgar?", Giovanni Maria Vian repete a frase, cujo sentido profundo parece procurar ainda. "Quem sou eu para julgar?" É uma nova doutrina? Uma frase meio que improvisada por acaso? Vian não sabe muito bem o que pensar. Quem é ele para julgar?

A frase foi proferida em forma de pergunta pelo papa Francisco na noite de 28 de julho de 2013, no avião que o trazia do Brasil. Foi imediatamente divulgada pela mídia no mundo inteiro, a frase mais célebre do pontificado. Pela sua empatia se parece com Francisco, o papa *gay-friendly* que quer romper com a linguagem homofóbica dos seus antecessores.

Giovanni Maria Vian, cuja função não é comentar as palavras do papa, mas sim transmiti-las, se mantém prudente. Ele me passa a transcrição oficial da coletiva improvisada, durante a qual Francisco proferiu a frase. Se nos ativermos ao contexto, ao conjunto da resposta de Francisco, não é certo fazermos dela uma leitura *gay-friendly*, ele diz.

Vian é leigo e universitário, intitula-se "professor" e é o diretor do *L'Osservatore Romano*, o jornal da santa sé. Essa publicação oficial é editada em oito línguas e tem a sua sede localizada no coração do Vaticano.

— O papa falou muito esta manhã — diz Vian quando chego.

O seu jornal publica todas as intervenções do santo padre, as suas mensagens, os seus textos. É o *Pravda* do Vaticano.

— Somos um jornal oficial, é evidente, mas também temos seções mais livres, com artigos de opinião, sobre cultura, textos mais autônomos — acrescenta Vian, que sabe que a sua margem de manobra continua estreita.

Talvez para se livrar das imposições do Vaticano e mostrar um espírito travesso, rodeou-se de imagens de Tintim. Seu escritório é repleto de histórias em quadrinhos de *A Ilha Negra*, *O cetro de Ottokar*, miniaturas de Tintim, de Milu e do Capitão Haddock. Uma estranha invasão de objetos pagãos no coração da santa sé! E pensar que nunca ocorreu a Hergé fazer um *Tintim no Vaticano*!

Falei rápido demais. Vian me interrompe, destacando um longo artigo do *L'Osservatore Romano* sobre Tintim que mostraria que, apesar de seus personagens incrédulos e dos seus palavrões memoráveis, o jovem repórter belga seria um "herói católico" imbuído de um "humanismo cristão".

— O *L'Osservatore Romano* é tão bergogliano sob Francisco como foi ratzingeriano sob Bento XVI — relativiza um diplomata colocado junto da santa sé.

Outro colaborador do *L'Osservatore Romano* confirma que o jornal está ali para "aplacar todos os escândalos e recolocar aqueles que, no Vaticano, ainda não saíram do armário".

— Os silêncios do *L'Osservatore Romano* também falam — relativiza, não sem humor, Vian.

Ao longo da minha pesquisa, visitarei as instalações do jornal muitas vezes. O dr. Vian aceitará ser entrevistado oficialmente cinco vezes e muitas outras em condição de anonimato, tal como mais seis colaboradores seus, encarregados das edições em espanhol, inglês e francês.

Foi uma jornalista brasileira, Ilze Scamparini, correspondente da TV Globo no Vaticano, que ousou fazer a pergunta sobre o "lobby gay" diretamente ao papa. A cena acontece no avião de volta entre o Rio de Janeiro e Roma. Já é o final de uma coletiva de imprensa improvisada, e o papa está cansado, ao lado de Federico Lombardi, o seu porta-voz. "Uma última pergunta?", lança

Lombardi, com pressa de terminar. É então que Ilze Scamparini levanta a mão. Reproduzo aqui este diálogo, a partir da transcrição original que Giovanni Maria Vian me dá:

— Gostaria de pedir autorização para fazer uma pergunta um pouco delicada. Houve outra imagem que também rodou o mundo: a do monsenhor Ricca, bem como algumas informações sobre a vida privada dele. Gostaria de saber, santo padre, o que pretende fazer em relação a isso. Como é que Vossa Santidade pretende abordar esse problema e enfrentar a questão do lobby gay?

— No que diz respeito ao monsenhor Ricca — responde o papa —, fiz aquilo que o direito canônico recomenda que se faça: uma *investigatio preavia* [investigação preliminar]. Nessa investigação não foi apurado nada daquilo de que o acusam. Não encontramos nada. Essa é a minha resposta. Mas gostaria de acrescentar algo em relação a isso: vejo que muitas vezes na Igreja, além desse caso, mas também nesse caso, procuram, por exemplo, os "pecados de juventude" e os divulgam. Não se trata de delitos, hein? Os delitos são outra coisa, o abuso de menores é um delito. Os pecados não são. Se uma pessoa leiga, ou um padre, ou uma freira, cometeu um pecado e depois se converteu, o Senhor perdoa... Mas voltemos à sua pergunta mais concreta: o lobby gay. Vamos lá! Escreve-se muito sobre o lobby gay. Ainda não encontrei ninguém no Vaticano que me apresente sua carteira de identidade com a inscrição "gay". Dizem que eles existem. Creio que quando encontramos alguém assim devemos estabelecer a diferença entre o fato de a pessoa ser gay e o de constituir um lobby, porque nem todo lobby é bom. Esse é ruim. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor, se tem boa vontade, quem sou eu para julgar?... O problema não é ter essa orientação, [mas] fazer dessa orientação um lobby. Esse é, para mim, o problema mais grave. Agradeço-lhe muito por ter feito essa pergunta. Muito obrigado!

Todo vestido de preto e um pouco resfriado no dia do nosso primeiro encontro, o padre Francesco Lombardi se recorda muito bem dessa coletiva de imprensa. Como bom jesuíta, soube admirar a arte do discurso do novo papa. Quem sou eu para julgar? Talvez nunca uma frase de Francisco tenha sido uma obra-prima tão perfeita da dialética jesuíta. O papa responde a uma pergunta... com uma pergunta!

Estamos na sede da fundação Ratzinger, de que Lombardi se tornou presidente, no térreo de um edifício do Vaticano, na Via della Conciliazone, em Roma. Cinco vezes, e gravando com o seu consentimento, irei entrevistá-lo prolongadamente nessas instalações sobre os três papas a quem serviu — João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Lombardi foi chefe do serviço de imprensa do primeiro e porta-voz dos demais.

É um homem gentil e simples, que rompe com o estilo glamouroso e mundano de muitos prelados do Vaticano. A sua humildade me impressiona, assim como muitas vezes impressionou aqueles que trabalharam com ele. Enquanto Giovanni Maria Vian, por exemplo, mora sozinho numa pequena torre magnífica nos jardins do Vaticano, Lombardi prefere dividir a sua vida com os companheiros jesuítas, num quarto modesto da sua comunidade. Estamos longe dos aposentos dos cardeais, que têm várias centenas de metros quadrados, os quais visitei com tanta frequência em Roma, como é o caso dos cômodos de Raymond Burke, Camillo Ruini, Paul Poupard, Giovanni Battista Re, Roger Etchegaray, Renato Raffaele Martino e tantos outros. Sem falar do palácio do cardeal Betori, que visitei em Florença, o do cardeal Carlo Caffarra, em Bolonha, ou o do cardeal Carlos Osoro, em Madri. Em nada se parece também com os aposentos, os quais não visitei, dos antigos secretários de Estado Angelo Sodano e Tarcisio Bertone, cujos luxo desmedido e dimensões extravagantes causaram escândalo.

— Eu estava ao lado do papa Francisco quando ele proferiu as palavras "quem sou eu para julgar?". A minha reação foi um pouco contraditória, digamos, complexa. Sabe? Francisco é muito espontâneo, fala muito livremente. Aceitou as perguntas sem saber de antemão quais eram, sem preparação. Quando Francisco fala com liberdade, durante oitenta minutos num avião, sem notas, com setenta jornalistas, é espontâneo, é muito franco. Mas o que diz não é necessariamente um elemento da doutrina, é uma conversa e temos que entendê-la como tal. É um problema de hermenêutica.

Ao ouvir a palavra "hermenêutica" proferida por Lombardi, cuja função sempre foi interpretar os textos, hierarquizá-los e dar sentido às frases dos papas de quem foi porta-voz, tenho a impressão de que o padre jesuíta quer atenuar o alcance da declaração pró-gay de Francisco. Ele acrescenta:

— O que quero dizer é que essa frase não indica uma escolha ou uma mudança de doutrina, mas tem um aspecto muito positivo: parte das situações pessoais. É uma abordagem de proximidade, de acompanhamento, de pastoral. Mas isso não quer dizer que isso [ser gay] seja bom; quer dizer que o papa não se sente juiz diante disso.

— É uma declaração jesuíta? Jesuítica?

— Sim, se quiser, é uma palavra jesuíta. É a escolha da misericórdia, da pastoral, da via das situações pessoais. É uma palavra de discernimento. [Francisco] procura um caminho. Diz, em certa medida: "Estou com você para percorrer um caminho". Mas Francisco responde a uma situação individual [o caso do monsenhor Ricca] com uma resposta pastoral; quanto à doutrina, continua fiel.

Em outro dia, quando interrogo o cardeal Paul Poupard sobre o mesmo debate semântico, durante um dos nossos encontros regulares na sua casa, esse perito da Cúria Romana que, segundo as suas próprias palavras, foi "próximo a cinco papas" comenta:

— Não se esqueça de que Francisco é um papa jesuíta argentino. É isso mesmo: jesuíta *e* argentino. As duas palavras são importantes. O que quer dizer que, quando profere a frase "Quem sou eu para julgar?", o que conta não é forçosamente o que diz, mas como a recebem. É um pouco como a teoria do entendimento em São Tomás de Aquino: cada coisa é recebida em função do que realmente queremos ouvir!

Francesco Lepore não ficou convencido, de forma alguma, com a explicação do papa Francisco e também não compartilha "a hermenêutica" dos seus exegetas.

Para esse ex-padre, que conhece bem o monsenhor Ricca, a resposta do papa era um caso típico de linguagem ambígua.

— Se seguirmos o seu raciocínio, o papa dá a entender que o monsenhor Ricca foi gay na juventude, mas que não é mais desde que se ordenou padre. Teria sido, então, um pecado de juventude que o Senhor perdoou. Ora, o papa devia saber bem que os fatos em questão eram recentes.

Uma mentira? Uma meia mentira? Dizem que, para um jesuíta, contar meia mentira ainda significa contar meia verdade! Lepore acrescenta:

— Há uma norma tácita no Vaticano que consiste em apoiar um prelado em todas as circunstâncias. Francisco protegeu Battista Ricca perante e contra todos, mantendo-o no seu cargo, tal como João Paulo II encobriu Stanisław Dziwisz e Angelo Sodano, ou como Bento XVI defendeu Georg Gänswein e Tarcisio Bertone até o fim, apesar de todas as críticas. O papa é um monarca. Pode proteger aqueles de quem gosta, em todas as circunstâncias, sem que ninguém o impeça.

Na origem do caso há uma investigação detalhada da revista italiana *L'Espresso*, em julho de 2013, cuja capa, toda dedicada ao Vaticano, ostenta ousadamente o título: "O lobby gay". Nessa reportagem, o monsenhor Ricca

teve expostos o seu nome verdadeiro e o seu caso com um militar suíço enquanto prestava serviço na embaixada da santa sé na Suíça e depois no Paraguai.

A vida noturna de Battista Ricca em Montevidéu é especialmente pormenorizada: certa noite teria sido agredido num local público de encontros e teria regressado à nunciatura de rosto inchado, depois de ter recorrido à ajuda de alguns padres. O *L'Expresso* noticiou que em outra ocasião ele teria ficado preso num elevador, infelizmente avariado, em plena noite, nas instalações da embaixada do Vaticano, e só teria sido libertado pelos bombeiros de madrugada, quando foi encontrado com um "belo jovem" que ficara preso com ele. Que falta de sorte!

O jornal, que cita como fonte um núncio, menciona também as malas do militar suíço, suposto amante de Ricca, nas quais teriam sido encontrados "uma arma, uma enorme quantidade de preservativos e material pornográfico". O porta-voz do papa Francisco, Federico Lombardi, como sempre desmentiu os fatos, que não eram, segundo ele, "dignos de fé".

— A gestão do caso pelo Vaticano foi bastante cômica. A resposta do papa também. O pecado era venial! Era antigo! Foi um pouco como quando acusaram o então presidente Bill Clinton de ter usado droga e ele se desculpou dizendo que tinha fumado maconha, mas sem tragar! — ironiza um diplomata alocado em Roma e bom conhecedor do Vaticano.

A imprensa se divertiu com as tribulações do prelado, a sua alegada vida dupla e as suas desventuras de elevador! Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que o ataque vem de Sandro Magister, um temível vaticanista ratzingeriano de 75 anos. Por que ele denuncia de repente, e doze anos depois dos fatos, o monsenhor Ricca?

O caso Ricca é, na verdade, um ajuste de contas entre a ala conservadora do Vaticano, digamos ratzingeriana, e a ala moderada representada por Francisco,

e, especificamente, entre os dois clãs homossexuais. Diplomata sem ter sido núncio e *Prelato d'Onore di Sua Santità* (prelado de honra do papa) que não foi eleito bispo, Battista Ricca é um dos colaboradores mais próximos do santo padre. Tem a seu cargo a Domus Sanctæ Marthæ, a residência oficial do papa, e também dirige mais duas residências pontificais. É, por fim, um dos representantes do sumo pontífice junto do muito controverso banco do Vaticano (Istituto per le Opere di Religione — IOR). É possível perceber como o prelado estava exposto.

A sua suposta homossexualidade nunca foi, portanto, mais do que um pretexto para enfraquecer Francisco. Usaram a agressão de que ele havia sido vítima para desmascará-lo, quando teria sido mais católico defendê-lo dos seus agressores, levando em conta a violência da qual tinha sido alvo. Quanto ao jovem com quem ficou preso no elevador, é necessário relembrar que se tratava de um adulto que havia dado o seu consentimento? Acrescentemos que um dos acusadores de Ricca seria conhecido, segundo as minhas fontes, por ser tão homofóbico quanto homossexual! Um jogo duplo bastante típico dos costumes vaticanos.

Assim, o caso Ricca se inscreve numa longa sequência de ajustes de contas entre diferentes facções gays da Cúria Romana — de que foram vítimas Dino Boffo, Cesare Burgazzi, Francesco Camaldo e até o antigo secretário-geral da Cidade do Vaticano, Carlo Maria Viganò —, e teremos a oportunidade de fazer esse relato. Um por vez, esses padres ou esses leigos foram denunciados por prelados que estavam, eles mesmos, em geral envolvidos com corrupção financeira ou estavam enrustidos dentro do armário. Alimentaram a imprensa para proteger o seu segredo — raramente para servir à Igreja. E aqui está uma nova regra de *No armário do Vaticano*, a quinta: *Os rumores, as fofocas, os ajustes de contas, a vingança, o assédio sexual são frequentes na santa sé. A questão gay é uma das principais molas dessas intrigas.*

— Sabia que o papa está rodeado de homossexuais? — me pergunta, com falsa inocência, um arcebispo da Cúria Romana. A sua alcunha no Vaticano é "La Païva", em homenagem a uma célebre marquesa e cortesã. Portanto, será assim que vou me referir a ele neste livro.

Sua Excelência La Païva, com quem almocei e jantei regularmente, conhece todos os segredos do Vaticano. Finjo ingenuidade:

— Por definição, ninguém pratica a homossexualidade no Vaticano, não?

— Os gays são numerosos — continua La Païva —, muito numerosos.

— Eu sabia que havia homossexuais no círculo próximo de João Paulo II e de Bento XVI, mas no de Francisco eu não sabia.

— Ah, sim, em Santa Marta há muitos que fazem parte *da paróquia* — repete La Païva, que usa e abusa desse circunlóquio.

"Ser da paróquia": La Païva ri. Sente orgulho da sua expressão, um pouco como se ele tivesse inventado a roda! Calculo que tenha utilizado as palavras centenas de vezes ao longo de sua extensa carreira, porém, reservadas aos iniciados, continuam a surtir algum efeito!

"Ser da paróquia" poderia inclusive ser o subtítulo deste livro. A expressão é antiga, tanto em francês quanto em italiano; encontrei-a no jargão homossexual das décadas de 1950 e 1960. Provavelmente é anterior, de tal modo se parece com uma frase de *Sodoma e Gomorra*, de Marcel Proust, e outra de *Notre-Dame-des-Fleurs*, de Jean Genet — apesar de não figurar, me parece, nesses livros. Será mais popular e própria dos bares escusos das décadas de 1920 e 1930? É possível. De qualquer modo, mistura heroicamente o universo eclesiástico e o mundo homossexual.

— Saiba que gosto muito de você — declara, de repente, La Païva. — Mas não gosto que não me diga se prefere homens ou mulheres. Por que não quer me contar? Será que é, pelo menos, simpatizante?

O descomedimento de La Païva me fascina. O arcebispo pensa em voz alta e se deixa levar pelo prazer de me deixar entrever o seu mundo, imaginando desse modo ganhar a minha amizade. Começa a revelar os mistérios do Vaticano de Francisco em que a homossexualidade é um segredo hermético, uma franco-maçonaria admiravelmente impenetrável. O truculento La Païva compartilha os seus segredos: ah, o homem curioso! Duas vezes mais curioso do que a média sobre o tema: bicurioso. Eis que me passa os nomes e os títulos dos "praticantes" ou "não praticantes", reconhecendo ao mesmo tempo que os homossexuais juntos constituem a grande maioria do Colégio Cardinalício!

O mais interessante, claro, é o "sistema". Segundo La Païva, a força homossexual da Cúria apresenta uma grande constância de um papa para outro. Assim, os círculos próximos dos papas João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco seriam majoritariamente "da paróquia".

Condenado a viver com essa fauna muito peculiar, o papa Francisco faz o que pode. Com a sua frase "Quem sou eu para julgar?", tentou alterar a situação. Ir mais longe seria mexer na doutrina e suscitar de imediato uma guerra no âmago do Colégio Cardinalício. Portanto, a ambiguidade permanece preferível, o que condiz com esse papa jesuíta que pode, numa mesma frase, dizer uma coisa e o seu oposto. Ser simultaneamente *gay-friendly* e antigay — que talento!

As suas palavras públicas contrastam bastante com os seus atos privados. Francisco, por exemplo, defende constantemente os imigrantes, mas, ao se opor ao casamento gay, impede que os estrangeiros homossexuais ilegais se beneficiem de uma regularização possível graças a um parceiro estável; Francisco também se diz "feminista", mas abstém-se em relação às mulheres que não podem ter filhos, rejeitando a reprodução assistida. Em 2018, o

monsenhor Viganò o acusará, na sua *Testimonianza*, de estar rodeado de homossexuais e de se mostrar muito *gay-friendly*; ao mesmo tempo, Francisco sugerirá que se recorra à "psiquiatria" para os jovens homossexuais (afirmações de que diz ter se arrependido).

Num discurso que antecedeu o conclave e a sua eleição, Jorge Bergoglio fixou a sua prioridade: as "periferias". Esse conceito, destinado a ter um belo futuro, engloba, sob o seu ponto de vista, as periferias "geográficas", aqueles cristãos da Ásia, da América do Sul e da África que estão longe do catolicismo romano ocidentalizado, e as periferias "existenciais", que reúnem todos aqueles que a Igreja deixou à beira da estrada. Entre esses, segundo a entrevista que dará em seguida ao jesuíta Antonio Spadaro, se destacam os casais divorciados, as minorias e os homossexuais.

Além das ideias, existem os símbolos. Foi assim que Francisco se encontrou publicamente, na embaixada da santa sé em Washington, com Yayo Grassi, um gay de 67 anos e seu antigo aluno; Grassi veio acompanhado do seu namorado, Iwan, um indonésio. Selfies e um vídeo mostram o casal beijando o santo padre.

Segundo várias fontes, a midiatização desse encontro entre o papa e o casal gay não teria sido ocasional. Apresentado a princípio pelo porta-voz do papa, Francesco Lombardi, como um "encontro estritamente privado", quase fortuito, foi promovido um pouco mais tarde, pelo mesmo Lombardi, a uma verdadeira "audiência".

Deve-se dizer que, entretanto, eclodiu uma polêmica. O papa, nessa mesma viagem aos Estados Unidos, sob pressão do bastante homofóbico monsenhor Carlo Maria Viganò, se encontrou com uma funcionária eleita do Kentucky, Kim Davis, que se recusava a autorizar os casamentos homossexuais na sua região, apesar de ela própria ser divorciada duas vezes. Diante do brado de protestos suscitados por esse favor concedido a uma proeminente figura

homofóbica, o papa recuou, desmentindo apoiar a posição da sra. Davis (a funcionária foi detida e encarcerada por pouco tempo por se recusar a obedecer à lei americana). Para demonstrar que não pretendia se calar nesse debate, e lamentando os danos causados, nas suas costas, por Viganò (que em breve sairá de Washington), o papa contrabalançou, portanto, o seu primeiro gesto homofóbico ao receber em público o seu ex-aluno gay com o companheiro. Um comportamento duplo marcado por um ecumenismo tipicamente jesuíta.

A nomeação caótica de um embaixador da França junto da santa sé apresenta a mesma ambiguidade, senão certo maquiavelismo, do papa Francisco. O homem em questão se chama Laurent Stefanini: um diplomata de alto escalão, um católico praticante, bastante chegado à direita e membro (leigo) da Ordem de Malta. Profissional estimado, foi chefe do protocolo do Eliseu, sob o governo de Nicolas Sarkozy, e já havia sido, anteriormente, o número dois dessa mesma embaixada. O presidente François Hollande decidiu nomeá-lo embaixador da França junto ao Vaticano, em janeiro de 2015, e a sua nomeação foi apresentada oficialmente ao papa. O anúncio público, que vazou no jornal satírico *Le Canard Enchaîné*, foi prematuro? Acontece que o papa hesita quanto a dar a sua aprovação. Motivo: o diplomata seria gay!

Não é a primeira vez que um embaixador francês é recusado por Roma em razão da sua homossexualidade: já aconteceu em 2008, no meio da candidatura de Jean Loup Kuhn-Delforge, um diplomata que Nicolas Sarkozy queria colocar no Vaticano e que era abertamente homossexual e vivia em união estável com seu companheiro. Por um ano, o papa Bento XVI se recusou a dar a sua aprovação, impondo uma substituição de candidato. Por outro lado, é necessário explicitar que, no passado, vários embaixadores franceses

colocados junto da santa sé eram abertamente homossexuais, uma prova de que a regra não tem nada de intangível.

Dessa vez, o caso de Stefanini suscita uma proibição da alta esfera. O papa Francisco vetou. Ficou melindrado por tentarem pressioná-lo? Teria pensado que tentaram manipulá-lo, impondo um embaixador gay? Teria sido ignorado o procedimento de acordo, por meio do núncio apostólico em Paris? Teria sido Stefanini vítima de uma campanha tramada contra ele na França (sabe-se que o embaixador Bertrand Besancenot, próximo da Ordem de Malta, cobiçava o posto)? Ao contrário, a conspiração deveria ser investigada no cerne da ala direita da Cúria, que pretende usar o caso para fazer o papa cair numa armadilha?

Seja como for, o imbróglio adquire ares de crise diplomática aguda entre os dois Franciscos quando o então presidente François Hollande manteve à força a candidatura de Stefanini, nomeação recusada de novo pelo papa. Não haverá embaixador da França no Vaticano, reforça Hollande, se não quiserem o sr. Stefanini!

Nesse caso, os responsáveis pela intriga não se preocupam nem um pouco com as consequências para o interessado, cuja vida privada é exposta, dessa maneira, em praça pública. Em vez de defender a Igreja, como imaginam, na verdade acabam por enfraquecê-la quando colocam o papa em circunstâncias como essas. Francisco é obrigado a receber Stefanini com todas as honras, para se desculpar, e, jesuíta com um quê de tartufo, diz que não tem nada contra a sua pessoa!

O arcebispo de Paris é mobilizado, por sua vez, para tentar desembaraçar o assunto, tal como o cardeal Jean-Louis Tauran, próximo do papa, que não vê nada de anormal na nomeação de um embaixador gay — muito pelo contrário! Do lado romano, o cardeal Pietro Parolin, o número dois do Vaticano, vai a Paris para se encontrar com François Hollande, que, durante uma conversa

tensa, pergunta sem rodeios se o problema seria "a homossexualidade de Stefanini". Segundo o relato que o presidente fez a um dos seus assessores, Parolin teria balbuciado, visivelmente muito pouco à vontade em relação à questão, afetado particularmente, corado de vergonha e petrificado, que o problema não tinha nada que ver com a homossexualidade...

A falta de conhecimento do papa Francisco em relação à França vem à luz quando isso acontece. Ele, que não nomeou nenhum cardeal francês e não fala o idioma, ao contrário de todos os seus antecessores, ele, que dá a impressão de confundir — infelizmente — a laicidade com o ateísmo, parece ser vítima de uma manipulação cujos códigos não compreende.

Vítima colateral, Laurent Stefanini fica sob o fogo cruzado das críticas numa batalha que está acima dele e da qual é apenas o pretexto. Em Roma, é uma ofensiva da ala ratzingeriana, ela própria fortemente homossexualizada, que move as suas peças para constranger o papa Francisco. A Ordem de Malta, de que o diplomata é membro, dividida entre uma corrente "no armário" rígida e uma corrente "no armário" flexível, se defronta no seu caso (o cardeal Raymond Burke, patrono da ordem soberana, teria "fragmentado" a candidatura de Stefanini). Ao se opor à candidatura de Stefanini, o núncio em Paris, monsenhor Luigi Ventura, antigo núncio no Chile (próximo do cardeal Angelo Sodano e dos Legionários de Cristo de Marcial Maciel, hoje em dia é criticado pela imprensa por não ter denunciado o padre Karadigma por pedofilia), entra num jogo duplo que os interessados parisienses e romanos levarão algum tempo para decifrar. Na França, o ocorrido é o momento certo para a direita e a esquerda ajustarem as contas, tendo como fundo o debate em volta da lei do casamento gay: François Hollande contra Nicolas Sarkozy; La Manif pour Tous, organização que se opõe ao casamento homoafetivo, contra Hollande; e a extrema direita contra a direita moderada. O então presidente Hollande, que apoiou sinceramente a candidatura de Stefanini, no

final das contas se diverte ao ver a direita se dilacerar por causa do destino desse diplomata sarkozysta sênior, católico praticante... e homossexual. Dá, assim, uma bela lição à direita sobre a sua hipocrisia! (Utilizo aqui as minhas conversas com vários assessores do presidente Hollande e do primeiro-ministro francês Manuel Valls, bem como um encontro com o primeiro conselheiro da nunciatura apostólica em Paris, monsenhor Rubén Darío Ruiz Mainardi.)

Mais maquiavélico, um dos assessores de François Hollande propõe, se a candidatura de Stefanini for massacrada, que se convoque imediatamente a volta de um dos três eminentes núncios ou representantes do Vaticano alocados em Paris, já que a homossexualidade deles é bem conhecida no Quai d'Orsay (como é chamado, na França, o Ministério das Relações Exteriores, em que os diplomatas homossexuais são também numerosos a ponto de, às vezes, ser chamado "Gay d'Orsay").

— Você conhece os diplomatas do Vaticano em Paris, em Madri, em Lisboa e em Londres! Recusar Stefanini por causa da sua homossexualidade é a decisão mais bizarra deste pontificado! Se recusássemos os núncios gays da santa sé, o que seria da representação apostólica em todo o mundo! — Sorri um embaixador da França que esteve posicionado na santa sé.

O ex-ministro francês das Relações Exteriores Bernard Kouchner confirma durante uma conversa na sua casa, em Paris:

— O Vaticano não me parece apto a recusar candidaturas homossexuais! Tive o mesmo problema quando quisemos nomear Jean Loup Kuhn-Delforge embaixador da França no Vaticano e ele vivia em união estável com seu companheiro. Recebemos a mesma recusa. Era perfeitamente inadmissível discriminar um diplomata de alto nível por causa da sua homossexualidade. Não podíamos aceitar isso! Então, hoje posso revelar que telefonei ao meu colega monsenhor Jean-Louis Tauran, que era o equivalente ao ministro das

Relações Exteriores da santa sé, e pedi a ele que retirasse o seu núncio apostólico de Paris, o que ele fez. Eu disse: é toma lá dá cá! (Dois diplomatas do Vaticano que entrevistei contestam essa versão dos fatos; segundo eles, o núncio teria saído no prazo normal de cinco anos de serviço.)

Um testemunho é significativo nesse caso: o argentino Eduardo Valdés é próximo do papa e foi embaixador junto à santa sé durante o caso Stefanini:

— Tenho certeza — diz o diplomata numa conversa em Buenos Aires — de que todos os que se opuseram à nomeação de Stefanini para embaixador eram tanto [homossexuais] quanto ele. É sempre a mesma hipocrisia! Sempre os mesmos dois pesos e duas medidas! São os mais praticantes que condenam os outros homossexuais.

Durante mais de catorze meses o posto ficaria vago, até François Hollande ceder e nomear, para Roma, um diplomata consensual em fim de carreira, casado e bom pai de família. Stefanini, bem-humorado, declarará, por sua vez, que essa nomeação diplomática não cabia a ele, do mesmo modo como não havia escolhido a sua homossexualidade! (As minhas fontes sobre o "caso Stefanini" são, além dos nomes já citados, o cardeal Tauran, o arcebispo François Bacqué e uma dezena de outros diplomatas do Vaticano; quatro embaixadores da França junto à santa sé: Jean Guéguinou, Pierre Morel, Bruno Joubert e Philippe Zeller; bem como, naturalmente, os embaixadores Bertrand Besancenot e Laurent Stefanini.)

Francisco é tão *gay-friendly* como dizem? Alguns pensam que sim e me contam, para apoiar essa tese, esta outra história. Durante uma audiência do papa com o cardeal alemão Gerhard Müller, representante da importante Congregação para a Doutrina da Fé, este chega com um dossiê sobre um velho teólogo que teria sido denunciado pela sua homossexualidade e pergunta então ao papa qual sanção que ele pretende aplicar ao homem. O papa teria

respondido (segundo contam duas testemunhas da Congregação, que ouviram as palavras da boca de Müller): "Não valeria mais a pena convidá-lo para tomar uma cerveja, falar com ele como se fala com um irmão e encontrar uma solução para o problema?".

O cardeal Müller, que não faz segredo da sua hostilidade pública em relação aos gays, teria ficado chocado com a resposta de Francisco. De volta ao seu gabinete, teria se apressado, furioso, para contar a história aos seus colaboradores e ao seu assistente pessoal. Dizem que teria feito duras críticas ao papa pelo seu desconhecimento do Vaticano, pelo seu erro de julgamento em relação à homossexualidade e à gestão dos processos. Essas ofensas teriam chegado aos ouvidos de Francisco, que castigará Müller metodicamente, em primeiro lugar, privando-o dos seus colaboradores, um após o outro, e depois, humilhando-o em público, antes de não reconduzi-lo ao cargo, alguns anos mais tarde, obrigando-o a se aposentar antecipadamente. (Entrevistei Müller sobre suas relações com o papa, em duas conversas na sua casa, e me baseio em parte no seu testemunho.)

Será que o papa pensou em cardeais conservadores como Müller ou como Burke quando denunciou a falsidade da Cúria? Numa missa solene no Vaticano em 22 de dezembro de 2014, menos de um ano depois da sua eleição, o santo papa lança o ataque. Nesse dia, perante os cardeais e os bispos reunidos para as festividades de Natal, Francisco passa ao ataque: elabora o catálogo das quinze "doenças" da Cúria Romana, entre as quais o "Alzheimer espiritual" e a "esquizofrenia existencial". Concentra-se, sobretudo, na hipocrisia dos cardeais e dos bispos que têm uma "vida oculta e bastante dissoluta" e critica a "difamação", verdadeiro "terrorismo da fofoca".

A acusação é grave, mas o papa ainda não fez a sua grande declaração — que ocorre no ano seguinte, numa homilia matinal em Santa Marta, em 24 de outubro de 2016 (segundo a transcrição oficial da Rádio Vaticano que cito

aqui com algum acréscimo, devido à importância das afirmações): "Por trás da rigidez, há algo escondido na vida de uma pessoa. A rigidez não é um dom de Deus. A ternura, sim, a bondade, sim, a benevolência, sim, o perdão, sim. Mas a rigidez, não! Por trás da rigidez, há sempre alguma coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla, mas há também [algo como] uma doença. Quanto sofrem os rígidos: quando são sinceros e se dão conta disso, sofrem! E sofrem muito!".

Francisco encontrou afinal a sua frase: "Por trás da rigidez, há sempre alguma coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla". A frase, encurtada para ter mais impacto, será repetida frequentemente pelo seu círculo próximo: "Os rígidos que levam uma vida dupla". E, embora nunca tenha citado nomes, não é difícil imaginar sobre quais cardeais e prelados ele fala.

Alguns meses depois, em 5 de maio de 2017, o papa retoma a acusação, quase com as mesmas palavras: "Há rígidos com uma vida dupla: mostram-se belos, honestos, mas fazem coisas ruins quando ninguém os vê... Usam a rigidez para mascarar fraquezas, pecados, doenças de personalidade... Os rígidos hipócritas, os de vida dupla".

E mais uma vez, em 20 de outubro de 2017, Francisco ataca os cardeais da Cúria, "hipócritas" que "vivem da aparência": "Como bolas de sabão [esses hipócritas], escondem a verdade de Deus, dos outros e de si próprios, mostrando um rosto de imagem piedosa para assumirem o aspecto da santidade... Para fora, se mostram como justos, como bons: gostam de se mostrar quando rezam, quando jejuam e quando dão esmola. [Mas] é tudo aparência, e no seu coração não há nada... Eles maquiam a alma, vivem de maquiagem: a santidade é uma maquiagem para eles... A mentira faz muito mal, a hipocrisia faz muito mal: é uma forma de viver".

Francisco repetirá esse discurso, novamente, em outubro de 2018: "São rígidos. E Jesus conhece a sua alma. E isso nos escandaliza... São rígidos. Mas há sempre, debaixo ou por atrás da rigidez, problemas, graves problemas... Tende cuidado com aqueles que são rígidos. Tende cuidados com os cristãos, sejam eles leigos, padres ou bispos, que se apresentam a vós como 'perfeitos'. São rígidos. Tende cuidado. [Nesses] não existe o espírito de Deus".

Essas frases duras, e até mesmo acusatórias, foram repetidas tão frequentemente por Francisco, desde o início do seu pontificado, que é necessário reconhecermos de fato que o papa procura nos transmitir uma mensagem. É esse um ataque à oposição conservadora, denunciando o seu jogo duplo quanto à moral sexual e ao dinheiro? Com certeza. Podemos ir mais longe: o papa deixa claro, num alerta, que conhece a vida oculta de determinados cardeais conservadores ou tradicionais que recusam as suas reformas. (Essa interpretação não é minha: vários cardeais, arcebispos, núncios e padres bergoglianos confirmaram tal estratégia do papa.)

Durante esse tempo, o espirituoso Francisco continuou falando sobre a questão gay à sua maneira, isto é, à moda jesuíta. Avançou e depois recuou. A sua política dos pequenos passos é ambígua, às vezes contraditória. Francisco nem sempre parece dar continuidade na execução de suas ideias.

Será uma mera política de comunicação? Uma estratégia perversa para jogar com a oposição, algumas vezes atiçá-la e em outras amansá-la, já que para ela a aceitação da homossexualidade é um problema de fundo e uma questão íntima? Estaremos diante de um papa leviano, que dissimula por fraqueza intelectual e por falta de convicções, como me disseram os seus detratores? Seja como for, até mesmo os vaticanistas mais experientes não entendem ao certo. Figura pró-gay ou antigay, não se sabe.

“Por que não tomar uma cerveja com um gay?”, propusera Francisco. Resumidamente o que fez diversas vezes na sua residência privada de Santa Marta ou durante suas viagens. Por exemplo, ao receber informalmente Diego Neria Lejarraga, um transexual que nasceu mulher, acompanhado pela namorada. Em outra ocasião, em 2017, Francisco acolhe oficialmente no Vaticano Xavier Bettel, o primeiro-ministro de Luxemburgo, com o seu marido, Gauthier Destenay, arquiteto belga.

A maioria dessas visitas foi organizada por Fabián Pedacchio, o secretário particular do papa, e Georg Gänswein, prefeito da casa pontifícia. Nas imagens, é possível ver Georg saudando calorosamente os convidados LGBTs, o que não deixa de ser irônico quando nos lembramos das críticas recorrentes de Gänswein a homossexuais.

Quanto ao argentino Pedacchio, que é menos conhecido do grande público, tornou-se o colaborador mais próximo do papa desde 2013 e vive com ele em Santa Marta, num dos quartos ao lado do de Francisco, o número 201, no segundo andar (de acordo com um guarda suíço que entrevistei). Pedacchio é uma figura misteriosa: as suas entrevistas são raras ou foram retiradas da internet; fala pouco; a sua biografia oficial é mínima. Também foi alvo de ataques vis por parte da ala direita da Cúria Romana e do monsenhor Viganò, na sua *Testimonianza*.

— É um homem duro. É um pouco o vilão que todo homem bom e generoso deve ter ao seu lado — revela Eduardo Valdés, o ex-embaixador da Argentina junto à santa sé.

Nessa dialética clássica do “policial mau” e do “policial bom”, Pedacchio foi criticado por aqueles que não tiveram coragem de atacar diretamente o papa. Assim, cardeais e bispos da Cúria denunciaram sua vida agitada e desenterraram uma conta que ele teria aberto na rede social de encontros Badoo para “procurar amigos” (a página foi desativada quando a imprensa

italiana revelou a sua existência, mas continua acessível nos históricos de internet e na *deep web*). Nessa conta do Badoo e em raras entrevistas, o monsenhor Pedacchio afirma que gosta de ópera e "adora" o cinema do espanhol Almodóvar, de quem já assistiu "todos os filmes", os quais têm, ele reconhece, "cenas sexuais quentes". A sua vocação viria de um padre "um tanto especial" que mudou a sua vida. Quanto ao Badoo, Pedacchio denunciou uma conspiração contra ele e jurou que se tratava de uma conta falsa.

Surdo às críticas dirigidas ao seu círculo próximo, o papa Francisco prosseguiu a sua política dos pequenos passos. Após o massacre de 49 pessoas num clube gay de Orlando, na Flórida, o papa afirma, fechando os olhos em sinal de dor:

— Penso que a Igreja deve pedir perdão aos gays que ofendeu, [tal como também deve] se desculpar com os pobres, com as mulheres que foram exploradas, com os jovens privados de trabalho e por ter abençoado tantas armas [de guerra].

Paralelamente a essas palavras misericordiosas, Francisco se mostrou inflexível em relação à teoria de gênero. Entre 2015 e 2017, se manifestou oito vezes contra a ideologia de "gênero", que classifica como "demoníaca". Às vezes se revela de forma superficial, sem conhecer o tema, como em outubro de 2016, quando denuncia os manuais escolares franceses que propagam "um doutrinamento dissimulado da teoria de gênero", antes de os editores franceses e a ministra da Educação Nacional confirmarem que "os manuais não contêm nenhuma menção nem referência à teoria de gênero". A gafe do papa provém aparentemente de verdadeiras *fake news* transmitidas por associações católicas ligadas à extrema direita francesa, as quais o sumo pontífice repetiu sem verificar.

Um dos escribas de Francisco é um *monsignore* discreto que responde, toda semana, a cerca de cinquenta cartas do papa, até as mais sensíveis, e que aceita encontrar-se comigo anonimamente.

— O santo padre não sabe que um dos seus escribas é um padre gay! — confessa com orgulho.

O prelado tem acesso a todo o Vaticano, tendo em conta as funções que desempenha junto ao papa, e, durante os últimos anos, passamos a nos encontrar regularmente. Durante uma dessas refeições, no restaurante Coso, na Via in Lucina, a minha fonte conta um segredo que ninguém conhece e que revela a enésima faceta de Francisco.

Desde a sua frase memorável "Quem sou eu para julgar?", o papa passou a receber um grande número de cartas de homossexuais que lhe agradecem pelas palavras e lhe pedem conselhos. Essa correspondência abundante é gerida, no Vaticano, pelos serviços da Secretaria de Estado e, mais especificamente, pela seção do monsenhor Cesare Burgazzi, que tem a seu cargo a correspondência do santo padre. Segundo o círculo próximo de Burgazzi, a quem também entrevistei, essas cartas são "com frequência desesperadas": provêm de seminaristas ou de padres por vezes "propensos ao suicídio" porque não conseguem articular a homossexualidade com a fé.

— Durante muito tempo, respondemos a essas cartas com uma grande consciência e as entregamos ao santo padre para serem assinadas — conta a minha fonte. — As cartas escritas por homossexuais sempre foram tratadas com muita consideração e tato, tendo em conta o número tão importante de *monsignori* gays na Secretaria de Estado.

No entanto, um dia, o papa Francisco achou que a gestão da sua correspondência não o satisfazia e exigiu uma reorganização do serviço, acrescentando uma ordem inquietante, segundo o seu escriba:

— De um dia para o outro, o papa pediu para que deixássemos de responder aos homossexuais. Devíamos arquivar as correspondências imediatamente. Essa decisão causou surpresa e espanto em todos.

E a minha fonte acrescenta:

— Ao contrário do que se pode pensar, este papa não é *gay-friendly*. É tão homofóbico quanto os seus antecessores. (Dois outros padres da Secretaria de Estado confirmam a existência dessa ordem, mas não têm certeza de que tenha vindo do próprio papa; pode ter sido impulsionada por um dos seus colaboradores.)

Segundo as minhas fontes, os *monsignori* da Secretaria de Estado continuam, no entanto, "sendo resistência", segundo a expressão de um deles: quando homossexuais ou os padres gays comunicam, nas suas cartas, a intenção de cometer suicídio, os escribas do papa arranjam um modo de apresentar ao santo padre, para assinatura, uma resposta compreensiva, porém utilizando perífrases sutis. Sem querer, o papa Francisco continua, portanto, enviando cartas misericordiosas aos homossexuais.

4. Buenos Aires

A imagem ficou conhecida pelo nome de "Los tres Jorges". É em preto e branco. O futuro papa, Jorge Bergoglio, à esquerda, vestido de clérigo, está extasiado. À direita, é possível reconhecer Jorge Luis Borges, o maior escritor argentino, cego, com os seus óculos de aros grossos e um ar sério. Entre os dois homens está um jovem seminarista, de colarinho romano, longilíneo, e de uma beleza perturbadora: tenta evitar a máquina fotográfica e baixa os olhos. Estamos em agosto de 1965.

Essa fotografia, descoberta nos últimos anos, suscitou alguns boatos. O jovem seminarista em questão tem hoje mais de oitenta anos, a mesma idade de Francisco: chama-se Jorge González Manent. Mora numa cidade a cerca de trinta quilômetros a oeste da capital argentina, não muito longe do colégio jesuíta onde estudou com o futuro papa. Fizeram juntos, aos 23 anos, os seus primeiros votos religiosos. Amigos próximos durante quase dez anos, percorreram o interior da Argentina e viajaram pela América Latina, especificamente pelo Chile, onde foram estudantes em Valparaíso. Um dos seus notórios compatriotas seguira o mesmo caminho alguns anos antes: Che Guevara.

Em 1965, Jorge Bergoglio e Jorge González Manent, sempre inseparáveis, trabalham em outro estabelecimento, o colégio da Imaculada Conceição, onde, aos 29 anos, convidam o escritor Borges para participar na sua aula de literatura. A fotografia célebre teria sido tirada depois da aula.

Em 1968-9, o caminho dos dois Jorges se separa: Bergoglio é ordenado padre e González Manent deixa a Companhia de Jesus. Despadrado antes de

ser padre! "Quando iniciei a teologia, vi o sacerdócio de muito perto e me senti pouco à vontade. [E,] quando saí, disse à minha mãe que preferia ser um bom leigo em vez de um padre ruim", dirá Jorge González Manent. Ao contrário do que os rumores dão a entender, González Manent não parece ter abandonado o sacerdócio por causa da sua orientação; de fato, ele sai para se casar com uma mulher. Recentemente, escreveu suas lembranças íntimas ao lado do papa numa pequena obra intitulada *Yo y Bergoglio: Jesuitas en formación*. Esse livro contém um segredo?

Estranhamente, a obra foi retirada das livrarias e ficou indisponível, inclusive na loja da editora que a publicou e na qual — verifiquei o site — aparece a menção "retirada a pedido do autor". *Yo y Bergoglio* também não foi depositado pelo editor, como é obrigação legal, na Biblioteca Nacional da Argentina, onde procurei. Mistério!

Os rumores sobre o papa não são raros. Alguns são verdadeiros: o papa trabalhou de fato numa fábrica de meias; também foi segurança numa casa noturna. Em compensação, determinadas fofocas destiladas pelos seus adversários são falsas, como a sua pretensa doença e o fato de que lhe "faltaria um pulmão" (na verdade, uma pequena parte do direito foi retirada, apenas).

A uma hora de estrada a oeste de Buenos Aires fica o seminário jesuíta Colégio Máximo de San Miguel. Lá, encontro com o padre e teólogo Juan Carlos Scannone, um dos amigos mais próximos do papa. Quem me acompanha é Andrés Herrera, o meu principal pesquisador na América Latina, que organizou o encontro.

Scannone, que nos recebe numa salinha, tem mais de 86 anos, mas se lembra perfeitamente dos seus anos com Bergoglio e Manent. Em compensação, esqueceu por completo a fotografia dos três Jorges e o livro desaparecido.

— Jorge viveu aqui dezessete anos, primeiro como estudante de filosofia e teologia, depois como provincial dos jesuítas e, finalmente, como reitor do colégio — conta Scannone.

O teólogo é direto, sincero, e nenhuma pergunta o assusta. Lembramos muito claramente a homossexualidade de vários prelados argentinos influentes, com os quais Bergoglio esteve em conflito aberto, e Scannone confirma ou nega os nomes. Quanto ao casamento gay, é igualmente claro:

— Penso que Jorge [Bergoglio] gostaria de dar direitos aos casais homossexuais, essa seria mesmo sua ideia. Mas não seria favorável ao casamento, por causa do sacramento. A Cúria Romana, em compensação, seria hostil à união civil: o cardeal Sodano é particularmente rígido. E o núncio que estava na Argentina também era muito hostil à união civil. (O núncio é Adriano Bernardini, companheiro de estrada de Angelo Sodano, que teve relações desagradáveis com Bergoglio.)

Evocamos a matriz intelectual e psicológica de Francisco, na qual o seu passado jesuíta e o seu histórico de filho de imigrantes italianos têm lugar de destaque. A ideia preconcebida de que "os argentinos são, em geral, italianos que falam espanhol" não é falsa no seu caso!

Quanto à questão da "teologia da libertação", Scannone repete um pouco de forma automática o que escreveu em várias obras:

— O papa sempre foi favorável ao que chamamos de opção preferencial pelos pobres. Não repudia, portanto, a Teologia da Libertação enquanto tal, mas é contra a sua matriz marxista e contra toda a utilização da violência. Privilegiou aquilo a que chamamos aqui, na Argentina, uma "teologia do povo".

A Teologia da Libertação é uma corrente de pensamento importante da Igreja católica, sobretudo na América Latina, e, como veremos, um ponto essencial para este livro. Vou descrevê-la porque é central na grande batalha

entre os clãs homossexuais do Vaticano sob João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Essa ideologia pós-marxista defende, radicalizando-a, a figura de Cristo: milita por uma Igreja dos pobres, dos excluídos e da solidariedade. Popularizada a partir da Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, na Colômbia, em 1968, só encontrou o seu nome mais tarde, sob a pena do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, que se pergunta incansavelmente como dizer aos pobres que Deus os ama.

Durante a década de 1970, essa corrente de pensamento composto, que se apoia em pensadores e num corpo de textos heterogêneos, difunde-se pela América Latina. Apesar das divergências, os teólogos da libertação compartilham a ideia de que as causas da pobreza e da miséria são econômicas e sociais (deixando de lado os fatores raciais, de identidade ou de gênero). Militam igualmente por uma "opção preferencial pelos pobres", em vez da linguagem clássica da Igreja sobre a caridade e a compaixão: os teólogos da libertação já não veem os pobres como "indivíduos" a serem ajudados, mas sim como "atores" que dominam a própria história e a sua libertação. Para concluir, esse movimento é de essência comunitária: parte do terreno e da base, especificamente das comunidades eclesiásticas, das pastorais populares e das favelas, e, com isso, rompe tanto com uma visão "eurocêntrica" quanto com o centralismo da Cúria Romana.

— Originalmente, a Teologia da Libertação vem das ruas, das favelas, das comunidades de base. Não foi criada nas universidades, mas sim no cerne das comunidades eclesiásticas de base, as célebres CEBs. Teólogos como Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff sistematizaram, em seguida, essas ideias: para começar, o fato de o pecado não ser uma questão pessoal, mas sim social. Em suma, devemos nos interessar menos pela masturbação individual e mais pela exploração das massas! Depois, essa teologia se alimenta do exemplo de Jesus

Cristo, que pega os pobres como modelo da sua ação — explica, durante um encontro no Rio de Janeiro, o dominicano brasileiro Frei Betto, uma das principais figuras dessa corrente de pensamento.

Alguns teólogos da libertação serão comunistas, guevaristas, próximos das guerrilhas da América Latina ou até simpatizantes do castrismo. Outros vão evoluir, após a queda do muro de Berlim, levando em conta a defesa do meio ambiente, as questões de identidade indígena, das mulheres ou dos negros na América Latina, e se abrindo às questões de "gênero". Na década de 1990, os teólogos mais célebres, Leonardo Boff e Gustavo Gutiérrez, começarão a se interessar pelas questões de identidade sexual e de gênero, ao contrário das posições oficiais dos papas João Paulo II e Bento XVI.

Jorge Bergoglio esteve próximo da Teologia da Libertação? Essa pergunta suscitou intensas discussões, ainda mais porque a santa sé lançou, a partir da década de 1980, uma violenta campanha contra essa corrente de pensamento e silenciou vários dos seus pensadores. No Vaticano, o passado "libertacionista" de Francisco, além da sua ligação a esses pastores turbulentos, é sublinhado pelos seus inimigos e relativizado pelos seus próximos. Num livro encomendado e de publicidade, *Francesco, Il Papa Americano*, duas jornalistas do *L'Osservatore Romano* negam com convicção qualquer proximidade do papa a essa corrente de pensamento.

Os próximos de Francisco que interroguei na Argentina são menos categóricos. Sabem bem que os jesuítas em geral, e que Francisco em particular, foram influenciados pelas ideias de esquerda.

— Distingui quatro correntes da Teologia da Libertação, e uma delas, a Teologia do Povo, é a que melhor reflete o pensamento de Jorge Bergoglio. Não utiliza a categoria da luta de classes extraída do marxismo e recusa claramente a violência — explica Juan Carlos Scannone.

Esse amigo do papa insiste, no entanto, no fato de Francisco ter tido na Argentina, e manter ainda hoje em Roma, um bom relacionamento com os dois principais teólogos da "libertação", Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff, ambos penalizados por Joseph Ratzinger.

Para apurar melhor o assunto, vou ao Uruguai, atravessando de barco o rio da Prata — uma travessia de três horas saindo de Buenos Aires e em que um dos navios tem o nome *Francisco*. Em Montevidéu, me encontro com o cardeal Daniel Sturla, um prelado jovem, caloroso e simpático, que encarna a linha moderna da Igreja do papa Francisco. Sturla nos recebe, eu e Andrés, com uma camisa preta de manga curta, e reparo que ele traz um relógio Swatch no pulso, contrastando com os relógios de luxo de tantos cardeais italianos. A conversa, que deveria durar cerca de vinte minutos, prolonga-se por mais de uma hora.

— O papa se inscreve naquilo a que chamamos de *teología del pueblo*. É uma teologia das pessoas, dos pobres — diz Sturla, enquanto toma um gole do seu chimarrão.

Tal como Che Guevara, que dividia o mate com os seus soldados, Sturla insiste para eu provar essa bebida tradicional amarga e estimulante, na cuia, me fazendo sugar pela bombilla.

A questão da violência constitui de fato, aos olhos do cardeal Sturla, a diferença fundamental entre "Teologia da Libertação" e "Teologia do Povo". Segundo ele, era realmente legítimo que a Igreja repudiasse os padres guevaristas que pegavam em armas e se juntavam às guerrilhas da América Latina.

Em Buenos Aires, o pastor luterano Lisandro Orlov, no entanto, relativiza essas sutilezas:

— A Teologia da Libertação e a Teologia do Povo são parecidas. Eu diria que a segunda é a versão argentina da primeira. Continua sendo muito

populista, digamos, peronista. É muito típica de Bergoglio, que nunca foi de esquerda, mas foi peronista!

Por fim, entrevistei Marcelo Figueroa, um protestante que por vários anos apresentou com Bergoglio um programa de televisão famoso sobre tolerância inter-religiosa. No distinto Café Tortoni, em Buenos Aires, ele comenta:

— Podemos dizer que Bergoglio é de esquerda apesar de, na Teologia, ser bastante conservador. Peronista? Acho que não. Também não é verdadeiramente um teólogo da libertação. Um guevarista? Ele poderia se identificar com as ideias de Che Guevara, mas não com a prática. Não podemos atribuir esses rótulos a ele. Ele é sobretudo jesuíta.

Figueroa foi o primeiro a ousar uma comparação com Che Guevara; depois, outros padres argentinos que entrevistei também se aproximam dessa imagem. É interessante. Não se trata, é claro, da imagem do Che Guevara marcial e criminoso de Havana, do *compañero* revolucionário sectário que tem as mãos manchadas de sangue, nem do guerrilheiro doutrinado da Bolívia. A violência teórica e prática de Che não tem a ver com Francisco. Mas o então futuro papa não foi indiferente a essa "poesia do povo", e o mito de Che o fascinou, como fascinou tantos argentinos e jovens revoltados do mundo todo (Bergoglio tinha 23 anos na época da Revolução Cubana). Aliás, como é que ele não teria sido seduzido por esse compatriota: o jovem médico de Buenos Aires que deixa o seu país de moto ao encontro das "periferias" da América Latina; aquele que descobre *on the road* a pobreza, a miséria, os assalariados explorados, os índios e todos os "condenados da terra"? Eis o que agrada ao papa: o "primeiro" Guevara, ainda compassivo, generoso e pouco ideológico, a revolta à flor da pele e o ascetismo social, aquele que repudia os privilégios e, sempre de livro na mão, recita poemas. Se o pensamento de Francisco pende, de certa forma, para o guevarismo (e não para o castrismo nem para o

marxismo), é menos pelo seu catecismo leninista do que pelo seu romantismo ingênuo e essa lenda desconectada de toda a realidade.

O que vemos: estamos longe da imagem que a extrema direita católica tenta atribuir a Francisco, a de um "papa comunista" ou "marxista", como me disseram sem rodeios, em Roma, vários bispos e núncios, que o criticam por ter levado à Itália refugiados muçulmanos (e não cristãos) da ilha de Lesbos; por ter tomado o partido dos sem-teto; pelo desejo de vender igrejas para ajudar os pobres; e, claro, por ter proferido palavras *gay-friendly*. Essas críticas são testemunho de uma pauta política, e não de um posicionamento católico.

Francisco comunista? Essas palavras fazem algum sentido? Figueroa se espanta com a má-fé da oposição a Bergoglio, que parece, com os seus cardeais de extrema direita, os Raymond Burke e outros Robert Sarah, um verdadeiro movimento Tea Party!

Antes dos romanos, os principais inimigos do papa Francisco eram os argentinos. É interessante voltar à fonte da oposição a Bergoglio, pois é reveladora para o nosso tema. Vamos nos deter aqui em três figuras importantes no contexto tão particular da ditadura argentina: o núncio Pio Laghi, o arcebispo de La Plata Héctor Aguer e o futuro cardeal Leonardo Sandri.

O primeiro, núncio em Buenos Aires entre 1974 e 1980, só entrou em conflito com Jorge Bergoglio muito mais tarde, quando virou cardeal e dirigiu a Congregação para a Educação Católica no Vaticano. Durante os seus anos na Argentina se mostrou, porém, próximo das juntas militares, responsáveis por pelo menos 15 mil fuzilados, 30 mil desaparecidos e 1 milhão de exilados. Faz muito tempo que a atitude de Pio Laghi suscita críticas, sobretudo porque o núncio gostava de jogar tênis com um dos ditadores. Várias pessoas que

entrevistei, como o teólogo e amigo do papa Juan Carlos Scannone ou o ex-embaixador da Argentina no Vaticano Eduardo Valdés, relativizam, no entanto, essa amizade e a colaboração do cardeal italiano com a ditadura.

Durante uma conversa em Roma, o arcebispo Claudio Maria Celli, que foi adjunto de Pio Laghi na Argentina, no final da década de 1980, conta:

— É verdade que Laghi dialogava com Videla [um dos ditadores], mas era uma política mais sutil do que dizem hoje em dia. Ele tentava desviar da sua linha.

Os arquivos tornados públicos pelo governo americano e vários testemunhos que recolhi em Buenos Aires e em Roma mostram, ao contrário, que Pio Laghi foi cúmplice dos militares, informante da CIA e homossexual enrustido. Em compensação, e sem surpresa, os arquivos do Vaticano, também em parte tornados públicos, tendem a inocentá-lo.

O que se sobressai da leitura de 4600 notas e documentos secretos da CIA e do Departamento de Estado divulgados, que pudemos consultar minuciosamente, é, antes de tudo, a proximidade do núncio com a Embaixada dos Estados Unidos. Numa série de memorandos de 1975 e 1976, que estão em meu poder, Laghi conta tudo ao embaixador americano e aos seus colaboradores. Diante deles, defende repetidas vezes a causa dos ditadores Videla e Viola, que seriam "homens de bem" com a intenção de "corrigir os abusos" da ditadura. O núncio inocenta os militares pelos seus crimes, pois a violência vem tanto do governo, diz, quanto da oposição "marxista". Nega também, diante dos agentes americanos, que os padres possam ser perseguidos na Argentina. (Pelo menos uma dezena deles foi assassinada.)

Segundo as minhas fontes, a homossexualidade de Pio Laghi poderia explicar as suas posições e o fato de ter desempenhado um papel próximo à ditadura — um modelo que voltaremos a encontrar com frequência. Não que isso criasse nele uma predisposição para colaborar; mas, ao torná-lo vulnerável

aos olhos dos militares, que conheciam a sua orientação, pode tê-lo silenciado. No entanto, Laghi foi além: escolheu participar ativamente da máfia gay fascista que cercava o regime.

— Pio Laghi era um aliado da ditadura — afirma Lisandro Orlov, pastor luterano e um dos maiores entendidos da Igreja católica argentina, um verdadeiro opositor da ditadura militar, a quem entrevisto várias vezes na sua casa, em Buenos Aires, e depois em Paris.

Uma das Mães da Praça de Maio, que representam as célebres mães das vítimas e que organizam as suas manifestações públicas todas as quintas-feiras, às 15h30, na praça de Maio, em Buenos Aires — pude ver um dos protestos —, também testemunhou perante a Justiça contra Laghi.

Por fim, vários jornalistas investigativos com que me encontrei pesquisam atualmente os laços entre Laghi e a ditadura, bem como a vida dupla do núncio. Eles falam sobretudo dos seus *taxi boys*, um eufemismo argentino para os acompanhantes pagos. Novas revelações deverão vir à tona nos próximos anos.

Héctor Aguer e Leonardo Sandri ainda eram, sob a ditadura, jovens padres argentinos; influentes, é certo, mas sem grande responsabilidade. O primeiro virá a ser arcebispo de La Plata bem mais tarde; o segundo, futuro núncio e cardeal, será nomeado "substituto" do Vaticano em 2000, ou seja, ministro do Interior da santa sé e um dos prelados mais influentes da Igreja católica sob João Paulo II e Bento XVI. Ambos foram, por muito tempo, inimigos de Jorge Bergoglio, que, eleito papa, aposentará Aguer na semana seguinte ao seu aniversário de 75 anos e manterá sempre Sandri à distância.

Segundo vários depoimentos, os dois argentinos, que se tornaram amigos, eram "compreensivos" em relação à ditadura. Próximos das correntes mais reacionárias do catolicismo (o Opus Dei para Aguer e, mais tarde, os

Legionários de Cristo para Sandri), ambos foram adversários atrozes da Teologia da Libertação. O lema "Dios y Patria" do regime, mistura de revolução nacional e de fé católica, agradava aos dois.

Héctor Aguer é considerado pela imprensa um "ultraconservador", um "fascista de direita" [*la derecha fascista*], um "cruzado", um "cúmplice da ditadura" ou, ainda, um "fundamentalista". Apesar da voz afetada — cita de cor, em italiano, trechos de *Madame Butterfly*, quando nos encontramos com ele —, também tem fama de ser um homofóbico excessivo. Reconhece, aliás, ter sido a vanguarda da luta contra o casamento gay na Argentina. Embora desminta qualquer proximidade ideológica da ditadura, mostra-se rancoroso em relação à Teologia da Libertação, "que sempre carregou o vírus marxista no íntimo".

— Aguer é a extrema direita da Igreja argentina — explica Miriam Lewin, uma jornalista argentina do Channel 13, que esteve presa durante a ditadura. (Não consegui encontrar Aguer nas minhas viagens a Buenos Aires, mas meu pesquisador na Argentina e no Chile, Andrés Herrera, entrevistou-o na sua casa de veraneio em Tandil, uma cidade a 360 quilômetros de Buenos Aires. Aguer estava passando férias na companhia de trinta seminaristas, e Andrés foi convidado para almoçar com o velho arcebispo rodeado por *muchachos*, como são, e vários deles pareciam "reproduzir todos os estereótipos da homossexualidade".)

Quanto a Sandri, que pude entrevistar em Roma, e de quem teremos a chance de voltar a falar quando ele se tornar indispensável no Vaticano, já aparece, naquela época, na ultradireita do xadrez político católico. Amigo do núncio Pio Laghi e inimigo de Jorge Bergoglio, a sua falha ao não condenar a ditadura foi ofensiva, e as suas amizades masculinas muito próximas e a sua dureza intensificam os boatos sobre o seu comportamento. Segundo o testemunho de um jesuíta que estudou com ele, a sua juventude foi

tempestuosa e a sua "tendência para causar problemas" era conhecida desde a época do seminário. Ainda adolescente, "nos surpreendia pela vontade de seduzir intelectualmente seus superiores, repassando a eles todos os boatos que corriam sobre os seminaristas", conta a minha fonte.

Várias outras pessoas, como o teólogo Juan Carlos Scannone ou o especialista em estudos bíblicos Lisandro Orlov, descrevem os anos argentinos de Sandri e fornecem informações em primeira mão. Os depoimentos batem. Devido à sua imagem inconformista, os boatos obrigarão Sandri a abandonar a Argentina após o fim da ditadura? Ao se sentir fragilizado, afastou-se? É uma hipótese. Acontece que, por ter se tornado o homem de confiança de Juan Carlos Aramburu, o arcebispo de Buenos Aires, Sandri foi enviado para Roma para se tornar diplomata. Nunca mais voltará a viver no seu país. Designado para trabalhar em Madagascar e depois nos Estados Unidos, onde se torna adjunto de Pio Laghi, em Washington, e convive com os ultraconservadores da extrema direita cristã americana, será nomeado, em seguida, núncio apostólico na Venezuela e, depois, no México — onde as fofocas sobre a sua mundanidade e extremismo o perseguem, segundo diversos depoimentos que recolhi em Caracas e no México. Em 2000, se instala em Roma, onde se torna ministro do Interior de João Paulo II. (Na sua *Testimonianza*, o arcebispo Viganò levantará a suspeita, sem apresentar provas, de que Sandri deu cobertura a abusos sexuais no exercício das suas funções, na Venezuela e em Roma, e de que "esteve disposto a fazer vista grossa".)

Nesse contexto geral, a atitude de Jorge Bergoglio sob a ditadura parece mais corajosa do que foi dito. Em comparação a Pio Laghi, Héctor Aguer, Leonardo Sandri e um episcopado cuja prudência beirava a conivência, e com muitos padres que se envolveram no jogo do fascismo, o então futuro papa

deu provas de um espírito de resistência inegável. Não foi um herói, é certo, mas não colaborou com o regime.

O advogado Eduardo Valdés, que foi embaixador da Argentina junto da santa sé na década de 2010 e era próximo da então presidente Cristina Kirchner, nos recebe com Andrés no seu café privado "peronista", no centro de Buenos Aires. O homem é loquaz; ainda bem que eu o deixo falar diante de um gravador bem visível. Ele resume o que julga ser a ideologia de Francisco (uma Teologia da Libertação com molho argentino e peronista) e conta das cumplicidades eclesiásticas da junta militar. Também falamos do núncio Pio Laghi, do arcebispo de La Plata, Héctor Aguer, do cardeal Leonardo Sandri e de vários outros prelados que foram adversários notórios do cardeal Bergoglio. O embaixador relembra, agora sem cautela, entre grandes gargalhadas peronistas, o modo de vida desavergonhado e os desvarios de certos bispos da Conferência Episcopal Argentina e dos seus próximos. A julgar por ele, esse clero contaria com inúmeros rígidos que, na verdade, levam uma vida dupla. (Essas informações são confirmadas por outros bispos e padres com quem me encontro em Buenos Aires e pelo ativista LGBT Marcelo Ferreyra, que possui dossiês bastante completos, constituídos com os seus advogados, sobre os prelados mais homofóbicos e mais dentro no armário da Argentina.)

Descobrirei em breve comportamentos semelhantes no Chile, no México, na Colômbia, no Peru, em Cuba e em outros onze países da América Latina onde fiz investigações para este livro. E também descobrirei mais uma regra de *No armário do Vaticano*, agora comprovada, e que o então futuro papa compreendeu durante os seus anos argentinos: *o clero mais homofóbico é com frequência o mais praticante.*

Resta um último ponto que permite explicar as posições do cardeal Bergoglio tornado papa: o debate da união civil (2002-7) e do casamento homoafetivo (2009-10). Contra tudo o que se esperava, a Argentina se tornou efetivamente, em julho de 2010, o primeiro país da América Latina a reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Nessa época muito foi escrito sobre a atitude equivocada do então futuro papa que nunca mostrou clareza sobre o tema enquanto estava em Buenos Aires. Para resumir a sua posição, podemos considerar que Francisco era relativamente moderado em relação à união civil, recusando-se a incitar os bispos a saírem às ruas, mas se opondo com todas as forças ao casamento homossexual. É preciso dizer que as uniões civis se espalharam lentamente pela Argentina, a partir de decisões locais, tornando difícil uma mobilização de grande abrangência, enquanto o casamento, debatido no Parlamento e desejado pela presidente Kirchner, suscitou um debate nacional.

Os detratores de Bergoglio apontam que ele era ambíguo inclusive quanto à união civil, se posicionando ora a favor ora contra, quando a lei foi aprovada em Buenos Aires — mas, de fato, ele pouco falou. Ficamos sujeitos a interpretar o seu silêncio!

— Penso que Jorge [Bergoglio] seria a favor da união civil; para ele era uma lei que fazia eco aos direitos cívicos. Ele teria aceitado a lei se [o Vaticano] não tivesse sido hostil — comenta Marcelo Figueroa.

Eu me encontrei à época com os amigos próximos do futuro papa que enfatizaram a dificuldade de Bergoglio de agir em prol dos direitos dos homossexuais na Argentina por causa de Roma. Particularmente, Bergoglio teria apoiado a proposta de lei como um bom compromisso para evitar o casamento. "Ele estava muito isolado", observaram os seus amigos. Segundo eles, houve uma batalha bastante violenta entre o Vaticano e o papa sobre o

assunto, encorajada localmente por padres duvidosos, o que o levou a renunciar às suas ideias mais liberais.

O homem de destaque na Argentina é justamente o arcebispo de La Plata, Héctor Aguer, um homofóbico visceral que é próximo de Bento XVI, que conta com ele para combater as ideias muito "violentamente moderadas" de Bergoglio. Ansioso por se livrar o mais depressa possível do cardeal de Buenos Aires, dizem que Bento XVI teria prometido nomear Aguer como seu substituto assim que o cardeal atingisse a idade-limite de 75 anos. Ciente do apoio que tinha nas altas esferas, Aguer, habitualmente mais afeminado, entra num confronto machista. Rodeado por seminaristas, o prelado se lança numa violenta campanha contra a união civil e o casamento.

— Os cardeais Sodano e Sandri e, em seguida, Bertone geriam, a partir de Roma, a Argentina, tendo no terreno o arcebispo Héctor Aguer e o núncio Adriano Bernardini, contra Bergoglio — explica Lisandro Orlov. (No dia da eleição de Francisco, Aguer ficará melindrado a ponto de proibir que toquem, como manda a tradição, os sinos do episcopado de La Plata; quanto ao núncio Bernardini, igualmente chocado, ficará doente...)

O então futuro papa não tem, portanto, nenhuma margem de manobra em relação a Roma. As testemunhas confirmam, por exemplo, que todos os nomes de padres propostos pelo cardeal Bergoglio para que fossem nomeados bispos, em geral progressistas, foram reprovados pelo Vaticano — que, no lugar, nomeia candidatos conservadores.

— Héctor Aguer quis fazer uma armadilha a Bergoglio. Radicalizou as posições da Igreja católica sobre o casamento para forçá-lo a sair do seu silêncio. Se quisermos compreender Bergoglio, precisamos ouvir os seus momentos em silêncio sobre a união civil e as suas palavras contra o casamento! — diz ainda Lisandro Orlov.

Esse ponto é confirmado pelo padre Guillermo Marcó, então assistente pessoal e porta-voz do cardeal Bergoglio. Marcó nos recebe, eu e Andrés, no seu escritório, uma antiga nunciatura transformada em capelania universitária, no centro de Buenos Aires:

— Uma vez que o Vaticano era hostil à união civil homoafetiva, Bergoglio devia seguir essa linha enquanto arcebispo. Como porta-voz, recomendei a ele que evitasse o tema e não se expressasse, para não ter que emitir a sua opinião. Afinal, era uma união sem sacramento, não um casamento: para que mencioná-la? Jorge aprovou essa estratégia. Notifiquei as organizações homossexuais de Buenos Aires que não nos expressaríamos sobre o assunto e pedi para não nos envolver nessa batalha; era esse o nosso objetivo — diz Marcó.

Um bom profissional, jovem e simpático, o padre Marcó. Falamos durante um bom tempo diante de um pequeno Nagra (a marca de gravador preferida dos jornalistas profissionais de rádio) bem visível. Lembrando uma batalha clássica, ele explica o eterno conflito entre os padres das cidades e os do campo:

— O cardeal Bergoglio morava em Buenos Aires, numa região urbana, ao contrário de outros bispos que exerciam seu cargo na província ou nas zonas rurais. O contato com a cidade grande faz o cardeal evoluir muito. Ele compreendeu as questões relacionadas às drogas, à prostituição, à homossexualidade. Acabou se tornando um bispo urbano.

Segundo duas fontes diferentes, o cardeal Bergoglio teria se mostrado compreensivo em relação aos padres argentinos que abençoavam uniões homossexuais.

No entanto, em 2009, quando foi lançado o debate sobre o casamento de pessoas do mesmo sexo, a atitude do arcebispo Jorge Bergoglio mudou. Estamos dizendo agora do dia seguinte ao seu fracasso no conclave, quando

não conseguiu convencer seus pares diante de Joseph Ratzinger, que se tornou papa. Será que com isso quer preservar suas chances?

Dessa forma Bergoglio se lança na batalha. Tem palavras muito duras sobre o casamento ("um ataque que visa destruir os planos de Deus") e chega a ponto de convocar os políticos eleitos, como o presidente da Câmara de Buenos Aires, para lhes pregar um sermão. Opõe-se publicamente à presidente da nação, Cristina Kirchner, com quem se envolve numa medição de forças que se transforma num ajuste de contas — e o qual acabará por perder. O então futuro papa tenta também silenciar alguns padres que se expressam a favor do casamento e os castiga; instiga as escolas católicas a saírem às ruas. Essa imagem de dureza contrasta, pelo menos, com a do papa que lançará o seu célebre "quem sou eu para julgar?".

— Bergoglio não é Francisco — resume a frase ácida da jornalista Miriam Lewin.

O pastor luterano argentino Lisandro Orlov acrescenta:

— Isso explica o fato de todo mundo ser antiBergoglio em Buenos Aires! Mesmo que tenhamos passado a ser todos pró-Francisco desde que ele é papa!

Os ativistas homossexuais que combateram Bergoglio na questão do casamento reconhecem, no entanto, que devem levar em conta a situação. É o caso de Osvaldo Bazán, autor de um livro sobre a história da homossexualidade na Argentina — uma obra de referência:

— É preciso recordar que o cardeal Antonio Quarracino, arcebispo de Buenos Aires, queria deportar os homossexuais para uma ilha! Quanto a Héctor Aguer, é tão caricato que é melhor nem falar sobre ele! Bergoglio precisou assumir uma posição perante esse meio visceralmente homofóbico — diz.

O cardeal Bergoglio teria se mostrado também compreensivo quando o bispo Juan Carlos Maccarone, de Santiago del Estero, foi denunciado como homossexual. Esse prelado muito respeitado, próximo da Teologia da Libertação, precisou se afastar do cargo depois que enviaram ao Vaticano e à imprensa uma fita de vídeo que o mostrava com um jovem de 23 anos. Convencido de que se tratava de um ajuste de contas político e de uma chantagem, Bergoglio encarregou o seu porta-voz, Guillermo Marcó, de defender o prelado e de expressar "o seu afeto e a sua compreensão". Em compensação, o papa Bento XVI insistiu que o bispo fosse exonerado. (Em relação a um outro tema: não vou voltar aqui ao caso do padre Julio Grassi, porque extravasa o âmbito deste livro. Segundo diversos veículos de comunicação, o padre argentino suspeito de abusar sexualmente de dezessete menores teria sido protegido pelo cardeal Bergoglio, o qual teria chegado a ponto de pedir à Conferência Episcopal a que presidia para financiar a defesa do perpetrador dos abusos; teria ainda lançado uma contrainvestigação para tentar eximi-lo da culpa. Em 2009, o padre Grassi foi condenado a quinze anos de prisão, uma pena confirmada pelo Supremo Tribunal da Argentina, em 2017.)

Um dos especialistas da religião católica argentina, conselheiro influente do atual governo, resume em certa medida o debate:

— O que querem de Francisco? É um padre peronista de 82 anos. Como querem que, nessa idade, seja moderno e progressista? É mais de esquerda nas questões sociais e mais de direita nas questões morais e de sexualidade. É um pouco ingênuo esperar de um velho peronista que seja progressista!

É, portanto, com base nesse contexto que precisamos situar as posições do cardeal Bergoglio. Segundo um dos seus próximos, foi "conservador em relação ao casamento homoafetivo, mas não homofóbico". E acrescenta, dizendo em voz alta aquilo que todo mundo pensa em silêncio:

— Se Jorge Bergoglio tivesse sido favorável ao casamento gay, nunca teria sido eleito papa.

5. O sínodo

— Houve uma reação.

Lorenzo Baldisseri é um homem dócil e calmo. E, nesse ponto da nossa conversa, o cardeal escolhe as palavras ainda mais lentamente, com extrema prudência. Leva um tempo até dizer sobre o sínodo da família:

— Houve uma reação.

Ouço Baldisseri tocar piano. Também toca devagar, ao contrário de tantos pianistas que correm sem parar. É calmo quando interpreta os compositores que gosta: Vittorio Monti, Erik Satie, Claude Debussy ou Frédéric Chopin. Gosto muito do seu ritmo, em especial nas peças em que se distingue, como a *Danza Española*, de Enrique Granados, ou a *Ave Maria*, de Giulio Caccini.

No seu imenso aposento, no Vaticano, o cardeal mandou instalar o seu piano de meia cauda, que carrega consigo por toda parte desde Miami, onde o comprou quando era núncio no Haiti. É um piano viajante que visitou o Paraguai, a Índia, o Nepal e viveu nove anos no Brasil!

— Toco piano das oito às onze, todas as noites, neste aposento. Não posso passar sem isso. Aqui no Vaticano me chamam o pianista de Deus! — acrescenta em tom divertido.

Um cardeal que toca piano sozinho, à noite, nesse palácio deserto do Vaticano: a imagem me fascina. Baldisseri me dá de presente uma caixa com três CDs seus distribuídos pela Libreria Editrice Vaticana.

— Também faço apresentações. Toquei para o papa Bento XVI na sua casa de veraneio, em Castel Gandolfo. Mas ele é alemão, gosta de Mozart! Eu sou italiano: sou romântico!

Aos 78 anos, o cardeal músico, para preservar sua maneira de tocar e sua destreza, toca todos os dias e em todos os cantos: no escritório, em casa e nas férias.

— Toquei até para o papa Francisco. Foi um desafio. Porque ele não gosta nada de música!

Baldisseri é um dos homens de confiança de Francisco. Após sua eleição, para a qual ele contribuiu como secretário do conclave, o novo papa encarregou o bispo italiano de preparar um sínodo extraordinário sobre a família, em 2014-5, e depois um sobre a juventude, em 2018. E acabou tornando-o cardeal imediatamente, para investi-lo da autoridade necessária.

Um sínodo convocado pelo papa é uma ocasião importante para a Igreja. Reunir os cardeais e inúmeros bispos em assembleia é o momento de debater assuntos estratégicos e de doutrina. A família é um deles, mais sensível do que outros.

Francisco sabia, desde o início, que para aceitarem as suas ideias e para não ser rude com os cardeais rígidos, nomeados em sua maioria por João Paulo II e Bento XVI, precisava ser diplomático. Baldisseri é um núncio, formado na escola dos diplomatas — a grande, a de Casaroli e Silvestrini, e não a mais recente e muito desacreditada hoje em dia, de Sodano e Bertone.

— Trabalhei num espírito de abertura. O nosso modelo era o Concílio Vaticano II: fazer viver o debate, apelar a leigos e intelectuais, inaugurar um novo método, uma nova abordagem. Era, aliás, o estilo de Francisco: um papa da América Latina, aberto, acessível, que se comporta como um simples bispo.

Era suficientemente experiente? Foi imprudente?

— Era novo em folha, é verdade. Aprendi tudo organizando esse primeiro sínodo. Não tínhamos nenhum tabu, nenhuma moderação. Todas as questões

estavam em aberto. Fervilhantes! Estava tudo em pauta: o celibato dos padres, a homossexualidade, a comunhão dos casais divorciados, a ordenação das mulheres... Abrimos todos os debates de uma só vez.

Rodeado por uma pequena equipe sensível, alegre e sorridente, com a qual cruzo às vezes nas instalações do Secretariado do Sínodo — os arcebispos Bruno Forte, Péter Erdö e Fabio Fabene, todos promovidos desde então pelo papa —, Lorenzo Baldisseri construiu uma verdadeira máquina de guerra a serviço de Francisco.

Desde o início, o grupo de Baldisseri trabalha com os cardeais mais abertos e mais *gay-friendly*: o alemão Walter Kasper, líder dos liberais do Vaticano, que foi encarregado de redigir o relatório preparatório, bem como o austríaco Christoph Schönborn e o hondurenho Óscar Maradiaga, amigo pessoal do papa.

— A nossa linha, no fundo, era a de Kasper. Mas o que era igualmente importante era o método. O papa quis abrir as portas e as janelas. Era necessário que o debate ocorresse em todo canto, nas conferências episcopais, nas dioceses, entre os religiosos. O povo de Deus devia escolher — conta Baldisseri.

Esse método é inédito. Foi uma ruptura em relação a João Paulo II, que era o protótipo do controlador obcecado, e a Bento XVI, que se recusava a abrir esse tipo de discussão por princípio e por medo. Ao delegar na base a preparação do sínodo, ao lançar uma ampla consulta em 38 perguntas nos quatro cantos do mundo, Francisco acredita que pode mudar a situação. Quer colocar a Igreja de novo em movimento. Ao fazê-lo, pretende sobretudo contornar a Cúria e os cardeais que ocupam os cargos, os quais, habituados à teocracia absoluta e à infalibilidade papal, perceberam de imediato a armadilha.

— Mudamos os hábitos, é verdade. O que surpreendeu foi o método — explica o cardeal de maneira cautelosa.

O grupo de Baldisseri é acelerado, é fato. Confiante, talvez temerário, Walter Kasper revela publicamente, antes mesmo do sínodo, que as "uniões homossexuais, se forem vividas de maneira estável e responsável, são respeitáveis". Respeitáveis? Essa palavra por si só já constitui uma revelação.

A partir dessa imensa consulta em campo, o secretário do sínodo prepara um texto preliminar que os cardeais discutirão em seguida.

— O apelo ao debate foi ouvido. As respostas chegaram em massa, de todos os cantos, em todas as línguas. As conferências episcopais responderam; os peritos responderam; muitos indivíduos também responderam— diz Baldisseri animado.

Cerca de quinze padres são mobilizados em caráter de urgência para ler todas essas notas, essas cartas que chegam aos milhares, uma enxurrada inesperada, uma onda sem precedentes. É preciso tratar também das respostas provenientes das 114 conferências episcopais e de cerca de oitocentas associações católicas, em inúmeros idiomas. Em paralelo, vários escribas (entre os quais pelo menos um homossexual que conheci) são mobilizados para escrever os primeiros esboços de um texto que virá a ser, um ano depois, a célebre exortação apostólica: *Amoris laetitia*.

Uma frase é acrescentada deliberadamente nesse rascunho: "Os homossexuais têm dons e qualidades para oferecer à comunidade cristã". Outra é uma referência explícita à aids: "Sem negarmos as problemáticas morais ligadas à união entre pessoas do mesmo sexo, notamos que há casos em que o apoio mútuo até o sacrifício constitui uma ajuda preciosa para a vida dos parceiros".

— Francisco vinha aqui todas as semanas — conta Baldisseri. — Presidia pessoalmente as sessões em que debatíamos as propostas.

Por que Francisco decidiu abordar as questões de família e de moral sexual? Sobre esse ponto, interroguei, além do cardeal Baldisseri e de alguns dos seus colaboradores, dezenas de cardeais, bispos e núncios, em Roma e em trinta países, rivais ou adeptos de Francisco, partidários do sínodo ou refratários: essas conversas me permitem apresentar o plano secreto do papa e a batalha inimaginável que, em breve, vai se travar entre duas facções homossexualizadas da Igreja.

Desde o início do seu pontificado, o papa adverte a Cúria, tanto em relação aos assuntos financeiros quanto aos sexuais: "Somos todos pecadores, mas não somos todos corrompidos. Os pecadores devem ser aceitos, mas os corrompidos não". Ele pretende denunciar as vidas duplas e prega tolerância zero.

Acima de tudo Francisco detesta, mais ainda do que aos tradicionalistas e conservadores, como vimos, os rígidos hipócritas. Por que continuar a se opor ao sacramento para divorciados que voltam a se casar quando tantos são os padres na América Latina e na África que vivem em concubinato com mulheres? Por que continuar odiando os homossexuais quando são predominantes entre os cardeais e à sua volta no Vaticano? Como reformar a Cúria, atolada na negação e na mentira, quando um número insano de cardeais e a maioria dos secretários de Estado, desde 1980, praticam uma vida incompatível (três em quatro, segundo informações)? Se já está na hora de arrumar a casa, como se costuma dizer, por onde começar quando a Igreja está à beira do abismo graças à sua obsolescência programada?

Quando Francisco ouve os seus adversários, esses cardeais rígidos que encadeiam os discursos conservadores e homofóbicos e que publicam textos contra o seu liberalismo sexual — pessoas como Raymond Burke, Carlo Caffarra, Joachim Meisner, Gerhard Ludwig Müller, Walter Brandmüller, Mauro Piacenza, Velasio De Paolis, Tarcisio Bertone, George Pell, Angelo

Bagnasco, Antonio Cañizares, Kurt Koch, Paul Josef Cordes, Willem Eijk, Joseph Levada, Marc Ouellet, Antonio Rouco Varela, Juan Luis Cipriani, Juan Sandoval Íñiguez, Norberto Rivera, Javier Errázuriz, Angelo Scola, Camillo Ruini, Robert Sarah e tantos outros —, não tem como deixar de ficar estupefato. Como ousam? Pensa o santo padre que está bem informado pelos seus próximos acerca dessa inacreditável paróquia.

Francisco está exasperado, sobretudo, com os milhares de casos de abusos sexuais — na verdade, dezenas de milhares — que infectam a Igreja católica em todo o mundo. Todas as semanas novas queixas são apresentadas, bispos são acusados ou incriminados, padres são condenados e escândalos se sucedem a escândalos. Em mais de 80% das situações, esses casos estão relacionados a abusos homossexuais — muito raramente heterossexuais.

Na América Latina, os episcopados estão profundamente comprometidos e são suspeitos de terem muitas vezes minimizado os fatos, tanto no México (Norberto Rivera e Juan Sandoval Íñiguez) quanto no Peru (Juan Luis Cipriani). No Chile, o escândalo é tamanho que todos os bispos do país precisam renunciar, embora a maioria dos núncios e prelados, começando pelos cardeais Javier Errázuriz e Ricardo Ezzati, corra esse risco por ignorar as declarações de abuso sexual. De todos os lados, a Igreja é fortemente criticada, ao mais alto nível, pela forma como trata do abuso sexual: na Áustria (Hans Hermann Groër), na Escócia e na Irlanda (Keith O'Brien, Sean Brady), na França (Philippe Barbarin), na Bélgica (Godfried Danneels) e assim sucessivamente, nos Estados Unidos, na Alemanha etc. Na Austrália, o próprio ministro da Economia do Vaticano, George Pell, foi acusado e em seguida condenado em Melbourne. Dezenas de cardeais têm o nome denunciado pela imprensa ou são convocados pela justiça por terem acobertado, pela inércia ou pela hipocrisia, os delitos cometidos por padres, quando não são eles mesmos acusados de tais atos. Na Itália, os casos desse

tipo também se multiplicam, implicando dezenas de bispos e vários cardeais, apesar de a imprensa da península ter ainda, estranhamente, uma espécie de contenção para revelá-los. Mas o papa e os que lhe são próximos sabem bem que o dique vai acabar cedendo, inclusive na Itália.

Durante uma conversa informal em Roma, o cardeal Marc Ouellet, prefeito da Congregação para os Bispos, descreve a propagação inimaginável dos processos de abusos sexuais. O homem é perito em ambuiguidade; é um ratzingeriano que parece defender o papa Francisco. No entanto, os números que o quebequense evoca são assustadores. Retrata uma Igreja que está explodindo. Segundo ele, todas as paróquias do mundo, todas as conferências episcopais, todas as dioceses estariam sujas. O quadro que Ouellet traça é aterrador: a Igreja parece um *Titanic* naufragando, enquanto a orquestra continua a tocar. "É irreversível", diz, gelado de pavor, um dos colaboradores gays de Ouellet, a quem também entrevistei. (Num segundo memorando, o monsenhor Viganò denunciará o círculo homossexual próximo de Marc Ouellet.)

Em matéria de abusos sexuais, Francisco já não tem a intenção, como foi durante muito tempo a linha de João Paulo II e dos seus braços direitos, Angelo Sodano e Stanisław Dziwisz, de fechar os olhos, ou como tendia Bento XVI de se mostrar indulgente. Pelo menos é o que afirma publicamente.

A sua análise é, sobretudo, diferente da de Joseph Ratzinger e do seu adjunto, o cardeal Tarcisio Bertone, que faziam dessa questão um problema intrinsecamente homossexual. Segundo os peritos do Vaticano e as revelações de dois dos seus colaboradores próximos, os quais entrevistei, o papa Francisco pensaria, ao contrário, que a raiz dos abusos sexuais se encontraria na "rigidez" de fachada que esconde uma vida dupla e, infelizmente, talvez também no celibato dos padres. O santo padre acharia que os cardeais e os bispos dão cobertura aos abusos sexuais mais por medo do que em apoio aos

pedófilos. Temem que a sua orientação homossexual seja revelada se estourar um escândalo ou se houver um processo. E assim, uma nova regra de *No armário do Vaticano*, a sexta e uma das essenciais deste livro, pode ser formulada nestes termos: *Por trás da maioria dos casos de abusos sexuais estão padres e bispos que protegeram os agressores em virtude da sua própria homossexualidade e por medo de que esta pudesse ser revelada em caso de escândalo. A cultura do segredo, que era necessária para manter o silêncio sobre a forte predominância da homossexualidade na Igreja, permitiu que os abusos sexuais fossem escondidos e que os predadores agissem.*

Por todas essas razões, Francisco compreendeu que os abusos sexuais não são fruto do acaso — e também não são "fofocas do momento", como mencionou o cardeal Angelo Sodano: são a crise mais grave que a instituição enfrenta desde o Grande Cisma. O papa até profetiza que a história apenas começou: na era das redes sociais e do VatiLeaks, no tempo da libertação da palavra e da jurisdição das sociedades modernas — sem falar do efeito *Spotlight* —, a Igreja é uma Torre de Pisa que ameaça desmoronar. É preciso reconstruir tudo, mudar tudo; ou correr o risco de ver desaparecer uma religião. Eis a filosofia subjacente ao sínodo de 2014.

Assim, Francisco escolhe falar. Começa a denunciar — e que regularidade! —, durante as missas matinais de Santa Marta, as coletivas improvisadas no avião ou por ocasião de encontros simbólicos, a hipocrisia das "vidas ocultas e muitas vezes dissolutas" dos membros da cúria romana.

Já evocou as quinze "doenças curiais": sem mencionar nomes, apontou o dedo aos cardeais e bispos romanos que estão com "Alzheimer espiritual"; criticou a "esquizofrenia existencial", a "difamação", a "corrupção" e o estilo de vida desses "bispos de aeroportos". Pela primeira vez na história da Igreja, as críticas não provêm dos inimigos do catolicismo, dos panfletários voltairianos

e outros catolicofóbicos: emanam do santo padre em pessoa. É sobre isso que é preciso compreender todo o alcance da "revolução" de Francisco.

O papa também quer agir. Quer "derrubar o muro", segundo a expressão de um dos seus colaboradores. E vai fazê-lo mediante os símbolos, os atos e as graças ao instrumento do conclave. Começa riscando, de uma só penada, da lista de futuros cardeais todos os arcebispos, núncios e bispos comprometidos sob João Paulo II e Bento XVI. O palácio de Castel Gandolfo, a casa de veraneio do papa, onde se falou que aconteciam festas animadas na época de João Paulo II, será aberto aos turistas e, no longo prazo, vendido.

Quanto à questão homossexual, inicia um longo trabalho pedagógico. Trata-se aqui de distinguir, de uma forma nova e fundamental para a Igreja, por um lado, os crimes — a pedofilia, os abusos ou as agressões a menores de quinze anos, bem como os atos sem consentimento ou no âmbito de uma situação de autoridade (catecismo, confissão, seminários etc.) —; e, por outro, as práticas homossexuais legítimas entre adultos que expressam o seu consentimento. Ele também vira a página do debate sobre o preservativo, enfatizando a "obrigação de tratar".

Mas o que fazer diante da crise vocacional, para não falar das centenas de padres que, todos os anos, pedem para ser reduzidos ao estado laico para conseguirem se casar? Não seria a hora de refletir sobre as apostas futuras, as questões deixadas em suspenso durante muito tempo, e sair da teoria para responder às situações concretas? É esse o sentido do sínodo. Ao fazê-lo, o papa sabe que está pisando em ovos.

— Francisco percebeu bem o obstáculo. Pela sua função, está numa posição de responsabilidade. Governa. Logo, levou o tempo necessário, ouviu todos os pontos de vista — explica o cardeal Lorenzo Baldisseri.

Os textos que chegam dos episcopados são espantosos. Os primeiros, publicados na Alemanha, na Suíça e na Áustria, não têm como fazer a Igreja

mudar de opinião. O catolicismo romano parece desligado da vida real; a doutrina já não tem nenhum sentido para milhões de famílias reconstruídas; os fiéis já não compreendem de modo algum a posição de Roma quanto a contracepção, o preservativo, a união civil, o celibato dos padres e, para uma boa parte, a homossexualidade.

O "cérebro" do sínodo, o cardeal Walter Kasper, que acompanha de perto o debate alemão, se anima por ver as suas ideias validadas em campo. Está muito seguro de si mesmo? O papa confia muito nele? A verdade é que o texto preparatório retoma a linha Kasper e propõe repensar a posição da Igreja em relação aos sacramentos para os divorciados e em relação à homossexualidade. Agora o Vaticano está pronto para reconhecer "qualidades" no concubinato dos jovens, nos divorciados que se casaram de novo e nas uniões civis homossexuais.

Foi então que houve, segundo a expressão de Baldisseri, "uma reação". Assim que publicado, o texto fica imediatamente debaixo do fogo das críticas da ala conservadora do Colégio Cardinalício, encabeçado pelo americano Raymond Burke.

Os tradicionalistas se opõem ferozmente aos documentos distribuídos, e alguns, como o cardeal sul-africano Wilfrid Napier, não hesitam em afirmar que reconhecer as pessoas em "situações irregulares" desembocaria inevitavelmente na legitimação da poligamia. Outros cardeais africanos ou brasileiros alertam o papa, por razões estratégicas, contra todo o abrandamento das posições da Igreja, por causa da concorrência dos movimentos evangélicos protestantes, muito conservadores e em pleno crescimento.

Todos esses prelados se dizem, claro, abertos ao debate e dispostos a acrescentar notas de rodapé e aditivos onde for necessário. Mas o seu mantra secreto não é mais do que a célebre declaração do príncipe de Lampedusa em

O Leopardo, citada tão frequentemente: "Se quisermos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude". Francisco denunciará, aliás, sem citar os nomes, os "corações empedernidos" que "querem que tudo fique como antes".

Discretamente, cinco cardeais ultraconservadores (os suspeitos de costume Raymond Burke, Ludwig Müller, Carlo Caffarra, Walter Brandmüller e Velasio De Paolis) participam justamente numa obra em defesa do casamento tradicional, publicada nos Estados Unidos pela editora católica Ignatius. A intenção deles é distribuir o livro a todos os participantes do sínodo — antes que Baldisseri mande apreendê-lo! A ala conservadora grita que está sendo alvo de censura! O sínodo já está se transformando numa farsa.

Desde a primeira assembleia, os pontos litigiosos relacionados à comunhão dos divorciados que voltaram a se casar e à homossexualidade são alvo de debates amargos que obrigam o papa a rever o seu texto. Em alguns dias, o documento é alterado, suavizado, e a posição sobre a homossexualidade é exageradamente endurecida. No entanto, mesmo essa nova versão light é rejeitada pelos padres sinodais na votação final.

O ataque ao texto é tão forte, tão duro, que se torna evidente que o próprio papa está sendo atacado através dele. O seu método, o seu estilo, as suas ideias são rejeitados por parte do Colégio Cardinalício. Os mais "rígidos", os mais tradicionais, os mais misóginos se rebelam. Aqueles que têm a "orientação" mais forte? Na verdade, é significativo que essa guerra entre conservadores e liberais se trave às avessas na questão gay. Logo, é necessário ser criativo para decifrá-la. Mais significativo ainda é o fato de muitos dos líderes da revolta antiFrancisco levarem uma vida dupla. Esses homossexuais enrustidos, cheios de contradições e de homofobia reprimida, ficariam revoltados então por ódio de si mesmos ou para evitar que sejam desmascarados? O santo padre está de tal modo exasperado que ataca

precisamente os cardeais no seu calcanhar de Aquiles: a sua vida íntima escondida por trás do seu excesso de conservadorismo.

É o que James Alison, um padre inglês assumidamente gay, muito respeitado pelos seus escritos teológicos sobre o tema, resume com uma declaração mais sutil do que parece, numa das várias ocasiões em que o entrevisto, em Madri:

— É a desforra do armário! É a vingança do armário!

O padre Alison resume, à sua maneira, a situação: os cardeais homossexuais "no armário" desencadearam a guerra contra Francisco, que incentivaria a saída dos gays "do armário"!

Luigi Gioia, um monge beneditino italiano, um dos responsáveis pela universidade dos beneditinos Sant'Anselmo em Roma, fez outra leitura do que ocorreu em Roma:

— Para um homossexual, a Igreja aparece como uma estrutura estável. É uma das razões que explicam, na minha opinião, o fato de inúmeros homossexuais terem escolhido o sacerdócio. Bom, quando alguém precisa se esconder, há também a necessidade, para se sentir em segurança, de que o seu ambiente não se altere. Quer que a estrutura que serve de refúgio seja estável e amparadora; e, depois, a pessoa poderá circular livremente dentro dela. Então, Francisco, ao querer reformar esse ambiente, acabou tornando a estrutura instável para os padres homossexuais que estão no armário. É isso que explica a violenta reação e o ódio contra ele. Eles têm medo.

Principal arquiteto e testemunha do sínodo, o cardeal Baldisseri resume do seu ponto de vista, e mais imparcialmente, a situação depois da batalha:

— Houve consenso quanto a tudo. Menos em relação aos três pontos sensíveis.

Na realidade, uma maioria "liberal" surgiu do sínodo, mas o quórum necessário para a aprovação dos artigos controversos, que exige dois terços

dos votos, não foi atingido. Portanto, três parágrafos de 62 foram rejeitados — os mais emblemáticos. O papa não teve quórum. O projeto revolucionário de Francisco sobre a família e a homossexualidade virou passado.

Francisco perdeu uma batalha, mas não a guerra. Dizer que ficou descontente com a sua derrota no sínodo é um eufemismo. Esse homem autoritário, mas franco, fica ofendido com o bloqueio dos cardeais conservadores da Cúria. A hipocrisia, o jogo duplo, a ingratidão revoltam o papa. Essas manobras de bastidores, esse complô, esse método expressamente contrário às leis da Cúria são demais. Aos seus colaboradores, Francisco afirma, em particular, que não pretende ceder. Vai lutar e reagir ao ataque.

— É um teimoso. Um teimoso obstinado — diz um monsenhor que o conhece bem.

Em vários momentos veremos a reação do sumo pontífice. Para começar, pode preparar o segundo sínodo, previsto para o ano seguinte, o que dá tempo para ele se organizar. Em seguida, decide realizar uma campanha de grande dimensão em prol das suas propostas, a partir do fim de 2014, para vencer a batalha das ideias. Quer transformar uma derrota em vitória.

Essa guerra será, em grande parte, secreta, ao contrário da anterior, que se queria participativa e consultiva. Surpreendido pela armadilha da democratização, Francisco decide mostrar à oposição que é um monarca absoluto numa teocracia cesarista!

— Francisco é rancoroso. É vingativo. É autoritário. É um jesuíta: nunca quer perder! — resume um núncio inimigo.

Francisco dispõe de três alavancas eficazes para reagir. No curto prazo, pode tentar promover um debate mais moderno por todo o mundo, por meio de uma ação com os episcopados e a opinião pública católica — é a nova missão que delega a Baldisseri e equipe. No médio prazo, pode castigar os

cardeais que o humilharam, começando por Gerhard Ludwig Müller, o responsável pela doutrina da Igreja. No longo prazo, pode alterar a composição do Colégio Cardinalício, colocando bispos favoráveis às suas reformas e, considerando o limite de idade, afastando natural e gradualmente a sua oposição — é a arma suprema, aquela que só o sumo pontífice pode usar.

Astuto e assumindo o comando, Francisco vai passar à ofensiva utilizando as três técnicas ao mesmo tempo com uma velocidade e, dizem os seus adversários, com uma veemência extraordinárias.

O trabalho de "preparação" do segundo sínodo, previsto para outubro de 2015, é lançado. Na verdade, é uma verdadeira máquina de guerra que se põe em movimento em cinco continentes. É Henrique V na véspera da Batalha de Azincourt. Francisco tem um reino como teatro: "Não somos um tirano, mas um rei cristão. A nossa cólera está submetida à nossa delicadeza". Há delicadeza; mas há ainda mais cólera.

Acompanhei essa ofensiva em inúmeros países, onde pude medir até que ponto os episcopados se dividiram em dois campos irreconciliáveis, como foi, por exemplo, na Argentina, no Uruguai, no Brasil e nos Estados Unidos. Em campo, a batalha causa estragos.

Primeiro na Argentina: lá, na sua base de retaguarda, o papa mobiliza os amigos. O teólogo Víctor Manuel Fernández, íntimo de Francisco e um dos seus escribas, recentemente promovido a bispo, deixa subitamente de lado sua reserva. Numa longa entrevista ao *Corriere della Sera* (maio de 2015), ataca com ferocidade a ala conservadora da Cúria e, implicitamente, o cardeal Müller: "O papa avança devagar porque quer ter certeza de que não se precisará mudar de opinião. Visa reformas irreversíveis... Não está sozinho, de modo algum. As pessoas [os fiéis] estão com ele. Os seus adversários são mais fracos do que pensam... Aliás, é impossível um papa agradar a todos. Bento

XVI agradava a todos?". Essa é uma "declaração de guerra" para a ala ratzingeriana da Cúria.

Não muito longe de Buenos Aires, o arcebispo "bergogliano" de Montevidéu, Daniel Sturla, sobe um degrau com igual rapidez, expressando-se sobre a questão homossexual. Chegará a ser de fato publicada, na sequência, uma contribuição sobre a questão gay no sínodo.

— Eu ainda não conhecia o papa Francisco. Fiquei mobilizado espontaneamente porque os tempos mudaram e aqui, em Montevidéu, se tornou impossível não ter compaixão pelos homossexuais. E sabe o que mais? Aqui não existe nenhuma oposição às minhas posições pró-gays. Penso que a sociedade está evoluindo em todo o mundo, o que ajuda a Igreja a avançar sobre a questão. E cada um descobre que a homossexualidade é um fenômeno muito abrangente, inclusive no cerne da Igreja — diz Sturla durante uma longa conversa no seu escritório de Montevidéu. (O papa Francisco nomeou-o cardeal em 2015.)

Outro amigo do santo padre não poupa esforços: o cardeal de Honduras, Óscar Maradiaga. Coordenador do C9, o conselho dos nove cardeais próximos de Francisco, o arcebispo faz viagem após viagem por todas as capitais da América Latina, acumulando milhas no seu cartão Platinum. Em todos os lugares, ele destila o pensamento de Francisco em público, e em privado, a sua estratégia; reúne também apoios, informa o papa sobre a oposição e prepara os planos de batalha. (Em 2017, o arcebispado de Óscar Maradiaga se verá envolvido com corrupção financeira, em que um dos beneficiários seria seu suplente e amigo íntimo: esse bispo auxiliar também foi considerado suspeito pela imprensa de "graves desvios de conduta e relações homossexuais" e renunciou em 2018. Na sua *Testimonianza*, o monsenhor Viganò também julga Maradiaga duramente por proteger os acusados de abuso

sexual. Até o momento, o processo continua em andamento, e presume-se a inocência dos prelados citados.)

No Brasil, um grande país católico — o mais importante do mundo, com uma comunidade estimada em 135 milhões de fiéis e uma verdadeira influência no sínodo com os seus dez cardeais —, o papa se apoia nos seus próximos: o cardeal Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo; o cardeal João Braz Aviz, ex-arcebispo de Maringá e atual arcebispo de Brasília; Sérgio da Rocha, que será crucial no sínodo e a quem agradecerá, nomeando-o cardeal pouco depois. Francisco os encarrega de marginalizar a ala conservadora, encarnada por um cardeal antigay, o arcebispo de São Paulo Odilo Scherer, próximo ao papa Bento XVI. A batalha tradicional Hummes-Scherer, que há muito define as relações de força no cerne do episcopado brasileiro, redobra de intensidade nesse momento. Aliás, Francisco castigará Scherer, expulsando-o da Cúria sem aviso prévio, no momento em que eleva Sérgio da Rocha a cardeal.

Uma tensão recorrente que foi resumida por Frei Betto, um célebre dominicano e intelectual brasileiro, próximo do ex-presidente Lula e uma das figuras-chave da teologia da libertação:

— O cardeal Hummes é um cardeal progressista que sempre esteve próximo das causas sociais. É amigo do papa Francisco, que pode contar com ele. O cardeal Scherer, em compensação, é um homem limitado e conservador, que não tem uma única fibra social. É muito tradicional — confirma Betto, durante uma conversa no Rio de Janeiro.

Quando o entrevisto, o cardeal Odilo Scherer me causa uma impressão bem melhor. Afável e um tanto malicioso, me recebe com uma camisa azul-celeste, com uma caneta Montblanc para fora do bolso preto e branco, no seu magnífico escritório do arcebispado de São Paulo. Ali, durante uma bela

conversa, tem o cuidado de minimizar as tensões no íntimo da Igreja brasileira, da qual é o mais alto dignitário:

— Temos um papa, um único: Francisco; não temos dois, apesar de haver um papa emérito. Por vezes, as pessoas não gostam do que Francisco diz e, então, voltam-se para Bento XVI; outras não gostam de Bento e, então, estão com Francisco. Cada papa tem o seu próprio carisma, a sua personalidade. Um papa completa o outro. Juntos, contribuem para uma visão equilibrada da Igreja. Não se deve colocar um papa contra o outro.

Os Estados Unidos são outro país decisivo, que conta com dezessete cardeais, dos quais dez são votantes. Um mundo estranho, além disso, que Francisco mal conhece e onde são numerosos os cardeais rígidos que levam uma vida dupla. Sem a menor confiança no presidente da Conferência Episcopal Americana, o pretenso liberal David DiNardo, um oportunista ratzingeriano que passou a ser pró-Francisco sob Francisco, o papa descobre, atordoado, que tem poucos aliados no país. Eis a razão pela qual decide se apoiar em três bispos *gay-friendly* pouco comuns: Blase Cupich, que acaba de ser nomeado arcebispo de Chicago e que se mostra favorável aos casais homossexuais; o versátil Joseph Tobin, arcebispo de Indianápolis e, hoje em dia, de Newark, onde acolheu homossexuais casados e católicos ativistas LGBTs; e, enfim, Robert McElroy, um padre liberal e pró-gay de San Francisco. Esses três apoios de Francisco nos Estados Unidos vão se entregar incansavelmente ao sínodo, e os dois primeiros serão recompensados com a púrpura, em 2016, enquanto McElroy será nomeado bispo de San Diego durante os debates.

Na Espanha, na França, na Alemanha, na Áustria, na Holanda, na Suíça e na Bélgica, Francisco também procura aliados e se aproxima dos cardeais mais liberais, como o alemão Reinhard Marx, o simpático austríaco Christoph Schönborn e o espanhol Juan José Omella y Omella (a quem nomeará

arcebispo de Barcelona pouco depois e, em seguida, cardeal). É ainda numa entrevista ao jornal alemão *Die Zeit* que o papa lança uma ideia destinada a um belo futuro: a ordenação dos famosos *viri probati*. Em vez de propor a ordenação das mulheres ou o fim do celibato dos seminaristas — *casus belli* para os conservadores —, Francisco pretende ordenar homens católicos casados, de idade madura, como uma resposta à crise das vocações, um freio à homossexualidade na Igreja e uma tentativa de limitar os casos de abusos sexuais.

Ao multiplicar os debates em campo, o papa coloca os conservadores na defensiva. "Encurrala-os", como diz um padre que trabalhou para o sínodo, e mostra que são minoritários no seu próprio país.

Desde 2014 o papa tem sido claro: "Para a maior parte das pessoas, a família [tal como imaginada por João Paulo II no início da década de 1980] já não existe. Há os divórcios, as famílias arco-íris, as famílias monoparentais, o fenômeno da barriga de aluguel, os casais sem filhos, as uniões do mesmo sexo... A doutrina tradicional se manterá, é claro, mas os desafios pastorais exigem respostas contemporâneas, que já não podem derivar do autoritarismo nem do moralismo". (O cardeal de Honduras, Óscar Maradiaga, amigo pessoal de Francisco, foi quem me contou essas afirmações ousadas e não desmentidas do papa.)

Entre os dois sínodos de 2014 e 2015, a batalha entre liberais e conservadores ganha força e se estende a todos os episcopados, enquanto Francisco prossegue com a sua política de pequenos passos.

— Não podemos simplificar o debate — relativiza, no entanto, Romilda Ferrauto, uma jornalista da Rádio Vaticano que participou dos dois sínodos. — Houve verdadeiras discussões que abalaram a santa sé, mas não havia, de um lado, os liberais e, do outro, os conservadores. A fratura não era assim tão nítida entre a esquerda e a direita, havia muito mais matizes e diálogos. Alguns

cardeais podem acompanhar o santo padre na reforma financeira, mas não na moral, por exemplo. Quanto ao papa Francisco, foi apresentado como um progressista. Não é bem assim: é um misericordioso. Tem uma abordagem pastoral: estende a mão ao pecador. O que não é, de modo algum, a mesma coisa.

Além dos cardeais mobilizados em todo o mundo e da Cúria que se agita de maneira desorganizada, a equipe do papa também se interessa pelos intelectuais. Esses "influenciadores", pensa o grupo de Baldisseri, serão vitais para o êxito do sínodo, daí a implementação de um grande plano secreto de comunicação.

Nos bastidores, um jesuíta influente, o padre Antonio Spadaro, que dirige a revista *La Civiltà Cattolica*, é bastante ativo.

— Não somos uma revista oficial, mas todos os nossos artigos são relidos pela Secretaria de Estado e são "certificados" pelo papa. Podemos dizer que é uma revista autorizada, digamos semioficial — diz Spadaro, no seu escritório em Roma. E que escritório! A Villa Malta, na Via di Porta Pinciana, onde fica a sede da revista, é um local magnífico, na região da Villa Medici e do Palazzo Borghese.

Sempre carregado de cafeína e de jet lag, Antonio Spadaro, com quem tive seis conversas e jantares, é o romeiro do papa, um teólogo que é também um intelectual, como há poucos no Vaticano hoje em dia. A sua proximidade com Francisco suscita inveja: dizem que é uma das suas eminências pardas, ou pelo menos um dos seus conselheiros oficiais. Jovem, dinâmico, encantador, Spadaro me impressiona. As suas ideias surgem com uma rapidez e uma inteligência evidentes. O jesuíta se interessa por todas as culturas e, para começar, por literatura. Já tem diversas obras publicadas, entre as quais um ensaio premonitório sobre a ciberteologia e dois livros biográficos sobre o

escritor italiano Pier Vittoria Tondelli, católico e homossexual, que morreu de aids aos 36 anos.

— Me interesso por tudo, incluindo rock — conta Spadaro, durante um jantar em Paris.

Com Francisco, a revista jesuíta se tornou um espaço de experimentação em que ideias são testadas e debates são lançados. Logo em 2013, Spadaro publica a primeira grande entrevista do papa Francisco, recém-eleito. Um texto destinado a marcar época:

— Passamos três tardes juntos para essa conversa. Fiquei surpreso com a sua abertura de espírito e o seu senso de diálogo.

Esse texto célebre anuncia, de certa forma, o roteiro do sínodo futuro. Nela, Francisco expressa as suas ideias inovadoras e o seu método. Quanto às questões sensíveis da moral sexual e do sacramento dos casais divorciados, milita em prol do debate colegial e descentralizado. Nessa entrevista, Francisco desenvolve assim, pela primeira vez, a sua opinião sobre a homossexualidade.

Spadaro não larga mão da questão gay, levando Francisco ao limite, forçando-o a delinear uma verdadeira visão cristã da homossexualidade. O papa pede que os homossexuais sejam acompanhados "com misericórdia", imagina uma pastoral para as "situações irregulares" e os "feridos sociais", que se sentem "condenados pela Igreja". Nunca um papa mostrou tal empatia e, há ainda que dizer, tal fraternidade em relação aos homossexuais. É uma verdadeira revolução galileana! E, dessa vez, as suas afirmações não foram improvisadas, como pode ter acontecido certamente com a célebre frase: "Quem sou eu para julgar?". A entrevista foi relida minuciosamente e cada palavra, pesada com uma balança de precisão (como Spadaro confirma).

No entanto, para Francisco o fundamental está em outro lugar: está na hora de a Igreja sair dos temas conflitantes e daqueles que dividem os religiosos

para se concentrar no que está verdadeiramente em jogo: os pobres, os imigrantes, a miséria. "Não podemos insistir apenas nas questões ligadas ao aborto, ao casamento homossexual e aos métodos contraceptivos. Não é possível... Não é necessário falar permanentemente nisso", afirma o papa.

Além dessa entrevista decisiva, Antonio Spadaro mobiliza as redes internacionais, bastante robustas, para apoiar as posições do papa sobre a família. É assim que em 2015 florescem, na revista *La Civiltà Cattolica*, pontos de vista e entrevistas favoráveis às ideias de Francisco. Alguns peritos são mobilizados, tanto pelo seu lado quanto por Spadaro ou pelo secretariado do sínodo, como os teólogos italianos Maurizio Gronchi e Paolo Gamberini; e os franceses Jean-Miguel Garrigues (um amigo próximo do cardeal Schönborn) e Antoine Guggenheim. Este começa a defender, inesperadamente, o reconhecimento da união de casais homoafetivos no jornal católico francês *La Croix*. "O reconhecimento de um amor fiel e duradouro entre duas pessoas homossexuais, independentemente do seu grau de castidade, me parece uma hipótese a ser estudada. Poderia assumir a forma que a Igreja dá habitualmente à sua oração: uma bênção", escreve.

Durante uma viagem ao Brasil no mesmo período, Spadaro também está com o padre pró-gay, jesuíta como ele, Luís Corrêa Lima. Eles têm uma longa conversa, na residência da Companhia de Jesus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a respeito das "pastorais em prol dos homossexuais" organizadas pelo padre Lima. Seduzido pela ideia, Spadaro encomenda a Lima um artigo sobre o tema para *La Civiltà Cattolica*. O artigo acabará não sendo publicado.

(Além do monsenhor Baldisseri, de Kasper e de Spadaro, entrevistei Antoine Guggenheim e Jean-Miguel Garrigues, que confirmaram a estratégia do grupo. Também me encontrei com o padre Lima no Rio de Janeiro; com

ele visitei a favela da Rocinha, onde ele celebra missa todos os domingos, e o espaço onde se realizam essas "pastorais" LGBTs.)

Outro intelectual de alto nível acompanha com grande atenção os debates do pré-sínodo. É um dominicano italiano, também teólogo, discreto e fiel, que reside no convento de Saint-Jacques, junto da biblioteca do Saulchoir, em Paris.

O irmão Adriano Oliva é um renomado historiador medieval, latinista experiente, doutor em teologia. É sobretudo um dos maiores especialistas do mundo em São Tomás de Aquino: preside a famosa Comissão Leonina, que cuida da edição crítica das obras do pensador medieval — uma referência.

Então, por que Oliva se mobiliza inesperadamente, no início de 2015, e começa a escrever um livro arriscado em prol dos divorciados que voltaram a se casar e das bênçãos das uniões homoafetivas? Será que o dominicano italiano foi incentivado diretamente pelo secretariado do sínodo, ou pelo próprio papa, para intervir antes de tudo no debate?

São Tomás de Aquino, como sabemos, é geralmente o aval em que os conservadores se apoiam para se opor a todos os sacramentos dos divorciados ou dos casais homossexuais. Bater de frente com esse tema é, portanto, não só arriscado, se não arrojado, mas também estratégico. O título do livro, publicado pouco tempo depois: *Amours*.

É raro, hoje em dia, ler uma obra tão corajosa. Apesar de erudito, exegético e reservado aos especialistas, *Amours* é, em apenas 160 páginas, um trabalho minucioso que mina a ideologia moralizante do Vaticano, de João Paulo II a Bento XVI. O irmão Oliva parte de uma dupla falência doutrinal da Igreja: a contradição do seu discurso sobre os divorciados que voltaram a se casar e o impasse em que se perdeu em relação à homossexualidade. O seu projeto é claro: "O presente estudo visa mostrar que uma mudança desejável por parte

do magistério em relação à homossexualidade e ao exercício da sexualidade pelos casais homossexuais corresponderia não só às pesquisas antropológicas, teológicas e exegéticas atuais, mas também aos desenvolvimentos de uma tradição teológica, tomista em particular".

O dominicano se lança à interpretação dominante do pensamento de São Tomás de Aquino: no cerne da doutrina, não na sua margem. Oliva diz: "Existe o hábito de considerar 'antinatural' não só a sodomia, mas também a orientação homossexual. São Tomás, em compensação, considera essa orientação 'segundo a natureza' da pessoa homossexual tomada na sua individualidade". O teólogo se apoia na "intuição genial" do Doutor Angelical, o "'antinatural' natural", segundo a qual se pode explicar a origem da homossexualidade. E Oliva nota, aqui quase darwiniano, que "São Tomás coloca a origem da homossexualidade no mesmo nível dos *princípios naturais da espécie*".

Para São Tomás, o homem, inclusive nas suas irregularidades e nas suas singularidades, faz parte, portanto, do desígnio divino. A orientação homossexual não é antinatural, mas provém da alma racional. Oliva, de novo, diz: "A homossexualidade não comporta em si nenhuma ilicitude, nem quanto ao seu princípio, congênito ao indivíduo e enraizado no que o anima como ser humano, nem quanto ao seu fim, amar uma pessoa, que é um fim bom". E Oliva conclui apelando "ao acolhimento dos homossexuais no coração da Igreja, e não nas suas margens".

Após a leitura de *Amours*, vários cardeais, bispos e inúmeros padres me disseram que a sua visão de São Tomás de Aquino havia mudado e que o interdito da homossexualidade tinha sido levantado definitivamente. Alguns, tanto entre os fiéis como nas hierarquias, me disseram inclusive que o livro havia tido neles o efeito do *Corydon*, de André Gide, e, aliás, Adriano Oliva conclui o seu texto com uma alusão ao *Se o grão não morre*, de Gide.

(Contatado em meu nome, o irmão Oliva se recusa a comentar a gênese do livro ou a discutir as suas relações com Roma. O seu editor, Jean-François Colosimo, diretor das Éditions du Cerf, foi mais eloquente, e o mesmo aconteceu com a equipe do cardeal Baldisseri, que confirma ter "encomendado análises a peritos", especificamente ao irmão Oliva. Para concluir, tive a confirmação de que Adriano Oliva fora recebido de fato no Vaticano por Baldisseri, Bruno Forte e Fabio Fabene — ou seja, os principais arquitetos do sínodo.)

Tal como seria de esperar, o livro não passou despercebido nas redes tomistas, em que essa carga teve o efeito de uma bomba de fragmentação. A polêmica inflamou os círculos católicos mais ortodoxos, mais ainda porque o ataque vinha de dentro, assinado por um padre dificilmente refutável, tomista entre os tomistas. Cinco dominicanos do Angelicum, a Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma, logo apresentaram uma resposta tão severa quanto esquizofrênica, uma vez que alguns deles são homossexuais. Alguns ativistas identitários também entraram na corrida e atacaram violentamente o ousado padre por ter feito de São Tomás de Aquino um autor *gay-friendly*! Em sites e blogues, a extrema direita católica se enfureceu.

Apoiado intelectualmente pelo mestre da Ordem dos Dominicanos, de quem depende, o irmão Oliva é também alvo de diversos ataques sistemáticos, dessa vez acadêmicos, em várias revistas tomistas, sobretudo num artigo de 47 páginas. Em resposta, um novo artigo de 48 páginas toma partido de Oliva na *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, dirigida pelo dominicano Camille de Belloy (que também entrevistei). Desde então, anunciam-se novas salvas...

Como se vê, o tema era sensível. Para o irmão Oliva, que diz "ter agido com toda liberdade", foi mesmo o tema mais perigoso da sua carreira, e, por mais

corajoso que o dominicano seja, é impossível que um investigador do seu nível possa ter se lançado a campo num trabalho como esse sobre São Tomás de Aquino e a questão gay sem ter recebido sinal verde da cúpula. Dos cardeais Baldisseri e Kasper? Com certeza. Do próprio papa Francisco?

O cardeal Walter Kasper confirma a intervenção pessoal de Francisco.

— Adriano Oliva veio aqui me ver. Conversamos. Ele havia me enviado uma carta que mostrei ao papa. Francisco ficou muito impressionado e pediu a Baldisseri que lhe encomendasse um texto para ser distribuído pelos bispos. Creio que foi esse texto que veio a ser *Amours*.

E Kasper acrescenta:

— Adriano Oliva prestou um serviço à Igreja, sem ser ativista.

Amours será distribuído durante o sínodo por sugestão do papa. O livro não é mais um panfleto ou um ensaio isolado e um pouco suicida, como foi dito: é uma arma num plano de conjunto desejado pelo próprio sumo pontífice.

A estratégia do papa, a sua manobra, a sua máquina de guerra posta em movimento contra os conservadores da Igreja não escaparam aos seus adversários. Quando entrevistei esses antiFrancisco, fossem cardeais fossem simples *monsignori*, eles preferiram reagir extraoficialmente. Por tradição, um cardeal nunca fala mal do papa fora do Vaticano. Os jesuítas e os membros do Opus Dei ainda permanecem em silêncio sobre suas divergências. Os dominicanos são cautelosos e, em geral, progressistas, tal como os franciscanos. No entanto, as críticas ad hominem contra Francisco não tardam a começar quando se desliga o microfone: trata-se mesmo de uma verdadeira torrente de ódio.

Uma dessas línguas venenosas é um prelado indispensável da Cúria, com quem tive mais de uma dezena de encontros, almoços e jantares, em Roma.

Divertido, maldoso, venenoso, Aguisel (o seu nome foi alterado) é um homossexual desinibido que, apesar da idade canônica, continua sendo um grande sedutor. Aguisel sente um orgulho gay só seu! Conquista seminaristas que convida para jantar por fornadas inteiras; tenta ficar amigo dos atendentes dos cafés, dos garçons dos restaurantes romanos onde jantamos, os quais trata pelo primeiro nome. E acaba que Aguisel também gosta muito de mim.

— Sou do Antigo Testamento — diz o nosso prelado, numa frase divertida, autoirônica e muito verdadeira.

Aguisel detesta Francisco. Censura-lhe a vertente "comunizante", o seu liberalismo familiar e, claro, as suas posições excessivamente favoráveis aos homossexuais.

— Esse papa está repleto de zelo — fala, o que, saindo da sua boca, não é um elogio.

Em outro dia, enquanto jantamos no La Campana, um restaurante típico de Roma, Vicolo della Campana (casa que, dizem, Caravaggio frequentava com regularidade), Aguisel aponta as incoerências e mudanças de rumo de Francisco. Segundo ele, esse papa não teria uma "sequência de ideias". E, quanto à homossexualidade, daria um passo para a frente e depois dois para trás, prova de que estaria agindo sem plano nem rumo definido:

— Como é que Francisco pode atacar a teoria de gênero e, ao mesmo tempo, receber oficialmente, no Vaticano, um ou uma transexual espanhol, espanhola, com o "seu" ou a "sua" noiva?... Está vendo, não sabemos nem como dizer! Tudo isso é incoerente e mostra que ele não tem doutrina, apenas atos impulsivos de comunicação.

Então o prelado continua em tom de confidência, sussurrando:

— Mas, sabe, o papa fez muitos inimigos na Cúria. Ele é cruel. Demite todo mundo. Não suporta a contradição. Veja o que fez com o cardeal Müller!

Sugiro que houve outros motivos para a animosidade de Francisco contra Müller (que o papa exonerou sem aviso prévio em 2017). O meu interlocutor está consciente das questões que levanto e percebe que estou bem informado, mas está obcecado apenas com os pequenos vexames sofridos por Müller e os seus aliados.

— O papa interveio de cima, e pessoalmente, para demitir os próprios assistentes de Müller, no cerne da Congregação para a Doutrina da Fé. De um dia para o outro, foram devolvidos aos seus países! Diziam que falavam mal do papa. Uns pérfidos? Não é verdade. Estavam apenas na oposição. Não pega bem, quando se é papa, atacar pessoalmente simples *monsignori*!

Após uma hesitação, Aguisel ousa:

— Francisco tem um espião na Congregação para a Doutrina da Fé, que lhe conta tudo. Sabia disso? Tem um espião! O espião é o subsecretário!

Foram mais ou menos assim as conversas que tive com o prelado, durante inúmeras refeições. Conhece os segredos da Cúria e, claro, o nome dos cardeais e *monsignori* "praticantes". Sente um enorme prazer em revelá-los para mim, apesar de se censurar cada vez que fala sobre a orientação de um correligionário, espantado com a própria audácia:

— Olha eu já falando demais. Falo demais. Você deve me achar atrevido!

Fiquei fascinado com a imprudência calculada do prelado durante esses diálogos regulares, que se estenderam por dezenas de horas e por vários anos. Como todos os prelados com quem me encontro, ele sabe muito bem que faço reportagens de investigação e que sou autor de várias obras sobre a questão gay. Se me fala, tal como tantos cardeais e bispos antiFrancisco, não é, então, nem por acaso, nem por acidente, mas em virtude dessa "doença do boato, da fofoca e da bisbilhotice" que o papa ridiculariza tão bem.

— O santo padre é um pouco especial — acrescenta o prelado. — As pessoas, as multidões, todo mundo gosta muito dele no mundo todo, mas não

sabem quem ele é. É desumano! É cruel! É rude! Aqui, eles conhecem Francisco, e ele é detestado.

Um dia em que almoçamos na região da Piazza Navona, em Roma, o monsenhor Aguisel me pega pelo braço, sem avisar, ao final da refeição, e me conduz em direção à igreja San Luigi dei Francesi.

— Aqui, tem três Caravaggio, e é de graça. Não podemos nos privar disso.

As pinturas, em óleo sobre tela, são suntuosas na sua profundidade crepuscular e na sua escuridão brutal. Coloco uma moeda de um euro num aparelhinho diante da capela; de repente, as obras se iluminam.

Depois de cumprimentar uma "barata de igreja" que o reconheceu — como em todo lugar, os gays são numerosos entre os seminaristas e padres dessa igreja francesa —, Aguisel faz agora uma preleção afetada a um grupo de jovens turistas, salientando o seu título prestigioso da Cúria. Após esse interlúdio, retomamos o nosso diálogo sobre a homossexualidade de Caravaggio. O erotismo que emerge do *Martírio de são Mateus*, um velho no chão recebendo a morte das mãos de um belo guerreiro nu, ecoa *São Mateus e o anjo*, cuja primeira versão, desaparecida hoje em dia, foi considerada excessivamente homoerótica para ser digna de uma capela! Caravaggio mandou seu amante Mario Minniti posar para o *Tocador de alaúde*, o *Rapaz com cesto de frutas* e o seu *Baco*. Quadros como *Narciso*, *Concerto*, *São João Batista* ou ainda o estranho *Amor vincit omina* (*O amor conquista tudo*, que vi na Gemäldegalerie, em Berlim) confirmaram, há muito, a atração do pintor pelos rapazes. O escritor Dominique Fernandez, membro da Academia Francesa, escreveu: "Para mim, Caravaggio é o maior pintor homossexual de todos os tempos, quero dizer, aquele que exaltou com mais veemência o vínculo de desejo entre dois homens".

Não será estranho, então, que Caravaggio seja tanto um dos pintores preferidos do papa Francisco quanto dos cardeais rígidos que estão no armário e dos ativistas gays, que organizam em Roma city tours LGBTs em que uma das paradas consiste, precisamente, em prestar homenagem ao "seu" pintor?

— Aqui, na igreja San Luigi dei Francesi, recebemos ônibus lotados de visitantes. Há cada vez menos paroquianos e mais turistas econômicos! Só vêm ver o Caravaggio. Comportam-se com uma vulgaridade que nunca ousariam exibir num museu! Preciso caçá-los! — explica o monsenhor François Bousquet, o pároco da igreja francesa, com quem almoço duas vezes.

De repente, o monsenhor Aguisel insiste em me mostrar algo. Após um pequeno desvio, faz com que a bela capela se ilumine, e ali está: *São Sebastião*! O quadro do pintor Numa Boucoiran foi acrescentado à igreja no século XIX, a pedido do embaixador da França junto do Vaticano ("desde a guerra, pelo menos cinco foram homossexuais", acrescenta Aguisel, que os contou minuciosamente). Convencional e sem grande gênio artístico, esse *São Sebastião* adere, mesmo assim, a todos os códigos da iconografia gay: o rapaz está em pé, resplandecente, orgulhoso e extasiado, numa nudez exagerada pela beleza dos seus músculos, o corpo atlético trespassado pelas flechas do seu carrasco, que talvez seja o seu amante. Boucoiran é fiel ao mito, apesar de não ter o talento de Botticelli, Il Sodoma, Ticiano, Veronese, Guido Reni, El Greco ou Rubens — todos eles pintaram esse ícone gay, desenhado oito vezes por Leonardo da Vinci.

Vi vários *São Sebastião* nos museus do Vaticano, em particular o de Girolamo Siciolante da Sermoneta, tão explicitamente provocante e libidinoso que poderia figurar na capa de uma enciclopédia de cultura LGBT. Sem contar o *São Sebastião* da Basílica de São Pedro, um mosaico mais prosaico, que tem

a sua própria capela, entrando à direita, logo após a *Pietà* de Michelangelo. (É também, hoje em dia, o túmulo de João Paulo II.)

O mito de são Sebastião é um código velado muito apreciado, conscientemente ou não, pelos homens do Vaticano. Colocá-lo nu significa revelar muitas coisas, apesar das múltiplas leituras que proporciona. Podemos fazer dele uma figura pedófila ou sadomasoquista; pode representar uma passividade submissa de adolescente ou, inversamente, o vigor marcial do soldado que resiste, custe o que custar. E sobretudo isto: Sebastião, amarrado à árvore, em absoluta vulnerabilidade, parece amar o seu carrasco, parece se lançar sobre ele. Esse "prazer na dor", carrasco e vítima enredados, cravados num mesmo fôlego, é uma metáfora maravilhosa da homossexualidade no Vaticano. Em Sodoma, se celebra são Sebastião todos os dias.

Um dos raros adversários de Francisco que aceita se manifestar publicamente é o cardeal australiano George Pell, ministro da Economia do papa. Quando Pell se aproxima para me cumprimentar, estou sentado numa pequena sala de espera da Loggia I do palácio apostólico do Vaticano. Ele de pé, eu sentado: de repente, tenho um gigante à minha frente. É desengonçado, anda um tanto desequilibrado. Ladeado pelo seu assistente, igualmente imenso, que caminha de um jeito descontraído e tomará notas, meticulosamente, da nossa conversa, nunca me senti tão pequeno na vida. Os dois somados dão pelo menos quatro metros de altura!

— Trabalho com o papa e nos encontramos quinzenalmente — conta Pell, com bastante educação. — Temos, sem a menor dúvida, antecedentes culturais diferentes: ele vem da Argentina e eu, da Austrália. Posso ter divergências com ele, como em relação à condição climática, por exemplo, mas somos uma organização religiosa, não um partido político. Devemos estar unidos no que

diz respeito à fé e à moral. Tirando isso, diríamos que somos livres e, como diria Mao Tsé-tung, que cem flores desabrochem...

George Pell responde às minhas perguntas à maneira anglo-saxônica, com profissionalismo, concisão e humor. É eficaz; conhece os seus processos e a música. Com ele, não existe em off; tudo é on the record. A cortesia do cardeal, que os seus confrades descreveram como "cruel" e "conflituoso", mesmo assustador, me surpreende. Seu apelido no Vaticano: "Pell-Pot".[a]

Falamos das finanças da santa sé; do seu trabalho como ministro; da transparência que está tentando introduzir onde a opacidade prevaleceu durante muito tempo.

— Quando cheguei, descobri quase 1,4 bilhão de euros adormecidos, esquecidos por todos os balanços de contabilidade! A reforma financeira é um dos raros temas que une, no Vaticano, a direita, a esquerda e o centro, tanto política como sociologicamente.

— Há uma direita e uma esquerda no Vaticano? — pergunto, interrompendo-o.

— Penso que, aqui, somos todos uma variante de centro radical.

No sínodo, George Pell, que geralmente é considerado um dos representantes da ala direita e conservadora do Vaticano, um ratzingeriano, faz parte dos cardeais críticos em relação a Francisco. Tal como eu esperava, o cardeal relativiza os seus desacordos que vazaram na imprensa, dando provas de certa casuística, isto é, de uma verdadeira linguagem estereotipada:

— Não sou um adversário de Francisco. Sou um leal servidor do papa. Francisco incentiva as discussões livres e abertas e gosta de ouvir a verdade de pessoas que não pensam como ele.

Em diversas ocasiões, George Pell evoca "a autoridade moral" da Igreja, que seria a sua razão de ser e o seu principal motor de influência no mundo. Acredita que é necessário permanecer fiel à doutrina e à tradição: não se pode

mudar a lei, mesmo que a sociedade se transforme. Portanto, a linha de Francisco sobre as "periferias" e a sua empatia em relação aos homossexuais parecem vãs, se não erradas, aos olhos de Pell.

— É bom nos interessarmos pelas "periferias". Mas continua sendo necessário ter uma massa crítica de religiosos. Sem dúvida que é preciso nos ocuparmos da ovelha desgarrada, mas devemos nos interessar também pelas outras 99 ovelhas que ficaram no rebanho. (Depois da nossa entrevista, Pell foi interrogado pela justiça australiana na sequência de casos históricos de abuso sexual de meninos, acusações que nega veementemente, e então deixou Roma. O julgamento foi fortemente divulgado pela mídia, alimentado por milhares de páginas de depoimentos e levou à sua condenação no final de 2018.)

O resultado de cerca de dois anos de debates e de tensões em torno do sínodo tem um nome bonito: *Amoris laetitia* (a alegria do amor). Essa exortação apostólica pós-sinodal tem a marca pessoal e as referências culturais de Francisco. O papa insiste no fato de nenhuma família ser realmente perfeita; é necessário prestar atenção pastoral a todas as famílias, tal como são. Estamos longe do discurso sobre a família ideal que é usado pelos conservadores anticasamento.

Determinados prelados pensam, e é um raciocínio possível, que Francisco recuou nas suas ambições reformadoras e escolheu uma espécie de status quo em relação às questões mais sensíveis. Os defensores de Francisco, em compensação, consideram *Amoris laetitia* um importante ponto de virada.

Segundo um dos redatores do texto, os homossexuais perderam a batalha do sínodo, mas, por outro lado, conseguiram incluir, como represália, nessa exortação apostólica, três referências codificadas à homossexualidade: uma declaração escondida sobre o "amor de amizade" (§127); uma referência à

alegria pelo nascimento de são João Batista (§65) que, sabemos, foi pintado afeminado por Caravaggio e por Leonardo da Vinci, que usou como modelo o seu amante Salai; por fim, o nome de um pensador católico que com o tempo acabou por reconhecer a sua homossexualidade, Gabriel Marcel (§322)... Uma magra vitória!

— *Amoris laetitia* é o resultado de dois sínodos — diz o cardeal Baldisseri. — Se você ler os capítulos 4 e 5, verá que é um texto magnífico sobre a relação amorosa e sobre o amor. O capítulo 8, o dos temas sensíveis, é, na verdade, um texto de compromisso.

A ala conservadora do Vaticano não gostou desse compromisso. Cinco cardeais, entre os quais dois ministros do papa, Gerhard Ludwig Müller e Raymond Burke, já haviam expressado a sua discordância, ainda antes do sínodo, num livro intitulado *Demeurer dans la vérité du Christ* (*Permanecer na verdade de Cristo*) — uma desaprovação pública tão rara quanto ruidosa. Os cardeais George Pell, outro ministro de Francisco, e Angelo Scola, juntaram-se a eles, entrando de fato na oposição. Sem se aliar formalmente a eles, Georg Gänswein, o célebre secretário particular de Bento XVI, transmitiu uma mensagem pública sibilina, confirmando essa linha.

Assim que concluídos os trabalhos do segundo sínodo, o mesmo grupo pega de novo na pena para mostrar publicamente que discorda. A carta apelando a que se "faça luz" sobre as "dúvidas" de *Amoris laetitia* é assinada por quatro cardeais: o americano Raymond Burke, o italiano Carlo Caffarra e dois alemães, Walter Brandmüller e Joachim Meisner (chamados rapidamente de os quatro *dubia* — *dúvida*, em latim). A carta é publicada em setembro de 2016. O papa nem sequer se deu o trabalho de responder.

Vamos falar um pouco sobre esses quatro *dubia* (dois dos quais falecidos há pouco). Segundo inúmeras fontes na Alemanha, na Suíça, na Itália e nos Estados Unidos, eles estariam "no armário" e teriam múltiplas companhias

"mundanas" e amizades especiais. O círculo próximo de um deles seria alvo de ridicularização por parte da imprensa germanófona por ser constituído, essencialmente, de bonitos rapazes afeminados; a homossexualidade dele é, hoje em dia, declarada pelos jornalistas de além-Reno. Já Carlo Caffarra, ex-arcebispo de Bolonha, nomeado cardeal por Bento XVI e fundador do Instituto João Paulo II "para os estudos sobre o casamento e sobre a família", foi um dos opositores tão enfáticos em relação ao casamento gay, que essa obsessão acaba por denunciá-lo.

Os *dubia* são uma humildade aparente e uma vaidade extravagante; as gargalhadas obsequiosas dos apolos e jovens que os rodeiam e os autos de fé; as "baratas de igreja", as rainhas da liturgia, os coroinhas bem penteados com as suas riscas certinhas das escolas dos jesuítas e a Inquisição; uma linguagem tortuosa e, na verdade, torturada, e posições medievais quanto à moral sexual. E, acima de tudo, quanta falta de entusiasmo em relação às pessoas do sexo oposto! Quanta misoginia! Quanta alegria divina e quanta rigidez viril — ou vice-versa. *The lady doth protest too much, methinks!*

O papa, perfeitamente informado da homossexualidade de vários desses *dubia* e sobre os paradoxos da vida dos seus adversários, esses modelos da intransigência moral e da rigidez, está profundamente revoltado com tanta dissimulação.

É então que se torna visível a terceira vertente da batalha de Francisco contra a sua oposição: a luciferiana. Metodicamente, o papa vai castigar os seus inimigos, um cardeal após o outro: seja retirando os ministérios de suas alçadas (Gerhard Ludwig Müller será demitido da direção da Congregação para a Doutrina da Fé, Mauro Piacenza é transferido sem piedade, Raymond Burke é expulso do seu lugar em frente ao Tribunal Supremo); seja esvaziando as suas funções (Robert Sarah fica sozinho à frente de um Ministério, uma verdadeira concha vazia, privado de qualquer apoio); seja, ainda, demitindo

pessoas do círculo próximo a eles (os colaboradores de Sarah e Müller são afastados e substituídos por adeptos de Francisco); seja, por fim, deixando os cardeais se enfraquecerem por si próprios (as acusações de abusos sexuais, no caso de George Pell; as suspeitas de má gestão desses assuntos, no caso de Gerhard Müller e de Joachim Meisner; e a batalha interna na Ordem de Malta envolvendo Raymond Burke). Quem disse que o papa Francisco era misericordioso?

Na manhã em que encontro o cardeal Gerhard Müller, na sua residência privada da Piazza della Città Leonina, perto do Vaticano, tenho a impressão de que eu o acordei. Será que passou a noite cantando matinas? O todo-poderoso prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e inimigo número um do papa Francisco, abre pessoalmente a porta... e está vestido bem à vontade. É o primeiro cardeal que vejo de pijama!

À minha frente está um homem grande vestindo uma camiseta amarrotada, calça de academia, larga, comprida, da marca Vittorio Rossi, e pantufa. Com certo constrangimento, balbucio:

— Tínhamos marcado às nove?

— Sim, isso mesmo. Mas você não pretendia tirar foto, não é? — pergunta o cardeal prefeito emérito, que parece se dar conta, nesse momento, da incongruência da sua vestimenta.

— Não, não, foto, não.

— Então, posso ficar assim — retruca Müller.

Ficamos no seu imenso escritório, onde uma estante impressionante cobre cada parede. A conversa é apaixonante, e Müller me parece mais complexo do que os seus adversários querem dar a entender.

Intelectual próximo de Bento XVI, conhece perfeitamente, tal como o papa emérito, a obra de Hans Urs von Balthasar e de Jacques Maritain. Falamos

sobre eles por bastante tempo. Müller me mostra os seus livros, na sua estante impecavelmente arrumada, para me provar que os leu.

O apartamento é clássico e de uma feiura pouco católica. É, aliás, uma característica comum às dezenas de apartamentos de cardeais que visitei: esse meio luxo mundano, essa mistura de estilos que não combinam, mais o *ersatz* e o superficial do que a profundidade. É, numa palavra, *middlebrow*, termo utilizado nos Estados Unidos para caracterizar aquilo que não é elitista nem popular: é a cultura do mediano, do que fica entre os dois; a cultura que fica bem no centro. Um grande relógio opulento imitando art déco, parado; uma cômoda barroca muitíssimo ornamentada; uma mesa pomposa — e tudo isso misturado. É a cultura dos "cadernos Moleskine", cópias inspiradas nos cadernos de Bruce Chatwin e Hemingway, lendas apócrifas. Esse estilo sem estilo, sem graça e apagado, é comum a Müller, Burke, Ruini, Dziwisz, Stafford, Farina, Etchegaray, Herranz, Marino, Re, Sandoval e a tantos cardeais que visitei à procura de autoengrandecimento.

Em sua defesa, quando o encontro, Müller acaba de ser humilhado. O papa o demitiu sem piedade da Congregação para a Doutrina da Fé, da qual era prefeito desde Bento XVI.

— O que penso do papa Francisco? Digamos que Francisco tem a sua própria massa, tem de fato um estilo próprio. Mas compreenda que a questão dos pró ou dos antiFrancisco não faz nenhum sentido para mim. A túnica vermelha que usamos é o sinal de que estamos dispostos a dar o nosso sangue por Cristo, e servir Cristo significa, para todos os cardeais, servir o vigário de Cristo. No entanto, a Igreja não é uma comunidade de robôs, e a liberdade dos filhos de Deus permite que tenhamos opiniões diferentes, ideias diferentes, sentimentos diferentes dos do papa. Mas repito, e insisto, isso não quer dizer que não queiramos ser profundamente leais ao papa. Somos, porque queremos ser profundamente leais ao Senhor.

Com Raymond Burke, Robert Sarah, Angelo Bagnasco ou Mauro Piacenza, o leal Müller se juntou, no entanto, à longa lista dos judas, multiplicando os seus ataques dissimulados e coléricos a Francisco. Com a sua natureza de brigão, o cardeal rebelde quis dar lições ao santo padre. Hipócrita, criticou de forma violenta a sua linha sobre o sínodo. Deu entrevistas sobre moralidade, contradizendo Francisco, e acumulou os pontos de tensão e, em breve, de ruptura. Dizer que caiu em desgraça significaria que um dia esteve em graça. Seu galero cardinalício já estava a prêmio havia vários meses, e Francisco puxou-lhe o cabresto sem hesitar durante uma conversa que, segundo Müller, "durou um minuto". E agora ele está de pijama à minha frente!

De repente, uma freira, tomada de devoção e que acabou de bater à porta devagar, entra com o chá do cardeal, que preparou com o cuidado clerical devido à Sua Eminência de fato abatida. Parecendo incomodado, bem no meio da sua conversa de prosa, o cardeal rabugento mal olha para a freira enquanto pousa a xícara e, sem agradecer, manda-a a sair de forma rude. A religiosa, que havia entrado toda zelosa, sai com raiva. Uma funcionária de família burguesa seria mais bem tratada! Senti pena dela e, mais tarde, antes de ir embora, senti vontade de procurá-la para me desculpar pelo ocorrido.

Uma contradição a mais ou a menos é indiferente para o cardeal Müller. Na Baviera, onde foi bispo, deixou a recordação de um prelado "ambíguo" e talvez até "esquizofrênico" (para utilizar uma palavra comum no vocabulário do papa), segundo mais de uma dezena de relatos que recolhi em Munique e Regensburg. Padres e jornalistas descrevem os seus convívios mundanos, segundo a Regensburger Netzwerk (a rede de Regensburg). Ele parecia estar sob a influência de Joseph Ratzinger e de Georg Gänswein.

— Quando Müller era bispo de Regensburg, aqui na Baviera, a sua personalidade foi mal compreendida. A sua relação com o célebre cardeal Karl Lehmann, um liberal e progressista, pareceu particularmente complicada no

que se refere à questão gay: eles trocaram cartas muito duras, muito amargas, sendo Lehmann bastante *gay-friendly* e heterossexual e Müller muito antigay. Ao mesmo tempo, Müller era frequentador assíduo das recepções da princesa Gloria von Thurn und Taxis, no Castelo de St. Emmeram — conta Matthias Drobinski, o jornalista do *Süddeutsche Zeitung* que cobre, há 25 anos, a igreja alemã.

O castelo de Regensburg integra, com audácia e certo êxito, um claustro românico e gótico, uma abadia beneditina, uma ala barroca e salões de baile rococó e neorrococó. Jogando com os estilos e as épocas, o castelo é conhecido inclusive por ter sido da irmã da imperatriz Sissi! A princesa Gloria von Thurn und Taxis, viúva de um rico industrial, cuja família fez fortuna por ter o monopólio do serviço postal durante o Sacro Império Germânico, antes de ser expropriada por Napoleão, mora lá. O seu antro é o ponto de referência da ala mais conservadora da Igreja católica alemã, o que talvez tenha valido à princesa a alcunha de "Gloria TNT", em virtude do seu conservadorismo explosivo!

Recém-chegada da sua aula diária de tênis, a castelã, polo cor-de-rosa de marca, combinando com os seus ousados óculos ovalados, relógio esportivo Rolex e anéis cheios de cruzes, me concede um encontro. Que mulher! Que circo!

Tomamos uma bebida no Café Antoinette — em homenagem à rainha decapitada da França —, e Gloria von Thurn und Taxis, cuja rigidez e jeito de machona haviam sido descritos em pormenor, se revela estranhamente gentil e amistosa comigo. Conversa com um francês perfeito.

Gloria TNT leva o tempo necessário para me contar a sua vida de rainha — a dimensão do seu patrimônio multimilionário com as quinhentas divisões do seu castelo para manter, sem falar nos 40 mil metros quadrados de telhados:

"é muito caro", lamenta, arregalando os olhos; a militância política ao lado da direita mais reacionária; o seu afeto pelos sacerdotes, entre os quais o seu "querido amigo" cardeal Müller; a sua vida agitada, que divide entre Alemanha, Nova York e Roma (onde dividiria uma residência no centro da cidade com outra princesa, Alessandra Borghese, o que suscita boatos loucos sobre a sua inclinação monárquica). Gloria TNT insiste sobretudo no seu catolicismo desenfreado:

— A minha fé é católica. Tenho uma capela privada na qual os meus amigos padres podem celebrar missa quando quiserem. Adoro quando utilizam as capelas. Tenho um capelão, um padre em domicílio, há mais de um ano. Estava aposentado quando o convidei a vir para cá; agora vive conosco num aposento do castelo; é o meu capelão particular — diz Gloria TNT.

O padre em questão se chama "monsenhor" Wilhelm Imkamp. Embora tenha o título, não é bispo.

— Imkamp é um padre ultraconservador muito bem-visto. Queria se tornar bispo, mas foi impedido por razões pessoais. É muito próximo da ala conservadora radical da Igreja alemã, em especial do cardeal Müller e de Georg Gänswein — diz, em Munique, o jornalista do *Süddeutsche Zeitung* Matthias Drobinski.

Esse turbulento Imkamp é, ainda, um estranho prelado: parece bem inserido no Vaticano, onde foi "consultor" de diversas congregações; também foi assistente de um dos cardeais alemães mais delicadamente homofóbicos, Walter Brandmüller. Como essas conexões e as amizades ratzingerianas não permitiram que se tornasse bispo sob Bento XVI? Existe aí um mistério que mereceria ser explicado.

David Berger, ex-seminarista e teólogo que se tornou militante gay, explica, durante uma conversa em Berlim:

— Todas as manhãs, o monsenhor Imkamp celebra uma missa em latim seguindo o antigo ritual na capela de Gloria von Thurn und Taxis. Ele é um conservador próximo de Georg Gänswein; ela, uma *madonna* dos gays.

À aristocrata decadente Gloria TNT não faltam meios nem paradoxos. Ela descreve para mim a sua coleção de arte contemporânea, que inclui obras de Jeff Koons, Jean-Michel Basquiat, Keith Haring e inclusive do fotógrafo Robert Mapplethorpe, que captou um magnífico e célebre retrato dela. Enquanto Koons ainda está vivo, dois dos seus artistas, Haring e Mapplethorpe, eram homossexuais e morreram de aids; Basquiat era dependente químico; Mapplethorpe foi até vaiado pela extrema direita católica americana por causa da sua obra considerada homoerótica e sadomasoquista. Esquizofrenia?

A princesa resumiu as suas contradições sobre a homossexualidade durante um debate do partido conservador bávaro (CSU), na presença do monsenhor Wilhelm Imkamp: "Todo mundo pode fazer o que quiser no seu quarto, mas isso não deve se transformar em programa político". Compreendemos o código: tolerância forte para os homossexuais "no armário"; tolerância zero para a visibilidade dos gays!

Um coquetel molotov, em suma, essa Gloria TNT: barata de igreja e membro do jet set aristocrático punk; católica fervorosa desvairada e integralista doidinha rodeada por um bando de gays. Gloria von Thurn und Taxis é uma cocote da mais alta sociedade!

Tradicionalmente próxima dos conservadores da CSU, na Baviera, parece, nos últimos anos, ter adotado algumas ideias do AfD, o partido da direita reacionária alemã, sem por isso ter se juntado formalmente a ele. Marchou ao lado dos seus deputados durante as Demo für Alle, manifestações anticasamento gay; também declarou, numa entrevista, o seu afeto pela

duquesa Beatrix von Storch, vice-presidente do AfD, ao mesmo tempo que reconhece às vezes discordâncias em relação ao partido.

— Madame Von Thurn und Taxis é típica da zona cinzenta entre os cristãos sociais da CSU e a direita dura do AfD, que têm em comum a aversão à teoria de gênero, a luta contra o aborto e o casamento gay e, ainda, a denúncia da política migratória da chanceler Angela Merkel — explica, em Munique, o teólogo alemão Michael Brinkschröder.

Aqui, estamos no coração da chamada rede de Regensburg, constelação de que a Rainha-Sol Gloria TNT é o astro iluminado ao redor do qual "mil diabos azuis dançam". Os prelados Ludwig Müller, Wilhelm Imkamp e Georg Gänswein sempre pareceram à vontade nesse círculo amistoso, em que os mordomos estão uniformizados, os bolos são decorados com "sessenta marzipãs em formato de pênis" (é o que a imprensa alemã nos diz) e os padres são, naturalmente, muito homofóbicos. De natureza principesca, Gloria TNT assegura pessoalmente o serviço de pós-venda: ajuda a promover os livros antigays dos seus amigos cardeais reacionários, como Müller ou o guineense ultraconservador Robert Sarah, ou o alemão Joachim Meisner, com quem foi coautora de um livro de entrevistas. O homossexual Meisner era a quintessência da hipocrisia do catolicismo: ao mesmo tempo um dos inimigos do papa (um dos quatro *dubia*), um homofóbico cabeludo, um bispo que conscientemente ordenou padres gays praticantes, tanto em Berlim quanto em Colônia; enrustido num armário fechado a sete chaves desde a puberdade tardia, e um esteta que vivia com o seu séquito afeminado e predominantemente LGBT.

O pensamento do cardeal Müller deve ser levado a sério? Grandes cardeais e teólogos alemães se mostram críticos em relação aos seus escritos, aos quais falta autoridade, e ao seu pensamento, que não seria digno de confiança.

Enfatizam perfidamente que ele coordenou a edição das obras completas de Ratzinger, insinuando assim que essa proximidade explica o seu título de cardeal e a sua nomeação para a Congregação para a Doutrina da Fé!

Tantos julgamentos severos exigem que os qualifiquemos: Müller foi nomeado cardeal por Francisco, não por Bento XVI. Foi padre na América Latina e é autor de livros profundos, em especial sobre a Teologia da Libertação, o que, se não permite relativizar o seu conservadorismo, mostra pelo menos a sua complexidade. Durante a nossa conversa, contou que era amigo de Gustavo Gutiérrez, o pai fundador dessa corrente religiosa, com quem, de fato, publicou um livro de entrevistas fascinante.

Por outro lado, não há dúvida quanto à sua homofobia quando o papa mostra empatia numa conversa com Juan Carlos Cruz, um homossexual vítima de abusos sexuais. "O fato de ser gay não tem a menor importância. Deus o concebeu como é e ama-o assim e pouco me importa. O papa ama-o assim. Deve ser feliz como é", terá dito Francisco. Imediatamente, o cardeal Müller proferiu declarações escandalizadas, negando a discriminação aos gays e insistindo publicamente que "a homofobia é *fake news*".

Tal severidade, tal confiança contrastam com a inércia que o cardeal Müller demonstrou nos casos de abusos sexuais de que teria sido informado. Sob a sua liderança, a Congregação para a Doutrina da Fé, que no Vaticano é responsável pelos processos de pedofilia, demonstrou negligência (algo que Müller nega taxativamente) e pouca empatia com as vítimas, a ponto de ser criticado pela imprensa e até hoje citado pelas justiças alemã e francesa. A sua falta de apoio também contribuiu para que a influente leiga irlandesa Marie Collins, ela própria vítima de padres pedófilos, renunciasse à Comissão para a Proteção de Menores, criada pelo Vaticano para lutar contra os abusos sexuais na Igreja.

Durante o sínodo da família, Müller uniu claramente a oposição ao papa Francisco, apesar de me dizer hoje, com um toque de hipocrisia, não querer "juntar confusão à confusão, amargura à amargura, ódio ao ódio". Liderou a rebelião dos *dubia*, elevou a dogma a recusa de qualquer comunhão a pessoas que voltaram a se casar e se mostrou radicalmente hostil à ordenação das mulheres e até dos *viri probati*. Para ele, que sabe de cor todos os versículos do Antigo Testamento e das epístolas que abordam esse "Mal", os homossexuais devem ser respeitados, mas sob a condição de permanecerem castos. Enfim, o cardeal parece se opor firmemente à ideologia de gênero, de que faz uma caricatura grosseira, sem a sutileza que revelou ao analisar a Teologia da Libertação.

O papa Francisco não gostou das críticas de Müller ao sínodo da família e, em especial, a *Amoris laetitia*. Nas festividades de Natal de 2017, Müller o apontará, sem citá-lo, denunciando as pessoas "que traem a [sua] confiança [e] se deixam corromper pela ambição ou pela vanglória; e, quando são gentilmente dispensadas, são falsas ao se autodeclararem mártires do sistema, em vez de fazerem um mea-culpa". Ainda mais severo, o papa denunciou os autores de "complôs" e aqueles que, nesses pequenos círculos, representam "um câncer". Como verificamos, a relação entre Francisco e Müller não podia estar melhor.

De repente, somos interrompidos por uma ligação. Sem pedir desculpa, o prelado se levanta de um salto e atende. Rude há pouco, eis que ele, depois de ter visto o número, faz pose e voz afetada: ele agora tem trejeitos. Começa a falar em alemão, com uma voz doce. A conversa floreada dura apenas alguns minutos, mas percebo que é assunto pessoal. Se à minha frente não estivesse um homem que fez voto de castidade e se não ouvisse, ao longe, no aparelho, uma voz de barítono, teria imaginado uma conversa sentimental.

O cardeal volta a se sentar ao meu lado, um pouco inquieto. E de repente me pergunta, com um ar inquisitivo:

— Fala alemão?

Às vezes, em Roma, nos sentimos num filme de Hitchcock. No mesmo prédio de Müller também mora o seu grande inimigo: o cardeal Walter Kasper. Vou frequentar bastante esse casario e acabarei até por conhecer o segurança do edifício art déco sem alma, a quem revelarei recadinhos deixados para os dois cardeais rivais, ou o famoso livro branco que depositarei como presente para Müller.

Os dois alemães cruzam as espadas há muito e as suas justas teológicas são memoráveis. A partida é jogada de novo em 2014-5: inspirador e teólogo não oficial de Francisco, Kasper viu ser entregue, pelo próprio papa, a conferência inaugural do sínodo sobre a família, e foi Müller quem a demoliu!

— O papa Francisco recuou, isso é um fato. Não tinha escolha. Mas foi sempre muito claro. Aceitou um compromisso enquanto tentava manter o rumo — diz Kasper, durante uma entrevista na sua casa.

O cardeal alemão, vestindo um terno escuro impecável, fala com uma voz quente e infinita ternura. Ouve o seu interlocutor, reflete em silêncio, antes de se lançar numa longa explicação filosófica da qual ele tem o segredo e que me faz lembrar das minhas longas conversas com os católicos da revista *Esprit*, em Paris.

Então Kasper avança falando de São Tomás de Aquino, a quem está relendo, e que, segundo ele, foi traído pelos neotomistas, aqueles exegetas que o radicalizaram e travestiram, como os marxistas fizeram com Marx e os nietzschianos, com Nietzsche. Fala de Hegel e de Aristóteles enquanto procura uma obra de Emmanuel Levinas e tenta encontrar outra de Paul

Ricoeur. Percebo que estou diante de um verdadeiro intelectual. O seu amor pelos livros não é fingido.

Kasper, nascido na Alemanha no ano da chegada de Hitler ao poder, estudou na universidade cujo reitor é o teólogo suíço Hans Küng, a Universidade de Tübingen, onde conviveu com Joseph Ratzinger. Daqueles anos decisivos, datam essas duas amizades essenciais, que perduram até hoje, apesar das crescentes desavenças que teria com o futuro papa Bento XVI.

— Francisco está mais próximo das minhas ideias. Sinto muita estima por ele, muito afeto, embora a gente se veja pouco, na verdade. Mas também mantive muito boas relações com Ratzinger, apesar das nossas diferenças.

Essas "diferenças" datam de 1993 e já se relacionavam com o debate sobre os divorciados que voltam a se casar — a verdadeira preocupação de Kasper, até mais do que a questão homossexual. Com outros dois bispos, e provavelmente com o encorajamento de Hans Küng, que rompeu com Ratzinger, Kasper manda que leiam nas igrejas da sua diocese uma carta para abrir o debate sobre a comunhão das pessoas divorciadas. Fala da misericórdia e da complexidade de cada uma das situações, um pouco como Francisco hoje em dia.

Diante desse ato de pequena dissidência, o cardeal Ratzinger, que então dirige a Congregação para a Doutrina da Fé, impede os aventureiros. Por meio de uma carta tão rígida quanto severa, ordena que retornem ao posto. Com esse simples *samizdat*, Kasper se opõe ao futuro Bento XVI, tal como Müller fará, na contramão, em relação a Francisco.

Kasper-Müller é, portanto, a linha divisória do sínodo, uma batalha que se repete em 2014-5, depois de ter sido travada nos mesmos termos e quase com os mesmos atores, 25 anos antes, entre Kasper e Ratzinger! Às vezes, o Vaticano dá a impressão de ser um grande navio com o motor ligado que não avança.

— Sou pragmático — corrige Kasper. — O caminho traçado por Francisco e a estratégia dos pequenos passos são bons. Se avançarmos muito depressa, como na ordenação das mulheres, ou no celibato dos padres, haverá uma preocupação entre os católicos, e não quero isso para a minha Igreja. Em relação aos divorciados, em compensação, é possível ir mais longe. Há muito tempo que defendo essa ideia. No que diz respeito ao reconhecimento dos casais homossexuais, é um tema mais difícil: tentei avivar o debate no sínodo, mas as pessoas não ouviram. Francisco encontrou um meio-termo falando das pessoas, dos indivíduos. E depois, passo a passo, faz as coisas andarem. Também rompe com certa misoginia: nomeia mulheres para todos os cargos, para as comissões, as congregações, entre os peritos. Avança ao seu ritmo, à sua maneira, mas tem um rumo.

Após a vitória do casamento homoafetivo na Irlanda, Walter Kasper assumiu a posição de que a Igreja deveria aceitar o veredicto das urnas. Esse referendo, de maio de 2015, foi realizado entre os dois sínodos, e o cardeal pensava, então, que era necessário levá-lo em consideração, como disse ao jornal italiano *Corriere della Sera*. Segundo ele, a questão do casamento, que ainda era "marginal" antes do primeiro sínodo, se tornou "central" quando, pela primeira vez, o casamento foi aberto aos casais do mesmo sexo "por uma votação popular". E o cardeal acrescentou na mesma entrevista: "Um Estado democrático deve respeitar a vontade popular. Se a maioria [dos cidadãos de um país] quer esse tipo de união, é dever do Estado reconhecer tais direitos".

Debatemos todos esses temas no seu apartamento, durante as duas entrevistas que me concedeu. Admiro a sinceridade e a integridade do cardeal. Falamos da questão homossexual com uma grande liberdade, e Kasper se mostra aberto, ouve, faz perguntas, e sei, por meio de diversas fontes e também por intuição — e aquilo a que se chama "gaydar" —, que estou lidando com um dos poucos cardeais da Cúria que não é homossexual. É a sétima

regra de *No armário do Vaticano*, que se verifica quase sempre: *Os cardeais, os bispos e os padres mais* gay-friendly, *e aqueles que falam pouco da questão homossexual, em geral são heterossexuais*.

Mencionamos os nomes de alguns cardeais, e Kasper, na verdade, está ciente da homossexualidade de vários de seus colegas. Acontece que são também, de certo modo, os seus adversários e os mais "rígidos" da Cúria Romana. Ficamos em dúvida em relação a alguns nomes e estamos de acordo quanto a outros. Nessa fase, a nossa conversa é privada e prometo a confidencialidade do nosso joguinho de saber quem está ou não dentro do armário. Limita-se a dizer, como se tivesse acabado de fazer uma descoberta perturbadora:

— Eles se escondem. São dissimulados. A chave é essa.

Agora, falamos dos antiKasper, e, pela primeira vez, sinto que o cardeal se irrita. Mas, aos 85 anos, o teólogo de Francisco já não tem vontade de lutar contra os hipócritas, os tortuosos. Fazendo um sinal com a mão, encerra o debate com uma frase que poderíamos julgar vaidosa e presunçosa, mas que na verdade é uma dura constatação em relação aos joguinhos inúteis desses prelados desligados da realidade e, o que é ainda pior, da própria realidade:

— Ganharemos — diz Kasper. E, quando diz essa palavra, vejo de repente o bonito sorriso do cardeal, em geral tão austero.

Numa mesa baixa está um exemplar do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, o jornal que lê todos os dias. Kasper fala de Bach e de Mozart, e sinto a sua alma alemã vibrar. Na parede da sala vejo um quadro de um povoado e pergunto sobre o lugar.

— Viu, a realidade é isto. O meu povoado na Alemanha. Todos os anos, no verão, volto à minha região. Lá existem campanários, igrejas. Ao mesmo tempo, hoje em dia, as pessoas já não vão muito à missa e parecem ser felizes sem Deus. A grande questão é essa. É isso que me preocupa. Como

reencontrar o caminho de Deus? Tenho a impressão de que está perdido. Perdemos a batalha.

a. Referência ao ex-primeiro-ministro do Camboja Pol Pot. (N. E.)

6. Roma Termini

Com uma cerveja na mão, Mohammed conversa com uma moça, uma das meninas com a qual ele espera ficar, como me conta depois, usando gírias. No final da tarde acontece o happy hour no Twins: "With your Cocktail, a Free Shot", diz, em inglês, um folheto que me entregam.

Mohammed está sentado numa moto na rua na porta do barzinho. A moto não é dele, mas o rapaz a usa, como todo mundo por ali, para não ficar em pé a noite toda. Em volta dele, um grupo de imigrantes: a sua galera. Eles se chamam ruidosamente pelo primeiro nome, assobiam uns para os outros, são agressivos, afetuosos e malandros uns com os outros, e os seus gritos se somam à algazarra de Roma Termini.

Agora vejo Mohammed entrar no Twins, um barzinho maravilhosamente suspeito, na Via Giovanni Giolitti, em frente à entrada sul da estação central de Roma. Ele quer aproveitar o happy hour para oferecer uma bebida àquela moça de passagem. O Twins recebe ao longo de toda a noite os clientes mais exóticos, imigrantes, viciados, trans, os prostitutos — homens ou mulheres —, com a mesma benevolência. Se for preciso, lá é possível comprar um sanduíche às quatro da manhã, uma fatia de pizza barata e dançar na sala dos fundos ao som de algum *reggaeton* fora de moda. Nas calçadas das redondezas, a droga circula à vontade.

De repente, vejo Mohammed ir embora, deixando a moto e a moça, como se tivesse recebido um telefonema misterioso. Sigo-o com o olhar. Agora está na Piazza dei Cinquecento, no cruzamento da Via Manin com a Via Giovanni Giolitti. Um carro parou próximo da calçada. Mohammed conversa com o

motorista e então entra no veículo, que se afasta. No Twins, a moça continua a conversa com outro rapaz — um jovem romeno — que também está sentado numa moto. (Neste capítulo, todos os nomes dos imigrantes foram alterados.)

"Sou um dos imigrantes que o papa Francisco defende", revela Mohammed, sorrindo, alguns dias depois. Estamos de novo no Twins, o quartel-general do jovem tunisiano, que marca lá os encontros com os amigos: "Se quiser falar comigo, sabe onde me encontrar. Estou lá todas as tardes, a partir das seis", ele me diria em outra ocasião.

Mohammed é muçulmano. Chegou à Itália a bordo de um barquinho de pesca, sem motor, correndo o risco de perder a vida no Mediterrâneo. Encontrei-o pela primeira vez em Roma, quando eu estava começando a escrever este livro. Acompanhei-o durante quase dois anos, até perdê-lo de vista. Um dia, o telefone de Mohammed deixou de responder. "Este número não existe", disse a operadora italiana. Não sei o que aconteceu com ele.

Entretanto, entrevistei-o uma dezena de vezes, durante várias horas, em francês, acompanhado por um dos meus pesquisadores, muitas delas durante almoços. Ele sabia que eu ia contar a sua história.

Em 2016, quando voltou da ilha grega de Lesbos, o papa Francisco trouxe consigo, no avião, três famílias de muçulmanos sírios: um símbolo para afirmar a sua defesa dos refugiados e a sua visão liberal da imigração.

Mohammed, que faz parte dessa imensa onda de refugiados, talvez os últimos a acreditarem no "sonho europeu", não viajou com o papa. Pelo contrário, foi explorado de uma forma inesperada e que nem sequer ele próprio teria imaginado quando trocou Túnis por Nápoles, através da Sicília. Porque, apesar de ser heterossexual, esse jovem de 21 anos foi condenado a se prostituir todas as noites perto da estação central Roma Termini para sobreviver. Mohammed é um profissional do sexo; nas palavras dele,

“acompanhante”, porque soa melhor. E um fato ainda mais extraordinário: esse muçulmano tem como clientes basicamente padres e prelados católicos, ligados às igrejas de Roma ou ao Vaticano. “Sou um dos imigrantes que o papa Francisco defende”, frisa Mohammed, ironicamente.

Para investigar as ligações antinaturais entre os prostitutos muçulmanos de Roma Termini e os padres católicos do Vaticano, entrevistei, ao longo de três anos, cerca de sessenta imigrantes prostitutos de Roma (na maior parte dos casos, fui acompanhado, durante essas conversas, por um tradutor ou um pesquisador).

Para começar, digamos que os “horários” dos prostitutos eram adequados: de manhã cedo e durante o dia, eu me reunia, no Vaticano, com padres, bispos e cardeais, que nunca marcam encontros depois das seis da tarde. Ao final da tarde, em compensação, entrevistava os prostitutos, que raramente chegam ao trabalho antes das sete da noite. As minhas entrevistas com os prelados eram realizadas enquanto os prostitutos ainda dormiam; e as minhas conversas com os acompanhantes, quando os padres já haviam se recolhido. Durante as semanas que passei em Roma, a minha agenda era geralmente dividida entre: os cardeais e os prelados, de dia; os imigrantes, no fim da tarde. Pouco a pouco, eu viria a compreender que esses dois mundos — essas duas misérias sexuais — estavam, na realidade, intrinsecamente interligados. Que os horários desses dois grupos se sobrepunham.

Para abordar a vida noturna de Roma Termini, precisei trabalhar em várias línguas — romeno, árabe, português, espanhol, além de francês, inglês e italiano —, e para isso recorri a amigos, a *scouts* e, de vez em quando, a intérpretes profissionais. Fiz as minhas investigações nas ruas da região de Termini, em Roma, com os meus pesquisadores Thalyson, um brasileiro estudante de arquitetura; António Martínez Velázquez, um jornalista gay

vindo do México; e Loïc Fel, um militante de Paris que atua como voluntário e conhece bem os profissionais do sexo e os dependentes químicos.

Além desses amigos preciosos, fui identificando, ao longo do tempo que passei na região de Roma Termini, determinado número de *escorts*. Em geral, acompanhantes pagos, como Mohammed, tornaram-se "informantes" e "guias" indispensáveis, aceitando me passar informações sobre a prostituição da região com regularidade em troca de uma bebida ou de um almoço. Dei preferência a três locais para os nossos encontros, a fim de lhes proporcionar certa discrição: o café do jardim do Hotel Quirinale; o bar do NH Collection, na Piazza dei Cinquecento; e o segundo andar do restaurante Eataly, que era, até há alguns anos, um McDonald's diante do qual se desenrolavam, precisamente, os encontros gays pagos de Roma.

Mohammed narra a sua travessia do Mediterrâneo.

— Custou 3 mil dinares tunisianos (mil euros) — afirma. — Trabalhei como um louco durante meses para juntar essa quantia, e a minha família também se organizou para me ajudar. Eu estava despreocupado; não fazia a menor ideia dos riscos. O barco de pesca não era muito resistente; eu poderia muito bem ter me afogado.

Dois amigos de Mohammed, Billal e Sami, saíram da Tunísia rumo à Sicília assim como ele e também são prostitutos em Roma Termini. Conversamos numa *pizzeria halal* na Via Manin, diante de um kebab pouco apetitoso de quatro euros. Billal, com camisa polo Adidas e cabelo raspado na lateral, chegou em 2011 depois de uma travessia num barquinho, uma espécie de jangada a motor. Quanto a Sami, de cabelo castanho-arruivado, acobreado, desembarcou em 2009. Veio num barco maior, com 190 pessoas a bordo, e isso custou a ele 2 mil dinares: mais caro do que um voo a bordo de uma companhia *low cost*.

Por que vieram?

— Pela sorte — diz Mohammed, numa frase estranha.

E Sami acrescenta:

— Somos obrigados a ir embora por causa da falta de oportunidades.

Em Roma Termini, encontramos os dois mantendo um comércio ilícito com padres das igrejas de Roma e com prelados do Vaticano. Se eles têm um protetor? Parece que não têm cafetão, nem gigolô, ou só muito raramente.

Num outro dia, almoço com Mohammed no Pomodoro, em San Lorenzo, na região da Via Tiburtina, o restaurante que deve a fama ao fato de Pasolini ter jantado lá com o seu ator fetiche, Ninetto Davoli, na noite do seu assassinato. Mais tarde, naquela noite, ele deveria se encontrar, precisamente sob as arcadas perto da estação Roma Termini, com o gigolô Giuseppe Pelosi, de dezessete anos, que iria matá-lo. Tal como no Al Biondo Tevere, aonde os dois homens foram mais tarde, reunindo vítima e carrasco na memória coletiva, a Itália comemora essas "últimas ceias" de Pasolini. À entrada do restaurante, o cheque original usado para pagar a refeição, assinado por Pasolini — e não descontado — aparece, estranho troféu sepulcral, atrás de um vidro. Se Pelosi encarnava o *ragazzo di vita* e o tipo pasoliniano — de blusa, jeans justo, testa baixa, cabelo encaracolado e um anel misterioso ornado com uma pedra vermelha, trazendo a inscrição "United States" —, Mohammed seria, por outro lado, a quintessência da beleza árabe. É mais duro, mais masculino, mais moreno, tem a testa alta e os cabelos curtos. Tem os olhos azuis dos berberes; não sorri. Nenhum anel — seria feminino demais. Encarna, à sua maneira, o mito árabe que tanto agradou aos escritores "orientalistas" cheios de desejos masculinos.

Esse estilo árabe, que transporta consigo um pouco da memória de Cartago e de *Salammbô*, é muito apreciado hoje em dia no Vaticano. É um fato: os "padres homossexuais" adoram os árabes e os "orientais". Gostam desse

lumpemproletariado imigrante, como Pasolini gostava outrora dos jovens pobres das *borgate*, os subúrbios romanos. As mesmas vidas de risco; as mesmas fantasias. Todos perdem uma parte de si quando vêm para Roma Termini: o *ragazzo* deixa o seu dialeto romano; o imigrante, a sua língua natal. Ambos têm de falar italiano sob as arcadas. O rapaz árabe que acabou de deixar o barco é o novo modelo pasoliniano.

A relação entre Mohammed e os padres com quem convive já é uma longa história. Mas é um comércio estranho, fora das normas, irracional, que tanto do lado católico quanto do lado muçulmano é não só "antinatural", mas também um sacrilégio. Compreendi rápido que a presença de padres em Roma Termini à procura de prostitutos é um negócio estabelecido — uma pequena indústria. Abrange inúmeros prelados e até bispos e cardeais da Cúria Romana cujos nomes conhecemos. Essas relações seguem, aliás, uma regra sociológica notável, a oitava deste livro: *Na prostituição, em Roma, entre os padres e os acompanhantes pagos árabes, reúnem-se duas misérias sexuais: a frustração sexual abissal dos padres católicos encontra um eco na imposição do islã, que torna difícil a um jovem muçulmano a prática de atos heterossexuais fora do matrimônio*.

— Fomos feitos para nos entendermos com os padres — diz Mohammed, usando uma frase preocupante.

Mohammed compreendeu muito rapidamente que o sexo era "o grande negócio" e "a única verdadeira paixão" secular da maior parte dos padres com quem ele se relaciona. Como levam a sério o seu "vício"! E essa descoberta o encantou, pela sua estranheza, pela sua animalidade, os jogos de interpretação de papéis que sugeria, mas também, é claro, porque se tornou a chave do seu modelo econômico. A sua pequena empresa não entra em crise.

Mohammed insiste em trabalhar sozinho. A sua *startup* não depende de nenhum cafetão.

— Eu sentiria vergonha, porque isso seria entrar num sistema. Não quero me tornar um prostituto — ele garante, com toda a seriedade.

Como todos os prostitutos de Roma Termini, Mohammed gosta dos clientes habituais. Gosta de "estabelecer relações", como diz, de ter o celular dos clientes para "construir alguma coisa duradoura". Segundo afirma, os padres estariam entre os seus clientes mais "fiéis": ligam-se "instintivamente" aos prostitutos de quem gostam e querem voltar a encontrá-los. Mohammed gosta dessa regularidade, que, além dos benefícios financeiros que proporciona, para ele parece elevar a sua posição social.

— Um acompanhante pago é uma pessoa que tem clientes regulares. Não é um prostituto — insiste o jovem tunisiano.

— *Bună ziua.*

— *Ce faci?*

— *Bine! Foarte bine!*

Falo com Gaby na sua própria língua, e o meu romeno rudimentar, que no começo o espantou, agora parece tranquilizá-lo. Morei um ano em Bucareste há muito tempo e me recordo de algumas expressões básicas. Gaby, de 25 anos, trabalha na área "reservada" aos romenos.

Ao contrário de Mohammed, Gaby é um imigrante legal na Itália, uma vez que a Romênia pertence à União Europeia. Ele veio parar em Roma um pouco por acaso; as duas principais rotas migratórias, a chamada rota dos Bálcãs, que tem raízes na Europa Central e, além dela, na Síria e no Iraque, e a rota do Mediterrâneo, usada pela maior parte dos imigrantes da África e do Magrebe, passam por Roma Termini — a grande estação central da capital italiana. É, no

sentido literal do termo, o ponto-final de muitas das rotas de imigrações. Todas param lá.

Sempre em trânsito, tal como a maioria dos prostitutos, Gaby já pensa em partir de novo. Enquanto espera, procura um emprego "normal" em Roma. Sem uma formação de verdade nem profissão, suas oportunidades são poucas: foi a contragosto que ele começou a trabalhar com o sexo.

Amigos jornalistas de Bucareste já tinham me alertado para esse fenômeno desconcertante: a Romênia exportava os seus prostitutos. Jornais como *Evenimentul Zilei* chegaram a investigar o tema, ironizando esse novo "recorde" romeno: ter se tornado o primeiro país europeu exportador de profissionais do sexo. Segundo a Tampep, uma ONG holandesa, quase metade dos prostitutos presentes na Europa, tanto homens quanto mulheres, seria de imigrantes; um em cada oito seria romeno.

Gaby vem de Iaşi. Começou atravessando a Alemanha, onde não ficou por não compreender a língua e não conhecer ninguém. Após uma estada "muito decepcionante" na Holanda, acabou em Roma sem dinheiro, mas com o endereço de um amigo romeno. Esse rapaz, também prostituto, o hospedou, iniciou-o na "profissão" e revelou o seu código secreto: os melhores clientes são padres!

Em geral, Gaby começa a sua noite de trabalho em Roma Termini perto das oito da noite e, dependendo do movimento, permanece lá até as seis da manhã.

— O horário nobre é das oito às onze da noite. A tarde nós deixamos para os africanos. Os romenos vêm ao final da tarde. Os melhores clientes preferem os brancos — diz ele, com certo orgulho. — No verão é melhor do que no inverno, quando há poucos clientes, mas em agosto também não é bom porque os padres estão de férias e o Vaticano, quase vazio.

A noite ideal, segundo Gaby, seria sexta-feira. Os padres saem "em trajes civis" — sem o colarinho romano. A tarde de domingo é outro horário promissor, segundo Mohammed, que trabalha muito nesse dia. Não há descanso no sétimo dia! O tédio de domingo contribui para que a região de Roma Termini não se esvazie, antes ou depois das vésperas.

No início eu não dava a menor atenção a essas trocas de olhares discretos, a todas essas movimentações no entorno da Via Giovanni Giolitti, da Via Gioberti ou da Via delle Terme di Diocleziano, mas, graças a Mohammed e Gaby, agora consigo decifrar os sinais.

— Na maioria das vezes, dou a entender aos clientes que sou húngaro, porque eles não gostam muito dos romenos. Nos confundem com os ciganos — explica Gaby, e eu sinto perfeitamente que essa mentira não lhe agrada muito, devido ao ódio que, como muitos romenos, o jovem sente pelos vizinhos e inimigos húngaros.

Todos os prostitutos da região inventam vidas e fantasias. Um deles me diz que é espanhol, e percebo, pelo seu sotaque, que é latino-americano. Um rapaz barbudo com aparência de cigano, conhecido pelo nome de Pitbull, apresenta-se geralmente como búlgaro, quando na verdade é romeno de Craiova. Um outro, baixo e que se recusa a me revelar o nome — vamos chamá-lo de Shorty —, conta que está ali porque perdeu o trem; mas volto a cruzar com ele no dia seguinte.

Os clientes também mentem e inventam outras vidas.

— Dizem que estão de passagem, ou em viagem de negócios, mas não somos idiotas. Nós percebemos na mesma hora, conseguimos reconhecer os religiosos de longe — comenta Gaby.

Para abordarem um rapaz, esses padres usam a tática mais velha do mundo, mas que ainda funciona:

— Nos pedem um cigarro, mesmo quando não fumam! Em geral, nem sequer esperam a nossa resposta. Assim que os olhares se cruzam, o código já foi entendido, e de repente eles falam, sem perder tempo: *Andiamo*.

Mohammed, Gaby, Pitbull e Shorty reconhecem que também acontece de serem eles a dar o primeiro passo, em especial quando os padres passam várias vezes diante dos rapazes, mas não têm coragem abordá-los.

— Então eu dou uma ajuda — diz Mohammed — e pergunto se querem fazer café.

"Fazer café", a expressão é bela e pertence ao vocabulário aproximado dos árabes que ainda procuram as palavras.

Durante os dois primeiros anos da minha investigação, morei na região de Termini, em Roma. Durante cerca de uma semana por mês, eu alugava um pequeno apartamento no Airbnb, às vezes a casa de S., um arquiteto cujo estúdio que ficava perto da basílica Santa Maria Maggiore sempre adorei, e às vezes, quando o estúdio estava ocupado, algum Airbnb da Via Marsala ou da Via Montebello, ao norte da estação Termini.

Os meus amigos sempre estranharam que eu desse preferência àquela região sem alma de Roma. As imediações do Esquilino, uma das sete colinas da cidade, durante muito tempo foram imundas, é verdade; mas hoje em dia Termini se encontra em plena *gentrificazione*, como dizem os habitantes, usando um anglicismo italianizado. Os romanos me aconselharam a ficar hospedado antes no Trastevere, perto do Panteão, no Borgo ou até em Prati, para ficar mais próximo do Vaticano. Mas me mantive fiel a Termini: é uma questão de hábito. Quando se viaja, tenta-se logo criar uma nova rotina, encontrar pontos de referência. Em Roma Termini, estou ao lado do trem expresso, batizado Leonardo Express, que leva ao aeroporto internacional de Roma; os metrôs e os ônibus param lá; tenho ali também a minha pequena

lavanderia, Lavasciuga, na Via Montebello, e sobretudo a livraria internacional Feltrinelli, perto da Piazza della Repubblica, onde pude me abastecer de livros e caderninhos para as minhas anotações. A literatura é a melhor companheira de viagem. E, como sempre pensei que há três coisas em que nunca se deve economizar na vida — livros, viagens e cafés para encontros com amigos —, tive prazer em continuar fiel a essa regra na Itália.

Finalmente "me mudei" de Termini em 2017, quando fui autorizado a morar nas residências oficiais do Vaticano, graças a um *monsignore* muito bem relacionado, Battista Ricca, e ao arcebispo François Bacqué. Indo morar então na oficialíssima Casa del Clero, um local "extraterritorial" situado perto da Piazza Navona, ou em outras residências da santa sé e por fim, durante vários meses, no interior do próprio Vaticano, a algumas dezenas de metros dos aposentos do papa — graças ao convite interesseiro de altos prelados —, me afastei de Termini com pesar.

Precisei de vários meses de observação atenta e encontros para compreender a sutil geografia noturna dos rapazes de Roma Termini. Cada grupo de prostitutos tem o seu lugar, mais ou menos habitual, e o seu território marcado; uma distribuição que atesta hierarquias raciais e uma variedade de preços. Assim, em geral, os africanos estão sentados na balaustrada diante da entrada sudoeste da estação; os magrebinos, e por vezes os egípcios, ficam sobretudo na Via Giovanni Giolitti, no cruzamento da Via Manin ou sob as arcadas da Piazza dei Cinquecento; os romenos se encontram perto da Piazza della Repubblica, ao lado das ninfas marinhas nuas da Fontana delle Naiadi ou ao redor do Obelisco di Dogali; os "latinos", por fim, reúnem-se mais ao norte da praça, na Viale Enrico de Nicola ou na Via Marsala. Por vezes, há guerras de territórios dentro do grupo — e todos ajustam as contas com os punhos.

Essa geografia não é estável; varia com o passar dos anos, das estações ou das ondas de imigrantes. Houve períodos de curdos, iugoslavos, eritreus, mais recentemente a onda dos sírios e iraquianos, e hoje se veem chegar a Roma Termini nigerianos, argentinos e venezuelanos. Mas um elemento é bastante constante: há poucos italianos na Piazza dei Cinquecento.

A descriminalização da homossexualidade, a multiplicação dos bares e das saunas, os aplicativos de celular, as legislações sobre o casamento e a socialização dos gays tende, por toda a Europa, a enxugar o mercado da prostituição masculina de rua. Salvo uma exceção: Roma. A explicação é bastante simples: os padres contribuem para manter ativo esse mercado cada vez mais anacrônico na época da internet. E, por questões de anonimato, procuram sobretudo imigrantes.

O "programa" não tem preço fixo em Roma Termini. No mercado dos bens e serviços, a cotação do ato sexual está atualmente em seu nível mais baixo. Há romenos disponíveis demais, africanos sem documentos demais, travestis latinos e vadios demais para que seja possível uma inflação. Mohammed cobra, em média, setenta euros por programa; Shorty pede cinquenta euros, mas com a condição de o cliente pagar o quarto; Gaby e Pitbull raramente discutem o preço antes, o que é tanto um sinal de medo de policiais à paisana como um indício de miséria e dependência econômica.

— Depois de acabar, peço cinquenta euros se não fizerem nenhuma proposta; se me oferecem quarenta, peço mais dez; e, às vezes, aceito vinte, se o cliente for pão-duro. Acima de tudo, não quero problemas, porque venho aqui todas as noites — explica Gaby.

Ele não diz que tem "uma reputação" a manter, mas me parece ficar subentendido.

— Ter um cliente habitual é o que todo mundo procura aqui, mas não é fácil — ressalta Florin, um prostituto romeno que vem da Transilvânia e fala inglês fluentemente.

Me encontrei com Florin e Christian em Roma, em agosto de 2016, com o meu pesquisador Thalyson. Os dois têm 27 anos e vivem juntos, me contam, num pequeno apartamento provisório, num subúrbio longe da cidade.

— Cresci em Brasov — afirma Christian. — Sou casado e tenho um filho. Preciso alimentá-lo! Falei para os meus pais e para a minha mulher que sou barman em Roma.

Florin deu a entender aos pais que estava trabalhando "na construção" e diz "ganhar em quinze minutos o que ganharia em dez horas num estaleiro".

— Trabalhamos nas imediações da Piazza della Repubblica. É um local para as pessoas do Vaticano. Aqui, todo mundo sabe. Os padres nos levam de carro para a casa deles ou, com mais frequência, para um hotel — revela Christian.

Ao contrário de outros prostitutos que entrevistei, Christian conta que não tem dificuldade em alugar um quarto.

— Não tenho nenhum problema. Nós pagamos. Não podem nos recusar. Temos documento de identidade, estamos legais. E, mesmo que as pessoas do hotel não fiquem contentes porque dois homens ocupam um quarto durante uma hora, não podem fazer nada.

— Quem paga o hotel?

— Eles, claro — retruca Christian, espantado com a minha pergunta.

Christian revela a face sombria das noites escuras de Roma Termini. A lascívia dos religiosos ultrapassa as normas, chegando ao abuso, segundo os depoimentos recolhidos.

— Houve um padre que quis que eu urinasse nele. Há aqueles que querem que nos fantasiemos de mulher, de travesti. Outros praticam atos

sadomasoquistas um pouco sórdidos. (Ele me narra os pormenores.) Um padre até quis lutar boxe comigo todo nu.

— Como sabe que são padres?

— Tenho experiência! Consigo identificá-los na hora. Os padres estão entre os clientes mais assíduos aqui. Nós os reconhecemos por causa da cruz, quando tiram a roupa.

— Mas muita gente usa uma cruz, uma medalha de batismo?

— Não, não é uma cruz dessas. Nós os reconhecemos de longe, mesmo quando se disfarçam de burgueses. Dá para perceber pela atitude, muito mais constrangida do que a dos outros clientes. Não estão na vida...

— São infelizes — continua Christian. — Não vivem; não gostam de si mesmos. O modo como abordam, o joguinho, com o celular ao ouvido, para disfarçar a falta de jeito, o ar de uma vida social, quando não estão falando com ninguém. Conheço tudo isso de cor. E, principalmente, tenho clientes regulares. Eu os conheço. Conversamos muito. Eles se confessam. Eu também uso uma cruz no pescoço, sou cristão. Isso cria laços! Eles se sentem mais seguros com um ortodoxo, isso os acalma! Falo de João Paulo II, de quem gosto muito, como romeno; sou imbatível no que se refere a esse papa. Além disso, um italiano quase nunca nos leva para um hotel. Os únicos que nos levam para um hotel são os padres, os turistas e os policiais.

— Policiais?

— Sim, tenho alguns clientes habituais que são policiais... Mas prefiro os padres. Quando vamos ao Vaticano, eles nos pagam muito bem porque são ricos...

Os rapazes de Roma Termini nunca são muito precisos em relação a esses clientes importantes, mas a região conserva, mesmo assim, a memória de orgias no Vaticano. Foram muitos os que me falaram das "festas a quatro" às sextas-feiras à noite, "em que um motorista vinha buscar os prostitutos, numa

Mercedes, para levá-los ao Vaticano", mas nenhum deles havia feito pessoalmente essa viagem até a santa sé "com o motorista", e tenho a impressão de que receberam todas essas informações de segunda mão. A memória coletiva dos rapazes de Termini repete essa história sem que seja possível saber se aconteceu alguma vez de fato.

Christian conta, no entanto, que acompanhou, por três vezes, um padre ao Vaticano, e um amigo romeno, Razvan, que se juntou a nós e participa da conversa, revela ter ido lá uma vez.

— Se formos ao Vaticano e o cliente for um peixe graúdo, somos muito mais bem pagos. Não fica na casa dos cinquenta a sessenta euros, mas sim na dos cem a duzentos. Todos temos vontade de ter um peixe graúdo.

Christian prossegue:

— A maioria dos padres e das pessoas do Vaticano quer habituais. Chama menos atenção e é menos arriscado para eles: já não precisam vir nos buscar aqui, na Piazza della Repubblica, a pé ou de carro; basta nos enviarem uma mensagem no celular.

Esperto e experiente, Christian mostra a lista de contatos do seu celular e vai passando os nomes e números de telefone. A lista é infinita. Ao falar deles, os chama de os "meus amigos", o que leva Florin a rir:

— Os "meus amigos", para pessoas que você conheceu há duas horas! Então, são *fast-friends*!

Muitos dos clientes de Christian certamente forneceram nomes falsos, mas os números são verdadeiros. E penso com os meus botões que, se alguém publicasse aquela enorme lista de números de celular de religiosos, isso incendiaria a Conferência Episcopal Italiana!

Quantos são os padres em busca de companhia que vêm regularmente a Termini? Quantos prelados ainda no armário e *monsignori* "não héteros" vêm, assim, se aquecer com esses sóis do Oriente? Os assistentes sociais e os

policiais sugerem alguns números: "dezenas" todas as noites, "centenas" todos os meses. Já os prostitutos, fanfarrões, falam em "milhares". Mas todo mundo subestima ou superestima um mercado que não pode ser avaliado. E, na verdade, ninguém sabe.

Christian quer parar.

— Já sou um veterano aqui. Não que eu seja velho, tenho só 27 anos, mas tenho a sensação perfeita de que pareço ter mais. Muitas vezes, os padres passam e me cumprimentam: "Buongiorno...", mas já não me mandam entrar. Quando um jovem chega a Termini, é novinho em folha. Todo mundo quer. É a sorte grande. É muito procurado. Pode realmente ganhar muito dinheiro. Mas, para mim, já é tarde demais. Vou voltar em setembro. Acabei.

Com os meus pesquisadores Thalyson, Antonio, Daniele e Loïc, fazemos a ronda dos hotéis de Termini durante várias noites. É uma geografia impressionante e ainda mais fabulosa por se situar toda no alto.

Em Roma Termini, levantamos mais de uma centena de pequenos hotéis situados nos andares dos edifícios na Via Principe Amedeo, Via Giovanni Amendola, Via Milazzo ou, ainda, Via Filippo Turati. Aqui, as estrelas não fazem muito sentido: um hotel de duas estrelas pode ser suspeito; um hotel de uma estrela, que se apresenta com "todo o conforto", dificilmente é frequentável. Às vezes, como venho a descobrir, os hotéis de programas põem inclusive anúncios no Airbnb para encher os quartos quando têm falta de clientes: uma privatização à margem da lei... Entrevistamos vários gerentes e responsáveis pelos estabelecimentos a respeito da prostituição e tentamos alugar quartos "por hora" diversas vezes, para ver a reação dos gerentes.

Um bangladeshiano muçulmano de trinta e poucos anos, que gerencia um hotelzinho na Via Principe Amedeo, considera que a prostituição é o "flagelo da região".

— Se me pedem para alugar por hora, eu recuso. Mas se alugarem um quarto por uma noite, não posso botá-los para fora. A lei me proíbe de fazer isso.

Nos hotéis de Roma Termini, mesmo nos mais imundos, não é raro os gerentes organizarem uma verdadeira guerra aos prostitutos masculinos, sem se darem conta de que, assim, afastam uma clientela mais respeitável: os padres! Multiplicam as senhas de acesso, contratam seguranças noturnos intransigentes, instalam câmaras de vigilância nas entradas e nos corredores — e inclusive nas escadas de emergência, nos pátios internos, "que às vezes os prostitutos utilizam para deixar o cliente entrar sem passar pela cabine do porteiro" (segundo Fabio, um autêntico romano, na casa dos trinta, ligeiramente marginalizado, que trabalha, sem registro, num desses hotéis). Aqueles avisos de *Area Videosorvegliata*, que vi muitas vezes nesses hoteizinhos, em princípio assustam os religiosos.

Com frequência, eles exigem os documentos dos prostitutos imigrantes, para tentar afastá-los, ou multiplicam por dois o preço do quarto (a Itália ainda é um desses países arcaicos onde às vezes se paga o pernoite em função do número de ocupantes). Depois de terem tentado de tudo para acabar com esse mercado, restou aos gerentes às vezes urrar insultos, como *Fanculo i froci!*, àqueles que levaram um cliente para o quarto *single*.

— Acontece de tudo, aqui, à noite — conta Fabio. — Muitos prostitutos não têm documentos. Então eles repassam uns aos outros, os emprestam. Já vi brancos entrarem com documentos de negros. Francamente, isso não se faz! Mas, claro, fechamos os olhos e os deixamos passar.

Segundo Fabio, não é raro um gerente proibir a prostituição num dos seus hotéis, mas encorajá-la em outro. Nesses casos, dá o cartão de visita do outro hotel e, cheio de insinuações, recomenda ao efêmero casal um endereço melhor. Às vezes, o gerente se preocupa até com a segurança do cliente e,

temendo os homens perigosos, fica com o documento de identidade do prostituto em sua cabine até ele descer com o seu cliente, para se certificar de que não houve roubo nem violência. Uma vigilância que sem dúvida evitou alguns escândalos eclesiásticos a mais!

Em Roma Termini, o turista de passagem, o visitante, o burguês italiano, sem experiência, têm somente uma visão superficial: veem apenas os locadores de Vespas e as ofertas de descontos nos passeios em ônibus de dois andares, "Hop On, Hop Off". No entanto, por trás desses anúncios chamativos para visitar o Monte Palatino existe outra vida, nos andares dos hoteizinhos de Roma Termini, que não é menos sedutora.

Na Piazza dei Cinquecento, observo o jogo dos rapazes e dos clientes. Esse comportamento não é nada sutil, e os clientes também não são muito brilhantes. Muitos passam de carro, de janela aberta, hesitam, dão meia-volta, recuam e, finalmente, levam os seus jovens acompanhantes para uma direção desconhecida. Outros estão a pé, não têm constrangimento, e terminam o seu diálogo bíblico num dos hotéis miseráveis da região. Quando surge um mais corajoso e mais seguro de si, aparenta ser um padre missionário na África! E outro me dá a impressão de estar em pleno safári, de tanto que examina as feras!

Pergunto a Florin, o prostituto romeno cujo nome lembra a antiga moeda dos papas no tempo de Júlio II, se visitou os museus, o Panteão e o Coliseu.

— Não, visitei apenas o Vaticano, com clientes. Não posso pagar doze euros para entrar num museu... Normal.

Florin tem uma barba curta por fazer, que conserva porque faz parte, diz, do seu "poder de atração". Tem olhos azuis e o cabelo perfeitamente penteado e arrumado "com gel Garnier". Revela que quer "tatuar o Vaticano no braço, por ser tão bonito".

— Às vezes, os padres nos pagam viagens — conta Florin. — Fui passar três dias com um religioso. Ele pagou tudo. Normal. Também há clientes que nos contratam regularmente, todas as semanas, por exemplo. Pagam uma espécie de assinatura. E damos um desconto para eles!

Pergunto a Gaby, como fiz com os outros, quais são os elementos que o levam a saber que está com um padre.

— São mais discretos do que os outros. No plano sexual, são uns lobos solitários. Eles têm medo. Nunca usam palavrões. E, claro, querem sempre ir para um hotel, como se não tivessem casa: é o sinal, é assim que os reconhecemos.

Acrescenta:

— Os padres não querem italianos. Ficam mais à vontade com pessoas que não falam italiano. Querem imigrantes porque é mais fácil, mais discreto. Já viu um imigrante denunciar alguém numa delegacia?

Gaby continua:

— Tenho padres que me pagam apenas para dormir comigo. Falam de amor, de histórias de amor. Têm uma ternura louca. Parecem umas menininhas! Reclamam por quase não beijá-los, e esses beijos parecem importantes para eles. Também há alguns que querem "me salvar". Os padres querem sempre nos ajudar, "nos tirar da rua"...

Ouvi esse comentário vezes o bastante para pensar que se baseia em experiências reais e reiteradas. Os padres logo se apaixonam pelo seu imigrante, a quem agora sussurram ao ouvido, num inglês macarrônico, "I luv you" — um anglicismo para não dizer a palavra, tal como quem pragueja dizendo "Oh my Gosh", em vez de blasfemar dizendo "Oh my God!". Muitas vezes os prostitutos ficam chocados com a carência absurda dos padres e a sua procura desvairada por amor: decididamente, a viagem deles através do Mediterrâneo é cheia de surpresas!

E, com eles, eu me pergunto: será que é mais comum que os padres se apaixonem pelos seus rapazes do que os outros homens? Por que procuram "salvar" os prostitutos de que se aproveitam? É um resquício de moral cristã que os torna humanos no momento em que traem o seu voto de castidade?

Florin pergunta se os homens têm o direito de se casar na França. Respondo que "sim", o casamento entre pessoas do mesmo sexo é permitido. Ele não pensou muito nisso, mas, no fundo, parece-lhe "normal".

— Aqui na Itália é proibido. Por causa do Vaticano e porque é um país comunista.

Florin pontua cada uma das suas frases com a palavra "normal", apesar de a sua vida ser tudo menos normal.

O que me impressiona, durante as inúmeras conversas com Christian, Florin, Gaby, Mohammed, Pitbull, Shorty e tantos outros, é a ausência de julgamento deles sobre os padres com quem se deitam. Não se deixam tolher nem pela moral nem pela culpa. Se um imame fosse gay, os muçulmanos teriam ficado chocados com isso; se um papa fosse homossexual, os romenos achariam isso estranho; mas parece-lhes "normal" que padres católicos se entreguem à prostituição. De qualquer modo, para eles é uma sorte. O pecado não lhes diz respeito. Mohammed insiste em afirmar que é sempre "ativo", o que parece tranquilizá-lo quanto ao grau da sua falta diante do islã.

— Um muçulmano tem o direito de ir para a cama com um padre católico? Podemos sempre fazer a pergunta se tivermos escolha — acrescenta Mohammed. — Mas eu não tenho escolha.

Em outro final de tarde, encontro com Gaby no Agenzia Viaggi, um cibercafé da Via Manin (hoje fechado). Lá estão também cerca de trinta prostitutos romenos que conversam pela internet com os seus amigos e com as suas famílias que ficaram em Bucareste, Constança, Timişoara ou Cluj.

Falam através do Skype ou do WhatsApp e atualizam o seu status no Facebook. Na biografia on-line de Gaby, enquanto ele conversa com a mãe, leio: "Life lover", em inglês. E "Mora em Nova York".

— Falo da minha vida aqui. Ela fica feliz por ver que eu viajo pela Europa: Berlim, Roma, em breve Londres. Sinto que me inveja um pouco. Ela faz muitas perguntas e está realmente feliz por mim. Para ela é como se eu estivesse num filme. Claro que a minha mãe não sabe o que faço. Nunca vou dizer a ela. (Tal como os outros rapazes, Gaby utiliza o menos possível as palavras "prostituto" ou "se prostituir" e prefere sobretudo usar metáforas ou imagens.)

Mohammed diz mais ou menos a mesma coisa. Frequenta um cibercafé chamado Internet Phone, na Via Gioberti, aonde vou com ele. Falar com a mãe pela internet, como faz várias vezes por semana, custa cinquenta centavos por quinze minutos ou dois euros por uma hora. Liga para a mãe, na minha frente, através do Facebook. Fala com ela durante dez minutos em árabe.

— Uso sobretudo o Facebook. A minha mãe sabe usar melhor o Facebook do que o Skype. Acabei de dizer a ela que está tudo bem, que trabalhava. Ela ficou muito feliz. Às vezes, diz que gostaria que eu voltasse, que estivesse lá, durante apenas uns minutos. Ela fala: "Volta durante um minuto, apenas um minuto, para eu te ver". E me diz: "Você é a minha vida".

Regularmente, como para aliviar a culpa pela sua ausência, Mohammed envia à mãe um pouco de dinheiro, que a Western Union transfere (ele se queixa das comissões abusivas; recomendo o PayPal, mas ele não tem cartão de crédito).

Mohammed sonha em voltar "um dia". Ele se lembra da linha do TGM, ainda que seja tão arcaica, o pequeno trem que liga Tunis Marine a La Marsa, com paradas lendárias, cuja lista recita em voz alta, lembrando-se do nome de cada

estação na sequência certa: Le Bac, La Goulette, L'Aéroport, Le Kram, Carthage-Salammbo, Sidi Bousaïd, La Marsa.

— Tenho saudades da Tunísia. A minha mãe pergunta frequentemente se eu não sinto frio. Respondo que uso um gorro e que também tenho um casaco com capuz. Porque faz muito frio aqui, no inverno. Ela imagina, mas não tem uma noção real do frio que faz aqui.

No círculo árabe de Mohammed, em Roma, nem todos caíram na prostituição. Muitos dos seus amigos preferem a venda de haxixe e cocaína (a heroína, cara demais, parece ausente da região, segundo todos os prostitutos que entrevistei, e o ecstasy tem apenas uma presença marginal).

Drogas? Não são para Mohammed. O seu argumento é perfeito:

— Drogas são ilegais e se corre um risco enorme. Se eu fosse preso, a minha mãe descobriria tudo e nunca me perdoaria. O que faço na Itália é perfeitamente legal.

Acima da escrivaninha de Giovanna Petrocca há dois crucifixos pendurados na parede. Sobre uma mesa próxima, fotografias onde ela aparece com o papa João Paulo II.

— É o meu papa — diz Giovanna Petrocca, sorrindo.

Estou no comissariado central de Roma Termini, e Giovanna Petrocca é responsável por essa importante unidade da polícia. Ela ocupa o cargo de comissária; em italiano, o seu título, tal como aparece na porta do seu escritório, é: "*primo dirigente, commissariato di Polizia, Questura di Roma*".

O encontro foi organizado oficialmente pelo departamento de imprensa da direção central da polícia italiana, e Giovanna Petrocca responde a todas as minhas perguntas sem subterfúgios. A comissária é uma grande profissional que domina perfeitamente o seu trabalho. É claro que a prostituição de Roma Termini não escapou à polícia, que sabe tudo, até os mínimos detalhes.

Giovanna Petrocca confirma a maior parte das minhas hipóteses e, sobretudo, corrobora o que os prostitutos me disseram. (Neste capítulo, utilizo também informações do tenente-coronel Stefano Chirico, que dirige o gabinete de combate à discriminação na Direzione Central della Polizia Criminale, o quartel-general da polícia nacional no sul de Roma, aonde também fui.)

— Roma Termini tem uma longa história de prostituição — conta a comissária Giovanna Petrocca. — A coisa funciona em ondas, em função da imigração, das guerras, da pobreza. Cada nacionalidade se agrupa por língua, tudo é bastante espontâneo, um pouco selvagem. A lei italiana não pune a prostituição individual e, portanto, tentamos apenas conter o fenômeno, limitar a sua expansão. E, claro, cuidamos para que se mantenha dentro dos limites e que não haja obscenidades ou atentados ao pudor na rua, prostituição com menores, drogas nem cafetinagem. Tudo isso é proibido e punido severamente.

Formada em direito pela Universidade La Sapienza, Giovanna Petrocca, depois de integrar por muito tempo uma patrulha de polícia urbana, juntou-se à nova unidade especializada no combate à prostituição da polícia judiciária, criada em 2001, onde permaneceu por treze anos até se tornar uma das suas responsáveis. Durante esse tempo, pôde acompanhar as transformações demográficas da prostituição: as mulheres albanesas prostituídas à força por máfias; a chegada das moldavas e das romenas e da cafetinagem organizada; a onda nigeriana, que classifica como "medieval", porque as mulheres se prostituem como resposta a regras tribais e preceitos de vudu! Ela investiga as casas de massagens com *happy ending* — uma especialidade dos chineses, difícil de controlar, pois acontece em casas particulares. Conhece os hotéis de programas de Roma Termini e, claro, em detalhes, a prostituição masculina da região.

Com uma precisão científica, a comissária enumera os casos recentes, os homicídios, os locais onde atuam os travestis, que são diferentes dos pontos dos transexuais. Mas Giovanna Petrocca — traduzida por Daniele Particelli, o meu pesquisador romano — não quer dramatizar a situação. Roma Termini seria, segundo ela, um local de prostituição como qualquer outro, à semelhança de todas as regiões situadas no entorno das grandes estações de trem da Itália, bastante parecida com Nápoles e Milão.

— O que se pode fazer? Controlamos as atividades na via pública e fazemos incursões aleatórias, cerca de duas vezes por semana, nos hotéis da região de Roma Termini. Um hotel que aceite prostitutos oficialmente está cometendo um delito; mas alugar quartos por hora é legal na Itália. Intervimos, portanto, se descobrimos cafetinagem organizada, drogas ou se encontramos menores.

Giovanna Petrocca não tem pressa, e falamos sobre os tipos de drogas que circulam na região e sobre os hotéis que identifiquei e que ela também conhece. Raras vezes encontrei uma agente de polícia tão competente, tão profissional e tão bem informada. Roma Termini está realmente "sob controle".

Embora a comissária não tenha comentado comigo oficialmente a importância dos padres na prostituição de Roma Termini, outros policiais e agentes o fizeram de uma forma pormenorizada e aprofundada fora da unidade dela. Na verdade, ao longo deste capítulo — e também no conjunto deste livro —, utilizo frequentemente inúmeras informações provenientes da associação Polis Aperta, que reúne mais de cem militares, *carabinieri* e policiais LGBTs italianos. Vários dos seus membros em Roma, Castel Gandolfo, Milão, Nápoles, Turim, Pádua e Bolonha, em particular um tenente-coronel dos *carabinieri*, descreveram a prostituição de Roma Termini e, mais amplamente, a vida sexual em troca de dinheiro dos eclesiásticos. (Em determinados casos, utilizo também informações e estatísticas anônimas

saídas da SDI, a base de dados comum às diferentes forças da ordem italianas, sobre queixas, delitos e crimes.)

Esses policiais e *carabinieri* confirmam que são muitos os casos de polícia: padres roubados, extorquidos ou violentados; padres detidos; padres assassinados, também, nesses locais de prostituição não autorizados. Descrevem as chantagens, as *sex tapes*, o *revenge porn* católico e os inúmeros escândalos sexuais do clero. Esses religiosos, mesmo quando são vítimas, raramente apresentam queixa: o preço a pagar por apresentar uma denúncia na delegacia seria alto demais. Só se dispõem a fazê-lo nos casos mais graves. Na maior parte do tempo, eles se calam, se escondem e voltam para casa em silêncio, esmagados pelo seu vício, dissimulando os hematomas.

Também há os homicídios, mais raros, mas que acabam vindo à tona. No seu livro *Omocidi*, o jornalista Andrea Pini revelou um número considerável de homossexuais assassinados por prostitutos na Itália, especialmente após encontros anônimos realizados em locais de diversão noturna. Neles, segundo mais de uma fonte policial, os casos envolvendo padres são numerosos.

Francesco Mangiacapra é um acompanhante de luxo napolitano. O seu depoimento é fundamental aqui porque, ao contrário dos outros prostitutos, ele aceitou falar usando o seu nome verdadeiro. Um jurista um pouco paranoico, mas com ideias coerentes, elaborou longas listas de padres gays que já recorreram aos seus serviços na região de Nápoles e em Roma. Esse banco de dados inédito foi alimentado, ao longo de vários anos, com fotografias, vídeos e, sobretudo, com a identidade dos interessados. Quando ele me revela essas informações sólidas e confidenciais, saio da conversa qualitativa anônima, como era o caso nas ruas de Roma Termini, para entrar no quantitativo. De agora em diante, tenho provas tangíveis.

Conheci Mangiacapra através de Fabrizio Sorbara, um dos responsáveis pela associação Arcigay em Nápoles. Eu o entrevisto várias vezes, em Nápoles e Roma, na presença de Daniele e do ativista e tradutor René Buonocore.

Com a camisa branca aberta no peito, cabelos finos de uma bela cor castanha, rosto afilado e com a barba cuidadosamente por fazer, ele é um jovem sedutor. Embora o nosso primeiro contato seja prudente, Mangiacapra logo fica à vontade comigo. Sabe muito bem quem sou, pois assistiu, alguns meses antes, a uma conferência que dei no instituto francês de Nápoles, na época em que meu livro *Global Gay* foi publicado na Itália.

— Não comecei nessa profissão por dinheiro, mas sim para conhecer o meu valor. Sou formado em direito pela célebre Universidade Federico II, de Nápoles, e quando comecei a procurar trabalho todas as portas se fechavam. Aqui, no sul da Itália, não há emprego, não há oportunidades. Os meus companheiros de turma faziam estágios humilhantes e de lá iam para escritórios de advocacia, onde eram explorados por quatrocentos euros ao mês. O meu primeiro cliente, lembro bem, foi um advogado: me pagou por vinte minutos o que paga aos seus estagiários por duas semanas de trabalho! Em vez de vender o meu espírito por pouco dinheiro, prefiro vender o meu corpo por muito.

Mangiacapra não é um acompanhante pago como outro qualquer. É um prostituto italiano político que se mostra, segundo ele, sob o seu verdadeiro nome e de rosto descoberto, sem vergonha. Fiquei imediatamente impressionado com a força do seu depoimento.

— Conheço o meu valor e o valor do dinheiro. Gasto pouco, poupo o máximo que posso. Muitos julgam que a prostituição é um dinheiro rápido e fácil. Mas não, é um dinheiro muito difícil.

Francesco Mangiacapra descobre em breve um filão que nunca teria imaginado. A prostituição com os padres gays.

— De início, isso acontece um pouco naturalmente. Tive clientes padres que me recomendaram a outros padres, os quais me convidaram para festas onde conheci ainda mais padres. Não se trata de uma rede, nem de orgias, como julgam às vezes. Eram apenas uns padres normais que me recomendavam, muito normalmente, a outros amigos padres.

As vantagens desse tipo de cliente não tardam a se revelar: a fidelidade, a recorrência e a segurança.

— Os padres são a clientela ideal. São fiéis e pagam bem. Se eu pudesse, só trabalharia para padres. Dou sempre prioridade para eles. Tenho sorte, porque sou muito requisitado, de poder escolher os meus clientes, ao contrário dos outros prostitutos, que são escolhidos. Não diria que sou feliz nesse trabalho, mas olho para os outros prostitutos, para os outros estudantes que não têm trabalho e penso que, na verdade, tenho sorte. Se tivesse nascido em outro lugar ou outra época, teria utilizado os meus diplomas e a minha inteligência para fazer uma coisa diferente. Mas, em Nápoles, a prostituição foi a profissão mais acessível que encontrei.

O jovem começa a tossir. Sinto uma fragilidade. É frágil. Sensível. Afirma ter "trinta padres habituais", atualmente, clientes que tem certeza que são padres e muitos outros em relação aos quais tem dúvidas. Desde que começou na prostituição, teve, afirma, "centenas de padres".

— Os padres se tornaram a minha especialidade.

Segundo Mangiacapra, os eclesiásticos preferem a prostituição porque esta lhes proporciona certa segurança, anonimato, ao mesmo tempo que é compatível com a sua vida dupla. Uma relação de conquista amorosa "normal", mesmo no meio homossexual, leva tempo; implica uma longa conversa, é preciso se revelar e dizer quem se é. A prostituição é rápida, anônima e não expõe as pessoas.

— Quando um padre me procura, não nos conhecemos; não há antecedentes entre nós. Eles preferem esse tipo de situação, é o que procuram. Tive com frequência clientes padres que eram muito bonitos. Teria, na verdade, ido para a cama com eles de graça! Poderiam arranjar, facilmente, um amante nos bares e nas casas noturnas gays, mas isso era incompatível com o sacerdócio.

O jovem acompanhante pago não faz *la strada* (a rua) como os imigrantes de Roma Termini. Não vive ao ritmo de *As noites de Cabíria*. Encontra os clientes na internet, em sites especializados ou no Grindr. Fala regularmente com eles através de programas de mensagens como WhatsApp e, para mais discrição, Telegram. Em seguida, tenta fidelizá-los.

— Em Roma, há muita concorrência; aqui, em Nápoles, as coisas são mais calmas. Mas existem padres que me mandam ir à capital, pagam a passagem de trem e o hotel.

A partir das suas experiências sexuais com dezenas, se não centenas, de padres, Mangiacapra compartilha comigo algumas regras sociológicas:

— Entre os padres há, grosso modo, dois tipos de clientes. Há aqueles que se sentem infalíveis e muito fortes na sua posição. Esses são arrogantes e sovinas. O desejo deles está tão reprimido que perdem o sentido da moral e de toda a humanidade: se sentem muito acima das leis. Nem sequer têm medo da aids! Frequentemente, não escondem que são padres. São exigentes, duros e não permitem que você tome a iniciativa! Não hesitam em dizer que, se houver um problema, vão te denunciar à polícia como prostituto! Mas esquecem que, se eu quiser, sou eu que posso denunciá-los como padres!

O segundo tipo de cliente com que Francesco trabalha são de outra natureza:

— São os padres que se sentem muito mal por ser quem são. Estão bastante ligados ao afeto, às carícias, querem nos beijar o tempo todo! Eles têm uma

carência incrível. São como crianças.

Esses clientes, Mangiacapra confirma, muitas vezes se apaixonam pelo prostituto e querem "salvá-lo".

— Esses padres nunca discutem o preço. Estão tomados pela culpa. Com frequência, nos dão o dinheiro dentro de um pequeno envelope que prepararam previamente. Dizem que é um presente para me ajudar, para poder comprar qualquer coisa de que precise. Tentam se justificar.

Comigo, Mangiacapra aceita usar palavras mais explícitas. Diz que é prostituto e até *marchettaro* — na verdade, um "puto" (essa expressão vem de *marchetta*, o "recibo" que permitia quantificar o número de clientes que uma prostituta tivera num bordel). O acompanhante pago usa esse insulto de propósito para inverter o preconceito, como se desvia uma arma.

— Esses padres querem voltar a ver o seu *marchettaro*. Querem uma relação. Querem manter o contato. Estão muitas vezes em negação e não entenderiam se os julgássemos mal, porque acham que são bons padres. Então, pensam que somos "amigos", insistem nisso. Nos apresentam às pessoas próximas, a outros padres. Correm grandes riscos. Nos convidam para a igreja, nos levam para ver as irmãs na sacristia. Eles criam confiança muito rapidamente, um pouco como se fôssemos os namoradinhos deles. Com frequência, dão uma gorjeta junto com presentes: uma roupa que já compraram, um perfume. São muito atenciosos.

O depoimento de Francesco Mangiacapra é lúcido — e terrível. É um testemunho bruto e brutal, como o mundo que descreve.

— O preço? É necessariamente o preço mais alto que o cliente está disposto a pagar. É para isso que existe o marketing. Há acompanhantes pagos que são mais belos, mais sedutores do que eu; mas o meu marketing é melhor. Dependendo do site ou app que usam para me procurar, do que me dizem, faço uma primeira avaliação do preço. Durante o encontro, adapto esse preço

perguntando a eles em que bairro vivem, qual a profissão, observo as roupas, o relógio. Avalio muito facilmente a capacidade financeira deles. Os padres estão dispostos a pagar mais do que um cliente normal.

Interrompo o jovem acompanhante perguntando a ele como é que os padres, que costumam ganhar em torno de mil euros por mês, podem bancar um programa desses.

— *Allora*... Um padre é alguém que não tem escolha. Logo, somos mais exclusivos para ele. É uma categoria mais sensível. São homens que não podem se encontrar com outros rapazes; logo, fazemos com que eles paguem mais caro. É, digamos, um pouco como os deficientes.

Após uma pausa, pontuada sempre com um longo "*Allora*...", Mangiacapra continua:

— Na maioria dos casos, os padres pagam bem; raramente negociam. Imagino que eles façam economia no tempo livre, mas nunca no sexo. Um padre não tem família, nem aluguel para pagar.

Como muitos dos prostitutos entrevistados em Roma, o acompanhante pago napolitano confirma a importância do sexo na vida dos padres. A homossexualidade parece orientar a sua existência, dominar a sua vida; e isso em proporções nitidamente mais importantes do que as da maioria dos homossexuais.

O jovem prostituto então me revela alguns dos seus segredos de marketing:

— A chave é a fidelização. Se o padre é interessante, paga bem, é preciso que volte. Para isso, é necessário fazer tudo para que ele nunca mais volte a cair na realidade; é preciso que fique na fantasia. Nunca me apresento como um "prostituto", porque isso destrói a fantasia. Nunca digo que ele é "o meu cliente"; digo que é "o meu amigo". Trato sempre o cliente pelo primeiro nome, tendo o cuidado de nunca me enganar no nome dos diferentes clientes, porque é preciso mostrar que ele é único para mim! Os clientes gostam e

querem que nos lembremos deles; não querem que tenhamos outros clientes! Então criei uma agenda no meu celular. Para cada cliente, anoto tudo: coloco o nome que ele me deu, a idade, as posições que prefere, os lugares aonde fomos juntos, o que me contou de essencial sobre ele etc. Mantenho um registro minucioso de tudo isso. E, claro, anoto também o preço máximo que ele aceitou pagar, para pedir o mesmo ou um pouco mais.

Mangiacapra me mostra os seus dossiês e revela até os apelidos e nomes de dezenas de padres com quem diz ter se relacionado. É impossível verificar as suas informações.

Em 2018, ele levará a público a vida sexual de 34 padres em um documento de 1200 páginas que inclui os nomes dos eclesiásticos em questão, as suas fotografias, as gravações de áudio e as capturas de tela das suas conversas sexuais com eles no WhatsApp e no Telegram. Tudo isso deu origem a um grande escândalo, com dezenas de artigos e programas de televisão na Itália. (Pude consultar esse dossiê, chamado de *Preti gay*; nele, é possível ver dezenas de padres celebrando a missa de batina, e depois todos nus celebrando outras coisas através das suas webcams. As fotografias, que alternam homilias e mensagens de conteúdo sexual, são inimagináveis. O dossiê inteiro foi enviado diretamente por Mangiacapra ao arcebispo de Nápoles, o versátil cardeal Crescenzio Sepe. Este, sendo próximo do cardeal Sodano e, como ele, gregário, homem de redes coniventes e híbridas, mal recebeu o dossiê e já se apressou a transmiti-lo ao Vaticano. Em seguida, o monsenhor Crescenzio Sepe teria se encontrado clandestinamente com Mangiacapra para questioná-lo, segundo afirma o jovem prostituto.)

— Quando vou para a cama com advogados ricos e casados, grandes médicos ou todos esses padres com sua vida dupla, percebo que não são felizes. A felicidade não vem com o dinheiro nem com o sacerdócio. Todos

esses clientes não têm nem a minha felicidade, nem a minha liberdade. Estão encurralados na armadilha dos seus desejos e são incrivelmente infelizes.

Após refletir, o jovem acrescenta, como para relativizar o que acaba de dizer:

— A dificuldade dessa profissão não é de natureza sexual, não é ter uma relação com alguém de quem não gostamos ou que achamos feio. A dificuldade é ter relações sexuais num momento em que não temos vontade.

Agora, a noite caiu sobre Nápoles e preciso tomar o trem para retornar a Roma. Francesco Mangiacapra sorri, visivelmente contente por ter conversado comigo. Aliás, ficaremos em contato e aceitarei até assinar um curto prefácio para o livro-depoimento que ele publicará, mais tarde, sobre a sua experiência como *escort*. Graças a essa pequena obra, Mangiacapra conhecerá a sua hora de glória, revelando a sua experiência em programas populares da televisão italiana. Mas trata-se apenas da sua palavra.

Ao se despedir, o jovem de repente decide acrescentar uma coisa:

— Não julgo ninguém. Não julgo esses padres. Compreendo as suas escolhas e a sua situação. Mas acho triste. Eu sou transparente. Não tenho uma vida dupla. Vivo às claras, sem hipocrisia. Não é o caso dos meus clientes. Acho que é triste para eles. Sou ateu, mas não anticlerical. Não julgo ninguém. Mas o que faço é melhor do que o que fazem os padres, não é? Moralmente, é melhor, não é?

René Buonocore, assistente social de origem venezuelana que mora e trabalha em Roma, me acompanhou a Nápoles para entrevistar Mangiacapra e também foi o meu guia na cena homossexual da noite romana. Falando cinco línguas, participou do projeto "Io Faccio l'Attivo" (Sou Apenas Ativo) da Associação Unidade Móvel de Assistência aos Profissionais do Sexo em Roma. Nesse meio, é comum utilizar a expressão MSM (ou Men who Have Sex

with Men): homens que têm relações sexuais com outros homens, sem que por isso se reconheçam como homossexuais. Segundo Buonocore e outras fontes, os padres no armário tendem a preferir os imigrantes ou o anonimato dos parques em vez dos estabelecimentos comerciais.

Em Roma, eles frequentam sobretudo a região da Villa Borghese, as ruas que rodeiam a Villa Medici ou os parques nas imediações do Coliseu e da praça do Capitólio. Ali, com o meu guia, observo os homens que circulam de carro perto da Galeria Nacional de Arte Moderna ou passeiam, aparentando estar perdidos, nas margens do lago do Tempio di Esculapio. Também é possível encontrar essa fauna nas belas ruas em zigue-zague em redor da Villa Giulia. Fico espantado com a tranquilidade noturna dos locais, o silêncio, as horas que transcorrem e, de repente, uma aceleração, um encontro, um carro que passa, um rapaz que se precipita para entrar no carro de um desconhecido. Às vezes, a violência.

Se avançarmos para leste e atravessarmos até o outro lado do parque, saímos em outro canto muito apreciado pelos MSM: a Villa Medici. Aqui, o palco noturno se situa essencialmente na viale del Galoppatoio, uma rua encaracolada como o cabelo do jovem Tadzio de *Morte em Veneza*. É um local de encontros bem conhecido onde em geral os homens circulam de carro.

Um escândalo teve como cenário essas ruas, entre a Villa Borghese e a Villa Medici. Vários padres da paróquia muito próxima da igreja de Santa Teresa de Ávila costumavam frequentá-las, em trajes mínimos. A aventura poderia ter se perpetuado se o amante de um desses padres, um morador de rua, não o tivesse reconhecido enquanto rezava uma missa. O caso adquiriu proporções maiores, e vários outros padres também foram reconhecidos por paroquianos. Depois de um escândalo na imprensa e de uma petição enviada à santa sé por uma centena de fiéis, todos os padres envolvidos e os seus superiores, que

tinham acobertado o escândalo, foram transferidos para outras paróquias — e outros parques.

O jardim situado em frente ao Coliseu, chamado Colle Oppio, também foi um local de azaração ao ar livre nas décadas de 1970 e 1980 (nos últimos anos, uma cerca foi instalada no local), e o mesmo aconteceu com o parque da Via di Monte Caprino, atrás da célebre praça do Capitólio, concebida por Michelangelo. Um dos assistentes do papa João Paulo II foi identificado lá, segundo fontes policiais. Um importante prelado holandês, muito em evidência na época de João Paulo II e de Bento XVI, também foi detido no pequeno parque do Coliseu na companhia de um rapaz. Esses casos, que sofreram vazamentos anônimos para a imprensa, foram abafados logo em seguida. (Os nomes foram confirmados.)

Um dos bispos mais influentes no período de João Paulo II, um francês que se tornou cardeal desde então, também era conhecido por frequentar os parques ao redor do Campidoglio: prudente, o prelado se recusara a usar no seu carro oficial uma chapa diplomática do Vaticano, para passar mais despercebido. Nunca se sabe!

Por fim, um dos locais abertos de encontros que continuam sendo apreciados pelos padres é nada mais, nada menos, do que a Piazza San Pietro, fazendo do Vaticano o único verdadeiro *gayborhood* de Roma.

— Lembro que, nas décadas de 1960 e 1970, as colunas de Bernini, em São Pedro, eram o local de encontros das pessoas do Vaticano. Os cardeais saíam para dar uma volta e tentavam encontrar os *ragazzi* — revela o especialista em literatura Francesco Gnerre.

Mais recentemente, um cardeal americano divertia a galeria vaticana com as suas boas escolhas esportivas: fazia sistematicamente o seu jogging de bermuda ao redor das colunas. Ainda hoje, alguns prelados e *monsignori* continuam a frequentá-las: os passeios ao cair da noite na ascese criadora,

onde a beleza se senta de joelhos, são o pretexto para encontros repentinos que podem ir longe.

Fenômeno pouco conhecido do grande público e, no entanto, corriqueiro, as relações homossexuais com *escorts* e garotos de programa dos padres italianos constituem um sistema de grande amplitude. São uma das duas opções que são oferecidas aos eclesiásticos praticantes, sendo a segunda se contentarem em flertar dentro da Igreja.

— Há muitos exaltadíssimos aqui no Vaticano — revela dom Julius, um confessor de São Pedro com quem me encontro várias vezes no Parlatorio. (Seu nome foi alterado a pedido dele.)

Sentado num sofá de veludo verde, o padre acrescenta:

— Muitos pensam que para falar livremente da Cúria é preciso ir para fora do Vaticano. Pensam que é preciso se esconder. Na verdade, a maneira mais simples de falar sem ser vigiado é fazê-lo aqui, no próprio coração do Vaticano!

Dom Julius conta sobre as vidas agitadas dos habitantes do Vaticano e resume para mim a alternativa que se abre a tantos padres: flertar no íntimo da Igreja ou fora dela.

Nos primeiros casos, os padres se relacionam "entre iguais". Interessam-se pelos seus correligionários e pelos jovens seminaristas recém-chegados da sua província italiana. É um flerte todo prudente, que termina nos palácios episcopais e nas sacristias de Roma, um flerte próprio da comédia social, em que os olhares despem. É em geral mais seguro, uma vez que os religiosos se relacionam com poucos leigos quando escolhem essa vida amorosa. Mas a segurança física tem o seu inconveniente: desemboca necessariamente em rumores, no direito de pernada e, por vezes, na chantagem.

Robert Mickens, um vaticanista americano, bom conhecedor das sutilezas da vida gay do Vaticano, imagina que essa é a opção preferida da maior parte dos cardeais e dos bispos, que correriam o risco de serem reconhecidos do lado de fora. A sua regra: "*Don't fuck the flock*", diz, numa frase ousada numa referência evidentemente bíblica (a frase apresenta variantes em inglês: "*Don't screw the sheep*" ou "*Don't shag the sheep*": nunca se deve ter relações com as suas ovelhas, isto é, com o seu povo, o rebanho desgarrado que espera o seu pastor).

Podemos, então, falar aqui de relações "extraterritoriais", pois ocorrem fora da Itália, no interior do Estado soberano da santa sé e das suas dependências. É esse o código da homossexualidade "de dentro".

A homossexualidade "de fora" é muito diferente. Trata-se, ao contrário, de evitar relações no cerne do mundo religioso, para evitar os boatos. A vida gay noturna, os parques públicos, as saunas e a prostituição são assim preferidos pelos padres gays ativos. Mais perigosa, essa sexualidade das relações em troca de dinheiro, das saídas com acompanhantes pagos e dos arabescos não é menos frequente. Os riscos são maiores, mas os benefícios também.

— Todas as noites, os padres têm duas opções — resume dom Julius.

"*Vatican in, Vatican out*": as duas vias têm os seus partidários, os seus adeptos, os seus peritos e ambas têm os seus próprios códigos. Às vezes, os padres demoram a se decidir durante muito tempo — quando não os acumulam — entre o mundo escuro e duro do encontro no exterior, da noite urbana, a sua violência, o seu risco de perigo, as suas leis do desejo, esse "Do lado de Swann", verdadeira versão negra de Sodoma; e, por outro lado, o mundo luminoso das relações no interior, com tudo o que ela implica de mundanidades, de sutilezas, de jogos, esse "O lado de Guermantes", que é uma versão sodomita branca, mais brilhante e resplandecente, a das batinas e solidéus. Em última análise, seja qual for a via escolhida, o "lado" para onde se

dirigem na hipernoite romana, não se trata nunca de uma vida serena e ordenada.

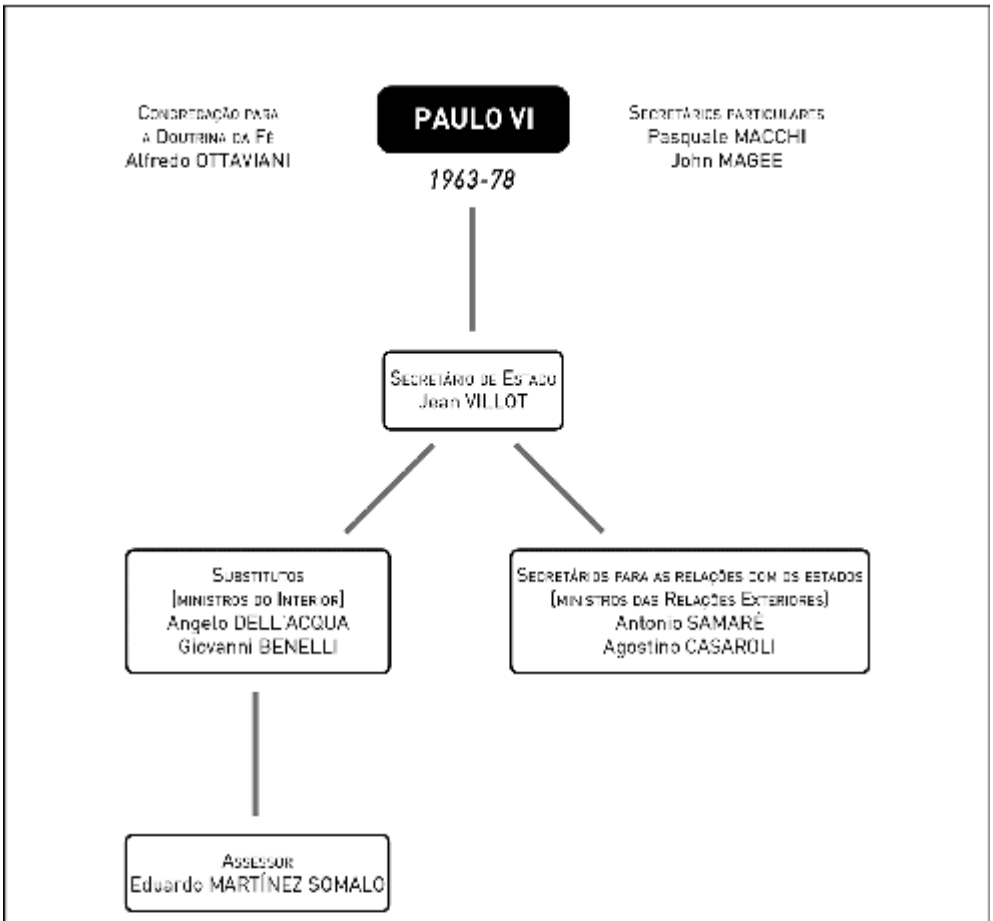
É nessa oposição fundamental que a história do Vaticano deve ser escrita, e é assim que a contarei nos próximos capítulos, recuando no tempo até os pontificados de Paulo VI, João Paulo II e depois Bento XVI. Essa tensão entre uma Sodoma "de dentro" e uma Sodoma "de fora" permite compreender a maioria dos segredos do funcionamento da santa sé, por que a rigidez da doutrina, a vida dupla das pessoas, as nomeações atípicas, as inúmeras intrigas e os escândalos que obedecem sempre a um ou outro desses dois códigos.

Quando já estamos falando há bastante tempo nesse Parlatorio no interior do Vaticano, que frequentarei muitas vezes, e que fica a apenas alguns metros dos aposentos do papa Francisco, o confessor de São Pedro diz:

— Bem-vindo a Sodoma.

Segunda parte

Paulo


Congregação para a Doutrina da Fé
Alfredo OTTAVIANI
PAULO VI
1963-78
Secretários particulares
Pasquale MACCHI
John MAGEE
Secretário de Estado
Jean VILLOT
Substitutos
(Ministros do Interior)
Angelo DELL'ACQUA
Giovanni BENELLI
Secretários para as relações com os estados
(Ministros das Relações Exteriores)
Antonio SAMARÉ
Agostino CASAROLI
Assessor
Eduardo MARTÍNEZ SOMALO

7. O Código Maritain

O cardeal Paul Poupard possui uma das mais belas bibliotecas do Vaticano: conto dezoito estantes com onze prateleiras cada uma. Feita sob medida, em forma de arco, ocupa todo o comprimento de uma imensa sala de recepção oval.

— No total, existem aí cerca de 15 mil livros — diz, com um tom afetado, o cardeal Poupard, que me recebe de pantufa, rodeado pelos seus in-fólios e pelos seus autógrafos, numa das minhas inúmeras visitas.

O cardeal francês mora no último andar de um palácio ligado à santa sé, na Piazza di San Calisto, no bairro boêmio elegante do Trastevere, em Roma. O palácio é imenso; o aposento dele, também. Umas freiras mexicanas servem Sua Eminência que reina ali como um príncipe no seu palácio.

Em frente à biblioteca, o cardeal tem o seu retrato num cavalete. Uma obra de grandes dimensões, assinada por uma pintora russa, Natalia Tsarkova, para a qual também posaram João Paulo II e Bento XVI. O cardeal Poupard se exibe nele majestosamente, sentado numa cadeira alta, com uma mão tocando o queixo delicadamente e a outra segurando as folhas de um discurso manuscrito. No anelar direito, um anel episcopal ornado com uma pedra preciosa de um azul-esverdeado Veronese.

— A artista me obrigou a posar durante quase dois anos. Ela queria que ficasse perfeito, que todo o meu universo impregnasse o quadro. Veja ali os livros, o barrete vermelho, é muito pessoal — diz Poupard, que acrescenta. — Eu era muito mais novo.

Atrás desse Dorian Gray, cujo modelo parece ter envelhecido estranhamente mais rápido do que o seu retrato, reparo em dois outros quadros pendurados mais discretamente na parede.

— São duas obras de Jean Guitton, que ele me deu — explica Poupard.

Contemplo os belos quadros sem valor. Se o retrato sobre o cavalete é muito interessante, os Guitton, azuis devotos, mais parecem umas imitações baratas de Chagall.

Graças a um escabelo verde, o cardeal consegue pegar os livros que quiser na sua biblioteca panorâmica, algo que faz me mostrando as suas próprias obras e inúmeras edições separadas de artigos de revistas teológicas, que constituem uma prateleira inteira. Discorremos um bom tempo sobre os autores francófonos de que ele gosta: Jean Guitton, Jean Daniélou, François Mauriac. E, quando menciono o nome de Jacques Maritain, o cardeal Poupard levanta, estremecendo de satisfação. Vai até uma prateleira para me mostrar as obras completas do filósofo francês.

— Foi Paulo VI que apresentou Maritain a Poupard. No dia 6 de dezembro de 1965, lembro muito bem.

Agora o cardeal fala sobre si mesmo na terceira pessoa. Bem senti, no início da nossa conversa, uma vaga inquietação: que o meu interesse fosse por Maritain em vez de pela obra, bastante considerável, de Poupard; no entanto, ele entra no jogo sem pestanejar.

Falamos demoradamente sobre a obra de Maritain e as suas relações, por vezes tempestuosas, com André Gide, Julien Green, François Mauriac ou Jean Cocteau e comento que todos esses escritores franceses de antes da guerra tinham talento! Também eram homossexuais. Todos.

Estamos novamente diante dos belos quadros sem valor de Guitton, que Poupard examina como se procurasse neles um segredo. Conta ter conservado cerca de duzentas cartas dele: uma correspondência inédita que encerra sem

dúvida, em si mesma, muitos segredos. Diante dos quadros de Guitton, interrogo Poupard sobre a sexualidade do seu mentor. Como é que esse homem erudito, laico e misógino, membro da Académie française, viveu essencialmente a sua vida na castidade, seguindo o modelo de Jacques Maritain, e só tardiamente desposou uma mulher, de quem falou bem pouco, que ninguém viu muito e de quem ficou viúvo precocemente sem nunca ter voltado a se casar?

O cardeal solta uma espécie de riso histérico, mefistofélico, hesita e, depois, solta:

— Jean Guitton foi feito para estar com uma mulher tanto quanto eu fui feito para ser sapateiro! (Ele está de pantufa.)

Depois, voltando a ficar sério e pesando rigorosamente as palavras, acrescenta:

— Somos todos mais complicados do que se julga. Por trás da aparência da linha reta é mais complexo.

O cardeal, em princípio tão controlado e tão reprimido, tão contido em suas emoções, desabafa pela primeira vez:

— A abstinência, para Maritain, para Guitton, era a maneira de se organizarem, era uma coisa deles. Um velho assunto pessoal.

Não dirá mais nada sobre isso. Ele nota que talvez tenha ido longe demais. E, para desviar do assunto, fanfarrão, acrescenta esta citação que repetirá com frequência ao longo dos nossos diálogos regulares:

— Como diria Pascal, o meu autor preferido: tudo isso é de outra ordem.

Para compreendermos o Vaticano e a Igreja católica, tanto no tempo de Paulo VI como hoje em dia, Jacques Maritain é uma boa porta de entrada. Descobri, pouco a pouco, a importância desse códice, dessa senha complexa e secreta, verdadeira chave de leitura deste livro. O Código Maritain.

Jacques Maritain é um escritor e filósofo francês, falecido em 1973. É pouco conhecido do grande público hoje em dia e a sua obra parece datada. Apesar disso, teve influência considerável na vida religiosa europeia do século XX, sobretudo na França e na Itália, e é um caso emblemático para a nossa pesquisa.

Os livros desse autor convertido ainda são citados pelos papas Bento XVI e Francisco, e a sua proximidade com dois papas, João XXIII e Paulo VI, é notória e particularmente interessante para nós.

— Paulo VI se considerava um dos discípulos de Maritain — confirma Poupard.

O futuro papa, Giovanni Montini, leitor fervoroso de Maritain desde 1925, chegou a traduzir para o italiano e prefaciar um dos seus livros (*Trois réformateurs: Luther, Descartes, Rousseau*). Depois de ter se tornado papa, Paulo VI continuará muito ligado ao filósofo e teólogo francês e teria mesmo considerado elevar Maritain "à púrpura", isto é, torná-lo cardeal.

— Gostaria de acabar, de uma vez por todas, com esse boato. Paulo VI gostava muito de Maritain, mas nunca teve a intenção de fazê-lo cardeal — diz Poupard, que emprega, como muitos, a expressão consagrada "fazer um cardeal".

Cardeal, certamente não, mas Maritain nem por isso cativou menos Paulo VI. Como explicar essa influência atípica? Segundo as testemunhas entrevistadas, a sua relação não foi da ordem da conivência ou da amizade interpessoal, como será o caso entre Paulo VI e Jean Guitton: o maritainismo exerceu um fascínio duradouro sobre a Igreja italiana.

Há que dizer que o pensamento de Maritain, menos sobre o pecado e concentrado na graça, ilustra um catolicismo generoso, mesmo que por vezes ingênuo. A piedade extrema de Jacques Maritain, a sua fé sincera e de uma admirável profundidade são um exemplo que impressiona Roma. O impulso

político da sua obra faz o resto: na Itália pós-fascista, Maritain defende a ideia de que a democracia é a única forma política legítima. Mostra assim o caminho para a necessária ruptura dos católicos com o antissemitismo e o extremismo de direita. Ao fazê-lo, contribui para reconciliar os cristãos com a democracia: na Itália, isso inaugura uma longa camaradagem entre o Vaticano e a democracia cristã.

O ex-padre da Cúria Francesco Lepore confirma a influência de Maritain no Vaticano:

— A obra de Maritain é importante o suficiente para ainda ser estudada nas universidades pontifícias. Ainda existem "círculos Maritain" na Itália. E uma cátedra Maritain acabou de ser criada pelo presidente da República italiana.

O cardeal Giovanni Battista Re, ministro do Interior de João Paulo II, fala do seu arrebatamento por Maritain durante duas conversas no Vaticano, somando-se a outros prelados que também viveram uma paixão idêntica:

— Durante a minha vida, tive pouco tempo para ler. Mas li Maritain, Daniélou, Congar, *Vie de Jésus*, de Mauriac. Muito jovem, li todos esses autores. Para nós, o francês era a segunda língua. E Maritain era a referência.

A mesma admiração demonstrou o cardeal Jean-Louis Tauran, ministro das Relações Exteriores de João Paulo II, que entrevistei em quatro ocasiões diferentes no seu escritório, em Roma:

— Jacques Maritain e Jean Guitton tiveram uma grande influência aqui, no Vaticano. Foram muito próximos de Paulo VI. E, mesmo durante o pontificado de João Paulo II, Maritain ainda era citado regularmente.

Um influente diplomata estrangeiro atuando num posto perto da santa sé relativiza, todavia, esse fascínio:

— Os católicos italianos gostam do lado místico de Maritain e apreciam a sua piedade, mas, no fundo, consideram o filósofo um pouco apaixonado demais. A santa sé sempre teve medo desse leigo exaltado demais!

O vice-decano do Colégio Cardinalício, o francês Roger Etchegaray, que visito duas vezes no seu grande aposento na Piazza di San Calisto, em Roma, arregala subitamente os olhos quando pronuncio o código:

— Maritain, conheci-o bem.

O cardeal, que foi durante muito tempo o embaixador "itinerante" de João Paulo II, faz uma pausa, me oferece chocolate e acrescenta, se recompondo:

— Conhecer. Aí está uma coisa que é impossível. Não podemos conhecer uma pessoa. Só Deus é que nos conhece verdadeiramente.

O cardeal Etchegaray diz que vai levar com ele os Maritain para a casa no sul da França onde espera viver após a aposentadoria, adiada há vinte anos. Em busca do tempo perdido, o cardeal levará apenas uma parte dos seus livros: os Maritain e também os Julien Green, os François Mauriac, os André Gide, os Henry de Montherlant, bem como as obras de Jean Guitton, de quem também foi amigo próximo. Todos esses autores são, sem exceção, homossexuais.

De repente, Roger Etchegaray agarra minha mão com o afeto piedoso dos personagens de Caravaggio:

— Sabe quantos anos eu tenho? — pergunta o cardeal.

— Acredito que sim...

— Tenho 94 anos. Acredita? 94 anos. Na minha idade, as minhas leituras, as minhas ambições e os meus projetos estão um pouco limitados.

A influência duradoura de Maritain tem as suas raízes na sua reflexão teológica e no seu pensamento político, mas é alimentada também pelo seu exemplo biográfico. No cerne do mistério Maritain está o seu casamento com Raïssa, a sua esposa, e o pacto secreto que os uniu. Vamos nos deter um instante nessa relação, que está no centro do nosso tema. O encontro de Jacques e Raïssa se deu, para começar, sobre uma dupla conversão espetacular

ao catolicismo: ele é protestante; ela é judia. Unidos por um amor louco, o seu casamento não foi nem branco, nem de conveniência. Não foi um casamento burguês, nem um casamento de refúgio, embora Maritain talvez tenha desejado com ele fugir da solidão e daquilo que, por vezes, se chamou de "a tristeza dos homens sem mulheres".

Sob esse ponto de vista, o seu casamento lembra o de escritores como Verlaine, Aragon ou, mais tarde, Jean Guitton. Também recorda o célebre casamento de André Gide com a sua prima Madeleine, que, ao que parece, nunca foi consumado: "A mulher de Gide havia trocado a mãe como polo de disciplina e virtude espiritual à qual devia sempre retornar, e sem a qual o seu outro polo de alegria, de libertação, de perversão, teria perdido todo o significado", considera George Painter, o biógrafo de Gide. O autor de *Os porões do Vaticano* equilibra, portanto, a liberdade com a coerção.

Para Maritain, também há dois polos: o da sua mulher, Raïssa, e um segundo mundo, não de perversão, mas de "inclinações" amigas. Não tendo cedido ao "Mal", o Diabo vai tentá-lo pela virtude da amizade.

Jacques e Raïssa formavam um casal ideal — mas sem sexo durante a maior parte da vida. Essa heterossexualidade ilusória não é apenas uma escolha religiosa, como se pensou durante muito tempo. A partir de 1912, os Maritain decidem selar entre eles um voto de castidade, que permaneceu secreto durante muito tempo. Esse sacrifício do desejo carnal é uma dádiva a Deus? O preço da salvação? É possível. Os Maritain falaram de "camaradagem espiritual". Disseram "querer se ajudar mutuamente para caminhar em direção a Deus". Também podemos ver, por trás dessa versão quase cátara da relação entre os dois sexos, uma escolha de época: a privilegiada por tantos homossexuais, porque o círculo próximo de Maritain conta com um número inimaginável de homossexuais.

Durante toda a vida, Maritain foi o homem das grandes "amizades de amor" com as maiores figuras homossexuais do seu século: é amigo ou confidente de Jean Cocteau, Julien Green, Max Jacob, René Crevel, Maurice Sachs, mas também de François Mauriac, escritor "dentro do armário", cuja verdadeira orientação amorosa, não só sublimada, já não é alvo de dúvidas desde a publicação da biografia de referência escrita por Jean-Luc Barré.

Na sua casa em Meudon, Maritain e Raïssa recebem incessantemente católicos celibatários, intelectuais homossexuais e jovens mancebos com grandes demonstrações de hospitalidade. Com aquela espécie de aparência de sabedoria que agrada tanto ao seu séquito afeminado, o filósofo disserta até cansar sobre o pecado homossexual e lança uns "Amo vocês" aos seus jovens amigos, a quem chama de "afilhados" — ele que decidiu não ter uma vida sexual com a mulher e que, portanto, não terá filhos.

A homossexualidade é uma das ideias fixas de Maritain. O amigo de Paulo VI volta incessantemente ao tema, como revela a sua correspondência, hoje publicada. É certo que o faz de uma forma distanciada e, digamos, ratzingeriana. Maritain pretende salvar os gays, que convida para o seu cenáculo em Meudon, para protegê-los do "Mal". Ódio de si mesmo, provavelmente, mas também preocupação com os outros, com sinceridade e honestidade. Uma época.

Contraditório, esse católico exaltado não se interessa nada pelos católicos mais ortodoxos, isto é, mais heterossexuais: é verdade que mantém uma correspondência regular com o padre jesuíta Henri de Lubac, futuro cardeal, e, menos regular, com o escritor Paul Claudel; também convive profissionalmente com Georges Bernanos, mas as suas paixões amigas são raras desse lado.

Em compensação, Maritain não deixa de lado nenhuma grande figura homossexual do seu tempo. Que "gaydar" notável, como se diz hoje em dia. É

um fato que Maritain se especializa nas amizades homossexuais, sob o pretexto de tentar trazer para a fé e para a castidade alguns dos maiores escritores, chamados "invertidos", do século XX. E para evitar a esses escritores o pecado e talvez o inferno, porque a condição homossexual ainda não é bem-aceita nessa época, Maritain se propõe a velar por eles, "esclarecer o seu problema", segundo suas palavras, e por isso convive assiduamente com eles! É assim que André Gide, Julien Green, Jean Cocteau, François Mauriac, Raymond Radiguet, Maurice Sachs vão dialogar com ele, como quase todos os grandes autores homossexuais da época. De leve, tenta convertê-los e torná-los castos; e sabemos que a conversão e a abstinência, como tentativa de repressão a esse tipo de orientação, são um grande clássico até a segunda metade da década de 1960.

As implicações desse debate são consideráveis para o nosso tema. Não podemos compreender os papas João XXIII, Paulo VI e Bento XVI, nem a maioria dos cardeais da Cúria Romana, se não decifrarmos o "maritainismo" como um dado íntimo elevado. Na Itália, onde Maritain e, também, as literaturas católicas e homossexuais tiveram uma influência considerável, toda a hierarquia vaticana conhece bem o assunto.

Um dos principais historiadores da literatura gay na Itália, o professor Francesco Gnerre, que publicou textos importantes sobre Dante, Leopardi e Pasolini, explica, durante várias conversas que tivemos em Roma, essa singularidade:

— Ao contrário da França, que teve Rimbaud e Verlaine, Marcel Proust, Jean Cocteau, Jean Genet e tantos outros, a literatura homossexual pouco existiu, ou não existiu de todo, na Itália até 1968. Fala-se verdadeiramente de homossexualidade na primeira página dos jornais na década de 1970, por exemplo, com Pasolini. Até essa data, os homossexuais liam os franceses. Era, aliás, um pouco como acontecia com os católicos italianos, que durante muito

tempo leram os católicos franceses, tão influentes aqui. Mas o mais extraordinário é que são exatamente os mesmos autores!

Entremos aqui nos pormenores. Isso é necessário porque o segredo de Sodoma se situa em torno desse Código Maritain e das batalhas que vão opor Jacques Maritain a quatro importantes escritores franceses: André Gide, Jean Cocteau, Julien Green e Maurice Sachs.

Com Gide, para começar, o debate acaba logo e sem obter o resultado pretendido. A correspondência de Maritain com o protestante Gide, o *Journal* deste último, e um longo encontro entre os dois no final de 1923 atestam que Maritain tentou dissuadir o grande escritor de publicar *Corydon*, um tratado corajoso em que Gide se revela e assume uma postura ativista em quatro diálogos sobre a homossexualidade. Maritain vai até a casa do escritor para lhe suplicar, em nome de Cristo, que não publique essa obra. Ele se preocupa também com "a salvação da sua alma" depois da confissão da homossexualidade que a publicação do livro representaria. Gide enfrenta-o de longe, e como a sua regra de vida, que se encontra no cerne da moral de *Les Nourritures Terrestres*, é não mais resistir à tentação, não pretende perder a sua liberdade e ceder a um pregador rabugento.

— Tenho horror à mentira — Gide responde a ele. — Talvez seja aí que se refugia o meu protestantismo. Os católicos não gostam da verdade.

Maritain intervém várias vezes para impedir o escritor de publicar seu pequeno tratado. Perda de tempo. Alguns meses depois do seu encontro, André Gide, que há muito já assumia a sua homossexualidade privadamente, publica *Corydon* com o seu verdadeiro nome. Jacques Maritain, tal como François Mauriac, fica aterrorizado. Eles nunca perdoarão Gide por ter saído do armário.

A segunda batalha é travada com Jean Cocteau, sobre o mesmo tema. Maritain estabeleceu há muito uma amizade com Cocteau, e a sua influência

sobre o jovem e controverso escritor é mais forte do que a que exercia sobre o grande escritor protestante. Além disso, em Meudon, Cocteau ainda parece discreto e um bom católico. Mas, longe de Maritain, tem vários amantes, entre os quais o jovem Raymond Radiguet, que acaba lhe apresentando. Estranhamente, o homem de Meudon, em vez de repudiar essa relação homossexual visceralmente antinatural, tenta cativar o jovem amante de Cocteau. Radiguet, prodígio literário com *O diabo no corpo*, e que morrerá pouco depois, aos vinte anos, de febre tifoide, dirá sobre essa época, numa ótima frase: "Quando não se casavam, se convertiam".

No entanto, Maritain fracassa novamente. Jean Cocteau toma uma decisão e publica, primeiro sem assinar, e depois com a sua verdadeira identidade, o seu *Le Livre blanc*, obra em que confessa a sua homossexualidade.

— É um plano do diabo — Maritain escreve a ele. — Seria a primeira vez que você faria um ato público de adesão ao Mal. Lembre-se de Wilde e da sua degradação até a morte. Jean, é a sua salvação que está em jogo, é a sua alma que devo defender. Entre mim e o diabo, escolha quem ama. Se me ama, não publicará esse livro e me entregará o manuscrito.

— Preciso de amor e de fazer amor com as almas — Cocteau lhe responde, com uma frase corajosa.

Le Livre blanc foi efetivamente publicado. O desentendimento entre os dois se agravou em seguida, mas a relação de "amor de amizade", durante algum tempo enfraquecida, continuará apesar de tudo, como atesta as suas correspondências. Durante uma visita recente ao convento de Toulouse, onde Maritain passou os últimos anos da vida, o irmão Jean-Miguel Garrigues me confirmou que Jean Cocteau continuou visitando Maritain até a sua morte e que fora vê-lo em Toulouse.

A terceira batalha foi mais favorável a Maritain, embora termine, também, com a sua derrota diante de Julien Green. Durante quase 45 anos, os dois

homens mantêm uma troca de correspondências regular. Místico e profundamente religioso, o seu diálogo se situa a altitudes sublimes, mas a sua dinâmica repousa, também aqui, numa "ferida", a da homossexualidade. Julien Green é perseguido pelo seu desejo masculino, que viveu, desde a juventude, como um perigo dificilmente compatível com o Amor de Deus. Por outro lado, Maritain descobriu muito cedo o segredo de Green, apesar de não tê-lo mencionado explicitamente durante as primeiras décadas da sua troca de correspondências. Nem um nem outro se refere à "orientação" que os consome, apesar de rondarem o assunto por diversas vezes.

Maritain, também ele um convertido, admira Julien Green pela sua conversão em 1939, resultado da "campanha" de um frade dominicano que achava que o sacerdócio era a solução para a homossexualidade (sabemos, hoje em dia, que esse padre também era gay). Além disso, Maritain admira o escritor pela sua abstinência, ainda mais admirável porque resiste à sua orientação através da fé.

No entanto, com o passar dos anos Julien Green evolui e toma uma decisão: começa a se revelar na sua obra, que se torna abertamente homossexual (penso em *Sud*, o seu grande livro), e passa também a viver os seus amores em plena luz, como atestam o seu *Journal* e os seus amantes conhecidos. Maritain não rompe com Green, como fez com Gide. (O *Journal Integral* de Julien Green, não censurado, está para ser publicado: de acordo com as informações de que disponho, ele revela a homossexualidade ativa de Green.)

A quarta batalha, igualmente perdida — e que derrota! —, trava-se com o amigo sincero e escritor inquieto do período entreguerras Maurice Sachs. Judeu convertido ao catolicismo, é um amigo próximo de Maritain, a quem chama "querido Jacques". Mas também é um jovem homossexual exaltado. É devoto, porém não pode deixar de ser um seminarista escandaloso por causa das suas amizades peculiares e venenosas. No seu romance *Le Sabbat*, o

narrador conta aos amigos que esteve no "Seminário" e é interrogado por eles para saberem se se trata de uma nova casa noturna homossexual! O crítico literário Angelo Rinaldi escreverá a propósito de Maurice Sachs: "Um abade que alterna entre a batina e a calcinha cor-de-rosa... refugiado numa cabine de sauna onde passa dias felizes de bebê glutão praticante de felações". Sachs em breve acabará sendo sugado por todos os abismos: esse protegido de Jacques Maritain se tornará, após 1940, colaboracionista e petainista e, apesar de judeu, acabará como informante nazista antes de morrer no final da guerra, dizem que abatido à beira de uma vala com um tiro na nuca disparado por um SS — um percurso impensável, afinal.

Essas quatro batalhas perdidas por Jacques Maritain atestam, entre muitos outros fatos, a obsessão homossexual do filósofo. A relação entre Maritain e a questão gay é, segundo o meu ponto de vista, mais do que uma confissão.

Uso aqui a palavra "gay" intencionalmente, por um anacronismo deliberado. Se é necessário preferir sempre as palavras próprias de cada época — e utilizo por esse motivo os conceitos "homossexualidade", "amor de amizade" ou "orientação", quando tal é necessário —, também é preciso, às vezes, chamar as coisas pelo nome. Durante tempo demais se escreviam nos livros escolares que Rimbaud e Verlaine eram "amigos" ou "companheiros", e ainda hoje leio, no Museu do Vaticano, placas que evocam Antínoo como o "favorito" do imperador Adriano, quando se tratava do seu amante. A utilização anacrônica da palavra "gay" é, aqui, politicamente fecunda.

Ao lado de Cristo ou de São Tomás de Aquino, a outra grande preocupação da vida de Maritain é, portanto, a questão gay. Se provavelmente não praticou ou pouco praticou a homossexualidade, viveu-a com a mesma inquietação desvairada que a sua fé católica. E eis então, de fato, o segredo de Maritain e um dos segredos mais escondidos do sacerdócio católico: a escolha do

celibato e da castidade como produto de uma sublimação ou de uma repressão.

Como é possível que Maritain tenha convivido com todos os escritores gays da sua época se odiava tanto a homossexualidade? Era homofóbico? Voyeur? Ou fascinado pelo seu oposto, como já se sugeriu? Penso que nenhuma dessas hipóteses seja verdadeiramente convincente. A verdade parece muito mais simples.

A confissão de Maritain se encontra numa carta dirigida a Julien Green, de 1927. O diálogo aparece aqui invertido: enquanto Julien Green continua atormentado pelo pecado homossexual, é Jacques Maritain que, na sua mensagem, parece ter encontrado a solução para enfrentar aquilo que chama "esse mal misterioso".

E o que propõe a Green? A castidade. Diante do "amor estéril" da homossexualidade, "que continuará sempre sendo um mal, um repúdio profundo da cruz", Maritain defende a "única solução", a seus olhos, "o amor de Deus acima de tudo", isto é: a abstinência. O remédio que oferece a Green, já preconizado para Gide, Cocteau ou Maurice Sachs, que o recusaram, não é mais do que aquele que escolheu com Raïssa: a sublimação do ato sexual pela fé e pela castidade.

— O Evangelho não nos diz em parte alguma que mutilemos o nosso coração, mas nos aconselha a nos tornarmos eunucos para o reino de Deus. É assim que a questão se coloca, aos meus olhos — escreve a Julien Green.

Resolver a questão homossexual pela castidade, essa forma de castração, para agradar a Deus: a ideia de Maritain, contaminada de masoquismo, é forte e fará escola no Vaticano entre uma maioria de cardeais e bispos do pós-guerra. "Ser o rei das suas dores", teria dito Aragon, outro escritor genial que

cantou ruidosamente em público "os olhos" da sua mulher Elsa, para perseguir melhor, reservadamente, os rapazes.

Numa carta a Cocteau, Maritain faz outra confissão lúcida: o amor de Deus é o único capaz de fazer esquecer os amores terrestres que conheceu e, "embora me custe dizê-lo, sei disso sem ser pelos livros".

"Sem ser pelos livros?" Percebemos que a questão homossexual foi fervilhante na juventude de Jacques Maritain, um homem afeminado e sensível demais, exageradamente apaixonado pela mãe, e que preferiu destruir os seus cadernos com anotações íntimas para evitar que seus biógrafos "se aventurassem longe demais" ou descobrissem algum "caso pessoal antigo" (segundo as palavras do seu biógrafo, Jean-Luc Barré).

— Não quis pôr essa palavra, esse rótulo de "homossexualidade", na minha biografia de Maritain porque todos teriam resumido o meu livro a isso — explica Barré, durante um almoço em Paris. — Mas devia ter feito isso. Se eu tivesse escrito hoje, falaria mais claramente sobre esse assunto. Em relação a Maritain podemos, sem dúvida, falar de homossexualidade latente, se é que não bem real.

O grande amor de juventude de Jacques Maritain se chama Ernest Psichari. Os dois jovens ainda são adolescentes quando se encontram no Liceu Henri IV, em Paris, em 1899 (Jacques tem dezesseis anos). É um *coup de foudre*. Muito em breve, nasce entre ambos uma "amizade de amor" com uma força inimaginável. Único, indefectível, o vínculo que os une é uma "grande maravilha", segundo diz Maritain à sua mãe. A seu pai, Ernest revela: "Já não poderia conceber a vida sem a amizade de Jacques; seria me conceber sem a mim mesmo". Essa paixão é "fatal", escreve Maritain em outra carta.

A sua relação passional é agora bem conhecida. Publicada recentemente, a troca de correspondências entre os dois jovens — 175 cartas de amor — dá

inclusive uma sensação de vertigem: "Sinto que os nossos dois desconhecidos se penetram doce, tímida, lentamente", escreve Maritain; "Ernest, você é meu amigo. Só você"; "Os seus olhos são faróis esplandescentes (sic). Os seus cabelos são uma floresta virgem, cheia de sussurros e beijos"; "Amo-o, vivo, penso em você"; "É em você, só em você, que vivo"; "Você é o Apolo [...]. Quer partir comigo para o Oriente, lá longe, para a Índia? Estaremos sozinhos no deserto"; "Amo-o, beijo-o"; "As suas cartas, meu querido, me dão um prazer infinito e as releio sem parar. Estou apaixonado por cada uma das suas letras, pelos seus *a*, os seus *d*, os seus *n*, os seus *r*". E, tal como Rimbaud e Verlaine, os dois apaixonados assinam os seus poemas juntando as suas iniciais.

Essa fusão total com o ser amado foi consumada ou ficou casta? Não sabemos. Yves Floucat, filósofo tomista, especialista na obra de Maritain e de Julien Green, cofundador do Centre Jacques Maritain, e que entrevistei na sua casa, em Toulouse, acredita que se tratava realmente "de uma amizade passional, mas casta". Acrescenta que, embora não exista nenhuma prova, naturalmente, nem da sua passagem ao ato nem do contrário, foi "um verdadeiro amor entre pessoas do mesmo sexo".

O irmão Jean-Miguel Garrigues, do convento dos dominicanos, em Toulouse, onde Maritain viveu os seus últimos dias, explica:

— A relação entre Jacques e Ernest foi bem mais profunda do que uma simples camaradagem. Diria que foi mais *amante* do que amorosa no sentido de que era regida mais pelo desejo do coração de ajudar o outro a ser feliz do que pela avidez afetiva ou carnal. Para Jacques, era mais da ordem do "amor de amizade" do que da homossexualidade, se entendermos esta última como um desejo da libido mais ou menos sublimado. Ernest, em compensação, teve uma vida homossexual ativa durante anos.

A homossexualidade praticante de Psichari não suscita, realmente, nenhuma dúvida hoje em dia: é confirmada por uma biografia recente, pela publicação dos seus "diários de bordo" e pelo aparecimento de novos depoimentos. É mesmo uma homossexualidade muito ativa: teve inúmeras ligações íntimas na África — ao exemplo de Gide — e recorreu a prostitutos na metrópole, até a morte.

Numa carta por muito tempo inédita entre Jacques Maritain e o escritor católico Henri Massis, os dois melhores amigos de Ernest Psichari reconhecem explicitamente a sua homossexualidade. Assim, Massis fica de fato apreensivo com a possibilidade de "a terrível verdade [ser] revelada um dia".

É preciso dizer que André Gide não hesita em fazê-lo sair do armário de Psichari num artigo da *Nouvelle Revue Française*, em setembro de 1932. O escritor católico Paul Claudel, muito abalado por essa revelação, propõe um contra-ataque que já utilizou com Arthur Rimbaud: se Ernest se converteu quando era homossexual, é uma vitória maravilhosa de Deus. E Claudel resume o argumento: "A obra de Deus numa tal alma só pode ser mais admirável".

Acontece que Ernest Psichari morre em combate aos 31 anos, abatido por uma bala alemã, na têmpora, em 22 de agosto de 1914. Jacques recebe a notícia algumas semanas depois. Segundo o seu biógrafo, o choque do anúncio da morte de Ernest é vivido no assombro e na dor. Jacques Maritain nunca superou a morte do ser amado e nunca conseguiu esquecer aquele que foi o seu grande amor de juventude — antes de Cristo e antes de Raïssa. Anos mais tarde, partirá para a África seguindo seus passos, conviverá por muitos anos com a irmã de Ernest e, durante a Segunda Guerra Mundial, desejará combater para "morrer como Psichari". Ao longo de toda a sua vida, Jacques evocará constantemente o ser amado e, tendo perdido a sua Eurídice, falará

do “deserto da vida” depois da morte de Ernest. Um desgosto sentido, de fato, “sem ser pelos livros”.

Para compreender a sociologia particular do catolicismo, e especialmente a do Vaticano em relação ao meu tema, precisamos nos apoiar naquilo que decidi chamar aqui o Código Maritain. A homossexualidade sublimada, ou mesmo reprimida, traduz-se muitas vezes na escolha do celibato e da castidade e, mais frequentemente ainda, numa homofobia interiorizada. Ora, foi nessa atmosfera e nesse modo de pensamento do Código Maritain que cresceu a maior parte dos papas, dos cardeais e dos bispos que têm hoje mais de sessenta anos.

Se o Vaticano é uma teocracia, também é uma gerontocracia. Não se pode compreender a Igreja de Paulo VI a Bento XVI, e mesmo a de Francisco, nem os seus cardeais, os seus costumes, as suas intrigas, partindo dos modos de vida gay atuais. Para captarmos a sua complexidade, temos de recuar, portanto, às matrizes antigas, mesmo que nos pareçam de outro tempo. Uma época em que se distinguia a identidade homossexual das práticas que podia gerar; um tempo em que a bissexualidade era corrente; um mundo secreto em que os casamentos de conveniência eram a regra e os casais gays, a exceção. Uma época em que a abstinência e o celibato heterossexual do padre eram abraçados com alegria pelos jovens homossexuais de Sodoma.

Que o sacerdócio fosse um caminho natural para homens que imaginavam ter hábitos antinaturais é uma certeza, mas as trajetórias, os modos de vida variam enormemente entre a castidade mística, as crises espirituais, as vidas duplas, às vezes a sublimação, a exaltação ou as perversões. Em todos os casos, continua existindo um sentimento geral de insegurança, bem descrito pelos autores católicos homossexuais franceses e o seu “perpétuo oscilar entre os

rapazes, cuja beleza os condena, e Deus, cuja bondade os absolve" (a frase é, mais uma vez, de Angelo Rinaldi).

É por isso que o contexto, apesar de ter o encanto dos debates teológicos e literários de outra época, é tão importante no nosso tema. Um padre assexuado na década de 1930 pode muito bem se tornar homossexual nos anos 1950 e praticar ativamente a homossexualidade nos anos 1970. Inúmeros cardeais hoje atuantes passaram por essas fases: a interiorização do desejo, a luta contra si próprios, a homossexualidade e depois, em breve, deixaram de "sublimar" ou de "ultrapassar" a sua homossexualidade e começaram a vivê-la com prudência, em seguida com temeridade ou paixão e, por vezes, no êxtase. Claro que esses mesmos cardeais, que hoje atingiram uma idade canônica, já não "praticam" aos 75 ou oitenta anos; mas continuam intrinsecamente marcados, queimados para toda a vida, por essa identidade complexa. E sobretudo isto: a sua trajetória se desenvolveu sempre em sentido único, ao contrário do que alguns possam ter teorizado — vai da negação ao desafio ou, para usar os termos de *Sodoma e Gomorra* de Marcel Proust, do repúdio da "raça maldita" à defesa do "povo eleito". E é outra regra de *No armário do Vaticano*, a nona: *Os homossexuais do Vaticano evoluem, em geral, da castidade para a homossexualidade; os homossexuais nunca fazem o caminho inverso; não voltam a ser castos.*

Como já notava o teólogo psicanalista Eugen Drewermann, existe de fato "uma espécie de secreta cumplicidade entre a Igreja católica e a homossexualidade". Encontrarei com frequência essa dicotomia no Vaticano, e pode-se dizer, inclusive, que é um dos seus segredos: o repúdio violento da homossexualidade fora da Igreja e a sua valorização, extravagante, no interior da santa sé. Daí uma espécie de "franco-maçonaria gay" arraigada no Vaticano, e tão misteriosa, quando não invisível, do lado de fora.

Durante a minha pesquisa, inúmeros cardeais, arcebispos, *monsignori* e outros padres insistiram em me falar da sua paixão quase crística pela obra de François Mauriac, André Gide ou Julien Green. Com prudência, e pesando as palavras, me deram as chaves da sua luta devastadora, a do Código Maritain. Creio que foi a maneira de, com uma ternura infinita e um medo contido, me revelarem um dos segredos que os perseguem.

8. O amor de amizade

Na primeira vez em que me encontrei com o arcebispo Jean-Louis Bruguès, no Vaticano, cometi um pecado imperdoável. É verdade que os cargos e títulos da Cúria Romana são confusos, por vezes: variam segundo os dicastérios (os ministérios), a hierarquia, as Ordens e, ainda, outros critérios. Alguns devem ser chamados "Eminência" (um cardeal), outros "Excelência" (um arcebispo, um bispo), outros, por fim, "monsenhor" (aqueles que são mais do que padres, mas menos do que bispos). Por vezes, um prelado é um mero padre, em outros casos é um frade e, em outros ainda, um bispo. E como se dirigir aos núncios que têm o título de arcebispo? Sem falar dos *monsignori*, título honorífico, que é atribuído a prelados, mas também a meros padres?

Assim, quando marquei um encontro com o cardeal Tarcisio Bertone, que havia sido primeiro-ministro de Bento XVI, a sua assistente pessoal, antecipando-se, me aconselhou por e-mail que eu me dirigisse a ele usando o tratamento "Sua Eminência cardeal Bertone".

Para mim, essas formas de tratamento se tornaram um código e um jogo. Para um francês, essas palavras têm um ar de monarquia e aristocracia — e, no nosso país, decapitamos quem abusava delas! Nas minhas conversas no Vaticano, por diversão, tive o prazer de aumentá-las, multiplicá-las, meio Tartufo, meio Bouvard e Pécuchet. Também recheei com tais palavras as inúmeras cartas que enviei à santa sé, acrescentando à mão, em caligrafia gótica, frases loucas, a que juntava um carimbo de monograma, um número, brasão-assinatura no final das minhas missivas — e me pareceu que as respostas às minhas solicitações eram muito mais positivas quando eu usava

títulos pedantes e carimbos de tinta marrom. E, no entanto, nada é mais estranho para mim do que essas formas de tratamento vaidosas que pertencem a um rótulo de outro tempo. Se tivesse tido coragem, teria perfumado os meus telegramas!

As respostas que recebi eram epístolas deliciosas. Repletas de cabeçalhos, de assinaturas volumosas com tinta azul e de ternuras (Pregiatissimo Signore Martel", escreve Angelo Sodano), redigidas quase sempre num francês impecável, com frases obsequiosas. "Desejo-lhe um bom período pascoal", escreve o monsenhor Battista Ricca; "Na esperança de cumprimentá-lo em breve *in urbe*", diz o monsenhor Fabrice Rivet; "Garantindo-lhe que está nas minhas orações", escreve o arcebispo Rino Fisichella; "Com a garantia das minhas orações em Cristo", escreveu o cardeal Darío Castrillón Hoyos (já falecido); "Com a promessa dos meus mais elevados sentimentos em Cristo", assinou o cardeal Robert Sarah. O cardeal Óscar Maradiaga, meu amigo depois de duas cartas, respondeu sempre em espanhol: "Le deseo una devota Semana Santa y una feliz Pascua de Ressurrección, su amigo". Mais amigo ainda, o cardeal de Nápoles, Crescenzio Sepe, que enviou uma carta em que se dirigia a mim com um amável "*Gentile Signore*", antes de se despedir com um muito legal "*cordial saluti*". O monsenhor Fabián Pedacchio, o assistente particular de Francisco, terminou assim a sua carta: "Recomendando vivamente o papa nas suas orações, peço-lhe que aceite a garantia da minha dedicação no Senhor". Guardei dezenas de cartas dessa natureza.

Felizes esses epistológrafos de outro tempo! Poucos cardeais utilizam e-mail em 2019; muitos ainda preferem o correio e alguns, o fax. Às vezes, os seus assistentes imprimem os e-mails que recebem; eles respondem em papel, à mão; as respostas são digitalizadas imediatamente e enviadas ao destinatário!

A maioria desses cardeais ainda vive numa comédia do poder digna do Renascimento. Sorrio por dentro quando me ouço dizendo "Eminência" a um

cardeal; gosto da simplicidade do papa Francisco, que quis acabar com esses títulos pretensiosos. Por que não é esquisito que simples redatores de minutas queiram ser chamados de *monsignore*? Que cardeais ainda levem a sério alguém que lhes diz "Eminência"? Se estivesse no lugar deles, pediria que me chamassem: senhor. Ou, melhor: Angelo, Tarcisio ou Jean-Louis!

O leitor deve ter notado que tomei a decisão, aliás, como bom filho da laicidade francesa, de nem sempre seguir as convenções do Vaticano neste livro. Escrevo "santa sé" e não "Santa Sé"; e menciono sempre o santo padre, a santa virgem, o sumo pontífice — sem maiúsculas. Nunca digo "Sua Santidade" e escrevo "o santo dos santos". Quando utilizo "Eminência", a ironia é evidente. Também não uso o título "Santo" João Paulo II, sobretudo depois de terem ficado em evidência os jogos duplos do seu círculo próximo! A laicidade francesa, tão mal compreendida em Roma — tampouco por Francisco, infelizmente — consiste em respeitar todas as religiões, mas não concede a nenhuma um estatuto especial. Em compensação, quando escrevo a respeito de Rimbaud, uso "o Poeta" — com maiúscula! Felizmente, na França se acredita mais na poesia do que na religião.

Com o monsenhor Bruguès, utilizei a palavra adequada, "Excelência", mas acrescentando, logo em seguida, que estava feliz por me encontrar com um cardeal francês. Erro grave de principiante! Jean-Louis Bruguès me deixou falar, sem me interromper, e depois, no momento da sua resposta, deixou escapar, entre duas afirmações secundárias, com um ar de desinteresse e falsamente modesto, como se o seu título não tivesse nenhuma importância:

— Aliás, não sou cardeal. Não é automático. Sou apenas arcebispo — disse, intimamente com pesar, com um belo sotaque do sudoeste da França que de imediato o tornou simpático a meus olhos.

Essa primeira entrevista com Bruguès foi para uma transmissão de rádio, e prometi que apagaria essa frase na gravação. Num momento posterior,

passamos a nos ver com frequência, para conversar e trocar opiniões, e nunca mais cometi o erro. Soube que ele havia figurado durante bastante tempo na lista de candidatos a cardeal, considerando a sua proximidade com o papa Bento XVI, para quem havia coordenado os delicados trechos sobre a homossexualidade no *Novo catecismo da Igreja católica*. Mas o papa renunciou. E o seu sucessor, Francisco, nunca teria perdoado ao arcebispo Bruguès, que foi contra a sua nomeação para reitor da Universidade de Buenos Aires quando era secretário-geral da Congregação para a Educação Católica, para favorecer um amigo. Assim, a púrpura passou bem debaixo do nariz. (Em 2018, chegado ao fim do seu mandato, o papa também o não reconduziu à chefia da biblioteca, e Bruguès deixou Roma.)

— O santo padre nunca esquece nada. É muito rancoroso. Quem um dia o afrontou, ou apenas o magoou, vai ser lembrado durante muito tempo. Bruguès nunca será nomeado cardeal enquanto Bergoglio for papa — sugere outro arcebispo francês.

Durante muito tempo, Jean-Louis Bruguès dirigiu a célebre Biblioteca Apostólica Vaticana e os não menos célebres Arquivos Secretos. Nessa biblioteca, são conservados religiosamente os códices do Vaticano, livros antigos, papiros valiosíssimos, incunábulos e um exemplar em velino da Bíblia de Gutenberg.

— Somos uma das mais antigas e mais ricas bibliotecas do mundo. No total, temos aqui 54 quilômetros de livros impressos e 87 quilômetros de arquivos — diz Bruguès, que é o homem da medida certa.

O cardeal Raffaele Farina, a quem entrevistei diversas vezes no seu aposento no Vaticano e que foi o antecessor de Bruguès nos Arquivos Secretos, dá a entender que os processos mais sensíveis, em geral sobre os abusos sexuais dos padres, são guardados de preferência na Secretaria de Estado: os "Arquivos Secretos" são secretos só no nome! (Como se não fosse

nada, durante uma dessas conversas, Farina aproveita para apontar o dedo para a comissão encarregada de lutar contra a pedofilia na santa sé por "não fazer nada".)

O padre Urien (o seu nome foi alterado), que trabalhou durante muito tempo na Secretaria de Estado em que esses dossiês sensíveis estão arquivados, é categórico:

— Todos os relatórios sobre os escândalos financeiros do Vaticano, todos os casos de pedofilia, todos os dossiês sobre a homossexualidade estão guardados na Secretaria de Estado, em especial tudo o que se sabe sobre Paulo VI. Se esses documentos tivessem se tornado públicos, alguns papas, cardeais, bispos talvez fossem incomodados pela justiça. Esses arquivos não são apenas a face sombria da Igreja. São o diabo!

Durante cinco conversas, o arcebispo Bruguès se mostra extremamente cauteloso e evita assuntos ambíguos, embora os nossos diálogos sejam sobretudo sobre literatura — o homem é um leitor apaixonado de Proust, François Mauriac, André Gide, Jean Guitton, Henri de Montherlant, Tony Duvert, Christopher Isherwood; viajou para Valparaíso, seguindo os passos de Pierre Loti, conheceu Jacques Maritain no convento dos dominicanos de Toulouse e por muito tempo se correspondeu com Julien Green.

— Os arquivos recentes não estão abertos — continua Bruguès. — Isso é feito em ordem cronológica, por papado, e só o santo padre pode decidir tornar público um novo período. Hoje, estamos abrindo os arquivos de Pio XII, isto é, os da Segunda Guerra Mundial.

Para os de Paulo VI, precisaremos esperar ainda muito tempo.

Existe um segredo sobre Paulo VI? São inúmeros os boatos sobre a sexualidade daquele que foi papa durante quinze anos, de 1963 a 1978, e falei neles com muita liberdade com vários cardeais. Uma pessoa que teve acesso

aos arquivos secretos da Secretaria de Estado garante, inclusive, que existem diversos dossiês sobre o assunto, mas que não são públicos e não sabemos o que contêm.

Para entendermos a complexidade dos mistérios que rondam esse papa é preciso, portanto, ser pouco ortodoxo. Na ausência de provas acusatórias, é importante analisar todos os indícios ao mesmo tempo: as leituras de Paulo VI, quintessência do Código Maritain, é um deles; as suas belas amizades com o mesmo Maritain, mas também com Charles Journet ou Jean Daniélou são outros; o seu círculo próximo, espetacularmente homossexual, no Vaticano, ainda outro. E, depois, há Jean Guitton. No labirinto complexo das orientações particulares, dos amores de amizades e das paixões desse papa letrado e francófilo, desenha-se uma única constante.

O leitor, neste ponto, já sabe bastante sobre isso. Talvez até já esteja cansado dessas confissões a conta-gotas, desses códigos secretos para revelar coisas banais, afinal. No entanto, tenho que fazer essas idas e vindas mais de uma vez, porque aqui cada coisa tem a sua importância, e esses pormenores, como num grande jogo de pistas, são o que nos levarão em breve, após Paulo VI, ao coração do pontificado inquietante de João Paulo II e ao grande fogo de artifício ratzingeriano. Mas não queimemos etapas...

Jean Guitton (1901-99), escritor francês católico de direita, nasceu e morreu com o século XX. Autor prolífico, foi amigo de Maritain, mas também do homossexual assumido Jean Cocteau. O seu percurso durante a Segunda Guerra Mundial ainda está para ser escrito, mas dizem que ele esteve perto de colaborar com o Marechal Pétain, além de ter sido um puxa-saco dele. A sua obra teológica não é tão relevante, tal como a sua obra filosófica, e os seus livros estão quase completamente esquecidos hoje em dia. Desse naufrágio literário, só ficaram à tona algumas conversas famosas com o presidente François Mitterrand e, precisamente, com o papa Paulo VI.

— Jean Guitton nunca foi levado a sério na França. Era um teólogo para a burguesia católica. O fato de ter sido próximo de Paulo VI continua sendo um pouco um mistério — comenta o redator-chefe da *Esprit*, Jean-Louis Schlegel, durante uma conversa na sede da revista.

Um cardeal italiano completa esse quadro, mas não sei se ele fala ingenuamente ou se quer me passar uma mensagem:

— A obra de Jean Guitton quase não existe na Itália. Foi um capricho de Paulo VI, uma amizade muito particular.

É o mesmo ponto de vista do cardeal Poupard, que foi seu amigo durante muito tempo:

— Jean Guitton é um excelente literato, mas não um pensador de fato.

Apesar da superficialidade da sua obra, a amizade que conseguiu estabelecer com o papa se baseia, com certeza, numa comunhão de pontos de vista, em particular sobre questões de costumes e de moral sexual. Dois textos históricos realizam essa aproximação. O primeiro é a famosa encíclica *Humanae vitae*, publicada em 1968: trata do casamento e da contracepção e ficou conhecida pelo nome pouco lisonjeiro de "encíclica da pílula", porque proíbe definitivamente a sua utilização, instituindo como regra que todo ato sexual deve possibilitar a transmissão da vida.

O segundo texto não é menos célebre: trata-se da "declaração" *Persona humana*, de 29 de dezembro de 1975. Esse texto decisivo se propõe a estigmatizar "a dissolução dos costumes": prega a castidade estrita antes do casamento (era moda, então, morar junto antes do casamento, e a Igreja quer pôr um fim nisso), sanciona severamente a masturbação ("um ato intrínseca e gravemente desordenado") e condena a homossexualidade. "Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Sagrada Escritura como

graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus."

Textos importantes e, no entanto, logo anacrônicos. Já na época foram mal recebidos pela comunidade científica, cujas descobertas biológicas, médicas e psicanalíticas haviam sido totalmente ignoradas, ainda mais pela opinião pública. A Igreja católica se manifesta brutalmente à contracorrente da sociedade, e, a partir de então, a distância em relação à vida real dos fiéis só aumentará. Essas regras arcaicas nunca serão compreendidas pela maioria dos católicos: serão ignoradas ou zombadas em massa pelos novos casais e pelos jovens, soberbamente rejeitadas pela grande maioria dos crentes. Falaram até de um "cisma silencioso", que teria como consequência a queda das vocações e a derrocada da prática católica.

— O erro não foi ter tido uma palavra sobre a moral sexual, que era e continua sendo o desejo da maioria de cristãos. A humanização da sexualidade, para retomar uma expressão de Bento XVI, é uma temática sobre a qual a Igreja devia se expressar. O erro: ao estabelecer um padrão muito alto, se é que posso falar assim, ficando desligada e inaudível, a Igreja pôs a si mesma fora de jogo nos debates sobre a moral sexual. Uma posição dura sobre o aborto teria sido mais bem compreendida, por exemplo, se tivesse sido acompanhada por uma posição flexível quanto à contracepção. Ao pregar a castidade para os jovens, os casais divorciados ou os homossexuais, a Igreja deixou de falar aos seus — lamenta um cardeal entrevistado em Roma.

Sabemos, hoje em dia, por testemunhas e documentos dos arquivos, que a proibição da pílula e talvez as outras condenações morais sobre a masturbação, a homossexualidade e o celibato dos padres foram longamente debatidas. Segundo os historiadores, a linha dura era minoritária, de fato, mas Paulo VI tomou a sua decisão sozinho, ex cathedra. Agiu, juntando-se à ala conservadora encarnada pelo velho cardeal Ottaviani e por um recém-

chegado: o cardeal Wojtyła, futuro papa João Paulo II, que desempenhou um papel tardio, porém decisivo, nesse espetacular endurecimento da moral sexual da Igreja. Jean Guitton, ativista adepto da castidade heterossexual, também defendeu a manutenção do celibato dos padres.

Inúmeros teólogos e peritos com os quais me encontrei censuram o papa Paulo VI, cujas ideias eram muito pouco heterodoxas, por ter "montado uma linha dura" por péssimas razões, estratégicas ou pessoais. Mostraram-me que o celibato é um valor que foi historicamente defendido, na Igreja, pelas suas componentes homossexuais. Segundo um desses teólogos: "Raros são os padres que valorizam a abstinência heterossexual; trata-se essencialmente de uma ideia homossexual ou, pelo menos, de uma pessoa que tem inúmeros questionamentos quanto à própria sexualidade". O doce segredo de Paulo VI vem à tona através da escolha do celibato dos padres?, muitos questionam isso hoje em dia.

Tal prioridade, desajustada em relação à época, leva-nos a entender o estado de espírito do Vaticano e nos convida também ao questionamento sobre uma constatação quase sociológica, estabelecida desde a Idade Média (se acreditarmos no historiador John Boswell) e que é aqui uma nova regra de *No armário do Vaticano* — a décima: *Os padres e teólogos homossexuais têm uma propensão muito maior para impor o celibato aos padres do que aos seus correligionários heterossexuais. São obstinados e muito decididos a instituir o respeito a essa palavra de ordem de castidade, embora intrinsecamente antinatural.*

Os defensores mais fervorosos do voto de castidade são, portanto, naturalmente os mais suspeitos. E é aqui que o diálogo entre Paulo VI e Jean Guitton atinge todo o seu valor, uma verdadeira comédia de época.

O tema da castidade era uma preocupação recorrente aos escritores homossexuais que citamos, de François Mauriac a Julien Green, para não falar

em Jacques Maritain, mas atinge um nível delirante em Guitton.

Oriundo de uma família burguesa católica em que "se guardam as distâncias", Jean Guitton nunca exibiu a sua vida privada em praça pública, a ponto de essa vida ter sido um mistério durante muito tempo. Esse asceta puritano não mostrava as suas emoções e não falava, apesar de ser leigo, das suas experiências amorosas. As testemunhas que entrevistei confirmam que Jean Guitton se interessou pouco pelas mulheres. Considerava-as "decorativas" ou "ornamentais", como dizem aqueles personagens misóginos de *O retrato de Dorian Gray*.

Casou-se, no entanto, já idoso, com Marie-Louise Bonnet. Na sua autobiografia, *Un siècle, une vie*, dedica à esposa um capítulo que traduz, também aqui, uma forte misoginia: "Andava à procura de um anjo para cuidar da casa, encarregar-se do pó. O anjo se apresentou sob a forma de Marie-Louise, que era professora de história da arte e de ciência doméstica no liceu de Montpellier". Não tiveram filhos e não se sabe se a relação sequer tenha sido consumada. Viveram "como irmão e irmã", segundo a expressão que lhe é atribuída e, quando a esposa morre precocemente, Guitton continua celibatário.

Uma singularidade que não escapou a Florence Delay. A romancista, eleita para a cadeira de Guitton na Académie française, faz o seu encômio no dia da entrada sob a cúpula, como manda a tradição. Uma cena pouco habitual: Florence Delay, ao fazer a homenagem ao falecido, multiplica as alusões à sua misoginia lendária: "Que teria pensado ele [de] uma mulher [ter sido sua sucessora], ele que nos considerava inacabadas!". Também não leva mais a sério o seu casamento tardio: "Alguns se espantam ou se divertem por Guitton — aparentemente votado à castidade do monge ou, mais filosoficamente falando, ao celibato kantiano — ter escrito um ensaio sobre o amor humano — ainda antes do seu afetuoso casamento de outono com Marie-Louise Bonnet.

É que o amor humano engloba aquele que vai do discípulo ao mestre e do mestre ao discípulo". Ah!, como isso foi dito de um jeito tão elegante!

Se a nova acadêmica tivesse sido mais perversa, ou mais irônica, podia ter feito uma alusão discreta a um comentário célebre do sexólogo Alfred Kinsey, contemporâneo de Guitton. O investigador e autor do famoso *Relatório Kinsey* sobre a sexualidade dos americanos apontou pela primeira vez, de forma científica, a forte proporção de homossexuais na população geral. Tão espalhada, a homossexualidade já não era, portanto, uma anomalia, uma doença ou uma perversão. E Kinsey acrescentou, zombando, que as únicas verdadeiras perversões que continuavam existindo eram três: a abstinência, o celibato e o casamento tardio! Guitton seria, portanto, três vezes perverso!

Embora não gostasse nada das mulheres e nunca falasse do belo sexo, invisível aos seus olhos, Guitton teve um "amor de amizade" com vários homens, a começar pelo cardeal Poupard, com quem manteve uma longa troca de correspondências (mais de duzentas cartas manuscritas, como disse, ainda inéditas, talvez possam confirmar um dia). As suas paixões masculinas também foram dirigidas aos seus alunos: e, em especial, a um dos seus jovens alunos, um tal Louis Althusser, "tão loiro e tão belo que poderia ter feito dele seu apóstolo" (Florence Delay, também aqui, é ousada!).

A relação de Jean Guitton com o papa João XXIII, que conheceu sob o nome de Roncalli quando este era núncio em Paris, também parece atípica, e é possível que existisse um "amor de amizade".

A relação estabelecida precocemente com Giovanni Battista Montini, o futuro papa Paulo VI, também foi de tal natureza. Essa proximidade suscitou muitas incompreensões e rumores. Um teólogo tão influente como o padre Daniélou não hesitou em dizer que "o papa [Paulo VI] cometeu [uma] imprudência [ao meter] Guitton no concílio". Outros zombam do santo padre por se ter "apaixonado por um escritor de segunda ordem, de insignificância

literária". No fim, surgiu no Vaticano uma piada recorrente a seu respeito, conta um dos ex-diretores da Rádio Vaticano: "Não devemos classificar Guitton entre os leigos do conclave porque ele não tem filhos...".

Quando lemos os exaltados *Diálogos com Paulo VI*, o livro de conversas reais ou imaginárias de Jean Guitton com o papa (prefaciado pelo cardeal Paul Poupard), ficamos igualmente surpresos com a estranheza do diálogo entre o santo padre e o leigo sobre a abstinência e sobre aquilo a que chamam "o amor maior" entre Jesus e Pedro, que "oculta uma exigência, que dá medo".

Hoje em dia, conhecemos bem essa linguagem. É a do primeiro Gide e do último Mauriac, a de Julien Green também, a de Henri de Montherlant e, por fim, a de Maritain. É a linguagem da culpa e da esperança na "civilização do amor" (para retomar a famosa expressão de Paulo VI). É a linguagem de Platão, que justamente Paulo VI acaba de tornar respeitável mais uma vez, ao abolir seu nome do Index Librorum Prohibitorum, em que estiveram inseridos também Montaigne, Maquiavel, Voltaire, André Gide e tantos outros.

Uma vez mais, não forcemos a barra. É possível que Jean Guitton tenha vivido esses debates no "modo Maritain", na inocência e ingenuidade, sem se dar conta da sua parcela de orientação e da sua sublimação gay. Aliás, Guitton afirmou que não compreendia nada da homossexualidade, e esse poderia ser, paradoxalmente, o sinal de uma orientação afetiva homossexual, aqui de fato inconsciente.

Além de Marie-Louise Bonnet, a única mulher que encontramos no círculo próximo de Jean Guitton é a "Marechala" de Lattre de Tassigny, viúva do grande chefe militar francês que, segundo os boatos no cerne do exército em particular, seria bissexual (o escritor Daniel Guérin assim afirmou no livro *Homosexualité et révolution*, e o editor Jean-Luc Barré, que publicou a obra do Marechal de Lattre de Tassigny, concorda).

Entre a morte do marechal da França, em 1952, e a própria morte, em 2003, aos 96 anos, a "Marechala" viveu rodeada por um bando de homossexuais no seu salão parisiense. Jean Guitton, travesso e sempre alegre, segundo uma testemunha, era habitué do local: estava "sempre bem acompanhado por belas pessoas do sexo forte e benjamins afeminados". Outra testemunha confirma que Guitton sempre esteve "rodeado de efebos e jovens de passagem".

Eis um homem leigo que vive como um padre, faz a escolha de não ter filhos, casa-se tardiamente e alimenta, durante toda a vida, intensas amizades homossexuais, estando rodeado por jovens desejados. Foi um homossexual reprimido? É provável, mas nada até hoje prova o contrário. No entanto, temos que encontrar aqui outra palavra para definir esse tipo de relação. Ora, Guitton nos propõe exatamente uma "camaradagem", por mais imperfeita que seja. Vejamos aqui, em suas palavras, no seu livro *Le Christ de ma vie*, em que dialoga com o padre Joseph Doré, futuro arcebispo de Estrasburgo:

> Há algo que é superior ao amor do homem pela mulher, a camaradagem. O amor de Davi por Jônatas, de Aquiles por Pátroclo... Um jesuíta pode ter por outro jesuíta um amor de camarada bem superior ao amor que esse homem sentiria se fosse casado... Há na camaradagem... e em geral é mal interpretado, por causa da homossexualidade... algo perfeitamente único, extraordinário.

Magnífica confissão, toda ela em jogo de espelhos, em que a referência a Davi e Jônatas é escolhida de propósito por um homem que não pode ignorar a carga homoerótica desse código explicitamente gay (a principal associação católica homossexual já tem esse nome na França).

Jean Guitton, tal como Jacques Maritain, procura inventar uma linguagem para apreender a complexidade masculina sem a reduzir ao sexo. Estamos no âmago do chamado — a expressão foi mais duradoura do que a medíocre "camaradagem" de Guitton — "amor de amizade".

O conceito é antigo. É importante relatar a sua origem, mesmo que de modo breve, por se encontrar no cerne do nosso tema. A ideia de "amor de amizade" tem a sua raiz no pensamento grego da Antiguidade, em Sócrates e Platão, sistematizado depois por Aristóteles. Com Cícero e Santo Agostinho, atravessa a Antiguidade tardia até a Idade Média. Encontramos a sua ideia, se não a letra, em Santo Elredo de Rievaulx, um monge cisterciense do século XII, que se tornou o primeiro "Santo LGBT" (porque nunca escondeu os seus amores). Um século depois, numa época em que a noção de homossexualidade não existe (a palavra só será inventada no final do século XIX), a Idade Média se reapropria desse conceito de "amor de amizade". Tomás de Aquino distingue o "amor de concupiscência" (*amor concupiscentiae*) do "amor de amizade" (*amor amicitiae*); o primeiro procuraria o outro para o seu bem pessoal e egoísta; o segundo privilegiaria, pelo contrário, o bem do amigo, amado como um outro eu. Diríamos hoje em dia, embora não seja a correspondência perfeita: "amor platônico".

A ideia de "amor de amizade" foi utilizada mais tarde para definir a relação entre Shakespeare e o jovem chamado de "Fair Youth" nos *Sonetos*, Leonardo da Vinci e o seu jovem aluno Salai ou ainda Michelangelo e o jovem Tommaso dei Cavalieri. Amor? Amizade? Os especialistas pensam hoje em dia que, nesses casos específicos, tratava-se provavelmente de homossexualidade. Em compensação, o que dizer dos escritores Montaigne e La Boétie, para os quais a expressão "amor de amizade" também foi utilizada? Não desnaturemos aqui uma relação que talvez nunca tenha sido sexual e que uma célebre frase de Montaigne resume talvez melhor, porque foge à explicação racional: "Porque era ele, porque era eu".

A expressão "amor de amizade" também foi utilizada para descrever a relação entre o padre Henri Dominique Lacordaire, um dos restauradores da Ordem dos Dominicanos na França, e o seu "amigo" Charles de

Montalembert. Durante muito tempo, a Igreja tapou os olhos diante do assunto, insistindo nessa "amizade" que sabemos hoje que era homossexual (a inestimável correspondência Lacordaire-Montalembert, publicada recentemente, revela não só um diálogo exemplar sobre o catolicismo liberal francês, mas também a ligação explícita entre os dois homens).

O conceito de "amor de amizade" engloba, portanto, situações infinitamente variadas e foi utilizado de modo indiscriminado, ao longo dos tempos, para uma ampla sequência de relações que vão da amizade viril pura à homossexualidade propriamente dita. Segundo especialistas no assunto, aliás bastante numerosos no Vaticano, esse conceito deveria ser considerado apenas nos casos de homossexualidade pura. Não se trataria de um sentimento equívoco, que tenderia a manter a confusão entre o amor e a amizade, mas de um amor autêntico e casto, relação de dois homens em toda a sua inocência. O seu êxito nos meios homossexuais católicos do século XX se explica pelo fato de se concentrar nas virtudes do ser amado, mais do que no desejo carnal, cuidadosamente negado; permite não sexualizar a afetividade. Enfim, os cardeais mais conservadores — e mais homofóbicos —, como o americano Raymond Burke, o alemão Joachim Meisner, o italiano Carlo Caffarra e o guineense Robert Sarah, que fizeram eles mesmos voto de castidade, são firmes ao insistir que os homossexuais se limitem a relações de "amor de amizade", isto é, à castidade, para evitar cair em pecado. Assim, amarram todas as pontas.

De Jacques Maritain a Jean Guitton, esse mundo de "amores-amizades" constitui uma influência secreta do Concílio Vaticano II.

Jacques Maritain não participou do concílio pessoalmente, mas exerceu uma influência importante, em virtude da sua amizade com Paulo VI. Esse também foi o caso de outros teólogos influentes, como o dos padres Yves Congar, Charles Journet, Henri de Lubac e Jean Daniélou. Este último é o

exemplo mais esclarecedor: o jesuíta francês, teólogo de renome, é chamado por João XXIII como perito ao Concílio Vaticano II, antes de se tornar cardeal por Paulo VI. Amigo de Jean Guitton (coautores de um livro), Daniélou entrou para a Académie française graças a ele. Bastante progressista, foi um dos amigos próximos de Paulo VI.

Comentaram muito a respeito de sua morte tão repentina quanto extraordinária, no dia 20 de maio de 1974, nos braços de "Mimi" Santoni, uma prostituta da Rue Dulong, em Paris. A causa da morte teria sido provavelmente um infarto durante o orgasmo. Os jesuítas desmentem o fato, claro, diante do escândalo que o caso provocou na época, que foi transmitido de imediato por *Le Figaro*: o cardeal teria ido levar dinheiro para ajudar a prostituta e teria morrido "no orgasmo do apóstolo diante do Deus vivo".

Hoje há uma versão que foi confirmada pelo cardeal italiano Giovanni Battista Re, ex-ministro do Interior de João Paulo II:

— Líamos muito Jean Daniélou. Gostávamos muito dele. A sua morte? Penso que quis salvar a alma da prostituta, foi isso. Para convertê-la, talvez. Na minha opinião, morreu em apostolado.

O cardeal Paul Poupard, amigo de Daniélou (coautores de um livro), também confirma, erguendo as mãos ao céu, a generosidade do cardeal, tão humilde de coração, um homem excelente, que veio redimir os pecados da prostituta. Talvez mesmo tentar tirar, ah, que homem gentil, do meretrício essa moça da vida.

Além das risadas que essas explicações suscitaram na época — Daniélou estava nu quando os bombeiros chegaram —, o essencial, para nós, está em outro ponto. Se Daniélou era, segundo tudo indica, um heterossexual praticante que, evidentemente, não fazia parte de Sodoma, o seu irmão, em compensação, foi abertamente homossexual. Alain é um hinduísta reconhecido, especialista no erotismo divinizado da Índia fruitiva, de Xiva e

da ioga. Também foi amigo de François Mauriac e do coreógrafo Maurice Béjart. A sua homossexualidade, conhecida há muito tempo, foi confirmada recentemente pela sua autobiografia e pela publicação dos *Carnets spirituels* do seu irmão Jean. Sabe-se que Alain viveu durante muito tempo com o fotógrafo suíço Raymond Burnier.

A relação entre os dois irmãos Daniélou é interessante, porque hoje posso afirmar que Jean esteve solidário com a escolha de vida de Alain e o apoiou por muito tempo na sua homossexualidade. Quis levar consigo o peso dos "pecados" de Alain e se preocupar com a sua alma.

O cardeal Jean Daniélou foi mais longe. A partir de 1943, começou a celebrar todos os meses uma missa para os homossexuais. Esse fato está hoje em dia bem estabelecido (pela autobiografia de Alan e por uma detalhada biografia dedicada aos dois irmãos). Parece que essa missa, que ainda reunia o célebre especialista do islã, Louis Massignon, um cristão que também era homossexual, perpetuou-se por muitos anos.

Portanto, o ponto fundamental, aqui, não é tanto a morte de Jean Daniélou nos braços de uma prostituta, mas sim a organização, por um cardeal destacado, um teólogo de renome, de missas regulares destinadas à "salvação" dos homossexuais.

Paulo VI sabia disso? É possível, mas não é certeza. De qualquer modo, esse círculo próximo amplamente homossexual, ou pró-gay, tem participação na história do seu pontificado — quintessência do Código Maritain.

"Quem quer que contemple essa sequência pictórica se pergunta que relação pode ter conosco esse povo de figuras vigorosas..." No aniversário de quinhentos anos do nascimento de Michelangelo, o papa Paulo VI prestou uma espantosa homenagem *gay-friendly* ao escultor italiano, em 29 de fevereiro de 1976, na Basílica de São Pedro, em Roma. Em grande pompa, o

santo padre canta a memória do "incomparável artista" sob a majestosa cúpula que ele desenhou, logo ao lado da sublime *Pietà*, que o "jovem rapaz com menos de vinte anos" fez sair do mármore frio com a maior "ternura".

A dois passos encontra-se a Capela Sistina com a sua abóbada, seus afrescos e a sua multidão viril, cujos anjos são gabados por Paulo VI — mas não os ignudi, esses jovens robustos desnudos, de um insolente esplendor físico, aqui voluntariamente esquecidos. Também são citados no discurso do papa "o mundo das Sibilas" e dos "Pontífices"; mas não é feita nenhuma menção ao Cristo nu de Michelangelo, nem aos santos completamente nus ou ao "emaranhado de nus" do *Juízo final*. Por meio desse silêncio deliberado, o papa censura de novo essas carnes humanas rosadas que um dos seus pudicos antecessores castrara, outrora, ao mandar cobrir com um véu as partes íntimas desses homens.

Paulo VI, surpreendido agora com a própria audácia, arrebata-se, comovido aos prantos pelos corpos emaranhados e o jogo dos músculos. E "que olhar!", verifica o papa. O do "jovem atleta que é o Davi florentino" (completamente nu e com belos membros) e a última *Pietà*, chamada Rondanini, "cheia de soluços" e *non finito*. Visivelmente, Paulo VI está maravilhado com a obra desse "visionário de beleza secreta", cujo "arrebatamento estético" iguala à "perfeição helênica". E, de repente, o santo padre se põe inclusive a ler um soneto de Michelangelo!

Na verdade, que relação "pode ter conosco esse povo de figuras vigorosas"? Nunca, sem dúvida, em toda a história do Vaticano, nesse local tão sagrado, foi feito um elogio tão feminino a um artista tão descaradamente homossexual.

— Paulo VI escrevia ele próprio, à mão, os seus discursos. Guardamos todos os manuscritos — diz Micol Forti, uma mulher culta e enérgica, que é uma das diretoras dos Museus do Vaticano.

A paixão de Paulo VI pela cultura se insere numa estratégia política. Na Itália, naquela época, a cultura está passando da direita para a esquerda; a prática religiosa já está em decadência entre os artistas. Embora, durante séculos, os católicos tenham dominado a cultura, os códigos, as redes da arte, essa hegemonia foi desaparecendo no fim da década de 1960 e início da de 1970. Paulo VI pensa, no entanto, que não é tão tarde e que a Igreja pode se recuperar, se souber captar as musas.

As testemunhas que entrevistei confirmam que o empenhamento artístico de Paulo VI era sincero e se baseava numa inclinação pessoal.

— Paulo VI era um viciado em Michelangelo — afirma um bispo que trabalhou com o santo padre.

A partir de 1964, o papa anuncia o projeto de uma grande coleção de arte moderna e contemporânea. Lança-se na grande batalha cultural da sua vida, para reconquistar os homens da máscara e da pluma.

— Paulo VI começou se desculpando pelo fato de a Igreja não ter se dedicado à arte moderna. E depois pediu aos artistas, aos intelectuais do mundo inteiro que o ajudassem a constituir uma coleção para os museus do Vaticano — continua Micol Forti.

Os cardeais e os bispos com quem falei levantaram várias hipóteses para explicar essa paixão de Paulo VI pelas artes. Um deles lembra a influência decisiva que teria tido sobre ele um livro de Jacques Maritain, o seu ensaio *Art et scolastique*, em que imagina uma filosofia da arte que dá aos artistas toda liberdade.

Outro bom conhecedor da vida cultural no Vaticano sob Paulo VI insiste no papel do assistente pessoal do papa, o padre italiano Pasquale Macchi, um estudioso apaixonado pela arte e homossexual comprovado que convivia com artistas.

— Graças a Pasquale Macchi, Paulo VI reuniu os intelectuais e tentou fazer com que os artistas regressassem ao Vaticano. Os dois avaliaram o fosso que havia se cavado em relação ao mundo da arte, e Macchi foi um dos criadores dessas novas coleções — diz-me um padre do Conselho Pontifício para a Cultura.

Visitei várias vezes essa ala moderna dos museus do Vaticano. Sem querer fazer nenhum tipo de comparação com as coleções antigas — como poderia? —, precisamos reconhecer que os conservadores do Vaticano foram abertos nas suas escolhas. Vejo ali, em especial, dois artistas bem pouco ortodoxos: Salvador Dalí, pintor bissexual, com um quadro intitulado *Crucificação*, de conotações militares masoquistas, e sobretudo Francis Bacon, um artista declaradamente gay!

A suposta homossexualidade de Paulo VI é um boato antigo. Na Itália é inclusive muito presente, uma vez que tantos artigos a mencionaram e até a página Wikipédia do papa, em que figura inclusive o nome de um dos seus pretensos amantes. Durante as minhas numerosas estadas em Roma, cardeais, bispos e dezenas de *monsignori* que trabalhavam no Vaticano tocaram no assunto. Alguns desmentiram.

— Posso confirmar que esse boato existiu. E posso prová-lo. Houve libelos, desde a eleição de Montini [Paulo VI], em 1963, que denunciavam os seus costumes — revela o cardeal Poupard, que foi um dos colaboradores do papa.

Por outro lado, o cardeal Battista Re garante:

— Trabalhei com o papa Paulo VI durante sete anos. Foi um grande papa, e todos os zum-zum-zuns que ouvi são falsos.

Em geral atribuiu-se a Paulo VI uma relação com Paolo Carlini, um ator italiano de teatro e televisão, 25 anos mais novo do que ele. Eles teriam se conhecido quando Giovanni Montini era arcebispo de Milão.

Embora na Itália esse relacionamento fosse citado com frequência, alguns elementos factuais parecem anacrônicos ou errados. Por exemplo, Paulo VI teria escolhido o seu nome de papa em homenagem a Paolo, o que é desmentido por diferentes fontes, que adiantam outras explicações mais críveis. Do mesmo modo, Paolo Carlini teria morrido de um ataque cardíaco "dois dias depois de Paulo VI, por tristeza": no entanto, embora talvez já estivesse doente, só faleceu muito mais tarde. Montini e Carlini teriam também compartilhado um apartamento perto do arcebispado, o que não é confirmado por nenhuma fonte policial confiável. Enfim, o dossiê da polícia de Milão sobre a relação Montini-Carlini, mencionado repetidas vezes, nunca veio a público, e nada prova, até hoje, que exista.

Pretensamente mais bem informado do que todo mundo, o escritor francês Roger Peyrefitte, homossexual ativista, se dedicou a tirar Paulo VI do armário numa série de entrevistas: primeiro, na *Gay Sunshine Press*, depois na revista francesa *Lui* e em seguida num artigo publicado na Itália no semanário *Tempo*, em abril de 1976. Nessas repetidas entrevistas, e mais tarde nos seus livros, Peyrefitte declarava que "Paulo VI era homossexual" e que tinha "a prova" desse fato. Esse tipo de revelação era a sua especialidade: o escritor já havia questionado François Mauriac num artigo da revista *Arts*, em maio de 1964 (com razão, dessa vez), bem como o rei Balduíno, o duque de Edimburgo e o xá do Irã — até descobrir que algumas de suas fontes estavam erradas porque tinha sido vítima de uma brincadeira feita por jornalistas!

Tive a oportunidade, quando eu era um jovem jornalista, de entrevistar Roger Peyrefitte, um pouco antes da sua morte, sobre o boato da homossexualidade de Paulo VI. Refletindo bem, o velho escritor não me pareceu muito bem informado, mas sim, na verdade, apenas excitado pelo cheiro de escândalo. Em todo o caso, ele nunca apresentou a menor prova do seu "furo". De fato, parece que ele quis atacar Paulo VI após a declaração

Persona humana, em que era hostil aos homossexuais. De qualquer modo, o escritor medíocre e venenoso, próximo da extrema direita e arbitrariamente polêmico, havia se tornado, no final da vida, um especialista das falsas informações e também dos boatos homofóbicos e por vezes até antissemitas. O crítico Angelo Rinaldi comentou nestes termos a publicação dos *Propos secrets*: "Ontem crítico dos judeus e dos franco-maçons — um trabalho muito útil para as futuras condenações —, Roger Peyrefitte se torna hoje o auxiliar da brigada dos costumes num livro tão atraente quanto um relatório policial... Quanto a 'promover uma causa maldita', há que ter, na melhor das hipóteses, falta de consciência para afirmar... A 'patrulha hétero' teria que inventar, se não existisse, esse colecionador de boatos obsoletos, septuagenário cacheado cujas passagens pela tela espalham a hilaridade no cerne das famílias e reforçam os preconceitos".

O ponto interessante foi, sem a menor dúvida, a reação pública de Paulo VI. Segundo várias pessoas entrevistadas (em especial cardeais que trabalharam com ele), os artigos sobre a sua suposta homossexualidade teriam afetado bastante o santo padre. Levando os boatos muito a sério, teria multiplicado as intervenções políticas para que se fizessem cessar. Assim, teria pedido pessoalmente a ajuda do então presidente do conselho italiano, Aldo Moro, que era dos seus amigos próximos e com quem compartilhava a paixão por Maritain. Que fez Moro? Não sabemos. O líder político foi raptado alguns meses depois pelas Brigadas Vermelhas, que exigiam um resgate. Paulo VI interveio publicamente para pedir que fosse poupado e teria tentado, inclusive, reunir os fundos necessários. Mas Moro acabou sendo assassinado, enterrando Paulo VI no desespero.

O papa decide, por fim, desmentir ele mesmo o rumor lançado por Roger Peyrefitte: em 4 de abril de 1976 se expressa em público sobre o assunto. Encontrei a sua intervenção no gabinete de imprensa do Vaticano. Eis a

declaração oficial: "Irmãos e filhos muito queridos! Sabemos que o nosso cardeal vigário e, em seguida, a Conferência Episcopal Italiana vos convidaram para rezar pela nossa humilde pessoa que foi alvo de escárnio e horríveis e caluniosas insinuações por parte de uma imprensa determinada, sem consideração pela honestidade ou pela verdade. Agradecemos-vos as vossas demonstrações filiais de piedade, de sensibilidade moral e de afeto... Obrigado, obrigado de todo coração... Ademais, uma vez que esse episódio e outros foram causados por uma recente declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, em relação a determinadas questões de ética sexual, vos encorajamos a obter acesso a esse documento... uma observância virtuosa e, assim, a fortalecer em vós um espírito de pureza e de amor que se oponha ao hedonismo licencioso muito difundido nos costumes do mundo de hoje".

Erro grave de comunicação! Enquanto o rumor veiculado por um escritor reacionário de pouca credibilidade estava limitado a alguns meios homossexuais anticlericais, o desmentido público de Paulo VI, na solenidade do Ângelus do Domingo de Ramos, contribui para disseminar a história por todo o mundo. São publicadas centenas de artigos para difundir esse desmentido, em especial na Itália, o que, é claro, faz pairar a dúvida. O que não era mais do que um boato se torna uma questão, talvez um assunto. A Cúria aprenderá a lição: mais vale ignorar os rumores sobre a homossexualidade dos papas ou dos cardeais do que desmenti-los na mídia!

De lá para cá, teriam aparecido outros testemunhos que apoiariam o "terrível" rumor: em primeiro lugar, o de um poeta italiano desconhecido, Biagio Arixi, amigo de Carlini, que teria revelado a ele a sua ligação com o papa, pouco antes da própria morte. Franco Bellegrandi, camerlengo e mestre de cerimônias de João XXIII e Paulo VI, também retomou esse assunto num livro duvidoso. O arcebispo polonês Juliusz Paetz, do mesmo modo, alongou-se muito sobre a pretensa homossexualidade do papa, tendo chegado a

difundir fotos e a sugerir aos jornalistas que poderia ter tido uma amizade muito próxima (*bromance*) com ele (o testemunho de Paetz não foi confirmado). Já um antigo guarda suíço forneceu informações que vão no mesmo sentido, e vários antigos amantes de Paulo VI, reais ou autoproclamados, tentaram testemunhar, com frequência em vão, e de qualquer modo sem serem convincentes. Em compensação, outros testemunhos de cardeais, e vários biógrafos sérios, desmentem com firmeza essa alegação.

Ponto mais capital: a hipótese da homossexualidade de Paulo VI e a sua relação com Paolo Carlini foram levadas a sério durante o processo de beatificação de Paulo VI. Segundo duas fontes que entrevistei, os padres que prepararam esse "processo" passaram um pente-fino no dossiê. Se houve debate, se há dossiê, é porque há pelo menos uma dúvida. A questão da pretensa homossexualidade de Paulo VI figura mesmo explicitamente nos documentos apresentados ao papa Bento XVI, que foram redigidos pelo padre Antônio Marrazzo. Segundo uma fonte de primeira mão que conhece bem o amplo dossiê reunido por Marrazzo, e que conversou com ele sobre os costumes atribuídos ao santo padre, a questão aparece em inúmeros documentos e depoimentos escritos. Segundo essa mesma fonte, Marrazzo concluiu, no entanto, após um importante trabalho de verificação e de cotejo, que Paulo VI provavelmente não era homossexual. A sua posição foi retomada, por fim, pelo papa Bento XVI, que, depois de ter realizado pessoalmente um longo exame do processo, decidiu beatificar Paulo VI e reconhecer as suas "virtudes heroicas", pondo um ponto-final à polêmica.

Continua existindo um último mistério em torno de Paulo VI: o seu círculo próximo recheado de homossexuais. Conscientemente ou não, esse papa, que

tanto proibia de modo severo essa forma de sexualidade, reuniu à sua volta vários homens que a praticavam.

É o caso, como vimos, do seu secretário particular Pasquale Macchi, que trabalhou 23 anos com ele, primeiro no arcebispado de Milão e depois em Roma. Além do seu papel na criação da coleção de arte moderna dos Museus do Vaticano, esse padre de fibra artística lendária era próximo de Jean Guitton e mantinha inúmeros contatos com os artistas e intelectuais da sua época, em nome do papa. Mais de uma dezena de testemunhas confirmam a sua homossexualidade.

Do mesmo modo, o padre e futuro bispo irlandês John Magee, tendo sido um dos assistentes e confidentes de Paulo VI, era provavelmente homossexual (como dão a entender os depoimentos no processo do escândalo de Cloyne).

Loris Francesco Capovilla, outro próximo de Paulo VI e que foi também secretário pessoal do seu antecessor, João XXIII, e peça-chave do concílio (foi nomeado cardeal pelo papa Francisco em 2014 e morreu com a idade canônica de cem anos em 2016), teria sido homossexual.

— O monsenhor Capovilla era um homem muito discreto. Dirigia umas palavrinhas ternas aos jovens padres e era de uma grande delicadeza. Seduzia com delicadeza. Ele me escreveu uma vez — conta o ex-padre da Cúria Francesco Lepore. (Um cardeal e diversos arcebispos e prelados do Vaticano também confirmam a orientação de Capovilla nas conversas gravadas.)

O teólogo oficial de Paulo VI, o dominicano Mario Luigi Ciappi, um florentino de humor devastador, também passava por "homossexual extrovertido", próximo do seu *socius*, ou secretário pessoal, segundo três depoimentos parecidos de padres dominicanos que recolhi. (Ciappi foi um dos teólogos oficiais de cinco papas, entre 1955 e 1989, e foi nomeado cardeal por Paulo VI, em 1977.)

O mesmo aconteceu com o mestre de cerimônias pontificais de Paulo VI, o *monsignore* italiano Virgilio Noè, então futuro cardeal. Durante muito tempo, as pessoas se divertiram no Vaticano com esse homem de protocolos corretos, de quem se dizia que levava uma vida tortuosa privadamente.

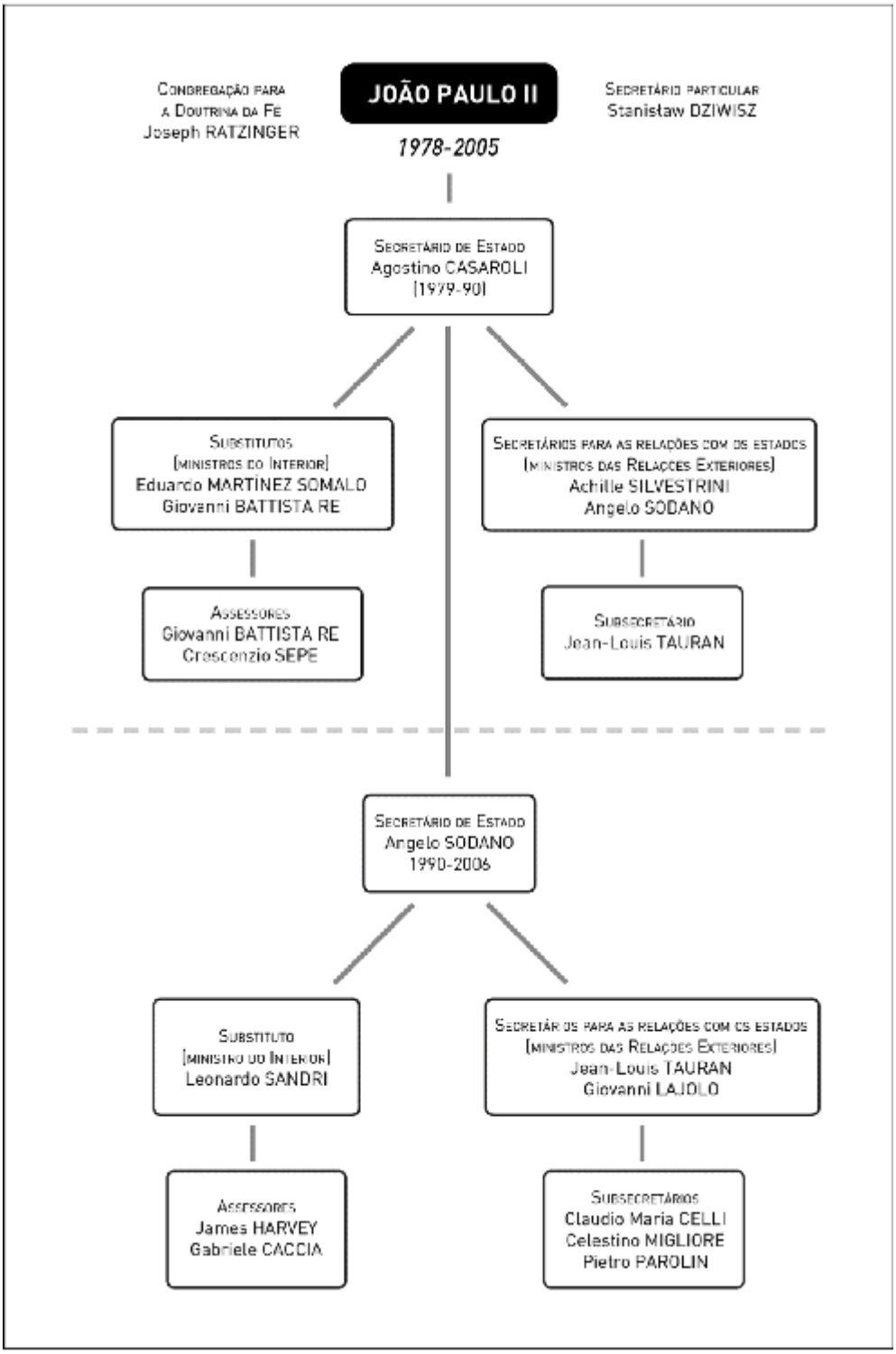
— Todo mundo sabia que Virgilio era praticante. Digamos mesmo, muito praticante! Era uma forma de brincadeira entre nós, dentro do Vaticano — confirma um padre da Cúria Romana.

Dizem que o camareiro do papa também era homossexual; e esse era igualmente o caso de um dos principais tradutores e guarda-costas do santo padre — o célebre arcebispo Paul Marcinkus, de quem voltaremos a falar. Quanto aos cardeais de Paulo VI, são numerosos os que fazem parte da "paróquia", começando por Sebastiano Baggio, a quem o papa confia a Congregação para os Bispos, depois de elevá-lo à púrpura. Por fim, um dos responsáveis da guarda suíça sob Paulo VI, próximo do papa, vive ainda hoje com o seu namorado nos subúrbios de Roma, onde uma das minhas fontes o encontrou.

O que Paulo VI quis nos dizer ao recrutar majoritariamente padres homossexuais, em dúvida, no armário ou praticantes para o seu círculo próximo? Deixo a questão ao leitor, que tem nas mãos todos os pontos de vista e todas as peças do quebra-cabeça. De qualquer modo, o Código Maritain, uma matriz que aparece sob Paulo VI, vai se perpetuar sob os pontificados seguintes — de João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Sempre astuto, o papa fez do "amor de amizade" uma regra de fraternidade vaticana. O Código Maritain nasceu sob bons auspícios; continua em vigor hoje em dia.

Terceira parte

João Paulo


Congregação para a Doutrina da Fé
Joseph RATZINGER
JOÃO PAULO II
1978-2005
Secretário particular
Stanislaw DZIWISZ
Secretário de Estado
Agostino CASAROLI
(1979-90)
Substitutos
(ministros do Interior)
Eduardo MARTÍNEZ SOMALO
Giovanni BATTISTA RE
Secretários para as relações com os estados
(ministros das Relações Exteriores)
Achille SILVESTRINI
Angelo SODANO
Assessores
Giovanni BATTISTA RE
Crescenzio SEPE
Subsecretário
Jean-Louis TAURAN
Secretário de Estado
Angelo SODANO
1990-2006
Substituto
(ministro do Interior)
Leonardo SANDRI
Secretários para as relações com os estados
(ministros das Relações Exteriores)
Jean-Louis TAURAN
Giovanni LAJOLO
Assessores
James HARVEY
Gabriele CACCIA
Subsecretários
Claudio Maria CELLI
Celestino MIGLIORE
Pietro PAROLIN

9. Sacro Colégio

— Sob Paulo VI, ainda estávamos na homossexualidade e na "orientação". Com João Paulo II, as coisas mudam completamente de natureza e dimensão. No seu círculo próximo, há mais praticantes e um nível de venalidade e corrupção por vezes inimagináveis. Houve, em torno do santo padre, um verdadeiro círculo de luxúria.

É um padre da Cúria, uma das testemunhas do pontificado, que me fala dessa forma. Quando utiliza a expressão "círculo de luxúria", esse *monsignore* se limita a retomar uma ideia já exposta por Bento XVI e Francisco. Embora tenham se abstido de citar esse ou aquele cardeal, ou de criticar o seu antecessor polonês, os dois papas ficaram chocados com o círculo híbrido próximo de João Paulo II.

Francisco nunca fala de maneira irrefletida e, quando repete tantas vezes esse ataque severo à "corrente de corrupção" da Cúria, é evidente que já tem alguns nomes na cabeça. Estamos em junho de 2013, início do seu pontificado: o papa se comunica em espanhol diante de um grupo de representantes católicos latino-americanos. A conversa tem por objetivo o lobby gay. E se o novo papa invoca um círculo de "corrupção" é porque é detentor de provas: visa alguns cardeais específicos. Pensa nuns italianos, nuns alemães e, claro, nuns cardeais latinos ou em núncios que estiveram alocados na América Latina.

É público e notório que alguns escândalos apimentaram o pontificado de João Paulo II e que vários cardeais do seu círculo próximo eram, ao mesmo tempo, homossexuais e corruptos. No entanto, até esta investigação, eu nunca

havia medido o grau de hipocrisia da Cúria Romana sob Karol Wojtyła. O seu pontificado teria sido "intrinsecamente desordenado"?

João Paulo II é o papa da minha juventude, e muitos dos meus parentes e amigos sempre o respeitaram. No interior da redação da *Esprit*, uma revista antitotalitária de inspiração católica com que colaborava, Wojtyła geralmente era considerado uma das figuras importantes do fim do comunismo. Li diversos livros e biografias sobre esse gigante do século XX, agrimensor do mundo. Foi ao me encontrar com os cardeais, os bispos e os padres que trabalharam com ele que descobri a face oculta — a face sombria — do seu longo pontificado. Um papa rodeado de intriguistas, a maioria deles homossexuais no armário, muitas vezes homofóbicos publicamente, para não falar de todos aqueles que protegeram padres pedófilos.

— Paulo VI condenava a homossexualidade, mas foi apenas com João Paulo II que se lançou uma verdadeira guerra contra os gays. Ironia da história: a maior parte dos atores dessa campanha sem limites contra os homossexuais eram, eles mesmos, gays. Ao fazerem essa escolha de homofobia oficial, João Paulo II e o seu círculo próximo não notaram a dimensão da armadilha que estavam montando para si mesmos nem do risco em que punham a Igreja ao miná-la a partir de dentro. Lançaram-se numa guerra moral suicida que inevitavelmente iriam perder, porque consistia em denunciar aquilo que eles eram. A queda de Bento XVI será a consequência final — diz um padre da Cúria que trabalhou junto do ministro das Relações Exteriores de João Paulo II.

Para tentar compreender um dos segredos mais bem guardados desse pontificado, entrevistei inúmeros cardeais em Roma. Entre eles, os principais ministros do papa: Giovanni Battista Re, Achille Silvestrini, Leonardo Sandri, Jean-Louis Tauran, Paul Poupard, que estiveram, então, no coração da Cúria Romana. Visitei, na Polônia, o seu secretário particular, Stanisław Dziwisz.

Também encontrei com uma dezena de núncios que implementaram a sua diplomacia, vários dos seus assessores de imprensa, mestres de cerimônias, teólogos e assistentes, membros da Secretaria de Estado entre 1978 e 2005, bem como inúmeros bispos ou meros *monsignori*. Também obtive diversas informações confidenciais junto de cardeais, bispos ou simples padres durante as minhas viagens ao exterior, no decurso das pesquisas de campo que realizei na América Latina e, claro, na Polônia. Por fim, os arquivos da ditadura chilena, recentemente abertos, foram determinantes.

Uma dúvida não me sai da cabeça, hoje em dia, ao iniciar esta descida aos infernos. Quanto João Paulo II sabia sobre aquilo que eu vou contar? O que ele sabia sobre a vida dupla da maioria dos que o rodeavam? Ignorou ingenuamente, deixou que corressem soltos ou validou os escândalos financeiros e a maldade sexual dos seus próximos — uma vez que os dois desvios, o do dinheiro e o da carne, somaram-se, como que em pares e acoplados, no decurso do seu pontificado? Na falta de uma resposta para esse enigma, farei de conta que o papa, muito cedo doente, e em breve senil, ignorava tudo e não ligou a mínima para os desvios que eu vou contar.

Os dois principais personagens dos anos de João Paulo II foram os cardeais Agostino Casaroli e Angelo Sodano. Ambos italianos, saídos, tanto um quanto o outro, de famílias modestas do Piemonte, foram os principais colaboradores do santo padre, ocupando um após o outro o posto de cardeal secretário de Estado — a mais importante função da santa sé: o primeiro-ministro do papa.

O cardeal Casaroli, falecido em 1998, foi durante muito tempo um diplomata sutil e esperto, encarregado especialmente dos países comunistas junto de João XXIII e Paulo VI, antes de se tornar o homem forte de João Paulo II. A sua grande diplomacia não alarmista, feita de diálogos, de compromissos e de pequenos passos ainda hoje é admirada pela maioria dos diplomatas que

me falaram dele, como, por exemplo, o núncio François Bacqué, o monsenhor Fabrice Rivet ou ainda o núncio Gabriele Caccia, entrevistado em Beirute.

Com frequência, ouvi dizer na Secretaria de Estado que esse ou aquele núncio é "da escola da grande diplomacia de Casaroli". Esse nome mágico parece, ainda hoje, um modelo para muitos, uma referência, como diríamos de um diplomata americano que é "kissingeriano" ou de um diplomata francês que é "neogaullista". Indiretamente, é também uma forma sutil de diferenciar a diplomacia do seu sucessor, Angelo Sodano, posta em execução a partir de 1991.

A de Casaroli ainda se baseia na "paciência", segundo o título das suas memórias póstumas. Diplomata "clássico", se é que a palavra tem algum sentido no Vaticano, Casaroli é um pragmático que privilegia a *Realpolitik* em relação à moral e considera o longo prazo em relação aos golpes midiáticos. Os direitos humanos são importantes, mas a Igreja tem tradições que também é preciso respeitar. Esse realismo assumido não exclui nem as mediações nem as diplomacias paralelas, levadas a cabo por organizações como a comunidade Sant'Egidio ou "embaixadores itinerantes", como o cardeal Roger Etchegaray em missão secreta para João Paulo II no Iraque, na China ou em Cuba.

Segundo Etchegaray, a quem entrevistei, Agostino Casaroli "era um grande intelectual" que leu muito, em especial os franceses Jacques Maritain e o seu amigo Jean Guitton (que prefaciará um dos seus livros). Mais importante ainda: Casaroli foi um homem corajoso de campo, viajou muitas vezes disfarçado para o outro lado da cortina de ferro e conseguiu montar uma rede de informantes locais, preciosos para acompanhar as evoluções da URSS e dos seus países-satélites.

O cardeal Paul Poupard, que trabalhou com ele, diz:

— Era um homem de nuances. Exprimia as divergências em termos claros e corteses. Era a quintessência da diplomacia vaticana. E ainda por cima era

italiano! O cardeal secretário de Estado anterior, o francês Jean Villot, funcionara bem com Paulo VI, que era italiano. Mas, com um papa polonês, Villot recomendou a João Paulo II que escolhesse um italiano. Disse a ele: "Você precisa de um italiano". No final das contas, Casaroli preenchia todos os requisitos.

Quando se torna primeiro-ministro do papa e é nomeado cardeal, o talento de Casaroli vai se manifestar na questão comunista. Em apoio a João Paulo II, que fez do anticomunismo a sua prioridade em discursos e viagens, o secretário de Estado acaba com as ações sutis ou secretas que hoje em dia são muito bem conhecidas. Com certa falta de transparência, providenciam-se financiamentos maciços ao sindicato polonês Solidarność; redes clandestinas são criadas no Leste Europeu; o banco do Vaticano, dirigido pelo célebre arcebispo Paul Marcinkus, organiza a contrapropaganda. (Os cardeais Giovanni Battista Re e Jean-Louis Tauran desmentem, quando os entrevisto, que a santa sé tenha feito algum financiamento direto ao Solidarność.)

Esse combate foi uma escolha pessoal de João Paulo II. O papa imaginou a sua estratégia sozinho, e apenas um número muito restrito de colaboradores foi capaz de decifrá-la à medida que se desenrolava (principalmente Stanisław Dziwisz, o seu secretário particular, o cardeal secretário de Estado Casaroli e depois Sodano e, no início do pontificado, o cardeal arcebispo de Varsóvia, Stefan Wyszynski).

O papel de Stanisław Dziwisz, em especial, foi crucial, e é necessário entrar aqui nos pormenores — pois há uma importância significativa para o nosso tema. Esse prelado polonês conhece a situação comunista de dentro. Foi, em Varsóvia e depois em Roma, o principal colaborador de João Paulo II. As testemunhas confirmam que foi o homem-chave de todas as missões secretas anticomunistas; conheceu todos os dossiês sensíveis e financiamentos paralelos. Sabe-se que as relações de Dziwisz com o cardeal Ratzinger foram

execráveis, mas este, uma vez eleito papa, cumprindo talvez uma promessa feita a João Paulo II moribundo, elegeu-o apesar de tudo, por muito que lhe custasse, arcebispo de Cracóvia e, em seguida, nomeou-o cardeal.

— O monsenhor Dziwisz foi um grande secretário particular, muito fiel, um grande servidor. Estava constantemente com são João Paulo II e dizia tudo ao santo padre — resume o cardeal Giovanni Battista Re.

O ex-chefe de protocolo de João Paulo II, que com frequência acompanhou o papa nas suas viagens, Renato Boccardo, confirma também a influência decisiva de Dziwisz, durante uma conversa em Espoleto, a 130 quilômetros de Roma, onde hoje é arcebispo:

— O secretário particular Dziwisz era indispensável. Estava muito ativo em todas as viagens do papa e, claro, quando se tratava de uma ida à Polônia, tomava as rédeas. Nessas ocasiões, era a "gangue polonesa" que administrava a viagem: o cardeal Grocholewski, o cardeal Deskur e Dziwisz. Lembro da viagem de 2002, e na época todos já previam que seria a última viagem do papa ao seu país natal. Dziwisz, que viera conosco, conhecia todo mundo. O acolhimento foi extraordinário.

Sem dizer, Renato Boccardo dá a entender que Dziwisz, que ficou durante muito tempo na sombra, se revela, no final do pontificado, o verdadeiro senhor do Vaticano.

— Falou-se muito de uma "máfia" polonesa em torno dos cardeais Stanisław Dziwisz, Andrezej Deskur, Zenon Grocholewski, Stefan Wyszynski ou ainda o primaz da Polônia, o monsenhor Józef Glemp. Falou-se até de uma gangue! Acredito que se trata, em grande parte, de um mito. O único que influenciava de fato João Paulo II era o seu secretário particular: Stanisław Dziwisz — relativiza, no entanto, o vaticanista polonês Jacek Moskwa, quando o entrevisto em Varsóvia.

O cardeal Dziwisz, que hoje em dia está aposentado e mora em Cracóvia, deixou, no entanto, em Roma, uma reputação ambígua. A sua fidelidade ao papa é admirada, mas a sua hipocrisia é criticada. É difícil decifrar os seus códigos autorreferenciais, as suas alterações de humor e as suas extravagâncias, que vêm à tona na época em que gostava de viver sozinho perto da Villa Medici, com o ar de quem diz, como Rimbaud, "Estou escondido e não estou". E depois do seu afastamento da Cúria, as línguas rolam soltas.

Um dos homens mais reservados da história contemporânea do Vaticano (Dziwisz praticamente nunca deu entrevistas em quase trinta anos de carreira ao lado de Karol Wojtyła) aparece pouco a pouco à luz do dia. Assim, um próximo de Casaroli, que ainda trabalha no Vaticano, me dá a entender que os múltiplos vícios de Dziwisz são um dos maiores segredos do catolicismo romano:

— Tínhamos dado um nome a Dziwisz: "o papa disse". Era o indispensável secretário de João Paulo II e tudo passava por ele. É evidente que com frequência se fizesse de "biombo", isto é, transmitia ao papa aquilo que de fato queria transmitir. Pouco a pouco, e à medida que a doença de João Paulo II se agravou, começou a falar no lugar do papa, sem que soubéssemos muito bem qual dos dois, o papa ou Dziwisz, dava as ordens. O mesmo em relação aos dossiês de pedofilia ou dos escândalos financeiros; foi em relação a essas questões que surgiu a tensão com o cardeal Ratzinger. Dziwisz era muito duro. Teria feito Ratzinger chorar várias vezes.

Um padre da Cúria confirma essas afirmações:

— Dziwisz era muito esquizofrênico, muito agressivo. Era muito empreendedor e geria os seus assuntos com excessiva tranquilidade, porque era o colaborador mais próximo do santo padre. Sabia que era protegido e inatingível.

"Wdowa." O sobrenome polonês do monsenhor Stanisław Dziwisz, literalmente "a viúva", é hoje uma das brincadeiras mais recorrentes na Polônia — e não é muito feliz. No decorrer da minha pesquisa em Varsóvia e em Cracóvia, ouvi esse apelido com tanta frequência, por ironia ou por maldade, que é difícil não falar disso aqui.

— Eu próprio não utilizaria essa expressão. As pessoas que o chamam de "a viúva" estão cometendo uma calúnia. Em compensação, o que é verdade é que Dziwisz só fala de João Paulo II. É a única coisa que conta na sua vida. O seu único fim é João Paulo II, a sua história e a sua memória. Sempre se manteve muito apagado diante do tamanho do grande homem. Hoje em dia, é o seu executor testamentário — explica o vaticanista polonês Jacek Moskwa, que foi durante muito tempo correspondente em Roma e que é autor de uma biografia do papa, em quatro volumes.

Entrevistei dezenas de padres, de bispos e de cardeais sobre o percurso de Stanisław Dziwisz, e dessas conversas sai uma imagem muito divergente. Em Varsóvia, na sede da Conferência Episcopal Polonesa, onde sou recebido, enfatizam o seu papel "importante" e "determinante" junto de João Paulo II. O mesmo tipo de elogio quando visito a fundação pontifícia Papieskie Dzieła Misyjne, cuja sede se encontra também na capital polonesa.

— Aqui, somos todos os órfãos de Wojtyła — explica Paweł Bieliński, um jornalista da agência de imprensa católica KAI.

O polonês Włodzimierz Rędzioch, que conhece bem Dziwisz e durante trinta anos trabalhou no *L'Osservatore Romano*, em Roma, traça, quando nos encontramos, um retrato ditirâmbico do assistente de João Paulo II. Segundo ele, "Sua Eminência venerável Dziwisz" seria "um dos homens mais honestos e virtuosos do nosso tempo", o seu "grande coração", a sua "pureza" e a sua "piedade" seriam extraordinários, muito próximos dos de um "santo"...

Stanisław Dziwisz, uma criança pobre nascida numa pequena aldeia polonesa, deve de fato a sua carreira a um único homem: Karol Wojtyła. É ele quem ordena padre o jovem seminarista, em 1963, e ainda é ele quem o faz eleger bispo, em 1998. Serão inseparáveis durante várias décadas: Dziwisz será o secretário particular do arcebispo de Cracóvia e, em seguida, o do papa João Paulo II, em Roma. Estava ao seu lado e o protegia com o corpo, disseram, à época do atentado de 1981. Conhece todos os segredos do papa e guardou os seus diários íntimos. Depois da longa doença e da morte dolorosa, símbolo universal do sofrimento humano, Dziwisz conservou também, como uma relíquia, uma amostra do sangue do santo padre, estranho memorial fluido que suscitou inúmeros comentários macabros.

— O cardeal Stanisław Dziwisz é uma figura muito respeitada da Igreja da Polônia. Veja: foi o braço direito do papa João Paulo II — diz, durante uma conversa em Varsóvia, Krzysztof Olendzki, um embaixador que atualmente dirige o instituto polonês, uma agência cultural do Estado, próximo da ultradireita conservadora e católica no poder.

Outras testemunhas são menos generosas. Falam de Dziwisz como um "rústico pouco impressionante" ou "um homem simples que teria se tornado complicado". Alguns expõem declarações graves: "idiota", "gênio maléfico de João Paulo II". Dizem que, em Cracóvia, era necessário vigiar o cardeal indisciplinado "com toda a atenção", para que não cometesse indiscrições nem deslizes numa entrevista.

— Não é, decerto, um intelectual, mas fez progressos consideráveis com o passar dos anos — relativiza o jornalista Adam Szostkiewicz, um influente especialista em catolicismo da revista *Polityka* e que conhece Dziwisz bem.

Para compreendermos essa relação atípica entre o papa e o seu secretário particular, alguns destacam outra explicação: a lealdade.

— É verdade, não é uma grande personalidade, viveu praticamente à sombra de João Paulo II — reconhece o vaticanista Jacek Moskwa, que foi membro do sindicato Solidarność.

E acrescenta de imediato:

— Mas foi um secretário ideal. Conheci Dziwisz quando era um jovem padre ao lado de João Paulo II, no Vaticano. Era confiável e fiel: são grandes qualidades. Durante muito tempo, Dziwisz foi bastante reservado, bastante discreto. Nunca recebia os jornalistas, apesar de falar muito comigo ao telefone, extraoficialmente. Afinal de contas, teve, para um padre com a sua origem, uma magnífica carreira na Igreja. E a chave da sua relação com o papa foi a lealdade.

Mandado para Cracóvia como arcebispo por Bento XVI, e nomeado cardeal logo em seguida, Dziwisz reside hoje num velho palacete da rua Kanonicza, onde me concede uma entrevista:

— O cardeal — diz o seu assistente italiano, Andrea Nardotto — não dá entrevistas aos jornalistas, mas quer recebê-lo.

Espero no pátio ensolarado, em meio aos loureiros rosados e às jovens coníferas anãs, a chegada da "viúva". No hall, o brasão papal de João Paulo II em bronze, de um castanho inquietante; num lado do pátio, uma estátua de João Paulo II, cor de giz. Ao longe, ouço as vozes das freirinhas que gorgolejam. Vejo passarem entregadores que trazem comida.

De repente, com uma mão pesada, Stanisław Dziwisz abre a porta de madeira maciça do seu escritório e, empertigado, dá de cara comigo. Rodeado por soldadinhos de colarinho e velhas de solidéu, Sua Eminência congela, rígido como um círio. O santo velhote me avalia de cima a baixo, com uma alegria curiosa, ele todo sorrisos. Gosta desse tipo de imprevisto, de encontros inesperados. O assistente Nardotto me apresenta como jornalista e escritor

francês; sem mais formalidades, Stanisław Dziwisz me manda entrar no seu antro.

É uma grande repartição com três mesas de madeira. Uma pequena escrivaninha de madeira, coberta de papéis; uma mesa de jantar quadrada, virgem, parece servir como espaço de reunião; uma escrivaninha de madeira lembra uma carteira de escola, enquadrada por grandes cadeirões de veludo vermelho-púrpura. Juntando-se a mim, o monsenhor Dziwisz faz um gesto para que eu me sente.

O cardeal faz perguntas sobre "a filha mais velha da Igreja" (a França) sem ouvir verdadeiramente as minhas respostas. Chega o momento de eu fazer perguntas a ele, mas ele também não presta mais atenção às minhas palavras. Falamos dos intelectuais franceses católicos, de Jacques Maritain, Jean Guitton, François Mauriac...

— E André Frossart e Jean Daniélou! — insiste o cardeal, citando os nomes dos intelectuais que leu, ou ao menos conheceu.

Essa conversa, essa enumeração, essa lista de nomes é como uma confissão: não estou diante de um intelectual. As ideias não parecem interessar nada ao cardeal emérito, algo que me é confirmado, durante um café da manhã, por Olga Brzezińska, uma docente universitária renomada, que fomenta diversas fundações culturais e um importante festival literário em Cracóvia:

— Dziwisz é muito conhecido aqui e bastante controverso, mas não é considerado uma grande figura intelectual da cidade. A sua legitimidade provém sobretudo do fato de ter sido próximo de João Paulo II. Conserva os seus diários, os seus segredos e até o seu sangue! É muito sinistro...

Na parede do escritório de Dziwisz, vejo três quadros que representam João Paulo II e um belo retrato púrpura dele próprio. Em uma das três mesas está o solidéu, do avesso, sem contemplações nem protocolo. Um relógio de

caixa alta, com o pêndulo parado, parou de bater. A vivacidade excessiva do cardeal me deixa perplexo:

— É muito simpático — diz de repente o cardeal, fazendo uma pausa, jovial e sincero. Para um homem do sul da Polônia, ele também é muito simpático.

O monsenhor Dziwisz pede desculpa por não poder falar comigo durante mais tempo. Precisa receber um representante da Ordem de Malta, um velhote pequeno e cheio de rugas que já está à espera no hall. "Que saco!", parece me revelar. Mas me propõe que venha visitá-lo de novo no dia seguinte.

Tiramos uma selfie. Dziwisz não se apressa, adorável, e com um gesto feminino mas sem nunca perder o ar de superioridade, me agarra pelo braço para focar bem a câmera. "Alma sentinela", refreando as suas loucuras, os seus ímpetos, os seus idílios; é astucioso comigo e eu entro no seu jogo. Num movimento de orgulho, recua e penso em Rimbaud que acabou de dizer: "Queres ver resplandecer os bólides?". Mas, aos oitenta anos, a felicidade está em fuga.

Estudei tanto o personagem que, confrontado agora com o meu exemplar, vestido de padre à minha frente e com cheiro de chamusco, fico maravilhado. Nunca teria imaginado admirar essa criatura do céu e dos círios em virtude da sua "austera liberdade", a sua bondade, as suas fantasias. Gosto do seu lado "saltimbanco, mendigo, artista, bandido — padre!". Um malabarista, um equilibrista na corda bamba; um nômade de cujas viagens não temos relatos. Enquanto as minhas últimas dúvidas se desvanecem, admiro, fascinado, a "ardente paciência" desse grande príncipe da Igreja sentado à minha frente. Inatingível. Imune aos constrangimentos. Não mudou. Incurável. Que vida! Que homem!

Em Cracóvia, o nível de vida do cardeal suscita algum espanto. O que me chamam atenção são os seus atos de generosidade, a sua indulgência, por

vezes excessiva, as suas dádivas filantrópicas reiteradas a Mszana Dolna, a sua aldeia natal. Barrigudo e aburguesado, o nosso homem gosta de boa comida e de surpresas — é humano. Após o nosso primeiro encontro, ao final da tarde, quando estou na cidade, vejo-o jantar na Fiorentina, um restaurante estrelado, onde fica durante quase três horas, e onde Inga, a gerente, me conta mais tarde: "Somos um dos melhores restaurantes da cidade. O cardeal Dziwisz é amigo do dono".

De onde vêm os seus recursos? Como é que esse prelado, com o seu salário de padre, leva uma vida mundana como essa? É um dos mistérios deste livro.

Outro mistério reside no apoio incansável que Stanisław Dziwisz, quando era secretário particular do papa João Paulo II, demonstrou em relação às figuras mais sombrias da Igreja. Na Polônia, trabalhei com o pesquisador Jerzy Szczesny, bem como com uma equipe de jornalistas investigativos do jornal polonês *Gazeta Wyborcza* (Mirosław Wlekły, Marcin Kącki e Marcin Wójcik). Vêm à tona algumas asperezas do lado sombrio do secretário particular de João Paulo II e não deverão tardar revelações mais vertiginosas. (O grande sucesso, no outono de 2018, do filme *Kler*, a respeito da pedofilia dos padres na Polônia, com um dos personagens que pode ter sido inspirado em uma eminência, confirma que o debate sobre a hipocrisia da Igreja começou no país mais católico da Europa.)

O nome de Stanisław Dziwisz é recorrente em dezenas de livros e artigos relacionados com os abusos sexuais, não por ser acusado pessoalmente desses atos, mas por ser suspeito de ter acobertado, dentro do Vaticano, padres corruptos. Os seus laços com o mexicano Marcial Maciel, o chileno Fernando Karadima, o colombiano Alfonso López Trujillo e os americanos Bernard Law e Theodore McCarrick estão confirmados. O seu nome surge também relacionado com vários escândalos sexuais na Polônia, em especial no célebre caso Juliusz Paetz: este bispo dava em cima de seminaristas oferecendo-lhes

roupa íntima com a palavra ROMA, que podia ser lida, dizia a eles, de trás para a frente, AMOR. (Ele foi obrigado a renunciar.) Do mesmo modo, Dziwisz conhecia pessoalmente o padre Józef Wesolowski, ordenado em Cracóvia e nomeado núncio na República Dominicana — esse arcebispo esteve no centro de um enorme escândalo de abusos homossexuais, antes de ser detido em Roma, pela gendarmaria vaticana, a pedido do papa Francisco. O que sabia exatamente Stanisław Dziwisz sobre esses casos? Transmitiu as informações precisas ao papa João Paulo II ou "filtrou-as" e guardou-as para si mesmo? Teria ele, em conjunto com o cardeal Angelo Sodano, sido responsável por não ter tomado as medidas adequadas em relação a alguns desses casos?

Alguns prelados católicos poloneses que entrevistei julgam que Dziwisz não deve estar ligado a nenhum desses escândalos porque ele ignorava tudo. Outros pensam, ao contrário, que "devia estar hoje na cadeia", como cúmplice. Além dessas opiniões diametralmente opostas, alguns chegam a ponto de afirmar, sem prova nenhuma, que Dziwisz poderia ter sido "controlado" pelos serviços secretos poloneses, búlgaros ou alemães do Leste, em virtude das suas "vulnerabilidades" — mas não existe o menor fragmento de prova dessa infiltração vaticana, um boato, aliás, recorrente.

O vaticanista polonês Jacek Moskva apresenta, quando o interrogo em Varsóvia, uma explicação plausível: sugere que, se João Paulo II e Dziwisz cometeram um erro de avaliação quanto a diversos padres suspeitos ou acusados de abusos sexuais, foi involuntário e resultado de uma propaganda comunista:

— Não esqueça o contexto: antes de 1989, os boatos de homossexualidade e de pedofilia eram usados normalmente pelos serviços secretos poloneses para desacreditar os que se opunham ao regime. Habituados às chantagens e às manipulações políticas, João Paulo II e o seu assistente Dziwisz nunca quiseram acreditar em nenhum desses boatos. A sua mentalidade era a da

fortaleza cercada: alguns inimigos da Igreja tentavam comprometer os padres. Logo, era necessário que se mostrassem solidários, custe o que custar.

Adam Szostkiewicz, da revista *Polityka*, segue o mesmo raciocínio, porém com um pequeno adendo:

— João Paulo II tinha os seus objetivos e a sua agenda política precisos em relação à Polônia e em relação ao comunismo. Nunca desviou a trajetória. Portanto, não se preocupava nada com o seu círculo próximo e talvez não o suficiente com a moralidade de quem o apoiava.

É provável que as forças da lei nacionais, que investigam em dezenas de países os abusos sexuais na Igreja, consigam um dia esclarecer esses mistérios. Por enquanto, Stanisław Dziwisz não foi incomodado pela justiça, nunca foi alvo de processos nem de denúncias e desfruta em Cracóvia de uma aposentadoria bastante ativa. Mas, se um dia viesse a ser implicado em alguma investigação, a própria imagem do pontificado de João Paulo II seria afetada no seu cerne.

No dia seguinte, estou de novo na rua Kanonicza, e o cardeal Dziwisz me recebe para uma segunda conversa informal. É mais imprudente, menos controlado do que os seus amigos cardeais Sodano, Sandri ou Re. Mais espontâneo.

Trouxe-lhe o "livrinho branco", e ele abre o embrulho do presente, satisfeito.

— É o seu livro? — pergunta, de novo prestando muita atenção, lembrando agora que sou jornalista e escritor.

— Não, é um presente: um livrinho branco de que gosto muito — retruco.

Ele me olha, um pouco espantado, divertido agora por um estrangeiro vir de Paris para lhe oferecer um livro! Os seus olhos me impressionam. São

iguais aos que eu vi tantas vezes nas imagens: o olhar ganancioso e idólatra fala melhor do que a língua. É um olhar cheio de censuras.

Recomeçamos o nosso jogo. O cardeal pede que eu escreva uma dedicatória no presente e me empresta a sua caneta extragrande. No entanto, desaparece numa sala e ouço gavetas ou armários se abrindo. Volta com quatro presentes para mim: uma foto, um livro ilustrado e dois rosários, um de contas pretas, outro de contas brancas, dentro de belos estojos cor de azebre com um brasão à sua imagem. A sua divisa episcopal é simples: *Sursum corda* ("Corações ao alto"). No trem de volta a Varsóvia, oferecerei um dos rosários a um passageiro cadeirante. O homem, um católico praticante que sofre de Parkinson, diz que estudou na Universidade João Paulo II, de Cracóvia, e que conhece o nome de Dziwisz, que venera.

Quanto à foto que ganhei, representa o papa João Paulo II com um animal nos braços:

— É um cordeiro — diz Dziwisz, também ele doce como um cordeiro.

Agora o cardeal escreve sua dedicatória para mim, com a sua bela caneta, de tinta preta minuciosa de príncipe, no livro de fotos.

— Você é escritor, Frédéric; como se escreve o seu nome em francês? — pergunta.

— Frédéric, como Frédéric Chopin.

Ele me entrega o presente e eu agradeço, embora o livro seja horrível, inútil e vão.

— É muito simpático para um jornalista. Genuinamente simpático — insiste Dziwisz.

Uma vez que a "companhia das mulheres" está vedada a ele, sinto o seu tédio cracoviano, o seu cansaço, tendo um dia estado sob a luz dos projetores e tendo sido o braço direito do homem que conduzia o percurso do mundo. Em Roma, conhecia todos os seminaristas e, pelo primeiro nome, todos os

guardas suíços. O tempo passou, e o solteirão deixou de contar a viuvez. Em Cracóvia, o velho na sua túnica sagrada, recentemente aposentado, me faz perguntas. Nem sequer uma companhia.

— Não, não me entendio aqui. Prefiro Cracóvia a Roma — confessa Dziwisz, que não é daqueles que fica corado.

Esquecidas as comissões e as alegres libações? Esquecidas as "generosidades vulgares" e as moderações bastardas? A vida acabou — mas nenhum remorso. Como é possível?

Agora já não estamos sozinhos. Entrou um bispo, que se curva até o chão, dirigindo-se a Dziwisz com um muito reverente "Eminência".

Indico ao cardeal, irônico e um pouco envergonhado, que não utilizei o termo "eminência"; ele solta uma gargalhada, agarrando-me na mão, como se fosse revelar algo apenas para mim, como quem diz que não tem importância, que os títulos não servem para nada, que não se importa nem um pouco. Com o ar de quem diz, de volta depois da sua estada no inferno: "Não sou uma eminência! Sou viúva!".

Para compreendermos o pontificado de João Paulo II, precisamos partir dos círculos concêntricos que rodeiam o papa. O primeiro é círculo dos próximos, de que Stanisław Dziwisz é o elo central. O secretário de Estado, Agostino Casaroli, não faz parte dele. Na verdade, não formou um bom par com o papa. A relação entre os dois logo passou por tensões, muitas vezes violentas, e Casaroli, que não gostava de conflitos, apresentou várias vezes a sua renúncia, segundo diversas fontes. Essas tensões não respingaram para fora do Vaticano; a relação deles pareceu sempre fluida, uma vez que Casaroli se submeteu repetidas vezes às exigências do papa. Como bom diplomata, transformou em música uma partitura, mesmo quando não a aprovava. Mas, no âmbito

privado, a relação dos dois se deteriorou, quanto à base e à escolha dos homens.

Em relação ao comunismo, em primeiro lugar, o cardeal Casaroli era um homem da Guerra Fria e não previu, de modo algum, a queda do comunismo, embora a desejasse. Num livro de entrevistas, o papa Bento XVI confirmará esse ponto: "Era evidente que, apesar de todas as suas boas intenções, a política de Casaroli havia fundamentalmente fracassado... Estava claro que, em vez de tentar convencer [o regime comunista] por meio de promessas, era necessário enfrentá-lo. Era o ponto de vista de João Paulo II, e eu aprovava". Quanto a esse tema, é certo que a história deu razão ao papa polonês, considerado hoje um dos principais arquitetos da queda do comunismo.

A outra tensão entre o santo padre e o seu primeiro-ministro surge em relação à escolha dos homens. O drama da vida de Casaroli foi a sua sucessão, como me disseram alguns? De qualquer modo, o velho e poderoso cardeal, condenado à aposentadoria por ter atingido o limite de idade em dezembro de 1990 (embora o papa pudesse tê-la estendido), deseja ver nomeado para o seu lugar o seu adjunto: Achille Silvestrini. A relação entre os dois é envolvente e antiga. Trabalharam muito em dupla: Silvestrini foi seu secretário particular antes de ser seu adjunto e prefaciará as suas memórias póstumas. A imprensa italiana chegou a ponto de mencionar documentos legais sobre a sua suposta associação: os dois prelados teriam sido cúmplices em casos de subornos financeiros, que compartilhavam entre si. Isso nunca foi comprovado. (Encontrei com o monsenhor Achille Silvestrini no seu aposento, no interior do Vaticano, perto da Piazza del Forno: trocamos algumas palavras, alguns olhares, e a sua equipe quis que tirássemos uma selfie, mas ele estava doente e velho demais, com 95 anos, para que o seu depoimento pudesse ser considerado.)

O que é um dado, em compensação, é a sua proximidade; e quando entrevisto cardeais e bispos sobre esse relacionamento singular, a minha pergunta suscita, em geral, algo que podemos chamar, com propriedade, de "sorrisos cúmplices". Raros são os prelados que põem as cartas na mesa; raros são aqueles que utilizam as boas palavras para definir as coisas verdadeiras. As respostas são metafóricas, por vezes poéticas, e compreendo bem que, por trás desses sorrisos, se escondem segredos que ninguém quer revelar. Então, recorrem a imagens muito alusivas. Fazem parte "da paróquia"? "Comeram o brioche maldito"? Formam um "estranho casal"?

Podem dizer que sou bem ousado nas minhas hipóteses; para ser honesto, não sou arrojado o bastante; simplesmente, às vezes tendo a escrever no condicional aquilo que sei que pode ser escrito como uma afirmação! E eis aquilo que posso dizer agora, precisamente com mais atrevimento.

Contrariando inúmeros boatos, Casaroli não parece ter sido amante de Silvestrini. Vejamos o que diz o ex-padre da Cúria Francesco Lepore, que foi assistente de vários cardeais e que fala pela primeira vez, publicamente, sobre o que sabe a respeito desse pretenso casal Casaroli-Silvestrini:

— Em primeiro lugar, Casaroli era homossexual, e todo mundo no Vaticano sabia disso. Gostava de homens, não de menores, não, mas de jovens adultos, sim. É certo que Silvestrini foi uma das suas criaturas. Mas sem dúvida nunca foram amantes, porque Casaroli gostava de homens mais novos. (Mais de uma dezena de padres me confirma as preferências de Casaroli, e alguns deles me garantiram inclusive que tiveram relações sexuais com ele.)

O padre Francesco Lombardi, antigo porta-voz dos três últimos papas, não deseja sequer discutir a hipótese da homossexualidade de Casaroli, quando o interrogo sobre o tema, durante uma das nossas cinco conversas:

— Todas essas acusações de homossexualidade são um pouco excessivas — diz. — Claro que há homossexuais [na Igreja], é evidente. Mas me recuso a

interpretar as coisas nesse sentido e a pensar que a homossexualidade é um fator de explicação.

O que é certo é que os dois homens desse estranho casal, Casaroli e Silvestrini, sempre se ajudaram mutuamente, compartilhando amizades e ódios. Assim, sempre desconfiaram do novo ministro das Relações Exteriores de João Paulo II, Angelo Sodano, que cobiçou o lugar de Casaroli, desde 1989, quando voltou do Chile.

Será que o intriguista queria o lugar prometido a Silvestrini? As pessoas se tranquilizam como podem, dizendo que João Paulo II acabou nomeando Silvestrini prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica e o fez cardeal, o que é um sinal do seu apoio, em vez da promoção sonhada.

— Encontrei Silvestrini alguns dias antes da data fatídica, e ele já se comportava como se fosse secretário de Estado — observa o cardeal esloveno Franc Rodé, durante uma conversa no seu escritório no Vaticano.

Rodé vem do bloco comunista e analisa a escolha entre Silvestrini e Sodano como uma escolha política racional:

— Eu estava na Eslovênia e pressenti, tal como João Paulo II, que o comunismo estava agonizante. Podemos dizer que Casaroli representava a ala esquerda. Alguns dirão mesmo que Casaroli era a linha mole e Silvestrini, a linha mole da linha mole. João Paulo II privilegiou alguém de direita. Sodano era um homem honesto, um homem de sabedoria e de fidelidade.

Todo mundo compreende a hesitação de João Paulo II, e aquilo que não devia ser mais do que uma formalidade se eterniza. Mas o papa tranquiliza Casaroli, confirmando a ele que, pouco acostumado às intrigas romanas e pouco interessado nos assuntos da península, quer recorrer a um italiano para ser o seu sucessor.

Casaroli não se desesperou para defender o seu protegido. Várias testemunhas diretas da sua campanha dão o seu depoimento: falam dela como

se fosse uma epopeia shakespeariana, preparada como a Batalha de Azincourt por Henrique V; outros — mais franceses — preferem descrevê-la como uma conquista napoleônica, que teria começado em Austerlitz mas terminado em Waterloo; outros, sem dúvida mais precisamente, evocam uma campanha dissimulada, em que todos os golpes baixos foram possíveis, sem falar nas feridas de amor-próprio. Um padre, finalmente, cita Platão e o seu elogio dos casais de soldados que entram sempre em combate aos pares e são, justamente por isso, os mais corajosos e os mais invencíveis, até a morte.

— Dizer que Casaroli "queria" Silvestrini não corresponde, de modo algum, à realidade — discorda, no entanto, o cardeal Poupard. — Casaroli tinha uma preferência, mas sabia que a escolha cabia ao papa, algo que não o impediu de tentar prosseguir com a candidatura de Silvestrini e de utilizar os grandes meios.

Apesar das insistentes pressões de Casaroli, João Paulo II afasta por fim Silvestrini em benefício de Angelo Sodano. E, como estamos no Vaticano, uma teocracia feroz em que, à imagem do sistema eleitoral americano, "o vencedor leva tudo", Casaroli se retirou logo em seguida para dedicar a sua vida a ajudar rapazes delinquentes de uma prisão de Roma. Quanto a Silvestrini, ferido e chateado, em breve se juntará à oposição liberal a Sodano e Ratzinger (o chamado grupo de St. Gallen) e começará a se ocupar de uma escola para órfãos no bairro de Cornelia, em Roma (onde fui entrevistar pessoas próximas a ele, como o arcebispo Claudio Maria Celli).

Dois homens do Vaticano que conviveram com Casaroli durante os últimos anos da sua vida me contaram das suas conversas. Esses depoimentos são de primeira mão. O ex-primeiro-ministro do papa não lhes escondeu o seu gosto pelos rapazes, nem a sua amargura em relação a João Paulo II, nem as suas críticas a Sodano. Essas testemunhas, que me descreveram as suas afirmações

e as suas feridas, ficaram surpresas, aliás, quando visitaram o seu aposento no Vaticano e descobriram fotos de homens nus penduradas nas paredes.

— Poderia se dizer que eram fotos artísticas, mas eu evidentemente não era tonto — revela um dos amigos de Casaroli.

Um arcebispo da Cúria conta também que Casaroli tinha, nesse aposento privado, uma obra de arte que representava são Sebastião:

— Havia muitas piadas em volta desse quadro, e alguém aconselhou inclusive o antigo secretário de Estado a escondê-lo no quarto.

E o arcebispo, que receia ter ido longe demais, acrescenta, para diminuir a tensão:

— É preciso perceber, de verdade, que Casaroli era um esteta...

Segundo uma fonte diplomática vaticana confiável, as inclinações artísticas de Casaroli e as suas companhias masculinas foram utilizadas contra ele pelos defensores da candidatura de Angelo Sodano. E a de Silvestrini foi atingida por um boato malicioso transmitido ao papa: seria uma companhia regular ou um companheiro irregular?

— Esse boato infundado, essa pequena maledicência foi o beijo de Judas — comenta uma pessoa com conhecimento dos fatos.

A dureza desse confronto e esse jogo de boatos não estariam relacionados com os motivos do afastamento de Silvestrini, pensam, por outro lado, outros cardeais e vaticanistas entrevistados. Um deles garante, inclusive:

— Para João Paulo II, não foi uma questão interpessoal: é preciso pensar essa escolha em termos políticos. A partir do momento em que o muro de Berlim caiu, João Paulo II decidiu afastar Casaroli. Foi quase automático. E, por definição, o papa não pretendia deixar se perpetuar a sua linha política, o que teria sido o caso se tivesse nomeado Silvestrini para o seu lugar. Na verdade, desde o início Silvestrini não tinha nenhuma chance. E Sodano foi escolhido.

Angelo Sodano não é farinha do mesmo saco. É o "vilão" do pontificado de João Paulo II — e o vilão deste livro. Vamos aprender a conhecê-lo. Um diplomata como Casaroli, taciturno como raramente um cardeal pôde ser, envolvido num grande número de casos de acobertamento de padres pedófilos; com um olhar de brilho incisivo e penetrante, Sodano é apresentado por todos os que o conheciam como um cardeal maquiavélico, para quem os fins sempre justificam os meios. É a eminência "negra", e não só "parda", em toda a negrura, a opacidade, do termo. Há muito tempo que ele também desperta suspeita de irregularidade.

A sua campanha para se tornar primeiro-ministro de João Paulo II foi eficaz. O anticomunismo de Sodano ganhou diante da moderação de Casaroli e, por tabela, de Silvestrini. A queda do muro de Berlim, alguns meses antes, convenceu sem dúvida o papa de que uma abordagem dura (linha Sodano) era preferível a uma abordagem mole (linha Casaroli-Silvestrini).

À ideologia temos que somar a diferença das personalidades.

— A partir da viagem do papa ao Chile, onde Sodano era núncio, este apareceu como uma personalidade forte, apesar de ter um aspecto muito afeminado. É grande, muito grosseiro, se diria uma montanha. Tem uma autoridade forte. Além disso, e aí reside a sua força, é muito leal e dócil. Era precisamente o oposto do Casaroli — diz Francesco Lepore.

Federico Lombardi, que então dirigia a Rádio Vaticano e depois será porta-voz de João Paulo II e de Bento XVI, completa esse retrato do personagem:

— Angelo Sodano era eficaz. Tem um espírito matemático. É fato que não é muito criativo, não surpreende, mas era o que o papa procurava.

Parece que o secretário particular de João Paulo II, Stanisław Dziwisz, desempenhou um papel nessa nomeação, privilegiando a candidatura de Sodano. Segundo o testemunho de um influente leigo do Vaticano:

— Casaroli foi um secretário de Estado muito poderoso. Sabia dizer "não" ao papa. Dziwisz queria uma pessoa inofensiva nesse lugar, um bom funcionário capaz de fazer o trabalho e que dissesse "sim". E todos aqueles que, como eu, viveram no interior do Vaticano durante o pontificado de João Paulo II sabem muito bem que era Dziwisz que mandava.

Esse círculo próximo que se estabelece ao redor do papa não é inofensivo. Que estranha dupla formam! Esses dois personagens vão nos tomar muito tempo neste livro.

Angelo Sodano mora, atualmente, numa cobertura de luxo de um prédio chamado Colégio Etíope, no coração do Vaticano. Está trancado na sua torre de marfim africana, com todos os seus segredos. Se o jardim do Éden alguma vez existiu, devia se assemelhar a esse pequeno paraíso na terra: quando vou lá, atravesso uma ponte e me deparo com um gramado impecavelmente cortado, ciprestes podados, magnólias cheirosas. É um jardim estilo mediterrâneo, com pinheiros, ciprestes e, claro, oliveiras. Nos cedros que o rodeiam, vejo periquitos de cabeça vermelha e de bigodes, elegantes e coloridos, que cantam e contribuem para a manhã, sem dúvida, para o despertar tranquilo do cardeal Sodano.

Imerso nessas reflexões sobre as belas aves de cauda longa do Colégio Etíope, sou abordado de repente por um bispo africano que está passando; ele mora ali, Musie Ghebreghiorghis, um franciscano que vem da cidadezinha de Endibir, a 180 quilômetros de Adis Abeba. O bispo me mostra o seu colégio na companhia de Antonio Martínez Velázquez, um jornalista mexicano que é um dos meus principais pesquisadores, e nos fala por um bom tempo de Angelo Sodano e da sua tristeza. Porque Musie está muito descontente:

— É um abuso. Sodano não deveria viver ali. Este é o Colégio Etíope; é, portanto, para os etíopes.

O motivo da indignação dele e dos outros padres etíopes que vivem no colégio: Angelo Sodano restringiu o último andar do local a ele. Para Musie Ghebreghiorghis, Sodano nunca deveria ter sido autorizado a morar ali. (O papa Bento XVI e o cardeal Bertone também criticarão essa conduta.)

Há que dizer que a cobertura foi adaptada às conveniências pessoais de Sodano, que a preparou bem para os anos de velhice. Um elevador o dispensa de subir as escadas. Nos corredores, vejo fotos do cardeal na companhia de Bento XVI — quando todo mundo sabe que foram inimigos irredutíveis. O mobiliário é horroroso, como é frequente no Vaticano. E que isolamento! Verifico que há apenas outro cardeal italiano morando no mesmo andar: Giovanni Lajolo. Protegido e íntimo de Sodano, Lajolo foi, enquanto secretário para as Relações Exteriores, o seu adjunto direto na Secretaria de Estado. Um Silvestrini que foi bem-sucedido.

A lenda negra, a terrível reputação de Angelo Sodano tem diversas origens. Esse italiano do Norte, cujo pai foi durante muito tempo deputado da Democracia Cristã, ordenado padre aos 23 anos, é um homem de poder e de vontades fortes que usou a sua posição para fazer e desfazer carreiras. A sua ambição é precoce. Quando se ocupava da Hungria na Secretaria de Estado, foi descoberto por Paulo VI e, em 1977, nomeado núncio no Chile. Número dois do Vaticano durante catorze anos, sob João Paulo II, e decano dos cardeais, acumulou funções como poucos homens de Igreja antes dele. O seu balanço é em geral considerado positivo em relação à crise iugoslava, à primeira guerra do Golfo, aos conflitos no Kosovo ou no Afeganistão ou ainda às múltiplas tensões na Terra Santa durante todo o seu mandato.

Sodano foi várias vezes comparado ao "cardeal Mazarino", esse italiano prelado de Estado que servia ao mesmo tempo o papa e os reis da França, e cujos abusos de poder, número de inimigos e relações amorosas secretas são

lendários. Durante a década em que João Paulo II, papa jovem e esportista, de forte envergadura e cheio de vigor, se transformou no "papa do sofrimento", em breve paralisado pelo mal de Parkinson, privado pouco a pouco da mobilidade e da palavra — segundo todos os depoimentos —, Sodano se tornou o verdadeiro papa interino.

Como já comentei, ele forma, teoricamente, uma dupla com o monsenhor Stanisław Dziwisz, secretário particular de João Paulo II, e mesmo um trio com o cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Mas o primeiro, íntimo do papa, ainda não é bispo; quanto ao segundo, por mais central que seja, está essencialmente apartado na doutrina e nas ideias. A ambição desses homens vai se reforçar pouco a pouco, mas, enquanto espera, o tetrarca Sodano governa sem compartilhar os assuntos internos e a diplomacia vaticana.

As suas ideias políticas ampliam um ódio enraizado a animosidades pessoais, já bem conhecidas em Roma. Ao contrário do cardeal Casaroli e do seu delfim, Achille Silvestrini, ambos homens de compromisso, Sodano é um homem duro e categórico. É duro e, dizem, violento, que devolve em dobro as pancadas que lhe dão. O seu modus operandi: o silêncio e a fúria. O que o move, o que o anima, é principalmente o anticomunismo, daí a sua proximidade tão rápida com João Paulo II, que se estabelece ou se confirma durante a controversa viagem do papa ao Chile, em 1987. Angelo Sodano é então núncio em Santiago, e o seu turvo passado chileno, cujos pormenores todos desconhecem, vai prejudicar muito a imagem do cardeal secretário de Estado.

A história do Vaticano nas décadas de 1990 e 2000 é tecida, portanto, dez anos antes, na capital chilena, onde Sodano inicia a sua ascensão. Fui para lá duas vezes por causa deste livro e entrevistei dezenas de testemunhas. Alguns arquivos da ditadura também começam a "falar" enquanto seguem os

processos dos cúmplices do general Pinochet. Se aparentemente não existe nenhum documento escrito da Dina (Dirección de Inteligencia Nacional), o serviço secreto (provavelmente destruído), importantes arquivos americanos, em especial do Departamento de Estado e da CIA, vieram a público recentemente devido à pressão internacional. Cópias dos documentos originais foram confiadas pelos Estados Unidos ao governo chileno e agora podem ser vistas no Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago. Explorei bastante essas centenas de documentos inéditos para a parte deste livro dedicada a Angelo Sodano. Muitas coisas que ainda eram desconhecidas há alguns anos começam, portanto, a vir à tona, assim como os cadáveres que o ditador Pinochet tentou fazer desaparecer.

"O homem de bem, nesses tempos, toca o homem do mal." A frase é de Chateaubriand e se aplica bem a Sodano.

Eis que estou fazendo a minha pesquisa em Santiago e é aí que me torno, sem ter previsto, uma espécie de biógrafo de Angelo Sodano. Teria gostado se que o cardeal e o seu biógrafo pudessem se encontrar; apesar das cartas e das trocas epistolares amigáveis, o encontro não se deu. É, sem dúvida, uma pena. Isso só me faz ter ainda mais consciência da minha responsabilidade. Sei que a jornada — infelizmente — do cardeal secretário de Estado talvez se resuma, de agora em diante, às páginas que se seguem.

Ecce homo. Angelo Sodano foi o representante do Vaticano no Chile entre março de 1978 e maio de 1988. Chega a Santiago na "era das loucas esperanças", pouco tempo depois do golpe de Estado de Augusto Pinochet. Já conhece o país, porque morou lá entre 1966 e 1968 como adjunto da nunciatura. É também um país crucial para o Vaticano, tendo em conta as relações consideradas "especialmente sensíveis" com o ditador chileno.

Sodano vai estabelecer com Pinochet uma longa relação que as inúmeras testemunhas que entrevistei não hesitam em classificar como "amizade profunda" ou mesmo "amizade simbiótica".

— Angelo Sodano se preocupava muito com os direitos humanos. Fizemos o máximo que podíamos fazer. Chegamos a ter, não se esqueça, uns trinta refugiados políticos nas dependências da nunciatura de Santiago — defende o arcebispo François Bacqué, que foi adjunto de Sodano no Chile.

Várias vezes tive a oportunidade de conversar e jantar a sós com esse diplomata emérito, hoje aposentado. Uma sorte: Bacqué é tão tagarela quanto Sodano é discreto, tão jovial e divertido quanto o antigo secretário de Estado é taciturno e desprezível; um é sedento de que gostem dele e o outro, de que o detestem. Ao contrário de Bacqué, Sodano sempre reservou as suas belas palavras para o seu pequeno grupo de cúmplices, de núncios enigmáticos e de cardeais impenetráveis. E, no entanto, essas duas naturezas tão diferentes, o núncio que foi bem-sucedido e o núncio que fracassou, são parecidas — belos acólitos.

A maioria das testemunhas e dos peritos que entrevistei em Santiago não compartilha da apreciação positiva a François Bacqué. Para eles, o passado de Sodano seria, na verdade, "mais negro do que a sua batina".

Comecemos observando o seu estilo de vida! Segundo o testemunho que recolhemos em Santiago de Osvaldo Rivera, um conselheiro próximo de Pinochet, Angelo Sodano vivia no luxo:

— Um dia, recebi um convite do núncio para jantar e aceitei. Ao chegar, percebi que eu era o único convidado. Nós nos sentamos a uma mesa muito elegante, coberta de prataria. E pensei comigo mesmo: "Este padre quer me mostrar o que é o poder, o poder absoluto, e me fazer compreender que sou o último dos miseráveis". Porque não só era um ambiente de luxo, como também a exibição em si era uma ostentação.

Inúmeras outras testemunhas recordam de um nível de vida incomum para um padre, mesmo um núncio. Sodano não tinha a modéstia como virtude.

— Lembro muito bem de Sodano: era um príncipe. Eu encontrava com ele sempre: levava uma vida de esbanjador. Saía de carro com escolta policial e luz rotativa, o que nos espantava por se tratar de um núncio. Assistia a todas as inaugurações e exigia um assento reservado na primeira fileira. Era o oposto perfeito da Igreja, porque era pró-Pinochet enquanto a Igreja chilena não era! — testemunha o escritor e jornalista Paulo Simonetti.

Ernesto Ottone, um professor universitário renomado, foi durante muito tempo um dos dirigentes do Partido Comunista chileno. Conheceu bem Sodano e conta:

— No Chile, Sodano não dava de modo algum a impressão de ser um eclesiástico. Gostava de comida boa e do poder. Fiquei surpreso com a sua misoginia, que contrastava com o fato de ser muito afeminado. Estendia a mão de um jeito incomum: não apertava a mão, fazia uma espécie de carícia feminina, como uma cortesã do século XIX, antes de morrer e pedir que lhe trouxessem os sais!

As testemunhas também ficam estupefatas quando veem Sodano "inclinar-se até o chão" diante do ditador. Com os subalternos, era mais simpático: "Dava batidinhas nas costas", diz uma testemunha. Mas as mulheres continuam completamente ausentes da vida do núncio. Às vezes, esse grande solitário estava sozinho; em outras, em grupo. Àquela época, chegava com o seu séquito, uma assembleia de criaturas masculinas, dedicadas de corpo e alma. Com o tempo, a maldade se instala.

Uma pessoa que trabalhou com Sodano na nunciatura confirma essa evolução:

— De início, Sodano se mostrava prudente e reservado. Chegou ao Chile com as ideias de Roma sobre a ditadura: tinha uma visão bastante crítica de

Pinochet e queria defender os direitos humanos. Porém, pouco a pouco, em contato com a realidade e com o ditador, tornou-se mais pragmático, começou a pactuar com o regime.

O núncio aposentado François Bacqué, que também esteve colocado no Chile com Sodano, tem as mesmas recordações:

— A princípio, ele não queria se comprometer com Pinochet. Lembro um dia em que devia ficar ao lado dele durante uma cerimônia militar, pois tradicionalmente o núncio estava presente. Sodano não quis ir, com medo de comprometer a Igreja.

Os arquivos diplomáticos, abertos publicamente hoje em dia, confirmam de fato que houve tensões entre Sodano e Pinochet, em especial durante os primeiros anos. Em particular em 1984, quando quatro extremistas de esquerda chegam à nunciatura apostólica pedindo asilo político. No entanto, são mais numerosos os documentos que comprovam o apoio indefectível de Sodano a Pinochet: o núncio chegará a ponto de fechar os olhos quando o governo prender padres acusados de atividades subversivas.

De fato, Angelo Sodano se torna, contrariado, o anjo da guarda de Pinochet. Começa a minimizar os seus crimes, retomando a abordagem do seu antecessor em Santiago, que, em 1973, os desacreditara categoricamente como "propaganda comunista" (segundo os documentos das missões diplomáticas americanas revelados pelo WikiLeaks). Também se esforça para atenuar o sistemático, porém massivo e brutal, sistema de torturas, e se empenha em manter as relações diplomáticas entre a santa sé e o Chile, depois que vários Estados, entre os quais a Itália, as haviam interrompido.

Em seguida, segundo inúmeros depoimentos que recolhi (em particular o do padre Cristián Precht, um dos mais próximos colaboradores do bispo de Santiago, Raúl Silva Henríquez), Sodano contribuiu para a nomeação de bispos neutros, ou pró-Pinochet, desacreditando os padres que se opunham

ao regime. Em 1983, age com muita perícia para substituir Silva Henríquez, um cardeal moderado que criticou as violências da ditadura e foi próximo do então presidente da República, Salvador Allende. Em sua substituição, Sodano faz com que seja nomeado Francisco Fresno Larraín, um aliado notório de Pinochet e um bispo "insignificante", segundo todas as testemunhas.

— O cardeal Fresno se preocupava sobretudo com a sua paixão por bolos de laranja — diz, em Santiago, a jornalista Mónica González.

Parece, no entanto, que o cardeal Fresno foi uma figura mais dúbia: em particular, esse anticomunista visceral teria feito críticas severas a Pinochet, e o ditador, que no início gostava dele, em breve o consideraria "inimigo" do regime. Pinochet teria reclamado de Fresno a Sodano, ameaçando "trocar de religião"! Então Sodano teria colocado Fresno sob pressão para acalmar as suas críticas em relação ao regime (segundo minhas consultas aos telegramas e às notas da CIA reveladas publicamente).

Pouco a pouco, Sodano endurece. O núncio vai adquirindo sangue-frio e dureza. Não se pronuncia quanto à prisão e ao assassinato de quatro padres próximos da Teologia da Libertação, o que explica que seja depois criticado pelas redes católicas progressistas chilenas (em especial pelo movimento Tambiém Somos Iglesia, que o denunciou como cúmplice da ditadura). Também repreendeu inúmeros religiosos que participavam de ações não violentas contra Pinochet. A Igreja de Sodano é uma Igreja da força mobilizada contra os padres progressistas, contra os padres operários, contra os fracos — e não uma Igreja que protege e defende.

Enfim, com uma habilidade política que lhe será habitual ao lado de João Paulo II, o núncio conseguiu que fossem nomeados pelo menos quatro bispos próximos do Opus Dei, fechando a sete chaves a Conferência Episcopal Chilena para assim controlá-la e para limitar os debates internos. (Esses

bispos ultraconservadores, em sua maioria, frequentaram, quando eram seminaristas, a paróquia do padre Fernando Karadima, que foi central nessa história, como veremos.)

Em Roma, quando se torna secretário de Estado de João Paulo II, Sodano continuará suas manipulações no Chile e a proteção ao ditador. Em 1998, fará Francisco nomear Javier Errázuriz para o cargo de arcebispo de Santiago e então contribuirá para a sua nomeação como cardeal. Pouco importaria que Errázuriz fosse acusado de acobertar casos de abuso sexual ou que suscitasse a ironia em Santiago pelos seus convívios mundanos e a sua vida privada: Sodano o defende contra tudo e contra todos.

O jornalista e escritor Óscar Contardo, que prepara um livro sobre um padre pedófilo que foi protegido pelo cardeal Francisco Javier Errázuriz, não hesita em criticar aquele que favoreceu a sua nomeação para esse cargo:

— Encontramos o nome de Angelo Sodano no centro da maior parte dos escândalos aqui no Chile. O núncio não estava em Santiago apenas em razão da fé.

Entrevistei em Santiago um jornalista que escreveu muito sobre os crimes da ditadura. Ele é ainda mais duro:

— Vamos dar nomes aos bois: no Chile, Angelo Sodano se comportou como um fascista e foi amigo de um ditador fascista. Essa é a realidade.

No Vaticano, algumas vozes não hesitam em comparar reservadamente Sodano ao padre Pietro Tacchi Venturi. Esse jesuíta, também reacionário, era o intermediário entre Pio XI e Mussolini, e sabemos, a partir de várias revelações de historiadores, que acumulava falhas: era pró-fascista e considerado um grande "aventureiro sexual" (com homens).

Em abril de 1987, Angelo Sodano supervisiona a visita de João Paulo II ao Chile, em estreita colaboração com o secretário particular do papa, Stanisław

Dziwisz, que está em Roma e se deslocará com o papa. Segundo duas testemunhas que estiveram presentes, as reuniões de preparação dessa visita arriscada foram "muito tensas" e constituíram um momento de confronto vivo entre "dois campos" — progressista antiPinochet e conservador pró-Pinochet. Também tinham o aspecto extraordinário de serem "formadas principalmente por padres homossexuais".

O bispo chileno que coordena a preparação da visita e é um dos seus gestores mais eficazes é um tal Francisco Cox, um conservador que desempenhará, em seguida, um papel no Conselho Pontifício para a Família, em Roma, onde chamará atenção por ser muito homofóbico, antes de ser, por fim, denunciado por abusos homossexuais no Chile.

Outro responsável pela visita, o padre Cristián Precht, é próximo do cardeal progressista de Santiago: representa o outro campo nesse confronto violento entre a direita e a esquerda do episcopado chileno. Durante uma conversa comigo, Precht descreve minuciosamente essas reuniões, nas quais o núncio Angelo Sodano participou "três ou quatro vezes", e comenta oficialmente: "Nelas, dependendo do tema, Sodano se comportava como o representante do governo e de Pinochet, e não como o de João Paulo II". (Em 2011 e, depois, em 2018, Precht também foi acusado de abusar sexualmente de rapazes, foi suspenso e, consequentemente, reduzido ao estado laical por Roma.)

Essa visita de João Paulo II ao Chile permite ao ditador obter uma legitimidade internacional inesperada, num momento em que os seus crimes começam a ser revelados e quando o seu crédito internacional se encontra muito enfraquecido. Sodano e Dziwisz oferecem um certificado de boa moral ao ditador numa bandeja de prata.

— Naquela época, até os Estados Unidos se afastaram do ditador, a quem haviam apoiado inicialmente. Só resta o Vaticano para defender a ditadura!

Mais ninguém quis dar legitimidade política a Pinochet, a não ser Angelo Sodano! — diz Alejandra Matus, uma jornalista investigativa e investigadora chilena, que faz pesquisas sobre a ditadura e com quem me encontro no Starbucks da sua universidade, em Santiago.

Durante essa viagem, Sodano permite — ou, segundo alguns relatos, organiza — a muito simbólica aparição do papa e do general Pinochet juntos na tribuna do palácio presidencial de La Moneda: a imagem dos dois homens, sorridentes, será criticada em todo o mundo, especialmente pela oposição democrática e parte da Igreja católica chilena.

Piero Marini, o mestre de cerimônias de João Paulo II, participou da viagem e relativiza essa versão dos fatos durante duas conversas em Roma, na presença do meu pesquisador Daniele:

— Tínhamos preparado tudo minuciosamente, mas Pinochet de repente decidiu convidar o papa à varanda de La Moneda. Não estava previsto no protocolo, o papa foi levado contra a sua vontade.

No dia seguinte, numa missa diante de 1 milhão de pessoas, surgem confrontos entre a polícia e agitadores; seiscentas pessoas sairão feridas. Segundo inúmeros depoimentos e diversas investigações, os serviços secretos de Pinochet contrataram os arruaceiros, mas Sodano manda publicar um comunicado em que responsabiliza a oposição democrática e coloca os policiais como vítimas...

Essa visita de João Paulo II é uma das mais belas jogadas políticas de Pinochet e, portanto, de Sodano. O ditador não poupa elogios ao núncio apostólico, a quem oferece, alguns meses depois, um verdadeiro almoço de honra, em comemoração aos seus dez anos em Santiago. Eu me encontrei com uma testemunha que participou do almoço e que confirma uma cumplicidade "fora do comum", "inédita" e "anormal" entre o núncio e o ditador. (Os

documentos tornados públicos do Departamento de Estado americano também confirmam esse ponto.)

Algumas semanas depois, em maio de 1988, quando se iniciou um delicado plebiscito sobre Pinochet (que ele perderá, em outubro, impondo-lhe que abandone o poder), Sodano é chamado a Roma, onde é nomeado, por João Paulo II, ministro das Relações Exteriores do Vaticano. Em 1990, torna-se primeiro-ministro do papa.

Mas nem por isso encerra a sua lua de mel com Pinochet. Como diz Montesquieu, "todo homem que tem poder é levado a abusar dele; vai até encontrar limites". Sem limites, portanto, e agora na santa sé, mais do que nunca aventureiro e extremista e menos do que nunca discípulo do Evangelho, Sodano continua cuidando do seu amigo ditador e ainda o apoia, mesmo depois da queda. Em 1993, insiste que o papa João Paulo II envie as suas "graças divinas" ao general Pinochet, pelas suas bodas de ouro. E quando o ex-presidente chileno é hospitalizado na Grã-Bretanha, em 1998, e detido graças a um mandato de captura internacional e um pedido de extradição para a Espanha pelos seus crimes, Sodano ainda está atento: o Vaticano se indigna, apoia o ditador e se opõe à sua extradição publicamente.

Encontrei Santiago Schuler pela primeira vez no restaurante El Toro, do qual é proprietário. Esse restaurante gay, local memorável da noite chilena, fica situado no bairro de Bellavista, em Santiago. Houve uma afinidade, e eu o revi várias vezes, inclusive em 2017, durante a minha segunda estada na cidade, e o entrevistei na presença do meu pesquisador no Chile, Andrés Herrera.

Santiago Schuler é um caso um pouco à parte. É um gay pró-Pinochet. Continua sentindo uma grande admiração pelo ditador.

— Ainda tenho dois retratos de Pinochet na entrada da minha casa — diz, sem qualquer discrição.

Aos 71 anos, o dono do El Toro me conta o seu percurso, no qual o catolicismo, o fascismo e a homossexualidade geraram uma estranha mistura. Nascido no Chile, numa família de viticultores franceses e com pai de origem suíça, Santiago Schuler cresceu na fé cristã e próximo ao Opus Dei. Casou-se e é pai de nove filhos. Durante muito tempo "no armário", só se assumiu tardiamente, após o fim da ditadura, com mais de sessenta anos. De lá para cá, tenta recuperar o tempo perdido. O seu restaurante gay tem o interior minúsculo, mas se torna muito mais vasto quando se estende pela rua graças a uma área coberta com toldo; o El Toro representa o coração da vida gay de Santiago. E que paradoxo! O estabelecimento LGBT emblemático do Chile é dirigido por um ex-católico fundamentalista, antigo amigo pessoal de Pinochet!

— Os homossexuais foram muito pouco incomodados sob Pinochet, apesar de o regime ser, é verdade, bastante machista — lembra Santiago Schuler.

Segundo Schuler e outras fontes, a mulher de Pinochet era tanto católica praticante quanto *gay-friendly*. Os Pinochet mantinham até uma verdadeira corte de homossexuais à sua volta. O casal presidencial gostava de aparecer com determinadas figuras gays locais durante recepções e jantares de gala, tal como gostava de se exibir com o núncio Angelo Sodano.

Os historiadores e os ativistas gays que entrevistei em Santiago não necessariamente compartilham dessa análise. Muitos contestam que a ditadura chilena tenha sido conciliadora com os homossexuais. Todos reconhecem, no entanto, que alguns estabelecimentos foram tolerados pelo regime.

— Diria que a questão gay não existiu sob Pinochet — explica o escritor e ativista Pablo Simonetti. — É verdade que nos documentos revelados desde o fim da ditadura não parece haver pessoas executadas ou torturadas em virtude

dos seus hábitos. No entanto, a sodomia continuou sendo crime até o final da década de 1990, e não se fez nada para lutar contra a aids.

Na realidade, no final da década de 1970 e no início da de 1980, sob a ditadura de Pinochet, existiu inclusive um circuito gay em clubes privados, discotecas e bares em que as "ideias políticas ficavam geralmente na chapelaria". Alguns bares foram fechados; a polícia se infiltrou em alguns clubes. Também houve casos de perseguições, assassinatos e alguns homossexuais torturados pelo regime; mas, segundo Óscar Contardo, Pablo Simonetti e outros peritos, a ditadura não perseguiu os homossexuais por causa da orientação sexual, de uma forma própria ou específica (à imagem do regime castrista de Cuba, o governo socialista anterior, de Allende, também não era muito *gay-friendly*).

O que é peculiar, em compensação, e por um lado espantoso, é a existência de uma verdadeira "corte gay" no círculo próximo de Pinochet. Nunca ninguém descreveu os seus pormenores; preciso fazer isso aqui porque está no cerne do tema deste livro.

Em outro jantar, em que me deu para provar um vinho tinto reserva do qual é vendedor exclusivo no Chile, pergunto a Santiago Schuler sobre a "corte homossexual" de Pinochet. Lembramos uma série enorme de nomes e, a cada um, Schuler pega o telefone e, conversando com outras pessoas próximas de Pinochet, que continuaram sendo amigas dele, reconstitui o séquito gay ou *gay-friendly* do ditador. Seis nomes voltam sistematicamente e estão todos estreitamente ligados ao núncio apostólico Angelo Sodano.

O mais famoso é o de Fernando Karadima. É um padre católico que dirige, durante a década de 1980, a paróquia de El Bosque, que visitei. Situada no bairro chique de Providencia, em Santiago, fica a apenas algumas centenas de

metros da nunciatura: Angelo Sodano era, portanto, vizinho de Karadima. Ia visitá-lo a pé.

Era também a igreja frequentada pela guarda próxima de Pinochet. O ditador tinha boas relações com Karadima, a quem protegeu durante muito tempo, apesar dos rumores recorrentes, a partir da década de 1980, sobre os abusos sexuais que ali ocorriam. Segundo diversas fontes, os serviços de segurança do regime haviam se infiltrado na paróquia de Karadima, bem como na nunciatura de Sodano. Todas as instâncias oficiais, portanto, sabiam da homossexualidade do padre chileno desde aquela época, assim como dos seus abusos sexuais.

— Pinochet estava fascinado com as informações que os seus amigos, informantes e agentes lhe traziam sobre os homossexuais. Estava em especial interessado na hierarquia católica gay — conta Schuler.

Ernesto Ottone, um antigo dirigente do Partido Comunista chileno, exilado do país durante muito tempo, apresenta uma análise interessante, quando o entrevisto:

— A princípio, Pinochet era malvisto pela Igreja. Por isso, precisou criar a própria Igreja do zero. Teve que encontrar padres pinochetistas, párocos, mas também bispos. O papel da igreja de Karadima foi essa campanha de recrutamento, de formação. Sodano defendeu a estratégia. E como o núncio era um anticomunista notório, e além do mais um grande vaidoso, a atração pelo poder fez o resto. Era de direita dura. Para mim, Sodano era pinochetista. (Outro líder de esquerda, Marco Enríquez-Ominami, que foi várias vezes candidato às eleições presidenciais no Chile, também confirma a vertente "pinochetista" de Sodano.)

O núncio apostólico se torna, portanto, um fiel incondicional de Karadima, a ponto de batizarem uma sala que está reservada a ele numa ala da paróquia de El Bosque: "La sala del nuncio". Aí, conhece inúmeros seminaristas e

jovens padres que Karadima lhe apresenta pessoalmente. O chileno joga com o meio-termo, com o organizador, com o italiano, que é grato por sua gentileza. Os jovens em questão gravitam ao redor da paróquia e da sua organização, a União sacerdotal. Esse grupo, que conta com cinco bispos e dezenas de padres muito conservadores, é totalmente dedicado a Karadima, um pouco como os Legionários de Cristo serão em relação ao padre Marcial Maciel.

— Era uma espécie de seita da qual Karadima era o chefe — comenta o advogado Juan Pablo Hermosilla. — Nem o Opus Dei, nem os Legionários de Cristo estavam ainda bem implantados no Chile: logo, o grupo de Karadima desempenhou esse papel.

Por meio dessa rede de padres e graças ao seu tato para lidar com homossexuais, Karadima está bem informado sobre o clero chileno.

— Karadima trabalhava de mãos dadas com Sodano — acrescenta Hermosilla.

O padre afirma a quem o visita que tem muita influência e, graças às atenções do núncio, se diz bem relacionado em Roma e protegido diretamente por João Paulo II, o que provavelmente é um exagero.

— Aparecia como um santo e, aliás, os seminaristas chamavam-no de *el santo*, *el santito*. Dizia que seria canonizado quando morresse — acrescenta ainda o advogado Hermosilla.

Mónica González, uma célebre jornalista investigativa chilena, confirma:

— Karadima queria saber tudo sobre a vida privada dos padres, ouvia todos os mexericos, todos os rumores. Interessava-se pelos padres progressistas e tentava com afinco descobrir se eram gays. Transmitia todas essas informações ao núncio Sodano, a fim de bloquear a carreira de todos os que eram de esquerda.

É provável que essas informações, ou por terem sido transmitidas por Sodano aos seus amigos fascistas ou por terem ido diretamente de Karadima para Pinochet, tenham permitido a detenção de padres progressistas. Várias testemunhas lembram os conciliábulos entre Sodano e Sergio Rillón, o homem inteiramente dedicado a Pinochet, e as trocas de dossiês entre eles. Sodano, que tem acesso livre a Karadima e se orgulha do seu vasto saber, teria compartilhado, assim, essas confidências com a ditadura chilena.

Muitos oficiais do Exército, agentes da polícia secreta de Pinochet e vários dos seus conselheiros pessoais, como Rodrigo Serrano Bombal, antigo oficial do Exército, ou Osvaldo Rivera, o seu homem de cultura, também são frequentadores assíduos da paróquia de Karadima. É lá que os ministros e os generais de Pinochet assistem, como bons praticantes, à missa.

Pode-se dizer, inclusive, que El Bosque se torna, nas décadas de 1970 e 1980, a paróquia da ditadura e um ponto de encontro de fascistas. Eles são tão numerosos e têm tantos crimes ou delitos de que precisam ser perdoados, que nos perguntamos precisamente como é que ainda podem comungar e esperar acabar no purgatório! Só que o padre Fernando Karadima parece lhes prometer o paraíso, com a bênção do núncio.

Angelo Sodano é uma figura onipresente em El Bosque, segundo todos os depoimentos, e aparece constantemente na companhia de Karadima, com quem por vezes celebra a missa. O enviado do papa João Paulo II aparece inclusive ao lado de Pinochet em alguns eventos. Durante o resto do tempo, evolui nesse meio pró-fascista e furiosamente anticomunista: tem contato direto com Sergio Rillón, a eminência parda de Pinochet, que acompanha pessoalmente os assuntos religiosos, bem como com Francisco Javier Cuadra, conselheiro especial do ditador, depois um dos seus ministros e, por fim, seu embaixador no Vaticano. (Os arquivos da CIA tornados públicos, bem como

Osvaldo Rivera, outro conselheiro próximo de Pinochet que entrevistamos, confirmam essas informações.)

Sodano parece à vontade nesse meio fascista. A guarda próxima de Pinochet o adota com um dos seus porque o arcebispo é confiável ideologicamente e nunca fala. E como tem ligação com João Paulo II e passa por futuro cardeal, o núncio se torna uma peça preciosa no jogo. Ele, em compensação, orgulhoso por atrair tanta cobiça, redobra a bajulação e o apetite. Nunca devemos subestimar, dizia Roosevelt, um homem que se superestima! Vaidoso como poucos núncios foram, o futuro "decano dos cardeais" tem um orgulho e um ego plus size.

O ambicioso Sodano navega, portanto, entre as suas múltiplas identidades, evitando misturar as redes e deixar rastros. Divide a sua vida a ponto de dificultar que se decifrem os seus anos chilenos. É o personagem daquilo que chamamos, em inglês, de *control freak*. Figura reservada, até mesmo indecifrável, mostra-se já no Chile, tal como mais tarde em Roma, prudente, discreto, secreto — exceto quando não é. Como na sua relação privilegiada, fálica do tipo "marinheiro", com um tal Rodrigo Serrano Bombal.

E que nome tem esse Bombal! Que pedigree! Que currículo! É também um dos frequentadores assíduos de El Bosque, oficial de reserva da Marinha, provavelmente agente dos serviços secretos de Pinochet e, dizem, homossexual "no armário". (A sua atuação na Dina, o serviço secreto de Pinochet, seria atestada pelo seu decreto de nomeação, ao qual a jornalista Mónica González teve acesso; esse recrutamento policial, bem como a sua possível homossexualidade, foram mencionados também por depoimentos prestados à época dos processos contra a ditadura.)

Como se sabe tudo isso de maneira confiável? Acontece que todas as informações agora estão à disposição para consulta nos autos do processo e

nas audições de testemunhas do "caso" Karadima.

Fernando Karadima foi alvo, pelo menos a partir de 1984, de várias denúncias por abusos sexuais. Angelo Sodano, no momento em que convivia com ele, não podia, apesar do seu sorriso bipartido, ignorar esses fatos.

— Fernando Karadima descobria quais jovenzinhos tinham problemas familiares e dava um jeito de torná-los fiéis à sua paróquia. Pouco a pouco, afastava-os e separava-os das suas famílias e, por fim, abusava deles. No entanto, o seu sistema era arriscado, porque esses rapazes costumavam vir das famílias da elite chilena — conta Juan Pablo Hermosilla, advogado de várias vítimas.

Os atos do padre continuam a suscitar indignação ao longo das décadas de 1980 e 1990, mas o séquito gay de Pinochet e o episcopado chileno protegem Karadima e abafam todos os casos. O Vaticano, onde Angelo Sodano se tornou secretário de Estado, também protege Karadima e pede inclusive à Igreja chilena que não o denuncie. (A versão oficial seria que o Vaticano só teria sido informado do caso Karadima em 2010, quando Sodano já não era secretário de Estado. O cardeal de Santiago, Francisco Javier Errázuriz, teria demorado para transmitir o processo à santa sé, guardando-o para si, sem agir, durante sete anos — o que lhe vale, hoje em dia, ser investigado pela justiça.)

Permanecem um mistério as razões que levaram Sodano (assim como os cardeais Errázuriz e Bertone, que substitui Sodano como secretário de Estado em 2006) a proteger esse padre pedófilo. Tudo leva a crer que não se tratava de acobertar apenas um padre acusado de abusos sexuais, mas sim todo um sistema em que a Igreja e a ditadura de Pinochet estavam estreitamente ligadas, e ambas teriam muito a perder se o padre começasse a falar. Aliás, por lealdade ao sistema, Sodano defenderá sempre os padres acusados de abusos sexuais para preservar a instituição, defender os seus amigos e talvez também se proteger.

Segundo os catorze depoimentos do processo e as cerca de cinquenta queixas apresentadas, os abusos sexuais começaram no final da década de 1960 e se perpetuaram até 2010. Durante cinquenta anos, Karadima abusou de dezenas de rapazes entre doze e dezessete anos, geralmente brancos e loiros.

Foi apenas depois da ditadura, em 2004, que abriram uma investigação formal que o tinha como alvo. É preciso esperar ainda até 2011 para que quatro queixas circunstanciadas sejam consideradas críveis (embora prescritas). Nesse momento, tendo o cardeal Sodano sido afastado pelo papa Bento XVI, o Vaticano manda abrir um processo canônico. O padre Karadima será considerado culpado de abusos sexuais de menores e castigado, mas não será reduzido ao estado laical até setembro de 2018, então pelo papa Francisco. Segundo as minhas fontes, ainda hoje, com mais de oitenta anos, vive no Chile, privado de todos os cargos religiosos, num local isolado mantido em segredo.

Desde 2010, a Igreja chilena está muito "desacreditada" e "difamada" devido a esse caso, segundo as palavras de Pablo Simonetti. O número de fiéis sofreu uma queda vertiginosa e o índice de confiança no catolicismo passou de 50% para menos de 22%.

A visita do papa Francisco, em 2018, reabriu as feridas: Francisco aparentemente protegeu um padre próximo de Karadima acusado de ter acobertado os abusos sexuais. Sem dúvida, é necessário enxergar essa falta menos como um erro — infelizmente — do que como uma tentativa desesperada de evitar que todo o sistema de Karadima, e as suas conivências até os cardeais Angelo Sodano, Ricardo Ezzati e Francisco Javier Errázuriz, se desmorone por completo. Após uma investigação a fundo, o papa enfim pediu desculpa numa carta pública por "ter cometido erros graves na avaliação e na [sua] percepção da situação, devida especialmente a uma falta de informação

confiável e equilibrada". Dessa forma visa explicitamente aqueles que o informaram equivocadamente. Segundo a imprensa chilena, ele estaria falando do núncio Ivo Scapolo ou dos cardeais Ricardo Ezzati e Francisco Javier Errázuriz — os três próximos de Angelo Sodano. De lá para cá, houve a demissão conjunta dos bispos chilenos, e o caso assumiu proporções internacionais. Vários cardeais, em particular Errázuriz e Ezzati, foram investigados pela justiça chilena. Ainda vão surgir inúmeras revelações. (Neste capítulo, utilizo peças processuais e depoimentos de vítimas, especificamente Juan Carlos Cruz, a quem entrevistei, bem como os documentos fornecidos pelo seu principal advogado, Juan Pablo Hermosilla, que ajudou na minha investigação. Um padre próximo de Karadima, Samuel Fernández, que se arrependeu, também concordou em falar.)

Portanto, durante os seus anos no Chile, Angelo Sodano conviveu assiduamente com a "máfia gay" de Pinochet e frequentou a paróquia de El Bosque. Do que ele sabia de fato? Quais eram as suas motivações?

Precisamos considerar que em momento algum, nem durante o processo de Karadima, nem por parte da imprensa, nem no decorrer das dezenas de conversas que mantive em Santiago, Sodano foi suspeito de ter cometido os abusos sexuais de menores em El Bosque. Algo que é confirmado claramente por Juan Pablo Hermosilla, o advogado das vítimas:

— Fizemos uma investigação a fundo, a partir das relações entre Karadima e o núncio Sodano, sobre a participação deste último nos abusos sexuais de Karadima, e não encontramos nenhuma prova nem depoimento que confirmassem sua participação nos crimes. Nunca ouvi ninguém dizer que Sodano estivesse presente quando Karadima cometia os abusos sexuais. Imagino que isso não tenha acontecido, senão, depois de todos esses anos, com certeza nós saberíamos.

Mas o advogado das vítimas acrescenta:

— Em compensação, é quase impossível, tendo em conta a dimensão dos crimes sexuais de Karadima, a sua frequência e os boatos que circulavam havia muito, e considerando que as vítimas e as testemunhas são, em sua maioria, padres, que Sodano tenha ignorado o que se passava.

Um último mistério persiste, no entanto: a familiaridade do núncio com o círculo próximo de Pinochet. Essas habilidades interpessoais, essas ligações, essas mundanidades com essa verdadeira máfia gay continuam sendo estranhas, no mínimo, quando conhecemos os posicionamentos da Igreja católica, durante a década de 1980, em relação à homossexualidade.

Essa conivência antinatural com Pinochet proporciona ao núncio um apelido: "Pinochette" (segundo diversas pessoas com quem falei). Em defesa de Angelo Sodano, os seus apoiadores — entre os quais o núncio François Bacqué —, me chamam a atenção para a dificuldade de um diplomata do Vaticano agir como dissidente sob a ditadura. Conviver com o círculo próximo de Pinochet era indispensável, e se opor a ele teria causado o fim das relações diplomáticas com o Vaticano, a saída do núncio e talvez a prisão de padres. Esse argumento não é falso.

Os cardeais que entrevistei em Roma também salientam o importante êxito diplomático de Sodano desde a sua chegada ao Chile, em 1978. Ele teria, segundo eles, desempenhado um papel determinante na mediação entre o Chile e a Argentina durante o conflito entre esses dois países católicos quanto à sua fronteira no extremo sul do continente americano, perto da Terra do Fogo. (Mas, segundo outros depoimentos confiáveis, Sodano foi inicialmente hostil à mediação do Vaticano, que se deve sobretudo ao cardeal Raúl Silva Henríquez e ao núncio italiano Antonio Samorè, que o papa enviou para o local como mediador do conflito.)

Os mesmos sublinham que João Paulo II não se privou de criticar Pinochet, inclusive numa expressão pública que foi decisiva. Na sua viagem em 1987, o papa permitiu, durante a missa que celebrou, que opositores políticos e dissidentes se expressassem a seu lado para criticar o regime de censura, de tortura e de assassinatos políticos. Essa viagem terá um impacto duradouro na evolução do país para a democracia, a partir de 1990.

— João Paulo II exerceu uma pressão democrática sobre Pinochet, e isso rendeu frutos. Um ano após a visita do papa, um plebiscito abre o caminho à transição democrática — confirma Luis Larraín, presidente de uma importante associação LGBT do Chile e cujo pai foi ministro do ditador.

Resta o estranho papel da polícia política do ditador em relação ao núncio Sodano.

— Se nos inserirmos no contexto da década de 1980, Pinochet considerava cruciais as suas relações diplomáticas com o Vaticano. É normal que Sodano tenha sido apoiado em público pelo casal presidencial e "paparicado" no privado pelos serviços secretos chilenos. O que é mais estranho é a relação anormal que estabeleceu, as relações íntimas que teve com agentes e conselheiros do ditador, alguns deles os mais graduados do regime — relata um jornalista chileno que escreveu muito sobre os crimes da ditadura.

Pelo menos quatro funcionários superiores de Pinochet em pessoa "paparicam" Sodano. Para começar, o capitão Sergio Rillón, conselheiro próximo do ditador e seu agente de "ligação" para os assuntos religiosos, que dispõe de um escritório no andar nobre de La Moneda, o palácio presidencial.

— É um homem de extrema direita e mesmo "nacional-socialista". É um dos "ideólogos" de Pinochet e representava a ala dura — diz a jornalista Alejandra Matus, em Santiago.

Embora fosse casado, Sergio Rillón era conhecido por ser próximo de Karadima e de Sodano.

— Rillón era um íntimo entre os íntimos de Pinochet. E um íntimo entre os íntimos de Sodano — diz Santiago Schuler.

Depois, Osvaldo Rivera, um mundano, autoproclamado "perito cultural" de Pinochet, que também tem entrada nos andares nobres de La Moneda. É apelidado "La Puri" (diminutivo irônico e afeminado para *la puritaine*).

— Rivera se apresentava como o "tsar cultural" do regime, mas era sobretudo aquele que censurava a televisão para Pinochet. Todos sabiam que evoluía num meio ao mesmo tempo de extrema direita e gay — comenta Pablo Simonetti.

Questionado hoje em dia, Osvaldo Rivera se recorda muito bem de Angelo Sodano. É mesmo inesgotável em relação a esse tema. Rivera se estende sobre a vida de Sodano no Chile e nos apresenta uma boa quantidade de informações. Lembra-se dele "bebendo uísque rodeado por amigos ricos e libertinos" e depois voltando para casa, escoltado, porque estava "bastante bêbado".

Rodrigo Serrano Bombal, apelidado "El Rey Pequeño" ("o pequeno Karadima", porque este último teria sido batizado de "El Rey"), teria sido outro agente da Dina, a polícia secreta de Pinochet, e amigo íntimo, como já disse, de Sodano.

Por fim, Sodano também é próximo de Francisco Javier Quadra, o faz-tudo de Pinochet, o seu porta-voz, futuro ministro e embaixador no Vaticano. Também ele, apesar de divorciado e pai de oito filhos, é descrito num romance baseado em fatos reais como dono de uma vida pessoal movimentada.

Outros dois personagens turvos merecem ser mencionados aqui, porque também gravitavam ao redor do ditador e pertenciam à mesma "máfia". O primeiro, um homossexual extravagante, mas "no armário", Arancibia Clavel, era próximo do ditador e do Exército para o qual executava operações de

eliminação física de adversários políticos; foi duramente condenado pelos seus crimes antes de ter sido assassinado por um garoto de programa. O segundo, Jaime Guzman, é um dos teóricos do regime de Pinochet: esse rígido e ultracatólico professor de direito era, segundo os arquivos dos serviços secretos chilenos, homossexual; foi assassinado, em 1991, pela extrema esquerda. Ambos conheceram Sodano, se a palavra "conhecer" fizer sentido aqui.

A rede homossexual de Pinochet nunca foi descrita e será uma revelação para muitos chilenos. Investigadores e jornalistas se perguntam atualmente sobre essa rede paradoxal e sobre os financiamentos que possam ter existido entre Pinochet e o Vaticano (especificamente através dos fundos especiais nas contas bancárias secretas que o ditador possuía no banco Riggs e que poderiam ter alimentado, sem mais certezas, redes anticomunistas próximas do Solidarność, na Polônia). Também se esperam revelações sobre todos esses pontos nos próximos anos.

Em todos os casos, esses conluios políticos e sexuais dão sentido a uma frase célebre atribuída a Oscar Wilde e retomada em *House of Cards*: *"Everything in the world is about sex; except sex. Sex is about power"*.

Falta compreender por que razão o núncio apostólico Angelo Sodano gostava tanto de frequentar o meio homossexual. Por que é que crescia nesse meio no exato momento em que João Paulo II instituía que a homossexualidade era um pecado abominável e Mal absoluto?

Podemos, portanto, apresentar três hipóteses. A primeira consiste em pensar que Angelo Sodano foi manipulado pelos serviços secretos chilenos e, sem saber, espionado, levando a nunciatura a ser alvo de infiltração devido à sua ingenuidade, à sua inexperiência ou às suas amizades. A segunda, que Angelo Sodano teria sido vulnerável, por exemplo, caso ele próprio fosse

homossexual e tivesse sido obrigado a se comprometer com o regime para proteger o seu segredo. É certo que a polícia secreta de Pinochet conhecia todos os pormenores da sua vida pessoal e privada, fossem eles quais fossem; talvez o tenham chantageado? Por fim, a terceira hipótese equivale a pensar que Angelo Sodano, esse grande manipulador, que compartilhava das ideias políticas dos conselheiros de Pinochet e dos seus hábitos, evoluiu livremente num mundo que se assemelhava a ele.

10. Os Legionários de Cristo

Marcial Maciel é, sem dúvida, a figura mais demoníaca que a Igreja católica pôde gerar e ver crescer nos últimos cinquenta anos. Dono de uma riqueza desmesurada e um passado de violências sexuais, foi protegido durante várias décadas por João Paulo II, Stanisław Dziwisz, secretário pessoal do papa, e pelo cardeal secretário de Estado, Angelo Sodano, que se tornou primeiro-ministro do Vaticano.

Todas as pessoas que entrevistei no México, na Espanha e em Roma criticam severamente os apoios de Roma que beneficiavam Marcial Maciel, exceto o cardeal Giovanni Battista Re, então ministro do Interior do papa, que me diz, numa das nossas conversas no seu aposento no Vaticano:

— João Paulo II se encontrou pela primeira vez com Marcial Maciel durante a sua viagem ao México, em 1979. Era, aliás, a primeira viagem internacional do novo papa, logo após a sua eleição. João Paulo II tinha uma imagem positiva dele. Os Legionários de Cristo recrutavam uma grande quantidade de jovens seminaristas, eram uma organização muito eficaz. Mas a verdade sobre a pedofilia é que não sabíamos. Só começamos a ter dúvidas, a ouvir rumores, no fim do pontificado de João Paulo II.

Já o cardeal Jean-Louis Tauran, ministro das Relações Exteriores de João Paulo II, diz também, durante quatro conversas no seu escritório, na Via Della Conciliazone:

— Não sabíamos o que estava acontecendo com Marcial Maciel. Não sabíamos de tudo isso. É um caso extremo. É um nível de esquizofrenia verdadeiramente inimaginável.

Marcial Maciel Degollado nasceu em 1920 em Cotija de la Paz, no estado de Michoacán, a oeste do México. Ordenado padre pelo tio em 1944, funda nesse período os Legionários de Cristo, uma organização católica de fins pedagógicos e de caridade.

Esse ramo atípico da Igreja mexicana a serviço de Jesus é malvisto inicialmente, tanto no México quanto no Vaticano, em virtude da sua natureza quase sectária. No entanto, em alguns anos, graças a uma energia fora do comum e, já então, a financiamentos de origens obscuras, Marcial Maciel está à frente de diversas escolas, universidades e organizações de caridade no México. Em 1959, funda Regnum Christi, o ramo laico dos Legionários de Cristo. Vários jornalistas (uma italiana, Franca Giansoldati; uma mexicana, Carmen Aristegui; bem como dois americanos, Jason Berry e Gerald Renner) fizeram o relato da ascensão e da queda espetaculares de Marcial Maciel; retomo aqui as linhas gerais do trabalho deles e também me alimento de dezenas de entrevistas que realizei para esta investigação durante quatro viagens ao México.

À frente desse "exército", cuja lealdade ao papa é erigida em mantra e a dedicação à sua pessoa em fanatismo, o padre Maciel vai recrutar seminaristas aos milhares e arrecadar fundos às dezenas de milhões, o que fez do seu sistema um modelo de angariação de fundos católico e de nova evangelização conforme os sonhos de Paulo VI e, sobretudo, os de João Paulo II, que não pareciam preocupados com o fato da sua "caridade ser amaldiçoada".

Podemos tomar aqui de empréstimo uma imagem do Evangelho segundo são Lucas que evoca uma criatura possuída pelo demônio, a qual responde a Cristo, que lhe pergunta o seu nome: "O meu nome é legião, porque somos muitos (demônios)". Terá Marcial Maciel pensado nessa imagem ao criar o seu exército diabólico?

Seja como for, o padre mexicano tem um êxito impressionante. Apoia-se numa organização rígida e fanática, em que os seminaristas fazem voto de castidade, mas também de pobreza (confiando aos Legionários de Cristo os seus bens, as suas posses e até o dinheiro recebido como presente de Natal). Maciel acrescenta a isso um compromisso contrário à lei canônica: o "voto de silêncio". Na verdade, é estritamente proibido criticar os superiores, sobretudo o padre Maciel, a quem os jovens seminaristas devem chamar *nuestro padre*. Antes mesmo de serem uma máquina de assédios sexuais, os Legionários já são uma empresa de assédio moral.

A obediência ao padre Maciel é uma forma de sadomasoquismo que permanece inimaginável, mesmo antes dos abusos sexuais. Todos estão dispostos a se deixar esquartejar para serem amados pelo padre, sem imaginarem a que preço.

Para controlar os jovens recrutas de cabelos curtos, que desfilam em duplas, de shorts no verão, de casaco cruzado com duas filas de botões e gola alta no inverno, o guru cria um sistema temível de vigilância interna. A correspondência é lida, as chamadas telefônicas listadas, as relações de amizade passadas a pente-fino. Os melhores espíritos, sobretudo os mais belos, os atletas, entram para a guarda próxima de Marcial Maciel, que adora se rodear de jovens seminaristas: a sua beleza é uma vantagem; feições indígenas, uma deficiência. Se tocam um belo instrumento musical, tinham um ponto ao seu favor; se eram frágeis como o jovem padre do campo de Bernanos, era um ponto contra.

Fica claro que o físico importa mais que o intelecto. Isso é bem resumido por uma ótima frase de James Alison, padre inglês que viveu muito tempo no México e que entrevisto em Madri:

— Os Legionários de Cristo são Opus Dei que não leem livros.

A vida dupla do chefe legionário foi denunciada desde cedo, ao contrário do que afirma o Vaticano. Logo na década de 1940, Marcial Maciel foi mandado embora duas vezes do seminário, pelos seus superiores, em virtude de fatos obscuros ligados à sexualidade. Os primeiros abusos sexuais remontam às décadas de 1940 e 1950 e foram comunicados oficialmente aos bispos e aos cardeais mexicanos já nessa época. A toxicomania doentia de Marcial Maciel, uma dependência que acompanha nomeadamente as suas sessões homossexuais, também será alvo de denúncias a Roma. Em 1956, Marcial Maciel é suspenso pelo Vaticano por ordem do cardeal Valerio Valeri — prova mais do que suficiente de que o caso era conhecido desde esse período.

No entanto, como várias vezes durante a carreira desse hábil mentiroso e falsário, Marcial Maciel conseguiu obter o perdão: o seu processo é anulado pelo cardeal Clemente Micara no final de 1958. Em 1965, o papa Paulo VI inclusive reconhece oficialmente os Legionários de Cristo por um decreto que os une direto à santa sé. Em 1983, o papa João Paulo II legitimará ainda mais a seita de Marcial Maciel ao validar a carta constitucional dos Legionários, apesar de esta infringir de forma grave a lei canônica.

Entretanto, é preciso dizer que os Legionários de Cristo se tornaram uma máquina de guerra formidável que suscita elogios e louvores em todo canto — enquanto redobram os rumores sobre o seu fundador. Marcial Maciel se encontra agora à frente de um império que reunirá, no final da sua carreira, quinze universidades, cinquenta seminários e institutos de estudos superiores, 177 colégios, 34 escolas para crianças desfavorecidas, 125 casas religiosas, duzentos centros educativos e 1200 oratórios e capelas, sem falar das associações de caridade. Em todo lugar, a bandeira dos Legionários se agita ao vento e exibe as suas auriflamas.

Inocentado e legitimado de novo por Paulo VI e João Paulo II, o padre Marcial Maciel redobra a energia para desenvolver o seu movimento, e a perversão, para saciar a sua sede de padre predador. Por um lado, o *comprachicos* — expressão espanhola para definir aqueles que se dedicam ao comércio de crianças sequestradas — estabelece relações privilegiadas com multimilionários como Carlos Slim, o rei das telecomunicações mexicanas, cujo casamento celebra, e faz dele um dos filantropos dos seus Legionários. Estima-se que Marcial Maciel, através de holdings e fundações, acumulou uma fortuna constituída por uma dúzia de propriedades no México, na Espanha, em Roma, bem como uma fortuna avaliada em várias centenas de milhões de dólares (segundo o *New York Times*), depositada em contas secretas. O dinheiro é, evidentemente, uma das chaves do sistema de Maciel.

Por outro lado, aproveitando as conversas em confissão e as fichas de que dispõe sobre inúmeros jovens seminaristas, chantageia aqueles identificados pelas suas condutas homossexuais e abusa deles, por sua vez, com total impunidade. Ao todo, o predador Maciel teria agredido sexualmente dezenas de crianças e inúmeros seminaristas: hoje são mais de duzentas vítimas reconhecidas.

O seu estilo de vida também é excepcional para a época — e para um padre. O padre que ostenta em público uma humildade absoluta e uma modéstia a toda a prova, vive protegido num apartamento blindado, viaja e se hospeda em hotéis de luxo, dirige carros esportivos de preços proibitivos. Possui também identidades falsas, mantém duas mulheres com as quais terá pelo menos seis filhos e não hesita em abusar sexualmente dos próprios filhos, dois dos quais apresentarão queixa mais tarde.

Em Roma, para onde ele se desloca com frequência nas décadas de 1970, 1980 e 1990, é recebido como um humilde servo da Igreja por Paulo VI e como convidado estrela pelo seu "amigo pessoal" João Paulo II.

É preciso esperar até 1997 para que uma nova queixa digna de crédito e bem fundamentada chegue ao gabinete do papa. Foi apresentada por sete padres, antigos seminaristas da Legião, que dizem ter sido abusados sexualmente por Maciel. Colocam a sua ação sob o selo do evangelho e são apoiados por docentes universitários renomados. A carta é arquivada. Terá sido transmitida ao papa pelo cardeal secretário de Estado, Angelo Sodano, e o secretário pessoal do papa, Stanisław Dziwisz? Não sabemos.

Não há nenhuma surpresa aqui: a atitude de Angelo Sodano sempre foi em defesa dos padres, mesmo suspeitos de abusos sexuais. Segundo ele, como se retomasse a famosa epígrafe que figura nas Stanze de Rafael, que vi no palácio apostólico: "*Dei non hominum est episcopos iudicare*" (Cabe a Deus, não aos homens, julgar os bispos).

Mas o cardeal foi bem mais longe, a ponto de denunciar publicamente, durante uma celebração de Páscoa, as acusações de pedofilia como sendo "fofocas do momento". Mais tarde, ele será aberta e duramente criticado por outro cardeal, o corajoso e *gay-friendly* arcebispo de Viena, Christoph Schönborn, por ter acobertado os crimes sexuais do seu antecessor, o cardeal Hans Hermann Gröer. Homossexual, Gröer foi obrigado a renunciar depois de um escândalo retumbante na Áustria.

— A regra do cardeal Angelo Sodano era nunca abandonar um padre, mesmo quando acusado do pior. Jamais se desviou dessa linha. Acho que, para ele, tratava-se de evitar as divisões da Igreja, de nunca dar oportunidades aos seus inimigos. Em retrospectiva, pode-se dizer que foi um erro, mas o cardeal Sodano é um homem nascido na década de 1920, que era outra época. No caso de Marcial Maciel, é certo que foi um erro — diz um arcebispo aposentado que conhece bem o cardeal.

Seja como for, o secretário de Estado Angelo Sodano não se limitou a ser um dos advogados de Marcial Maciel junto da santa sé; foi também, enquanto

núncio, e depois como chefe da diplomacia vaticana, um dos principais "propagadores" dos Legionários de Cristo na América Latina. A organização estava ausente do Chile antes da passagem de Sodano: ele estabeleceu contatos com Marcial Maciel e favoreceu a implantação do movimento nesse país, depois na Argentina e, talvez em seguida, na Colômbia.

Sol Prieto, uma docente universitária argentina, especialista em catolicismo, que entrevisto em Buenos Aires, tenta explicar as motivações racionais do cardeal:

— Toda a lógica de Angelo Sodano era enfraquecer as ordens religiosas tradicionais, como os jesuítas, os dominicanos, os beneditinos ou os franciscanos, nos quais não confiava, ou que suspeitava serem de esquerda. Preferia os movimentos laicos ou as congregações conservadoras, como o Opus Dei, Comunhão & Libertação, a Ordem do Verbo Encarnado ou os Legionários de Cristo. Para ele, a Igreja estava em guerra e precisava de soldados, e não apenas de monges!

Em breve, novas acusações detalhadas de pedofilia são transmitidas à Congregação para a Doutrina da Fé, que na época é dirigida pelo cardeal Ratzinger. Inúmeras violações são comunicadas ainda no final da década de 1990 e início da de 2000, enquanto, pouco a pouco, aparece já não só uma série de atos isolados, mas um verdadeiro sistema do Mal. Em 1997, um processo completo é constituído, e cabe apenas ao Vaticano pôr fim aos atos do predador. Em 2003, o próprio secretário pessoal de Maciel informa ao Vaticano sobre os comportamentos criminosos do seu chefe, se deslocando pessoalmente a Roma com provas para apresentar a João Paulo II, a Stanisław Dziwisz e a Angelo Sodano, que não o ouvem (isso é atestado por uma nota dirigida ao papa Bento XVI que foi revelada pelo jornalista Gianluigi Nuzzi).

Essas novas denúncias ao Vaticano e esses processos ficam sem efeito e são arquivados, uma vez mais, sem dar em nada. O cardeal Ratzinger não inicia

nenhum procedimento disciplinar. Segundo Federico Lombardi, antigo porta-voz de Bento XVI, o cardeal teria comunicado repetidas vezes ao papa João Paulo II os crimes de Marcial Maciel, propondo afastá-lo das suas funções e reduzi-lo ao estado laical, mas teria sido confrontado com a recusa de Angelo Sodano e de Stanisław Dziwisz.

No entanto, parece que o cardeal Ratzinger tomou o caso suficientemente a sério para perseverar; apesar da postura conciliadora de João Paulo II, ele abre de novo um dossiê sobre Marcial Maciel e reúne provas contra ele. Mas é um homem prudente demais: só avança quando todos os sinais estão verdes e, ao levar o assunto junto a João Paulo II, só pode constatar que o sinal continua vermelho, pois o papa não deseja que o seu "amigo" Marcial Maciel seja incomodado.

Para dar uma ideia do estado de espírito que prevalecia nessa época, podemos recordar aqui que o próprio adjunto de Ratzinger, Tarcisio Bertone, futuro secretário de Estado de Bento XVI, assinou, ainda em 2003, o prefácio de um livro de Marcial Maciel, *Mi vida es Cristo* (o jornalista espanhol que o entrevistou, Jesús Colina, mais tarde admitirá que foi manipulado por Maciel). Ainda nessa altura, o jornal *L'Osservatore Romano* publicou um artigo que elogiava Maciel — um texto que poderia figurar no *Guinness* como recorde de vício disfarçado de virtude.

Durante o mesmo período, o cardeal esloveno Franc Rodé não poupa as palavras de apoio ao fundador dos Legionários e saúda "o exemplo do padre Maciel no caminho de Cristo" (quando entrevisto Rodé, ele me garante que não sabia e dá a entender que Maciel tinha uma relação com o assistente do papa, Stanisław Dziwisz: "Quando Dziwisz foi tornado cardeal, ao mesmo tempo que eu fui, os Legionários fizeram uma grande festa para ele — e não para mim", conta). Já o cardeal Marc Ouellet, hoje prefeito da Congregação para os Bispos, limpa o nome do seu dicastério se apoiando no fato de Maciel

ser um frade e não depender, portanto, dele. Chama minha atenção o fato de Maciel nunca ter sido eleito bispo nem tornado cardeal, que constituiria a prova de que desconfiavam dele...

O que dizer, por fim, do apoio público prestado por João Paulo II a Maciel em novembro de 2004? Na época dos sessenta anos de ordenação do padre, o papa vai pessoalmente, no decurso de uma bela cerimônia, se despedir de Maciel. As imagens dos dois homens enlaçados afetuosamente, quando o papa está na hora da morte, rodam o mundo todo. No México, aparecem na primeira página de vários jornais, suscitando descrença e mal-estar.

Teremos de esperar pela morte de João Paulo II, em 2005, para o caso Maciel ser reexaminado por Bento XVI, recém-eleito papa. Este autoriza a abertura dos arquivos do Vaticano para que se realize a investigação e liberta todos os Legionários do "voto de silêncio" para que possam falar.

— A história reconhecerá que Bento XVI foi o primeiro a denunciar os abusos sexuais e a obter a condenação de Marcial Maciel, logo após a sua subida ao trono de são Pedro — diz Federico Lombardi, antigo porta-voz de Bento XVI e agora presidente da Fundação Ratzinger.

Em 2005, Marcial Maciel é afastado de todas as suas funções por Bento XVI, que o obriga a se retirar da vida pública. Reduzido ao "silêncio penitencial", é suspenso definitivamente *a divinis*.

Mas, sob o pretexto das sanções oficiais, Bento XVI poupou, uma vez mais, o padre. Este, é certo, já não poderá exercer os sacramentos até o fim dos seus dias. A sua pena não é menos particularmente clemente, inferior à que o mesmo Joseph Ratzinger aplicou a grandes teólogos como Leonardo Boff ou Eugen Drewermann, castigados não por terem cometido crimes, mas pela mera defesa das suas ideias progressistas. Marcial Maciel não é denunciado à justiça pela Igreja, não é excomungado, nem detido, nem encarcerado.

Renunciam inclusive a um processo canônico "em virtude da sua idade avançada e da sua saúde frágil".

Convidado a levar uma "vida de oração e penitência", Maciel continua, entre 2005 e 2007, viajando de uma casa para outra, do México a Roma, e se beneficiando de meios financeiros ilimitados. Muda-se para os Estados Unidos apenas para evitar eventuais processos — reforçando a velha frase "Pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos". Sofrendo de um câncer no pâncreas, Maciel se muda enfim para uma suntuosa casa na Flórida, onde morre no luxo em 2008, com a idade canônica de oitenta anos.

É preciso esperar ainda pelo ano seguinte, em 2009, para que uma investigação de todas as organizações ligadas aos Legionários de Cristo e do seu ramo laico Regnum Christi seja ordenada por Bento XVI. Cinco bispos são encarregados dessa missão de auditoria em cinco continentes. Os resultados, transmitidos em caráter confidencial ao papa em 2010, parecem tão graves que o Vaticano enfim reconhece, num comunicado, os "atos objetivamente imorais" e os "verdadeiros crimes" de Marcial Maciel.

Contudo, conscientemente ou não, Roma insiste num julgamento parcial. Ao denunciar a ovelha negra, ela poupa indiretamente o seu círculo próximo, a começar pelos padres Luis Garza Medina e Álvaro Corcuera, os adjuntos de Maciel. Em 2017, os Paradise Papers revelam que Medina e Corcuera, entre cerca de vinte padres Legionários cujos nomes são publicados, e que Bento XVI não incomodou, se beneficiaram de fundos secretos graças a esquemas financeiros *offshore* nas Bermudas, no Panamá e nas Ilhas Virgens britânicas. Também se descobre que mais 35 padres pertencentes aos Legionários de Cristo estão envolvidos em casos de abusos sexuais, e não só o seu fundador. Terão de passar ainda vários anos antes de o papa Bento XVI colocar a Legião sob a tutela do Vaticano e nomear um administrador provisório (o cardeal Velasio De Paolis). A partir de então, o caso parece encerrado e os

Legionários retomam a sua vida normal, retirando apenas os inúmeros retratos do guru das paredes das escolas, proibindo os seus livros, apagando suas pegadas simplesmente, como se nada tivesse acontecido.

Acabam de irromper novos casos. Óscar Turrión, o reitor do colégio pontifício internacional dos Legionários, chamado Maria Mater Ecclesiae em Roma, onde reside uma centena de seminaristas vindos do mundo inteiro, reconheceu que vivia secretamente com uma mulher e tinha dois filhos. Teve de renunciar.

Ainda hoje circulam rumores no México, mas também na Espanha e em Roma, sobre o ramo laico dos Legionários, Regnum Christi, e sobre sua universidade pontifícia, Ateneo Pontificio Regina Apostolorum, onde são apontados desvios. O jornalista mexicano Emiliano Ruiz Parra, especialista na Igreja católica, confessa a sua frustração quando o entrevisto, no México:

— Nem Bento XVI, nem Francisco avaliaram a dimensão do problema. E o fenômeno se mantém: o Vaticano já não controla os Legionários, e pode ser que retomem alguns maus hábitos.

O cardeal Juan Sandoval Íñiguez vive numa residência católica de grande luxo em Tlaquepaque, uma cidade-satélite de Guadalajara, no México. Visito-o ali, na Calle Morelos, com Eliezer, um pesquisador da região, que me serve de guia e que conseguiu me arranjar o seu número de telefone. O cardeal aceitou a entrevista sem dificuldade, marcando o encontro na sua casa, ao final da tarde desse mesmo dia.

A sua residência de arcebispo emérito é um pequeno paraíso exuberante nos trópicos, protegido por dois policiais mexicanos armados. Por trás de um muro e portões, descubro os domínios do cardeal: três casas coloridas, imensas, unidas entre si por uma capela particular e garagens onde estão estacionados vários Ford 4×4 que brilham como o sol. Há quatro cães, seis

papagaios e um sagui. O arcebispo de Guadalajara acabou de se aposentar, mas a sua agenda não parece nada vazia.

— A Igreja católica do México era rica. Mas agora é uma Igreja pobre. Veja só que, para um país de 120 milhões de habitantes, só temos 17 mil padres. Fomos perseguidos! — insiste o prelado.

Juan Sandoval Íñiguez é um dos cardeais mais antigays do México. Utilizando frequentemente a palavra *maricón* para falar dos homossexuais (um insulto, em espanhol, equivalente a "veado"), o cardeal denunciou de forma radical o uso de preservativos. Chegou a ponto de celebrar missas contra o "satanismo" dos homossexuais e foi sobretudo o inspirador do movimento anticasamento gay no México, liderando as manifestações contra o governo mexicano. Os Legionários de Cristo, de que é próximo, constituíam frequentemente os grandes batalhões desses protestos nas ruas. Aliás, durante a minha estada no México, pude assistir à grande "Marcha por la familia" contra o projeto de casamento gay.

— É a sociedade civil que se mobiliza de modo espontâneo — comenta o cardeal. — Não me envolvo pessoalmente. Mas, claro, a lei natural é a Bíblia.

O amante de pássaros é um sedutor e me mantém lá durante várias horas conversando comigo em francês. Às vezes, segura a minha mão com gentileza, para reforçar os seus argumentos, ou se dirige afetuosamente a Eliezer, em espanhol, para saber a sua opinião ou lhe fazer perguntas sobre a sua vida.

O que é estranho e me chama a atenção de imediato é que esse arcebispo antigay está obcecado pela questão gay. Quase só falamos desse tema. Ele critica implicitamente o papa Francisco. Censura os seus gestos favoráveis aos gays e, como quem não quer nada, deixa escapar os nomes de alguns bispos e cardeais que o rodeiam e lhe parecem ter essa preferência.

— Sabe, quando Francisco diz a frase "Quem sou eu para julgar?", ele não está defendendo os homossexuais. Está protegendo um dos seus

colaboradores, é muito diferente! Foi a imprensa que mudou tudo!

Peço autorização ao cardeal para ver a sua biblioteca, e o homem levanta, apressando-se em me mostrar os seus tesouros. Um prelado literato: ele próprio escreveu algumas obras que se delicia em me apontar.

Que surpresa! Juan Sandoval Íñiguez tem seções inteiras dedicadas à questão gay. Vejo obras sobre o pecado homossexual, a questão lésbica e as terapias de reconversão. Uma biblioteca inteira de tratados pró e antigay, como se os autos de fé que o cardeal pregasse em todo lugar não tivessem razão de ser na casa dele. Ou terá o cardeal se apaixonado pelos livros que quer mandar queimar?

De repente, fico boquiaberto ao dar de cara com vários exemplares, colocados bem à vista, do famoso *Liber Gomorrhianus* na sua versão em inglês: *The Book of Gomorrah*.

— É um grande livro, que data da Idade Média e, veja, fui eu que assinei o prefácio desta nova tradução — diz, com orgulho, o cardeal.

Esse ensaio célebre de 1051, assinado por um padre italiano que veio a ser são Pedro Damião, é um livro estranho. Nesse longo tratado, dirigido ao papa Leão IX, o frade denuncia as tendências homossexuais, segundo ele muito difundidas, do clero da época. Aponta também para os maus hábitos dos padres que se confessam uns aos outros a fim de dissimular a sua tendência e inclusive "tira do armário" — *antes que chamassem dessa forma* — alguns altos prelados romanos da época. Contudo, o papa desautoriza são Pedro Damião e não adota nenhuma das sanções que ele exigia. Inclusive apreende o seu artigo inflamatório, segundo John Boswell, que escreveu sobre o caso, sobretudo porque o Colégio Cardinalício era, então, muito praticante! A importância histórica do livro não é menor por isso, pois é particularmente a partir desse panfleto do século XI que o castigo divino de Sodoma será reinterpretado, já

não como um problema de hospitalidade, como a Bíblia dá a entender, mas como um pecado de "sodomia". A homossexualidade se torna abominável!

Em seguida falamos com o cardeal Juan Sandoval Íñiguez sobre os tratamentos que existem para "desintoxicar" os homossexuais, e também os pedófilos, que ele parece associar sistematicamente aos primeiros, como se fossem iguais no pecado. Mencionamos ainda uma clínica especializada, que se destinaria aos pedófilos mais "incuráveis". Mas o cardeal evita o assunto e não se estende sobre o tema.

No entanto, sei que esse lugar existe, se chama "Casa Alberione" e foi fundada em 1989 por iniciativa do cardeal, ou com o seu apoio, precisamente na sua paróquia de Tlaquepaque. Vários padres pedófilos estrangeiros, "enviados de país em país como se fossem resíduos nucleares", segundo as palavras de alguém que conhece bem o assunto, foram tratados nessa clínica de "reabilitação", o que permitia simultaneamente tratá-los, mantê-los como padres e evitar que fossem entregues à justiça. A partir do início da década de 2000, depois de o papa Bento XVI ter imposto que os pedófilos deixassem de ser protegidos pela Igreja, a "Casa Alberione" perdeu a sua razão de ser. Segundo uma investigação do jornal mexicano *El Informador*, o cardeal Juan Sandoval Íñiguez reconheceu a existência dessa residência, que acolheu sobretudo Legionários de Cristo, mas afirmou que "já não recebe, desde 2001, padres pedófilos". (Existiu, no Chile, uma instituição semelhante, "The Club", sobre a qual Pablo Larraín fez um filme.)

"*HOLA!*": me chamam de repente, com um grito às minhas costas, enquanto passeamos com o cardeal pelo parque. Viro, surpreendido, mas sem estar tão assustado quanto Robinson Crusoé quando ouve, pela primeira vez, um papagaio falar sobre a sua ilha. Da sua grande gaiola, a bela ave travou uma conversa comigo. Vai me revelar algum segredo? No México, esse tipo de ave é também chamado *guacamayo*. Em francês, chamam também de *papegai*.

Passeamos entre os pavões e os galos. O cardeal parece feliz e não se apressa. É de uma gentileza extrema comigo e com Eliezer, o meu *scout* mexicano.

O cachorro Oso (que quer dizer "Urso") agora se diverte conosco e de repente começamos um jogo de futebol a quatro, o cardeal, Oso, Eliezer e eu, diante do olhar divertido de cinco freiras que se ocupam, em tempo integral, de limpar a casa, lavar a roupa e cozinhar para o cardeal.

Pergunto a Juan Sandoval Íñiguez:

— Não se sente um pouco sozinho aqui?

Ele parece achar a minha pergunta engraçada e me descreve a sua vida social. Cito Jean Jacques Rousseau, para quem, afirmo, "o voto de celibato seria antinatural".

— Acredita que há menos solidão entre os pastores casados ou os imãs? — indaga o cardeal numa resposta sob a forma de pergunta. — Pode ver — acrescenta, me mostrando as freiras —, não estou sozinho aqui.

O cardeal segura o meu braço com firmeza e diz, após um longo silêncio:

— E, além disso, também há um padre aqui, um jovem padre que vem me ver todas as tardes.

E, quando me espanto por não ter visto o padre, sendo já fim da tarde, o cardeal acrescenta, talvez com alguma candura:

— Hoje ele acaba às dez da noite.

Hoje o suporte que Marcial Maciel recebeu no México e em Roma permanecem pouco conhecidos. Várias vítimas do padre pedófilo criticaram, com ou sem razão, o cardeal Juan Sandoval Íñiguez por não ter denunciado Maciel quando pôde. Além dos Legionários de Cristo, vários padres acusados de abusos sexuais teriam sido postos na sua residência, Casa Alberione, para

receberem a "reeducação", sem que fossem denunciados. (O cardeal nega qualquer culpa ou qualquer responsabilidade.)

Críticas semelhantes foram feitas em relação ao arcebispo do México, o cardeal Norberto Rivera. Tão obsessivamente antigay quanto Sandoval Íñiguez, foram muitos os seus discursos, chegando a ponto de fazer declarações sobre como "o ânus não pode servir de orifício sexual". Em outro comentário célebre, reconheceu que havia muitos padres gays no México, mas "que Deus já os havia perdoado". Mais recentemente, declarou também que um "filho tem mais probabilidade de ser violado pelo seu pai se for um pai homossexual".

Os jornalistas especializados em México sugerem que Norberto Rivera, um dos apoiadores de Marcial Maciel, não acreditou, até o fim, nos seus crimes e teria se recusado a transmitir ao Vaticano algumas denúncias.

Por todas essas razões e por ter chamado publicamente os acusadores de mentirosos inveterados, hoje em dia o cardeal do México é alvo de críticas por cumplicidade ou silêncio no caso dos abusos sexuais. A imprensa o denuncia regularmente, e dezenas de milhares de mexicanos assinaram uma petição para alertar a opinião pública e impedi-lo de participar do conclave que elege os papas. Ele figura também numa posição razoável na lista dos *dirty dozen*, os doze cardeais suspeitos de terem dado cobertura a padres pedófilos, publicada pela associação americana das vítimas de abusos sexuais da Igreja católica (SNAP, uma ONG renomada, porém cujos métodos já foram criticados).

Sandoval Íñiguez e Rivera se tornaram cardeais por João Paulo II, provavelmente por recomendação de Angelo Sodano ou de Stanisław Dziwisz. Ambos foram adversários violentos da Teologia da Libertação e do casamento homossexual. O papa Francisco, que criticara duramente o cardeal Rivera pela sua homofobia e pedira solenemente à Igreja mexicana que parasse as suas hostilidades contra os gays, logo se apressou para virar a página Rivera,

impondo a sua aposentadoria em 2017, assim que atingiu o limite de idade. Essa decisão silenciosa é, nas palavras de um padre que entrevistei no México, uma "sanção divina com efeito temporal imediato".

— Sabemos que, entre os bispos que apoiaram Marcial Maciel ou se manifestam hoje contra nós ou contra o casamento gay, existe um número significativo que é homossexual. Parece incrível, muitos deles são homossexuais! — exclama, durante uma conversa no seu escritório, no México, o ministro da Cultura, Rafael Tovar y de Teresa.

E o célebre ministro acrescenta, na presença da minha editora mexicana, Marcela González Durán:

— O aparelho religioso é gay no México, a hierarquia é gay, os bispos são geralmente gays. É incrível!

O ministro confirma também, quando lhe conto o tema do meu livro, que o governo mexicano dispõe de informações precisas sobre os bispos "gays antigays" — me apresentando alguns nomes entre dezenas. Acrescenta que, no dia seguinte, vai falar sobre a minha pesquisa a Enrique Peña Nieto, presidente da República na época, e ao seu ministro do Interior, para que eles me permitam obter informações complementares. Em seguida, terei ainda várias conversas com Tovar y de Teresa. (Também pude entrevistar Marcelo Ebrard, antigo presidente da câmara municipal da Cidade do México, que foi o principal artífice do casamento gay e conheceu bem os adversários católicos desse projeto de lei, e atualmente é o ministro das Relações Exteriores do seu país. Outras pessoas me fornecerão informações, como o milionário Carlos Slim Jr., o intelectual Enrique Krauze, conselheiro influente do presidente Enrique Peña Nieto, e vários diretores da Televisa, a principal emissora de televisão do México, assim como José Castañeda, ex-ministro das Relações Exteriores. Tendo estado quatro vezes na Cidade do México e em mais oito cidades do país, obtive também apoio e informações de uma dezena de

escritores e militantes gays, entre eles Guillermo Osorno, Antonio Martínez Velázquez e Felipe Restrepo. Os meus pesquisadores mexicanos Luis Chumacero e, em Guadalajara, Eliezer Ojeda também contribuíram pessoalmente para este relato.)

A vida homossexual do clero mexicano é um fenômeno bem conhecido e já bem documentado. Calcula-se que mais de dois terços dos cardeais, dos arcebispos e dos bispos mexicanos são "praticantes". Uma importante organização homossexual, Fon, "tirou do armário" 38 hierarcas católicos, tornando os seus nomes públicos.

Essa proporção seria menos importante entre os simples prelados e os bispos "indígenas"; segundo um relatório transmitido oficialmente ao Vaticano pelo monsenhor Bartolomé Carrasco Briseño, 75% dos padres das dioceses dos estados de Oaxaca, Hidalgo e Chiapas, onde vive a maior parte dos ameríndios, estariam secretamente casados ou em concubinato com uma mulher. Em suma, o clero mexicano seria, assim, heterossexual ativo no campo e homossexual praticante nas cidades!

Diversos jornalistas especializados na Igreja católica confirmam essas tendências. É o caso de Emiliano Ruiz Parra, autor de vários livros sobre o tema e antigo jornalista encarregado de temas ligados a religião no jornal *La Reforma*:

— Eu diria que 50% dos padres no México são gays, calculando por baixo, e 75% se formos mais realistas. Os seminários são homossexuais, e a hierarquia católica mexicana é gay de uma forma espetacular.

Ruiz Parra acrescenta que ser gay na Igreja não é um problema no México: na verdade é um rito de passagem, um elemento de promoção e uma relação normal "de poder" entre o noviço e o seu mestre.

— A tolerância é grande dentro da Igreja, desde que as pessoas não se expressem fora dela. E, é claro, para proteger o segredo, eles têm de atacar os gays se mostrando muito homofóbicos em praça pública. É essa a chave. Ou o truque.

Depois de realizar investigações sobre os Legionários de Cristo e sobre Marcial Maciel, Emiliano Ruiz Parra se mostra particularmente crítico em relação ao Vaticano, tanto ontem quanto hoje, e ao grande apoio que o predador recebeu no México. Como muitos, ele fala de questões financeiras, da corrupção, dos subornos, bem como propõe um argumento mais novo para explicá-lo: a homossexualidade de uma parte dos que o apoiaram.

— Se Marcial Maciel tivesse falado, toda a Igreja mexicana teria desmoronado.

Uma das primeiras grandes obras de caridade de Marcial Maciel, aquela que lançou a sua carreira, levando ao esquecimento das suas primeiras maldades, foi a construção da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Roma. Foi construída para ser uma réplica em miniatura da célebre basílica com o mesmo nome na Cidade do México, uma das maiores do mundo, que todos os anos recebe milhares de peregrinos.

Nos dois casos, trata-se de locais de grande devoção que chamam atenção pelos rituais arcaicos e quase sectários. As multidões devotas e ajoelhadas me deixam chocado quando visito a basílica mexicana. Como francês e conhecendo sobretudo o catolicismo intelectual do meu país — o dos *Pensamentos* de Pascal, das orações fúnebres de Bossuet ou de *O gênio do cristianismo* de Chateaubriand —, tenho dificuldade em compreender esse fervor e essa religiosidade populares.

— Não podemos conceber o catolicismo mexicano sem a virgem de Guadalupe. O amor à virgem, a sua fraternidade, como uma mãe, irradia pelo

mundo inteiro — explica o monsenhor Monroy.

Esse antigo reitor da basílica da Cidade do México me leva para visitar o complexo religioso, que, além de duas basílicas, conta com conventos, museus, lojas de souvenirs grandiosas e me parece, no fim das contas, uma verdadeira indústria turística. O monsenhor Monroy me mostra também os inúmeros quadros que pintaram dele com o traje sacerdotal completo (incluindo um retrato magnífico realizado pelo artista gay Rafael Rodriguez, que também entrevistei em Santiago de Querétaro, a noroeste da Cidade do México).

Segundo diversos jornalistas, Nossa Senhora de Guadalupe seria palco de vários negócios mundanos e, pelo comportamento de alguns dos seus padres, uma espécie de "confraria gay". Tanto no México quanto em Roma.

Situada na Via Aurelia, a oeste do Vaticano, a sede oficial italiana dos Legionários de Cristo foi financiada pelo jovem Maciel desde o início da década de 1950. Graças a uma incrível angariação de fundos realizada no México, na Espanha e em Roma, a igreja e a sua paróquia começaram a ser construídas a partir de 1955 e foram inauguradas pelo cardeal italiano Clemente Micara no final de 1958. Na mesma época, durante o interregno entre Pio XII e João XXIII, o grave dossiê sobre a dependência química e a homossexualidade de Marcial Maciel se evaporava no Vaticano.

Para tentar compreender o fenômeno Maciel, à sombra da pureza da virgem de Guadalupe, é necessário decifrar a proteção que ele recebeu e o amplo sistema que tornou possível esse imenso escândalo tanto no México quanto em Roma. Várias gerações de bispos e de cardeais mexicanos e inúmeros cardeais da Cúria fecharam os olhos ou apoiaram, tendo conhecimento de tudo, um dos maiores pedófilos do século XX.

O que dizer do fenômeno Marcial Maciel? Trata-se de um mitômano perverso, patológico e demoníaco ou terá sido o produto de um sistema? Uma figura acidental e isolada ou o sinal de um desvio coletivo? Ou, em outras palavras: é a história de um só homem, como se afirma para limpar o nome da instituição, ou é o produto de um modelo de governo que o clericalismo, o voto de castidade, a homossexualidade secreta e endêmica no cerne da Igreja, a mentira e a lei do silêncio tornaram possível? Como no caso do padre Karadima no Chile e em inúmeros outros em diversos países da América Latina, a explicação residiria, segundo as testemunhas entrevistadas, em cinco fatores — aos quais devo acrescentar um sexto elemento.

Em primeiro lugar, a cegueira em decorrência do sucesso. Os triunfos fulgurantes dos Legionários de Cristo fascinaram durante muito tempo o Vaticano, uma vez que em nenhuma parte do mundo os recrutamentos de seminaristas eram tão impressionantes, as vocações sacerdotais tão entusiásticas e as entradas de dinheiro tão faustosas. Na época da primeira visita de João Paulo II ao México, em 1979, Marcial Maciel mostrou o seu senso de organização, o poder das suas redes políticas e midiáticas, a sua capacidade de resolver os mínimos pormenores, com um exército de assistentes, mantendo-se ao mesmo tempo humilde e discreto. João Paulo II ficou absolutamente maravilhado. Ele voltaria quatro vezes ao México, cada vez mais fascinado com a competência do seu "caro amigo" Maciel.

O segundo fator é a proximidade ideológica entre João Paulo II e os Legionários de Cristo, uma organização de extrema direita, violentamente anticomunista. Ultraconservador, Marcial Maciel foi o primeiro centroavante no México, depois na América Latina e na Espanha, do combate aos regimes marxistas e à corrente da Teologia da Libertação. Obsessivamente anticomunista, paranoico até, Maciel se antecipou às expectativas do papa, encontrando nele um defensor da sua linha dura contra o comunismo. Ao

fazê-lo, juntando o psicológico ao ideológico, o padre Maciel soube afagar inteligentemente o orgulho de João Paulo II, um papa místico que diversas testemunhas descrevem reservadamente como um homem misógino e de uma grande vaidade.

O terceiro fator, ligado ao anterior, é a necessidade de João Paulo II de obter dinheiro para a sua missão ideológica anticomunista, sobretudo na Polônia. Parece que hoje se reconhece, embora a santa sé desminta, que Marcial Maciel de fato desembolsou dinheiro para financiar redes antimarxistas na América Latina e, talvez também indiretamente, o sindicato Solidarność. Segundo um ministro e um alto diplomata que entrevistei no México, essas transferências financeiras teriam ficado num quadro "eclesiástico". Em Varsóvia e em Cracóvia, alguns jornalistas e historiadores confirmam que existiram relações financeiras entre o Vaticano e a Polônia:

— É fato que o dinheiro circulou. Por meio de canais como os sindicatos e as igrejas. — diz o vaticano polonês Jacek Moskwa, que foi um correspondente de longa data em Roma e autor de uma biografia do papa João Paulo II em quatro volumes. Mas nessa mesma entrevista em Varsóvia, Moskwa refuta qualquer envolvimento direto do Vaticano.

— Muito se afirmou que o banco do Vaticano ou o banco italiano Ambrosiano tinham contribuído. Creio que isso seja mentira.

O jornalista Zbigniew Nosowski, que dirige a revista católica *Więź*, em Varsóvia, também se mostrou reservado quanto à própria existência desses financiamentos:

— Não creio que tenha sido possível o dinheiro circular assim entre o Vaticano e o Solidarność.

Além dessas posições iniciais, outras fontes tenderiam a sugerir o contrário. Lech Walesa, antigo presidente do Solidarność, que se tornou presidente da Polônia, reconheceu que o seu sindicato recebera dinheiro do Vaticano. Vários

jornais e livros também reportam esses fluxos financeiros: a fonte seria os Legionários de Cristo de Marcial Maciel, e o destino, o sindicato Solidarność. Na América Latina, alguns pensam até mesmo — sem haver certeza — que o ditador chileno Augusto Pinochet pode ter contribuído para determinados financiamentos (graças à intermediação do núncio Angelo Sodano), tal como os narcotraficantes colombianos (por intermédio do cardeal Alfonso López Trujillo). A essa altura, todas essas hipóteses são possíveis, mas não foram confirmadas com clareza. "*Dirty money for good causes*?", pergunta-se um bom conhecedor do caso: a origem dos financiamentos pode estar envolvida em mistério, mas nem por isso a causa seria menos justa...

— Sabemos através de testemunhas diretas que o monsenhor Stanisław Dziwisz, secretário particular do papa João Paulo II, distribuía no Vaticano envelopes contendo dinheiro a alguns dos seus visitantes poloneses, tanto leigos quanto religiosos. Nessa época, nos anos de 1980, o sindicato Solidarność estava banido por lei. Dziwisz perguntava aos seus visitantes poloneses: "Como podemos ajudá-los?". A falta de fundos era uma preocupação frequente. Então o assistente do papa se dirigia por uns instantes a um cômodo adjacente e voltava com um envelope — conta Adam Szostkiewicz, durante uma entrevista em Varsóvia. (Szostkiewicz, um jornalista influente da revista *Polityka*, acompanha há muito tempo o catolicismo polonês. Membro do Solidarność, ele mesmo foi, durante seis meses, preso político da junta militar comunista.)

Segundo Szostkiewicz, existiam outras vias de acesso que poderiam permitir a entrada, na Polônia, de produtos de consumo corrente, medicamentos, comida e, talvez, malas de dinheiro. Essas "rotas" eram essencialmente "eclesiásticas": a ajuda transitava por intermédio de padres ou de caravanas humanitárias que circulavam vindas da Alemanha Ocidental. O

dinheiro nunca passava pela Alemanha Oriental, nem pela Bulgária, onde a fiscalização era muito mais rígida.

— Os católicos usufruíam de uma liberdade de circulação maior do que os outros: a polícia polonesa os tolerava um pouco melhor e as revistas eram mais sumárias. Também obtinham vistos mais facilmente — acrescenta Szostkiewicz. (Num livro recente, *Il caso Marcinkus*, o jornalista italiano Fabio Marchese Ragona revela, a partir de depoimentos e de documentos inéditos da justiça italiana, que o Vaticano teria transferido "mais de 1 bilhão de dólares para o Solidarność". O arcebispo americano Paul Marcinkus e Stanisław Dziwisz teriam sido os principais responsáveis por esses complexos esquemas financeiros. O segundo assistente do papa, o sacerdote polonês Mieczyslaw Mokrzycki, conhecido como padre Mietek, agora arcebispo da Ucrânia, teve um papel nesse sistema, bem como o padre jesuíta polonês Przydatek — os dois são íntimos de Dziwisz. Hoje alguns jornalistas investigativos estão pesquisando esses temas, sobretudo dentro da redação do jornal *Gazeta Wyborcza*. Nos próximos meses, ou anos, é possível que surjam mais revelações.)

As malas de dinheiro sujo são um dado possível do pontificado de João Paulo II. Podemos considerar discutível o procedimento, mas a queda do regime comunista polonês e, em seguida, a queda do muro de Berlim e do Império Soviético podem servir para legitimar em retrospectiva esse uso singular do dinheiro santo.

O quarto fator são os subornos pessoais — porque é necessário utilizar o termo certo. Regularmente Marcial Maciel "molhava a mão" dos cardeais e dos prelados próximos de João Paulo II. O psicopata recompensava os seus protetores romanos e os enriquecia muito além do imaginável. Oferecia-lhes automóveis de luxo, viagens suntuosas, distribuía entre eles envelopes com dinheiro, ao mesmo tempo para aumentar a sua influência, obter favores para

a sua seita de "legionários" e para encobrir os seus crimes. Hoje esses fatos foram comprovados, mas nenhum dos cardeais que se deixou corromper foi incomodado pelas autoridades e ainda menos excomungado por simonia! Raros são, aliás, aqueles que recusaram o seu dinheiro sujo, e parece que o cardeal Ratzinger, com a sua austeridade de celibatário, foi um deles. Tendo recebido, no México, um envelope com dinheiro, teria mandado que o devolvesse ao remetente. O cardeal Bergoglio também sempre foi um inimigo declarado de Marcial Maciel: denunciou-o desde cedo, sobretudo porque Maciel odiava não só os padres vermelhos da Teologia da Libertação, mas também os jesuítas.

Além dos aspectos morais, os riscos financeiros que o Vaticano corria são outro fator — o quinto — que poderia explicar o silêncio da Igreja. Mesmo quando reconhece os fatos, ela não quer pagar! Nos Estados Unidos, os casos de abusos sexuais já custaram centenas de milhões de dólares em indenizações às vítimas. Reconhecer um erro equivale, para o Vaticano, a assumir a sua responsabilidade financeira. Esse argumento do custo das indenizações é central em todos os casos de abusos sexuais.

Por fim — e aqui tratamos do indizível —, há entre todo o apoio que Marcial Maciel recebeu no México, na Espanha e no Vaticano algo que eu chamaria com algum pudor de "clericalismo do armário". É o sexto fator que permite explicar o inexplicável, provavelmente o mais doloroso, e também o mais profundo, talvez a primeira chave de leitura. Muitos cardeais mexicanos, sul-americanos, espanhóis, poloneses e italianos que rodeiam João Paulo II levam, de fato, uma vida dupla. Com certeza não são pedófilos; não cometem abusos sexuais necessariamente. Em compensação, são em sua maioria homossexuais e estão comprometidos com uma vida toda construída sobre o jogo duplo. Vários desses cardeais recorreram com frequência aos serviços de prostitutos e a financiamentos não convencionais para satisfazerem as suas

preferências. É certo que Marcial Maciel, uma alma negra, foi muito além do que é tolerável, ou legal, todos no Vaticano concordam, mas denunciar os seus esquemas equivaleria a se questionar sobre a vida deles próprios. Seria também se expor ao risco de revelar a sua eventual homossexualidade.

Repito, a chave poderia ser esta: a cultura do segredo que era necessária para proteger a homossexualidade dos padres, dos bispos e dos cardeais no México e em Roma — sobretudo com tantas personagens-chave no círculo próximo do papa — permitiu que o pedófilo Maciel, num estranho desvirtuamento do clericalismo, agisse ele próprio em segredo e com toda a liberdade, e assim ficasse protegido para sempre.

De tanto terem confundido pedofilia e homossexualidade — algo que tantos cardeais aparentemente fizeram —, as diferenças acabaram se embaralhando. Se tudo fica misturado, abuso sexual e pecado, pedofilia, homossexualidade e prostituição, a ponto de o crime apenas ser diferente pela magnitude, e não pela natureza, quem deve ser punido? Eis os padres perdidos: onde está o pico, onde está o fundo? O bem? O mal? A natureza, a cultura? Os outros e eu? Podemos excomungar Marcial Maciel pelos seus crimes sexuais se estivermos, um pouco como ele, vivendo uma farsa sexual e formos, nós próprios, "intrinsecamente desregrados"? Denunciar abusos é se expor e, talvez, correr o risco de ser denunciado. Estamos no cerne do segredo do caso Maciel e de todos os crimes de pedófilos que encontraram e que continuam recebendo no Vaticano e no clero católico um exército de apoios, incontáveis desculpas e uma infinidade de silêncios.

11. O círculo de luxúria

— No Vaticano, chamam-no de "Platinette", e todo mundo admira a sua ousadia! — diz Francisco Lepore. A alcunha vem de uma célebre drag queen da televisão italiana que usa perucas platinadas.

Divirto-me com esses pseudônimos que são usados internamente para se referirem a vários cardeais e prelados. Não invento nada, limito-me a lembrar o que diversos padres da Cúria me revelaram, uma vez que a maldade ainda é maior no interior da Igreja do que fora dela.

Um diplomata influente me fala de outro cardeal cujo apelido é "La Montgolfiera"! Por que esse nome? Teria "uma grande figura, muito vazio e pouco conteúdo", esclarece a minha fonte, que insiste na natureza aeronáutica, na arrogância e na vaidade da personagem, "um confete que se julga uma bexiga".

Os cardeais Platinette e La Montgolfiera tiveram seu momento de glória no pontificado de João Paulo II, de quem são considerados próximos. Fazem parte daquilo a que poderia chamar o primeiro "círculo de luxúria" ao redor do santo padre. Existem outros círculos devassos, que reúnem homossexuais praticantes em níveis hierárquicos menos elevados. Os prelados heterossexuais eram raros entre os próximos de João Paulo II; a castidade, mais rara ainda.

Cabe aqui um esclarecimento, antes de prosseguirmos, sobre os vícios cardinalícios que vou revelar. Quem sou eu para julgar? Uma vez mais, tento não fazer juízo de valor e pretendo menos ainda "tirar do armário" alguns padres vivos do que descrever um sistema: logo, os nomes desses prelados

permanecem anônimos. A meu ver, esses cardeais, esses bispos e esses padres têm realmente o direito de ter amantes e de aprofundar a sua propensão adquirida ou inata. Como não sou católico, pouco me importa que pareçam trair assim o seu voto de castidade ou que estejam em contravenção com a Igreja. Quanto à prostituição, tão frequente nesse grupo, é legal na Itália e aparentemente muito bem tolerada pelo direito canônico aplicado na zona extraterritorial da santa sé! Só a sua hipocrisia abissal é questionável: é o objetivo deste livro, que confirma que a infalibilidade papal se transforma em impunidade quando se trata do seu séquito.

O que me interessa aqui é decifrar esse mundo paralelo e fazer uma visita guiada à época de João Paulo II. Além de La Montgolfiera e da Platinette, que retomarei mais tarde, tenho de começar por recordar a figura de Paul Marcinkus, o homem das finanças, das missões secretas e um dos que gerem o Estado da cidade do Vaticano para o santo padre.

Mistura de diplomata, guarda-costas, tradutor de inglês, jogador de golfe, transportador de fundos secretos e vigarista, o arcebispo americano Marcinkus já tem uma longa história vaticana quando João Paulo II é eleito. Foi um dos tradutores de João XXIII, em seguida se tornou íntimo de Paulo VI (cuja vida teria protegido durante uma agressão) e ocupou diversos cargos em nunciaturas apostólicas antes de iniciar a sua espetacular ascensão romana.

Por razões misteriosas, Marcinkus se torna um dos favoritos de João Paulo II desde o início do pontificado. Segundo várias fontes, o sumo pontífice teria uma "afeição sincera" por essa figura controversa do Vaticano. Logo Marcinkus é nomeado para ficar à frente do famoso banco do Vaticano, que sob a sua direção vive inúmeras intrigas financeiras e alguns escândalos espetaculares. O prelado foi acusado e pronunciado por corrupção pela justiça italiana, mas desfrutou permanentemente da imunidade diplomática vaticana. É suspeito inclusive de ter fomentado homicídios, em especial o do

papa João Paulo I, falecido em circunstâncias misteriosas após um mês de pontificado, porém tais boatos nunca foram comprovados.

Em compensação, a homossexualidade de Marcinkus é bem atestada. Dez prelados da Cúria que conviveram com o americano me confirmaram que ele era um aventureiro voraz.

— Marcinkus era homossexual: tinha uma quedinha pelos seus guardas suíços. Emprestava o seu carro a eles com frequência, um Peugeot 504 prata, com um belo banco de couro. Lembro que, numa época, ele estava com um guarda suíço e o caso durou um tempo — confirma uma das minhas fontes, um leigo próximo do arcebispo que trabalhava no interior do Vaticano naquele período, tal como hoje em dia.

Outra ligação de Marcinkus também é conhecida: a que manteve com um padre suíço, que confirmou essa relação a uma das minhas fontes. E, depois de ter fixado residência no Vaticano devido às acusações feitas pela justiça italiana, continuou a seduzir despudoradamente. Mais tarde, se aposentou nos Estados Unidos, para onde levou os seus segredos: o arcebispo americano morreu em 2006, em Sun City, uma luxuosa cidade de aposentados no Arizona. (Quando entrevisto, duas vezes e na presença de Daniele, Piero Marini, que foi "mestre de cerimônias" do papa João Paulo II, ele insiste, ingênuo, na "grande proximidade" de Marcinkus com "os trabalhadores". Por outro lado, Pierre Blanchard, um leigo que foi durante muito tempo secretário da Administração do Patrimônio da Sé Apostólica [APSA] e que conhece bem as redes do Vaticano, me revelou algumas informações preciosas.)

Além do controverso Marcinkus, o círculo próximo de João Paulo II incluía outros homossexuais e homossexuais praticantes, entre os seus assistentes e oficiais. O primeiro é um padre irlandês, o monsenhor John Magee, que foi um dos secretários particulares de Paulo VI e, em seguida, secretário particular de João Paulo I, permanecendo assim no pontificado de João Paulo II. Tendo

se tornado bispo da diocese de Cloyne, na Irlanda, se viu envolvido nos casos de acobertamento de abusos sexuais que abalaram o país. Testemunhas revelaram as investidas que gostava de fazer em rapazes, beijando-os, que foram tornadas públicas e anexadas aos documentos judiciais no processo. Apesar de não ter tido a homossexualidade formalmente atestada, a sua gestão dos casos de abusos o forçou a renunciar, por pressão de Bento XVI.

Um dos outros assistentes do papa que "pratica" ativamente a sua homossexualidade é um padre que mistura os desvios de dinheiro e os desvios de rapazes (maiores, até onde pude saber). Também tem grande apreço pelos guardas suíços e pelos seminaristas, ousadias que compartilha com um dos organizadores das viagens do papa.

Um jovem seminarista de Bolonha teve uma experiência com isso: durante várias conversas, me contou em detalhes a sua desventura. Numa visita do papa a essa cidade, em setembro de 1997, dois dos assistentes e prelados encarregados do deslocamento do papa insistem em se encontrar com os seminaristas. No grupo, um jovem loiro e belo, na época com 24 anos, atrai imediatamente a atenção deles.

— Estavam nos examinando e, de repente, apontaram para mim e disseram: "Você!". Pediram que eu fosse com eles e não me deixaram mais em paz. Queriam me ver o tempo todo. Era uma técnica de flerte muito insistente — conta o antigo seminarista (que ainda é, quando me encontro com ele vinte anos depois, bastante atraente).

Durante a visita de João Paulo II, os colaboradores próximos ao papa escolhem um seminarista, que enchem de atenções e afagos. Apresentam-no pessoalmente ao papa e pedem-lhe, por três vezes, que suba ao palco ao lado deles.

— Compreendi que estavam lá para caçar. Davam em cima dos jovens e se atiravam em mim, sem sequer tomar nenhum cuidado. No final da viagem, me

convidaram para visitá-los em Roma e ficar na casa deles. Diziam que podiam me hospedar no Vaticano e me levar para ver o gabinete do papa. Eu sabia o que queriam de mim. Não correspondi aos seus avanços. Perdi a minha oportunidade! Se tivesse aceitado — acrescenta o ex-seminarista —, hoje em dia talvez fosse bispo!

A ousadia não tem limites. Outros dois fiéis colaboradores do papa, um arcebispo que é seu conselheiro e um núncio bastante destacado, também vivem a sua sexualidade de forma escandalosa, além de toda a compreensão. É o caso também de um cardeal colombiano que ainda não conhecemos, mas encontraremos muito em breve: esse "satânico doutor" foi encarregado por João Paulo II de coordenar a política familiar do Vaticano, mas, à noite, se entrega com uma regularidade impressionante à prostituição masculina.

No séquito imediato do papa há ainda um trio de bispos bastante notável no seu gênero porque agem em bando e preciso dizer aqui uma palavra sobre eles. É um outro círculo devasso ao redor do papa. Em comparação aos cardeais ou aos prelados majestosos de que falei, esses aventureiros homossexuais de sua santidade são medíocres; agem sem convicção.

O primeiro é um arcebispo que sempre foi apresentado como um anjo sob as feições do bom apóstolo e cuja beleza provocou muito falatório. Quando me encontro com ele, hoje em dia, quase trinta anos depois, continua sendo um homem belo. Naquela época próximo do cardeal Sodano, o sumo pontífice também o adorava. A sua orientação é confirmada por inúmeras fontes e ele teria sido inclusive afastado da diplomacia vaticana "depois de ter sido pego na cama com um negro" (conta em detalhes um padre da Secretaria de Estado que se deitou, pessoalmente, várias vezes com o interessado).

O segundo bispo próximo de João Paulo II desempenha um papel central na preparação das cerimônias papais. Aparece, aliás, nas fotografias ao lado do

santo padre. Conhecido pelas suas práticas sadomasoquistas, dizem que frequentava, todo vestido de couro, o Sphinx, um clube de *cruising* de Roma, hoje fechado. A seu respeito, houve uma expressão que ficou famosa no Vaticano: "*Lace by day; leather by night*" (Renda de dia e couro à noite).

Quanto ao terceiro bispo ladrão, é descrito como particularmente perverso: acumula os casos financeiros e os casos de rapazes, e a imprensa italiana já o identificou há muito tempo.

Esses três bispos fazem parte, portanto, daquilo que poderíamos chamar de o segundo "círculo de luxúria" ao redor de João Paulo II. Não figuram nas primeiras loggias; são segundas figuras. O papa Francisco, que conhece esses tratantes de longa data, se empenhou em mantê-los afastados privando-os da púrpura cardinalícia. Hoje em dia, estão todos no armário — em certa medida, duplamente no armário.

Esses três iniciados desempenharam, alternadamente, funções de alcoviteiros e de lacaios, de mordomo, mestre de cerimônias, mestre das celebrações, de cônego ou ainda de chefe do protocolo de João Paulo II. Úteis quando necessário, por vezes prestam "serviços" aos cardeais mais destacados, praticando durante o resto do tempo o vício por conta própria. (No círculo próximo do cardeal Angelo Becciu, então ministro do Interior do papa Francisco, me confirmam os nomes de alguns desses bispos e a sua homossexualidade ativa, numa série de conversas gravadas.)

Tive longos encontros, acompanhado de Daniele, o meu principal pesquisador italiano, com dois desses três mosqueteiros. O primeiro foi fiel à sua imagem de gentleman e de grande príncipe. Temendo "sair do armário" sem querer, se manteve em guarda, apesar de não haver nenhuma margem de erro quanto às chances da sua homossexualidade. O segundo, com quem nos encontramos várias vezes num palácio do Vaticano, em zona "extraterritorial", deixou-nos realmente chocados. Nesse imenso edifício, onde também vivem

vários cardeais, o padre nos acolheu, de olhos arregalados de espanto, como se fôssemos o Tadzio de *Morte em Veneza*! Feio como só ele, seduziu Daniele sem rodeios e me encheu de elogios de todo tipo (sendo que era a primeira vez que me via). Nos entregou alguns contatos; prometemos voltar a vê-lo (o que fizemos). E algumas portas até se abriram e nos permitiram ser recebidos logo no serviço do protocolo do papa e no banco do Vaticano, onde o trio claramente tem contatos! Daniele ficou receoso, sobretudo quando o deixei sozinho durante alguns minutos para ir ao banheiro.

— Tive medo de ser molestado! — disse, rindo, quando fomos embora.

Entre esses homens próximos de João Paulo II, a relação com a sexualidade e o flerte varia. Enquanto alguns cardeais e bispos correm riscos, outros redobram a discrição. Um arcebispo francês, mais tarde tornado cardeal, formava, segundo o seu antigo assistente, um casal estável com um padre anglicano e, depois, com um padre italiano; outro cardeal italiano vive com o seu companheiro, que me apresentou como "marido da sua falecida irmã" — mas todos no Vaticano sabiam, começando pelos guardas suíços que me contaram sobre o caso e explicaram qual era a natureza da relação. Um terceiro, o americano William Baum, cujos hábitos foram revelados, também vivia em Roma com o seu célebre amante, que era nada mais, nada menos do que um dos seus assistentes.

Outro cardeal francófono com quem me encontrei várias vezes, igualmente próximo de João Paulo II, é conhecido por um vício um pouco especial: a técnica consistia em convidar os seminaristas ou os alunos-núncios para almoçar em sua casa e, em seguida, usar a fadiga no final da refeição como pretexto para convidá-los a fazer a sesta com ele. Então o cardeal se deitava na sua cama, sem avisar, e não dizia mais uma palavra; esperava que o jovem

noviço se juntasse a ele. Ébrio de reciprocidade, esperava pacientemente, imóvel, como uma aranha no meio da sua teia.

Outro cardeal de João Paulo II era conhecido por flertar fora do Vaticano, sobretudo nos parques ao redor do Campidoglio, e se recusava, como falei, a usar no seu automóvel oficial uma placa diplomática do Vaticano, para ter mais liberdade (segundo o depoimento em primeira mão de dois padres que trabalharam com ele).

Ainda outro cardeal que ocupava um cargo importante de ministro de João Paulo II foi brutalmente mandado de volta para o seu país depois de um escândalo com um jovem guarda suíço, no qual houve dinheiro envolvido; mais tarde, foi acusado de ter acobertado abusos sexuais.

Outros padres influentes do séquito de João Paulo II eram homossexuais e mais discretos. O dominicano Mario Luigi Ciappi, um dos seus teólogos pessoais, compartilhava fraternalmente a vida com o seu *socius* (assistente). Um dos confessores do papa também era homossexual com cautela (segundo as informações de um dos antigos assistentes de Ciappi).

Mas voltemos ao primeiro "círculo de luxúria", cujo núcleo é representado de algum modo pelos cardeais La Montgolfiera e Platinette, em torno do qual gravitam os outros astros. Ao lado dessas grandes divas, os segundos círculos e outros cardeais são uma figura pálida, porque aqueles são excepcionais pelos seus "amores monstros" e pelo seu "concerto de infernos!".

As suas aventuras me foram contadas pelos seus assistentes, colaboradores ou colegas cardeais, e pude inclusive entrevistar Platinette, cuja audácia posso atestar: agarrou meu ombro, me apertando o antebraço de modo viril, sem me largar por um instante, mas também sem avançar, durante uma conversa na santa sé.

Entremos, portanto, nesse mundo paralelo onde o vício se vê recompensado na proporção dos seus excessos. É para esse tipo de prática que os ingleses têm aquela bela frase: "*They lived in squares and loved in triangles*"? De qualquer modo, os cardeais La Montgolfiera e Platinette, a quem se juntou em breve um bispo, cujo pseudônimo farei a caridade de não mencionar, são três clientes regulares dos prostitutos romanos que usam em festas a quatro.

Envolvidos nos turbilhões de uma vida dissoluta, La Montgolfiera e Platinette correm riscos consideráveis? Poderíamos pensar que sim. No entanto, como cardeais, têm imunidade diplomática e dispõem, ainda por cima, de uma proteção no mais alto nível enquanto amigos do papa e dos seus ministros. E depois, quem pode falar? Continuamos numa época em que os casos sexuais ainda não enlamearam o Vaticano: é raro a imprensa italiana escrever sobre esses temas, as testemunhas se calam e a vida privada dos cardeais continua intocável. Quanto às redes sociais, que ainda não existem, só alterarão o panorama midiático mais tarde, após a morte de João Paulo II: vídeos comprometedores e imagens explícitas seriam provavelmente publicados hoje no Twitter, no Instagram, no Facebook ou no YouTube. Mas, nesse momento, a grande camuflagem continua sendo eficaz.

Para evitar qualquer boato, La Montgolfiera e Platinette tomam, no entanto, as devidas precauções: criam um sistema sofisticado de recrutamento de acompanhantes pagos, que usa de um triplo filtro. Dão, pessoalmente, conta das suas necessidades a um "cavalheiro de Sua Santidade", um leigo casado, possivelmente heterossexual, que, ao contrário dos seus sócios, tem outras prioridades que não são a homossexualidade. Entram numa grande quantidade de esquemas financeiros duvidosos e pelo serviço prestado procuram, em primeiro lugar, sólidos apoios no topo da Cúria e um cartão de visita.

Por uma retribuição significativa, o "cavalheiro de Sua Santidade" contata outro intermediário, cujo pseudônimo é Negretto, um cantor da Nigéria, membro do coro do Vaticano, que forma, ao longo dos anos, uma rede abundante de seminaristas gays, de acompanhantes pagos italianos e de prostitutos estrangeiros. Verdadeiro sistema de bonecas russas, umas dentro das outras, Negretto recorre a um terceiro intermediário, que lhe serve de corrente de transmissão e batedor. Recruta em todas as direções, principalmente imigrantes que precisam de autorização de residência: o cavalheiro de Sua Santidade lhes promete, caso se mostrem "compreensivos", intervir para que obtenham os documentos. (Utilizo aqui informações extraídas de transcrições de escutas telefônicas realizadas pela polícia italiana, anexadas ao processo deste caso.)

O sistema vai durar por muitos anos, sob o pontificado de João Paulo II e no início do de Bento XVI, e servir para abastecer, para além dos cardeais La Montgolfiera, Platinette e o seu amigo bispo, um quarto prelado (cuja identidade não consegui descobrir).

A ação propriamente dita teria se desenrolado no exterior do Vaticano, em várias residências, em particular numa moradia com piscina, apartamentos de luxo no centro de Roma e, segundo dois depoimentos, na casa de veraneio do papa, em Castel Gandolfo. Esta última, que visitei com um arcebispo do Vaticano, fica oportunamente situada em zona extraterritorial, propriedade da santa sé, e não da Itália, onde os *carabinieri* não podem intervir (como eles próprios me confirmam). Ali, longe dos olhares, um prelado teria obrigado, sob o pretexto de exercitar seus cães, os seus favoritos a correr também.

Segundo diversas fontes, o ponto crítico dessa rede de acompanhantes pagos de luxo é o seu modo de financiamento. Os cardeais não só recorrem à prostituição masculina para satisfazer a sua libido, não só são homossexuais reservadamente enquanto pregam uma homofobia severa em público, como

também arranjam forma de não pagar aos seus gigolôs! De fato, recorrem aos cofres do Vaticano para remunerar os intermediários, que variarão de acordo com a época, e os acompanhantes pagos, muito caros, e até extravagantes (até 2 mil euros por noite para os acompanhantes de luxo, segundo as informações recolhidas pela polícia italiana nesse caso). Alguns *monsignori* do Vaticano, muito bem informados sobre o caso, encontraram aliás um apelido irônico para os prelados avarentos: os "ATM-Priests" (os "padres caixa automático").

Por fim, a polícia italiana acabou com essa rede de prostituição de uma forma involuntária, quando mandou prender vários atores do sistema por casos graves de corrupção. Dois dos intermediários também foram presos depois de terem sido identificados por meio das escutas realizadas pela polícia italiana, na linha do "cavalheiro de Sua Santidade". Assim, a rede de prostituição foi decapitada pela polícia, que pôde compreender qual era a sua dimensão, mas sem poder chegar aos principais patrocinadores, nem citá-los, porque gozavam da imunidade proporcionada pelo Vaticano: os cardeais La Montgolfiera e Platinette.

Em Roma, interroguei um tenente-coronel dos *carabinieri* (a gendarmaria italiana) que conhece bem os casos em questão. Eis o seu testemunho:

— Parece que esses cardeais foram identificados, mas não puderam ser interrogados, nem intimados, em virtude da sua imunidade diplomática. A partir do momento em que estão envolvidos num escândalo, são protegidos imediatamente. Escondem-se por trás das muralhas da santa sé. Do mesmo modo, não podemos revistar as suas bagagens, mesmo se suspeitarmos que transportam droga, por exemplo, nem intimá-los.

E o tenente-coronel dos *carabinieri* prossegue:

— Em teoria, a gendarmaria vaticana, que não depende das autoridades italianas, teria permissão de interrogar esses cardeais e processá-los. Mas teria sido necessário que a santa sé assim exigisse. Ora, é evidente, nesse caso, que

os patrocinadores do tráfico estavam ligados pessoalmente aos mais altos responsáveis da santa sé...

Evitarei contar os pormenores dos desempenhos desses cardeais, embora, segundo as escutas da polícia, os seus pedidos tenham sido muito criativos. Falam dos acompanhantes pagos em termos de "dossiês" e de "situações". Os intermediários obedecem, propondo perfis adequados que só variam em termos de altura e peso. Trechos das conversas (provenientes dos autos dos processos):

— Não vou lhe dizer mais nada sobre isso. Tem dois metros de altura, pesa tanto e tem 33 anos.

— Tenho uma situação em Nápoles... Não sei como dizer, é realmente uma coisa que não se pode perder... 32 anos, 1 metro e 93, muito bonito...

— Tenho uma situação cubana.

— Acabo de chegar da Alemanha com um alemão.

— Tenho dois negros.

— X tem um amigo croata que queria ver se o senhor pode arranjar uma hora.

— Tenho um jogador de futebol.

— Tenho um dos Abruzos...

Às vezes acontece, nessas conversas, de falarem ao mesmo tempo de Cristo e de viagra, o que é um bom resumo do caso.

Após um longo processo e vários recursos jurídicos, o nosso "cavalheiro" foi condenado por corrupção; o coral do Vaticano foi dissolvido; agora, Negretto vive numa residência católica fora da Itália, onde parece que lhe satisfazem as necessidades para comprar o seu silêncio; quanto aos outros intermediários, cuja identidade conheço, não consegui encontrar vestígios. Os cardeais implicados não só nunca foram condenados, nem sequer

incomodados, como também os seus nomes verdadeiros nunca apareceram nos autos do processo nem na imprensa.

O papa João Paulo II, se é verdade que não foi informado, nunca foi capaz de separar, entre os seus próximos, o trigo do joio, sem dúvida porque uma cura de desintoxicação desse tipo envolveria gente demais. O papa Bento XVI conhecia esse caso e fez tudo para marginalizar os seus protagonistas, no começo com êxito, até esse esforço ter conduzido enfim, como veremos, à sua perda. Francisco, igualmente bem informado, sancionou um dos bispos implicados, recusando-se a nomeá-lo cardeal, apesar da promessa que lhe fizera um antigo secretário de Estado. Platinette permanece, no momento, na sua pasta de ministro. O cabeça da rede e senhor do campo de batalha, La Montgolfiera, foi para a sua aposentadoria dourada de cardeal: continua vivendo no luxo e, dizem, com o seu amante. É claro que esses prelados estão, hoje em dia, na oposição ao papa Francisco; criticam duramente as suas propostas favoráveis aos homossexuais e exigem cada vez mais castidade — logo eles, que tão pouco a praticaram.

Esse não seria mais do que um caso de polícia se não fosse a verdadeira matriz de comportamentos recorrentes na Cúria Romana. Aqui, não se trata de derivas: é um sistema. Esses prelados se sentem intocáveis e gozam de imunidade diplomática. Contudo, se hoje conhecemos a sua deriva e a sua maldade, foi porque algumas testemunhas falaram. Apesar de terem tentado calá-las.

Precisamos nos deter aqui diante de uma história rocambolesca que está estritamente ligada à dos prostitutos do Vaticano. E que história! Uma verdadeira "intriga de gênio", como diria Rimbaud! O caso está relacionado com um prelado discreto, chefe do departamento na Secretaria de Estado, o monsenhor Cesare Burgazzi, cujo caso foi tornado público. (Como Burgazzi

não quis responder às minhas perguntas, para contar esse caso me baseio tanto no depoimento pormenorizado de dois dos seus colegas padres quanto nos elementos fornecidos pela polícia e nos autos do processo a que deu origem.)

Numa noite de maio de 2006, o monsenhor Burgazzi é surpreendido pela polícia, no seu automóvel, num local de flerte homossexual e de prostituição bem conhecido de Roma, o Valle Giulia, perto da Villa Borghese. O seu automóvel, um Ford Focus, fora visto várias vezes rodando pelo local. No momento da tentativa de identificação, os policiais teriam percebido sombras dentro do carro, que estava totalmente escuro, sombras essas que se agitariam, enquanto os bancos pareciam inclinados. Tentam deter, então, por voyeurismo ou atentado ao pudor, o infeliz prelado que se assusta e foge no volante do automóvel. Então ocorre uma curta perseguição de vinte minutos, em Roma, que termina, como num verdadeiro filme de Hollywood, com um grande engavetamento. Duas viaturas da polícia ficam danificadas e três policiais saem feridos. "Não fazem ideia de quem eu sou! Não sabem com quem estão se metendo!", urra Burgazzi, com um olho roxo, no momento da sua detenção, depois de ter brincado um pouco demais com os carrinhos de bate-bate.

No fundo, o caso é tão banal, e tão frequente no Vaticano, que parece não levantar grande interesse. Há muitos desses enterrados nos arquivos das polícias de todo o mundo, pondo em cena padres, prelados e até cardeais. Mas, aqui, as coisas não são tão simples assim. Segundo a versão dos policiais, que afirmam ter mostrado a identificação oficial, teriam sido encontrados preservativos no carro do monsenhor Burgazzi, bem como as suas vestes sacerdotais, porque o padre foi detido à paisana. Para terminar, a polícia teria apreendido o telefone do prelado e identificado uma chamada feita "para um transexual brasileiro chamado Wellington".

Já Cesare Burgazzi insistiu que os policiais estavam à paisana e em carros disfarçados. Diz ter julgado, de boa-fé, que queriam assaltá-lo e que teria inclusive ligado várias vezes para a polícia. O prelado também nega ter contatado o transexual Wellington e contesta a existência de preservativos no carro. Afirma que vários pontos da declaração dos policiais são falsos e que os seus ferimentos eram mais leves do que eles disseram (algo que a justiça confirmará em recurso). Afinal de contas, Burgazzi jura que, julgando estar diante de uma tentativa de assalto, tentou apenas fugir.

Essa teoria de policiais disfarçados de assaltantes, ou vice-versa, parece no mínimo ilusória. No entanto, o prelado a reiterou com tanta frequência, e a polícia foi de tal modo incapaz de provar o contrário, que o processo durou mais do que o previsto. Em primeira instância, Burgazzi é liberado, atendendo à indefinição que rodeia as declarações da polícia. Mas ele recorre, tal como a acusação: ele, para ser totalmente absolvido; os policiais, para que seja condenado. Na segunda instância, a justiça, aceitando a versão da polícia, declara-o culpado. A essa altura, Burgazzi recorre para o supremo, onde o caso termina, oito anos depois da ocorrência, com uma absolvição definitiva de todas as acusações.

Se o veredito é claro, as circunstâncias do caso continuam sendo, no mínimo, obscuras. Entre outras hipóteses, não se exclui que Burgazzi tenha caído numa cilada. Segundo essa ideia, considerada por várias pessoas que conheciam bem o caso, precisamos saber que Burgazzi é um homem prudente e bem informado. No âmbito das suas funções no Vaticano, teria descoberto as práticas financeiras escandalosas e a vida dupla homossexual de vários cardeais do círculo mais próximo do papa João Paulo II: uma mistura abracadabrante de desvios de dinheiro do banco do Vaticano, de contas paralelas e de redes de prostituição. Cauteloso e, dizem, incorruptível, o fogoso Burgazzi teria feito cópias de todo o processo e colocado numa caixa-

forte, cuja combinação só o seu advogado sabe. Pouco depois, teria usado toda a sua coragem de uma só vez e pedido um encontro pessoal ao mais poderoso desses cardeais, a quem comunicara as suas descobertas, pedindo-lhe que se explicasse. Não conhecemos o teor da conversa. O que sabemos, em compensação, é que Burgazzi não transmitiu o dossiê à imprensa — uma prova da sua fidelidade à Igreja e aversão ao escândalo.

A ameaça brandida por Burgazzi esteve relacionada com o caso rocambolesco da Villa Borghese? É possível que o poderoso cardeal implicado no dossiê tenha tido medo e procurado neutralizar o prelado? Teria sido armada uma emboscada que comprometesse Burgazzi e o obrigasse ao silêncio, com a colaboração de redes próximas da polícia italiana e talvez inclusive de policiais verdadeiros (um chefe de polícia era conhecido por ser próximo do cardeal em questão)? Será que queriam comprometê-lo a ponto de as suas possíveis revelações perderem toda a credibilidade? Todas essas perguntas provavelmente ficarão em suspenso durante muito tempo.

Sabe-se, no entanto, que o papa Bento XVI, eleito durante o longo processo judicial que se seguiu, insistiu para que Burgazzi recuperasse o seu cargo na Secretaria de Estado. Teria o encontrado inclusive numa missa e dito: "Sei tudo; continue" (segundo uma testemunha de primeira mão para quem Burgazzi contou).

Esse apoio inesperado do papa em pessoa revela a agitação que o caso suscitou no Vaticano e dá certo crédito à hipótese de uma manipulação, na medida em que podemos nos espantar com as declarações tão mal construídas dos policiais, com as suas provas duvidosas, que a justiça repudiou definitivamente. Terão sido fabricadas? Com que fim? Para que mandatário? É possível que Cesare Burgazzi tenha sido vítima de uma trama organizada por um dos seus pares, para silenciá-lo ou chantageá-lo? O departamento

criminal do Supremo Tribunal italiano, ao inocentá-lo definitivamente e ao contestar a versão dos policiais, tornou críveis essas hipóteses.

Os casos de dinheiro e costumes, com frequência estreitamente imbricados no Vaticano, são, portanto, uma das chaves de Sodoma. O cardeal Raffaele Farina, um dos que melhor conhecem esses escândalos financeiros (presidiu, a pedido de Francisco, a comissão de reforma do banco do Vaticano), foi o primeiro a me pôr na pista dessas ligações cruzadas. Durante duas longas entrevistas que me concedeu no seu domicílio na santa sé, na presença do meu pesquisador italiano, Daniele, Farina evocou esses conluios improváveis como acoplados, assim como "dois demônios atrelados ao mesmo desígnio", uma referência a Shakespeare.

Claro que o cardeal não me forneceu os nomes, mas sabíamos, tanto ele como eu, a quem aludia ao enfatizar, com a certeza daquele que detém provas disso, que, no Vaticano, a adoração dos rapazes anda de mãos dadas com a adoração do bezerro de ouro.

As explicações esboçadas por Farina e confirmadas por vários outros cardeais, bispos e peritos do Vaticano, são realmente regras sociológicas. A porcentagem muito elevada de homossexuais no cerne da Cúria Romana explica, para começar, estatisticamente, se assim podemos dizer, que inúmeros deles estejam no centro das intrigas financeiras. Soma-se a isso o fato de que, para manter relações num universo tão fechado e controlado, enquadrado por guardas suíços, a gendarmaria e o disse me disse, é preciso se mostrar extremamente prudente, o que proporciona apenas quatro soluções: a primeira é a monogamia, escolhida por uma proporção significativa de prelados, que têm, de fato, menos aventuras do que os outros. Quando não estão em uniões estáveis, os homossexuais se dedicam a uma vida mais complicada, que abrange apenas três opções: viajar para encontrar a liberdade

sexual (é a via suntuosa tomada com frequência pelos núncios e os redatores de minutas da Secretaria de Estado), frequentar bares especializados, ou recorrer a prostitutos externos. Nos três casos, é preciso ter dinheiro. Ora, o salário de um padre se dá geralmente entre mil e 1500 euros mensais, muitas vezes com pensão e alojamento de função incluídos — quantia insuficiente para satisfazer esses desejos complexos. Os padres e bispos do Vaticano não têm recursos: são, dizem, do tipo que "ganha salário mínimo e leva vida de príncipe".

Afinal de contas, a vida dupla de um homossexual no Vaticano implica um controle muito estrito da sua vida privada, uma cultura do segredo e necessidade de dinheiro: tudo incitação à camuflagem e à mentira. Tudo isso explica as ligações perigosas entre o dinheiro e o sexo, a multiplicação das fraudes financeiras e das intrigas homossexuais e os círculos de luxúria que se desenvolveram sob João Paulo II, numa cidade que se tornou um modelo de corrupção.

12. Os guardas suíços

Nathanaël enfrentou dois problemas no Vaticano: as mulheres e os homossexuais. A raridade das primeiras e a onipresença dos segundos.

Encontrei esse guarda suíço por acaso na cidade. Eu estava um pouco perdido no emaranhado de escadas e ele me indicou o caminho. Não era uma pessoa arisca, então iniciamos uma conversa.

A princípio, pensei que Nathanaël fizesse parte do pessoal contratado que trabalha no interior do Vaticano para fazer consertos. O macacão azul que usava nesse dia dava a ele o aspecto de um operário italiano qualquer. Assim, fiquei surpreendido ao vê-lo, alguns dias depois, com a chamada farda "de gala" vermelha, amarela e azul: era um guarda suíço! Um guarda suíço com uma caixa de ferramentas!

Entrei novamente em contato com Nathanaël algum tempo depois, durante uma nova estada em Roma, e dei de cara com a sua recusa educada, mas firme, de me encontrar de novo. Só depois eu viria a saber que se tratava de uma das regras impostas aos guardas suíços. Por razões que não convém revelar, acabou aceitando falar comigo e adquirimos o hábito de nos encontrarmos no café Makasar, no Borgo, um local situado a alguns minutos a pé do quartel da guarda suíça, mas cuja discrição, longe dos estabelecimentos frequentados pelos *monsignori* ou pelos turistas, correspondia ao que ambos procurávamos.

Grande, de rosto alongado, sedutor, Nathanaël era muito sociável, sem nenhuma dúvida. Desde o nosso primeiro encontro, disse o seu nome (alterado aqui) e seu número de telefone; o seu sobrenome só me foi revelado posteriormente, e por acaso, quando inseri as suas coordenadas no meu

smartphone e o seu número de celular encontrou uma correspondência imediata com o perfil dele no Google+. No entanto, Nathanaël não está nem no Instagram nem no Facebook, tampouco encontramos fotos suas no Google Images, segundo uma regra estrita do Vaticano que impõe uma discrição extrema aos guardas suíços.

— Nem selfies, nem perfis nas redes sociais — confirma Nathanaël.

As mulheres e os homossexuais constituíram, portanto, os dois principais problemas do guarda suíço na santa sé. Desde que assumiu o seu cargo, conseguiu ir para a cama "com dez mulheres", diz ele, mas a obrigação de celibato é um peso. Aliás, as regras são rigorosas.

— É preciso estar na caserna antes da meia-noite e nunca se pode dormir fora. Estamos proibidos de viver em casal, e o casamento só é autorizado aos oficiais superiores, sendo estritamente proibido levar mulheres para o quartel. Somos desaconselhados a nos encontrar com elas na cidade, e a delação muitas vezes é incentivada.

Essas obsessões pudicas dos velhos bichos-papões do Vaticano irritam Nathanaël, que considera que as questões essenciais, relacionadas às missões soberanas da guarda, não devem ser levadas em consideração; o mesmo se passa com a segurança do papa, que, segundo ele, deixaria a desejar. Saliento que entrei frequentemente no Vaticano pela porta chamada Arco delle Campare — a mais mágica de todas, sob o relógio à esquerda de são Pedro de Roma — sem precisar mostrar qualquer documento de identidade e sem que a minha bolsa fosse revistada, porque um cardeal ou um simples padre residente no interior vinham me buscar. O guarda suíço fica consternado com as minhas experiências.

Ao longo de dez encontros secretos no café Makasar, Nathanaël revela o que de fato o aborrece no Vaticano: a abordagem recorrente e, por vezes, agressiva de determinados cardeais.

— Se algum desses me tocar, quebro a cara dele e peço demissão — afirma, sem meias palavras.

Nathanaël não é gay, nem sequer *gay-friendly*; compartilha comigo a sua revolta diante do número de cardeais e bispos que já lhe fizeram investidas (inclusive, revela os seus nomes). Está traumatizado com o que descobriu no Vaticano a respeito da vida dupla, de investidas e até de assédio.

— Fiquei enojado com o que vi e ainda não me recompus totalmente. E dizer que jurei "sacrificar a minha vida", se necessário, por esse papa!

No entanto, aquela semente já não estava plantada desde a origem? A guarda suíça foi fundada pelo papa Júlio II, em 1506, e a sua bissexualidade está bem comprovada. Quanto ao uniforme do menor exército do mundo, um traje renascentista que parece a bandeira do arco-íris e um capacete de sentinela com duas pontas ornado com plumas de garça-real, foi concebido, segundo a lenda, por Michelangelo.

Um tenente-coronel dos *carabinieri* me confirma, em Roma, que os guardas suíços estão obrigados a um estrito segredo profissional:

— Há uma omertà incrível. Nos ensinam a mentir pelo papa, por razões de Estado. Os casos de assédio ou abusos sexuais são numerosos, mas abafados, e sempre tornaram a guarda suíça diretamente responsável pelo que lhe aconteceu. Fazem-nos compreender bem que, se falarem, nunca mais arranjarão um emprego. Em compensação, caso se comportem bem, são ajudados a encontrar um lugar quando voltarem à vida civil na Suíça. A sua carreira futura depende dos seus silêncios.

Durante a minha pesquisa, entrevistei onze guardas suíços. Além de Nathanaël, com quem convivi regularmente em Roma, a maior parte dos meus contatos foi estabelecida durante a peregrinação militar a Lourdes ou, na Suíça, com antigos guardas com os quais pude me encontrar durante mais de

trinta estadas em Zurique, Basileia, St. Gallen, Lucerna, Genebra e Lausanne. Foram fontes confiáveis e de primeira mão para este livro, me informando sobre os costumes da Cúria e a vida dupla de inúmeros cardeais que naturalmente tiveram casos com eles.

Conheci Alexis na cervejaria Versailles. Todos os anos, durante uma grande peregrinação, milhares de policiais, gendarmes e membros das Forças Armadas do mundo inteiro, todos eles católicos praticantes, encontram-se em Lourdes, uma cidade francesa dos Pireneus. Tradicionalmente, a peregrinação conta com a participação de um grupo de guardas suíços, entre os quais precisamente Alexis, no ano em que fui até lá. (O nome foi alterado.)

— Eis finalmente os guardas suíços — exclama em voz alta Thierry, o dono da Versailles, contentíssimo com a chegada desses soldados coloridos que atraem os clientes e aumentam o seu faturamento.

A peregrinação militar a Lourdes é um festival cáqui ou multicolorido em que estão representadas dezenas de países: veem-se chapéus com plumas fluorescentes, sabres afiados que brilham, pompons, homens de kilt e todos os tipos de fanfarras. Ali, eles rezam com fervor e se entregam aos excessos da bebida, mais especificamente no Pont Vieux. Aí, vejo centenas de militares católicos embriagados que cantam, dançam e flertam. As mulheres são raras; os homossexuais estão no armário. É um verdadeiro banho de álcool para cristãos!

Nessa imensa bebedeira, os guardas suíços continuam, apesar de tudo, sendo a atração número um, como havia revelado o tenente-coronel dos *carabinieri* que facilitou os trâmites para que eu participasse da peregrinação de Lourdes.

— Você vai ver — disse o gendarme — que, longe de Roma, os guardas suíços ficam mais descontraídos. A pressão é menor do que no Vaticano, o

controle dos oficiais se abranda e o álcool torna as conversas mais fluidas. Aí eles começam a falar!

De fato, Alexis baixa a guarda:

— Em Lourdes, não usamos o uniforme de gala em todos os momentos — diz o jovem, que acabou de chegar à Brasserie Versailles. — Ontem à noite, estivemos à paisana, apenas de gravata. É perigoso para a nossa imagem usarmos o uniforme vermelho, amarelo e azul se estivermos um pouco alegres!

Alexis não é mais *gay-friendly* do que Nathanaël. Desmente com veemência a ideia segundo a qual a guarda pontifical suíça contaria com uma porcentagem elevada de homossexuais. Desconfia de que quatro ou cinco colegas seus são "provavelmente gays" e conhece, claro, os rumores sobre um dos responsáveis da guarda suíça de Paulo VI, que vive hoje com o seu companheiro na periferia de Roma. Sabe também, como todo mundo, que vários cardeais e bispos estiveram no centro das atenções, vivendo maritalmente com um guarda suíço. E, claro, sabe da história do triplo homicídio, dentro do Vaticano, de que um jovem cabo da guarda, Cédric Tornay, teria assassinado, "num momento de loucura", o comandante da guarda suíça e a esposa dele.

— É a versão oficial, mas, entre os guardas, ninguém acredita nela — diz Alexis. — Na verdade, Cédric foi *suicidado*! Foi assassinado, tal como o seu comandante e a esposa dele, antes de terem feito uma encenação macabra para levar a crer que houve um suicídio após o duplo homicídio. (Não vou voltar aqui a este caso dramático que já deu muito o que falar e sobre o qual circulam as teorias mais estapafúrdias. Entre elas, basta, para o nosso propósito, recordar que a hipótese de uma ligação entre o jovem cabo e o seu comandante foi avançada por vezes, sem necessariamente convencer, a menos que a sua ligação, real ou pretensa, possa ter sido utilizada para esconder um

outro motivo para o crime. De qualquer modo, o mistério continua. Por uma questão de justiça, o papa Francisco poderia reabrir esse processo obscuro.)

Tal como Nathanaël, Alexis foi seduzido por dezenas de cardeais e bispos, a ponto de ter considerado pedir demissão da guarda:

— O assédio é tão insistente que falei a mim mesmo que voltaria para casa imediatamente. Muitos de nós ficam desesperados com as abordagens, em geral pouco discretas, dos cardeais e dos bispos.

Alexis relata que um dos seus colegas era chamado regularmente, no meio da noite, por um cardeal que dizia precisar dele no seu quarto. Outros incidentes da mesma natureza foram revelados pela imprensa: do simples presente aparentemente inofensivo, deixado em cima da cama de um guarda suíço, acompanhado por um cartão de visita, a tentativas de abordagem mais atrevidas, que poderiam ser classificadas como assédio ou agressões sexuais.

— Levei muito tempo para perceber que, no Vaticano, estávamos rodeados por homens frustrados, que consideram os guardas suíços carne fresca. Eles nos impõem o celibato e nos negam o direito de casar porque querem nos isolar só para eles. É simples assim. São completamente misóginos, perversos. O que eles mais queriam era que fôssemos como eles: homossexuais enrustidos!

Segundo Alexis, Nathanaël e pelo menos mais treze ex-guardas entrevistados na Suíça, as normas internas são bastante precisas no que se refere à homossexualidade, embora nunca seja referida como tal durante a sua formação. Os guardas suíços são convidados a dar prova de uma "enorme gentileza" para com os cardeais, bispos "e todos os *monsignori*". Pede-se àqueles que são considerados soldados rasos que sejam muito obsequiosos e de uma delicadeza extrema. Nunca devem criticar uma eminência ou uma excelência, nem lhes recusar o que quer que seja. Afinal, um cardeal é o apóstolo de Cristo na terra!

Por outro lado, essa cortesia deve ser uma fachada, segundo uma regra tácita da guarda. A partir do momento em que um cardeal dá o seu número de telefone a um jovem militar ou o convida para tomar café, o guarda suíço deve recusar educadamente e comunicar que não está disponível. Se for insistente, o sacerdote deve receber sempre a mesma recusa, e o encontro, caso tenha sido aceito por medo das consequências, deve ser cancelado, sob um pretexto qualquer de obrigação no serviço. Nos casos de assédio mais evidentes, os guardas suíços são exortados a falar do assunto aos seus superiores, mas ao não responderem, criticarem ou denunciarem um prelado, em hipótese nenhuma. O caso é quase sempre arquivado sem prosseguimento.

Tal como os outros guardas suíços, Alexis confirma o grande número de homossexuais no Vaticano. Utiliza palavras contundentes: "domínio", "onipresença", "supremacia". Essa homossexualidade enraizada chocou profundamente a maioria dos guardas que entrevistei. Nathanaël, depois de terminado o seu serviço e ter oficializada a sua "libertação", espera nunca mais pôr os pés no Vaticano, "exceto em férias com a minha esposa". Outro guarda suíço, entrevistado na Basileia, confirma que a homossexualidade dos cardeais e dos prelados é um dos temas mais discutidos no quartel, e as histórias que ouvem de seus camaradas aumentam ainda mais as que eles próprios testemunharam.

Com Alexis, assim como fiz com Nathanaël e os outros guardas suíços, evocamos os nomes verdadeiros, e a lista dos cardeais e arcebispos que o cortejaram é tão comprida quanto a Cappa Magna do cardeal Burke. Apesar de ter informações sobre o assunto, esses testemunhos me surpreendem: o número dos eleitos é ainda maior do que eu imaginava.

Por que é que aceitaram falar comigo tão livremente, a ponto de se espantarem com a própria ousadia? Não por inveja ou vaidade, como inúmeros cardeais e bispos; nem para ajudar a causa, como a maioria dos meus

contatos gays no interior do Vaticano; mas por decepção, como homens que perderam as suas ilusões.

E eis que Alexis me transmite agora outro segredo. Se entre os graduados que, como disse, estão autorizados a se casar estão pouquíssimos homossexuais, as coisas são diferentes entre os confessores, capelães e padres que rodeiam os guardas suíços:

— Pedem que a gente vá à capela que está reservada para nós e se confesse pelo menos uma vez por semana. Ora, nunca vi um grupo com tantos homossexuais quanto o dos capelães da guarda suíça — declara Alexis.

O jovem me dá o nome de dois capelães e confessores da guarda que, segundo ele, seriam gays (informações que seriam confirmadas por outro guarda germano-suíço e um padre da Cúria). Apontam também o nome de um desses capelães que morreu de aids (o jornalista suíço Michael Meier também revelou seu nome num artigo no jornal *Tages-Anzeiger*).

Durante inúmeras estadas na Suíça, para onde vou todos os meses há vários anos, me encontrei com advogados especializados e responsáveis de diversas associações de defesa dos direitos humanos (como a SOS Rassismus und Diskriminierung Schweiz), que me chamaram a atenção para certas discriminações que afetam a guarda suíça, desde o processo de recrutamento até o código de boa conduta aplicado no interior do Vaticano.

Assim, segundo um advogado suíço, o estatuto da associação que recruta os futuros guardas suíços na confederação seria ambíguo. É uma pessoa jurídica de direito suíço, ou de direito italiano, ou ainda de direito canônico da santa sé? O Vaticano mantém essa ambiguidade no ar para jogar nas três frentes. Ora, uma vez que o processo de recrutamento desses cidadãos helvéticos ocorre na Suíça, deveria estar de acordo com o direito do trabalho, uma lei que se aplica inclusive às empresas estrangeiras que exercem atividades no

país. Dessa forma, as regras de recrutamento dos guardas são consideradas discriminatórias: as mulheres estão excluídas (ao passo que são aceitas no Exército suíço); um jovem casado ou em união de fato não pode se candidatar, sendo aceitos apenas os solteiros; a sua reputação precisa ser "irrepreensível" e deve ser calcada nos "bons costumes" (fórmulas que visam implicitamente eliminar não só os gays, mas também as pessoas transexuais); quanto aos imigrantes, apesar de serem tão caros ao papa Francisco, estão igualmente afastados do recrutamento. Finalmente, há poucos — ou nenhum — deficientes, negros ou asiáticos, entre os guardas, o que pode nos levar a pensar que as suas candidaturas tampouco sejam consideradas.

Segundo os advogados que consultei, a mera proibição de ser casado seria discriminatória na Suíça, sem contar que também está em contradição com os princípios de uma Igreja que pretende incentivar o casamento e proibir todas as relações fora dele.

Pedi que interrogassem em alemão, por meio desse advogado, os responsáveis da guarda suíça quanto a essas anomalias jurídicas, e as suas respostas são significativas. Repudiam a ideia de discriminação porque as restrições militares imporiam determinadas normas (contrárias, no entanto, ao código específico do Exército suíço, que tem em conta especificidades quanto à idade e condições físicas dos recrutas). Em se tratando da homossexualidade, nos comunicaram, por escrito, "que ser gay não é um problema quanto ao recrutamento, desde que não seja 'assumidamente gay', visível, nem feminino demais". Finalmente, as normas orais transmitidas durante a formação dos guardas suíços e o seu código de conduta (o *Regolamento della Guardia Svizzera Pontificia*, que adquiri, e cuja última edição, prefaciada pelo cardeal Sodano, data de 2006) contêm também irregularidades em matéria de discriminação, direito do trabalho e silêncio em caso de assédio.

Trata-se de anomalias não só jurídicas, em relação ao direito suíço, italiano ou europeu, mas também morais e teológicas, que dizem muito sobre as particularidades de um Estado indubitavelmente fora das normas.

13. A cruzada contra os gays

No momento em que o papa João Paulo II protege Marcial Maciel e que uma parte do seu círculo próximo seduz os guardas suíços e se entrega à luxúria, o Vaticano trava a sua grande batalha contra os homossexuais.

Essa guerra não tem nada de novo. O fanatismo contra eles existe desde a Idade Média, o que não impediu de que dezenas de papas fossem suspeitos de ter orientação homossexual, incluindo Pio XII e João XXIII — continuando a ser regra uma forte tolerância interna acompanhada de vivas críticas externas. A Igreja sempre foi mais homofóbica nas suas palavras do que nas práticas do seu clero.

No entanto, esse discurso público do catolicismo se torna mais rígido no fim da década de 1970. A Igreja foi pega de surpresa pela revolução dos costumes que não previu, nem compreendeu. O papa Paulo VI, que não via esse assunto com grande clareza, reagiu logo em 1975 com a célebre "declaração" *Persona humana*, que se insere na dinâmica da encíclica *Humanae vitae*: o celibato dos padres é confirmado; a castidade, valorizada; as relações sexuais antes do casamento são proibidas e a homossexualidade é violentamente repudiada.

Em grande medida, e no plano doutrinal, o pontificado de João Paulo II (1978-2005) se insere nessa continuidade, agravando-a, no entanto, por meio de um discurso cada vez mais homofóbico no exato momento em que o seu círculo próximo se lança numa nova cruzada contra os gays (Angelo Sodano, Stanisław Dziwisz, Joseph Ratzinger, Leonardo Sandri, Alfonso López Trujillo, entre outros, estão nesse processo).

A partir do ano da sua eleição, o papa impede o debate. Num discurso de 5 de outubro de 1979, pronunciado em Chicago e dirigido a todos os bispos americanos, convida-os a condenar os chamados atos antinaturais: "Como pastores cheios de compaixão, haveis tido razão ao dizer que 'a atividade homossexual, que deve ser distinguida da tendência homossexual, é moralmente má'. Pela clareza dessa verdade, provastes o que é a verdadeira caridade de Cristo; não haveis traído aqueles que, por causa da homossexualidade, se encontram confrontados com problemas morais penosos, como teria sido o caso se, em nome da compreensão e da piedade, ou por qualquer outra razão, tivésseis oferecido falsas esperanças aos nossos irmãos ou às nossas irmãs". (Vale salientar a expressão "ou por qualquer outra razão", que poderia ser uma alusão aos hábitos bem conhecidos do clero americano.)

Por que João Paulo II decide aparecer, e tão precocemente, como um dos papas mais homofóbicos da história da Igreja? Segundo o vaticanista americano Robert Carl Mickens, que mora em Roma, haveria dois fatores essenciais:

— É um papa que nunca conheceu a democracia; consequentemente, decidiu tudo sozinho, com as suas intuições geniais e os seus preconceitos arcaicos de católico polonês, principalmente os relacionados com a homossexualidade. Depois, o seu modus operandi, a sua linha durante todo o seu pontificado, é a unidade: pensa que uma Igreja dividida é uma Igreja fraca. Impôs uma grande rigidez para proteger essa unidade, e a teoria da infalibilidade pessoal do sumo pontífice se encarregou do resto.

A escassa cultura democrática de João Paulo II é por vezes relatada, tanto em Cracóvia quanto em Roma, por aqueles que o conheceram, bem como a sua misoginia e homofobia. No entanto, o papa tolera muito bem a onipresença de homossexuais no seu círculo próximo. São tão numerosos, tão

praticantes, entre os seus ministros e os seus assistentes, que não pode ignorar os seus modos de vida e não apenas as suas "tendências". Então, por que manter tal esquizofrenia? Por que permitir tamanha hipocrisia? Por que uma intransigência pública e uma tolerância privada dessa maneira? Por quê? Por quê?

A cruzada que João Paulo II vai lançar contra os gays, contra o preservativo e, em seguida, contra as uniões de fato se insere, portanto, num novo contexto. E, para descrevê-la, é preciso entrar no cerne da máquina vaticana, que, por si só, permite compreender a sua violência, o seu motor psicológico profundo — o ódio a si mesmo que funciona como o seu potente motor secreto — e, finalmente, o seu fracasso. Porque é uma guerra que João Paulo II vai perder.

Vou contá-la, para começar, a partir da experiência de um *ex-monsignore*, Krzysztof Charamsa, um simples elo da máquina de propaganda, que nos revelou a parte sombria dessa história ao assumir sua homossexualidade. Em seguida, concentrarei as atenções num cardeal da Cúria, Alfonso López Trujillo, que foi um dos seus principais atores — e cujo percurso segui minuciosamente na Colômbia, por toda a América Latina e depois em Roma.

A primeira vez que ouvi falar de Krzysztof Charamsa foi através de um e-mail: o dele. O prelado entrou em contato comigo quando ainda trabalhava para a Congregação para a Doutrina da Fé. O padre polonês disse que tinha gostado do meu livro *Global Gay* e me pedia ajuda para cobrir a saída do armário que ele se preparava para fazer e que me confiava sob sigilo. Como eu não sabia se estava diante de um prelado importante, como ele afirmava, ou de um charlatão, consultei meu amigo italiano Pasquale Quaranta, jornalista do *La Repubblica*, a fim de verificar a sua biografia.

Depois de confirmada a autenticidade do testemunho, troquei alguns e-mails com o monsenhor Charamsa, recomendei-lhe o nome de alguns

jornalistas e, em outubro de 2015, logo antes do sínodo sobre a família, a sua revelação altamente divulgada na imprensa chamou todas as atenções e deu a volta ao mundo.

Eu me encontrei com Krzysztof Charamsa alguns meses depois, em Barcelona, onde se exilara depois de ter sido exonerado das suas funções pelo Vaticano. Agora um ativista *queer* e militante pela independência da Catalunha, me causou uma excelente impressão. Jantamos a três com Éduard, o seu namorado, e sentia nele, bem como no olhar que lançava ao companheiro, um certo orgulho, como alguém que tivesse acabado de fazer, sozinho, a sua pequena revolução, o seu "Stonewall de um homem só".

— Você já se deu conta do que ele fez? Da sua coragem? Foi capaz de fazer tudo isso por amor. Por amor ao homem que ama — disse Pasquale Quaranta.

Nós nos vimos também em Paris no ano seguinte e, durante diversas conversas, Charamsa me contou a sua história, que transformaria em livro mais tarde, *La Première Pierre*. Nas suas entrevistas e nos seus escritos, o ex-padre manteve sempre uma espécie de contenção, de reserva, talvez por receio ou por forma de expressão estereotipada, que o impediria de contar toda a verdade. No entanto, se ele *realmente* falasse um dia, o seu testemunho seria capital, porque Charamsa esteve no cerne da máquina de guerra homofóbica do Vaticano.

A Congregação para a Doutrina da Fé foi chamada durante muito tempo de o Santo Ofício, estando a seu cargo a lamentavelmente célebre Inquisição e o seu famoso *Índex*, a lista dos livros censurados ou proibidos. Esse Ministério do Vaticano continua hoje em dia, tal como o seu nome indica, fixando a doutrina e definindo o bem e o mal. Sob João Paulo II, esse dicastério estratégico, o segundo por ordem protocolar, após a Secretaria de Estado, era dirigido pelo cardeal Joseph Ratzinger. Foi ele que pensou e promulgou a

maioria dos textos contra a homossexualidade e examinou a maior parte dos processos de abusos sexuais na Igreja.

Krzysztof Charamsa trabalhava lá como consultor e secretário-adjunto da comissão teológica internacional. Completo o seu relato recorrendo aos de quatro outros testemunhos internos: os de outro consultor, de um membro da comissão, de um perito e de um cardeal membro do conselho dessa Congregação. Além disso, tive a oportunidade de passar inúmeras noites, graças à hospitalidade de padres compreensivos, no santo dos santos: uns apartamentos do Vaticano perto da Piazza di Santa Marta, a alguns metros do Palazzo del Sant'Uffizio.

A Congregação para a Doutrina da Fé reúne cerca de quarenta assalariados permanentes, chamados *ufficiali*, *scrittori* ou *ordinanze*, geralmente padres de confiança muito ortodoxos e fiéis (Charamsa se refere a eles como "funcionários da Inquisição"). Na sua maioria são altamente diplomados, com frequência em teologia, bem como em direito canônico ou em filosofia. São assistidos por trinta *consultori* externos.

De modo geral, cada "processo inquisitorial" (hoje diríamos "ponto de doutrina") é estudado pelos funcionários, discutido em seguida pelos peritos e consultores, antes de ser submetido ao conselho dos cardeais que o ratifica. Essa aparente horizontalidade, fonte de debates, esconde na realidade uma verticalidade: só um homem está autorizado a interpretar os textos e a ditar "a" verdade, porque o prefeito da Congregação (Joseph Ratzinger, sob João Paulo II, William Levada e depois Gerhard Müller sob Bento XVI — ambos submissos a Ratzinger) tem, naturalmente, o controle sobre todos os documentos: propõe, altera e valida os textos antes de apresentá-los ao papa, durante audiências privadas decisivas. O santo padre tem a última palavra. Percebe-se — aliás, sabemos isso desde Nietzsche — que a moral é sempre um instrumento de domínio.

Também é um terreno propício à hipocrisia. Entre os vinte cardeais que figuram atualmente no organograma da Congregação para a Doutrina da Fé, acreditamos que haja entre eles cerca de uma dúzia de homossexuais praticantes. Pelo menos cinco vivem com um companheiro. Três recorrem regularmente a prostitutos. (O monsenhor Viganò critica ou expõe a orientação de sete deles na sua *Testimonianza*.)

A Congregação é, consequentemente, um caso clínico interessante e o coração da hipocrisia vaticana. Ouçamos Charamsa: "Sendo em boa parte homossexual, esse clero impõe o ódio aos homossexuais, isto é, o ódio a si mesmo, num ato masoquista desesperado".

Segundo Krzysztof Charamsa, bem como os outros testemunhos internos, a questão homossexual se torna, sob o prefeito Ratzinger, uma verdadeira obsessão doentia. As poucas linhas do Antigo Testamento dedicadas a Sodoma são lidas e relidas na instituição; a ligação entre Davi e Jônatas é reinterpretada incessantemente, tal como a frase de Paulo, no Novo Testamento, que confessa o seu sofrimento por ter "um espinho na carne" (Paulo sugere assim a sua homossexualidade). E de repente, quando se está alucinado por esse desamparo, quando se compreende que o catolicismo abandona e angustia a existência, talvez comecem a chorar em segredo?

Esses eruditos homofóbicos da Congregação para a Doutrina da Fé têm o próprio código SWAG — Secretly We Are Gay. Quando esses padres conversam entre si, jargão esplêndido, a respeito do apóstolo João, o "discípulo que Jesus amava", esse "João, já querido mais do que os outros", aquele que "Jesus, tendo-o olhado, amou", sabem muito bem o que querem dizer; e quando evocam a imagem da cura, por Jesus, de um jovem criado de centurião, "que lhe era caro", segundo as insinuações bem apoiadas do Evangelho segundo são Lucas, o significado de tudo isso não apresenta

dúvidas aos seus olhos. Sabem que pertencem a um povo maldito — e a um povo eleito.

Durante os nossos encontros em Barcelona e em Paris, Charamsa descreve minuciosamente esse universo secreto, a mentira tão agarrada aos corações, a hipocrisia erigida como norma, a linguagem estereotipada, a lavagem cerebral, e revela tudo isso em tom de confissão, como se desvendasse a intriga de *O nome da rosa*, na qual os monges se cortejam e trocam favores entre si até o dia em que, tomado pelo remorso, um jovem monge se atira de uma torre.

— Eu lia e trabalhava o tempo todo. Só fazia isso. Era um bom teólogo. Foi por isso que os teólogos da Congregação ficaram tão surpreendidos quando eu saí do armário. Esperavam isso de todo mundo, menos de mim — conta o padre polonês.

Durante muito tempo, o ortodoxo Charamsa obedeceu às ordens sem qualquer remorso e contribuiu inclusive para a escrita de textos de uma violência inaudita contra a homossexualidade "objetivamente desordenada". Sob João Paulo II e o cardeal Ratzinger, é mesmo um festival. O sílabo, na sua totalidade, não contém palavras suficientemente duras contra os gays. A homofobia se exibe à exaustão em dezenas de declarações, exortações, cartas, instruções, considerações, observações, homilias, motu proprio e encíclicas a tal ponto que seria penoso listar aqui todas essas "bulas".

O Vaticano tenta proibir a entrada dos homossexuais nos seminários (sem se dar conta de que, desse modo, esgota as vocações); legitima a sua exclusão do Exército (na época, até os Estados Unidos decidem suspender a regra do "*Don't ask, don't tell*"); propõe-se a legitimar teologicamente as discriminações de que os homossexuais possam ser alvo no seu trabalho; e, claro, condena as uniões do mesmo sexo e o casamento.

No dia seguinte à World Gay Pride, a Parada Mundial do Orgulho Gay, que se realizou em Roma, em 8 de julho de 2000, João Paulo II toma a palavra

durante a oração tradicional do Ângelus para denunciar "as manifestações bem conhecidas" e afirmar a sua "tristeza pela afronta feita ao Grande Jubileu do ano 2000". No entanto, os fiéis se encontram em pequeno número nesse fim de semana, em comparação às 200 mil *gay-friendly* que desfilam pelas ruas de Roma durante o festival.

"A Igreja dirá sempre o que está indo bem e o que está indo mal. Ninguém pode exigir dela que ache justa uma coisa que é injusta segundo a lei natural e a lei evangélica", afirma, na época desse festival, o cardeal Angelo Sodano, que fez tudo o que pôde para proibir o desfile LGBT. Também são dignos de nota, no mesmo momento, os ataques do cardeal Jean-Louis Tauran, que reprova essa manifestação "durante o ano Santo" e os do bispo auxiliar de Roma, o monsenhor Rino Fisichella, cuja divisa episcopal é "Escolhi o caminho da verdade" e que não encontra palavras suficientemente duras para criticar a World Gay Pride! Aliás, circulou uma piada por todo o Vaticano para explicar essas três manifestações combativas: os cardeais estavam furiosos contra a parada gay porque tinham lhes recusado um trio elétrico!

Por ter se assumido em meio a tanta repercussão ou por tê-lo feito tarde demais, Krzysztof Charamsa é, hoje, atacado tanto pela Cúria quanto pelo movimento gay italiano. O prelado se incomoda com a sua súbita transformação, que passou de homofóbico a assumidamente gay. Assim, me revelaram na Congregação para a Doutrina da Fé que a sua renúncia estaria ligada ao fato de não ter obtido uma promoção que esperava. A sua homossexualidade já teria sido descoberta, uma vez que havia vários anos que vivia com o seu namorado.

Um prelado da Cúria, bom conhecedor do processo e também homossexual, explica:

— Charamsa estava no coração da máquina homofóbica vaticana. Levava uma vida dupla: atacava os gays em público e vivia com o seu amante na esfera

privada. Durante muito tempo, adaptou-se a esse sistema, que de repente condenou, nas vésperas do sínodo, trazendo dificuldades à ala liberal da Cúria. O problema é que ele teria conseguido, tal como eu e outros, se colocar ao lado dos progressistas, como os cardeais Walter Kasper ou o bastante *friendly* Christoph Schönborn. Em vez disso, passou anos denunciando-os e atacando-os. Para mim, Charamsa continua sendo um mistério. (Esses julgamentos severos, típicos da contracampanha concluída pelo Vaticano, não contradizem em nada o relato de Krzysztof Charamsa, que reconheceu ter "sonhado vir a ser prefeito inquisidor" e participou de um verdadeiro "serviço de polícia das almas".)

Por outro lado, Charamsa não foi defendido pela comunidade gay italiana, que criticou o seu *pinkwashing*, como confirma este outro ativista:

— Nas suas entrevistas e no seu livro, não explicou nada do sistema. Só falou dele mesmo, da sua pessoa insignificante. Essa confissão não tem nenhum interesse: sair do armário em 2015... tem um atraso de cinquenta anos! O que nos teria interessado era que expusesse o sistema a partir de dentro, que descrevesse tudo, à la Soljenítsin.

É bem provável que se trate de um julgamento severo, embora Charamsa — e isso é um fato — não tenha sido o Soljenítsin gay do Vaticano que alguns poderiam esperar.

A cruzada contra os gays é conduzida, sob João Paulo II, por outro prelado ainda mais influente do que o ex-padre Charamsa. É um cardeal que esteve entre os mais próximos de João Paulo II, Alfonso López Trujillo, presidente do Conselho Pontifício para a Família.

Entramos aqui numa das páginas mais sombrias da história recente do Vaticano: o caso é tão extraordinário que talvez me alongue para explicá-lo.

Quem é Alfonso López Trujillo? A fera nasceu em 1935 em Villahermosa, na região de Tolima, na Colômbia. É ordenado padre em Bogotá, aos 25 anos e, dez anos depois, torna-se bispo auxiliar dessa mesma cidade, antes de ir para Medellín, onde é nomeado arcebispo, aos 43 anos. Percurso clássico, em suma, para um padre bem-nascido que nunca passou necessidades financeiras.

A carreira notável de Alfonso López Trujillo se deve muito ao papa Paulo VI, que reparou nele precocemente, quando da sua visita oficial à Colômbia, em agosto de 1968, e ainda mais a João Paulo II, que fez dele, desde o início do seu pontificado, o seu homem de confiança na América Latina. A razão dessa grande amizade é simples e idêntica à que o papa polonês tem, na mesma época, pelo núncio Angelo Sodano ou o padre Marcial Maciel: o anticomunismo.

Alvaro Léon, hoje em dia aposentado, foi durante muitos anos monge beneditino e, quando era um jovem seminarista, mestre de cerimônia de Alfonso López Trujillo em Medellín. É nessa cidade que me encontro com esse homem idoso, com um belo rosto exausto, acompanhado pelo meu principal pesquisador colombiano, Emmanuel Neisa. Alvaro Léon deseja aparecer no meu livro com o seu nome verdadeiro, "porque esperei tantos anos para falar", diz, "que agora quero fazê-lo por completo, com coragem e precisão".

Almoçamos num restaurante próximo à catedral de Medellín, e Alvaro Léon me conta com calma sobre a sua vida ao lado do arcebispo, dando um ar de suspense. Estaremos juntos até o fim da tarde, percorrendo a cidade e os seus cafés.

— López Trujillo não é daqui. Só estudou em Medellín e teve uma vocação tardia. Antes, estudava psicologia e só mais tarde se tornou seminarista na cidade.

Aspirante ao sacerdócio, o jovem López Trujillo é enviado para Roma para fazer os seus estudos de filosofia e teologia no Angelicum. Graças a um doutorado e a um bom conhecimento do marxismo, poderá lutar em pé de igualdade contra os teólogos de esquerda e combatê-los à direita — se não à extrema direita —, como vários de seus livros revelam.

De volta a Bogotá, o jovem é ordenado padre em 1960. Durante dez anos, dirige o ministério na sombra, já com uma grande ortodoxia e não sem alguns incidentes.

— Muito em breve, começaram a circular rumores sobre ele. Quando é nomeado bispo auxiliar de Bogotá, em 1971, um grupo de leigos e padres fixa, diante da catedral da cidade, uma petição para denunciar o seu extremismo e criticar a sua nomeação! Foi a partir desse momento que López Trujillo se tornou completamente paranoico — conta Alvaro Léon.

Segundo todas as testemunhas que entrevistei na Colômbia, a aceleração inesperada da carreira de López Trujillo ocorre no Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), que reúne regularmente o conjunto dos bispos latinos para definir as orientações da Igreja católica na América do Sul.

Uma das conferências fundadoras se realiza precisamente em Medellín, em 1968 (a primeira ocorreu no Rio de Janeiro, em 1955). Nesse ano, quando os campi universitários se inflamam na Europa e nos Estados Unidos, a Igreja católica está em plena efervescência na sequência de Vaticano II. O papa Paulo VI faz uma visita à Colômbia para lançar a Conferência do Celam.

Essa grande missa se revela decisiva: uma corrente progressista, que em breve será chamada "Teologia da Libertação" pelo padre peruano Gustavo Gutiérrez, aparece no encontro. É um divisor de águas na América Latina, onde setores importantes da Igreja se põem a valorizar uma "opção preferencial pelos pobres". Inúmeros bispos defendem a "libertação dos povos oprimidos", a descolonização, e denunciam as ditaduras militares da extrema

direita. Em breve, uma minoria envereda para a extrema esquerda, com os seus padres guevaristas ou castristas e aqueles que, em menor número, como os padres Camilo Torres Restrepo, colombiano, ou Manuel Pérez, espanhol, juntam o gesto à palavra e pegam em armas ao lado das guerrilhas.

Segundo o venezuelano Rafael Luciani, especialista em Teologia da Libertação, membro do Celam e professor de teologia no Boston College, "López Trujillo emerge de fato em reação à Conferência de Medellín". Durante vários encontros e jantares, Luciani me dá inúmeras informações sobre o Celam e o papel que o futuro cardeal desempenhou nesse conselho.

A Conferência de Medellín, cujos debates e declarações López Trujillo acompanhou de perto como simples padre, foi como um despertar para ele. Compreende que a Guerra Fria acabou de atingir a Igreja latino-americana. A sua leitura é maniqueísta, e basta-lhe seguir a sua vertente para escolher um campo.

Integrado pouco a pouco às instâncias administrativas do Celam, o jovem bispo recém-eleito começa o seu trabalho de lobby interno a favor de uma via política de direita, militando, ainda que discretamente, contra a Teologia da Libertação e a sua opção preferencial pelos pobres. O seu projeto: agir de maneira com que o Celam se ligue de novo a um catolicismo conservador. Ficará sete anos nesse conselho.

Nesse momento, está ligado ao Vaticano para concluir o seu trabalho ardiloso? Certamente, porque foi nomeado para o Celam graças ao apoio do Vaticano e, sobretudo, do influente cardeal italiano Sebastiano Baggio, antigo núncio no Brasil que assumiu a direção da Congregação para os Bispos. No entanto, o colombiano só se tornará o centroavante do dispositivo antiTeologia da Libertação de João Paulo II, a partir da Conferência de Puebla, realizada no México, em 1979.

— Em Puebla, López Trujillo foi muito influente, muito forte, lembro muito bem. A Teologia da Libertação era uma espécie de consequência do Vaticano II, dos anos 1960... e também do maio de 1968 na França [ri]. Por vezes era politizada demais e havia abandonado o verdadeiro trabalho da Igreja — explica o cardeal brasileiro Odilo Scherer, durante uma conversa em São Paulo.

Nesse ano, em Puebla, López Trujillo, então arcebispo, passa, portanto, à ação direta. "Preparem os bombardeiros", escreve a um colega, antes da conferência. Organiza-o minuciosamente fazendo, pelo que se diz, 39 viagens entre Bogotá e Roma para preparar a reunião. É ele quem se encarrega de que um teólogo como Gustavo Gutiérrez seja afastado da sala da conferência sob o pretexto de não ser bispo...

Quando a Conferência do Celam se inicia no México, com um discurso inaugural de João Paulo II, que se deslocou especialmente para a ocasião, López Trujillo tem um plano de batalha preciso: pretende reconquistar o poder do grupo progressista e fazer a organização se inclinar para a direita. Sempre treinado "como um pugilista antes do combate", segundo a sua expressão, está disposto a batalhar contra os padres "esquerdistas", algo que me é confirmado pelo célebre dominicano brasileiro Frei Betto, durante uma conversa no Rio de Janeiro:

— Na época, os bispos eram, em sua maioria, conservadores. Mas López Trujillo não era apenas um conservador: era uma pessoa da extrema direita. Estava abertamente a favor do grande capital e da exploração dos pobres: defendia mais o capitalismo do que a doutrina da Igreja. Tinha tendências cínicas. Na Conferência do Celam, em Puebla, chegou a agredir um cardeal!

Alvaro Léon, antigo colaborador de López Trujillo, continua:

— O resultado de Puebla é um êxito parcial de López Trujillo. Ele consegue recuperar o poder e ser eleito presidente do Celam, mas, ao mesmo tempo,

não se livrou da Teologia da Libertação, que continuará a fascinar um número importante de bispos.

Agora detentor do poder, Alfonso López Trujillo pode afinar a sua estratégia política e usar métodos heterodoxos para firmar a sua influência. Dirige o Celam com mão de ferro entre 1979 e 1983, e Roma aprecia ainda mais a sua combatividade, por ser concluída, como acontece com Marcial Maciel, por um "local". Já não é necessário enviar cardeais italianos jogados de paraquedas nem utilizar os núncios apostólicos para travar uma guerra contra o comunismo na América Latina: basta recrutar os bons latinos servis para "fazerem o trabalho".

E Alfonso López Trujillo é tão dedicado, tão fervoroso, que faz o seu trabalho de erradicação da Teologia da Libertação, com zelo, em Medellín, e logo em seguida em toda a América Latina. Num retrato irônico da revista *The Economist*, será mesmo apresentado com o seu solidéu vermelho de cardeal, verdadeira boina de Che Guevara às avessas!

O novo papa João Paulo II e o seu séquito cardinalício ultraconservador, que passaram a controlar o seu guerreiro López Trujillo, vão fazer da capitulação total da Teologia da Libertação a sua prioridade. Essa é também a linha de atuação americana: o relatório da comissão Rockefeller, redigido a pedido do presidente Nixon, estima, logo em 1969, que a Teologia da Libertação é mais perigosa do que o comunismo; na década de 1980, sob a administração de Ronald Reagan, a CIA e o Departamento de Estado ainda continuam a vigiar as ideias subversivas desses padres vermelhos latinos.

De sua parte, o sumo pontífice vai nomear, na América Latina, um número impressionante de bispos de direita e de extrema direita durante as décadas de 1980 e 1990.

— Os bispos nomeados na América Latina, durante o pontificado de João Paulo II, eram, em sua maioria, próximos da Opus Dei — confirma o professor

Rafael Luciani.

Paralelamente, o cardeal Joseph Ratzinger, que assumiu a chefia da Congregação para a Doutrina da Fé, trava o combate ideológico contra os pensadores da Teologia da Libertação, acusando-a de utilizar "conceitos marxistas" e castigando duramente vários deles (López Trujillo faz parte dos redatores dos dois documentos antiTeologia da Libertação publicados por Ratzinger, em 1984 e 1986).

Em menos de dez anos, a maioria dos bispos do Celam envereda para a direita. A corrente da Teologia da Libertação se torna minoritária nos anos 1990, e será preciso esperar até a quinta Conferência do Celam, em 2007, que se realizará em Aparecida, no Brasil, para que reapareça uma nova corrente moderada, encarnada pelo cardeal argentino Jorge Bergoglio. Uma linha antiLópez Trujillo.

Numa noite de outubro de 2017, me encontro em Bogotá com um antigo seminarista, Morgain, que conviveu e trabalhou durante muito tempo com López Trujillo em Medellín. O homem é de confiança; o seu depoimento, irrefutável. Continua trabalhando para o episcopado colombiano, o que dificulta a sua exposição ao grande público (portanto, o seu nome foi alterado). No entanto, tranquilizado pelo fato de ser citado aqui sob pseudônimo, o seminarista começa a me contar, aos sussurros, os rumores e depois, em voz alta, os escândalos. Guarda há tantos anos essas informações secretas que acaba por detalhá-las minuciosamente, com inúmeros pormenores, durante um longo jantar, em que também participa o meu pesquisador colombiano, Emmanuel Neisa.

— Nessa época, eu trabalhava com o arcebispo López Trujillo em Medellín. Ele vivia na opulência e se deslocava por aí como um príncipe, ou melhor, como uma verdadeira *señora*. Quando chegava num dos seus carros de luxo

para fazer uma visita episcopal, exigia que mandássemos colocar um tapete vermelho. Em seguida, descia do automóvel, esticava a perna, da qual primeiro apenas víamos o tornozelo, depois pousava um pé no tapete, como se fosse a rainha da Inglaterra! Todos nós devíamos beijar os seus anéis, e era obrigatório o uso do incenso em todos os lugares por onde passava. Para nós, aquele luxo, aquele espetáculo, o tapete vermelho, eram muito chocantes.

Esse nível de opulência, que remete a outros tempos, é acompanhado por uma verdadeira caça aos padres progressistas. Segundo Morgain, cujo testemunho é confirmado pelo de outros padres, Alfonso López Trujillo reconhecia, no decurso das suas digressões escandalosas, os padres identificados com a Teologia da Libertação. Por mais estranho que fosse, alguns desses padres desapareciam ou eram por vezes assassinados pelos paramilitares, imediatamente após a visita do arcebispo.

Na década de 1980, é verdade que Medellín se tornou a capital mundial do crime. Os narcotraficantes, sobretudo do célebre cartel de Medellín de Pablo Escobar — estima-se que, na época, Pablo e companhia abasteciam 80% do mercado de cocaína dos Estados Unidos —, fazem reinar o terror. Diante da explosão da violência — ao mesmo tempo, a guerra dos narcotraficantes, o aumento do poder das guerrilhas e os confrontos entre cartéis rivais —, o governo colombiano decreta o estado de emergência. Mas a sua impotência é evidente: só no ano de 1991 ocorrem mais de 6 mil homicídios em Medellín.

Diante dessa espiral infernal, criam-se grupos paramilitares na cidade para organizar a defesa das populações, sem que nem sempre seja possível saber se essas milícias, por vezes públicas, mas frequentemente privadas, trabalham para o governo, para os cartéis ou por conta própria. Esses famosos "paramilitares" vão semear, por sua vez, o terror na cidade e logo em seguida se lançarão ao tráfico de drogas, com o objetivo de financiarem suas atividades. Enquanto isso, Pablo Escobar reforça o seu Departamento de

Orden Ciudadanos (DOC), a sua própria milícia paramilitar. Afinal, a fronteira entre os narcotraficantes, os guerrilheiros e os paramilitares é totalmente difusa, lançando Medellín, bem como a Colômbia inteira, numa verdadeira guerra civil.

É nesse contexto que devemos considerar o percurso de López Trujillo. Segundo os jornalistas que investigaram a vida do arcebispo de Medellín (em especial, Hernando Salazar Palacio no seu livro *La guerra secreta del cardenal López Trujillo*; ou Gustavo Salazar Pineda, na obra *El confidente de la mafia se confiesa*) e as pesquisas que Emmanuel Neisa efetuou para este livro, o prelado esteve ligado a determinados grupos paramilitares próximos aos narcotraficantes. Teria sido enormemente financiado por esses grupos — talvez pelo próprio Pablo Escobar, que se apresentava como católico praticante — e os teria informado com regularidade das atividades esquerdistas no cerne das igrejas de Medellín. O advogado Gustavo Salazar Pineda, em especial, afirma no seu livro que López Trujillo recebia de Pablo Escobar malas com dinheiro, mas ele negou ter conhecido o narcotraficante. (Sabemos, através de uma investigação aprofundada de Jon Lee Anderson para a *New Yorker*, que Pablo Escobar tinha o hábito de recompensar os padres que o apoiavam, os quais iam embora com malas cheias de dinheiro.)

Nessa época, os paramilitares perseguiam os padres progressistas com uma fúria violenta, pois consideravam, por um lado com razão, que esses padres da Teologia da Libertação eram aliados das três principais guerrilhas colombianas (as Farc, o ELN e o M-19).

— López Trujillo se deslocava com os membros dos grupos paramilitares — afirma também Alvaro Léon (que participou, enquanto mestre de cerimônias do arcebispo, em diversos desses deslocamentos). — Ele lhes relatava quais padres realizavam ações sociais nos bairros e nas zonas pobres. Os paramilitares os identificavam e, por vezes, voltavam mais tarde para assassiná-

los; não raro, deviam abandonar a região ou o país. (Esse relato aparentemente inverossímil é corroborado por depoimentos apresentados pelos jornalistas Hernando Salazar Palacio e Gustavo Salazar Pineda, nos seus respectivos livros.)

Um dos locais onde o transgressor López Trujillo teria denunciado vários padres de esquerda foi a chamada Parroquia Santo Domingo Savio, em Santo Domingo, um dos bairros mais perigosos de Medellín. Numa visita a essa igreja, na companhia de Alvaro León e Emmanuel Neisa, obtemos informações precisas sobre essas atrocidades. Alguns missionários que trabalhavam lá em contato com os pobres foram de fato assassinados, e um padre da mesma corrente teológica, Carlos Calderón, foi perseguido pessoalmente por López Trujillo e depois pelos paramilitares, antes de precisar fugir para a África.

— Me ocupei dos deslocamentos de López Trujillo em Santo Domingo. Geralmente, chegava com uma escolta de três ou quatro veículos, com guarda-costas e paramilitares por todo lado. O seu séquito era impressionante! Todo mundo andava muito bem-vestido. Os sinos da igreja deviam tocar até ele descer do seu carro de luxo e, claro, devia haver um tapete vermelho. As pessoas deviam beijar sua mão. Também era preciso haver música, um coral, mas os cabelos das crianças tinham que estar cortados previamente, para estarem perfeitos, e não podia haver negros. Durante essas visitas os padres progressistas eram identificados e denunciados aos paramilitares — confirma Alvaro Léon, na escadaria da igreja da Parroquia Santo Domingo Savio.

Com um aceno displicente de mão, tais acusações são descartadas pelo monsenhor Angelo Acerbi, que foi núncio em Bogotá, entre 1979 e 1990, quando o entrevisto em Santa Marta, no interior do Vaticano, onde se aposentou:

— López Trujillo era um grande cardeal. Posso garantir que, em Medellín, nunca teve a menor conivência nem com os paramilitares nem com os guerrilheiros. Sabe, ele foi muito ameaçado pelas guerrilhas. Foi até detido e preso. Era um homem bastante corajoso.

Considera-se hoje em dia que López Trujillo é direta ou indiretamente responsável pela morte de bispos e de dezenas de padres eliminados por causa das suas convicções progressistas.

— É importante que se conte a história dessas vítimas, porque a legitimidade do processo de paz passa hoje em dia por esse reconhecimento — diz, em várias conversas na capital colombiana, José Antequera, o porta-voz da associação das vítimas Hijos e Hijas, cujo pai foi assassinado.

É necessário enfatizar também a incrível riqueza que o arcebispo acumula durante esse período. Segundo diversos depoimentos, abusava das suas funções para requisitar todos os objetos de valor detidos pelas igrejas que visitava — as joias, os cálices de prata, os quadros — que recuperava em proveito próprio.

— Ele confiscava todos os objetos de valor das paróquias e os revendia ou os oferecia a cardeais ou bispos da Cúria Romana, para obter as suas boas graças. Um pároco elaborou um inventário minucioso de todos esses roubos — revela Alvaro Léon.

Nos últimos anos, foram publicados, na Colômbia, depoimentos de ex-membros arrependidos da máfia, ou dos seus advogados, que confirmam os vínculos existentes entre o cardeal e os cartéis da droga ligados aos paramilitares. Esses rumores eram antigos, mas, segundo a investigação de vários grandes repórteres colombianos, o cardeal teria sido financiado realmente por alguns traficantes de droga, o que contribuiria para explicar, além da sua fortuna familiar pessoal, o seu nível de vida e a sua coleção de carros de luxo.

— E então, num belo dia, López Trujillo desapareceu — conta Morgain. — Volatilizou-se. Partiu e nunca mais voltou a pôr os pés na Colômbia.

Uma nova vida começa em Roma para o arcebispo de Medellín. Depois de ter ajudado com toda a eficácia a extrema direita colombiana, empenha-se agora em encarnar a linha conservadora dura de João Paulo II sobre a questão dos costumes e da família.

Já cardeal, desde 1983, exila-se definitivamente no Vaticano devido à sua nomeação para presidente do Conselho Pontifício para a Família, em 1990. Esse novo Ministério, criado pelo papa pouco depois da sua eleição, constitui uma das prioridades do pontificado.

A partir desse período, e graças à confiança cada vez maior que lhe concede o papa João Paulo II — bem como os seus protetores e amigos próximos Angelo Sodano, Stanisław Dziwisz e Joseph Ratzinger —, a vaidade de López Trujillo, já fora do comum, torna-se incontrolável. A partir daí, começa a se assemelhar a uma figura do Antigo Testamento, com as suas cóleras, as suas excomunhões e os seus delírios, mantendo um nível de vida inimaginável para um padre, mesmo que agora seja cardeal. Os rumores aumentam e alguns padres transmitem por vezes histórias curiosas a seu respeito.

À frente do seu Ministério da Família, que transforma numa sala de guerra, López Trujillo desenvolve uma energia sem precedentes para condenar o aborto, defender o casamento e denunciar a homossexualidade. Dono de uma misoginia aterradora, segundo todas as testemunhas, concebe também a guerra contra a teoria de gênero. Workaholic, segundo diversas fontes, intervém em inúmeras tribunas no mundo todo para denunciar o sexo antes do casamento e os direitos dos gays. Nesses fóruns, torna-se constantemente notado por uma escalada de excessos de linguagem contra os cientistas "interruptores de gravidez" que acusa de cometerem crimes com as suas

provetas graduadas e os infames médicos de bata branca que recomendam a utilização do preservativo em vez de pregarem a abstinência antes do casamento.

A aids, agora um flagelo mundial, torna-se a nova obsessão de López Trujillo, cuja cegueira se expande impunemente. "O preservativo não é uma solução", repete na África, com a sua autoridade de cardeal, não passaria de um incentivo à "promiscuidade sexual", enquanto a castidade e o casamento são as únicas respostas verdadeiras diante da pandemia.

Por onde quer que ele passe, tanto na África quanto na Ásia e, claro, na América Latina, exorta os governos e os órgãos especializados da ONU a não cederem às "mentiras" e incita as populações a não utilizar preservativos. Chega a declarar, no início da década de 2000, numa entrevista à BBC, que os preservativos, que estão cheios de "micro-orifícios", deixam passar o vírus da aids, que é "450 vezes menor do que um espermatozoide"! Se o problema da aids não fosse tão grave, poderíamos contrapor com o famoso comentário de um ministro francês: "O cardeal não entendeu nada do preservativo: colocou-o no Índex".

Em 1995, López Trujillo é o autor de um *Léxico da família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspectos éticos*, pretendendo banir, entre esses termos, a expressão "sexo seguro", a "teoria de gênero" ou o "planejamento familiar". Inventa também algumas expressões próprias, como "colonialismo contraceptivo" e o notabilíssimo "pansexualismo".

A sua obsessão antigay, uma vez que ultrapassa a média e a norma (já exorbitantes no Vaticano), logo se tornou suspeita. Internamente, essa cruzada espanta: o que o cardeal esconde por trás desse combate tão excessivo e tão pessoal? Por que tem uma postura tão "maniqueísta"? Por que procura, a esse ponto, a provocação e a luz dos holofotes?

No Vaticano, alguns começam a zombar dos seus excessos e caracterizam esse desmancha-prazeres com uma bela alcunha: *Coïtus Interruptus*. Externamente, a associação Act Up faz dele um dos seus maiores alvos: mal ele se exprime em qualquer lugar, militantes fantasiados de preservativos gigantes, ou vestidos com camisetas explícitas, triângulo cor-de-rosa sobre fundo preto, vão festejá-lo. Ele condena esses sodomitas blasfemos que o impedem de se expressar; eles, por outro lado, o consideram uma espécie de profeta Lot que quer crucificar os gays.

A história julgará severamente López Trujillo. Mas, em Roma, esse heroico combatente é mostrado como exemplo por João Paulo II e Bento XVI, saudado de uma forma que chega a ser caricata pelos cardeais secretários de Estado Angelo Sodano e Tarcisio Bertone.

Foi considerado papável após a morte do papa, e João Paulo II inclusive o teria inserido na lista dos seus potenciais sucessores, pouco antes da sua morte, em 2005 — algo que, no entanto, não está comprovado. Mas o fato de esse apóstolo aliciador, que lançava mão de excomunhões e imprecações contra tantos católicos de esquerda, e mais ainda contra os casais divorciados, os costumes antinaturais e o Mal, encontrar subitamente uma tribuna, um eco e talvez até partidários, graças a um mal-entendido gigantesco, entre os pontificados de João Paulo II, terminando, e o de Bento XVI, que estava começando, é uma chaga indelével das circunstâncias.

Em Roma, López Trujillo continua sendo uma figura complexa e, para muitos, enigmática por trás das virtudes cardeais.

— López Trujillo era contra o marxismo e a Teologia da Libertação, era isso que o animava — confirma o cardeal Giovanni Battista Re, ex-ministro do Interior de João Paulo II, durante uma das nossas conversas no seu aposento do Vaticano.

O arcebispo Vincenzo Paglia, que o sucedeu como presidente do Conselho Pontifício para a Família, é mais reservado. Segundo Paglia, em poucas palavras durante uma conversa no Vaticano, a sua linha rígida sobre a família já não estaria na moda no pontificado de Francisco.

— A dialética entre a linha progressista e a linha conservadora sobre as questões de sociedade já não é um tema hoje em dia. Devemos ser radicalmente missionários. Penso que já não devemos ser autorreferenciais. Falar da família não significa fixar regras; pelo contrário, significa ajudar as famílias. (Durante essa conversa, Paglia, cuja veia artística foi alvo frequente de zombarias, mostra a sua instalação que representa a Madre Teresa em versão pop art: a santa de Calcutá em plástico com faixas azuis, feito de um material que parece látex. Paglia liga-a na tomada. A Madre Teresa se acende de repente e, com um azul lápis-lazúli brilhante, começa a piscar...)

Segundo várias fontes, a influência de López Trujillo em Roma viria também da sua fortuna. Teria "regado" inúmeros cardeais e prelados, segundo o modelo do mexicano Marcial Maciel.

— López Trujillo era um homem de dinheiro e de redes de contatos. Era violento, colérico, duro. Foi um dos que "fizeram" Bento XVI, para cuja eleição contribuiu sem se intimidar, com uma campanha muito bem organizada e muito bem financiada — confirma o vaticanista Robert Carl Mickens.

Essa história não estaria completa sem o seu "final feliz". E, para fazer agora o relato, uma verdadeira apoteose, volto a Medellín: precisamente ao bairro do arcebispado, onde Alvaro Léon, o antigo mestre de cerimônia de López Trujillo, nos conduz, a Emmanuel Neisa e a mim, pelas ruelas que rodeiam a catedral. Essa zona central de Medellín é chamada Villa Nueva.

É um bairro estranho onde, entre o Parque Bolivar e a Carrera 50, na altura das Calle 55, 56 e 57, se sucedem, aglutinadas, dezenas de lojas religiosas,

onde se vendem artigos católicos ou vestes sacerdotais, e bares gays que exibem, como uma vitrine, os seus transexuais coloridos com sapatos de salto alto fino. Os dois mundos, celeste e pagão, o crucifixo de ouropel e as saunas baratas, os padres e os prostitutos, misturam-se num incrível bom humor ligeiramente festivo tão típico da Colômbia. Uma transexual que parece uma escultura de Fernando Botero me aborda, altamente empreendedora. À sua volta, os prostitutos e os travestis que vejo são mais frágeis, mais franzinos, longe das imagens folclóricas fellinianas e criativas; são símbolos da miséria e da exploração.

A alguns passos, visitamos ¡Medellín Diversa Como Vos!, um centro LGBT fundado especialmente por padres e seminaristas. Gloria Londoño, uma das responsáveis, nos recebe.

— Estamos num local estratégico porque toda a vida gay de Medellín se organiza aqui, em volta da catedral. Os prostitutos, os transexuais, os travestis são populações muito vulneráveis, e nós os ajudamos, fornecendo informações sobre os seus direitos. Também distribuímos preservativos — explica Gloria Londoño.

Ao deixarmos o centro, cruzamos, na Calle 57, com um padre acompanhado pelo namorado, e Alvaro Léon, que os reconheceu, aponta para eles com discrição. Continuamos a nossa visita ao bairro católico-gay quando, de repente, nos detemos diante de um belo edifício da rua Bolivia, chamada também Calle 55. Alvaro Léon aponta para um andar e um apartamento:

— Era ali onde tudo acontecia. López Trujillo tinha ali um apartamento secreto para onde levava os seminaristas, os jovens e os prostitutos.

A homossexualidade do cardeal Alfonso López Trujillo é um segredo de polichinelo sobre o qual falaram dezenas de testemunhas e que me foi confirmado por vários cardeais pessoalmente. O seu "pansexualismo", para

recuperar a palavra de uma das entradas do seu dicionário, é famoso tanto em Medellín, em Bogotá e em Madri quanto em Roma.

O homem era um perito da grande distância entre a teoria e a prática, entre o espírito e o corpo, um mestre absoluto da hipocrisia — um fato notório na Colômbia. Gustavo Álvarez Gardeazábal, uma pessoa próxima do cardeal, chegou a ponto de escrever um romance baseado em fatos verídicos, *La misa ha terminado*, no qual denunciou a vida dupla de López Trujillo que, sob pseudônimo, é o seu personagem principal. Quanto aos inúmeros militantes gays que entrevistei em Bogotá, durante as minhas quatro viagens à Colômbia — sobretudo os da associação Colombia Diversa, que conta com vários advogados —, acumularam inúmeros depoimentos que compartilharam comigo.

O docente universitário venezuelano Rafael Luciani alega que a homossexualidade doentia de López Trujillo é hoje em dia "bem conhecida pelas instâncias eclesiásticas latino-americanas e por alguns responsáveis do Celam". Aliás, está sendo feito um livro sobre a vida dupla e a violência sexual do cardeal López Trujillo, assinado por diversos padres. Por sua vez, o seminarista Morgain, que foi um dos assistentes de López Trujillo, me dá os nomes de vários dos seus aliciadores e amantes, obrigados em sua maioria a saciar os desejos do arcebispo para não comprometerem a sua carreira.

— No começo, eu não compreendia o que queria — revela Morgain, durante o nosso jantar em Bogotá. — Eu era ingênuo e estava totalmente alheio às suas técnicas de flerte. Mas depois, pouco a pouco, compreendi o seu sistema. Ele ia às paróquias, aos seminários, às comunidades religiosas para identificar rapazes, e os perseguia em seguida, de uma forma muito violenta. Ele achava que era atraente! Obrigava os seminaristas a ceder às suas investidas. A sua especialidade eram os noviços. Os mais frágeis, os mais jovens, os mais

vulneráveis. Mas, na verdade, se deitava com todo mundo. Também tinha muitos prostitutos.

Morgain dá a entender que foi "bloqueado" na sua ordenação por López Trujillo porque não tinha aceitado ir para a cama com ele.

López Trujillo era um desses homens que procuram o poder para terem sexo e o sexo para terem poder. Alvaro Léon, o seu antigo mestre de cerimônias, também levou algum tempo para perceber o que estava acontecendo:

— Alguns padres me diziam, como quem sabia das coisas: "Você é o tipo de rapaz de que o arcebispo tanto gosta", mas eu não compreendia o que estavam insinuando. López Trujillo explicava aos jovens seminaristas que eles deveriam estar totalmente submissos aos padres que deviam se submeter aos bispos. Que devíamos andar bem barbeados e nos vestir de forma alinhada para lhe "dar prazer". Havia uma grande quantidade de informações nas entrelinhas que eu não compreendia no começo. Estava encarregado dos deslocamentos, e ele me pedia frequentemente que o acompanhasse nas suas saídas; ele me utilizava, em certa medida, para entrar em contato com outros seminaristas. Os seus alvos eram os jovens, os brancos de olhos claros, os loiros, em especial; não os "latinos" com feições indígenas, de tipo mexicano, por exemplo... e, de modo nenhum, os negros! Ele detestava os negros.

O sistema López Trujillo estava bem estabelecido. Álvaro Léon prossegue:

— Na maior parte do tempo, o arcebispo tinha os seus "aliciadores" como M.B., R., L. e até um bispo apelidado de "La Gallina", padres que lhe arranjavam rapazes, os abordavam em nome dele na rua e os levavam a um apartamento secreto. Não era ocasional, mas uma verdadeira organização. (Disponho da identidade e da função desses padres "aliciadores", confirmados por pelo menos uma outra fonte. O meu pesquisador colombiano, Emmanuel Neisa, investigou cada um deles.)

Além dessa vida desenfreada, as testemunhas relatam também a violência de López Trujillo, que agredia os seminaristas, tanto verbal quanto fisicamente.

— Ele os insultava, os humilhava — acrescenta Alvaro Léon.

Todas as testemunhas alegam que o cardeal não vivia a sua homossexualidade de uma forma serena, como a maioria dos seus colegas em Roma. Para ele, era uma perversão, enraizada no pecado, que exorcizava pela violência física. Era essa a sua maneira, viciosa, de se livrar de todos os seus "nós de histeria"? O arcebispo também tinha garotos de programa em cadeia: a sua propensão para a compra de corpos era notoriamente conhecida em Medellín.

— López Trujillo batia nos prostitutos. Era essa a sua relação com a sexualidade. Pagava-lhes, mas, em troca, eles tinham que aceitar os seus golpes. Isso ocorria sempre no fim do ato, e não durante o mesmo. Terminava as relações sexuais batendo neles por puro sadismo — garante Alvaro Léon.

Nesse grau de perversão, tem alguma coisa errada nessa violência do desejo. Esses excessos sexuais, esse sadismo para com garotos de programa, não são comuns. López Trujillo não tem nenhum respeito pelos corpos que aluga. Tem até fama de pagar mal aos seus gigolôs, negociando de modo implacável, com um olhar opaco, o preço mais baixo. Se há um personagem patético neste livro, é ele: López Trujillo.

Porque os desvios dessa "alma desonesta" não pararam nas fronteiras colombianas, é claro. O sistema se perpetuou na capital italiana (onde abordava os seus alvos na estação Roma Termini, de acordo com uma testemunha) e em breve por todo o mundo, onde teve uma brilhante carreira de orador antigay e "cliente de prostíbulos" milionário.

Viajando incessantemente por conta da Cúria, com o seu boné de propagandista-chefe antipreservativos, López Trujillo aproveita os seus

deslocamentos em nome da santa sé para encontrar rapazes (segundo o testemunho de pelo menos dois núncios). O cardeal teria visitado mais de cem países, com vários destinos preferidos, na Ásia, para onde se deslocou frequentemente depois de ter descoberto os encantos sexuais de Bangcoc e Manila, em especial. Durante essas inúmeras viagens, no outro lado do mundo, onde era menos conhecido do que na Colômbia ou na Itália, o cardeal fugia regularmente dos seminários e das missas para se dedicar ao seu comércio, aos seus garotos de programa.

Roma, cidade aberta, por que não disse nada? Reveladora, uma vez mais, essa vida coberta de perversos narcisistas que se fazem passar por santos. Tal como o monstro Marcial Maciel, López Trujillo teria falsificado a sua vida de uma forma inimaginável — algo que todo mundo, ou quase, sabia no Vaticano.

Falando no caso López Trujillo com inúmeros cardeais, nunca ouvi nenhum defendê-lo de modo incondicional. Ninguém me disse, surpreso com as minhas informações: "Teria posto as mãos no fogo por ele!". Todas as pessoas com quem me encontrei preferiram ficar em silêncio, franzir as sobrancelhas, fazer caretas, elevar os braços ao céu ou me responder com palavras cifradas.

Hoje em dia, as línguas estão mais soltas, mas o encobrimento desse caso clínico foi bem eficaz. O cardeal Lorenzo Baldisseri, que foi durante muito tempo núncio na América Latina, antes de se tornar um dos homens de confiança do papa Francisco, compartilhou comigo as suas informações em duas conversas em Roma:

— Conheci López Trujillo quando ele era vigário-geral na Colômbia. Era uma pessoa muito controversa. Tinha uma dupla personalidade.

De forma igualmente prudente, o teólogo Juan Carlos Scannone, um dos amigos mais próximos do papa Francisco, que entrevisto na Argentina, não fica espantado quando falo da vida dupla de López Trujillo:

— Adorava arrumar intrigas. O cardeal Bergoglio nunca gostou muito dele. Acho até que nunca esteve em contato com ele. (Segundo as minhas informações, o futuro papa Francisco se encontrou com López Trujillo no Celam.)

Por sua vez, Claudio Maria Celli, um arcebispo que foi um dos enviados do papa Francisco na América Latina, depois de ter sido um dos responsáveis pela comunicação de Bento XVI, conheceu bem López Trujillo. Dá a sua opinião, numa frase com palavras escolhidas a dedo, durante uma conversa em Roma:

— López Trujillo não era um santo da minha devoção.

Os núncios também sabiam. A sua profissão não consiste em evitar que um padre gay se torne bispo, ou que um bispo que gosta de prostitutos se torne cardeal? Ora, os núncios que se sucederam em Bogotá desde 1975, particularmente Eduardo Martínez Somalo, Angelo Acerbi, Paolo Romeo, Beniamino Stella, Aldo Cavalli ou Ettore Balestrero, todos próximos de Angelo Sodano, poderiam ignorar essa vida dupla?

Quanto ao cardeal colombiano Darío Castrillón Hoyos, prefeito da Congregação do Clero, compartilhava segredos demais com López Trujillo e provavelmente os seus hábitos! Foi um dos que o ajudou em diversos momentos, apesar de estar perfeitamente informado das suas libações e libertinagens. Por fim, um cardeal italiano foi igualmente determinante na proteção romana de López Trujillo: Sebastiano Baggio. Esse antigo capelão nacional dos escoteiros italianos é um especialista em América Latina: trabalhou nas nunciaturas de El Salvador, da Bolívia, da Venezuela e da Colômbia. Em 1964, é nomeado núncio no Brasil, imediatamente após o golpe de Estado: ali se mostra mais do que compreensivo em relação aos militares e à ditadura (segundo os depoimentos que recolhi em Brasília, no Rio e em São Paulo; em compensação, o cardeal-arcebispo de São Paulo, com

quem converso sobre esse tema, se recorda de um "grande núncio que fez muito pelo Brasil"). Após o seu retorno a Roma, o esteta colecionador de arte Sebastiano Baggio é tornado cardeal por Paulo VI e colocado à frente da Congregação para os Bispos e da Comissão Pontifícia para a América Latina, cargos em que é reconduzido por João Paulo II, que faz dele um dos seus emissários para o subcontinente americano. O historiador David Yallop descreve Baggio como um "reacionário" de "direita ultraconservadora": inclusive, ele, ligado à Opus Dei, supervisiona o Celam a partir de Roma e, em especial, a batalha da Conferência de Puebla, em 1979, para onde se dirige com o papa; as testemunhas o descrevem ao lado de López Trujillo, digladiando-se contra a esquerda da Igreja e se mostrando "visceral" e "violentamente" anticomunista. Nomeado camerlengo por João Paulo II, Baggio continuará exercendo um poder exorbitante no Vaticano e protegendo o seu "grande amigo" López Trujillo, apesar dos inúmeros rumores sobre a vida dupla dele. Segundo mais de dez testemunhos recolhidos no Brasil e em Roma, Baggio era conhecido pelas suas amizades particulares latinas e por ser muito zeloso com os seminaristas, que gostava de receber só de cuecas!

— As extravagâncias de López Trujillo eram muito mais conhecidas do que se imagina. Todo mundo sabia disso. Então, por que foi eleito bispo? Por que foi colocado à frente do Celam? Por que foi tornado cardeal? Por que foi nomeado presidente do Conselho Pontifício para a Família? — se pergunta Alvaro Léon.

Um prelado da Cúria, que conviveu com López Trujillo, comenta:

— López Trujillo era amigo de João Paulo II, era protegido pelo cardeal Sodano e pelo assistente pessoal do papa, Stanisław Dziwisz. Também era muito bem-visto pelo cardeal Ratzinger, que, logo após a sua eleição, em 2005, o reconduziu à presidência do Conselho Pontifício para a Família durante um novo mandato. Entretanto, todos sabiam que ele era homossexual.

Vivia conosco aqui, no quarto andar do Palazzo di San Callisto, num aposento do Vaticano com novecentos metros quadrados e tinha vários carros! Algumas Ferraris! Levava uma vida fora do comum. (O esplêndido aposento de López Trujillo é ocupado hoje pelo cardeal africano Peter Turkson, que mora lá em agradável companhia, no mesmo andar dos aposentos dos cardeais Poupard, Etchegaray e Stafford, que visitei.)

Um outro bom conhecedor da América Latina, o jornalista José Manuel Vidal, que comanda um dos principais sites em língua espanhola sobre o catolicismo, lembra-se:

— López Trujillo vinha para a Espanha frequentemente. Era amigo do cardeal de Madri, Rouco Varela. A cada vez, chegava com um dos seus amantes; lembro-me principalmente de um belo polonês e, depois, de um belo filipino. Era visto aqui como o "papa da América Latina": portanto, deixavam-no à vontade.

Por fim, tenho uma conversa franca com Federico Lombardi, que foi porta-voz de João Paulo II e de Bento XVI, sobre o cardeal de Medellín. Pego de surpresa, a sua resposta é instantânea, quase um reflexo: ergue os braços ao céu em sinal de consternação e pavor.

No entanto, o diabo foi festejado. Na época da sua morte inesperada, em abril de 2008, devido às sequelas de uma "infecção pulmonar" (segundo o comunicado oficial), o Vaticano redobrou os elogios. O papa Bento XVI e o cardeal Sodano, ainda no cargo, celebraram uma grande missa para honrar a memória dessa caricatura de cardeal.

Mas, naqueles dias de sua morte, começaram a circular diversos rumores. O primeiro era que teria morrido de aids; o segundo, que havia sido enterrado em Roma porque seria inviável na Colômbia.

— Quando López Trujillo morreu, decidimos enterrá-lo aqui em Roma porque não podíamos enterrá-lo na Colômbia — confirma o cardeal Lorenzo Baldisseri. — Não podia voltar ao seu país, nem morto!

O motivo? Segundo os depoimentos que recolhi em Medellín, a sua cabeça fora posta a prêmio em virtude da sua proximidade com os paramilitares. Isso explicaria por que foi preciso esperar até 2017, ou seja, quase dez anos após a sua morte, para o papa Francisco ordenar o repatriamento do corpo para a Colômbia. O sumo pontífice prefere, como sugere um padre que esteve ligado a esse repatriamento expedito, que, em caso de estourar algum escândalo sobre a sua vida, os restos de López Trujillo já não estejam em Roma? De qualquer modo, pude ver o túmulo do cardeal numa ampla capela da ala oeste do transepto da imensa catedral de Medellín. Nessa cripta, sob uma pedra de uma brancura imaculada, rodeado por velas acesas permanentemente, o cardeal repousa. Por detrás da cruz: o diabo.

— Geralmente, a capela funerária está fechada com uma grade. O arcebispo tem muito medo do vandalismo. Teme que o túmulo seja saqueado por uma das famílias das vítimas de López Trujillo ou por algum garoto de programa que tivesse rancor dele — comenta Alvaro Léon.

Contudo, por mais bizarro que possa ser, vejo nessa mesma catedral, situada misteriosamente no coração do bairro gay de Medellín, vários homens, jovens e menos jovens em busca de um parceiro. Exibem-se lá, sem precaução, entre paroquianos de Bíblia na mão e turistas que visitam a catedral. Vejo-os se deslocando lentamente na sua bela caçada, entre os bancos da igreja, ou sentados contra a parede leste da catedral — é como se a rua gay na verdade atravessasse a imensa igreja. E, quando passamos diante deles com Alvaro Léon e Emmanuel Neisa, dão piscadinhas simpáticas para nós — como uma bela homenagem a esse grande travesti à moda antiga, essa

alucinada da sacristia, essa diva do catolicismo moribundo, esse satânico doutor e esse anticristo: Sua Eminência Alfonso López Trujillo.

Resta, para terminar, uma última pergunta que não tenho como responder e que parece importunar muita gente. López Trujillo, que pensava que tudo se compra, até mesmo os atos de violência, incluindo de sadomasoquismo, comprou penetrações sem preservativo?

— Oficialmente, a morte de López Trujillo está ligada a diabetes, mas existem rumores, fortes e duradouros, sobre o fato de que teria morrido de aids — diz um dos especialistas da Igreja católica na América Latina.

Os antigos seminaristas Alvaro Léon e Morgain também ouviram o rumor e o consideram provável. O cardeal antipreservativo morreu de complicações ligadas à aids, para a qual vinha fazendo tratamento havia vários anos? Ouvi frequentemente esse rumor, mas não posso confirmá-lo nem refutá-lo. O certo é que a sua morte, em 2008, ocorre num momento em que a doença é plenamente tratada em Roma na policlínica Gemelli, o hospital oficioso do Vaticano — sobretudo para um cardeal que dispõe de importantes meios financeiros como ele. A data da sua morte não corresponde, portanto, ao estado da epidemia. Teria ido até a negação da sua própria doença ou teria se recusado a se submeter ao tratamento, ou se tratou tarde demais? É possível, mas muito pouco provável. Nesse aspecto, tenho, acima de tudo, a impressão de que se trata de um boato falso que decorre da verdadeira vida desregrada do cardeal, e nada, de qualquer modo, atendendo às minhas informações, permite dizer que López Trujillo foi vítima de uma doença da qual apenas o uso do preservativo poderia tê-lo protegido.

Caso tivesse morrido em decorrência da aids, o fim do cardeal López Trujillo não teria nada de excepcional no interior do catolicismo romano.

Segundo uma dezena de depoimentos recolhidos no Vaticano e no cerne da Conferência Episcopal Italiana, a aids causou uma destruição na santa sé e no episcopado italiano durante as décadas de 1980 e 1990. Um segredo enterrado durante muito tempo.

Inúmeros padres, *monsignori* e cardeais morreram com sequelas da doença. Alguns doentes "reconheceram" a sua contaminação e a aids em confissão (como me confirma, sem citar nomes, um dos confessores de São Pedro). Outros padres foram diagnosticados durante o exame de sangue anual, obrigatório para o pessoal do Vaticano (que, no entanto, não abrange os *monsignori*, os núncios, os bispos nem os cardeais): esse controle inclui uma análise de aids; segundo as minhas fontes, alguns padres teriam sido afastados logo após receberem um resultado "positivo".

A proporção significativa de doentes com aids no cerne da hierarquia católica é corroborada por um estudo estatístico realizado nos Estados Unidos, a partir de certidões de óbito de padres católicos, concluindo que havia uma taxa de mortalidade relacionada ao vírus da aids pelo menos quatro vezes superior à da população geral. Outro estudo, baseado nos exames de 65 seminaristas romanos (cujos nomes não foram revelados) no início da década de 1990, mostrou que 38% eram soropositivos. É óbvio que as transfusões de sangue, a dependência química ou as relações heterossexuais podem explicar o número elevado de casos nesses dois estudos — mas, na verdade, ninguém é burro.

No Vaticano, a negação e o silêncio prevalecem. Francesco Lepore, o antigo padre da Cúria, fala sobre a morte, por complicações da aids, de um religioso membro da Congregação da Causa dos Santos. Esse homem, que era próximo do cardeal Giuseppe Siri, teria morrido de aids "na indiferença dos seus superiores" e foi "enterrado com toda a discrição, nas primeiras horas da manhã, para evitar o escândalo". Um cardeal holandês, próximo de João Paulo

II, também morreu com o vírus, mas nunca se viu, claro, uma única informação de morte de cardeal ou bispo que mencionasse a aids como causa.

— Com base nas minhas conversas internas, acho que, no Vaticano, há inúmeros soropositivos — confirma outro *monsignore*. — Por outro lado, os padres soropositivos não são idiotas: não vão buscar o tratamento na farmácia do Vaticano! Eles são tratados nos hospitais de Roma.

Visitei várias vezes a Farmacia Vaticana, essa instituição improvável, situada na ala leste do Vaticano — uma loja dantesca com dez guichês — e, na verdade, entre as mamadeiras, as chupetas e os perfumes de luxo, não dá para sequer imaginar que um padre possa ir até lá buscar as suas triterapias ou o seu Truvada.

Com Daniele, o meu pesquisador romano, além de vários trabalhadores do serviço social e membros das associações italianas de prevenção da aids (sobretudo do Progetto Coroh e do antigo programa Io Faccio l'attivo), realizamos um inquérito na capital italiana. Fomos várias vezes ao Instituto Dermatológico San Gallicano (ISG), à policlínica Gemelli, ligada ao Vaticano, bem como a um centro de rastreio anônimo e gratuito da aids, ASL Roma, que fica na Via Catone, perto de São Pedro.

O professor Massimo Giuliani é um dos especialistas em doenças sexualmente transmissíveis e de aids no Instituto Dermatológico San Gallicano. Daniele e eu nos encontramos com ele duas vezes:

— Como havia muito tempo que, no Instituto Dermatológico San Gallicano nos ocupávamos das doenças sexualmente transmissíveis, particularmente da sífilis, nos mobilizamos imediatamente a partir dos primeiros casos de aids, no início da década de 1980. Nós nos tornamos, em Roma, um dos primeiros hospitais a tratar esse tipo de pacientes. Na época e até 2007, o instituto estava no Trastevere, um bairro de Roma não muito distante do Vaticano. Hoje, estamos aqui, neste complexo ao sul de Roma, onde nos encontramos.

Segundo várias fontes, o Instituto Dermatológico San Gallicano era o escolhido, desde a década de 1970, pelos padres que tinham doenças sexualmente transmissíveis. Por razões de anonimato, eles preferiam ir lá em vez de se consultarem na policlínica Gemelli, ligada ao Vaticano.

Quando apareceu a aids, San Gallicano se tornou, quase naturalmente, o hospital dos padres, dos *monsignori* e dos bispos contaminados com o vírus da aids.

— Vimos muitos padres virem aqui, muitos seminaristas soropositivos — afirma o professor Massimo Giuliani. — Pensamos que o problema da aids existe com muita força na Igreja. Aqui não os julgamos. O importante é que venham a uma consulta a um hospital para se tratarem. Mas podemos temer que a situação na Igreja seja mais grave do que a que já presenciamos, por causa da negação.

A questão da negação dos padres está bem documentada: eles se recusam com mais frequência a serem submetidos a testes do que o restante da população, porque não se sentem preocupados; e, mesmo quando têm relações sexuais sem proteção com homens, ficam de má vontade na hora de fazer o teste, temendo uma eventual falta de confidencialidade.

— Pensamos — prossegue o professor Massimo Giuliani — que o risco é grande atualmente, devido à negação e ao pouco uso do preservativo, de se ser contaminado com aids quando se pertence à comunidade católica masculina. Na nossa linguagem, consideramos os padres uma das categorias sociais mais em risco e os mais difíceis de atingir em termos de prevenção. Travamos tentativas de diálogo, de formação, principalmente nos seminários, sobre a transmissão e o tratamento das doenças sexualmente transmissíveis e da aids. Mas continua sendo muito difícil. Falar do risco da aids seria reconhecer que os padres têm práticas homossexuais. E a Igreja, evidentemente, recusa esse debate.

As minhas conversas com os prostitutos de Roma Termini (e com o acompanhante de luxo Francesco Mangiacapra, em Nápoles) confirmam o fato de que os padres se encontram entre os clientes mais imprudentes nos seus atos sexuais:

— Em geral, os padres não têm medo das doenças sexualmente transmissíveis. Sentem-se intocáveis. Estão de tal modo seguros da sua posição, do seu poder, que não levam em consideração os riscos, ao contrário de outros clientes. Eles não têm a menor noção da realidade. Vivem todos num mundo sem aids — explica Francesco Mangiacapra.

Alberto Borghetti é um interno do serviço de doenças contagiosas da policlínica Gemelli, em Roma. Esse jovem médico e pesquisador nos recebe, eu e Daniele, a pedido da responsável do serviço, a infectologista Simona Di Giambenedetto, que quis contribuir para a nossa investigação.

A policlínica Gemelli é o mais católico dos hospitais católicos do mundo. Em termos médicos, estamos no santo dos santos! Os cardeais, os bispos, as pessoas do Vaticano e inúmeros padres romanos se tratam lá e têm, inclusive, um corredor de acesso prioritário. E, claro, é o hospital dos papas. João Paulo II foi o mais célebre paciente de Gemelli, e as câmeras de televisão acompanharam lá, de maneira cínica, as evoluções da sua doença, com uma emoção sepulcral. Espirituoso, o papa teria aliás dado um nome ao hospital Gemelli, onde era hospitalizado com tanta frequência: "Vaticano III".

Ao visitar o hospital e os seus serviços, ao me encontrar com vários outros internos e médicos, descubro um estabelecimento moderno, distante das críticas que o rumor de Roma traz consigo. Tratando-se de um hospital ligado ao Vaticano, as pessoas com doenças sexualmente transmissíveis ou com aids seriam malvistas lá, me disseram.

Através do seu profissionalismo e do seu conhecimento fino da epidemia, o interno Alberto Borghetti informa essas suspeitas:

— Somos um dos cinco hospitais na vanguarda em relação à aids. Tratamos todos os pacientes e somos, inclusive, aqui na ala científica que é ligada à Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, um dos principais centros de investigação italianos sobre a doença. Estudamos os efeitos indesejáveis e colaterais das diferentes terapias antirretrovirais; fazemos pesquisas sobre as interações medicamentosas e sobre os efeitos das vacinas na população soropositiva.

No serviço de doenças infecciosas, constato, ao ver os cartazes e painéis, que os pacientes que sofrem de doenças sexualmente transmissíveis são tratados, algo que Borghetti confirma:

— Aqui, tratamos todas as doenças sexualmente transmissíveis, sejam transmitidas por bactérias, como os gonococos, a sífilis e as clamídias, sejam por vírus, como herpes, papiloma e, claro, as hepatites.

Segundo um outro professor de medicina especializado no tratamento da aids que entrevistei em Roma, a policlínica Gemelli teria, no entanto, sido palco de algumas tensões quanto às doenças sexualmente transmissíveis e ao anonimato dos pacientes.

Alberto Borghetti contesta essas afirmações:

— De modo geral, os resultados dos exames ligados ao vírus da aids só são do conhecimento do médico assistente e não estão disponíveis para consulta aos outros profissionais de saúde da policlínica. Na Gemelli, os doentes também podem pedir que o seu processo seja anônimo, o que reforça ainda mais a privacidade das pessoas soropositivas.

Segundo um padre que conhece bem a Gemelli, essa prudência com o anonimato não seria suficiente para tranquilizar os pacientes eclesiásticos contaminados:

— Eles fazem de tudo para garantir o anonimato, mas, atendendo ao grande número de bispos e padres que lá são tratados, é fácil cruzarmos com pessoas que conhecemos. O "serviço de doenças infecciosas" tem um nome bastante claro!

Um dermatologista, entrevistado em Roma, revela:

— Alguns padres nos dizem que foram contaminados ao manipular uma seringa ou por uma transfusão antiga: fingimos acreditar neles.

Por sua vez, Alberto Borghetti confirma que os medos e a negação possam existir, sobretudo para os padres:

— É verdade que, por vezes, recebemos aqui seminaristas ou padres que chegam numa fase muito avançada da aids. Junto com os imigrantes e os homossexuais, fazem parte, provavelmente, das pessoas que não quiseram fazer um teste: têm muito medo ou então se encontram em negação. É realmente lamentável, porque chegam ao sistema de saúde com um diagnóstico tardio, por vezes com doenças oportunistas e, como são tratados tardiamente, correm o risco de não ser capazes de recuperar um sistema imunitário eficaz.

João Paulo II foi papa entre 1978 e 2005. A aids, que viria a aparecer em 1981, no início do seu pontificado, seria responsável, durante os anos subsequentes, por 35 milhões de mortos. No mundo todo, 37 milhões de pessoas vivem ainda hoje com o HIV.

O preservativo, que o Vaticano de João Paulo II repudiou energicamente, utilizando todas as suas forças e o poderio da sua rede diplomática para se opor a ele, continua sendo o meio mais eficaz de lutar contra a epidemia, inclusive na intimidade de um casal assintomático casado. Todos os anos, graças a essas proteções e aos tratamentos antirretrovirais, dezenas de milhões de vidas são salvas.

Desde a encíclica *Humanae vitae*, a Igreja condena todos os meios profiláticos ou químicos, como a pílula ou o preservativo, que impedem a transmissão da vida. Mas, como enfatiza o vaticanista francês Henri Tincq, "o meio que consiste em impedir a transmissão da morte deve ser confundido com aquele que impede a transmissão da vida?".

Além de João Paulo II, quem são os principais artífices que definiram e implementaram essa política mundial de repúdio absoluto ao preservativo no tempo da pandemia mundial da aids? Trata-se de um grupo de doze homens fiéis, dedicados, ortodoxos, misóginos e cujo voto de castidade os impede de serem heterossexuais. Segundo os resultados da minha investigação, e com base em centenas de entrevistas realizadas para este livro, posso afirmar que esses prelados são, em sua grande maioria, homossexuais praticantes (contei oito em doze, e o monsenhor Viganò cita quatro na sua *Testimonianza*). O que sabiam, de qualquer modo, esses homens em matéria de preservativos e de heterossexualidade para terem se transformado em juízes?

Esses doze homens, todos tornados cardeais, são: o secretário particular Stanisław Dziwisz; os secretários de Estado Agostino Casaroli e Angelo Sodano; o futuro papa Joseph Ratzinger; os responsáveis da Secretaria de Estado: Giovanni Battista Re, Achille Silvestrini, Leonardo Sandri, Jean-Louis Tauran, Dominique Mamberti; os núncios: Renato Raffaele Martino e Roger Etchegaray. Assim como, é claro, um cardeal então muito influente: Sua Eminência Alfonso López Trujillo.

14. Os diplomatas do papa

— Ah, você é jornalista? — o monsenhor Ricca olha para mim com inquietação e uma ligeira ansiedade. — Tenho problemas com os jornalistas — acrescenta, olhando fixamente nos meus olhos.

— Ele é um jornalista francês. É francês — insiste o arcebispo François Bacqué, que acabou de nos apresentar.

— Ah — retruca Ricca, com um alívio fingido.

E o célebre Ricca acrescenta:

— O meu problema são os jornalistas italianos. Não têm nada na cabeça! Nada! Têm zero de inteligência. Mas, se é francês, talvez exista uma chance de ser diferente! É um bom presságio!

Foi apenas no meio das minhas pesquisas, quando já havia começado a escrever este livro, que fui convidado para ficar instalado na Domus Internationalis Paulus VI. Antes, eu ficava em apartamentos alugados no Airbnb em Roma, na maioria das vezes nas imediações da estação Roma Termini.

O arcebispo François Bacqué, um núncio apostólico francês aposentado, um dia propôs reservar um quarto para mim na Domus Internationalis Paulus VI e foi assim que as coisas começaram. A sua recomendação foi o suficiente para que eu morasse no santo dos santos da diplomacia vaticana.

A Domus Internationalis Paulus VI está situada no nº 70 da Via della Scrofa, em Roma. Essa residência oficial da santa sé é um lugar "extraterritorial", fora de Itália: os *carabinieri* não podem entrar lá, e se lá fossem cometidos um roubo, uma violação ou um crime, seriam a triste

gendarmaria vaticana e a incompetente justiça da santa sé que se encarregariam do caso.

A residência diplomática, também chamada Casa del Clero, tem uma localização ideal entre a Piazza Navona e o Panteão — uma das localidades mais belas de Roma, templo laico, se não republicano, extraordinário símbolo da "religião civil", destinado a todas as crenças e todos os deuses, e que foi reimaginado pelo imperador LGBT Adriano — antes de ter sido alvo de uma "apropriação cultural" abusiva pelo catolicismo italiano!

A Domus Internationalis Paulus VI é um local capital da santa sé: residir no coração da máquina vaticana constitui uma oportunidade e tanto para mim. Ali, me tratam como amigo, e não mais como uma personalidade estrangeira. Em primeiro lugar, é um hotel de passagem para os diplomatas do Vaticano — os famosos núncios apostólicos — quando permanecem em Roma. Por vezes, os cardeais e os bispos estrangeiros também se instalam lá, em vez de em Santa Marta. O cardeal Jorge Bergoglio ficava lá durante suas passagens por Roma: as imagens que o mostram de batina branca, quando foi pessoalmente pagar a sua conta de hotel, com toda a simplicidade, rodaram o mundo.

Além dos cardeais e dos diplomatas de passagem, a Casa del Clero é um local de residência permanente de diversos núncios aposentados, bispos sem afetação ou *monsignori* que ocupam cargos prestigiosos na santa sé. Muitos estão lá com pensão completa ou com meia pensão. Durante os cafés da manhã, nos salões do primeiro andar, ou almoços comunitários no imenso restaurante, sem contar as rápidas conversas diante das máquinas de café e os longos serões diante da televisão, aprenderei a conhecer esses núncios, esses diplomatas apostólicos, esses redatores de minutas da Secretaria de Estado ou aquele secretário da Congregação para os Bispos. Os funcionários da Casa del Clero — um dos quais é um playboy digno de uma capa da revista *The Advocate* — devem se comportar direito! Diante de tantos olhares de soslaio

de núncios e de *monsignori* em plena juventude, eles têm toda a razão para entrar em pânico!

O conforto dos quartos santos da Casa del Clero é espartano: uma lâmpada afastada lança uma luz crua sobre uma cama individual, geralmente ladeada por um crucifixo torto. As camas estreitas dos padres, que vi com tanta frequência nos apartamentos do Vaticano, têm dimensões limitadas.

Na gaveta da mesa de cabeceira velha e combalida: uma bíblia (que substituo imediatamente por *Une saison en enfer*). No banheiro, uma lâmpada fluorescente que remonta a Pio XI difunde uma luz de forno de micro-ondas. O sabão é contado (é preciso devolvê-lo). Quem disse que o catolicismo tinha horror à vida?

Durante uma das minhas estadas, o meu vizinho, no quarto andar, estava em posição bem mais privilegiada. Viver na Casa durante o ano é uma vantagem. Ao cruzar com aquele redator de minutas eminente da Secretaria de Estado, acabei conseguindo entrever, um dia em que estava vestido apenas de cueca boxer (será que estava se preparando para ir a um show da Cher?), o seu grande apartamento de esquina. E qual não foi a minha surpresa ao vislumbrar uma fabulosa cama vermelho-vivo, de casal, que poderia ter servido para um cenário de um filme de Fellini — e nunca a expressão "segredos de alcova" me pareceu tão apropriada. Não longe dali, outro quarto célebre, o 424, foi o de Angelo Roncalli, o futuro papa João XXIII.

O café da manhã também é frugal. Vou tomá-lo para agradar aos padres que me convidam insistentemente. Ali, tudo é hostil: o pão crucificado em vez de torrado; os iogurtes naturais comprados às dúzias; o café americano à vontade, tão pouco americano; os *cornflakes* pouco católicos. Só os kiwis, disponíveis em grande quantidade todas as manhãs, são suculentos: mas por que kiwis? Devemos descascá-los como um pêssego ou abri-los ao meio como um abacate? A questão é alvo de debate na Casa, diz François Bacqué — eu como

quatro. Os cafés da manhã da residência del Clero se parecem com os de um lar de idosos onde se pede delicadamente aos pensionistas que não demorem demais para morrer para deixarem o lugar a outros prelados um pouco menos senis — é o que não falta no grande hospício que é o Vaticano.

Foi também nos salões de leitura da Domus Internationalis Paulus VI, no primeiro andar, que conheci Laurent Monsengwo Pasinya, um eminente cardeal congolês de Kinshasa, membro do conselho dos cardeais de Francisco e que, segundo me disse, gosta de se instalar na Casa del Clero, "porque aqui somos mais livres" do que no Vaticano, antes das suas reuniões com o papa.

O diretor da Casa e de todas as residências vaticanas, o monsenhor Battista Ricca, também reside lá, e o seu aposento hermético e, ao que parece, imenso, no mezanino esquerdo, é o de número 100. Ricca almoça com regularidade na Casa, humildemente, com dois dos seus amigos próximos, uma espécie de família, a uma mesa um pouco afastada. E, certa noite, diante da TV nos salões do primeiro andar, oferecerei o famoso livro branco a Ricca — que, com o reconhecimento de quem foi beneficiado, me agradecerá calorosamente.

Também cruzamos lá com Fabián Pedacchio, o secretário particular do papa Francisco, que viveu lá durante muito tempo e, pelo que se diz, ainda manteria lá um quarto para trabalhar com calma com o bispo brasileiro Ilson de Jesus Montanari, secretário da Congregação para os Bispos, ou com o monsenhor Fabio Fabene, um dos artífices do sínodo. O monsenhor Mauro Sobrino, prelado de Sua Santidade, também mora na Casa, e trocamos lá alguns segredos. Um misterioso casal de rapazes, *dinky* e *bio-queens*, que ouvem sem parar "Born this way", de Lady Gaga, também vive lá, e tive algumas boas conversas noturnas com eles. Um padre basco também tem umas belas amizades nesse "círculo mágico", segundo a expressão que me é fornecida.

O arcebispo François Bacqué mora lá desde que a sua carreira diplomática terminou: esse aristocrata caído em desgraça continua ali à espera da púrpura. Ao cardeal francês Jean-Louis Tauran, como ele originário de Bordeaux, e um perfeito plebeu, Bacqué teria perguntado: "Como é possível que você seja cardeal quando não é nobre? E por que eu, que pertenço à nobreza, não sou?". (Um assistente de Tauran me revela essa frase.)

Espécimes dessa laia se encontram aos montes na Casa del Clero, um local onde os jovens ambiciosos esperam muito e os aposentados, caídos em desgraça, curam as suas amarguras de ego. Com esses últimos rebentos do catolicismo em declínio, a Casa reúne misteriosamente essa aristocracia espiritual que sobe e aquela que desce.

Três capelas, no segundo e no terceiro andar da Casa del Clero, permitem celebrar missas nos horários preferidos de cada um; por vezes, são celebrados lá ofícios para grupos gays (como me confirma um padre, num depoimento por escrito). Um serviço de lavanderia no quarto garante aos núncios não precisarem lavar a própria roupa. Tudo é barato, mas pago em dinheiro. Quando for pagar a fatura, a máquina do cartão de débito da Domus Internationalis Paulus VI estará "excepcionalmente" quebrada, algo que acontecerá em cada uma das minhas estadas; um residente me comunicará, por fim, que aquela máquina "está sempre quebrada, e há anos" (e a mesma falha na máquina ocorrerá várias vezes durante a minha estada na Domus Romana Sacerdotalis) — uma maneira, talvez, de alimentar um circuito de dinheiro vivo?

Na Casa del Clero não existe o hábito de deitar tarde, mas o de levantar cedo — há exceções, entretanto. No dia em que tentei passar a manhã na cama, compreendi pela agitação das empregadas de limpeza, bem como pela sua impaciência, que aquilo era praticamente um pecado. Aliás, as portas da Casa del Clero se fecham à meia-noite, e todos os núncios notívagos e outros

diplomatas viajantes afetados pelo jet lag se encontram para conversar no salão até tarde. É o mérito paradoxal das horas de se deitar de outros tempos.

A dupla porta-cocheira me fascina. Tem um quê de gideano. Aliás, o escritor afirmou em *Se o grão não morre* que esse tipo de porta, indício de um estatuto social elevado, era necessário a toda boa família burguesa. Antigamente, esse tipo de porta permitia a entrada dos cavalos dos coches e, por conseguinte, "possuir uma cavalaria". Ainda hoje, na Casa del Clero, que cavalaria!

A porta-cocheira, no nº 19 da Via di San Agostino, na parte de trás da Domus Internationalis Paulus VI, é uma entrada secundária e discreta, sem nome. De cor marrom-escura, é formada por duas folhas, mas não possui patamar nem soleira. No meio há um postigo, um pequeno batente cortado no grande batente para permitir que os pedestres entrem discretamente durante a noite. O passeio forma uma pequena rampa. A moldura é em pedra de cantaria branca e serve de caixilho. Na porta-cocheira há pregos à vista e um puxador de ferro comum, usado para tantas passagens diurnas e por tantos visitantes noturnos. Ó portal do tempo antigo, sabe tantas histórias!

Observei a porta dupla com frequência, prestando atenção aos movimentos de entrada e de saída, tirando fotos do belo pórtico. Essa porta tem profundidade. Há uma espécie de voyeurismo na contemplação dessas portas fechadas, verdadeiros portais urbanos, e essa atração explica provavelmente que a arte de fotografar as portas tenha se tornado um fenômeno muito popular no Instagram, onde se publicam os seus retratos com a hashtag #doortraits.

Após um corredor, um portão de ferro e, em seguida, um pátio interno — outra linha de fuga. Por uma escada interior, que utilizei com bastante frequência, é possível chegar diretamente ao elevador C e, desse modo, aos

quartos da residência, sem ter que passar pelo cubículo do porteiro nem pela recepção. E, se dispusermos das chaves, podemos entrar e sair pelo portão de ferro e depois pela porta-cocheira, após o toque de recolher obrigatório da meia-noite. Que bênção... que nos faz ter saudades do tempo das diligências!

Desconfio que a porta dupla conheça inúmeros segredos do Vaticano. Será que os contará algum dia? Felizmente, não existe porteiro naquele lado. Mais uma bênção! Num domingo de agosto de 2018, vi lá um *monsignore* do Vaticano à espera do seu belo acompanhante pago, de bermuda vermelha e tênis azul, oferecendo-lhe doces carícias na rua e no café Friends, antes de levá-lo para casa! Imagino também que haja certas noites em que determinado monge, apressado devido a uma necessidade premente, tenha que participar do ofício das matinas da Basilica di Sant'Agostino, situada bem em frente à porta-cocheira, ou que aquele núncio viajante, levado por uma vontade súbita de ver a esplêndida *Madona dos Peregrinos*, de Caravaggio, improvise a sua saída durante a noite. A Arcadia, que merece o seu nome, encontra-se também diante da porta-cocheira, tal como a Biblioteca Angelica, uma das mais belas de Roma, onde um religioso também poderá ter, de súbito, uma necessidade de consultar alguns incunábulos ou as páginas iluminadas do célebre *Codex Angelicus*. E depois, contígua à Casa del Clero, a noroeste, está a Universidade de Santa Cruz, mais conhecida pelo nome de Universidade do Opus Dei; e, durante algum tempo, era possível ir até lá diretamente da residência do clero através de uma passagem pelo alto, hoje fechada em definitivo. Uma pena: agora é preciso sair pela porta-cocheira, à noite, se for necessário assistir a uma aula de latim ou participar de uma reunião secreta com um jovem e rígido seminarista da "Obra".

A anomalia da Casa del Clero se situa a oeste do imenso edifício, na Piazza delle Cinque Lune: o McDonald's. O Vaticano, como sabemos, é pobre demais para fazer a manutenção das suas propriedades; teve que se sacrificar e

aceitar como inquilino esse símbolo da péssima comida americana. E, segundo as minhas fontes, o monsenhor Ricca assinou o contrato de locação sem ter uma faca encostada na garganta.

Foi alvo de muita polêmica o fato de um McDonald's se instalar perto do Vaticano, num edifício que não pertencia à santa sé, mas ninguém se indignou por um fast-food da mesma cadeia ter sido autorizado pelo Vaticano precisamente no interior de uma das suas residências romanas.

— Foi deslocado um pequeno altar dedicado à santa virgem, que estava na entrada que hoje é utilizada pelo McDonald's, e simplesmente o transferiram para perto do portal da Casa del Clero, na Via della Scrofa — explica um dos pensionistas da residência.

Vejo, de fato, essa espécie de altar-retábulo azul, vermelho e amarelo, onde uma pobre virgem foi pregada contra a sua vontade, colocado casualmente sob o pórtico da entrada oficial. Foi o McDonald's que exerceu pressão para que a santa virgem estivesse longe dos seus McNuggets?

De qualquer modo, o contraste é surpreendente. À frente, uma porta estreita de funcionários, com toque de recolher e Ave-Maria; atrás, uma porta-cocheira de duas folhas, com os seus devaneios e muitas chaves: eis o catolicismo na sua verdade nua e crua. O papa conhece a Casa del Clero como a palma da sua mão: viveu lá tempo demais para não saber disso.

Com o bom tempo, esse porto de mistério assume os seus ares de verão, o que torna tudo ainda mais intrigante. A Domus Internationalis Paulus VI se torna, então, uma estância, e vemos os jovens secretários de nunciaturas que se despojaram dos seus trajes religiosos conversando diante do portão de ferro, antes do recolher, de camiseta bege justa e short vermelhos, bem como núncios vindos de países em desenvolvimento a abandonar, imediatamente antes da meia-noite, essa YMCA indo para noitadas DYMK (que significa "Does Your Mother Know?"). Voltarão de madrugada, afônicos, por terem cantado a

plenos pulmões "I Will Survive" ou "I Am What I Am", dançando com o indicador da mão esquerda apontado para o céu como no Saint Jean-Baptiste, no festival Gay Village Fantàsia, no bairro da EUR, onde os encontrei.

— No meu tempo, um padre nunca vestiria um short vermelho como aquele — comenta, irritado, o arcebispo François Bacqué, quando passamos diante daqueles espécimes coloridos que dão a impressão de ter organizado um happy hour diante da Casa del Clero nessa noite.

"Viajar sozinho é viajar com o diabo!", escreve o grande romancista católico (e homossexual) Julien Green. Essa poderia ser uma das normas de vida dos núncios apostólicos, cujos segredos fui descobrindo pouco a pouco.

Logo no início da minha pesquisa, um embaixador alocado perto da santa sé havia me prevenido:

— No Vaticano, como você verá, há muitos gays: 50%, 60%, 70%? Ninguém sabe. Mas verificará que, entre os núncios, essa taxa atinge o auge! No universo já majoritariamente gay do Vaticano, são os mais gays!

E, diante do meu espanto com essa revelação, o diplomata começou a rir de mim:

— Sabe? A expressão "núncio homossexual" é uma espécie de pleonasmo!

Para compreendermos esse paradoxo, pensemos nas oportunidades que uma condição solitária no outro extremo do mundo pode proporcionar. As ocasiões são tão belas quando se está longe de casa, tão numerosas no Marrocos e na Tunísia, e os encontros tão fáceis tanto em Bangcoc quanto em Taipei. A Ásia e o Oriente Médio são terras de missões, para os núncios de natureza nômade, verdadeiras terras prometidas. Em todos esses países, eu os vi em ação, rodeados pelos seus queridos, afetados ou efervescentes, descobrindo a verdadeira vida longe do Vaticano e repetindo sem cessar: Ah

esse *coolie*! Ah esse marinheiro! Ah esse cameleiro! Ah esse condutor de riquixá!

"Portadores do bichinho de uma paixão masculina pelas viagens", segundo a bela fórmula do poeta Paul Verlaine, os núncios também vão se saciar com suas reservas naturais: os seminaristas, os propedeutas, os jovens monges que, no Terceiro Mundo, são ainda mais acessíveis do que em Roma.

— Sempre que viajo para o exterior, me cedem alguns Legionários de Cristo — confessa outro arcebispo. (Ele não insinua nada de mal com essa frase, que, no entanto, nos dá uma ideia da consideração que ele tem pelos Legionários a partir do momento em que se desloca a uma "antiga colônia".)

— Os substantivos "sucursais", "concessões" e "colônias" soam bem aos ouvidos dos viajantes europeus. Muitos padres ficam loucos! — disse, com uma rara franqueza, um padre das Missões Estrangeiras, um francês também homossexual, entrevistado várias vezes em Paris. (No decurso desta pesquisa, encontrei inúmeros padres missionários em campo na Ásia, na África, no Magreb e na América Latina; utilizo também nesta parte os depoimentos de vinte núncios e diplomatas que me contaram os hábitos dos seus amigos e correligionários.)

Na verdade, aqui também se trata de um segredo de polichinelo. Os padres deixam rastros por todos os lados. Os donos dos bares gays que entrevistei em Taiwan, Hanói ou Hue não poupam os elogios a essa clientela fiel e séria. Os funcionários dos bares do bairro Shinjuku Ni-chome, em Tóquio, mostraram para mim os clientes habituais, apontando para cada um deles. Os jornalistas gays especializados de Bangcoc investigaram alguns incidentes de "costumes" ou alguns casos de vistos, quando um prelado quis levar para a Itália um jovem asiático sem documentos. O próprio presidente da República das Filipinas, Rodrigo Duterte, reconhece a existência desse tipo de turismo e alardeia a respeito da homossexualidade dos eclesiásticos, afirmando imaginar que 90%

do clero seja gay. Em toda parte, a presença de padres, frades e religiosos europeus está atestada.

Além dos núncios para os quais as viagens constituem a própria base da sua profissão, os padres da Cúria utilizam também as suas férias para se entregarem a explorações sexuais diferentes longe do Vaticano. Mas, é claro, esses *monsignori* raramente exibem o seu estatuto profissional quando fazem peregrinações a Manila ou a Jacarta! Já não aparecem como membros do clero.

— Por terem atribuído a si mesmos princípios mais fortes do que o seu caráter e por terem sublimado os seus desejos durante muito tempo, eles praticamente "explodem" no exterior — comenta o padre das Missões Estrangeiras.

O Vietnã é especialmente apreciado hoje em dia. O regime comunista e a censura à imprensa protegem as escapadas eclesiásticas, em caso de escândalo, enquanto na Tailândia tudo acaba na imprensa (como me dá a entender o bispo tailandês Francis Xavier Vira Arpondratana, durante vários encontros e almoços).

— O turismo sexual está migrando — explica M. Dong, dono de dois bares gays de Hue. — Passa dos países que se encontram sob os holofotes, como a Tailândia ou as Filipinas, para aqueles que aparecem menos na imprensa, como a Indonésia, o Camboja, a Birmânia ou o Vietnã. (O nome de um dos estabelecimentos de M. Dong, que visito em Hue, é curioso: chama-se Ruby, como a antiga dançarina das festas bunga-bunga de Berlusconi.)

A Ásia não é o único local de destino desses padres, mas se trata de um dos mais apreciados por todos os excluídos da sexualidade normalizada: o anonimato e a discrição que ela proporciona não têm igual. A África, a América do Sul (por exemplo, a República Dominicana, onde uma importante rede de padres gays foi descrita num livro) e a Europa Oriental também têm os seus adeptos, sem contar com os Estados Unidos, matriz de todos os

Stonewall particulares. Vemos esses homens pegando sol nas praias de P'Town, ou alugando um bangalô nos "Pines" ou um Airbnb nos bairros gays de Hell's Kitchen, Boystown ou Fort Lauderdale. Um pároco francês me diz ter lamentado, depois de visitar minuciosamente esses bairros *gupies* (gays yuppies) e pós-gay americanos, a sua "heterogeneidade grande demais" e a sua falta de "atitude gay".

Há uma razão para isso. Hoje em dia, a porcentagem de homossexuais é provavelmente mais elevada no Vaticano dentro no armário do que no período de Castro pós-gay.

Por fim, alguns preferem ficar na Europa para fazer o circuito dos clubes gays de Berlim, frequentar as noites sadomasoquistas tanto na The Church, em Londres, quanto em Amsterdam, não perder o encerramento de Ibiza e depois festejar o aniversário, que se torna uma semana de aniversário, em Barcelona. Embora estejam mais perto, nem por isso esses locais deixam de ser mais distantes. (Aqui, utilizo sempre exemplos precisos relacionados a núncios e a padres cujo turismo sexual foi descrito para mim por testemunhas oculares.)

E, assim, temos uma nova regra deste livro, a décima primeira: *Na sua maioria, os núncios são homossexuais, mas a sua diplomacia é essencialmente homofóbica. Denunciam o que são. Quanto aos cardeais, aos bispos e aos padres, quanto mais viajam, mais suspeitos são!*

O núncio La Païva, de quem já falei, não foge à regra. É um belo exemplo também. E de que espécie! Arcebispo, está em constante representação. E evangeliza. É daqueles que, num vagão de trem quase deserto, ou nas filas de bancos de um ônibus vazio, iria se sentar bem ao lado de um jovem que viajasse sozinho, para tentar trazê-lo para a fé. Também está disposto a passear pelas ruas, como o vi fazer, ele, que se parece com o famoso núncio do artista

colombiano Fernando Botero — gordo, redondo e muito vermelho —, se isso lhe permitir puxar conversa com um seminarista por quem se interessou de repente.

Ao mesmo tempo, La Païva é cativante, apesar do seu temperamento reativo. Quando vamos a um restaurante em Roma, quer que eu vista camisa e casaco, mesmo com a temperatura acima dos trinta graus na rua. Uma noite, fez uma birra e tanto: o meu look grunge não tinha lhe agradado "nada" e eu deveria ter aparecido com a barba feita! Recebo uma reprimenda de La Païva:

— Não entendo por que é que os jovens deixam a barba crescer hoje em dia. (Gosto que La Païva fale de mim como se eu fosse jovem.)

— Não deixo a barba crescer, excelência. E também não estou mal barbeado. É aquilo que chamamos de barba malfeita, barba de três dias.

— Não é por preguiça? É isso?

— Simplesmente acho que é mais bonito. Faço a barba a cada três ou quatro dias.

— Acho melhor ficar com a cara limpa, como sabe.

— O senhor também era barbudo, não?

Penso no retrato de Cristo por Rembrandt (*Christuskopf*, um quadro pequeno que vi na Gemäldegalerie de Berlim), talvez o mais belo: o seu rosto é fino e frágil; tem os cabelos longos despenteados e uma longa barba desigual. É praticamente um Cristo grunge, e por pouco não vemos ali um jeans rasgado! Rembrandt o pintou a partir de um modelo vivo anônimo — o que era uma novidade na pintura religiosa da época —, provavelmente um jovem da comunidade judaica de Amsterdam, levando-se em conta a sua humanidade e a sua simplicidade. A vulnerabilidade de Cristo é tocante e também comoveu François Mauriac, que gostava tanto desse retrato que, como todos nós, se apaixonara por ele.

Os núncios, os diplomatas e os bispos com que convivi na Domus Internationalis Paulus VI são os soldados do papa no mundo todo. Desde a eleição de João Paulo II, a sua ação internacional tem sido inovadora e particularmente favorável aos direitos do homem, à abolição da pena de morte, ao desarmamento nuclear e aos processos de paz. Mais recentemente, Francisco fez da defesa do ambiente, da reaproximação entre os Estados Unidos e Cuba ou da pacificação das Farc, na Colômbia, a sua prioridade.

— É uma diplomacia da paciência. O Vaticano nunca desiste, mesmo quando as outras potências vão embora. E quando todo mundo deixa um país por causa da guerra, por exemplo, os núncios ficam lá à mercê das bombas. Vimos isso acontecer no Iraque e, mais recentemente, na Síria — enfatiza Pierre Morel, que foi embaixador da França na santa sé.

Morel explica em detalhes, durante várias conversas em Paris, o funcionamento dessa diplomacia vaticana, com os respectivos papéis dos núncios, da Secretaria de Estado, da Congregação para as Igrejas Orientais, o papel do papa "vermelho" (o cardeal que tem a seu cargo a "evangelização dos povos", isto é, do Terceiro Mundo), do papa "negro" (o superior geral dos jesuítas) e, por fim, das "diplomacias paralelas". A Secretaria de Estado coordena o conjunto da rede e traça o rumo.

Esse aparelho diplomático eficaz e pouco conhecido também foi posto a serviço, sob João Paulo II e Bento XVI, de uma cruzada ultraconservadora e homofóbica. É possível contá-la a partir do percurso de dois núncios emblemáticos que foram observadores permanentes do Vaticano junto das Nações Unidas: o arcebispo Renato Martino, hoje cardeal, e o núncio Silvano Tomasi.

Quando chego à casa de Renato Raffaele Martino, na Via Pfeiffer, em Roma, colado no Vaticano, um filipino de cerca de vinte anos, talvez trinta, a

quintessência da beleza asiática, abre a porta com um grande sorriso. Ele me conduz, sem dizer nada, até a sala do cardeal, onde o prelado se junta a mim.

De repente, não me deparo com um Renato Martino, mas com uma dezena. Estou rodeado por retratos do cardeal, em tamanho real, pintados sob todos os ângulos, por vezes expostos em painéis inteiros, dispostos pelo núncio em todas as paredes e em todos os cantos do seu apartamento.

Compreendo que, aos 86 anos, o cardeal tenha orgulho da trajetória realizada desde a sua ordenação episcopal pelo grande Agostino Casaroli e que tenha uma boa autoestima. Afinal, batalhou como o próprio diabo para impedir a luta contra a aids em cinco continentes, com algum êxito, e isso não é para qualquer um. Mas não consigo deixar de pensar que, apesar de tudo, tantos retratos de si próprio ao mesmo tempo, tão grandes, de pé e em cores, chega a ser ridículo.

O que acontece em seguida é de esperar. O homem não responde verdadeiramente às minhas perguntas, apesar de se expressar, como a maioria dos núncios, num francês impecável, mas me leva para dar uma volta pela casa. Martino diz ter visitado 195 países durante a sua longa carreira de núncio: trouxe dessas viagens inúmeros objetos, que me mostra na sua sala de jantar, na capela privada, no interminável corredor, na dezena de quartos e até num terraço panorâmico com uma bela vista da Roma católica. O seu apartamento é pelo menos quinze vezes maior do que o quarto do papa Francisco.

É um museu, um verdadeiro gabinete de curiosidades — digamos, um gabinete de objetos de devoção. O cardeal me mostra, um atrás do outro, as suas 38 condecorações, as duzentas medalhas com o seu nome gravado, os catorze títulos de doutor honoris causa e dezesseis retratos seus. Vejo também lenços armoriados, bijuterias, velhos elefantes em miniatura, um belo panamá de colonizador e, decorando as paredes, certificados atribuídos a "Sua

Eminência Reverendíssima" com a imagem de uma ordem de cavalaria bizarra qualquer (possivelmente a Ordem de São Januário). E enquanto passamos em fila indiana entre essas relíquias e esses objetos de culto, verifico que o pajem filipino nos contempla ao longe, com desolação e uma apatia constrangida; deve ter visto com frequência esse tipo de procissão.

Na grande confusão de objetos e estilos que o seu apartamento representa, uma bagunça, descubro agora o cardeal fotografado em cima de um elefante, na companhia de um jovem; aqui, posa descontraído com um companheiro tailandês e ali com jovens laosianos, malaios, filipinos, cingapurianos ou tailandeses — todos eles belos representantes dos países onde foi vice-núncio, pro-núncio ou núncio. Dá para ver que Martino gosta da Ásia, e a sua paixão pelos elefantes não está no armário: é exibida em grande número em todos os cantos do apartamento.

Segundo duas fontes diplomáticas, a criação de Martino como cardeal por João Paulo II foi longa e repleta de dificuldades. Teria inimigos? Falta de heterossexualidade? Teria empreendido gastos excessivos ou sido alvo de rumores acerca da sua conduta? O fato é que foi obrigado a esperar por vários consistórios. A cada vez que a fumaça não era branca, Martino entrava em depressão, tanto que comprara, com muito custo, o barrete, o solidéu, a camalha vermelha e o anel de safira ainda antes da sua criação como cardeal. Essa comédia humana durou alguns anos, e a capa de seda furta-cor e ornada com fio de ouro estava quase carmesim quando o núncio, perto dos 71 anos, foi finalmente elevado à púrpura. (Na sua *Testimonianza*, o monsenhor Viganò claramente tirou Martino do armário ao declarar as suas suspeitas de que ele pertence à "corrente homossexual" da Cúria, algo que os seus amigos contestaram vivamente num comunicado.)

Na capela do cardeal, dessa vez no meio dos medalhões-retratos de Martino e dos amuletos, cuidadosamente protegidos do sol por cortinas com

pregas bordadas, descubro a trindade dos artistas LGBT: Leonardo da Vinci, Michelangelo e Caravaggio. Cada um desses homossexuais notórios tem direito, nesse local mais íntimo, a uma reprodução castrada de uma das suas obras. Falamos por um instante do seu faz-tudo filipino, e Martino, ao aparentemente não perceber o que eu estava querendo dizer, desenha para mim, dando uma de Robinson Crusoé, um retrato idílico do rapaz, tendo o cuidado de aclarar que, na verdade, tem a seu serviço "dois filipinos", que prefere às tradicionais freirinhas. É compreensível.

O Antigo Testamento, como todos sabem, está povoado de personagens mais coloridos, mais aventureiros e também mais monstruosos do que o Novo. O cardeal Renato Martino é, à sua maneira, um personagem das velhas escrituras. É ainda, hoje em dia, presidente do Dignitatis Humanae Institute, uma das associações católicas de extrema direita e do lobby político ultraconservador, dirigido pelo inglês Benjamin Harnwell. Se existe uma organização estruturalmente homofóbica neste livro, é ela — e Renato Martino é a sua bússola.

Nos 195 países que visitou, nas embaixadas em que foi núncio e como "observador permanente" na sede das Nações Unidas durante dezesseis anos, entre 1986 e 2002, Renato Martino foi um grande defensor dos direitos humanos, um militante antiaborto exaltado, bem como um opositor fervoroso aos direitos dos gays e ao uso do preservativo.

Na ONU, Renato Martino foi o principal porta-voz de João Paulo II e teve que pôr em prática a linha do papa. É certo que a sua margem de manobra era reduzida, tal como a de todos os diplomatas, porém, segundo mais de vinte depoimentos recolhidos em Nova York, Washington e Genebra, incluindo os de três antigos embaixadores junto à ONU, Martino assumiu a sua missão

manifestando tamanho preconceito e uma animosidade tão forte contra os homossexuais que esse ódio se tornou suspeito.

— Monsenhor Martino não era um diplomata normal — explica um embaixador que foi seu correspondente em Nova York. — Nunca vi ninguém tão binário. Enquanto observador permanente da santa sé na ONU, tinha duas caras, e a sua linha política tinha claramente dois pesos e duas medidas. Lançava mão de uma abordagem humanista em relação aos direitos humanos, clássica para a santa sé, e sempre muito moderada. Era um grande defensor da justiça, da paz e, me lembro particularmente, do direito dos palestinos. E depois, de repente, quando se abordava a questão da luta contra a aids, o aborto ou a descriminalização da homossexualidade, tornava-se maniqueísta, obsessivo e punitivo, como se isso tocasse o seu âmago. Em relação aos direitos humanos, expressava-se um pouco como a Suíça e como o Canadá; e de repente, quanto à questão gay ou a aids, falava como Uganda e a Arábia Saudita! E, inclusive, o Vaticano fez em seguida uma aliança que, do nosso ponto de vista, era antinatural com a Síria e com a Arábia Saudita quanto à questão dos direitos dos homossexuais. Martino era dr. Jekyll e Mr. Hyde!

Um segundo diplomata do Vaticano, Silvano Tomasi, vai desempenhar um papel semelhante na Suíça. Se em Nova York se encontra a prestigiosa representação permanente das Nações Unidas e o seu Conselho de Segurança, é em Genebra que está instalada a maior parte dos órgãos especializados da ONU que intervêm nas questões dos direitos humanos e da luta contra a aids: o Alto-Comissariado para os Direitos Humanos, a Organização Mundial da Saúde, o Unaids, o Fundo Global de Combate à Aids e, claro, o Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas. O Vaticano está representado no conjunto desses organismos especializados por um único "observador permanente", sem direito a voto.

Quando me encontro com Silvano Tomasi no Vaticano, onde me recebe à margem de um encontro internacional que decorre na sala das audiências pontificais Paulo VI, o prelado pede desculpa pelo pouco tempo disponível. Por fim, acabaremos conversando por mais de uma hora, e ele faltará ao restante da conferência a que deveria assistir para ficar comigo.

— Recentemente, o papa Francisco nos disse, dirigindo-se aos núncios apostólicos, que a nossa vida deveria ser uma vida de *gypsies* — diz Tomasi, usando a palavra em inglês.

Como saltimbanco, portanto, como nômade, como boêmio, talvez, Tomasi percorreu o mundo, como todos os diplomatas. Foi embaixador do Vaticano na Etiópia, na Eritreia e ainda no Djibuti antes de ficar à frente do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Imigrantes e Itinerantes.

— Os refugiados, os imigrantes são a prioridade do papa Francisco, que se interessa pelas periferias, pelos que estão à margem da sociedade, pelas pessoas deslocadas. Quer ser uma voz para aqueles que não têm voz — revela Tomasi.

Curiosamente, o núncio tem tripla nacionalidade: é italiano, nascido ao norte de Veneza em 1940; é também cidadão do Estado do Vaticano, enquanto núncio, e americano.

— Cheguei a Nova York aos dezoito anos. Fui estudante católico nos Estados Unidos, fiz a minha tese na New School, em Nova York, e fui durante muito tempo padre em Greenwich Village.

O jovem Silvano Tomasi é ordenado no seio da missão de San Carlos Borromeo, criada no fim do século XIX, cujo principal objetivo era evangelizar o Novo Mundo. Na década de 1960, exerce longamente o seu ministério numa paróquia dedicada aos imigrantes italianos que moram em Nova York: Our Lady of Pompeii, uma igreja do "Village", na esquina da Bleecker Street com a Sexta Avenida.

É um bairro que conheço bem, por ter morado vários anos em Manhattan. Estamos a cinco minutos a pé de Stonewall Inn. É aí, em junho de 1969, no exato momento em que o jovem Silvano Tomasi se instala no bairro, que nasce o movimento homossexual americano, durante uma noite de distúrbios. Todos os anos se comemora, em todo o mundo, esse acontecimento, sob o nome de Gay Pride. Greenwich Village se torna, durante a década de 1970, o local simbólico da libertação homossexual, e é aí que o jovem prelado exerce a sua missão evangélica, entre os hippies, os travestis e os ativistas gays que tomaram o bairro de assalto.

Quando conversamos, falamos do "Village" e da sua fauna LGBT. Esperto e afiado, Silvano Tomasi se expressa de maneira tensa e também com uma grande reserva: não vou ensinar o padre a rezar a missa!

— Veja bem: conversamos como amigos, você vai me dizer coisas e depois vai guardar apenas as afirmações contra a Igreja, como todos os jornalistas! — diz Tomasi, rindo, mas continuando a falar cada vez mais. (O encontro foi formalizado oficialmente por meio do serviço de imprensa do Vaticano, e o prelado sabe que está sendo gravado porque utilizo um gravador bem visível.)

Depois de ter viajado muito, o núncio Silvano Tomasi termina a sua carreira se tornando um "observador permanente" da santa sé junto à ONU, em Genebra. Ali, entre 2003 e 2016, vai pôr em execução a diplomacia dos papas João Paulo II e Bento XVI.

Durante mais de dez anos, portanto, o diplomata-chefe do Vaticano, que, apesar de ser um bom conhecedor de Greenwich Village, conduz uma política tão obsessivamente antigay como a posta em prática em Nova York pelo colega Renato Martino. Os dois núncios despendem, em parceria, uma energia considerável para tentar atravancar as iniciativas que visam à despenalização internacional da homossexualidade e o uso do preservativo. Multiplicam as intervenções para entravar todos os projetos nesse sentido da

OMS, do Unaids ou do Fundo Global de Combate à Aids, como me confirmam diversos responsáveis desses órgãos especializados das Nações Unidas que entrevistei em Genebra, especificamente o diretor-geral do Unaids, Michel Sidibé.

No mesmo momento, os dois núncios demonstraram discrição quanto aos casos de abusos sexuais dos padres que já chegam aos milhares atualmente. Uma moral de geometria variável, em suma.

— Um bom diplomata é um diplomata que representa bem o seu governo. E, nesse caso, para o Vaticano, um bom núncio apostólico é aquele que se mantém fiel ao papa e às prioridades que ele defende — diz Tomasi para justificar a sua ação em Genebra em estrita obediência à linha imposta por João Paulo II.

Em 1989, pela primeira vez, o papa dedica, diante de uma assembleia de médicos e de pesquisadores reunidos em Viena, um discurso sobre a questão da aids. O santo padre já tinha sido visto, em 1987, em Los Angeles, beijando uma criança condenada à morte pelo vírus, ou exigindo, na sua mensagem de Natal de 1988, compaixão em relação às vítimas da epidemia, mas ainda não havia se expressado publicamente sobre o tema. "Parece ofensivo à natureza humana e, portanto, moralmente ilícito", declara dessa vez João Paulo II, "desenvolver a prevenção da aids baseada no recurso a meios e remédios que violam o sentido autenticamente humano da sexualidade e que são um paliativo para aqueles distúrbios profundos nos quais estão em causa a responsabilidade dos indivíduos e a da sociedade."

É certo que o papa não se refere ao "preservativo" enquanto tal (nunca o fará), mas essa primeira declaração suscita uma reação acalorada no mundo todo. Em setembro de 1990 e de novo em março de 1993, retoma esse tipo de discurso, dessa vez em solo africano, na Tanzânia e depois em Uganda, dois

dos países mais atingidos pela epidemia. Aí, afirma ainda "que a restrição sexual imposta pela castidade é o único meio seguro e virtuoso de pôr fim à chaga trágica da aids". O papa não tolera nenhuma exceção à regra, inclusive no caso de pessoas casadas assintomáticas (em que um dos parceiros é soropositivo), no exato momento em que um ugandês em cada oito estava contaminado pelo vírus.

Essas posições serão vivamente contestadas não só pela comunidade científica e médica, mas também por cardeais influentes como Carlo Maria Martini ou Godfried Danneels (o arcebispo de Paris, Jean-Marie Lustiger, defenderá, numa argumentação sem igual, a posição de João Paulo II, propondo ao mesmo tempo algumas exceções como "mal menor").

Na ONU, Renato Martino se lança então numa campanha virulenta contra o sexo seguro e o uso do preservativo. Quando um comitê de bispos americanos publica, em 1987, um documento que dá a entender que é necessário informar as populações sobre os meios para se protegerem, Martino trabalha exaustivamente nas altas instâncias para mandar proibir o texto. Em seguida, mobiliza-se para que a prevenção da aids não figure nos documentos ou nas declarações da ONU. Um pouco mais tarde, utiliza um artigo pretensamente científico que o cardeal López Trujillo difunde massivamente para denunciar os perigos do "sexo sem risco" e concluir que existem inúmeras contaminações nas relações sexuais protegidas. Ainda em 2001, pouco antes do fim da sua missão, durante a Conferência Episcopal da África do Sul, é publicada uma carta pastoral justificando a utilização do preservativo por parte de casais casados assintomáticos; Martino se agita pela última vez para tentar calar os bispos sul-africanos.

"O preservativo agrava o problema da aids." A frase é uma das mais célebres do pontificado de Bento XVI. A afirmação com certeza vem recebendo

inúmeras deformações. Recordemos brevemente o contexto e a formulação exata. Em 17 de março de 2009, o papa está a caminho de Iaundé, em Camarões, na sua primeira viagem à África. No avião da Alitalia, toma a palavra numa conferência de imprensa que foi organizada de maneira minuciosa. A pergunta, preparada de antemão, é feita por um jornalista francês. Na sua resposta, depois de ter saudado a ação meritória dos católicos na luta contra a aids na África, Bento XVI acrescenta que essa doença só poderá ser vencida com dinheiro: "Se não houver alma", afirma, "se os africanos não se ajudarem, não poderemos resolver esse flagelo por meio da distribuição de preservativos; pelo contrário, isso corre o risco de aumentar o problema".

— Se formos honestos, temos que reconhecer que a resposta do papa, tomada no seu conjunto, é bastante coerente. O que levanta um problema é apenas uma frase: a ideia de que o preservativo é "pior" e que "agrava" as coisas. A única coisa que não cai bem é a ideia de "pior" — reconhece Federico Lombardi, o porta-voz de Bento XVI. (Lombardi, que esteve presente ao lado do papa no avião, confirma que a pergunta sobre a aids tinha sido autorizada e preparada de antemão.)

A frase desencadeia imediatamente uma onda de protestos nos cinco continentes. Bento XVI é criticado, vira alvo de zombaria e é até ridicularizado. Os presidentes de inúmeros países, primeiros-ministros e diversos médicos de renome internacional, muitos deles católicos, denunciam pela primeira vez as "afirmações irresponsáveis". Diversos cardeais falam delas como uma grave "falta de tato" ou um "erro". Outros, por fim, como a associação Act Up, acusam o papa de ser, pura e simplesmente, "um criminoso".

— Os bispos e os padres que já recorriam a uma linguagem antipreservativo se viram legitimados pela frase de Bento XVI e, consequentemente,

multiplicaram as homilias nas suas igrejas contra o combate à aids e, claro, alguns insistiram no fato de que a doença era um castigo de Deus para punir os homossexuais — diz um padre africano que também é diplomata da santa sé (e que encontro, quase que por acaso, num café do Borgo, em Roma).

Não raro, esses bispos e padres católicos se unem a uma mesma causa com os pastores americanos homofóbicos, os evangélicos ou os sacerdotes muçulmanos que se opõem aos direitos dos gays e ao preservativo como meio de luta contra a aids.

Segundo esse diplomata do Vaticano, os núncios presentes têm como principal missão vigiar os bispos africanos e os seus discursos sobre a homossexualidade e a aids. Devem comunicar o menor "desvio" à santa sé. Sob João Paulo II e Bento XVI, bastava, portanto, que um padre aprovasse a distribuição de preservativos ou se mostrasse favorável à homossexualidade para perder todas as esperanças de vir a ser bispo.

A renomada advogada Alice Nkom explica que no seu país, Camarões, onde concluí uma investigação, "está em curso uma verdadeira caça aos homossexuais". Ora, insiste ela, o bispo Samuel Kléda tomou posição favorável à criminalização da homossexualidade e tenciona castigar os doentes com aids. Em Uganda, onde um ativista gay foi assassinado, o arcebispo católico Cyprian Lwanga se opôs à descriminalização da homossexualidade. No Malauí, no Quênia e até na Nigéria, os representantes da Igreja católica ficaram célebres por afirmações homofóbicas e contra os preservativos (algo que é confirmado por um relatório pormenorizado da Human Rights Watch entregue ao papa Francisco em 2013).

Trata-se de uma política moralmente injusta e com efeitos contraproducentes, como me confirma durante uma entrevista em Genebra o malinês Michel Sidibé, diretor-geral do órgão especializado das Nações Unidas, Unaids:

— Na África subsaariana, o vírus da aids se difunde principalmente por relações heterossexuais. Podemos afirmar, portanto, nos baseando em números, que as leis homofóbicas, além de atentarem contra os direitos humanos, são completamente ineficazes. Quanto mais os homossexuais se esconderem, mais vulneráveis estarão. No final das contas, ao reforçar a estigmatização, corremos o risco de travar a luta contra a aids e multiplicar as contaminações das populações vulneráveis.

Entre tantos prelados africanos homofóbicos, dois cardeais ganham destaque. Tornaram-se célebres, nesses últimos anos, pelos seus discursos contra os preservativos e os gays: o sul-africano Wilfrid Napier e o guineense Robert Sarah, tornados cardeais por João Paulo II e Bento XVI, respectivamente, numa época em que ser antigay era um ponto a favor no currículo. De lá para cá, ambos foram marginalizados por Francisco.

Antes de ser homofóbico, Wilfrid Napier defendeu, durante muito tempo, os direitos humanos. O seu percurso fala por si: o atual arcebispo de Durban foi um militante ativo da causa negra e do processo democrático na África do Sul. À frente da Conferência Episcopal Sul-Africana, desempenhou um importante papel no momento das negociações para acabar com o apartheid.

No entanto, Napier contestou os progressos propostos por Nelson Mandela sobre a descriminalização da homossexualidade, a introdução da ideia de "orientação sexual" na Constituição do país e, em seguida, a implementação do casamento gay.

Vários depoimentos que recolhi em Johannesburgo, Soweto e Pretória classificam Napier como um "verdadeiro homofóbico" e um "militante radical contra o preservativo". Em 2013, o arcebispo de Durban denuncia as propostas de lei a favor do casamento gay que se multiplicam por todo o mundo: "É uma nova forma de escravidão. E os Estados Unidos nos dizem

que não vão ter dinheiro enquanto não distribuírem preservativos e legalizarem a homossexualidade". (Recordemos aqui que o casamento gay foi adotado primeiro na África do Sul e depois nos Estados Unidos.)

Essas intervenções suscitaram fortes reações. O arcebispo anglicano Desmond Tutu, prêmio Nobel da Paz, opôs-se frontalmente a Napier (sem citar o seu nome), denunciando as Igrejas que estão "obcecadas com a homossexualidade" quando há uma grave epidemia de aids. Tutu comparou, em diversas ocasiões, a homofobia com o racismo, chegando a ponto de afirmar: "Se Deus fosse homofóbico, como alguns afirmam, eu não rezaria a esse Deus".

O escritor Peter Machen, diretor do festival de cinema de Durban, também criticou o cardeal Napier com pesadas indiretas: "*Isn't it a little hard to tell, archbishop, (who is gay) when most of your colleagues wear dresses?*" (Não é um pouco difícil dizer, arcebispo, quem é homossexual quando a maior parte dos seus colegas usa vestido?).

Napier multiplica as suas declarações contra os gays, denunciando, por exemplo, "a atividade homossexual" no cerne da Igreja a causa, segundo ele, dos abusos sexuais: "Afastar-se da lei de Deus conduz sempre à desgraça", acrescenta. Essa homofobia obsessiva de Napier suscita reservas inclusive nas fileiras da Igreja sul-africana. Assim, os jesuítas de Johannesburgo criticaram as posições do cardeal nas suas conversas privadas com o núncio apostólico (segundo uma fonte de primeira mão) e aceitam tacitamente, fechando os olhos, segundo o que pude verificar no local, as distribuições de preservativos.

O juiz Edwin Cameron também se mostra igualmente crítico. Amigo de Nelson Mandela, pai de um filho que morreu de aids, Cameron é uma das figuras mais respeitadas da África do Sul. Militante da causa negra, aderiu ao ANC durante o apartheid, algo raro para um branco. Membro hoje em dia do Supremo Tribunal sul-africano, tornou público o seu diagnóstico soropositivo.

Entrevistei-o várias vezes em Johannesburgo, onde me deu a sua opinião, lenta e pausadamente, sobre Wilfrid Napier:

— Aqueles que se preocupam em diminuir a tragédia da aids na África ou em proteger as pessoas LGBTs nesse continente encontraram no seu caminho um adversário implacável na pessoa do cardeal Wilfrid Napier. Ao ouvi-lo, hesitamos entre a angústia e o desespero. Ele lançou mão do seu grande poder de prelado da Igreja católica romana para se opor aos direitos das mulheres, para condenar os preservativos e para repudiar toda a proteção jurídica dos homossexuais. Militou contra a descriminalização das relações sexuais consentidas entre dois homens ou duas mulheres adultos e, claro, contra o casamento dos casais do mesmo sexo. Apesar dessa obsessão, afirmou que não conhecia nenhum homossexual. Assim nos tornou invisíveis e nos julgou! Essa triste saga na história do nosso país, essa página negra da Igreja católica na África está prestes a chegar ao fim, assim esperamos, com o pontificado de Francisco.

Vale dizer, por fim, que o cardeal Wilfrid Napier manteve a discrição quanto aos abusos sexuais da Igreja católica, que envolvem dezenas de padres na África do Sul. O arcebispo de Durban inclusive chegou a ponto de declarar, numa entrevista à BBC, que os pedófilos não devem ser "punidos", porque se trata "de doentes, e não de criminosos". Tendo em conta o escândalo suscitado por essas afirmações, o cardeal pediu desculpa, afirmando que havia sido mal interpretado. "Não posso ser acusado de homofobia", descartou-se, "porque não conheço nenhum homossexual."

Robert Sarah é um homofóbico de outra natureza. Conversei informalmente com ele depois de uma conferência, mas não pude entrevistá-lo oficialmente, apesar de vários pedidos. Em compensação, pude falar várias vezes com os seus colaboradores, sobretudo Nicolas Diat, o coautor dos seus

livros. O cardeal Fernando Filoni, que tem a seu cargo as questões africanas no Vaticano, e um padre que viveu com Sarah, quando este era secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos, também me deram informações.

Robert Sarah não nasceu católico, tornou-se católico. Tendo crescido numa tribo coniagui a quinze horas de carro da capital, Conacri, compartilha com ela os preconceitos, os ritos, as superstições e até a cultura da feitiçaria e dos marabutos. A sua família é animista; a sua casa é feita de terra batida, e ele dorme lá deitado no chão. Assim nasceu o *storytelling* do chefe de tribo Sarah.

A ideia de se converter ao catolicismo, e depois se tornar padre, germina após o contato com os missionários do Espírito Santo. Ele entra para o seminário menor na Costa do Marfim e, em seguida, é ordenado padre em Conacri, em 1969, na mesma época em que Sékou Touré, o ditador no poder na Guiné, organiza a caça aos católicos. Quando o arcebispo da cidade é encarcerado, em 1979, Roma nomeia Sarah como substituto, tornando-o o bispo mais novo do mundo. Inicia-se uma medição de forças, e o prelado enfrenta o ditador, o que lhe vale ser colocado na lista de pessoas... a serem envenenadas.

A maior parte das testemunhas que entrevistei enfatiza a coragem que Sarah demonstrou sob a ditadura e, ao mesmo tempo, a sua inteligência nas relações de força. Exibindo uma modéstia que dissimula um ego extravagante, o prelado soube se fazer notar pelo círculo próximo de João Paulo II, que admira, ao mesmo tempo, a sua oposição a uma ditadura de viés comunista e as suas tomadas de posição inflexíveis sobre a moral sexual, o celibato dos padres, a homossexualidade e o preservativo.

Em 2001, João Paulo II chama-o para perto de si. Sarah deixa a África e se torna "romano". É um divisor de águas. Torna-se secretário da importante Congregação para a Evangelização dos Povos, o Ministério que, no Vaticano, se ocupa da África.

— Conheci bem Robert Sarah quando ele chegou em Roma. Era um biblicista. Era humilde e prudente, mas também bajulador e lisonjeiro com Crescenzio Sepe, o cardeal prefeito na época. Trabalhava muito. E depois, mudou — conta um padre, especialista em África, que foi próximo de Sarah no Palazzo di Propaganda.

Aliás, vários observadores se espantam com essa dupla antinatural formada por Crescenzio Sepe e Robert Sarah. O jovem bispo serve, sem pestanejar, um cardeal, chamado "papa vermelho", que tem amizades mundanas e será transferido para longe de Roma pelo papa Bento XVI.

— Sarah é um grande devoto. Reza sem parar, é um pouco enfeitiçado. Dá medo. Dá medo, completamente — comenta um padre.

Há grandes momentos difusos no percurso de Robert Sarah, bonito demais para ser verdade. Assim, a sua ligação às ideias de extrema direita do monsenhor Lefebvre, excomungado pelo papa em 1988, volta com frequência: Sarah se formou de fato numa escola de missionários de que Marcel Lefebvre era até então uma figura tutelar e, em seguida, esteve imerso num meio fundamentalista na França. A proximidade de Sarah com a extrema direita católica é um simples pecado perdoável de juventude ou moldou de forma duradoura as suas ideias?

Uma segunda zona difusa cobre as competências litúrgicas e teológicas do cardeal, que exige a missa em latim *ad orientem*, mas não teria o nível exigido para tal. Ultraelitista (porque exigir o latim, mesmo quando se fala mal, é se distanciar das multidões) — e filisteu. Os seus escritos sobre Santo Agostinho, São Tomás de Aquino ou a Reforma são muito criticados. As suas elucubrações contra os filósofos do Iluminismo, por sua vez, denotam "um arcaísmo que coloca a superstição à frente da razão", segundo um teólogo, que acrescenta:

— Para que recuar até antes do Concílio Vaticano II quando se pode voltar à Idade Média!

Um outro docente universitário e teólogo francês que mora em Roma, e publicou diversos livros de referência sobre o catolicismo, me explica durante uma conversa:

— Sarah é um teólogo de pouca envergadura. A sua teologia é muito pueril: "Rezo, logo sei". Abusa dos argumentos de autoridade. Nenhum teólogo digno desse título pode levá-lo muito a sério.

O ensaísta francês Nicolas Diat, que escreveu três livros com Sarah, defende o cardeal, durante os três almoços que compartilhamos em Paris:

— O cardeal Sarah não é um tradicionalista, como querem fazer crer. É um conservador. Originalmente, é um chefe de tribo, é preciso não esquecer disso. Para mim, é um santo com uma enorme piedade.

Um santo que alguns criticam pela sua habilidade social, pelo seu estilo de vida e pelas suas ligações africanas. Defensor incondicional do continente negro, Sarah se manteve discreto em relação aos esbanjamentos financeiros de determinados prelados africanos, como, por exemplo, aos da Conferência Episcopal do Mali ou àqueles em que o cardeal-arcebispo de Bamako depositava secretamente na Suíça (e que foram revelados pelo escândalo SwissLeaks).

Temos que somar a isso um estranho mistério editorial que descobri. As vendas nas livrarias das obras do cardeal Sarah não correspondem de modo algum aos números anunciados. Não é raro, claro, um autor "insuflar" um pouco os números das suas vendas, por pura vaidade. Mas, nesse caso, os "250 mil exemplares" anunciados na imprensa são quase dez vezes superiores às vendas reais nas livrarias. O "êxito sem precedentes" do cardeal é um exagero. As vendas dos livros do cardeal Sarah são apenas medianas nas França: no fim de 2018, *Dieu ou rien* vendeu 9926 exemplares na edição

original e *La Force du silence*, 16 325, apesar do curioso prefácio do papa emérito Bento XVI (segundo os números da base de dados da edição francesa, Edistat). As vendas na Amazon também são fracas. E mesmo se somarmos a difusão nas paróquias e nos seminários, mal levadas em conta pelas estatísticas da edição, e as versões em formato de bolso (apenas 4608 exemplares para *La Force du silence*), estamos longe das "centenas de milhares de exemplares" anunciadas. Nos outros países, a mesma debilidade, sobretudo porque o número das traduções é em si inferior ao que pôde ser escrito por determinados jornalistas.

Como explicar essa lacuna? Ao investigar no íntimo da editora francesa de Sarah, descobri a trapaça. Segundo duas pessoas que tiveram conhecimento dessas negociações delicadas, dezenas, talvez centenas de milhares de exemplares dos seus livros, teriam sido compradas "por atacado" por mecenas e fundações, e em seguida distribuídas de maneira gratuita, principalmente na África. Essas vendas diretas são perfeitamente legais. Uma vez que contribuem para "insuflar" artificialmente os números das vendas, agradam tanto aos editores quanto aos autores: garantem aos primeiros margens de lucros significativas, uma vez que distribuidores e livreiros muitas vezes estão em dificuldade financeira; os autores se beneficiam ainda mais, uma vez que são remunerados em porcentagem (em alguns casos, podem ser assinados adendos aos contratos para renegociar os direitos, caso essas vendas paralelas não estejam previstas inicialmente). A versão em inglês dos livros de Sarah, talvez por modos semelhantes, ficou a cargo de uma editora católica conservadora, que se tornou célebre pelas suas campanhas contra o casamento gay: a Ignatius Press, de San Francisco.

Por meio de fontes diplomáticas concordantes, também se confirma que exemplares dos livros de Sarah tenham sido distribuídos gratuitamente na África, no Benim, por exemplo. Vi pessoalmente, num centro diplomático

cultural francês, pilhas de centenas de livros do cardeal embrulhados em plástico.

Quem apoia a campanha do cardeal Sarah e, se necessário, essas distribuições de livros? Beneficia-se de apoios financeiros europeus ou americanos? O que é certo: Robert Sarah tem ligações com associações ultraconservadoras católicas, particularmente com o Dignitatis Humanae Institute (o que Benjamin Harnwell, o seu diretor, me confirma). Nos Estados Unidos, tem ligações, principalmente, com três fundações, o Becket Fund of Religious Liberty, os Cavaleiros de Colombo (que admitem ter comprado a "granel" e em francês os seus livros) e o National Catholic Prayer Breakfast, onde fez uma conferência. Na Europa, Robert Sarah também pode contar com o apoio dos Cavaleiros de Colombo, em especial na França, bem como com a afeição de uma milionária que já abordamos neste livro: a princesa Gloria von Thurn und Taxis, uma riquíssima monarca alemã. Gloria TNT me confirma, durante uma conversa no seu Castelo de Regensburg, na Baviera:

— Aqui, convidamos sempre o clero, pois faz parte do nosso patrimônio católico. Recebo conferencistas que vêm de Roma. Estou muito envolvida com a Igreja católica e adoro convidar oradores, como o cardeal Robert Sarah. Ele apresentou o seu livro aqui, em Regensburg, e convidei a imprensa: foi uma bela festa. Tudo isso faz parte da minha vida social.

Nas fotos da recepção mundana, distinguimos a princesa Gloria TNT, rodeada por Robert Sarah e por seu escriba Nicolas Diat, bem como o cardeal Ludwig Müller, o padre Wilhelm Imkamp e ainda Georg Ratzinger, o irmão do papa (a edição alemã do livro é prefaciada por Georg Gänswein). Em resumo: os principais atores daquilo que foi chamado Regensburger Netzwerk.

Robert Sarah também mantém vínculos com a associação de Marguerite Peeters, uma militante extremista belga, homofóbica e antifeminista. Aliás,

Sarah prefaciou um pequeno panfleto de Peeters contra a teoria de gênero, que foi editado praticamente por conta da autora. Escreve ele: "A homossexualidade é um contrassenso em relação à vida conjugal e familiar. É no mínimo pernicioso recomendá-la em nome dos direitos humanos. Impor a homossexualidade é um crime contra a humanidade. E é inadmissível que os países ocidentais e os órgãos especializados da ONU imponham aos países não ocidentais a homossexualidade e todos os seus desvios morais [...]. Promover a diversidade das 'orientações sexuais' em terra africana, asiática, oceânica ou sul-americana é impelir o mundo para uma total deriva antropológica e moral: para a decadência e a destruição da humanidade!".

Quais são os financiamentos de que Sarah se beneficia? Não sabemos. De qualquer modo, o papa Francisco, de olho em determinados cardeais da Cúria Romana, teria dito: "Há Deus e há o Deus do dinheiro".

Finalmente, um derradeiro mistério: o círculo próximo do cardeal não para de surpreender os observadores: Sarah viaja e trabalha com gays. Um dos seus colaboradores próximos é um gay de extrema direita bastante famoso por seduzir sem timidez, por vezes na presença do cardeal. E quando Sarah era secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos, organizavam-se festas mundanas homossexuais num dos apartamentos do dicastério. Sarah sabia disso? Não há provas de que sabia, mas o Vaticano continua ironizando a respeito dessa época insólita em que *private dancers*, as "orgias químicas" e as "festas regadas a sexo e drogas" eram moeda corrente nas dependências do "papa vermelho".

— Será que Sarah poderia não estar a par da vida libertina de determinados padres da Congregação e das festinhas carnais que se desenrolavam no prédio onde residia e trabalhava? — se pergunta, visivelmente incrédulo, um padre que, na época, vivia nesse Ministério (e que o entrevisto na Bélgica).

Hoje em dia, os bons conhecedores da Cúria evocam também a lembrança, entre os colaboradores de Sarah, de um prelado que foi ridicularizado pela imprensa e condenado pelo tribunal italiano num caso de prostituição gay. Castigado pelo papa, o *monsignore* desapareceu, para reaparecer como que por milagre na equipe de Sarah, no Vaticano (o seu nome ainda figura no *Annuario Pontifico*).

— O cardeal mais antigay da Cúria Romana está rodeado de homossexuais. Exibe-se com eles nas redes sociais. Em Roma ou na França, para onde se desloca com frequência, é visto acompanhado por gays agitados claramente praticantes! — diz, rindo, um jornalista francês que o conhece bem.

O papa Francisco também conhece bem esse Sarah. Porque, se em público o cardeal professa a sua admiração pelo papa, na esfera privada o critica com virulência. Quando faz conferências, o seu séquito o apresenta como "um dos conselheiros mais próximos do papa" para atrair o público e vender os seus livros; mas, na verdade, é um dos seus inimigos mais implacáveis. Francisco, que nunca se deixou iludir pelos cortesãos obsequiosos e os hipócritas de longa data, volta e meia o castiga com uma pérfida severidade. Faz muito tempo que Sarah não exala santidade no Vaticano.

— A técnica do papa contra Sarah é como uma tortura chinesa: o cardeal não é demitido imediatamente, mas humilhado aos poucos, sendo privado de meios e perdendo os colaboradores... O papa segue marginalizando-o, desmentindo as suas afirmações e recusando-lhe audiências... e depois, um dia, vão acabar com ele. A técnica foi afinada para [Raymond] Burke e [Ludwig] Müller. A vez de Sarah chegará no devido momento — afirma um padre da Cúria que pertence ao círculo próximo do cardeal Filoni.

A tortura chinesa já está em marcha. Tornado cardeal por Bento XVI em 2010, Robert Sarah assumiu a chefia do poderoso Conselho Pontifício Cor Unum, que se ocupa das organizações de caridade católicas, onde se mostrou

sectário e mais preocupado com a evangelização do que com a filantropia. Após a sua eleição, o papa Francisco o destitui por ter exercido a missão de caridade de forma pouco efetiva. Fase I do suplício chinês: em vez de dispensá-lo, o papa reorganiza a Cúria e dissolve totalmente o Conselho Pontifício Cor Unum, privando, assim, Sarah do seu cargo! Como prêmio de consolação, o cardeal é, segundo a famosa técnica do *promoveatur ut amoveatur* (promovido para ser removido), nomeado para chefiar a Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos sacramentos. Lá também dá cada vez mais passos em falso e se revela um militante incondicional do rito latino e da missa *ad orientem*: o padre deve celebrar a missa de costas, virado para o oriente. O papa o chama à ordem: fase II do suplício chinês. Fase III: Francisco renova, de uma só vez, 27 dos trinta cardeais da equipe que aconselha Robert Sarah e, sem sequer se dar o trabalho de consultá-lo, nomeia homens da sua confiança para substituí-los. Fase IV: Francisco priva Sarah dos seus colaboradores. As aparências estão a salvo: Sarah mantém o cargo, mas o cardeal é marginalizado dentro do seu Ministério. De algum modo, está dentro do armário!

Tendo permanecido na sombra durante muito tempo, foi com o sínodo para a família, querido por Francisco, que Sarah mostrou a cara. O africano já não hesita em classificar o divórcio como um escândalo e as segundas núpcias como adultério! Em 2015, profere inclusive um discurso histérico em que denuncia, como se ainda estivesse na sua aldeia animista, a "besta do apocalipse", um animal de sete cabeças e dez chifres enviado por Satanás para destruir a Igreja. E qual seria, então, essa besta demoníaca que ameaçaria a Igreja? O seu discurso de 2015 é explícito nesse ponto: trata-se da "ideologia de gênero", das uniões homossexuais e do lobby gay. E o cardeal dá ainda mais um passo, comparando essa ameaça LGBT... ao terrorismo islâmico: são duas

faces de uma mesma moeda, segundo ele "duas bestas do apocalipse" (cito-o aqui com base na transcrição oficial que obtive).

Ao comparar os homossexuais com o Estado Islâmico, Sarah acabou de atingir um ponto sem volta.

— Estamos diante de um lunático — resume severamente, em off, um cardeal próximo do papa.

E um padre que participou no sínodo diz:

— Já não se trata de religião; aqui, estamos num discurso típico da extrema direita. É o monsenhor Lefebvre: não é preciso buscar mais longe as suas fontes. Sarah é Lefebvre africanizado de novo.

O que é estranho aqui é a obsessão de Sarah com a homossexualidade. Que ideia fixa! Que psicose em relação a esse "apocalipse"! Em dezenas de entrevistas obscurantistas, o cardeal condena os homossexuais ou suplica que se mantenham castos. Magnânimo, chega a ponto de propor aos menos frugais entre eles algumas "terapias reparadoras" que, não raro defendidas pelo padre psicanalista Tony Anatrella ou por charlatães, permitiriam "curá-los" e voltarem a ser heterossexuais! Se um homossexual não consegue atingir a abstinência, as terapias reparadoras podem ajudá-lo: "Num bom número de casos, quando a prática dos atos sexuais ainda não está estruturada, [esses homossexuais] podem reagir positivamente a uma terapia adequada".

No fundo, o cardeal alcança certa esquizofrenia. Na França, torna-se uma das figuras tutelares da Manif Pour Tous, sem ver que inúmeros dos apoios antigênero também provêm de racistas que apelam ao voto, nas eleições presidenciais de 2017, na extrema direita de Marine Le Pen. Aquele que defende uma visão absolutista da família se exibe ao lado daqueles que pretendem reservar o conceito de família aos franceses "verdadeiros" e se opõem ao reagrupamento familiar de pais africanos com os seus filhos.

Imprudência ou provocação? Robert Sarah chega ao cúmulo de prefaciar um livro de Daniel Mattson, *Why I Don't Call Myself Gay*. O livro, que tem um título que dá náuseas, é significativo por não propor aos homossexuais nem "caridade" nem "compaixão", mas a abstinência total. No seu prefácio, o cardeal Sarah dá a entender que ser homossexual não é um pecado se a continência for mantida. Quando confrontado com uma mulher adúltera, Jesus não disse: "Não te condeno; vai e não tornes a pecar"? É essa a mensagem de Sarah que, estranhamente, se junta à de tantos pensadores e escritores católicos homossexuais que valorizaram a castidade para não seguir a sua tendência.

Com esse tipo de discurso, Sarah se aproxima, conscientemente ou não, dos homossexuais mais caricatos, aqueles que sublimaram ou recalcaram a sua orientação no ascetismo ou no misticismo. O prelado confessa ter lido muito sobre essa "doença" e assistido, em Roma, às conferências que tratavam da questão homossexual, principalmente as da Universidade Pontifícia São Tomás (como conta no prefácio do livro *Why I Don't Call Myself Gay*). "Senti [ao ouvir aqueles homossexuais] a solidão, o sofrimento e a infelicidade de que sofriam seguindo uma vida contrária [à verdade] do Senhor", escreve. "E foi apenas quando começaram a viver na fidelidade aos ensinamentos de Cristo que conseguiram encontrar a paz e a alegria que procuravam."

Na verdade, o mundo de Robert Sarah é uma ficção. A sua crítica da modernidade ocidental por oposição ao ideal africano só é crível para aqueles que não conhecem a África.

— A liberdade africana não corresponde em nada ao que Sarah afirma por pura ideologia — explica o diplomata africano do Vaticano que trabalhou com ele.

A ilusão é sobretudo palpável em três pontos: o celibato dos padres, a aids e a pretensa homofobia da África. O economista canadense Robert Calderisi, ex-porta-voz do Banco Mundial na África, explica durante uma entrevista que a maioria dos padres do continente vive discretamente com uma mulher; os outros são em geral homossexuais e tentam se exilar na Europa.

— Os africanos desejam que os padres sejam como eles. Apreciam quando são casados e têm filhos — acrescenta Calderisi.

Todos os núncios e diplomatas que entrevistei, e todos os meus contatos nos países africanos onde fiz pesquisas, Camarões, Quênia e África do Sul, confirmam essa frequente vida dupla dos padres católicos na África, sejam heterossexuais, sejam homossexuais.

— Sarah sabe disso muito bem: um número significativo de padres africanos vive com uma mulher. Aliás, perderiam toda a legitimidade na sua aldeia se não provassem a sua prática heterossexual! Longe de Roma, muitas vezes conseguem até se casar na igreja da sua aldeia. O discurso atual de Sarah sobre a castidade e a abstinência é uma imensa fábula quando conhecemos a vida dos padres na África. É uma miragem! — afirma um padre especialista em África, que conhece bem o cardeal.

Esse prelado confirma também que a homossexualidade é um dos ritos de passagem tradicionais das tribos da África Ocidental, especialmente na Guiné. Uma singularidade africana que o cardeal não pode ignorar.

Hoje em dia, os seminários africanos também são, à imagem dos seminários italianos da década da 1950, locais homossexualizados e espaços de proteção dos gays. Trata-se, também aqui, de uma lei sociológica ou, se é que podemos dizer assim, de uma espécie de "seleção natural" no sentido darwiniano: ao estigmatizar os homossexuais na África, a Igreja os força a se esconder. Refugiam-se nos seminários para se protegerem e não terem que se casar. Quando podem, fogem para a Europa, onde os episcopados italianos,

franceses e espanhóis recorrem a eles para repovoar as suas paróquias. E, assim, fecha-se o círculo.

O discurso de Robert Sarah foi se tornando mais rígido à medida que ele se afastava da África. O bispo é mais ortodoxo do que o padre, e o cardeal é mais ortodoxo do que o bispo. Embora tenha fechado os olhos a muitos segredos da África, lá está ele em Roma mais intransigente do que nunca. Os homossexuais se tornam então os seus bodes expiatórios, indissociáveis daquilo que, aos seus olhos, está perfeitamente ligado a eles: a aids, a teoria de gênero e o lobby gay.

Robert Sarah foi um dos cardeais mais virulentos contra a utilização do preservativo na África. Repudiou a ajuda internacional ao desenvolvimento que contribuía para essa "propaganda", recusando toda missão social à Igreja e castigando as associações, principalmente a rede Caritas, que distribuíam preservativos.

— Na África, há uma grande distância entre o discurso ideológico da Igreja e o trabalho em campo, que é frequentemente muito pragmático. Vi, por toda parte, freiras distribuindo preservativos — confirma Robert Calderisi, antigo chefe de missão e porta-voz do Banco Mundial para a África Ocidental.

Sarah comete outro erro histórico em relação à homossexualidade. Aqui, a sua matriz é neoterceiro-mundista: de acordo com ele os ocidentais teriam querido impor os seus valores por meio dos direitos humanos; ao atribuírem direitos aos homossexuais, viriam negar a "africanidade" dos povos do continente negro. Sarah se ergue, portanto, em nome da África — que, no entanto, já deixou há muito tempo, dizem os seus detratores — contra o Ocidente doente. Para ele, os direitos LGBTs não podem ser direitos universais.

Na realidade, como descobri na Índia, os artigos homofóbicos atualmente em vigor nos códigos penais dos países da Ásia e da África anglófonas foram,

na sua maioria, impostos a partir de 1860, e quase nos mesmos termos, pela Inglaterra vitoriana às colônias e aos protetorados da Commonwealth (trata-se do artigo 337 do código penal indiano, a matriz inicial, generalizado posteriormente, de forma idêntica e sob o mesmo número, em Botsuana, Gâmbia, Lesoto, Malauí, Mauritânia, Nigéria, Quênia, Somália, Suazilândia, Sudão, Tanzânia, Zâmbia...). Esse fenômeno também pode ocorrer em outros lugares, na África do Norte e na África Ocidental: um resultado do colonialismo francês, nesses casos. Logo, a penalização da homossexualidade não tem nada de local nem de asiático — é um vestígio do colonialismo. A pretensa singularidade de uma "africanidade" foi uma imposição dos colonos para tentarem "civilizar" os autóctones africanos, inculcar neles uma "boa moral" europeia e condenar as práticas homossexuais.

Ao levarmos em conta essa dimensão homofóbica da história colonial, avaliamos até que ponto o discurso do cardeal Sarah está viciado. Quando ele afirma que "a África e a Ásia devem proteger de maneira implacável suas culturas e seus valores" ou insiste que a Igreja não permita que lhe seja imposta "uma visão ocidental da família", o cardeal ofende os religiosos, cegado pelos seus preconceitos e pelos seus interesses. O seu discurso, nesse campo, não deixa de lembrar o do ditador africano Robert Mugabe, presidente do Zimbábue, para quem a homossexualidade é uma "prática ocidental antiafricana", ou o dos presidentes autocratas do Quênia ou de Uganda, que repetem que ela é "contrária à tradição africana".

Sem dúvida, se fossem coerentes com eles mesmos, cardeais como Robert Sarah ou Wilfrid Napier deveriam apelar à descriminalização da homossexualidade na África, em nome do anticolonialismo e para reencontrar uma verdadeira tradição africana.

Foi preciso esperar pelo papa Francisco para que a posição da Igreja quanto ao preservativo se suavizasse ou, no mínimo, se matizasse. Durante a sua viagem à África, em 2015, o sumo pontífice reconhecerá explicitamente que o preservativo é "um dos métodos" viáveis de luta contra a aids. Em vez de discorrer sobre a prevenção, insistirá no papel importante desempenhado pela Igreja no tratamento da epidemia: milhares de hospitais, de instituições beneficentes e de orfanatos, bem como a rede católica Caritas Internationalis, tratam os doentes e lhes fornecem terapias antirretrovirais. Entretanto, a aids terá feito, em todo o mundo, mais de 35 milhões de mortos.

15. Um casal estranho

Depois de terem travado a batalha contra o uso do preservativo na África, os cardeais e os núncios de João Paulo II se esforçam para proibir as uniões civis. Trata-se da sua nova cruzada. Entramos aqui numa das páginas mais espantosas deste livro: a de um exército de homossexuais que vai partir para a guerra contra o casamento gay.

Foi na Holanda que surgiu o debate com a surpreendente abertura, em 1º de abril de 2001, do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em Amsterdam, a comunidade gay festeja o acontecimento, espantada com a própria audácia. A ressonância é internacional. O novo artigo da lei está redigido assim, com toda a simplicidade: "Um casamento pode ser contraído por duas pessoas de sexo diferente ou do mesmo sexo".

Alguns analistas da santa sé tinham de fato percebido os sinais precursores, e alguns núncios, como François Bacqué, alocado então no país, haviam multiplicado os telegramas diplomáticos, alertando Roma. No entanto, a espetacular decisão holandesa é acolhida no Vaticano como uma segunda queda bíblica.

O papa João Paulo II está fora do jogo, nesse momento, em virtude do seu estado de saúde, mas o secretário de Estado se agita por dois. Angelo Sodano está completamente "confuso" e "intrigado" (segundo as palavras de uma testemunha) e compartilha a confusão e a cólera, em termos muito explícitos, com a sua equipe, mantendo a sua infatigável placidez. Não só não admite esse precedente na Europa Ocidental, como teme, tal como toda a Cúria, que a decisão holandesa abra uma brecha por onde outros países possam se enfiar.

Sodano encarrega o ministro das Relações Exteriores do Vaticano, o francês Jean-Louis Tauran, de analisar o dossiê, com o apoio do núncio Bacqué, que já fora seu adjunto no Chile. Pouco depois, nomeia para Genebra um bispo que ele próprio consagrou, Silvano Tomasi, para acompanhar o debate em nível multilateral. O ministro das Relações Exteriores de Bento XVI, Dominique Mamberti, desempenhará também um papel posteriormente. (Para o relato que se segue, me baseio em conversas que tive com estes quatro atores fundamentais, Tauran, Bacqué, Tomasi e Mamberti, bem como com uma dezena de outras fontes diplomáticas vaticanas. Também obtive cópia de dezenas de telegramas confidenciais, enviados pelos diplomatas colocados na ONU e descrevendo as posições do Vaticano. Finalmente, entrevistei diversos embaixadores estrangeiros, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Bernard Kouchner, o diretor do Unaids, Michel Sidibé, e o embaixador Jean-Maurice Ripert, que dirigiu o "núcleo" na ONU, em Nova York.)

Entre 2001, o "choque" holandês, e 2015, a data em que o casamento entre pessoas de mesmo sexo será autorizado nos Estados Unidos pelo Supremo Tribunal, confirmando a derrota duradoura da santa sé, vai ser travada uma batalha sem precedentes em inúmeras nunciaturas apostólicas e episcopados. Sob Paulo VI, havia apenas 73 embaixadas da santa sé, mas o seu número atinge 178 no fim do pontificado de João Paulo II (183 hoje em dia). Em toda parte, a mobilização contra as uniões civis e contra o casamento vai se tornar uma prioridade, cujo barulho será diretamente proporcional à surdez da vida dupla dos prelados mobilizados.

Na Holanda, pede-se a François Bacqué que mobilize os bispos e as associações católicas a fim de incitá-las a ir às ruas para fazer o governo recuar, mas o núncio se dá conta rapidamente de que a maioria do episcopado holandês, exceto os cardeais nomeados por Roma (entre os quais "Wim" Eijk, extremamente homofóbico), é moderada, se não liberal. A base da Igreja é

progressista e há muito exige o fim do celibato dos padres, a abertura da comunhão aos casais divorciados e até o reconhecimento das uniões homoafetivas. A batalha holandesa está perdida de antemão.

No Conselho dos Direitos Humanos, em Genebra, a resistência à "onda cor-de-rosa" parece mais promissora. A questão do casamento não tem nenhuma possibilidade de ser levada ao debate, considerando as oposições radicais dos países muçulmanos ou de vários países da Ásia. No entanto, Sodano pôs em guarda o núncio Tomasi, que acabou de chegar à Suíça: é preciso se opor com todas as suas forças à despenalização da homossexualidade, o que daria, também ali, um exemplo ruim e, como uma bola de neve, abriria caminho ao reconhecimento dos casais.

Já existem propostas de abertura em relação ao casamento gay no nível das Nações Unidas. O Brasil, a Nova Zelândia e a Noruega, por exemplo, fizeram algumas tentativas modestas nesse âmbito a partir de 2003, o mesmo se passando com os países nórdicos. A Holanda se mobiliza também, como me conta Boris Dittrich, durante uma conversa em Amsterdam. O deputado, antigo magistrado, foi o artífice do casamento gay no seu país:

— Durante muitos anos, fui militante e homem político. E, depois de ter contribuído para mudar a lei na Holanda, achei que era necessário prosseguir esse combate em nível internacional.

Durante esse tempo, em Roma, o papa Bento XVI foi eleito e o cardeal Sodano, substituído, contra a sua vontade, por Tarciso Bertone, à frente da Cúria Romana. Por sua vez, o novo papa torna a sua oposição ao casamento homossexual uma prioridade e talvez até uma questão pessoal.

De fato, o que o núncio Tomasi ainda não compreende, e que os cardeais do Vaticano subestimam, cegos demais por causa dos próprios preconceitos, é que a situação está para mudar em meados da década de 2000. Instala-se uma

dinâmica pró-gay em inúmeros países ocidentais, sendo que os da União Europeia querem imitar inclusive o modelo holandês.

Nas Nações Unidas, a relação de forças também se altera quando a França decide tratar como prioridade a garantia de mais direitos aos homossexuais, assumindo a presidência da União Europeia. Vários países da América Latina, entre os quais a Argentina e o Brasil, também passam à ofensiva. Um país africano, o Gabão, bem como a Croácia e o Japão se juntam a esse "núcleo" que vai travar o combate em Genebra e em Nova York.

Após meses de conversas secretas entre Estados, das quais o Vaticano foi excluído, é tomada a decisão de apresentar um texto diante da Assembleia Geral das Nações Unidas, que deverá se reunir em Nova York, em dezembro de 2008. A "recomendação" não será vinculativa, ao contrário de uma resolução que tem que ser aprovada com a maioria dos votos; mas a simbologia não será menos forte por causa disso.

— Eu achava que não valia a pena defender uma resolução se não estivéssemos certos de obter a maioria dos votos — confirma o antigo deputado holandês Boris Dittrich. — Caso contrário, corríamos o risco de ficar com uma decisão oficial das Nações Unidas contra os direitos dos homossexuais e, então, teríamos perdido a batalha por muito tempo.

Para evitar que o debate não pareça estritamente ocidental e se cave um fosso entre os países do norte e os do sul, os diplomatas do "núcleo" convidam a Argentina para apresentar a declaração oficialmente. Assim, a ideia será mesmo universal e defendida em todos os continentes.

Até o período entre 2000 e 2007, Silvano Tomasi não levou a sério a ameaça. Mas em Roma o novo ministro das Relações Exteriores de Bento XVI, o francês Dominique Mamberti, que conhece perfeitamente a problemática gay, foi informado do projeto. Os núncios apostólicos estão em geral bem

informados. A informação é transmitida rapidamente à santa sé. Mamberti alerta o santo padre e o cardeal Bertone.

O papa Bento XVI, que fez da recusa de qualquer reconhecimento da homossexualidade uma das linhas mais fortes da sua carreira, se desespera diante da situação. Durante uma visita à sede das Nações Unidas, em Nova York, em 18 de abril de 2008, o sumo pontífice aproveita um encontro privado como Ban Ki-moon, o secretário-geral da organização, para lhe dar um sermão. De modo sereno, mas implacável, lembra-lhe da sua hostilidade absoluta a toda forma de aceitação dos direitos homossexuais. Ban Ki-moon ouve atentamente o teólogo lacrimoso, mas, pouco depois, transforma a defesa dos direitos dos gays em uma das suas prioridades.

Desde antes do verão de 2008 o Vaticano está convencido de que uma declaração pró-LGBT vai ser apresentada nas Nações Unidas. A reação da santa sé se manifesta em duas direções. Em primeiro lugar, os núncios são chamados a intervir junto aos governos para impedi-los de realizar o irreparável. Mas o Vaticano descobre muito rapidamente que todos os países europeus, sem exceção, votarão a declaração. Incluindo a Polônia, cara a João Paulo II, e a Itália de Berlusconi! O secretário de Estado Tarcisio Bertone, que passou a assumir o assunto, causando um curto-circuito na Conferência Episcopal Italiana, apesar de se agitar e utilizar todos seus contatos políticos no Palazzo Chigi e no Parlamento, não conseguirá mudar a posição do governo italiano.

Em outros lugares, o Vaticano testa alguns países indecisos que poderiam oscilar, mas em toda parte, tanto na Austrália quanto no Japão, os governos se preparam para assinar a declaração. Na América Latina em particular, a quase totalidade dos países hispânicos e lusófonos vai no mesmo sentido. A Argentina de Cristina Kirchner confirma, de sua parte, que está disposta a apresentar publicamente o texto, e murmura-se inclusive que o cardeal Jorge

Bergoglio, que se encontra à frente da Conferência Episcopal Argentina, seria hostil a qualquer forma de discriminação...

O Vaticano elabora uma posição sofisticada, senão sofista, tecida com argumentos ilusórios, senão capciosos: "Ninguém é a favor da penalização da homossexualidade ou da sua criminalização", insiste a santa sé, afirmando em seguida que os textos existentes sobre os direitos humanos são "suficientes". Criar novos equivaleria a correr o risco, sob o pretexto de lutar contra a injustiça, de criar "novas discriminações". Os diplomatas do Vaticano combatem por fim as expressões "orientação sexual" e "identidade de gênero", que não têm, segundo eles, valor jurídico no direito internacional. Reconhecê-las poderia desencadear a legitimação da poligamia ou dos abusos sexuais. (Cito aqui termos que figuram em telegramas diplomáticos.)

— O Vaticano ousou agitar o bicho-papão da pedofilia para impedir a despenalização da homossexualidade! É incrível. O argumento era totalmente falso quando se conhece o número de processos a respeito de padres pedófilos — ressalta um diplomata francês que participou nas negociações.

Ao se opor à extensão dos direitos humanos aos homossexuais, o Vaticano de Bento XVI regressa à velha desconfiança católica em relação ao direito internacional. Para Joseph Ratzinger, as normas que transformam em dogma são de essência divina: portanto, impõem-se aos Estados porque são superiores a eles. Essa doutrina logo parecerá anacrônica. A partir da sua eleição, Francisco se mostrará profundamente hostil ao "clericalismo" e se esforçará para reinserir a Igreja na ordem mundial, esquecendo as velhas ideias de Bento XVI.

Diante do fracasso da estratégia ratzingeriana, a santa sé muda de método. Uma vez que não é possível convencer os países "ricos", mais vale tentar mobilizar os países "pobres". Daí em diante, Silvano Tomasi se esforça em Genebra para bloquear o processo da ONU sensibilizando os seus colegas dos

países muçulmanos, asiáticos e sobretudo africanos (que conhece bem, por ter sido observador junto à União Africana, em Adis Abeba). O seu colega núncio junto às Nações Unidas em Nova York, Celestino Migliore, que substituiu Renato Martino, faz o mesmo. De Roma, o papa Bento XVI se agita também, um pouco perdido, em todos os sentidos.

— A linha da nossa diplomacia se inseria naquilo a que chamaria a voz da razão e do senso comum. Somos a favor do universal, e não dos interesses particulares — diz Silvano Tomasi para explicar a oposição da Igreja católica à declaração da ONU.

É então que o Vaticano comete um erro que inúmeros diplomatas ocidentais consideraram uma falta histórica. Na sua nova cruzada, a santa sé sela um entendimento com várias ditaduras e teocracias muçulmanas. Em diplomacia, isso é chamado de "inversão de aliança".

O Vaticano então adere a uma coligação desarmônica e circunstancial ao se aproximar do Irã, da Síria, do Egito, da Organização da Conferência Islâmica (OCI) e até da Arábia Saudita, com a qual não mantém sequer relações diplomáticas! Segundo fontes, os núncios apostólicos multiplicam os diálogos com os responsáveis desses Estados, os quais combatem, por outro lado, em relação à pena de morte, à liberdade religiosa e, em termos mais globais, aos direitos humanos.

Em 18 de dezembro de 2008, como previsto, a Argentina defende a "Declaração sobre Direitos Humanos, Orientação Sexual e Identidade de Gênero" diante do prestigioso recinto da Assembleia Geral das Nações Unidas. A iniciativa recebe o apoio de 66 países: todos os Estados da União Europeia a assinam, sem exceção, bem como seis países africanos, quatro asiáticos, treze da América Latina, além de Israel, Austrália e Canadá. Pela primeira vez na história da ONU, Estados de todos os continentes se

pronunciam contra as violações dos direitos humanos baseadas na orientação sexual.

— Foi uma sessão histórica muito comovente. Confesso que estive prestes a chorar — revela Jean-Maurice Ripert, o embaixador da França na ONU, que dirigiu o "núcleo" e que entrevistei em Paris.

Igualmente como previsto, uma contradeclaração sobre as "pretensas noções de orientação sexual e de identidade de gênero" é lida paralelamente pela Síria, em nome de outros 59 países. Esse texto se concentra na defesa da família como "elemento natural e fundamental da sociedade" e critica a criação de "novos padrões" que traem o espírito da ONU. O texto condena em especial a expressão "orientação sexual", criticada por não ter base legal no direito internacional e porque abriria a porta para uma legitimação de "inúmeros atos deploráveis, sobretudo a pedofilia". A quase totalidade dos países árabes apoia a contradeclaração, bem como 31 países africanos, vários países da Ásia e, claro, o Irã. Entre os seus signatários, o Vaticano de Bento XVI.

— O Vaticano se alinhou com o Irã e com a Arábia Saudita de uma forma inadmissível. Pelo menos, podia ter se abstido — critica Sergio Rovasio, presidente da associação gay Certi Diritti, ligada ao partido radical italiano, que entrevisto em Florença.

Tanto é que 68 países "neutros", como a China, a Turquia, a Índia, a África do Sul e a Rússia, recusam a se associar tanto ao texto apresentado pela Argentina quanto à contradeclaração da Síria. O Vaticano, pensando melhor, poderia tê-los imitado.

Quando entrevisto o núncio Silvano Tomasi sobre a posição do Vaticano, ele lamenta que essa declaração tenha marcado "o início de um movimento da comunidade internacional e das Nações Unidas para integrar os direitos dos gays na agenda mundial dos direitos humanos". A observação é bastante justa.

Houve efetivamente entre 2001, data da aprovação do casamento para os casais homossexuais na Holanda, e o fim do pontificado de Bento XVI, em 2013, um verdadeiro momentum internacional em relação à questão gay.

A secretária de Estado americana, Hillary Clinton, não diz nada diferente em sua declaração nas Nações Unidas, em Genebra, em dezembro de 2011: "Alguns afirmaram que os direitos dos gays e os direitos humanos eram coisas separadas e distintas; na verdade, os direitos dos gays são direitos humanos e os direitos humanos são direitos dos gays".

Os diplomatas do Vaticano ouviram em silêncio a mensagem, hoje em dia comum à maior parte das chancelarias ocidentais e latino-americanas: ou defendem totalmente os direitos humanos, ou não defendem.

No entanto, até o fim do seu pontificado, Bento XVI não cederá em nada. Pelo contrário: vai travar também o combate às uniões civis e ao casamento gay. Mais uma vez, o papa faz disso uma questão de princípio. Mas se dará conta de que essa batalha, tal como a precedente, está perdida de antemão?

— Para um homem como Bento XVI, o combate à homossexualidade foi sempre o grande empreendimento da sua vida. Não podia sequer imaginar que o casamento gay pudesse vir a ser legalizado em algum lugar — confirma um padre da Cúria.

Nesse momento sombrio, está fora de questão recuar, mesmo perdendo as penas! Então, ele se lança às cegas, atira-se ao fosso dos leões, como os primeiros cristãos. E aconteça o que acontecer!

A história irracional e vertiginosa desse empenho desvairado contra o casamento gay é um episódio decisivo deste livro, de tal modo vai pôr em cena um exército de padres homossexuais, de prelados homossexuais no armário que, dia após dia, se mobilizarão contra um outro exército de ativistas "assumidamente gays". A guerra do casamento foi, mais do que nunca, uma batalha entre homossexuais.

Antes de me dedicar longamente a países como Espanha, França e Itália, nos próximos capítulos, começarei por contá-la aqui a partir das minhas entrevistas presenciais em três países: Peru, Portugal e Colômbia.

Dono de uma pequena barbicha branca, usando relógio largo e blusa de camurça marrom, Carlos Bruce é uma figura indispensável da América Latina LGBT. Encontro com esse deputado, duas vezes ministro em governos da direita moderada, em Lima, em diversas ocasiões, em 2014 e 2015. Ele descreve para mim um contexto globalmente favorável aos progressos dos direitos dos gays no continente, embora singularidades nacionais específicas, como no Peru, possam travar a dinâmica. A vida gay é ativa em Lima, como pude verificar, e a tolerância vem aumentando. Mas o reconhecimento dos direitos dos casais gays, união civil e casamento encontra pela frente a Igreja católica, que impede qualquer progresso, apesar da sua falência moral pela multiplicação dos casos de pedofilia.

— Aqui, o cardeal Juan Luis Cipriani é visceralmente homofóbico. Fala dos homossexuais como "mercadorias adulteradas e estragadas", e, para ele, o casamento gay seria comparável, segundo as suas palavras, ao "holocausto". No entanto, quando um bispo foi acusado de abusos sexuais na região de Ayacucho, Cipriani o defendeu! — comenta Carlos Bruce, visivelmente indignado.

Membro do Opus Dei, Cipriani foi tornado cardeal por João Paulo II, graças ao apoio ativo do secretário de Estado Angelo Sodano: é, tal como este último, criticado pelas suas ligações com a extrema direita e a sua animosidade em relação à Teologia da Libertação. É verdade que alguns padres ligados a essa corrente de pensamento podem ter pegado em armas ao lado dos guerrilheiros maoístas como o Sendero Luminoso ou, mais para o lado guevarista, do MRTA — algo que aterrorizou o clero conservador. Além dessas

particularidades locais, o cardeal realizou, como tantos dos seus correligionários, a quadratura do círculo: ser, ao mesmo tempo, violentamente hostil ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (no Peru, ainda não existem sequer as uniões civis) e não denunciar os padres pedófilos. Também vale destacar que os rumores sobre a vida "colorida" desse homofóbico visceral são igualmente correntes no Peru.

Durante a década de 2000, o cardeal Cipriani articula as tomadas de posição verbais antigay, a ponto de ser desmentido e ridicularizado publicamente pela nova presidente da Câmara de Lima, Susana Villarán, que é, no entanto, uma católica convicta. A parlamentar fica tão exasperada com a moral dupla do cardeal Cipriani — que se opõe aos direitos dos gays, mas mantém a discrição quanto aos padres pedófilos — que entra numa guerra com ele. Exibe-se na parada do orgulho gay e zomba do cardeal rígido e do seu discurso duplo.

— Aqui, a resistência principal contra os direitos dos gays — acrescenta Carlos Bruce — é a Igreja católica, como em todo canto na América Latina. Mas acho que os homofóbicos estão perdendo terreno. As pessoas compreendem muito bem o argumento da proteção dos casais homoafetivos.

Trata-se de uma opinião também compartilhada pelo jornalista Alberto Servat, um influente crítico cultural com quem me encontro várias vezes em Lima:

— Esses escândalos sexuais reiterados da Igreja são muito chocantes para a opinião pública. E o cardeal Cipriani deu a impressão de não ter feito nada para limitar os abusos sexuais. Um dos padres acusados está hoje refugiado no Vaticano...

E Carlos Bruce conclui, propondo soluções concretas que mereceriam uma condenação definitiva para Cipriani:

— Penso que a Igreja deve retirar todas as consequências da sua falência moral: é necessário que pare de criticar as relações homossexuais consentidas entre adultos e que autorize o casamento; em seguida, deve sair do silêncio sobre os abusos sexuais e abandonar totalmente a sua estratégia geral de acobertamento generalizado e institucionalizado. Por fim, porque é de fato a raiz do problema, tem que acabar com o celibato dos padres.

Em Portugal, para onde fui duas vezes por causa desta investigação, em 2016 e 2017, o debate sobre o casamento foi conduzido num sentido diferente em relação ao Peru ou à Europa, porque a hierarquia católica não seguiu as ordens de Roma. Se na França, na Espanha ou na Itália os cardeais previram e apoiaram a posição de Bento XVI, o episcopado português, pelo contrário, moderou os seus preconceitos. O cardeal-chave desse período, 2009-10, foi o arcebispo de Lisboa, José Policarpo.

— Policarpo era um moderado. Nunca deixou que Roma mandasse nele. Expressou com serenidade o seu desacordo em relação ao projeto de lei sobre o casamento gay, mas não aceitou que os bispos fossem às ruas — explica, em Lisboa, o jornalista António Marujo, um especialista em religião, que escreveu um livro com Policarpo.

É preciso dizer que a Igreja portuguesa, comprometida antes de 1974 com a ditadura, se mantém hoje distante da extrema direita católica. Não pretende se imiscuir nos assuntos políticos e se mantém afastada dos debates parlamentares, o que me é confirmado por José Manuel Pureza, vice-presidente do Parlamento português, deputado do Bloco de Esquerda, que foi um dos principais artífices da lei sobre o casamento gay:

— O cardeal Policarpo, conhecido por sua postura democrata sob a ditadura, escolheu uma forma de neutralidade quanto ao casamento. No que tange aos princípios e à moral familiar, era contra o projeto de lei, mas foi

muito comedido. A Igreja teve a mesma atitude moderada em relação ao aborto e à adoção por pessoas do mesmo sexo. (Essa análise se juntará à de outras três figuras políticas importantes que apoiaram o casamento e que entrevistei em Lisboa: o intelectual Francisco Louçã; Catarina Martins, coordenadora do Bloco de Esquerda, e Ana Catarina Mendes, secretária-geral adjunta do Partido Socialista.)

Nas minhas viagens a esse pequeno país católico, fiquei surpreendido com essa moderação política: as questões sociais são discutidas educadamente, e a homossexualidade parece se banalizar em toda a discrição, até nas igrejas. Por vezes, há mulheres que desempenham até certas funções dos padres, devido à crise das vocações, executando todas as tarefas, com exceção dos sacramentos. Inúmeros padres católicos também são casados, em especial os anglicanos convertidos, que já viviam em casais, antes de se juntarem à Igreja de Roma. Também me encontrei com vários padres e monges homossexuais, que parecem viver a sua singularidade de forma serena, sobretudo nos mosteiros. A paróquia de Santa Isabel, no coração de Lisboa, acolhe com benevolência casais de todos os gêneros. Um dos mais destacados tradutores da Bíblia (Septuaginta), do grego para o português, Frederico Lourenço, professor universitário, se casou publicamente com o seu companheiro.

Roma não ignorou esse liberalismo: a neutralidade do episcopado de Lisboa quanto às questões de sociedade desagradou, assim como a sua fraca mobilização contra a lei sobre o casamento. Roma esperava uma oportunidade para se vingar, e o cardeal Policarpo lhe forneceu o pretexto para isso.

Por ocasião de uma entrevista considerada excessivamente liberal (em especial sobre a questão da ordenação das mulheres), Policarpo foi chamado a Roma pelo secretário de Estado Tarcisio Bertone a pedido do papa Bento XVI. Na capital italiana, segundo fontes concordantes (e uma investigação pormenorizada sobre o caso pelo jornalista António Marujo no jornal

Público), Bertone repreendeu o cardeal, que teve que publicar um comunicado para diminuir a sua moderação. O papa esperava, o mais rapidamente possível, virar a página Policarpo.

Nessa época, o homem-chave de Bento XVI em Portugal é o bispo auxiliar de Lisboa e vice-reitor da Universidade Católica, Carlos Azevedo. Organizador da viagem do papa em 2010, que foi decidida oportunamente para tentar contrariar a lei sobre o casamento, Azevedo se torna a figura em ascensão na Igreja portuguesa. O papa Bento XVI tem grandes ambições para o seu protegido: pretende torná-lo cardeal e nomeá-lo patriarca de Lisboa, em vez do incontrolável Policarpo. Tendo sido durante muito tempo capelão dos hospitais, Azevedo não é realmente liberal, nem um conservador convicto; é respeitado intelectualmente por todos, e a sua ascensão parece já não poder ser travada, a partir do momento em que entrou no radar do papa.

— O bispo Azevedo era uma voz muito ouvida, muito respeitada — ressalta o ex-ministro Guilherme d'Oliveira Martins.

No entanto, Bento XVI havia escolhido, mais uma vez, um enrustido! Podemos até ironizar sobre o virtuosismo do papa, perito a contragosto na arte de se rodear de homossexuais que serão "tirados do armário" pela sua vida dupla. Porque os rumores sobre a homossexualidade de Azevedo surgem rapidamente, alimentados por um prelado metido no armário. Os rumores são tão numerosos que a carreira de Azevedo fica comprometida.

Magnânimos para com os prelados que têm tendências, ativas ou não, os membros ligados a Ratzinger chamam a Roma o bispo Azevedo para tirá-lo da armadilha em que se deixou cair. Criam um cargo sob medida e encontram um título para o infeliz prelado, graças à grande compreensão do cardeal Gianfranco Ravasi, que conhece a partitura: o bispo no exílio é nomeado "delegado" do Conselho Pontifício para a Cultura, em Roma. Pouco depois dessa manobra forjada, um dos principais semanários portugueses, a revista

Visão, publica uma investigação pormenorizada sobre a homossexualidade de Azevedo na época em que morava no Porto. Emerge assim pela primeira vez, na história recente de Portugal, a possível homossexualidade de um bispo, algo que chega para escandalizar — e jogar definitivamente o pobre prelado no ostracismo. Azevedo é abandonado por todos os seus amigos portugueses, repudiado pelo núncio e abandonado à própria sorte pelo cardeal Policarpo, porque apoiá-lo seria correr o risco de ser exposto.

Na verdade, se existe realmente um "escândalo Azevedo", não é onde poderíamos pensar: não tanto na eventual homossexualidade de um arcebispo, e mais na chantagem de que foi alvo e no seu abandono por vários prelados que compartilhavam da sua orientação.

— Azevedo foi vítima de uma chantagem e de uma vingança. Mas não foi defendido pelo episcopado como poderíamos ter imaginado — confirma Jorge Wemans, um dos fundadores do diário *Público*.

Em Roma, falei várias vezes com o arcebispo português, que me contou a sua vida, os seus erros e o seu exílio infeliz. Hoje, passa os dias no Conselho Pontifício para a Cultura e duas tardes por semana na biblioteca do Vaticano, onde faz pesquisa histórica sobre figuras religiosas portuguesas da Idade Média. É um homem moderado, tolerante, perito em ecumenismo: é um intelectual — há pouquíssimos no Vaticano.

E, ao escrever estas linhas, penso nesse bispo inteligente cuja carreira foi destruída. Não pôde se defender, nem defender a sua causa diante do núncio italiano colocado em Lisboa, um rígido conservador estetizante, cuja hipocrisia em relação ao caso ultrapassa a imaginação. Azevedo teve a dignidade de nunca falar publicamente sobre o seu drama, que foi maior ainda porque era, diz, "diretor espiritual" daquele que o acusou, acrescentando que "o rapaz era maior e nunca houve abusos sexuais".

Afinal de contas, a Igreja de Roma não deveria ter defendido o bispo vitimado? E, afinal, se existisse uma moral na Igreja do papa Francisco, Carlos Azevedo não deveria ser nomeado hoje patriarca de Lisboa e cardeal, como pensa a maior parte dos padres e jornalistas católicos com quem me encontrei em Portugal, um país onde o casamento gay foi aprovado definitivamente em 2010.

O terceiro exemplo da batalha contra o casamento é a Colômbia. Já conhecemos um pouco desse país por meio da figura do cardeal Alfonso López Trujillo. Em Bogotá, a obsessão antigay da Igreja católica não se esgotou com a morte do seu cardeal homossexual mais homofóbico, o que provocou um ruído inesperado que chocou e pôs o papa Francisco em dificuldades.

Estamos no biênio de 2015-6. Nessa época, o Vaticano se encontra no centro de uma dança diplomática de grande amplitude para acabar com o conflito armado com os guerrilheiros das Farc, que durava mais de cinquenta anos. Sete milhões de pessoas foram deslocadas e pelo menos 250 mil assassinadas durante esse período, que deve ser chamado pelo nome certo: guerra civil.

Com a Venezuela e a Noruega, o Vaticano participa das longas negociações de paz colombianas que se desenrolam em Cuba. As Farc estão instaladas num seminário jesuíta. O cardeal Ortega, em Havana, e o episcopado cubano, os núncios alocados na Colômbia, na Venezuela e em Cuba, bem como os diplomatas da Secretaria de Estado, participam das negociações entre o governo e os guerrilheiros. O papa Francisco se movimenta nos bastidores e recebe, em Roma, os principais atores do processo de paz, assinado em Cartagena em setembro de 2016.

Entretanto, alguns dias depois, o referendo popular que deve confirmar o acordo de paz é recusado e descobrem que o episcopado colombiano, com os cardeais à frente, se uniu ao campo do "não" e ao antigo presidente Uribe, ultracatólico e anticomunista virulento que fez campanha com o slogan: "Queremos a paz, mas não essa paz".

As razões da indignação das autoridades católicas não têm nada a ver com o processo de paz, para cujo descarrilamento, no entanto, contribuem: para elas, trata-se de denunciar o casamento gay e o aborto. De fato, uma vez que o Supremo Tribunal colombiano legalizou, alguns meses antes, a adoção e o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a Igreja católica entende que o referendo a favor do processo de paz, caso fosse favorável ao poder em exercício, legitimaria definitivamente essa política. Portanto, por puro oportunismo eleitoral, a Igreja sabota o referendo para defender as suas posições conservadoras.

Cúmulo dos cúmulos, a ministra da Educação da Colômbia, Gina Parody, assumidamente lésbica, propõe no mesmo momento implementar políticas que combatem a descriminação em relação aos LGBTs nas escolas. Esse anúncio é interpretado pela Igreja colombiana como uma tentativa de forçar a "teoria de gênero" nas escolas. Se o referendo pela paz for aprovado, a defesa da homossexualidade também o será, dizem com vigor os seus representantes, que apelam à abstenção ou a votar "não".

— A Igreja colombiana sempre foi aliada das forças mais obscuras do país, sobretudo dos paramilitares. Foi assim na época do cardeal Alfonso López Trujillo e continua sendo hoje. O casamento e a teoria de gênero eram apenas um pretexto. Apelaram ao voto no "não" porque nem os paramilitares nem a Igreja colombiana queriam a paz verdadeiramente. E chegaram a ponto de ir contra o papa por esse motivo — fulmina um padre jesuíta, entrevistado em Bogotá.

Um discurso duplo ou um jogo duplo que vai atingir uma profundidade abissal em três países europeus decisivos, Espanha, França e Itália, nos quais temos de nos deter agora.

16. Rouco

A batalha contra o casamento gay não se trava apenas em territórios distantes, como a África do Sul ou a América Latina. Não está limitada aos países do norte da Europa, que em geral são — fraco consolo para o Vaticano — de predominância protestante. O que é mais inquietante para Roma é que o debate chega, no fim do pontificado de João Paulo II, ao núcleo duro do catolicismo: à Espanha, tão importante na história cristã; à França, "filha mais velha da Igreja"; e, por fim, à própria Itália, o coração do papado, o seu umbigo, o seu centro.

No fim do seu interminável pontificado, João Paulo II, enfermo, assiste impotente à virada das opiniões públicas e ao debate que vai liberar o casamento aos casais do mesmo sexo na Espanha. No fim do seu próprio pontificado, em 2013, Bento XVI apenas poderá constatar, ainda mais impotente, que a França se prepara para aprovar a lei sobre o casamento e a Itália está pronta para fazer o mesmo para as uniões civis, pouco depois da sua partida, em 2016. No momento certo, o casamento também acontecerá na Itália.

Entre essas duas datas, as uniões homoafetivas se impõem na Europa, se não no direito em todos os lugares, pelo menos em todas as cabeças.

"*¡No pasarán!*" A mensagem vinda de Roma é clara. O cardeal Rouco a escuta em alto e bom som. Na verdade, não precisou que lhe pedissem muito. Quando o seu amigo Angelo Sodano, secretário de Estado de João Paulo II, que se tornou papa substituto depois da doença do santo padre, lhe pede que

se oponha, custe o que custar, ao casamento gay, Rouco já assumiu a chefia da "resistência". Para Roma, é preciso que a Espanha não ceda, seja pelo preço que for. Se o casamento fosse legalizado lá, o símbolo seria tão forte, os seus efeitos tão consideráveis, que a América Latina toda poderia mudar em breve.

"*¡No pasarán!*", para dizer a verdade, não é exatamente a linguagem de Rouco. Esse neonacional católico esteve mais próximo das ideias do ditador Franco do que das dos republicanos espanhóis, mas compreende a mensagem que o cardeal Bertone, quando for substituir Sodano, lhe transmitirá com a mesma intensidade.

Fui cinco vezes à Espanha — antes, durante e depois da batalha contra o casamento. Em 2017, quando retornei a Madri e Barcelona, para as minhas últimas entrevistas, me encontrei no cerne da eleição do novo presidente da Conferência Episcopal Espanhola. Tinham se passado mais de dez anos desde a batalha pelo casamento; a chaga, no entanto, ainda parecia aberta. Os atores eram os mesmos; a violência, a rigidez, as vidas duplas, também. Como se a Espanha católica tivesse parado. E, ainda presente, influenciando nos bastidores, está o cardeal Rouco. Em espanhol, diz: *Titiritero* — titereiro, aquele que manipula as marionetes.

Antonio Maria Rouco Varela nasceu no caminho de Santiago de Compostela. Cresceu em Villalba, na Galiza, no noroeste da Espanha, uma cidade que está entre as etapas da grande peregrinação realizada por centenas de milhares de fiéis ainda hoje. Na ocasião do seu nascimento, agosto de 1936, a guerra civil começa na Espanha. O seu percurso autoritário nas décadas seguintes está em conformidade com o de inúmeros padres da época que apoiaram a ditadura franquista.

Vindo de um meio modesto, com uma mãe doente e precocemente órfão de pai, o jovem Rouco vivencia uma ascensão social atípica. A sua educação

no seminário menor é estrita e conservadora. "Medieval", até, segundo um padre que o conhece bem, e acrescenta:

— Na época, nessas escolas católicas espanholas, ainda se contava aos rapazinhos que a masturbação, por si só, era um pecado abominável. Rouco cresceu nessa mitologia do Antigo Testamento em que se acredita nas chamas do inferno e nas quais os homossexuais seriam queimados!

Ordenado padre em 1959, aos 22 anos, o fidalgo Rouco já sonha se vendo como cavaleiro combatendo os infiéis e portando, como brasão, a cruz púrpura formada por uma espada vermelha de sangue, a da Ordem Militar de Santiago — que ainda podemos ver hoje em dia no Museu do Prado, no peito do próprio Velázquez, num dos mais belos quadros do mundo: *Las meninas*.

Os seus biógrafos conhecem mal os dez anos que Rouco passa posteriormente na Alemanha, durante os anos 1960, enquanto estuda filosofia e teologia. Descrevem-no então como um padre bastante moderado, pouco à vontade socialmente, de constituição frágil, afeminado, deprimido, que questiona a si mesmo; alguns o julgam até progressista. Notam apenas que é "visceralmente misógino".

De volta à Espanha, Rouco passa sete anos em Salamanca; é ordenado bispo sob Paulo VI. Na década de 1980, aproxima-se do arcebispo de Madri, Ángel Suquía Goicoechea: um conservador que João Paulo II escolheu para suceder ao liberal e antifranquista Vicente Tarancón. Talvez mais por estratégia do que por convicção, alia-se à nova linha madrilenha e vaticana. E vale a pena. É nomeado arcebispo de Santiago de Compostela, aos 47 anos — o seu sonho. Dez anos depois, torna-se arcebispo de Madri e, em seguida, é tornado cardeal por João Paulo II.

Tenho um encontro marcado com José Manuel Vidal no restaurante Robin Hood, em Madri. O nome — Robin dos Bosques — está escrito em inglês, e

não em espanhol. Essa cantina solidária é gerida pelo centro social da igreja San Antón, do padre Ángel, que acolhe os sem-teto e os *niños de la calle*. Vidal, que foi padre durante treze anos, faz lá as suas refeições para apoiar a associação. Será aí que nos reencontraremos várias vezes.

— Isto aqui, na hora do almoço, é um restaurante como outro qualquer. À noite, em compensação, é de graça para os pobres, que comem os mesmos pratos que nós: pagamos no almoço para que possam comer gratuitamente à noite — explica Vidal.

José Manuel Vidal, filho do Vaticano II, tornou-se pároco e pertence também a essa grande família, um longo rio agitado e surdo, que atravessa as décadas de 1970 e 1980: a dos padres que deixaram a Igreja para se casar. Admiro Vidal pela franqueza num país onde geralmente se observa um padre em cada cinco vivendo em concubinato com uma mulher.

— Na minha juventude, na década de 1950, a Igreja era a única via de ascensão social para um filho de camponeses como eu — diz.

O pároco despadrado conhece a Igreja espanhola do interior; decifra as suas intrigas, sob todos os aspectos, e por trás da "pureza assassina" descobre os mais ínfimos segredos, como no filme *Má educação*, de Almodóvar. Tendo se tornado jornalista do *El Mundo* e, depois, diretor do importante meio de comunicação social on-line Religion Digital — o primeiro site católico em todo o mundo para a língua espanhola —, Vidal publicou uma biografia do cardeal Antonio María Rouco Varela. O seu título, em grossas letras maiúsculas, como se se tratasse de um personagem tão famoso quanto João Paulo II ou Franco, é pura e simplesmente: ROUCO.

— O meu passado de padre me permitiu ter acesso às informações do interior; a minha secularização atual me dá uma liberdade rara entre os eclesiásticos espanhóis — resume Vidal, de maneira engenhosa.

Em 626 páginas, a investigação de José Manuel Vidal é um retrato fascinante da Espanha católica da década de 1940 até os dias de hoje: a colaboração com a ditadura fascista; a luta contra o comunismo; o domínio do dinheiro e a corrupção que gangrenou o clero; os efeitos desastrosos do celibato e os abusos sexuais. E, no entanto, o olhar de Vidal continua sendo benevolente em relação àqueles padres, a cujo grupo pertenceu também, que continuam crendo em Deus e amando o próximo.

O cardeal Rouco foi o homem mais poderoso da Igreja católica espanhola durante vinte anos, desde a sua nomeação como arcebispo de Madri, em 1994, até a sua passagem para a aposentadoria, pelo papa Francisco, em 2014.

— Rouco é um homem profundamente maquiavélico. Dedicou a sua vida ao controle da Igreja da Espanha. Era rodeado por uma verdadeira corte; tinha dinheiro, muito dinheiro; tinha soldados, tropas, um verdadeiro exército — afirma Vidal, para explicar essa ascensão anormal.

Figura "do antigo regime", segundo as palavras do seu biógrafo, Rouco Varela é um personagem profundamente anacrônico na Espanha. Ao contrário dos seus predecessores, como o cardeal Vicente Enrique y Tarancón, que foi o homem do Vaticano II e da transição democrática espanhola, não parece "ter rompido claramente com o fascismo", segundo a expressão do padre Pedro Miguel Lamet, um jesuíta que entrevisto em Madri.

Rouco é um "irritado crônico oportunista" que "escolheu Roma contra a Espanha", segundo as palavras de Vidal. Não teve o menor escrúpulo em envolver os católicos na arena política: mobilizou o episcopado e, em seguida, toda a Igreja espanhola, atrás da franja mais sectária do Partido Popular — a ala conservadora do partido de José María Aznar.

A pedra angular do poder de Rouco provém de quatro redes entrelaçadas: o Opus Dei, os Legionários de Cristo, "los kikos" e, finalmente, a corrente Comunhão & Libertação.

O Opus Dei sempre desempenhou um papel importante na Espanha, onde essa confraria secreta foi criada, em 1928. Segundo vários testemunhos, o próprio Rouco não seria membro do Opus Dei, apesar de ter podido manipular a "Obra". No que se refere aos Legionários, tão influenciáveis quanto pouco letrados, formaram a guarda privada de Rouco (o cardeal foi um partidário de Marcial Maciel mesmo depois das primeiras revelações sobre os casos de violações e de pedofilia).

A terceira rede de Rouco é um movimento conhecido na Espanha sob o nome de "los kikos" (e em outros lugares sob o seu nome oficial: o Caminho Neocatecumenal). O grupo parece uma juventude católica que pretende voltar às fontes do cristianismo antigo e contestar a secularização que se estende pelo mundo todo. Por fim, Rouco se apoia no importante movimento católico conservador chamado Comunhão & Libertação, criado na Itália, mas com forte presença na Espanha (desde 2005 o seu presidente é espanhol).

— Esses quatro movimentos de direita formam a base social do poder de Rouco: constituem o seu exército. Quando queria, o "general" Rouco os mandava às ruas, e os quatro podiam encher as praças de Madri. Era esse o seu modo de funcionar. Deu para entender quando lançou a batalha contra o casamento gay — revela Vidal.

Antes do debate sobre o casamento, Rouco havia dado provas do seu talento de organizador durante as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) de 1989, que ocorreram, precisamente, em Santiago de Compostela, sua cidade natal. Ali, o arcebispo trabalha pesado, e a sua eficácia seduz o papa João Paulo II, que o felicita publicamente logo no primeiro discurso. Aos 52 anos, Rouco conhece a sua hora de glória e uma consagração que outros esperaram por toda vida. (Rouco renovará a operação de sedução com Bento XVI, em 2011, para as JMJ de Madri.)

Intelectualmente, o modo de pensar de Rouco é uma cópia do de João Paulo II, que o tornaria cardeal em seguida. O catolicismo está cercado por inimigos; é preciso defendê-lo. Essa visão estratégica de uma Igreja-fortaleza explicaria, segundo várias testemunhas, a inflexibilidade do cardeal, a sua vertente autoritária, a mobilização das tropas que decreta para ir ao combate de rua, o seu gosto pelo poder extravagante e pelo controle.

Quanto à questão homossexual, a sua verdadeira obsessão, Rouco está na mesma linha que o papa polonês: os homossexuais não são condenados se escolherem a continência; e, se não conseguirem fazê-lo, deveremos lhes proporcionar "terapias reparadoras" que lhes permitam atingir a castidade absoluta.

Eleito, e depois reeleito quatro vezes, para chefiar a Conferência Episcopal Espanhola, Rouco se manterá no cargo durante doze anos, sem contar aqueles em que continuará excercendo sua influência, como *titiritero*, sem deter oficialmente o poder (o que se mantém ainda hoje). Sempre ladeado pelo seu secretário particular um pouco zombeteiro, de quem é inseparável, e pelo seu cabeleireiro, que nunca se afasta, *una belíssima persona*, reconhece Rouco; o arcebispo deixou que o poder lhe subisse à cabeça. Um nome próprio, que temos de utilizar aqui como substantivo comum, define-o com bastante rigor: Rouco se tornou um Sodano!

O poder de Rouco Varela é espanhol, mas também é romano. Devido a inclinações ideológicas e a inclinações puras e simples, Rouco esteve sempre em odor de santidade no Vaticano. Próximo a João Paulo II e a Bento XVI, que o defendia em quaisquer circunstâncias, era também íntimo dos cardeais Angelo Sodano e Tarcisio Bertone. Como poder traz poder, Rouco podia influenciar todas as nomeações espanholas e, em troca, os padres e os bispos lhe deviam as suas carreiras. Os núncios lhe davam todas as atenções. E, como

na Espanha a Igreja mede o seu poder através da relação Roma-Madri, ele era chamado de "vice-papa".

— Rouco governou por meio do medo e do tráfico de influências. Sempre se falou dele como um "traficante de influências" — afirma um padre em Madri.

Em toda parte, Rouco coloca as suas peças de xadrez e abusa do seu poder. Tem os seus *hombres de placer*, como eram chamados, na corte da Espanha, os bobos que faziam o rei se divertir. O filho da sua irmã, Alfonso Carrasco Rouco, é nomeado bispo, suscitando uma polêmica sobre o seu nepotismo: começam a falar de Rouco como o "cardeal-sobrinho", o que evoca tristes recordações.

O dinheiro também rola solto! Tal como o cardeal López Trujillo, e como os secretários de Estado Angelo Sodano e Tarcisio Bertone, Rouco é, à sua maneira, um plutocrata. O modo como a Igreja, sob a sua direção, amealhou a sua fortuna continua misterioso. Graças a esse dinheiro (e talvez ao da Conferência Episcopal Espanhola), pôde cultivar o seu poder em Roma.

Mesmo na Espanha, o arcebispo de Madri vive como um príncipe num "ático" restaurado em 2004 com um custo de muitos milhões de euros. Essa verdadeira cobertura de luxo, de um esplendor extraordinário, com quadros de grandes pintores, fica situada no muito mal nomeado Palacio de San Justo, uma residência particular do século XVIII, um lugar sem dúvida magnífico, mas rococó e pouco fascinante com o seu barroco tardio (explorei o palácio quando fui visitar o cardeal Osoro, sucessor de Rouco).

— No exterior, as pessoas não têm a exata noção de como a eleição de Francisco foi um drama para o episcopado espanhol — explica Vidal. — Aqui, os bispos viviam como uns príncipes, acima do bem e do mal. Todas as dioceses são palácios grandiosos e a Igreja espanhola dispõe de um patrimônio inimaginável em toda parte, em Madri, Toledo, Sevilha, Segóvia, Granada,

Santiago de Compostela... E eis que Francisco lhes exige que virem pobres, que abandonem os seus palácios, que retornem à pastoral e à humildade. Aqui, o que os incomoda, com esse novo papa latino, não é tanto a doutrina, porque sempre foram muito acomodados nesse aspecto; não, o que os incomoda é terem que se afastar do luxo, deixarem de ser príncipes, saírem dos seus palácios e, cúmulo do horror, deverem começar a servir os pobres!

Se a eleição de Francisco é um drama para a Igreja espanhola, para Rouco é uma tragédia. Amigo de Ratzinger, ficou estupefato com a sua renúncia, inimaginável até nos seus piores pesadelos. E, logo após a eleição do novo papa, o cardeal-arcebispo de Madri teria proferido a seguinte resposta de desagrado, relatada pela imprensa: "O conclave nos escapou".

Sabia sem dúvida o que podia esperar! Em poucos meses, Francisco aposenta Rouco. Começa por afastá-lo da Congregação para os Bispos, um lugar privilegiado que lhe permitiria decidir a nomeação de todos os prelados espanhóis. Marginalizado no Vaticano, também recebe o pedido para que abandone, na própria Espanha, o seu cargo de arcebispo de Madri enquanto tentava se agarrar a ele apesar do limite de idade. Então, furioso, acusando todos os que o traíram, exige autoritariamente escolher o seu sucessor e propõe três nomes sine qua non ao núncio em Espanha. A lista volta de Roma, com quatro nomes: nenhum dos que Rouco propôs!

Entretanto, o golpe mais duro ainda está por vir. Das altas esferas de Roma cai a sanção mais inimaginável para esse príncipe da Igreja: exigem-lhe que abandone a sua cobertura madrilenha. Tal como Angelo Sodano e Tarcisio Bertone em Roma, em circunstâncias similares, recusa-se categoricamente e se põe a enrolar ao máximo o processo. Pressionado pelo núncio, Rouco propõe que o seu sucessor viva no andar abaixo do seu, o que lhe permitiria ficar na sua casa, no seu palácio. Nova recusa da santa sé: Rouco deve ir embora e

deixar o seu apartamento luxuoso do Palácio de San Justo ao novo arcebispo de Madri, Carlos Osoro.

O cardeal Rouco é uma exceção e um caso extremo como proclamam algumas pessoas hoje em dia, na Espanha, para reabilitarem a sua imagem e para tentarem levar ao esquecimento as suas extravagâncias e a sua vida mundana? Gostaríamos de acreditar nisso. No entanto, esse gênio do mal é, pelo contrário, o produto de um sistema engendrado pelo pontificado de João Paulo II, em que alguns homens foram intoxicados pelo poder e pelos maus hábitos, sem qualquer oposição para travar os seus desvios. Nisso, Rouco não é muito diferente de um López Trujillo ou de um Angelo Sodano. O caráter oportunista e maquiavélico, de que foi mestre, foi tolerado, ou até mesmo encorajado, por Roma.

Aqui também a chave de leitura é tripla, ao mesmo tempo ideológica, financeira e homossexual. Rouco esteve, durante muito tempo, em sintonia com o Vaticano de João Paulo II e Bento XVI. Adere sem hesitar à guerra ao comunismo e à luta contra a Teologia da Libertação, decretadas por Wojtyła; abraça as ideias antigays do pontificado de Ratzinger; é presença assídua em companhia de Stanisław Dziwisz e de Georg Gänswein, os famosos secretários particulares dos papas. Rouco foi o elo essencial da sua política, na Espanha, o seu aliado, o seu criado e o seu anfitrião num luxuoso chalé de Tortosa, ao sul de Barcelona (segundo três depoimentos de primeira mão).

O seu séquito é homossexual e as suas amizades, particulares. Também aqui encontramos uma matriz comum a Itália, França e tantos países do mundo. Nas décadas de 1950 e 1960, os homossexuais espanhóis escolhiam frequentemente o seminário para escaparem à sua condição ou à perseguição. Ao redor de Rouco, são inúmeros os criptogays que encontraram refúgio na Igreja.

— Sob Franco, que era um ditador aparentemente muito piedoso e muito católico, a homossexualidade era um delito. Houve detenções, prisões, homossexuais enviados para campos de trabalho. O sacerdócio parecia então, para muitos jovens homossexuais, a única solução contra a perseguição. Muitos se tornavam padres. Essa era a chave, a regra, o modelo — explica Vidal.

Outro padre jesuíta entrevistado em Barcelona declara:

— Todos aqueles a quem um dia chamaram de *maricón* nas ruas da sua aldeia acabaram no seminário.

Será essa a via-sacra tomada, estação após estação, no caminho de Santiago de Compostela, pelo próprio Rouco? O de uma homossexualidade evaporada à maneira de Maritain ou o de uma homofobia interiorizada à maneira de Alfonso López Trujillo (um amigo próximo de Rouco que vai vê-lo frequentemente em Madri)? Não sabemos.

— Investiguei longamente esse tema — prossegue Vidal. — Rouco nunca se interessou pelas mulheres: elas sempre foram invisíveis para ele. A sua misoginia é assustadora. O voto de castidade com as mulheres não foi, portanto, um problema para ele. Quanto aos rapazes, há muitas coisas perturbadoras, pessoas gays à sua volta, mas nenhum indício de orientações reais. A minha hipótese seria que Rouco é assexuado.

É nesse contexto que Rouco se lança, em 2004 e 2005, no fim do pontificado de João Paulo II, na batalha espanhola do casamento gay.

— É necessário levar em conta que para Sodano, e depois para Ratzinger e para Bertone, a proposta de lei a favor do casamento, na Espanha, pareceu de imediato um perigo sem tamanho. Temem o efeito bola de neve em toda a América Latina. Para eles, é preciso deter definitivamente o casamento por aqui, na Espanha, antes que ocorra o contágio para todos os lados. Estão

aterrorizados com o risco do efeito dominó. Para eles, o homem da situação era Rouco. O único capaz de parar definitivamente o casamento era ele — comenta Vidal.

Rouco não vai decepcioná-los. Mal o primeiro-ministro Zapatero se compromete a favor do casamento, em 2004 (inscreveu a pauta no seu programa eleitoral sem imaginar que seria eleito e ele próprio não acreditava de verdade no casamento), encontra Rouco Varela no seu caminho, fazendo a sua primeira demonstração de força, de supetão. Com os seus "kikos", os seus Legionários de Cristo e a ajuda do Opus Dei, o cardeal junta as multidões. Centenas de milhares de espanhóis invadem as ruas de Madri em nome de *la familia sí importa*. Com eles, os bispos — serão vinte a desfilar contra o casamento gay durante esse período.

Após os seus primeiros êxitos, Rouco se sente seguro na sua estratégia. Roma aplaude de maneira efusiva. As manifestações se multiplicam em 2004 e a dúvida começa a se instalar na opinião pública. O papa Ratzinger felicita Rouco por intermédio do seu secretário pessoal Georg Gänswein. Rouco ganhou a aposta: o governo Zapatero está num impasse.

— Nesse momento, Rouco se tornou verdadeiramente a nossa nuvem negra. Mandou os bispos saírem às ruas, era algo inimaginável para nós — explica Jesus Generelo, presidente da principal federação de associações LGBTs da Espanha, ligado à esquerda.

No entanto, na primavera de 2005, a situação se inverte. Os bispos teriam ido longe demais nos seus discursos? As faixas brandidas nas ruas foram muito excessivas? A mobilização religiosa recordaria o franquismo, que, também, afirmava lutar pela família e pelos valores católicos?

— O principal erro de Rouco foi mandar os bispos às ruas. Franco também havia feito isso. Os espanhóis interpretaram a mensagem imediatamente: era a

volta do fascismo. A imagem foi devastadora, e a opinião pública se virou contra ele — comenta José Manuel Vidal.

Após uma guerra bizarra, que dura vários meses, os meios de comunicação passam a apoiar o casamento. A imprensa, parte dela ligada ao episcopado, começa a criticar as manifestações e a caricaturar os seus líderes.

O próprio cardeal Rouco se torna um alvo muito visado. A sua veemência sobre o assunto lhe vale a alcunha, um pouco ilegítima, de Rouco Siffredi,[a] inclusive entre os padres (segundo o testemunho de um deles). Na internet, o cardeal recebe inúmeros apelidos: torna-se Rouco Clavel, rainha de dia, uma alusão ao ator Paco Clavel, rainha de noite, um célebre cantor de La Movida, travesti ocasional e sempre vestido de modo extravagante. "É Rouco Varela de dia e Paco Clavel à noite", torna-se um slogan da moda. A Igreja perde o apoio da juventude e das grandes cidades; a elite do país e as classes econômicas também mudam, para não parecerem antiquadas. Em breve, as pesquisas mostram que dois terços dos espanhóis apoiam a proposta de lei (são cerca de 80% hoje em dia).

Roma, que acompanha diariamente os debates, começa a se inquietar com o rumo dos acontecimentos. Rouco é censurado por ter ido longe demais e por ter deixado alguns bispos, totalmente raivosos, multiplicar as derrapagens. O novo secretário de Estado, Tarcisio Bertone, que viaja com urgência a Madri, encontra-se com Zapatero e pede a Rouco que "se acalme". O novo homem forte do Vaticano, o mais próximo colaborador do papa Bento XVI, ele mesmo muito homofóbico, querendo a moderação de Rouco... uma imagem que não acontece todo dia.

É preciso dizer que, por trás dos slogans belicosos e das faixas violentamente contra o casamento gay, o episcopado espanhol está, na verdade, mais dividido do que se imagina. Rouco perde o apoio da sua própria Igreja. Assim, o novo cardeal Carlos Amigo e o bispo de Bilbao Ricardo

Blázquez (que será tornado cardeal por Francisco em 2015) contestam a sua linha. O arcebispo de Pamplona, um religioso e bom teólogo classificado como *à esquerda*, antigo colaborador do cardeal Tarancón, Fernando Sebastián (que Francisco também tornará cardeal logo em 2014) desfere um ataque frontal à estratégia de Rouco, afirmando que parece um regresso ao antigo regime — leia-se: ao franquismo.

Claro que Sebastián, Amigo e Blázquez não aprovam o casamento pretendido por Zapatero, mas contestam a mobilização dos bispos nas ruas. Pensam que a Igreja não tem por que se imiscuir nos assuntos políticos, embora possa dar o seu ponto de vista ético sobre os debates de sociedade.

O cardeal Rouco começa uma medição de forças no íntimo da Conferência Episcopal Espanhola, apoiado por dois dos seus lugares-tenentes. Vamos nos deter por um instante a esses dois homens, importantes figuras da Igreja católica que serão afastadas por Francisco, porque em nenhum outro lugar a batalha terá sido tão viva entre os ratzingerianos e os pró-Francisco do que na Espanha e terá estado tão dependente de "intransigentes que levam uma vida dupla".

O primeiro é Antonio Cañizares, arcebispo de Toledo e primaz da Espanha. É amigo de Rouco e também tem uma relação próxima com o papa alemão, a ponto de ser chamado na Espanha de "o pequeno Ratzinger" (Bento XVI o tornará cardeal em 2006). Tal como o cardeal americano, Burke, Cañizares adora vestir a Cappa Magna, o vestido de noiva dos cardeais que, com todo aquele pano desfraldado, atinge vários metros de comprimento e, nas grandes ocasiões, é segurada por coroinhas e belos seminaristas.

— Como Cañizares é muito pequeno, vê-lo com o seu vestido comprido redobra o seu aspecto ridículo. O traje lhe dá um ar de Maria Bárbola! — explica um reputado jornalista espanhol (se referindo à anã de *As meninas*; uma piada de mau gosto que diversas fontes repetiram).

Existem inúmeros depoimentos críticos sobre Cañizares e rumores acerca das suas amizades mundanas. Foram apresentadas no tribunal várias queixas contra ele por parte de políticos eleitos e de associações LGBTs devido às suas afirmações homofóbicas e "por incitação ao ódio". Temos dificuldade de compreender se um cardeal como esse serve à causa cristã ou à comédia. De qualquer modo, pouco depois da sua nomeação, Francisco decidiu afastá-lo de Roma, onde era prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos e o mandou de volta à Espanha. Madri protesta ruidosamente; Francisco o risca da lista e o nomeia para Valência.

O segundo homem do cardeal é ainda mais grotesco e mais extremista, se é possível. O bispo Juan Antonio Reig Pla se envolve à sua maneira na batalha contra o casamento: com a sutileza de uma drag queen entrando no vestiário do Barça.

Revoltado com o casamento gay e a "ideologia de gênero", Reig Pla denuncia os homossexuais com uma violência apocalíptica. Publica testemunhos de pessoas "curadas" graças a "terapias reparadoras". Associa os atos de pedofilia à homossexualidade. Mais tarde, chegará a ponto de afirmar, numa hora de elevada audiência na televisão nacional, suscitando um escândalo igualmente nacional, que "os homossexuais irão para o Inferno".

— O bispo Reig Pla é uma caricatura de si mesmo. Foi o melhor aliado do movimento gay durante a batalha pelo casamento. A cada vez que se expressava, ganhávamos apoiadores! Felizmente tivemos adversários como ele! — declara um dos responsáveis de uma associação gay madrilenha.

A batalha espiritual e a batalha de homens que se travaram no país entre esses seis cardeais e prelados, Rouco-Cañizares-Reig × Amigo-Blázquez-Sebastián, marca profundamente a Espanha católica da década de 2000. Segue também a linha de cisão entre Bento XVI e Francisco e continua, ainda hoje de tal modo importante, explicando a maior parte das tensões que

subsistem no seio do episcopado espanhol. (Na última eleição da Conferência Episcopal Espanhola, num momento em que eu me encontrava de novo em Madri, Blázquez foi reeleito presidente, e Cañizares, vice-presidente, uma maneira de conservar o equilíbrio das forças anti e pró-Francisco.)

Apesar da mobilização excepcional conduzida pelo cardeal Rouco Varela, a Espanha se tornou, em 2 de julho de 2005, o terceiro país do mundo, depois da Holanda e da Bélgica, a permitir o casamento aos casais do mesmo sexo. Em 11 de julho, é celebrado o primeiro casamento, e cerca de 5 mil casais se casarão no ano seguinte. É uma derrota dolorosa para a ala conservadora do episcopado espanhol. (Em seguida, será interposto um recurso constitucional impulsionado pelo Partido Popular e apoiado pela Igreja; a decisão dos juízes do supremo, por oito votos a três, é inapelável e constituirá a vitória definitiva para os partidários do casamento.)

Dessa data para cá, a questão do casamento gay continuou sendo a principal linha de cisão da Igreja espanhola. No entanto, para compreendermos o fato teremos de pensar nesse assunto de uma forma contraintuitiva: não julgar que os bispos "gays" estariam necessariamente no clã dos defensores do casamento e que os prelados "hétero" lhe seriam hostis. Como em toda parte, a regra é, antes de tudo, a inversa: são os mais barulhentos e os mais antigays que, não raro, são os mais suspeitos.

O episcopado espanhol está, como em todos os lugares, altamente homossexualizado. Entre os treze cardeais que o país tem hoje em dia (quatro são eleitores e nove não eleitores com mais de oitenta anos), os bons conhecedores do assunto estimam que a maioria seria constituída por homossexuais praticantes. Quanto à batalha que se travou em relação ao casamento gay entre o campo Rouco-Cañizares-Reig e o campo Amigo-Blázquez-Sebastián, teria contado com muitos "simpatizantes". Um desses

cardeais espanhóis vive com o seu amante; outro é conhecido por seduzir sem o menor pudor os seminaristas; e um terceiro prefere não falar muito mal dos gays porque "sabe bem que a sua voz o trairia", segundo a mesma fonte. (Além de uma centena de entrevistas que realizei em Madri e em Barcelona, utilizo aqui o depoimento de alguém próximo do cardeal Osoro, bem como as informações internas da Conferência Episcopal Espanhola, comunicadas por um dos seus responsáveis.)

Seja como for, o papa Francisco conhece perfeitamente o episcopado espanhol, os seus delírios, os seus charlatães, as suas cortesãs, cujos códigos decifrou de maneira acertada. Assim, logo após a sua eleição, em 2013, decide fazer uma grande limpeza na Espanha.

Os três cardeais moderados que nomeou (Osoro, Blázquez e Omella) confirmam essa tomada de controle. O núncio apostólico Fratino Renzo, cujo estilo de vida, partidas de golfe, amizades e rigidez também chocam Francisco, foi totalmente anulado (e a sua partida já programada). Quanto ao bispo charlatão Reig Pla, que aguarda pela púrpura, terá que esperar sentado.

— Estamos no início de uma nova transição! — diz José Beltrán Aragoneses, novo editor-chefe de *Vida Nueva*, o jornal da Conferência Episcopal Espanhola.

O novo arcebispo de Barcelona, Juan José Omella y Omella, confirma, em termos prudentes e diplomáticos, ligeiramente cifrados, a mudança de linha ao me receber no seu escritório, ao lado da catedral catalã:

— Desde o concílio, o episcopado espanhol compreendeu a lição: não somos políticos. Não queremos intervir na vida política, embora possamos expressar o nosso pensamento do ponto de vista moral... [Mas] penso que devemos ser sensíveis às preocupações das pessoas. Não nos empenharmos no plano político, mas no respeito. Com respeito e não uma atitude beligerante, não uma atitude de guerra; [pelo contrário, precisamos ter] uma atitude de

acolhimento, de diálogo, não julgar, como bem lembrou Francisco [com o seu "Quem sou eu para julgar?"]. Devemos ajudar a construir melhor a nossa sociedade, a resolver os seus problemas, e sempre tendo em vista os mais pobres.

A declaração é habilidosa, cirúrgica. A página de Rouco foi virada. Omella, um antigo missionário no Zaire, é o novo homem forte do catolicismo espanhol. Aquele que se recusara a ir às ruas contra o casamento homossexual foi tornado cardeal por Francisco. Vai ter assento na Congregação para os Bispos, no lugar do conservador Cañizares, destituído. Intransigente quanto aos abusos sexuais dos padres (ao contrário de outros bispos espanhóis que, por vezes, acobertariam), com uma vida privada que não levanta suspeitas, Omella é também mais tolerante quanto aos gays, segundo uma lei sociológica que já se encontra bem provada neste livro.

Durante uma das minhas viagens a Madri, no momento em que os bispos se atacavam no meio da Conferência Episcopal Espanhola (CEE), para a eleição do seu novo presidente, uma importante associação LGBT ameaçou publicar uma lista de catorze bispos homossexuais ("Los Obispos rosa"). Essa promessa de desmascaramento não suscitou nenhuma reação; havia muito tempo que todo mundo nos meios de comunicação sabia o que tinha pela frente. E, independente do que pudesse acontecer, imaginava-se que um deles provavelmente seria eleito na Conferência Episcopal!

Numa noite em que assisto a uma transmissão ao vivo nos estúdios da Cope, uma rádio de grande audiência que depende do episcopado, fico surpreendido pelo fato de a eleição do novo presidente da CEE aparecer como um acontecimento na Espanha (enquanto não suscita o menor interesse na França). Faustino Catalina Salvador, o redator-chefe dos programas religiosos da Cope, prognostica a vitória do cardeal Blázquez, de tendência pró-Francisco; outros asseveram a de Cañizares, a ala ratzingeriana e pró-Rouco.

Depois da transmissão, continuo a conversa com alguns dos jornalistas do programa a que acabei de assistir. Fico surpreendido ao ouvirem falar desse ou daquele cardeal espanhol que está *en el armario* ou *enclosetado*. Todo mundo está a par do assunto e fala quase abertamente da homossexualidade de certos prelados. A questão gay aparece até como um dos temas subjacentes, uma das coisas em jogo, da eleição do novo presidente da Conferência Episcopal!

— As pessoas acham que o homem de Francisco na Espanha é Osoro. Na verdade, não é bem assim. O homem de Francisco é Omella y Omella — resume um cardeal importante da Conferência Episcopal Espanhola, também ele homossexual, com quem converso em vários encontros.

Um pouco afastado desses debates, o sábio arcebispo de Madri, Carlos Osoro, é o grande derrotado dessa eleição da CEE. Quando me encontro com ele para uma entrevista, compreendo que esse homem complicado, que vem da ala "direita" mas se aliou a Francisco, está um pouco perdido. Como todos os recém-convertidos ao papa Francisco, que o tornou cardeal, quer cair nas graças do sumo pontífice. E, para dar garantias a Roma sobre o tema da pastoral, foi a ponto de visitar a igreja dos "pobres" do padre Angel, no bairro gay de Chueca. No dia em que visitei o local, os moradores de rua se apinhavam ali, felizes por encontrarem um espaço onde os cafés quentes, o wi-fi, a ração do cachorro e os banheiros eram gratuitos. "Tapete vermelho para os pobres", disse o padre da CEE que me acompanhava.

— Os homossexuais também frequentam esta igreja. É a única que os trata bem — afirma.

Antigamente, a igreja de San Antón estava fechada, abandonada, como acontece com cada vez mais frequência às igrejinhas católicas isoladas na Espanha. A crise das vocações sacerdotais é assustadora; as paróquias

escasseiam em toda parte (segundo os demógrafos, a porcentagem de espanhóis praticantes não chega a 12%); as igrejas estão vazias; e inúmeros casos de abusos sexuais gangrenam o episcopado. O catolicismo espanhol cai perigosamente num dos países onde foi mais influente.

— Em vez de deixar a igreja fechada, o cardeal Osoro a cedeu ao padre Ángel. Foi hábil. De lá para cá, ela renasceu. Sempre existem lá gays, padres gays, misturados com os moradores de rua e os pobres de Madri. O padre Ángel disse aos gays e aos transgêneros que eram bem-vindos, que essa igreja era a sua casa, e então eles vieram! — prossegue o padre.

Eis as "periferias" caras ao papa Francisco reintegradas numa igreja do centro da cidade que se tornou *la casa de todos*. O cardeal Osoro, agora *gay-friendly*, chegou a ponto de aceitar apertar a mão dos membros da associação Crismhom que lá se reúnem (missas para homossexuais são celebradas atualmente em Madri por um padre gay, como pude verificar). O cardeal estava um pouco desconfortável, mas desempenhou a "tarefa", segundo várias testemunhas.

— Trocamos algumas palavras e alguns números de telefone — confirma um frequentador habitual da igreja.

Aliás, o assistente de Osoro me explicará que ele fica inquieto porque "o cardeal dá o seu número de telefone para todo mundo: metade dos madrilenhos tem o seu celular!". Osoro também me dá o seu número durante a nossa conversa.

— O padre Ángel fez questão inclusive de realizar as exéquias de Pedro Zerolo na sua igreja. Foi muito comovente. Toda a comunidade gay, todo o bairro de Chueca, que fica a dois passos daqui, veio com bandeiras de arco-íris — continua o padre espanhol da CEE.

Zerolo, cuja imagem vi frequentemente nas associações LGBTs de Madri, é considerado um ícone do movimento gay espanhol. Foi um dos artífices da

liberação do casamento aos homossexuais e se casou com o companheiro, alguns meses antes da sua morte, de complicações de um câncer. E o padre acrescenta:

— As suas exéquias foram grandiosas e muito comoventes. Mas nesse dia o cardeal Osoro, bastante descontente, disse ao padre Ángel que talvez tivesse ido um pouco longe demais.

---

a. Referência ao ator pornô italiano Rocco Siffredi. (N. E.)

17. A filha mais velha da Igreja

Depois da Espanha e antes da Itália, agora voltaremos nossos olhos para a França, que também conheceu, nesses últimos anos, todos os excessos do catolicismo — os seus preconceitos, as suas exuberâncias e os seus abusos sexuais. A diplomacia vaticana mexeu lá os seus pauzinhos e, assim, a França se tornou um imenso campo de batalha, a despeito da laicidade: essa guerra contra o "casamento para todos", querida pelo Vaticano, começou com uma vitória à la Marengo e terminou com uma derrota à la Pirro.

A França, "filha mais velha da Igreja" — para começar, vamos nos deter a essa expressão repetida à exaustão por todos os cardeais e bispos franceses, que virou moda com o papa João Paulo II na sua primeira viagem oficial à França. A frase, absurda e já ridicularizada por Rimbaud, é um lugar-comum de arcebispos sem ideias. Sinal de uma singularidade nacional, e já então uma crítica a Roma, foi inventada em 1841 por um padre dominicano, Henri-Dominique Lacordaire, que sabemos hoje, desde a publicação da sua correspondência com o seu "amigo" Charles de Montalembert, que formava com este um casal homossexual secreto.

O cardeal Barbarin, arcebispo de Lyon, é precisamente um "filho mais velho da Igreja" e gosta de recordar o seu título ressonante de "primaz das Gálias". Mas hoje ele é o mais conhecido — e mais contestado — dos prelados franceses. Concentra, por si só, a grandeza e o descrédito da Igreja e o símbolo da sua hipocrisia.

No entanto, tudo havia começado bem. Philippe Barbarin foi, durante muito tempo, um padre sem história, filho de militar, bom praticante na boa

rotina e na boa paróquia, cujo percurso retilíneo dava orgulho ao seu séquito. Leitor de Jacques Maritain, Julien Green e François Mauriac, é mais um letrado do que um intelectual. Esse padre viajante, que tem uma paixão pelo mundo árabe (nasceu no Marrocos), não deu muito o que falar, a não ser ao defender os cristãos do Oriente. Mas inesperadamente, em 2012, lança-se na maior batalha da sua vida — aquela que iria colocá-lo sob todos os holofotes e que acabaria com ele. Decide se mobilizar, "por razões próprias" (segundo a expressão irônica de um dos porta-vozes dos bispos de França), contra o casamento para todos.

A liberação do casamento aos casais do mesmo sexo é uma promessa de campanha do candidato François Hollande. Eleito presidente da República, decide, logo em 2012, manter esse compromisso, e o projeto de lei é apresentado.

Nesse outono, um grupo de associações díspares, em geral católicas ou ligadas aos meios conservadores, se reúne num coletivo para organizar as primeiras manifestações de rua. A partir de novembro, juntam-se a eles os parlamentares eleitos da direita e da extrema direita. Uma parte limitada do episcopado francês também integra os desfiles, e o cardeal Barbarin — fato raro no país da separação entre a Igreja e o Estado — dá as caras pela primeira vez na rua. Com tudo o que o seu simples nome traz à causa, acaba catapultado em breve para a linha de frente dos desfiles.

Por que se mobilizou? Por que esse intransigente versátil correu o risco de se expor? Muitos compreendem a posição da Igreja nesse debate, mas entre as dezenas de bispos e de padres franceses que entrevistei, nenhum decifra realmente o empenho tão pessoal, tão obsessivo, tão fanático de Barbarin. O cardeal não esteve apenas em desacordo com o projeto de lei, o que teria sido compreensível: transformou-o num assunto pessoal, colocando-se à frente das manifestações, com o risco de suscitar perguntas quanto às suas motivações.

Os que se opunham ao projeto de casamento para todos inventam um nome hábil: La Manif pour Tous (A Manifestação para Todos), uma expressão que contribui para unir as oposições, reunidas sob a mesma bandeira. E funciona! Nas ruas, desfilam dezenas de milhares de pessoas, e logo centenas de milhares, com slogans que ora são divertidos, ora mais tortuosos: "Queremos sexo, e não gênero"; "Stop à familifobia"; "O papai usa calça"; ou o muito delicado: "Não existem óvulos nos testículos". Por vezes, as frases poéticas fazem sorrir: "Os bebês nascem nas couves e nas rosas, e não nos arco-íris".

O ex-primeiro-ministro François Fillon, próximo da direita católica, vai pessoalmente às ruas e promete que, assim que voltarem ao poder, os republicanos abolirão a lei e "descasarão" os casais gays. O cardeal Barbarin, agora baluarte do clericalismo mais obscuro, inflama-se contra uma lei perversa que vem refutar a Bíblia. Em contradição com a laicidade e com toda a história da França a partir da Revolução de 1789, nega a autoridade do Parlamento sugerindo que a Bíblia prevaleça sobre o direito: "Para nós, a primeira página da Bíblia, que diz que o casamento une um homem a uma mulher, tem um pouco mais de força e de verdade, que atravessará as culturas e os séculos, do que as decisões circunstanciais ou passageiras do Parlamento". Como é que aquele homem tão ajuizado comete tal erro, desrespeitando até a célebre frase de Cristo: "Há que dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"?

Como se essa primeira provocação não bastasse, Barbarin acrescenta, numa entrevista de rádio, que o reconhecimento do casamento gay prognosticava a vontade de "fazer casais a três ou a quatro" e, em seguida, de derrubar "a proibição do incesto" ou da poligamia. Por meio dessa miscelânea repugnante, Barbarin se afasta de uma grande parte da opinião pública e, o que é mais grave para o seu combate, dos católicos moderados.

Da sua parte, o papa Bento XVI sai da sua reserva em novembro de 2012 para apoiar os bispos da França na sua luta contra o casamento gay. Exorta-os a se expressarem "sem medo", com "vigor" e "determinação", sobre os "debates de sociedade [como] os projetos de leis civis que possam prejudicar a proteção do casamento entre o homem e a mulher".

É inegável que as mobilizações são um êxito. Falaram de um "maio de 1968 conservador", apesar de as multidões que desfilam pelas ruas terem ficado sempre bem abaixo das marchas de orgulho (o nome dado na França à Gay Pride parisiense anual). O governo de esquerda está paralisado e o projeto de lei é revisto e cortado: retiram-se dele a "reprodução medicamente assistida" e a "gestação para terceiros", que deviam acompanhar a abertura do casamento aos casais do mesmo sexo. Mas o direito à adoção é mantido.

A Manif pour Tous se torna um movimento societário influente que em breve cria o seu ramo político, chamado Sens Commun (Senso Comum). Entre os líderes desses dois grupos imbricados de forma maligna, várias figuras controversas começam, no entanto, a suscitar críticas. É, para começar, o caso de uma tal de Virginie Merle, uma humorista de cinquenta anos que se apresentou durante muito tempo nos cabarés gays: mais conhecida sob o nome de Frigide Barjot (um jogo de palavras de gosto duvidoso com o nome da atriz Brigitte Bardot), torna-se porta-voz do movimento. O fato de aquela que cantou "Faz amor comigo com dois dedos porque com três a coisa não entra" se dignar a desfilar ao lado do ex-primeiro-ministro François Fillon e do cardeal Barbarin não deixa de ser uma surpresa. "Por que mistério a Igreja católica se aliou ao seu penacho cor-de-rosa?", se pergunta um jornalista de *L'Obs*.

Frigide Barjot, uma burguesa que cresceu no Jaguar de um pai ligado à extrema direita e que frequentou além do razoável as redes lepenistas, é a sua própria caricatura. As pessoas se lembram dela, bêbada e provocante,

cantando em cima das mesas do clube gay parisiense Le Banana Café, rodeada de drag queens! Melhor: chegou a ponto de celebrar um casamento de mentira de um militante gay, num evento em Paris. Aos 55 anos, afirma "ter abandonado a pílula".

E aí está ela, transformada em símbolo da Manif pour Tous, a qual pretende transformar numa "parada do orgulho católico". Afirma-se "porta-voz de Jesus". O seu discurso é de tal modo excessivo, homofóbico e sobretudo incoerente que é difícil compreender por que notáveis e eminências se aventuram ao seu lado.

O cardeal Barbarin, que trata Barjot por "Cara Frigide", logo forma com ela o casal mais destacado da Manif — e o seu emblema. O fato de esse homem, enrustido por trás da batina estrita, desfilar de mão dada com uma maluca de minissaia cor-de-rosa e rabo de cavalo amarelo chocou muitos católicos. "Sou uma mulher das bichas", ela repete, várias vezes, sem perceber que compromete todos os que a rodeiam.

Um padre francês influente no interior da Conferência Episcopal de França se mostra particularmente crítico:

— Ficamos todos surpreendidos com a vertente populista de Barbarin. Esse anti-intelectualismo não se parece com o catolicismo francês. Aqui, somos os filhos de Jacques Maritain, de Georges Bernanos e de Paul Claudel, e não de Frigide Barjot! O catolicismo francês é letrado, e não lunático; há uma corrente devota, muito à direita, claro, mas até mesmo essa sempre se considerou intelectual! Quanto a Barbarin, exibe-se com uma doida oxigenada!

Com a sua "Cara Frigide Barjot", Barbarin se esforça pela sua nova causa: mobiliza os padres e os fiéis, que organizam a distribuição de panfletos políticos nas igrejas. Percorre a sua diocese de batina e echarpe sarapintada, e ziguezagueia pelos estúdios de televisão de colarinho eclesiástico.

— O cardeal é um tanto esquizofrênico — afirma um dos seus antigos colaboradores, que preferiu se afastar dele porque já não se sentia muito à vontade no seu séquito.

A mesma fonte revela que a homofobia do cardeal é surpreendente na medida em que os rumores sobre esse círculo próximo são recorrentes. Alguns dos seus colaboradores seriam inclusive gays "notórios", segundo o adjetivo utilizado antigamente pela polícia. Também é o caso de vários bispos que se mobilizam, histéricos, em determinadas cidades da França. A homossexualidade do episcopado francês é, como as relações incestuosas na corte real de *Game of Thrones*, um dos segredos mais bem guardados — só que também mais compartilhados.

Na França, o clericalismo, isto é, a ingerência abusiva do clero na política, é malvisto na imprensa. Traz tristes recordações: a monarquia que se baseava na "aliança do trono e do altar"; a Contrarrevolução; a Restauração e os ultramontanos; os católicos antissemitas e antiDreyfuss; a batalha ao redor da lei de 1905; o regime de Pétain, em Vichy, baseado na "aliança do sabre e do hissope". Ora, os artífices do combate ao casamento, ainda por cima invadidos por grupinhos violentos, aproximaram-se da extrema direita. Por ter esquecido que a interferência da Igreja nos assuntos políticos é, na França, uma tradição muito estranha à cultura nacional, a Igreja perde o combate pela opinião pública.

Em ruptura com a matriz francesa de uma Igreja católica que goza de certa independência em relação à santa sé, o clericalista Barbarin teria sido manipulado pelo Vaticano? É possível. Segundo várias fontes, o primaz das Gálias teria recebido as suas ordens diretamente em Roma, e não em Paris. Vaidoso, o cardeal sempre se dirigiu a Deus, e não aos santos! Sobretudo porque, nessa época, a Conferência Episcopal Francesa é muito disfuncional: o seu presidente, Georges Pontier, está ausente; quanto ao apagado cardeal

André Vingt-Trois, que, no entanto, é arcebispo da capital e bastante *gay-friendly* (criou um seminário pastoral para os homossexuais no Collège des Bernardins, entre 2011 e 2013), é discreto e foge dos meios de comunicação. Barbarin ocupa esse vácuo sozinho.

Em Roma, entre os que dão ordens a Barbarin, me citam o cardeal francês Dominique Mamberti, então ministro das Relações Exteriores de Bento XVI e hoje chefe do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, a suprema corte do Vaticano, onde me recebeu. O homem é discreto e elegante, longilíneo. Poucas vezes encontrei um cardeal tão distinto, o que destoa em meio a tantos prelados desabotoados. Um ensaísta francês, próximo dele, diz que o chamam de "o homem das cem batinas", o que, sem dúvida, é exagerado. A sua solicitude e a sua cortesia não são fingidas, mas é tão seco durante a conversa que levou o cardeal Jean-Louis Tauran a dizer que Mamberti era "tão tímido que chegava a intimidar", a tal ponto que não diz nada durante o nosso encontro pouco protocolar. Fica constantemente com a guarda alta, e para mim é difícil saber se Mamberti, ou um dos seus pares, pôde "dirigir" realmente o cardeal Barbarin a partir de Roma ou se este agiu sozinho.

A lei sobre o casamento para todos é finalmente votada em 17 de maio de 2013, apesar das mobilizações das massas. É aprovada por uma larga maioria na Assembleia nacional por 331 deputados contra 225, ou seja, mais de cem votos de diferença. A França se torna assim o 14º país a autorizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Milhares de casais homossexuais se casam nas semanas seguintes e uma larga maioria dos franceses, mais de dois terços, agora aprova essa lei. E não é só isso: 63% das pessoas entrevistadas consideram hoje em dia que um casal de homossexuais que vive com os seus filhos "constitui uma família de pleno direito". Prova desse consenso rápido é que os principais candidatos de direita nas eleições presidenciais de 2017 já

não proporão abolir a lei sobre o casamento. Os católicos moderados, por sua vez, reconhecem agora que, graças às uniões do mesmo sexo, a instituição do casamento, que estava em declínio, recupera a força, invertendo as tendências!

A cruzada exageradamente caricatural do cardeal Barbarin, bem como os excessos ocasionados pelos extremistas de direita, favoreceram a mudança da opinião. Foi uma bênção para a esquerda, que já não teve que defender o casamento, mas apenas se mobilizar em nome da "laicidade". Quanto à Manif pour Tous e ao seu ramo político, Sens Commun, a sua derrota foi ainda mais amarga, não só porque a lei votada criou um consenso nacional, mas também porque levou a maioria dos seus líderes a aderir ao partido de Marine Le Pen ou a fazer campanha por ela. Afinal, as máscaras caíram: após vários anos de um combate cheio de idas e vindas, esse catolicismo de intransigência fecha o círculo; fez o jogo da extrema direita. Finalmente, saíram do armário!

Para o cardeal Barbarin, a situação também se inverte. O baluarte do anticasamento gay é convocado pela polícia de Lyon e submetido a um interrogatório de dez horas, antes de ser citado para comparecer no tribunal. Dez vítimas de abusos sexuais o acusam de ter dado cobertura a fatos graves de pedofilia e a agressões sexuais sobre menores, cometidos por um padre da sua diocese. Em breve, mais de 100 mil franceses assinarão uma petição exigindo a sua demissão. O monsenhor Barbarin é censurado por não ter denunciado os atos do padre quando teve informações a respeito e de ter mantido o criminoso nas suas funções, em contato com crianças, até 2015. Outros abusos cometidos por padres sob a sua autoridade — que elevam o número de casos para oito — aparecem pouco depois. No total, a opinião pública descobre, estupefata, que mais de 25 bispos acobertaram, de maneira minuciosa, mais de 32 padres acusados desses crimes horrendos, com 339 vítimas presumidas (segundo as revelações do site Mediapart em 2017). Um verdadeiro "Spotlight francês".

Desde então, o caso Barbarin não deixou de estar no centro das atenções. Centenas de artigos e vários livros de grandes jornalistas foram publicados, como os de Marie-Christine Tabet (*Grâce à Dieu, c'est prescrit*) ou de Isabelle de Gaulmyn (*Histoire d'un silence*), ou ainda uma longa investigação de Cécile Chabraud para o jornal *Le Monde* e a transmissão de *Cash Investigation*, de Élise Lucet, para a France 2, listaram as práticas de acobertamento do cardeal. Uma verdadeira omertà.

Há uma moral na Igreja católica? De qualquer modo, a concomitância das datas continua sendo perturbadora: enquanto desfilava nas ruas contra o casamento para todos, Barbarin estava prestes a ser apontado por ter dado cobertura a padres pedófilos! (Nessa fase do processo, o monsenhor Barbarin, que nega os fatos, foi citado para comparecer no tribunal por um delito passível de três anos de prisão; não tendo ainda sido julgado nem condenado — o processo foi adiado para 2019 —, é beneficiado pela presunção de inocência.)

Duas outras figuras-chave do catolicismo francês e verdadeiras estrelas da Manif pour Tous reafirmam a hipocrisia do sistema católico. A primeira é um célebre padre e terapeuta ligado à diocese de Paris: Tony Anatrella. Pensador fetiche do anticasamento e ligado ao cardeal Ratzinger, foi nomeado consultor para os conselhos pontifícios encarregados da família e da saúde no Vaticano. Graças a esse reconhecimento romano, torna-se a voz quase oficial da Igreja sobre a questão gay, no exato momento em que começa a tomar uma inflexão cada vez mais fundamentalista.

A partir de meados da década de 2000, Anatrella é encarregado, pela Conferência dos Bispos da França, de redigir a argumentação contra o casamento gay. As suas notas, os seus artigos e, em breve, os seus livros são cada vez mais violentos não só contra o casamento, mas também, e mais

amplamente, contra os homossexuais. Com todas as suas forças, e em todos os veículos mediáticos, o padre terapeuta chega a ponto de recusar "o reconhecimento legal da homossexualidade" (despenalizada na França, entretanto, desde Napoleão). Convertido em paladino pela Manif pour Tous, transforma-se em um dos seus teóricos. "A Manif pour Tous torna os políticos obsoletos", felicita-se o prelado em inúmeras entrevistas, acrescentando que "o 'casamento' homossexual é a decisão mais medíocre dos ideais de maio de 68!". Caridoso, Anatrella se torna também o porta-voz das "terapias reparadoras", que, segundo ele, proporcionariam aos homossexuais uma solução para deixarem de sê-lo.

Uma vez que também é psicanalista — apesar de não pertencer a nenhuma sociedade de psicanálise —, o padre oferece justamente sessões de "conversão" aos pacientes, de preferência do sexo masculino, num gabinete especializado. Ali, recebe jovens seminaristas cheios de dúvidas e rapazes de famílias católicas burguesas que têm problemas com a sua identidade sexual. No entanto, o dr. Anatrella esconde bem o seu jogo, explicando que, para corrigir o Mal, é preciso que se dispam e se deixem masturbar por ele! O charlatão faz isso por vários anos até três dos seus pacientes decidirem apresentar queixa contra ele por agressões sexuais e toques continuados. O escândalo midiático ganha uma dimensão internacional, sobretudo porque, na capital francesa, Anatrella era próximo do cardeal Lustiger e, em Roma, dos papas João Paulo II e Bento XVI. Curiosamente, antes mesmo de qualquer veredito, o nome de Tony Anatrella é apagado das publicações oficiais, e esse antigo mestre do pensamento desaparece subitamente das referências da Manif pour Tous. (O monsenhor Anatrella negou as acusações. Embora tenha terminado com um arquivamento em virtude de prescrição, o seu processo judicial determinou os fatos; o monsenhor Anatrella foi suspenso do seu cargo e o cardeal de Paris deu início a um processo canônico; em julho de 2018, no fim desse processo

religioso, o padre foi punido e suspenso definitivamente de toda e qualquer prática sacerdotal pública pelo novo arcebispo de Paris, o monsenhor Aupetit.)

O segundo caso, o do monsenhor Jean-Michel di Falco, é diferente. Esse prelado ultramidiático foi durante muito tempo porta-voz da Conferência Episcopal Francesa. O padre Di Falco se mostrou, ao contrário de Anatrella, bastante compreensivo quanto à questão homossexual. Conheci o homem e percebi que não era homofóbico: pelo contrário, sempre me pareceu particularmente *gay-friendly*. Um pouco demais, talvez!

Nomeado bispo de Gap, o espalhafatoso Di Falco é alvo de críticas severas pelo seu estilo de vida suntuoso e pelas suas relações. Esse membro do jet set teria inclusive deixado um rombo financeiro de 21 milhões de euros na sua diocese. E o pior: Jean-Michel di Falco também foi acusado de abusos sexuais por um homem. O caso teve uma grande repercussão antes de ser arquivado em virtude de prescrição e por falta de provas (Di Falco sempre negou os fatos e recorreu). No entanto, o papa Francisco aceitou o caminho da aposentadoria do bispo mais midiático do catolicismo francês.

Nos últimos anos, outros 72 padres franceses foram acusados ou condenados por abusos sexuais, cometidos, na grande maioria, contra rapazes. Segundo os números da Conferência Episcopal Francesa, são contados cerca de 230 casos de abusos desse tipo todos os anos.

Por força da hipocrisia, da vida dupla e das mentiras, a Igreja francesa vem tendo dificuldade de convencer a respeito da relevância das suas posições morais, numa sociedade amplamente descristianizada. Os seus seminários se esvaziaram; os padres morrem e não são substituídos; as suas paróquias estão desertas; o número de casamentos católicos e de batismos caiu vertiginosamente; e, para terminar, o número de católicos "praticantes regulares" atinge uma parcela ínfima da população (entre 2% e 4% hoje,

contra 25% em 1960). A França é, agora, um dos países menos religiosos do mundo.

O episcopado, um modelo de opacidade, dissimulou durante muito tempo a sua sociologia de dominante homossexual, ideia-chave das mobilizações da Igreja contra o casamento para todos. A "filha mais velha da Igreja" terá se tornado uma das capitais de Sodoma?

Desde janeiro de 2018, foi nomeado um novo arcebispo de Paris que aspira devolver o vigor ao catolicismo francês e pôr em ordem uma máquina doente. Trata-se do monsenhor Michel Aupetit, que foi durante muito tempo médico e solteiro; entrou tardiamente no seminário, aos 39 anos. Ordenado padre aos 44 anos, foi alocado, no início da sua carreira, à igreja de Saint-Paul, onde Marius se casa com Cosette em *Os miseráveis*!

— Foi uma escolha muito judiciosa do papa Francisco — afirma o cardeal francês Jean-Pierre Ricard, durante um almoço em Bordeaux.

Uma opinião positiva que é compartilhada por muitos.

— Antes de ser ordenado, Aupetit não se casou: não se conhece nenhuma mulher que tenha passado pela sua vida. Parece ter feito voluntariamente voto de castidade heterossexual ainda antes da obrigação de castidade sacerdotal. Uma vez ordenado, teve a particularidade de ser vigário da paróquia de Saint-Paul e capelão do Marais, o bairro gay de Paris — conta um padre dessa paróquia que o conheceu bem.

Esse padre, que é visivelmente gay, acrescenta, sorrindo:

— Com a igreja de Saint-Eustache, onde oficiava o padre Gérard Bénéteau, e a Saint-Paul-Saint-Louis-du-Marais, do bispo de Évreux, Jacques Gaillot, esta é uma das paróquias mais simbolicamente gays da França!

Um pároco que trabalhou durante muito tempo com Aupetit na diocese de Nanterre conta também o que sabe. O padre, aliás, admite na minha frente,

sem rodeios, a própria homossexualidade; seduz descaradamente os garçons durante uma dezena de almoços e jantares que fazemos juntos.

— O monsenhor Aupetit é um bispo que arranja tempo para ouvir. Ao contrário do cardeal Barbarin, por exemplo, que nunca tinha tempo para os padres da sua diocese, Aupetit nos conhece muito bem. É um homem prudente e sensato. Não é, certamente, um progressista: utiliza com frequência os termos da direita dura e é muito hostil à reprodução medicamente assistida e a tudo que se relacione com a genética e a eutanásia. Mas é um homem de diálogo. Podemos falar até ele ter formado uma opinião própria sobre um tema; a partir de então, torna-se muito autoritário e muito clerical, um pouco como todos os recém-convertidos.

Embora o bispo seja apreciado pelos seus colaboradores e tenha boa fama, a promoção de Aupetit a Paris foi vivamente contestada no interior da própria Conferência dos Bispos da França. Ali, acusavam-no de estar muito "à direita", de ser muito "rígido" ou "afeminado" demais. Diversos prelados próximos do arcebispo de Rouen, Dominique Lebrun, tentaram inclusive sabotar a sua nomeação; um dos porta-vozes da Conferência Episcopal Francesa me garantiu, pouco antes da sua designação, que "o bispo de Nanterre nunca será confirmado em Paris pelo papa". A batalha ao redor da nomeação de Aupetit teria estado misturada sobretudo com intrigas vertiginosas de iniciados, que opunham entre si "várias facções homossexuais do episcopado", segundo duas fontes internas.

Veremos, nos próximos anos, se o novo homem forte da Igreja da França é capaz de voltar a dar um rumo aos católicos franceses, profundamente divididos e duradouramente desnorteados.

18. A CEI

De repente, o cardeal italiano Angelo Bagnasco retira o anel cardinalício do seu anelar direito e me dá espontaneamente. Com uma precisão de joalheiro, esse homem pequeno e cheio de rugas me estende o anel na palma da sua mão e eu o recebo na minha. Admiro aquilo. A cena se passa no fim da nossa conversa, enquanto trocamos impressões sobre o traje dos cardeais e sobre o anel cardinalício. Para um bispo não é o "anel do pescador", reservado ao papa, mas a marca da sua relação privilegiada com os fiéis. Substitui a aliança dos casados, talvez para significar que desposaram as suas ovelhas. Será que, nesse exato momento, sem os seus atributos e o símbolo do seu cargo episcopal, o cardeal se sente observado e quase despido?

Se o seu relógio é luxuoso e a sua corrente de bispo com cruz peitoral de metal precioso é igualmente extravagante, o anel de Angelo Bagnasco é mais simples do que eu teria imaginado. No anelar dos inúmeros cardeais e arcebispos que visitei, vi pedras tão preciosas, tão ousadas nas suas cores verde-ametista, amarelo-rubi e violeta-esmeralda, que me perguntei se não se trataria de meros quartzos translúcidos pintados em Marrakech. Vi anéis que deformavam os dedos, cardeais homossexuais usando um anel grená que, dizem, afasta os demônios e, nas mãos de cardeais enrustidos, anéis com aventurinas incrustadas. E que pedras! Todos sabem que o pecado seria enfiar o anel no polegar. Ou no indicador!

É preciso dizer que todos os colarinhos romanos e os clérigos se parecem. E embora Maria, uma das vendedoras da famosa loja sacerdotal De Ritis, situada perto do Panteão de Roma, tenha se esforçado para explicar a

diversidade de cortes e formas, para um olhar laico como o meu, existem realmente pouquíssimas diferenças entre todas essas vestimentas indigestas. Uma vez que não podem variar na indumentária — nem todos os cardeais têm a ousadia de Sua Eminência Raymond Burke —, os altos prelados compensam essa falta por meio das joias. Uma verdadeira "tempestade de diamantes", como escreve o Rimbaud! Quanta elegância, quanto estilo, quanto gosto na escolha dos tamanhos, das combinações e das cores. Essa safira, esse diamante, esse escrínio, esse rubi rosa-claro, essas pedras são tão finas, tão trabalhadas, que dizemos para nós mesmos que caem como uma luva em cardeais, eles próprios tão preciosos. E quantos valores assim reunidos, que fazem desses homens culpados de tão doces e pequenos furtos, verdadeiras caixas-fortes. Por vezes, vi prelados *straight-laced* que traziam cruzes peitorais tão espetaculares, com os seus diamantes engastados e os seus animais da Bíblia enroscados ou enlaçados, que julgaríamos que teriam acabado de sair de um desenho de Tom of Finland. E que variedade também nas abotoaduras, por vezes tão vistosas que os prelados, surpreendidos pela própria audácia, acabam hesitando em usar com medo de se traírem.

O anel de Angelo Bagnasco é, por sua vez, belo e simples. Nem de um retangular brilhante, nem em ouro encerrando um diamante, como um daqueles que o papa Bento XVI usou. Tamanha simplicidade espanta quando conhecemos o nosso homem.

— Os cardeais passam muito tempo escolhendo o seu anel. Muitas vezes, mandam fazê-lo sob medida. É uma fase importante e, por vezes, um certo investimento financeiro — conta um dos vendedores de Barbiconi, um célebre comerciante de trajes eclesiásticos, cruzes peitorais e anéis, situado na Via Santa Caterina de Siena, em Roma. E acrescenta, como bom comerciante: — Não é necessário ser padre para comprar um anel!

Quando o visitei, o cardeal Jean-Louis Tauran usava, além de um relógio Cartier e uma cruz ecumênica que lhe fora oferecida pelo seu amigo íntimo, um padre anglicano, um sublime anel excepcional, verde e ouro, no anelar direito.

— Esse anel que você está vendo tem um valor sentimental muito grande para mim — disse Tauran. — Ele foi feito a partir das alianças do meu pai e da minha mãe, que foram fundidas. A partir desse material, o joalheiro deu forma ao meu anel cardinalício.

Como descobri durante a minha pesquisa, determinados prelados têm apenas um anel. Com humildade, gravam nele, na frente, a figura de Cristo, de um santo ou de um apóstolo, por exemplo; por vezes, preferem mandar inscrever um crucifixo ou a cruz da sua ordem religiosa; no reverso, são vistas as suas armas episcopais, ou, para um cardeal, sob a sua ligatura, as armas do papa que o elevou à púrpura. Outros cardeais têm vários anéis, uma verdadeira coleção, que são trocados de acordo com as ocasiões, como trocam de batina.

É uma excentricidade compreensível. Os bispos que usam belas pérolas me fazem lembrar essas mulheres veladas que vi no Irã, no Qatar, nos Emirados Árabes ou na Arábia Saudita. O rigor do islã, que se estende não só aos cabelos, à espessura e largura do *hijab*, mas também ao comprimento das mangas das camisas ou dos vestidos, transfere a elegância feminina para o véu, cujas cores vistosas, formas sedutoras e alto preço dos tecidos de caxemira, seda pura ou angorá, são a consequência paradoxal. O mesmo se passa com os bispos católicos, que, restringidos pela sua coleção de Playmobil, colarinho romano e sapatos pretos, dão asas à imaginação mais louca exibindo anéis, relógios e abotoaduras.

Bem-vestido e bem penteado, o cardeal Bagnasco me recebe numa residência privada da Via Pio VIII, um beco sem saída situado atrás do Vaticano, mas que me obriga a uns bons vinte minutos de caminhada para chegar até lá, a partir da Piazza San Pietro. O caminho ascendente faz um longo meandro, sob o sol, atrasando a minha chegada; ainda por cima, o cardeal marcou a hora do nosso encontro de uma maneira imperial, como em geral fazem os prelados que não marcam encontros, mas impõem o seu horário, sem possibilidade de discussão — até os ministros italianos são mais condescendentes e hospitaleiros! Por todas essas razões, chego um pouco atrasado à convocatória e ligeiramente suado. O cardeal me oferece o seu banheiro, e foi nesse momento que fiquei submerso numa nuvem de aromas.

Requintado, esmerado e extravagante, o cardeal Bagnasco é famoso pelos seus perfumes — com notas de madeira, ambreados, *chyprés* ou *hespéridés* — e agora percebo por quê. Será Égoïste, de Chanel, La Nuit de L'homme, de Yves Saint Laurent, ou Vétiver, de Guerlain? De qualquer modo, a começar pela sua água-de-colônia, o cardeal gosta de se enfeitar todo. Rabelais zombava da flatulência dos prelados italianos, mas eu nunca poderia imaginar que chegaria um dia em que zombariam deles por cheirarem a cortesã!

No fundo, os perfumes desempenham mais ou menos a mesma função que os anéis. Permitem a singularidade, ao passo que o traje impõe a uniformidade. O âmbar, a violeta, o almíscar, a magnólia, quantos aromas descobri no Vaticano. Quantos óleos! Quantas fragrâncias! Que "confusão de perfumes"! Mas se ungir com *opium* já não seria fazer uma apologia discreta a um vício?

Angelo Bagnasco foi durante muito tempo o mais poderoso e mais elevado dignitário da Igreja italiana. Mais do que qualquer outro bispo no seu país, foi o grão-vizir do "catolicismo spaghetti" (como poderíamos chamar ao

catolicismo italiano para o distinguirmos do catolicismo da santa sé). Fez e desfez carreiras; cocriou cardeais.

Em 2003, é nomeado bispo das Forças Armadas, um cargo que, segundo ele, o empolga "com trepidação" porque se trata de uma "diocese muito ampla", que consiste em evangelizar "os soldados em toda a Itália e até fora dela, com as missões militares no exterior". Eleito arcebispo de Gênova em 2006, substituindo Tarcisio Bertone, quando este se torna secretário de Estado de Bento XVI, é imediatamente tornado cardeal pelo papa, de quem dizem ser próximo. Sobretudo, presidiu durante dez anos, entre 2007 e 2017, a Conferência Episcopal Italiana — a famosa CEI. Até ser afastado dela pelo papa Francisco.

O fato de um jornalista e escritor francês lhe fazer uma visita após esse caminho forçado à aposentadoria é para ele, o proscrito, o banido, algo acalentador. Não fala francês, nem inglês, nem espanhol, nem nenhuma língua estrangeira, ao contrário da maior parte dos cardeais, mas se esforça muito para ser entendido, traduzido por Daniele, o meu pesquisador italiano.

O cardeal Bagnasco é um homem apressado, daqueles que põem os torrões de açúcar no café sem se darem o trabalho de tirar o papel — para ganhar tempo. Aqueles que o conhecem, mas não gostam dele, descreveram-no como um homem irascível e vingativo, um grande espertalhão, um "passivo autoritário", segundo um padre que o conheceu bem na CEI, onde alternava castigos e recompensas para impor o seu ponto de vista. Mas, conosco, mostra-se cortês e paciente. Nesse exato momento, Bagnasco bate constantemente com o pé, a uma velocidade cada vez maior. Por tédio ou porque gostaria de falar mal do papa, mas se contém?

Desde a sua queda, Bagnasco procura o seu novo paraíso. Ele, que foi um aliado cínico de Bento XVI e do cardeal Bertone, censura-os agora por terem

jogado a Igreja na aventura e no desconhecido com Francisco. Não se trata de um elogio nem para um nem para o outro.

É claro que o cardeal de anel e abotoadura não critica os seus correligionários na nossa frente nem, muito menos, o papa, mas as expressões do seu rosto traem o seu pensamento. Assim, quando cito o nome do cardeal Walter Kasper e as suas ideias geopolíticas, Bagnasco me interrompe com uma horrível careta de desdém. O nome do mais progressista dos seus adversários provoca, no seu rosto, um esgar tão explícito que, a contragosto, darwiniano sem querer, Bagnasco é uma prova viva de que o homem descende do macaco.

— É alguém que não conhece a diplomacia — diz simplesmente Bagnasco, dosando bem as palavras.

E quando começamos a falar das tensões no interior da Conferência Episcopal Italiana, na tentativa do cardeal Bertone de retomar as rédeas da CEI, Bagnasco se volta para Daniele e lhe diz, a meu respeito, em italiano, ao mesmo tempo que sonda o ambiente com modos inquietos:

— *Il ragazzo è ben informato!* (O rapaz está bem informado!)

Então Bagnasco me lança um olhar significativo. Um desses olhares estranhos, decisivos e subitamente diferentes. É um daqueles momentos em que os olhos de um cardeal se cruzam com os meus, como aconteceu comigo várias vezes. Fixam, perscrutam, penetram. Dura apenas um breve instante, o espaço de um segundo, mas tudo se passa naquele momento. O cardeal Bagnasco pensa, olha para mim, hesita e, de repente, vejo o medo. Esse medo complicado que vi com tanta frequência, num piscar de olhos, no olhar dos meus interlocutores no Vaticano, como se o segredo da sua alma estivesse subitamente desnudado.

O cardeal baixa os olhos e define o seu pensamento:

— O cardeal Bertone quis, efetivamente, se ocupar das relações entre a Igreja e o governo italiano, mas eu segui o meu caminho. O governo italiano

faz parte do papel da CEI, e não do Vaticano. (Esse ponto é, aliás, confirmado pelo cardeal Giusepe Betori, antigo secretário-geral da CEI, que entrevistei em Florença.)

E, após uma pausa, o cardeal que sonhou com a ideia de ser papa, mas teve que diminuir as suas ambições, visando indiretamente Bertone, acrescenta:

— Quando se está na Cúria, quando se está no Vaticano, já não se está na CEI. E quando se esteve na Cúria, e a missão foi concluída, também não se retorna à CEI. Acabou.

Falamos agora das uniões civis homossexuais de que sei que o cardeal Bagnasco foi o principal adversário na Itália. E, numa onda de audácia, procuro saber se a posição da Igreja evoluiu com o papa Francisco.

— A nossa posição sobre as uniões civis era a mesma há dez anos e agora — afirma categoricamente o cardeal.

E é então que o cardeal Bagnasco tenta me convencer do fundamento da sua posição. Lança-se numa longa exposição para justificar as discriminações homossexuais incentivadas pela Igreja italiana, como se a CEI fosse independente do Vaticano. Teólogo razoável, mas fraco filósofo, cita os Evangelhos e o *Catecismo da Igreja católica* para apoiar a sua tese (com pertinência) e se baseia no pensamento dos filósofos Habermas e John Rawls (que parafraseia sem o menor pudor). Tal como aconteceu com a maioria dos cardeais — sendo Kasper uma exceção —, fico surpreendido com a mediocridade filosófica do seu pensamento: instrumentaliza os autores, fez uma leitura dinâmica dos textos e, por razões ideológicas, retém apenas alguns argumentos de um raciocínio complexo e anacrônico. Pelo ponto a que chegou, sinto que Bagnasco está prestes a citar *A origem das espécies*, um livro que vi na estante da sua sala de espera, para proibir o casamento gay, em nome da evolução das espécies!

De maneira um pouco tortuosa, sendo a minha vez de ser espertalhão, interrogo o cardeal Bagnasco, desviando-o do tema, sobre as nomeações de Francisco e a sua situação pessoal. O que ele pensa do fato de que para se tornar cardeal sob Bento XVI é preciso ser antigay, e *gay-friendly* para sê-lo sob Francisco?

O ministro das Finanças das manifestações antigay na Itália olha para mim: sorri, fazendo uma ligeira careta. Com o cabelo bem esticado, o traje bem apertado, aparatado e todo bem-posto, com a corrente ao pescoço, Bagnasco parece desvairado com a minha pergunta, mas evita transparecer. A sua linguagem corporal fala por ele. Nós nos despedimos em bons termos com a promessa de um novo encontro. Sendo um homem sempre apressado, anota os nossos e-mails e, duas vezes, o número do celular de Daniele.

A Conferência Episcopal Italiana (CEI) é um império dentro do império. Durante muito tempo, foi inclusive o Reino. Depois da eleição do polonês Wojtyła, confirmada pelas do alemão Ratzinger e do argentino Bergoglio, não tendo os italianos voltado a ter papas, a CEI continua sendo a antecâmara do poder dessa teocracia de outra época que é o Vaticano. Uma questão de geopolítica e de equilíbrio mundial.

Ou não, já que os cardeais da CEI foram afastados por terem exercido o seu poder de uma forma imprudente demais com Angelo Sodano e Tarcisio Bertone? Ou será que hoje em dia estão pagando pelas suas camarilhas praticantes e os seus ajustes de contas assassinos que perverteram o catolicismo italiano e talvez tenham custado a vida a João Paulo I e a coroa a Bento XVI?

Seja como for, a CEI já não produz papas e cada vez menos cardeais. Isso talvez venha a mudar um dia, mas no momento o episcopado italiano se fechou na península. Desamparados, esses cardeais e bispos se consolam

apesar de tudo ao verem a dimensão do trabalho que ainda têm que realizar em casa. Há tanta coisa a fazer. E, para começar: lutar contra o casamento gay.

Depois de Bagnasco ter sido eleito para a presidência da CEI, pouco tempo após a eleição de Bento XVI, as uniões civis se tornaram uma das primeiras preocupações do episcopado italiano. Tal como Rouco na Espanha e como Barbarin na França, Bagnasco escolhe a relação de força: quer ir às ruas e reagrupar a multidão. É mais desenvolto do que o primeiro e mais rígido do que o segundo, mas conduziu bem o seu barco.

É necessário dizer que a CEI, com as suas propriedades imobiliárias, os seus meios de comunicação, o seu *soft power*, o seu ascendente moral e os seus milhares de bispos e de padres instalados até na mais remota aldeia, tem um poder exorbitante na Itália. Também tem um peso político decisivo, o que muitas vezes anda lado a lado com todos os abusos e todos os tráficos de influências.

— A CEI intervém na vida política italiana desde sempre. É rica, poderosa. O padre e o político caminham juntos na Itália, que ficou presa em *Don Camillo*! — ironiza Pierre Morel, ex-embaixador da França na santa sé.

Todas as testemunhas que entrevistei no seio do episcopado, no Parlamento italiano ou no gabinete do presidente do Conselho, confirmam essa influência decisiva na vida pública italiana. Foi o caso sobretudo durante João Paulo II, quando o cardeal Camillo Ruini, o predecessor de Bagnasco, presidia a Conferência Episcopal: a idade de ouro da CEI.

— O cardeal Ruini era a voz italiana de João Paulo II e tinha o Parlamento italiano na mão. Foram os grandes anos da CEI. A partir de Bagnasco, sob Bento XVI, esse poder diminuiu. Sob Francisco, desagregou-se totalmente — resume um prelado que vive no interior do Vaticano e conhece pessoalmente os dois antigos presidentes da CEI.

O arcebispo Rino Fisichella, que também foi um dos responsáveis da CEI, confirma esse ponto durante duas conversas:

— O cardeal Ruini era um pastor. Tinha uma profunda inteligência e uma visão política clara. João Paulo II confiava nele. Ruini era o principal colaborador de João Paulo II quando se tratava dos assuntos italianos.

Um diplomata alocado em Roma, fino conhecedor da máquina vaticana, confirma, por sua vez:

— Logo no início do pontificado, o cardeal Ruini disse, grosso modo, a João Paulo II: "Vou libertá-lo dos assuntos italianos, mas quero assumi-los integralmente". Tendo obtido o que pretendia, fez o trabalho. E o fez muito bem.

Da sala de jantar do cardeal Camillo Ruini, a vista sobre os jardins do Vaticano é tão espetacular quanto estratégica. Estamos no último andar do Pontificio Seminario Romano Minore, uma cobertura luxuosa, que se ergue na fronteira do Vaticano.

— É um lugar fabuloso para mim. Vê-se o Vaticano de cima, mas não se está no interior. Pelo contrário, aqui se está perto, mas fora — afirma Ruini, com um tom sarcástico.

Para me encontrar com o cardeal de 88 anos, tive que multiplicar as cartas e os telefonemas — em vão. Um pouco desconcertado pela contínua falta de respostas, bem fora do comum na Igreja, deixei finalmente com o porteiro da sua residência o livro branco de presente para o cardeal na aposentadoria, com um bilhetinho. A sua assistente por fim marcou um encontro comigo, salientando que "Sua Eminência aceitou [me] receber devido à beleza da [minha] escrita com tinta azul". O cardeal era, portanto, um esteta!

— Estive à frente da CEI durante 21 anos. É verdade que graças a mim, e graças a circunstâncias favoráveis, pude fazer da CEI uma organização

importante. João Paulo II confiava em mim. Foi um pai, um avô para mim. Foi um exemplo de força, de sabedoria e de amor de Deus — diz Ruini, num francês mais do que correto.

Visivelmente feliz por ter uma conversa com um escritor francês, o velho cardeal leva o tempo necessário (e quando eu for embora escreverá o seu número de telefone privado, num pedacinho de papel, me encorajando a revê-lo; e de fato voltarei).

Entretanto, Ruini conta o seu percurso: como foi um jovem teólogo; qual foi a sua paixão por Jacques Maritain e os pensadores franceses; a importância de João Paulo II, cuja morte foi o primeiro a tornar pública, enquanto cardeal vigário de Roma, como manda a tradição, por meio de uma "declaração especial" (antes de o substituto Leonardo Sandri fazer o anúncio oficial em São Pedro); mas também a laicização e a secularização que enfraqueceram consideravelmente a influência da Igreja italiana. Sem qualquer amargura, mas com certa melancolia, fala do glorioso passado e do declínio do catolicismo hoje em dia. "Os tempos mudaram bastante", acrescenta, não sem tristeza.

Pergunto ao cardeal sobre as razões da influência da CEI e sobre o seu próprio papel:

— Creio que a minha capacidade foi a arte de governar. Sempre fui capaz de decidir, de tomar uma direção e seguir em frente. Era essa a minha força.

Falou-se por vezes no dinheiro da CEI, a chave da sua influência.

— A CEI é o dinheiro — confirma um alto responsável do Vaticano.

O que Ruini reconhece, sem hesitar:

— A concordata entre o Estado italiano e a Igreja deu muito dinheiro à CEI.

Também falamos de política, e o cardeal insiste nos seus vínculos com a democracia cristã, mas também com Romano Prodi ou Silvio Berlusconi. Durante várias décadas, conheceu todos os presidentes do Conselho da península!

— Há uma verdadeira compenetração entre a Igreja e a política italianas. O problema é esse, foi o que perverteu tudo — explica, por sua vez, um dos padres italianos que estiveram no coração da CEI: Ménalque (o seu nome foi alterado).

O meu encontro com Ménalque foi um dos mais interessantes deste livro. Esse padre esteve no coração da máquina CEI durante os anos em que o cardeal Ruini e, depois, o cardeal Angelo Bagnasco foram os seus presidentes. Esteve nos bastidores do show. Hoje, Ménalque é um padre que se tornou amargo, se não anticlerical, uma figura complexa e inesperada daquelas que o Vaticano segrega com uma regularidade desconcertante. Decidiu falar comigo e descrever minuciosamente, e em primeira mão, o funcionamento interno da CEI. Por que fala? Por várias razões, como alguns dos que se expressam neste livro: em primeiro lugar, por causa da sua homossexualidade, agora assumida, que torna intolerável para ele "a homofobia da CEI"; depois, para denunciar a hipocrisia de inúmeros prelados e cardeais da instituição, que conhece melhor do que ninguém, uns antigays em público que são homossexuais na esfera privada. Muitos tentaram seduzi-lo, e ele conhece os códigos e as regras difusas do direito de pernada no seio da CEI. Ménalque fala, assim, pela primeira vez, por que perdeu a fé e por que, tendo pagado bem caro pela sua infidelidade — desemprego, perda dos amigos que viraram as costas, isolamento —, se sente traído. Entrevistei-o durante mais de dez horas, em três ocasiões, com vários meses de intervalo, longe de Roma, e me afeiçoei a esse padre doloroso. Foi o primeiro a me revelar um segredo que eu nunca teria imaginado. Ei-lo: a Conferência Episcopal Italiana seria uma organização com uma predominância gay.

— Tal como muitos padres italianos, como a maioria deles, entrei para o seminário porque tinha um problema com a minha sexualidade — conta

Ménalque, durante um dos nossos almoços. — Não sabia o que era e levei muito tempo para compreender. Era, é claro, uma homossexualidade recalcada, uma repressão interna tão forte que era não só indizível, mas também incompreensível, mesmo para mim. E, tal como a maioria dos padres, não ter que flertar com mulheres, não ter que me casar, foi para mim um verdadeiro alívio. A homossexualidade foi uma das causas da minha vocação. O sacerdócio celibatário é um problema para um padre heterossexual; era uma bênção para o jovem gay como eu. Era uma libertação.

O padre raramente conta essa parte da sua vida, a sua parte sombria, e me diz que esse diálogo é um alívio para ele.

— Foi mais ou menos um ano depois de ter sido ordenado padre que o problema surgiu de verdade. Eu tinha 25 anos. Tentei esquecer. Dizia para mim mesmo que eu não era afeminado, que não tinha o estereótipo, que não podia ser homossexual. Então, lutei.

A luta é muito desigual. Dolorosa, injusta, tempestuosa. Poderia tê-lo levado ao suicídio, mas se cristaliza no ódio a si mesmo, matriz tão clássica da homofobia interiorizada do clero católico.

Duas soluções se oferecem então ao jovem padre, tal como à maior parte dos seus correligionários: assumir a sua homossexualidade e deixar a Igreja (embora ele só tenha diplomas em teologia sem qualquer valor no mercado de trabalho), ou iniciar uma vida dupla clandestina. A porta ou o armário, em suma.

A rigidez do catecismo quanto ao celibato e à castidade heterossexual sempre teve como corolário, na Itália, uma grande tolerância relativa à "orientação". Todas as testemunhas inquiridas confirmam que a homossexualidade foi, durante muito tempo, um verdadeiro rito de passagem nos seminários italianos, nas igrejas e na CEI, desde que seja discreta e escondida na esfera privada. O ato sexual com uma pessoa do mesmo sexo

não garante a regra sacrossanta do celibato heterossexual, pelo menos o espírito, se não a letra. E muito antes de Bill Clinton ter inventado a fórmula, a regra do catolicismo italiano sobre a homossexualidade, a matriz de Sodoma, foi: "*Don't ask, don't tell*".

Segundo um percurso clássico, e que envolve a maior parte dos dirigentes da CEI, Ménalque se torna padre *e* gay. Um híbrido.

— A grande força da Igreja é que trata de tudo. Uma pessoa se sente em segurança e protegida, é difícil partir. Então, fiquei. Comecei a levar uma vida dupla. Decidi ter meus casos fora, e não dentro da Igreja, para evitar os boatos. Foi uma escolha que fiz precocemente, enquanto muitos privilegiam o oposto e têm casos exclusivamente no íntimo da Igreja. A minha vida de padre gay não foi simples. Era uma batalha contra mim mesmo. Quando revejo hoje a minha trajetória no meio dessa luta, isolado e cheio de solidão, identifico o meu desespero. Chorava diante do meu bispo, que me fazia pensar que ele não estava entendendo o motivo do meu choro. Eu tinha medo. Estava aterrorizado, encurralado.

É então que o padre descobre o principal segredo da Igreja italiana: a homossexualidade é tão geral, tão onipresente, que a maior parte das carreiras depende dela. Se uma pessoa escolher bem o seu bispo, se evoluir na linha certa, se estabelecer as boas amizades, se entrar no "jogo do armário", sobe rapidamente os degraus hierárquicos.

Ménalque me dá o nome dos bispos que o "ajudaram", dos cardeais que o cortejaram de forma descarada. Falamos das eleições da CEI, "uma batalha mundana", diz; do poder dos impérios que constituíram, à sua volta, os cardeais Camillo Ruini e Angelo Bagnasco; do papel dissimulado desempenhado no Vaticano pelos secretários de Estado Angelo Sodano e Tarcisio Bertone; do igualmente extravagante, assumido pelo núncio apostólico encarregado da Itália, Paolo Romeo, um íntimo de Sodano, futuro

arcebispo de Palermo e cardeal nomeado por Bento XVI. Falamos também das nomeações dos cardeais Crescenzio Sepe, para Nápoles, Agostino Vallini, para Roma, e Giuseppe Betori, para Florença, que corresponderiam às lógicas dos clãs da CEI.

A contrario, Ménalque decifra para mim as nomeações "negativas" do papa Francisco, aqueles bispos influentes da CEI que não são nomeados cardeais, essas "não nomeações", a seus olhos, igualmente reveladoras. Assim, por castigo ou penitência, algumas grandes figuras da CEI continuam aguardando serem elevadas à púrpura: nem o bispo de Veneza, Francesco Moraglia, nem o bispo Cesare Nosiglia, de Turim, nem o bispo Rino Fisichella se tornaram cardeais. Em compensação, Corrado Lorefice e Matteo Zuppi (conhecido pelo nome afetuoso de "Don Matteo" no interior da comunidade de Sant'Egidio, de onde provém) foram nomeados, respectivamente, arcebispo de Palermo e arcebispo de Bolonha, e parecem encarnar a linha de Francisco ao serem próximos dos pobres, dos excluídos, das prostitutas e dos imigrantes.

— Aqui, as pessoas me chamam de "Eminência", mas não sou cardeal! É um hábito, porque todos os arcebispos de Bolonha sempre foram cardeais — diz, num tom divertido, Matteo Zuppi ao me receber no seu escritório, em Bolonha.

Gay-friendly, descontraído, caloroso, loquaz, abraça os seus visitantes, fala sem estereótipos e aceita dialogar regularmente com as associações LGBTs. Sincero ou estratégico, parece de qualquer jeito o oposto do seu antecessor, o hipócrita cardeal Carlo Caffarra, maníaco por controle, homofóbico excessivo e, claro, enrustido.

Ménalque é calmo e preciso. Fala da vertente antigay do cardeal italiano Salvatore De Giorgi, que conhece bem; dos bastidores secretos da corrente Comunhão & Libertação e do célebre Projetto Culturale della CEI. Um

escândalo surge durante a conversa: o caso Boffo, de que voltarei a falar em breve. Em cada caso, Ménalque, que viveu tudo de dentro, participou das reuniões decisivas e inclusive do acobertamento, me desvenda esses acontecimentos nos mínimos detalhes, me mostrando as engrenagens escondidas dessa máquina.

A saída de Ménalque da CEI ocorreu sem escândalo nem qualquer declaração a respeito da sua homossexualidade. O padre sentiu necessidade de se afastar e recuperar a sua liberdade.

— Um dia, fui embora. É tudo. Os meus amigos gostavam muito de mim quando eu era padre, mas quando larguei a batina me abandonaram sem remorso. Nunca mais voltaram a me ligar. Não recebi um único telefonema.

Na verdade, os responsáveis da CEI fizeram tudo para manter o padre Ménalque no interior do sistema; era arriscado demais deixar um membro que sabia tantas coisas ir embora. Fizeram-lhe propostas irrecusáveis, mas o padre manteve a sua decisão e não recuou.

A saída da Igreja é um caminho sem volta. Quando se faz essa escolha, acabou. Toda saída é definitiva. Para o ex-abade Ménalque, o preço foi exorbitante.

— Eu já não tinha amigos nem dinheiro. Todos me abandonaram. É esse o ensinamento da Igreja? Estou triste por eles. Se pudesse voltar no tempo, com certeza faria uma escolha diferente, em vez de me tornar padre.

— Por que eles ficam?

— Por que ficam? Porque têm medo. Porque não têm outro local para onde ir. Quanto mais tempo passa, mais difícil é sair. Hoje em dia, tenho pena dos meus amigos que ficaram.

— Você ainda é católico?

— Por favor, não me faça essa pergunta. A forma como a Igreja me tratou, o modo como essa gente me tratou, é algo a que não podemos considerar

"católico". Estou tão feliz por ter ido embora e estar livre! Livre da Igreja e também para ser publicamente gay. Agora posso respirar. É uma luta cotidiana para ganhar a vida, para viver, para me reconstruir, mas sou livre. SOU LIVRE.

A CEI, uma organização de predominância gay pela sua sociologia, é, antes de tudo, uma estrutura de poder que cultiva as relações de força de forma paroxística. A questão homossexual desempenha nela um papel central porque está no cerne das redes que se enfrentam, das carreiras que se fazem e desfazem, e porque pode servir de arma para exercer pressão, mas a chave do seu funcionamento estrutural continua sendo, em primeiro lugar, o poder.

— Tal como todos os padres, sou um grande fã de Pasolini, especialmente de *Salò ou os 120 dias de Sodoma*, baseado na obra do Marquês de Sade. A mentalidade do episcopado italiano é: não apenas o sexo, mas a instrumentalização do poder. Quanto mais subimos na hierarquia, mais nos atinge o abuso do poder — esclarece Ménalque.

Excetuando a breve tentativa de recuperação pelo cardeal Bertone, secretário de Estado de Bento XVI, no fim da década de 2000, a CEI sempre foi muito ciosa da sua autonomia. Pretende gerir a si mesma, sem a mediação do Vaticano, e se ocupa diretamente das relações entre a Igreja católica e os meios políticos italianos. Dessa "compenetração", para retomar a palavra do ex-abade Ménalque, nasceram alguns quase "acordos" de governo, inúmeros compromissos, fortes tensões e uma enorme quantidade de casos.

— Sempre fomos muito autônomos. O cardeal Bertone tentou recuperar a CEI, mas foi um desastre. O conflito entre Bertone e Bagnasco foi muito penoso e causou danos bastante graves. Mas Bagnasco resistiu bem — conta o cardeal Camillo Ruini (que não cita durante a conversa que o desastre em questão será o caso Boffo, que gira em torno da questão gay).

Durante muito tempo, a CEI foi próxima da Democracia Cristã, o partido político italiano de centro-direita fundado ao redor de uma espécie de cristianismo social com um forte anticomunismo. Mas, por oportunismo, sempre esteve ligado ao poder instalado. Quando Silvio Berlusconi se torna, pela primeira vez em 1994, presidente do Conselho italiano, uma parte importante da CEI começa a flertar com o seu partido Forza Italia e a se firmar mais fortemente à direita.

Oficialmente, é claro, a CEI não se rebaixa a fazer política "partidária" e se coloca longe da briga. Mas, como confirmam mais de sessenta entrevistas realizadas em Roma e em mais quinze cidades italianas, o noivado da CEI com Berlusconi é um segredo de polichinelo. Essas relações antinaturais que duram pelo menos de 1994 a 2011, sob João Paulo II e Bento XVI, durante os três períodos em que Berlusconi está no poder, são acompanhadas por diversas negociatas, algumas discussões e se traduzem em nomeações de cardeais.

O arcebispo de Florença, Giuseppe Betori, que me recebe no seu imenso palácio da Piazza del Duomo, foi próximo do cardeal Ruini na época, enquanto secretário-geral da CEI. Nessa conversa, gravada com o seu consentimento, e na presença do meu pesquisador Daniele, o amável cardeal, com o seu rosto arredondado, narra em detalhes a história da CEI.

— Podemos dizer que a CEI foi criada por Paulo VI; antes dele, não existia. Aliás, a primeira reunião informal se realizou aqui, em Florença, em 1952, precisamente neste escritório, onde se reuniram os cardeais italianos que estavam à frente de uma diocese. Ainda era muito modesta.

Betori insiste na natureza "maritainiana" da CEI, evocando o nome do filósofo Jacques Maritain, o que pode ser interpretado como uma escolha democrática da Igreja e uma vontade de romper com o fascismo de Mussolini e o antissemitismo. Também pode se tratar de uma vontade de organizar a

separação das esferas políticas e religiosas, uma espécie de laicidade à italiana (algo que, na verdade, nunca foi a ideia da CEI). Por fim, pode-se fazer uma outra leitura, a de uma franco-maçonaria católica, com os seus códigos e as suas cooptações.

— Desde o início, a CEI considera que tudo o que diz respeito à Itália, e às relações com o governo italiano, deve passar por ela, e não pelo Vaticano — acrescenta o cardeal.

Enquanto secretário-geral da CEI, Betori pôde medir o poder do catolicismo italiano: foi um dos principais artífices das manifestações contra as uniões civis, em 2007, e exortou os bispos a irem às ruas.

Duas estruturas foram essenciais, na época, para preparar essa mobilização antigay. A primeira era intelectual; a segunda tinha um cunho mais político. O presidente da CEI, Camillo Ruini, ligado, como já dito, a João Paulo II e ao cardeal Sodano, previu acertadamente o combate que iria se perfilar em relação às questões de moral sexual. Com um sentido político certeiro, Ruini imaginou o famoso Progetto Culturale della CEI (o seu projeto cultural). Esse laboratório ideológico definiu a linha da instituição sobre a família, a aids e, em breve, as uniões homoafetivas. Para prepará-la, realizaram reuniões confidenciais com o cardeal Ruini, o seu secretário-geral, Giuseppe Betori, o seu escriba, Dino Boffo e um responsável laico, um tal de Vittorio Sozzi.

— Éramos um grupo de bispos e padres, como leigos, homens de letras, cientistas, filósofos. Quisemos repensar, em conjunto, a presença do catolicismo na cultura italiana. A minha ideia era reconquistar as elites, recuperar a cultura — explica Camillo Ruini, que acrescenta:

— Formamos o grupo com os bispos [Giuseppe] Betori, Fisichella, Scola e também com o jornalista Boffo. (Tive conversas com Boffo no Facebook e com Sozzi pelo telefone, mas eles recusaram conceder entrevistas formais, ao contrário do monsenhor Betori, Fisichella e, claro, Ruini. Por fim, o círculo

próximo de Mauro Parmeggiani, o ex-secretário particular do cardeal Ruini e hoje bispo de Tivoli, foi decisivo para a narrativa sobre a CEI.)

— Foi aí, nesse curioso cenáculo, que foi pensada a estratégia anticasamento gay da CEI. A paternidade pertence a Ruini, influenciado por Boffo, numa lógica profundamente gramsciana: reconquistar as massas católicas pela cultura — revela uma fonte que assistiu a várias reuniões do tipo.

A matriz dessa verdadeira "guerra cultural" lembra a que foi posta em ação pela "nova direita" americana na década de 1980, a que se junta uma dimensão do gramscismo político. Segundo Ruini, a Igreja deve, para garantir a sua influência, recriar uma "hegemonia cultural" se apoiando na sociedade civil, nos seus intelectuais e nos seus intermediários culturais. Esse "gramscismo para tontos" pode ser resumido em uma frase: é pela batalha das ideias que se ganhará a batalha política. Mas que empréstimo maluco! O fato de a ala conservadora da Igreja se valer de um pensador marxista e caricaturá-lo desse jeito tinha, desde o início, algo duvidoso. (Em duas entrevistas, o arcebispo Rino Fisichella, figura central da CEI, me confirma a natureza neogramsciana do "projeto cultural", mas considera que não devemos superestimá-la.)

O cardeal Ruini, tendo a seu lado Betori, Boffo, Parmeggiani e Sozzi, imagina então, com cinismo e hipocrisia, que é possível devolver a fé aos italianos travando a batalha das ideias. A sinceridade é outra história.

— Diferentemente do que o seu nome poderia dar a entender, o Progetto Culturale della CEI não era um plano cultural, ideológico. Era uma ideia de Ruini e terminou com ele, sem qualquer resultado, quando ele foi embora — diz Pasquale Iacobone, um padre italiano que é hoje um dos responsáveis do Ministério da Cultura da santa sé.

Portanto, trata-se de uma iniciativa pouco cultural, e até muito pouco intelectual, se levarmos em conta o testemunho de Ménalque:

— Cultural? Intelectual? Tudo aquilo era sobretudo ideológico e uma questão de cargos. O presidente da CEI, primeiro Ruini, que exerceu três mandatos, e depois Bagnasco, que teve dois, decidia quais eram os padres que deviam se tornar bispos e quais bispos deviam se tornar cardeais. Transmitiam a sua lista ao secretário de Estado do Vaticano e a discutiam, então estava feito.

A segunda força que desempenhou um papel nessa mobilização antigay foi o movimento Comunhão & Libertação. Ao contrário da CEI ou do seu Progetto Culturale, que são estruturas elitistas e religiosas, o CL, como é chamado, é uma organização laica que conta com várias dezenas de milhares de membros. Esse movimento conservador, fundado na Itália em 1954, tem hoje em dia ramificações na Espanha, na América Latina e em inúmeros países. Durante as décadas de 1970 e 1980, o CL se aproxima da Democracia Cristã de Giulio Andreotti a ponto de, depois, se ligar ao Partido Socialista italiano por puro anticomunismo. Na década de 1990, após o esgotamento da Democracia Cristã e do PS, os dirigentes do movimento começam a pactuar com a direita de Silvio Berlusconi, uma decisão oportunista que vai custar caro ao Comunhão & Libertação e provocar o início do seu declínio. O CL se aproximará, paralelamente, dos sindicatos italianos e dos partidários mais conservadores da sociedade, se separando da sua base e dos seus ideais originais. O artífice desse endurecimento é Angelo Scola, futuro cardeal de Milão, que também se torna um dos organizadores do combate às uniões civis, em 2007.

Após a chegada ao poder da esquerda, o novo chefe do governo, Romano Prodi, anuncia a sua intenção de criar um estatuto legal para os casais do mesmo sexo, uma espécie de união civil. A fim de italianizá-la, e não retomar as denominações americana de *civil union* ou francesa de *pacte civil de*

solidarité, o projeto é rebatizado com um estranho nome: Dico (*de DIritti e doveri delle persone stabilmente COnviventi*).

Imediatamente após o anúncio do compromisso oficial de Romano Prodi e da aprovação do projeto de lei pelo governo italiano, em 2007, a CEI e o Comunhão & Libertação se mobilizam. O cardeal Ruini em primeiro lugar (apesar de ser amigo de Prodi), seguido pelo seu sucessor Bagnasco, põem a Igreja italiana em movimento. O cardeal Scola, aliado cínico de Berlusconi, faz o mesmo. Apesar de não ter a sua versatilidade, Berlusconi compartilha da homofobia dos cardeais italianos: não disse que "vale mais estar apaixonado por belas mulheres do que ser gay"? É um bom presságio. E um aliado para se ter por perto.

— Prodi era meu amigo, é verdade. Mas não quanto às uniões civis! Detivemos esse projeto! Derrubei o seu governo! Derrubei Prodi! As uniões civis: esse foi o meu campo de batalha — conta, com entusiasmo, o cardeal Camillo Ruini.

Portanto, uma grande quantidade de textos, de notas pastorais, de entrevistas de prelados vai se abater de imediato sobre o governo Prodi. São criadas associações católicas, por vezes artificialmente; grupos de partidários de Berlusconi se agitam. Na verdade, a Igreja não precisa de pressões: mobiliza-se sozinha, em consciência, mas também por razões internas.

— Os bispos e cardeais mais ativos contra o Dico eram os prelados homossexuais e que eram barulhentos ao mesmo tempo que esperavam provar, assim, que não eram suspeitos. É um grande clássico — comenta outro padre da CEI que entrevistei em Roma.

Essa explicação é evidentemente parcial. Uma afluência infeliz de circunstâncias explica a mobilização sem precedentes dos bispos e as suas derrapagens. De fato, no preciso momento das primeiras discussões sobre o projeto de lei Dico, está em curso o processo de nomeação do novo

presidente da CEI. Vê-se, por conta disso, uma competição acirrada entre diversos candidatos potenciais: Ruini, o cessante, bem como dois arcebispos, Carlo Caffarra, de Bolonha, e Angelo Bagnasco, de Gênova, que se enfrentam pelo cargo.

A isso se junta uma incongruência italiana suplementar. Ao contrário das outras conferências episcopais, o presidente da CEI é tradicionalmente nomeado pelo papa, a partir de uma lista de nomes propostos pelos bispos italianos. Ruini foi nomeado por João Paulo II, mas, em 2007, Bento XVI é o partidário de reis. Assim se explica, por um lado, a inverossímil escalada homofóbica, cujo preço será pago pelo projeto de lei de Prodi.

O cardeal Ruini escreve, nessa época, um texto tão violento contra os casais gays que o Vaticano lhe pede que modere o tom (segundo duas fontes do interior da CEI). Por sua vez, o enrustido Caffarra se enfurece nos meios de comunicação contra os gays, denunciando o seu lobby no Parlamento, uma vez que é "impossível considerar [um eleito] católico se aceitar o casamento homossexual" (Caffarra moderará de repente o tom quando for definitivamente afastado da presidência da CEI). Quanto a Bagnasco, mais intransigente do que nunca, acentua a pressão e assume a chefia da cruzada antiDico para agradar Bento XVI, que finalmente o nomeia em março de 2007, no meio dessa controvérsia, para a presidência da CEI.

Um quarto homem se agita no palco romano: também ele imagina que está na lista do papa Bento XVI e do seu secretário de Estado, Tarcisio Bertone, que acompanha esse dossiê com toda a atenção. Quer dar garantias? Incitaram-no a fazer campanha? Entra na corrida apenas por vaidade? Seja como for, Rino Fisichella, célebre bispo italiano, ligado a Angelo Sodano, é o reitor da Universidade Pontifícia de Latrão (em seguida, será nomeado presidente da Academia Pontifícia para a Vida por Bento XVI, antes de se tornar presidente do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização).

— Não se pode ser religioso e viver de forma pagã. Antes de mais nada, é preciso pôr o estilo de vida em primeiro plano. Se o estilo de vida dos religiosos não for coerente com a profissão de fé, temos um problema — diz, sem hesitar nem corar, Rino Fisichella quando o entrevisto, na presença de Daniele, no seu escritório. (Também foi gravado, com a sua anuência.)

Então, para adequar a sua fé ao seu estilo de vida, Fisichella faz a sua própria campanha. Um dos ideólogos da CEI, à frente da sua comissão para a "doutrina da fé", redobra em rigidez. Uma rigidez gigantesca que se mostra com todo o seu vigor durante as manifestações antigays, à frente das quais decide se colocar também.

— Durante quinze anos, fui capelão do Parlamento italiano. Logo, conhecia bem os eleitos — afirma Fisichella.

Essa guerrilha da Igreja italiana terá efeitos políticos importantes. O governo Prodi, tecnocrático e politicamente fraco, logo se divide quanto à questão, e a mais algumas, enfraquecendo-se rápido e caindo por fim menos de dois anos depois da sua formação. Berlusconi retornará pela terceira vez, em 2008.

A CEI ganhou a batalha. O Dico é enterrado. Mas será que a Igreja não foi longe demais? Algumas vozes começam a se perguntar, sobretudo após uma homilia, agora célebre, do arcebispo Angelo Bagnasco — que foi tornado cardeal pelo papa Bento XVI como recompensa pela sua mobilização. Nesse dia, Bagnasco vai a ponto de fazer uma relação entre o reconhecimento dos casais homossexuais e a legitimação do incesto e da pedofilia. A frase suscita indignação entre os leigos e nas fileiras políticas italianas, dando origem a ameaças de morte; apesar de a polícia de Gênova não ter levado essas ameaças a sério, ele exigirá, e obterá depois de alguma pressão, um guarda-costas viril e robusto.

A ala "esquerda" do episcopado foi encarnada durante muito tempo, nesse período, pelo cardeal Carlo Maria Martini, que vai quebrar o silêncio para afirmar o seu desacordo em relação à linha de Ruini, Scola, Fisichella e Bagnasco. Antigo arcebispo de Milão, Martini pode ser considerado uma das figuras mais *gay-friendly* da Igreja italiana (e uma das mais marginalizadas também, sob João Paulo II). Jesuíta liberal nascido em Turim, assinou diversas obras abertas sobre as questões da sociedade e deu uma entrevista que ficou famosa, com o antigo presidente da Câmara de Roma, em que se mostrava favorável aos homossexuais. Em outros textos, defendeu a ideia de um "Vaticano III", para reformar profundamente a Igreja quanto às questões de moral sexual, e se mostrou aberto ao debate sobre as uniões homossexuais, sem, no entanto, encorajá-las. Defendeu a utilização do preservativo em determinadas circunstâncias, em desacordo explícito com o discurso do papa Bento XVI, de quem foi um adversário frontal. Por fim, manteve uma crônica no jornal *Corriere della Sera*, no qual não hesitou em abrir o debate sobre o sacerdócio feminino ou a ordenação de homens casados, os famosos *viri probati*.

— A Igreja italiana tem uma dívida com Martini. As suas intuições, a sua forma de ser bispo, a profundidade das suas escolhas, a sua aptidão para dialogar com todos, a sua coragem pura e simplesmente eram o sinal de uma abordagem moderna do catolicismo — diz Matteo Zuppi, um arcebispo próximo do papa Francisco, em uma conversa no seu escritório em Bolonha.

À margem do Conselho das conferências episcopais europeias, o qual presidiu entre 1986 e 1993, Carlo Maria Martini pertenceu ao chamado grupo de St. Gallen, uma cidade suíça onde farão reuniões privadas, se não secretas, entre 1995 e 2006, vários cardeais ao redor dos alemães Walter Kasper e Karl Lehman, do italiano Achille Silvestrini, do belga Godfried Danneels ou do britânico Cormac Murphy-O'Connor, com a vontade

explícita de propor um sucessor progressista a João Paulo II: Carlo Maria Martini, precisamente.

— A iniciativa desse grupo cabe a Martini. A primeira reunião foi realizada na Alemanha, na minha diocese, e depois todos os encontros ocorreram em St. Gallen — conta o cardeal Walter Kasper, durante vários encontros. — Silvestrini ia sempre lá e era uma das principais figuras. Mas não era uma "máfia", como deu a entender o cardeal Danneels. Esse nunca foi o caso! Nunca falamos em nomes. Nunca agimos tendo em vista o conclave. Éramos um grupo de pastores e de amigos, não um grupo de conjurados.

Após a eleição de Joseph Ratzinger e a doença de Martini, o grupo perderá a razão de ser e se dissolverá pouco a pouco. Podemos pensar, no entanto, que os seus membros previram, se é que não prepararam, a eleição de Francisco. O bispo de St. Gallen, Ivo Fürer, que também era secretário-geral do Conselho das Conferências Episcopais da Europa, cuja sede é precisamente em St. Gallen, era a alma dele. (A história desse grupo informal transcende o âmbito deste livro, mas é interessante notar que a questão gay foi discutida regularmente nele. Pessoas próximas de Ivo Fürer, que entrevistei em St. Gallen, e do cardeal Danneels, com quem conversei em Bruxelas — uma vez que Fürer e Danneels hoje estão muito doentes —, confirmaram que se tratava "claramente de um grupo antiRatzinger, em que vários membros eram homossexuais".)

Opondo-se à linha conservadora de João Paulo II e à política repressiva de Bento XVI — que chegará a ponto de ignorar as suas exéquias —, Carlo Maria Martini encarnou duradouramente, até a sua morte em 2012, aos 85 anos, um rosto aberto e moderado da Igreja que iria encontrar alguns meses depois, com a eleição de Francisco, o seu melhor porta-voz. (Os votos dos apoiantes de Martini já haviam sido dados, em vão, a Bergoglio durante o conclave de 2005 para bloquear a eleição de Bento XVI.)

Enquanto a CEI se esforça por se opor à união civil e neutralizar o herético Martini, uma outra batalha absurda, cujo segredo ela detém, se desenrola no seu íntimo. A organização que se inclina resolutamente para a direita iria se revelar clandestinamente gay? É a impressão que passa o caso Boffo.

Militante da Ação Católica e da corrente Comunhão & Libertação, o leigo Dino Boffo foi, desde o início da década de 1980, um colaborador próximo de Camillo Ruini, futuro cardeal e presidente da CEI. Confidente, íntimo, escriba e mestre do pensamento de Ruini, torna-se jornalista no jornal da organização, *Avvenire*, antes de ser promovido a diretor-adjunto, no início da década de 1990, e depois a diretor, em 1994. Segundo várias fontes, após a eleição de Bagnasco para a chefia da CEI, Boffo se aproximará do novo cardeal. (Para essa pesquisa, conversei com Boffo no Facebook, e ele logo se mostrou tagarela, concluindo as suas mensagens com um inesquecível *ciaooooo*, mas se recusou a falar comigo em caráter oficial. Em compensação, um jornalista com quem trabalhei em Roma se encontrou com ele num parque e puderam ter uma conversa em que, de modo um tanto imprudente, Boffo confirmou muitas informações deste livro.)

Em virtude de diferenças políticas no interior da CEI e de revelações sobre casos de morais contra Silvio Berlusconi a respeito de garotas de programa, Dino Boffo começa a atacar, um pouco antes de 2009, o presidente do conselho. Agiu sozinho ou obedecendo a ordens? Ainda depende de Ruini ou passou a ser um homem do novo presidente da CEI, Bagnasco, que preside o conselho de administração do *Avvenire*? Pretendeu-se, através dele, comprometer também os cardeais Ruini e Bagnasco, de que é próximo? Sabemos também que Boffo visita diariamente Stanisław Dziwisz, o secretário particular do papa João Paulo II, de quem vai receber ordens e de quem é íntimo. Foi instigado a escrever esse artigo pelo seu protetor?

Seja como for, Boffo publica, talvez de maneira ingênua, uma série de artigos acusatórios sobre Berlusconi incriminando-o pelas suas inconsequências amorosas. Nem é preciso dizer que o ataque não passa despercebido, uma vez que parte do jornal oficial dos bispos italianos. É mesmo uma declaração de guerra a Berlusconi e aquilo que se chama de inversão de alianças no jargão da diplomacia.

A resposta do presidente do conselho não tardou. No fim do verão de 2009, o diário *Il Giornale*, que pertence à família Berlusconi, publica um artigo no qual Boffo é atacado violentamente, por ter dado lições de moral ao chefe de Estado italiano quando ele próprio foi "condenado por assédio" e seria homossexual (é publicada uma cópia do seu registro criminal).

O caso Boffo durará vários anos e vai resultar em diversos processos. Entretanto, Boffo será demitido do *Avvenire* pela CEI, por ordem do séquito do papa Bento XVI, sendo em seguida readmitido parcialmente pelo episcopado italiano, depois de ter sido provado que o registro criminal publicado era falso e não fora condenado por assédio. Dino Boffo foi indenizado por demissão sem justa causa e seria ainda hoje assalariado da CEI ou de um dos seus escritórios. Finalmente, várias pessoas foram condenadas nesse processo: o artigo de *Il Giornale* era realmente difamatório.

Segundo alguns bons conhecedores do caso Boffo, esse fato vertiginoso seria uma sucessão de ajustes de contas políticos entre facções homossexuais do Vaticano e da CEI quanto à questão Berlusconi, com um papel turvo a ser desempenhado pelo movimento Comunhão & Libertação, transformado na interface entre o partido do presidente do conselho e a Igreja italiana. O secretário particular do papa João Paulo II, Stanisław Dziwisz, e o cardeal Ruini estiveram no cerne dessa batalha, tal como os cardeais Angelo Sodano e Leonardo Sandri, ou ainda o secretário de Estado Tarcisio Bertone — mas não

exatamente no mesmo campo... de tal modo são profundos os casamentos desiguais.

— No Vaticano, queriam acabar com a influência de Ruini, ou pelo menos enfraquecê-la, e foi decidido que isso seria feito precisamente com base na questão gay — comenta o ex-padre da CEI, Ménalque. (Segundo as revelações do livro de Gianluigi Nuzzi, *Sua Santidade*, Boffo, em cartas secretas dirigidas a Georg Gänswein, e hoje públicas, acusou particularmente Bertone de ter sido o responsável pelo caso. Mas, ao não abordar claramente a questão homossexual, o livro continua a ser difuso para aqueles que não conhecem essas redes.)

Afinal de contas, Boffo teria sido visto no cerne de um emaranhado de alianças maquiavélicas contrárias e de delações em série. Pelo que se diz, a sua pretensa homossexualidade teria sido transmitida à imprensa berlusconiana pelo Vaticano, talvez pelas equipes do secretário de Estado Tarcisio Bertone, pela gendarmaria vaticana ou então pelo diretor do *L'Osservatore Romano*, Giovanni Maria Vian, informações que foram, é claro, firmemente desmentidas por meio de um comunicado da santa sé, em fevereiro de 2010, à qual se juntou a CEI. (Durante nossas cinco entrevistas — obtive a sua anuência para gravar as conversas —, Giovanni Maria Vian, ligado a Bertone e inimigo tanto de Ruini como de Boffo, negou categoricamente ter sido "o corvo" do caso, mas me deu pistas muito interessantes. Quanto ao cardeal Camillo Ruini, também entrevistado duas vezes, tomou a defesa de Boffo e Dziwisz.)

— O caso Boffo é um ajuste de contas entre gays, entre várias fações gays da CEI e do Vaticano — afirma um dos maiores conhecedores do catolicismo romano, que foi conselheiro do presidente do conselho italiano, no palácio Chigi.

Aparece assim outra regra de *No armário do Vaticano* — a décima segunda: *Os rumores transmitidos sobre a homossexualidade de um cardeal ou de um prelado não raro são obra de homossexuais que se encontram no armário e, dessa forma, atacam os seus adversários liberais. São armas essenciais utilizadas no Vaticano pelos gays, contra os gays.*

Dez anos depois do fracasso da primeira proposta de lei, o segundo ato da batalha sobre as uniões civis é levado à cena no Parlamento no fim de 2015. Alguns preveem o mesmo circo que em 2007 — mas, na verdade, os tempos mudaram.

O novo presidente do conselho, Matteo Renzi, que se opusera à proposta de lei dez anos antes, chegando a ir às ruas contra o projeto, também mudou de opinião. Prometeu inclusive uma lei sobre a união civil no seu discurso de posse, em 2014. Por convicção? Por estratégia? Por oportunismo? Provavelmente por todas essas razões ao mesmo tempo e, em primeiro lugar, para satisfazer a ala esquerda do Partido Democrata e da sua maioria, uma soma híbrida e "guarda-chuva" que reúne antigos comunistas, a esquerda clássica e moderados saídos da antiga Democracia Cristã. Um dos ministros de centro-direita de Matteo Renzi, Maurizio Lupi, é ligado à corrente católica conservadora Comunhão & Libertação. (Para contar essa nova batalha, lanço mão das conversas que mantive com vários deputados e senadores e com cinco dos principais conselheiros de Matteo Renzi: Filippo Sensi, Benedetto Zacchiroli, Francesco Nicodemo, Roberta Maggio e Alessio De Giorgi.)

A questão das uniões civis é levada a sério por Matteo Renzi e merecia sê-lo. É o tema do momento que vem perturbar a bela mecânica do seu governo. A sua maioria pode até se desagregar devido a essa proposta de lei, que o presidente do conselho não iniciou, mas que estaria disposto a defender se o Parlamento chegar a um acordo quanto a um texto.

A Itália ainda é, em 2014, um dos raros países ocidentais sem uma lei de proteção para as *coppie di fatto*, os casais não casados, heterossexuais ou não. O país está atrasado em relação aos países da Europa Ocidental, é ridicularizado por todos e condenado regularmente pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Na própria Itália, o Tribunal Constitucional pediu ao Parlamento que formulasse uma lei. Matteo Renzi incluiu a questão na sua "agenda dos mil dias", prometendo um texto para setembro de 2014. Isso antes de esquecer a sua promessa.

No entanto, a pressão aumenta. O presidente da câmara de Roma, Ignazio Marino, reconhece em breve dezesseis casamentos homossexuais que foram realizados no exterior e que manda transcrever no registro civil italiano, suscitando um vivo debate. Os presidentes das câmaras de Milão, Turim, Bolonha, Florença, Nápoles e outras quinze cidades fazem o mesmo. Esperando abafar o movimento, Angelino Alfano, o ministro do Interior de Renzi (pertencente ao Novo Centro-Direita), decreta que esses "registros" são ilegais e carecem de efeitos jurídicos: os presidentes das câmaras se limitaram aos casais gays, ironiza, um simples "autógrafo".

Em Bolonha, para onde me dirijo no fim de 2014, o ambiente é elétrico. O presidente da câmara de Bolonha, Virginio Merola, acaba de replicar ao ministro do Interior: "Eu não obedeço". E, num tuíte, anuncia inclusive aos quatro ventos: "Bolonha na *pole position* para apoiar os direitos civis!". A comunidade gay, particularmente bem organizada, cerra fileiras atrás do presidente da sua câmara.

Em Palermo, no mesmo período, Mirko Antonino Pace, o presidente da associação Arcigay, me descreve uma mobilização sem precedentes na Sicília, uma região tradicionalmente considerada conservadora no plano dos costumes.

— Durante as primárias — diz —, Matteo Renzi era o mais tímido dos candidatos quanto aos direitos LGBTs. Opôs um "não" firme ao casamento. Mas, ao contrário dos presidentes anteriores do conselho, agora parece querer fazer alguma coisa.

Durante encontros com militantes gays italianos, na primavera de 2015, quando dessa vez em Nápoles, Florença e Roma, tenho a impressão de que o movimento LGBT é uma verdadeira caldeira à beira da explosão. Em toda parte os militantes se reúnem, se manifestam e se mobilizam.

— A Itália está mudando aos poucos. Alguma coisa aconteceu após o referendo na Irlanda. A Itália não evolui sozinha: é obrigada, incitada, a mudar. Como se pode justificar a ausência de uma lei a favor dos casais homossexuais na Itália? Todo mundo percebe que não dá mais para explicar uma coisa dessa! É preciso acreditar na mudança, se quisermos que ela ocorra! — revela Gianluca Grimaldi, um jornalista com quem me encontrei em Nápoles, em março de 2015.

O que ainda preocupa o presidente do conselho é o calendário e confia à sua equipe: "Corremos o risco de perder o voto católico". Então, tergiversa e procura ganhar tempo. Com efeito, o papa convocou um segundo sínodo sobre a família, no Vaticano, para outubro de 2015: impossível lançar o debate sobre a união civil antes dessa data. Então os parlamentares que estão perdendo a paciência, começando por Monica Cirinnà, são avisados de que precisam esperar mais um pouco.

Quando entrevisto Monica Cirinnà, senadora que foi a principal autora do texto a favor da união civil, ela me resume sutilmente as tensões internas suscitadas pela proposta de lei:

— Eu sabia que seria uma lei difícil e que dividiria o país. Uma lei que causaria um problema no cerne do Partido Democrático, que dividiria profundamente os conservadores e os progressistas na Itália. Mas o debate

nunca foi entre leigos e católicos, o que seria um erro de análise. O conflito dividiu tanto a direita como a esquerda: nos dois campos, havia conservadores e progressistas.

A Igreja, que não deu a sua última palavra, continua a influenciar os eleitos, incluindo no cerne da esquerda. Ainda à frente da Conferência Episcopal Italiana, o cardeal Bagnasco promete, aliás, levar os bispos e os eleitos às ruas e derrubar, uma vez mais, o governo.

— Sabíamos que os bispos italianos mobilizados pelo cardeal Bagnasco, bem conhecido pelas suas ideias ultraconservadoras, se preparavam para usar todos os seus contatos, dentro e fora do Parlamento, para obstruir a lei — confirma Monica Cirinnà.

Matteo Renzi, um antigo escoteiro católico, está bem informado da situação no íntimo da Igreja e das motivações pessoais que animam certos prelados. No Palazzo Chigi, sede da presidência do conselho italiano, o chefe de gabinete, Benedetto Zacchiroli, antigo seminarista e diácono, é abertamente homossexual: está encarregado oficiosamente das relações com a CEI e acompanha de perto o dossiê. Aliás, a direita conservadora atacará várias vezes Matteo Renzi porque a pessoa que ele incumbiu das relações com os católicos é gay!

Os eleitos de esquerda pagam na mesma moeda em Bolonha e Nápoles, por exemplo. Segundo dois testemunhos de primeira mão, de pessoas que participaram da "negociação", o cardeal Carlo Caffarra, arcebispo de Bolonha, teria sido "abordado" em virtude da sua homofobia lendária: teria sido comunicado a ele, durante um encontro tenso, que circulam rumores sobre a sua vida dupla e o seu círculo próximo gay e que, se ele se mobilizar contra as uniões civis, é provável que, dessa vez, os ativistas gays difundam as suas informações... O cardeal ouve, espantado. Nas semanas seguintes, o recalcado dará a impressão de baixar a guarda pela primeira vez e atenuará os seus

ardores homofóbicos. (Uma vez que Carlo Caffarra já morreu, entrevistei a esse respeito alguns eleitos locais, um alto responsável da polícia, o gabinete do presidente do Conselho, bem como o seu sucessor em Bolonha, o arcebispo Matteo Zuppi.)

Um pacto de outra natureza teria sido firmado em Nápoles com o cardeal Crescenzio Sepe. Esse antigo prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos é conhecido pelas suas gentis maledicências, as suas alegrias de coração e o seu amor pela renda. Homem de João Paulo II, distinguiu-se por ataques violentos contra a Gay Pride de Nápoles, cidade em que foi nomeado arcebispo em 2006. No momento do debate sobre as uniões civis, alguns militantes homossexuais entram em contato com ele, discretamente, pedindo-lhe que modere o seu discurso. Uma vez que os rumores sobre a sua gestão financeira, ligados a casos mundanos (que surgiram nos meios de comunicação e em livros), tinham manchado a sua reputação e tido como custo talvez o seu lugar em Roma, Crescenzio Sepe se mostra, dessa vez, menos intransigente. Aquele que era totalmente antigay em 2007 se torna quase *gay-friendly* em 2016. Temendo talvez o escândalo, o cardeal chega a ponto de oferecer aos ativistas gays convites que lhes permitem assistir a um encontro com o papa! (O monsenhor Sepe não quis me receber, apesar de vários pedidos; entretanto, dois militantes gays, um jornalista napolitano e um diplomata alocado em Nápoles me confirmaram essas informações.)

Nesse ponto do debate, Matteo Renzi não tem nem a intenção de abandonar o seu projeto de lei para satisfazer os bispos que gostam, como disse, de rendinhas um pouco além da conta, nem vontade de se opor à Igreja. Então decide, no fim de 2015, fazer um pacto com a ala moderada da CEI, que conta agora, como no conflito entre Israel e Palestina, com os seus "falcões" e as suas "pombas". Outro dia, sob João Paulo II e Bento XVI, a CEI era um

monólito brejneviano; agora, sob Francisco, papa gorbatchoviano, é um local de debates e de clãs. Um acordo é possível.

O diálogo se desenrola em alto nível com o monsenhor Nunzio Galantino, o novo secretário da CEI, um homem amistoso e ligado a Francisco. Segundo as minhas informações, nunca se tratou de chantagem, apesar da possibilidade de que o bispo tenha entrado em pânico com a ideia de um rosário de cardeais sendo postos fora do armário pela imprensa italiana. Os parlamentares mobilizados e apoiados pelo palácio Chigi apresentam às "pombas" da CEI, numa dialética clássica no cerne da esquerda, uma alternativa simples. É a linguagem habitual dos moderados, que agitam a ameaça e o espectro da extrema esquerda, para fazer aprovar as suas reformas. O negócio é claro: serão as uniões civis com o governo no poder, sem o direito de adoção; ou em breve o casamento gay e a adoção, com a esquerda dura, os ativistas gays e o Supremo Tribunal. Basta escolher.

A esses encontros entre os responsáveis da maioria política e da CEI juntam-se — é possível revelar aqui — encontros secretos entre Matteo Renzi e o próprio papa Francisco, em que a questão das uniões civis teria sido abordada em detalhes e de maneira franca. Por tradição, os presidentes do conselho italiano sempre dialogaram com "o outro lado do Tibre", segundo uma expressão famosa que significa, informalmente, pedir a opinião do Vaticano. Mas, dessa vez, Matteo Renzi se encontra pessoalmente com o papa para resolver o problema de uma vez. Realizaram-se várias reuniões ultraconfidenciais, sempre de noite, entre Francisco e o presidente do Conselho, a sós, sem a presença dos conselheiros dos dois homens (esses encontros secretos, que ocorreram pelo menos duas vezes, foram confirmados para mim por um dos principais conselheiros de Matteo Renzi).

É impossível saber o teor exato dessas conversas confidenciais. No entanto, três coisas são certas: o papa se mostrou favorável à união civil, desde o início

da década de 2000, na Argentina, e depois acabou se opondo ao casamento: um eventual acordo com Matteo Renzi na mesma linha parece coerente, portanto. Depois, Francisco não se expressou contra as uniões civis em 2015 e 2016 e não se imiscuiu no debate político italiano: ficou em silêncio; e sabemos que o silêncio dos jesuítas também é uma tomada de posição! Sobretudo: a CEI não se mobiliza verdadeiramente contra as uniões civis em 2016, ao contrário do ocorrido em 2007. Segundo as minhas informações, o papa teria pedido ao monsenhor Nunzio Galantino, que colocou na direção da CEI, que mantivesse a discrição.

Na verdade, no palácio Chigi, compreenderam que a Igreja podia ser "nominalista", segundo um termo divertido que faz eco dos mistérios entre os papas de Avignon, os frades franciscanos e os seus noviços em *O nome da rosa*, de Umberto Eco!

— A CEI se tornou nominalista. Quero dizer que estava disposta a nos deixar livres, sem de fato falar com todas as palavras, contanto que não tocássemos na palavra "casamento" nem nos sacramentos — afirma outro conselheiro de Renzi.

No palácio Chigi, seguem com atenção a batalha interna na CEI, que se sucede a este acordo secreto, e se divertem com o confronto duro entre facções héteros, criptogays, "não héteros" e enrustidos! A ordem do papa, que parece ter sido deixar que fizessem as uniões civis, transmitida de imediato por Nunzio Galantino, suscita uma viva reação da ala conservadora da CEI. Galantino foi nomeado secretário-geral por Francisco, após a sua eleição, mas não detém todos os poderes. O cardeal Angelo Bagnasco continua a ser presidente em 2014-6, apesar de os seus dias estarem contados (o papa o afastará em 2017).

— Nós nos mobilizamos contra a proposta de lei em 2016 exatamente da mesma forma que em 2007 — insiste e repete Bagnasco, em uma entrevista

que realizei com ele.

Partidário de um catolicismo combativo, o cardeal Bagnasco mobilizou todos os seus contatos, tanto na imprensa como no Parlamento, e, claro, entre os bispos italianos. Assim, o jornal *Avvenire* parte para a guerra sobre o tema, multiplica as suas tomadas de posição contra as uniões civis. De modo semelhante, é enviada uma longa participação, em julho de 2015, a todos os membros do Parlamento para "chamá-los à razão". Bagnasco se agita em todas as frentes, como nos grandes momentos de 2007.

No entanto, o espírito do tempo já não é o mesmo. O Family Day de fevereiro de 2007, em que mais de quinhentas associações incentivadas pela CEI haviam se mobilizado contra a primeira proposta de lei sobre as uniões civis, não encontra o mesmo êxito em junho de 2015.

— Dessa vez, foi um fracasso retumbante — diz Monica Cirinnà.

O movimento é sufocado. De fato, foi a linha de Francisco que prevaleceu: o argumento das uniões civis como muralha contra o casamento foi decisivo. Sem esquecer que, como o papa nomeia os cardeais e os bispos, fazer oposição a ele equivalia a comprometer o futuro. A homofobia era uma condição de consagração sob João Paulo II e Bento XVI; sob Francisco, os "rígidos" que têm uma vida dupla já não estão na crista da onda.

— Bagnasco já estava em declínio. Encontrava-se muito enfraquecido e já não era apoiado nem pelo papa, nem pela Cúria. Ele próprio compreendeu que caso se agitasse e fizesse barulho demais contra a proposta de lei, precipitaria a sua queda — revela um conselheiro de Matteo Renzi.

— As paróquias não se mobilizaram — reconhece, com pena, um cardeal conservador.

A opção final escolhida pela CEI pode se resumir numa palavra: "contemporizar". A organização confirma a sua oposição ao projeto de lei, mas, ao contrário do que ocorreu em 2007, modera as suas tropas. Os falcões

de 2007 tornaram-se as pombas de 2016. Mas não cede quanto à adoção. Lança-se mesmo numa atividade secreta de lobby para que o direito oferecido aos casais homossexuais seja retirado do projeto de lei (uma linha que talvez seja a do papa também).

A CEI vai encontrar um aliado inesperado nessa enésima batalha: o Movimento Cinco Estrelas, de Beppe Grillo. Segundo a imprensa italiana e as minhas fontes, o Partido Populista, que conta com vários homossexuais no armário entre os seus dirigentes, teria negociado um pacto maquiavélico com o Vaticano e a CEI: a abstenção dos seus eleitos em relação à adoção contra o apoio da Igreja à sua candidata às eleições municipais de Roma (Virginia Raggi torna-se, efetivamente, presidente da câmara em junho de 2016). Teria havido vários encontros nesse sentido, sobretudo um no Vaticano, com três responsáveis do Movimento Cinco Estrelas, na presença do monsenhor Becciu, ministro do Interior do papa, e, talvez, do monsenhor Fisichella, um bispo que durante muito tempo foi bastante influente na CEI. (Esses encontros foram tornados públicos numa investigação de *La Stampa* e me foram confirmados também por uma fonte interna da CEI; poderiam indiciar certa ambivalência do papa Francisco. Ao ser perguntado a respeito, o monsenhor Fisichella desmente ter participado de qualquer reunião desse tipo.)

A falta de ação de Matteo Renzi e o pacto secreto do Movimento Cinco Estrelas se traduzem num novo compromisso: o direito à adoção é retirado da proposta de lei. Graças a essa concessão importante, o debate se acalma. As 5 mil alterações da oposição ficam reduzidas a algumas centenas e a chamada lei "Cirinnà", devido ao nome da sua artífice, é aprovada dessa vez.

— Essa lei mudou verdadeiramente a sociedade italiana. As primeiras uniões foram comemoradas com festas, organizadas por vezes pelos próprios presidentes das câmaras das grandes cidades, que convidavam as populações a

vir felicitar os casais. Nos primeiros oito meses após a adoção da lei, foram celebradas mais de 3 mil uniões civis na Itália — diz Monica Cirinnà, a senadora do Partido Democrata, tornada, pela sua luta, um dos ícones dos gays italianos.

O papa Francisco fez, portanto, uma grande limpeza na CEI. Num primeiro momento, pediu ao cardeal Bagnasco, com certa perversidade jesuíta, que fizesse pessoalmente o trabalho de limpeza das derivas financeiras e dos abusos de poder da Confederação Episcopal Italiana. O santo padre já não quer uma Igreja "autorreferencial" (um dos seus códigos secretos para falar de "praticantes"), feita de potentados locais, de clericalismo e de corporativismo carreirista. Onde quer que faça sondagens, nas grandes cidades italianas, descobre amiúde homossexuais e enrustidos à frente dos principais arcebispados! Agora, há mais "praticantes" na CEI do que na câmara municipal de San Francisco!

O papa pede sobretudo a Bagnasco que tome medidas radicais em matéria de abusos sexuais, levando-se em consideração que a CEI sempre se recusou, por princípio, a denunciar à polícia e à justiça os padres suspeitos. Com efeito, quanto a esse ponto, o papa Francisco está aquém da realidade: sabemos, desde a revelação de um documento interno de 2014, que a CEI dos cardeais Ruini e Bagnasco organizou um verdadeiro sistema de proteção, isentando os bispos da obrigação de transmitirem as suas informações à justiça e recusando inclusive ouvir as vítimas. No entanto, os casos de abusos sexuais se tornaram numerosos durante as décadas de 1990 e 2000, sempre minorados pela CEI. (O caso do bispo Alessandro Maggiolini, antigo bispo de Como, é sintomático: o prelado, simultaneamente ultra-homofóbico e enrustido, foi apoiado pela CEI quando era suspeito de ter acobertado um padre pedófilo.)

Depois de ter pedido a Bagnasco que fizesse o trabalho sujo e ter lhe imposto um adjunto que ele não queria (o bispo Nunzio Galantino), o papa por fim despede o cardeal.

— É uma técnica jesuíta clássica. Francisco nomeia um adjunto, Galantino, que começa a decidir tudo em vez do chefe, Bagnasco. E depois, um dia, substitui o chefe devido ao fato de não decidir nada ter se tornado inútil — explica uma vaticanista francesa, que conhece perfeitamente o Vaticano.

E acrescenta:

— O papa aplicou a mesma técnica maquiavélica com o cardeal Sarah, com o cardeal Müller, com Burke, com Pell!

As relações ficam um pouco mais tensas quando Bagnasco, talvez se dando conta da armadilha em que caiu, esgrime contra o papa que acaba de propor a venda das igrejas italianas para ajudar os pobres: "É uma brincadeira", comenta Bagnasco.

Francisco o castiga pela primeira vez excluindo-o da sessão plenária da importante Congregação para os Bispos, que desempenha um papel central na nomeação de todos os prelados; nomeia, para substituí-lo, o número dois da CEI. Como o cardeal continua adiando as reformas, minorando o problema dos abusos sexuais e aviltando-o em particular, Francisco espera a sua hora e, no fim do seu mandato, impõe o substituto de Bagnasco, sem lhe deixar sequer a esperança de poder se candidatar à sua própria sucessão. Assim, em 2014, Gualtiero Bassetti, um bispo bergogliano bastante favorável às uniões civis homossexuais, é criado cardeal por Francisco (um dos raros italianos elevados à púrpura nesse pontificado) antes de ser nomeado, em 2017, presidente da CEI.

Outras cabeças rolam em seguida. O bispo da Cúria Rino Fisichella, influente intrigante da CEI, que esperava ser criado cardeal, é afastado da lista de candidatos potenciais. Angelo Scola, poderoso cardeal arcebispo de Milão

e figura tutelar da corrente conservadora Comunhão & Libertação, é por sua vez enviado para a aposentadoria por Francisco, que obriga esse prelado da ala ratzingeriana a pagar pelas suas negociatas políticas, a sua aliança cínica com Berlusconi e o seu silêncio sobre os abusos sexuais dos padres.

Em paralelo, Francisco decapita o Progetto Culturale della CEI, estrutura tão homossexual quanto homofóbica, afastando especificamente Vittorio Sozzi e marginalizando Dino Boffo.

A linha de Francisco é clara. Quer normalizar e reitalianizar a CEI, como se dissesse aos seus bispos: "No fim das contas, vocês só representam a Itália".

Durante muito tempo, no Vaticano e no que tange às demissões, praticou-se o doce eufemismo *promoveatur ut amoveatur*: promovido para ser removido. Nomeava-se um prelado para uma nova missão, para afastá-lo daquela da qual queriam descartá-lo. Agora, Francisco nem sequer se dá o trabalho de um meio-termo: demite sem aviso prévio e sem local de destino.

— Francisco é verdadeiramente de uma perversidade sonsa. Nomeou para uma cidade italiana um bispo conhecido por ter lutado contra a prostituição, substituindo um prelado que era conhecido por se relacionar com garotos de programa! — diz um arcebispo.

Um padre da Cúria, que se encontra entre os mais bem informados, apresenta esta análise compartilhada por diversos prelados ou colaboradores próximos do papa:

— Acho que Francisco, mesmo sabendo o que o aguardava, porque não é uma pessoa ingênua, ficou estupefato com a homossexualização do episcopado italiano. Por conseguinte, se inicialmente teria julgado que poderia "limpar" o Vaticano e a CEI dos seus cardeais, bispos e prelados homossexuais, é realmente obrigado, hoje a conviver com essa realidade. Dada a falta de candidatos heterossexuais, foi compelido a ficar rodeado de cardeais cuja homossexualidade conhecia bem. Já não tem a ilusão de poder mudar o estado

de coisas e pretende apenas "conter" o fenômeno. Aquilo que tenta fazer é uma política de contenção.

Um progresso, apesar de tudo.

19. Os seminaristas

Há vários meses que Daniele investiga os seminaristas e universitários de Roma. Com ele, conseguimos identificar, ao longo dos anos, "informantes" suscetíveis de nos ajudar em relação a cada um dos "grandes" seminários ou "colégios" romanos. Agora, temos contatos numa dezena desses estabelecimentos pontificais: no cerne da Universidade Dominicana São Tomás de Aquino (chamada Angelicum), na Universidade Urbaniana, na Universidade de Latrão, no PNAC (o Colégio Americano), na Gregoriana (jesuíta), no Colégio Etíope, tanto no seminário francês como no Germanicum alemão, na Universidade dos Beneditinos Sant'Anselmo, na Universidade de Santa Cruz (Opus Dei), no Colégio Sacerdotal João Paulo II e até no Ateneu Pontifício Regina Apostolorum, dos Legionários de Cristo.

Graças a esses "intermediários", pudemos abordar mais de cinquenta seminaristas gays em Roma e, por extensão, dezenas de outros em diversos países, principalmente na França, Espanha, Suíça e na América Latina. Assim, pude investigar a própria fonte do "problema" homossexual no cerne da Igreja: a alma mater dos padres.

Fui apresentado aos "meus" dois primeiros seminaristas por Mauro Angelozzi, um dos responsáveis da associação LGBT Mario Mieli, em Roma. Nós nos encontramos confidencialmente, na sede desse centro cultural. Em seguida, revi esses seminaristas e, graças a eles, pude ampliar ainda mais a minha primeira rede. Certa noite, Mauro, que organiza, todas as sextas-feiras à noite, em Roma, a célebre festa gay Muccassassina (a "Vaca Louca" ou "Assassina"), me apresentou a um dos seus colegas, que também trabalhava na

Muccassassina. E foi então que Mauro acrescentou, para terminar as apresentações: "Ele também é seminarista!".

– Mudei bastante, não foi?

O rapaz que fala assim comigo é o garçom de um dos meus restaurantes preferidos em Roma, a Trattoria Monti, perto da igreja Santa Maria Maggiore.

— Já não sou tão jovem! — acrescenta ele, que posou no famoso calendário dos belos seminaristas.

De fato, havia vários meses que andava intrigado com esse calendário à venda nas ruas de Roma e até nas portas do Vaticano. Preço: dez euros. Todos os anos, uma dúzia de seminaristas e jovens padres são fotografados para ele. As imagens em preto e branco de belos rapazes usando colarinho eclesiástico são naturalmente provocadoras, e muitos desses religiosos são tão sexy que poderiam participar do elenco de *Glee*. Alguns cardeais, reza a lenda, compram o calendário todos os anos; mas nunca o vi exposto em nenhum escritório do Vaticano que visitei.

É então que descubro o pulo do gato. O garçom que está à minha frente posou realmente para o célebre *Calendario Romano*. É gay, sem a menor dúvida. Mas nunca foi seminarista!

Um sonho se desmorona. Robert Mickens, um vaticanista que já investigou esse calendário misterioso, e com quem janto na Trattoria Monti, me confirma a brincadeira de mau gosto. Na verdade, o calendário é fictício. Por mais bonitos que sejam, os rapazes que posam para as lentes do fotógrafo veneziano Piero Pazzi não são nem seminaristas nem jovens padres, mas sim modelos selecionados por uma empresa *gay-friendly* que teve a ideia desse pequeno negócio. E a coisa funciona! Todos os anos, de 2003 para cá, é publicada uma nova edição, frequentemente com os mesmos clichês. Serão

vendidos 100 mil exemplares (segundo o editor, um número impossível de verificar).

Um dos modelos é gerente de um bar gay; outro é o garçom com quem estou conversando, que diz:

— Não, não sou seminarista. Nunca fui. Posei há muito tempo. Recebi um bom dinheiro.

Ele, pelo menos, nunca sonhou em ser padre. E a Igreja, ele afirma, soltando uma gargalhada, "é muito homofóbica para mim".

Pista falsa. Para investigar sobre os seminaristas gays de Roma, era necessário seguir em outra direção.

Em 2005, o papa Bento XVI aprovou uma importante instrução, publicada pela Congregação para a Educação Católica, exigindo que se deixassem de ordenar padres os candidatos que tivessem "tendências homossexuais profundas". Esse texto é confirmado em 2016 pela Congregação para o Clero: ser ordenado padre pressupõe ordenar primeiro sua vida sentimental!

A Igreja recorda assim a obrigação da abstinência sexual e estipula que o acesso ao sacerdócio é proibido a todos "aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente enraizadas ou apoiam a chamada 'cultura gay'". Prudente, o documento acrescenta uma "exceção" para aqueles que tenham "tendências homossexuais que são a expressão de um problema *transitório*, como, por exemplo, o de um adolescente inacabado". Por fim, o documento afirma que seria "gravemente imprudente" admitir no seminário alguém "que não tenha atingido uma afetividade madura, serena e livre, casta e fiel no celibato".

Esse texto de 2005, inspirado e aprovado por Bento XVI, é redigido pelo cardeal polonês Zenon Grocholewski, prefeito da Congregação para a Educação Católica, que insiste ainda, como se estivesse inquieto em relação a

si mesmo, numa nota dirigida aos bispos de todo o mundo (do qual obtive um exemplar), que a regra se limita aos futuros padres: "A instrução não questiona a validade da ordenação nem a situação dos padres que já foram ordenados e que têm tendências homossexuais".

Grocholewski conhece bem o tema — e não só por ter o nome do herói bissexual de *A obra ao negro*, de Marguerite Yourcenar. Seus colaboradores o preveniram de que pôr em xeque a ordenação dos padres homossexuais constituiria uma sangria de tal amplitude que a Igreja não se recuperaria de maneira plausível: não haveria mais cardeais em Roma, nem alta sociedade na Cúria, e talvez nem mesmo um papa! O antigo deputado italiano e ativista gay, Franco Grillini, repetia com frequência: "Se todos os gays da Igreja católica tivessem que ir embora ao mesmo tempo — algo de que gostaríamos muito —, poderia provocar graves problemas operacionais".

No Vaticano, esse cardeal polonês se interessou muito pela vida sexual dos padres e dos bispos, por atavismo pessoal e por obsessão profissional. Segundo duas fontes, sendo uma delas um padre que trabalhou com ele, Grocholewski teria constituído um dossiê sobre as orientações de diversos cardeais e bispos. Um deles, um bispo do famoso círculo de corrupção que envolvia João Paulo II — em que o desvio de dinheiro e a prostituição se alimentavam mutuamente às mil maravilhas — continua à espera do chapéu vermelho!

Além das ordens precisas do cardeal Ratzinger, e da sua própria inclinação, Grocholewski é levado, portanto, diante do desgaste da situação, a formular instruções que deveriam exorcizar o mal. A homossexualidade ficou completamente "fora de controle" nos seminários. Em todo o mundo, escândalos e abusos se sucedem. Mas tais casos não são nada se comparados a outra realidade, ainda mais importante: as fichas que chegam das nunciaturas e dos arcebispados atestam uma verdadeira banalização do fato homossexual.

Alguns seminaristas vivem praticamente como casais, há ações pró-LGBT em estabelecimentos católicos, e sair à noite para ir a bares gays da cidade se tornou uma prática, se não corrente, pelo menos possível.

Em 2005, quando escreveu sua circular, Grocholewski recebeu, por exemplo, um pedido de ajuda proveniente dos Estados Unidos referente à homossexualização dos seminários. Alguns estariam "quase especializados no recrutamento de homossexuais com fenômenos de cooptação". Nessa mesma época, ocorre um fenômeno idêntico na Áustria, onde o seminário de Sankt-Pölten se torna um modelo desse tipo: imagens vazadas pela imprensa mostram o diretor do estabelecimento católico, bem como o diretor-adjunto, beijando os padres-alunos (o seminário foi fechado em seguida).

— Foi um escândalo enorme no interior do Vaticano — confirma o antigo padre Francesco Lepore. — As imagens eram chocantes. Mas foi um caso extremo, que não é de forma alguma habitual. O fato de o diretor do seminário ter se envolvido pessoalmente nesse escândalo é, até onde sei, um exemplo único. Em compensação, os seminários contarem com uma grande maioria de jovens gays se tornou banal: vivem a sua homossexualidade com bastante normalidade e frequentam discretamente os clubes gays sem muitos problemas.

Diante desses casos, o episcopado americano desencadeia uma vistoria a 56 seminários. Essa inspeção é confiada ao arcebispo das Forças Armadas, o americano Edwin O'Brien, uma decisão que suscita gargalhadas nos círculos bem informados, uma vez que o futuro cardeal, hoje exilado em Roma, não seria a melhor escolha para conduzir a investigação que, é claro, não descobre nada. (O'Brien foi criticado pela associação americana SNAP por ter subestimado os abusos sexuais de padres e será apontado como parte da "corrente pró-homossexual" pelo monsenhor Viganò, na sua *Testimonianza*).

Outro caso sintomático que Grocholewski conhece bem é o dos seminários do seu país natal: o arcebispo de Poznan, um tal Julius Patez, foi acusado de assédio sexual a seminaristas e precisou renunciar ao cargo. Existem também inúmeros casos de "comportamentos inadequados" que estiveram no centro das atenções, nos seminários jesuítas na Alemanha, dominicanos na França, beneditinos na Itália e na Inglaterra... Quanto ao Brasil, centenas de seminaristas, padres e até bispos foram filmados por um modelo usando sua webcam, chegando a ponto de se masturbarem diante da câmera (o que virá a ser o famoso documentário *Amores santos*, de Dener Giovanini).

Todos esses casos, e muitos outros de menor visibilidade, diante dos quais a Igreja se mostrou totalmente desamparada, levaram o Vaticano a tomar algumas medidas. Segundo confessam os próprios cardeais que entrevistei, nunca ninguém acreditou na sua eficácia por, pelo menos, três razões. A primeira é que priva a Igreja de vocações, no momento em que teme uma tremenda falta delas, levando-se em conta que a homossexualidade lhe forneceu, há décadas, uma base segura de recrutamento. Podemos até pensar que, por um lado, a crise das vocações na Europa está ligada a esse fenômeno: a libertação gay já não incita, de modo algum, os homossexuais a se tornarem padres, sobretudo quando se sentem cada vez mais repudiados por uma Igreja que se tornou caricatamente homofóbica.

A segunda razão é que impõe aos seminaristas homossexuais remanescentes na instituição a obrigação de se esconderem ainda mais: vão levar uma vida dupla ainda mais enrustida do que antes. Os efeitos psicológicos dessa repressão e dessa homofobia internalizada no seminário são, evidentemente, fonte de uma grande confusão, que pode conduzir a um grave mal-estar existencial, a suicídios e a perversões futuras. Logo, a circular de Grocholewski apenas agrava o problema, em vez de contê-lo.

A terceira razão é de ordem legal: a proibição da entrada nos seminários baseada na suposta orientação sexual de alguns candidatos ao sacerdócio é discriminatória, sendo agora ilegal em muitos países. Em dezembro de 2018, o papa Francisco renovará essa proposta com fortes críticas: "A homossexualidade no clero é um assunto muito sério, que deve ser alvo de um discernimento adequado para candidatos ao sacerdócio ou à vida religiosa", diz o santo padre. No entanto, insiste: "Apesar de tudo [a homossexualidade], é uma realidade impossível de negar. E isso é algo que me preocupa".

Já conhecemos uma das pessoas que inspirou a circular de Grocholewski. Trata-se do padre psicanalista francês Tony Anatrella, consultor dos Conselhos Pontifícios para a Família e para a Saúde. Teórico próximo do cardeal Ratzinger e com uma influência significativa em Roma, Anatrella afirmou em 2005: "Temos que nos libertar da ideia que consiste em julgar que, na medida em que respeite o seu compromisso com a continência e viva na castidade, um homossexual não causará problemas e poderia, portanto, ser ordenado padre". Anatrella defende, com insistência, que se eliminem não só os homossexuais praticantes dos seminários, mas também aqueles com "orientações" e tendências, sem passarem forçosamente ao ato.

Segundo diversas fontes, Tony Anatrella também participou da redação da circular de Grocholewski. De acordo com o seu círculo próximo, Grocholewski, que o consultou diversas vezes, teria ficado impressionado com os argumentos do padre psicanalista que denunciava os "fins narcísicos" dos padres gays e a sua obsessão pela "sedução". O papa Bento XVI, também convencido pelas suas análises sobre a castidade, o teria exaltado, fazendo de Anatrella um modelo a seguir e um intelectual católico que devia ser ouvido. (Já vimos que Tony Anatrella foi, posteriormente, acusado de abusos sexuais por vários pacientes masculinos e, por fim, punido pela Igreja e privado de toda a prática sacerdotal.)

Ydier e Axel são os dois seminaristas que encontrei no centro cultural Mario Mieli (seus nomes foram alterados).

— No meu seminário, somos cerca de vinte. Sete são claramente gays. Outros seis têm, digamos, tendências. Está mais ou menos de acordo com a porcentagem habitual: entre 60% e 70% dos seminaristas são gays. Às vezes, penso que pode atingir os 75% — diz Axel.

O jovem gostaria de entrar para a Rota, um dos três tribunais da santa sé, razão primordial da sua passagem pelo seminário. Usa, sobre a camisa, uma cruz branca e tem cabelo loiro brilhante. Eu chamo a atenção dele para o fato.

— É pintado! É falso! Tenho o cabelo castanho — diz.

Ele continua:

— No meu seminário, o ambiente também é muito homossexual, mas há diferenças importantes. Há alunos que vivem verdadeiramente sua homossexualidade; outros que não a vivem, ou ainda não; há homossexuais que são de fato castos; há também héteros que ficam com homens por não haver mulheres, digamos, por substituição. E há outros que só vivem a homossexualidade secretamente, fora do seminário. É um ambiente muito especial.

Os dois seminaristas fazem praticamente a mesma análise: julgam que a regra do celibato e a perspectiva de viver entre homens estimulam os jovens indecisos quanto às suas inclinações a entrar para os estabelecimentos católicos. Encontrando-se pela primeira vez longe de casa, sem família, num âmbito estritamente masculino e num universo fortemente homoerótico, começam a compreender sua singularidade. A maioria, mesmo os mais velhos, ainda é virgem ao chegar ao seminário; em contato com os outros homens, suas tendências se revelam. Os seminários se tornam, então, cenário de revelação e de iniciação dos futuros padres. Um verdadeiro rito de passagem.

A história do seminarista americano, Robert Mickens, resume um caminho seguido por muitos:

— Qual era a solução quando a gente descobria que tinha uma "sensibilidade" diferente numa cidade americana, como Toledo, em Ohio, de onde eu venho? Quais eram as opções? Entrar para o seminário foi, para mim, uma forma de lidar com a minha homossexualidade. Estava em conflito comigo mesmo. Não quis enfrentar essa questão nos Estados Unidos, então parti para Roma em 1986 e estudei no Pontifical North American College. Durante o terceiro ano de seminário, quando tinha 25 anos, eu me apaixonei por um homem. (Mickens nunca foi ordenado padre: tornou-se jornalista da Rádio Vaticano, onde trabalhou por onze anos, depois da *The Tablet* e hoje é redator-chefe da edição internacional de *La Croix*. Vive em Roma, onde nos encontramos várias vezes.)

Outro seminarista, um português que entrevistei em Lisboa, me contou uma história muito parecida com a de Mickens. Ele teve coragem para dizer aos pais que era gay, ao que sua mãe respondeu: "Pelo menos, teremos um padre na família". (Ele se matriculou no seminário.)

Outro exemplo, o de Lafcadio, um padre latino, de trinta e poucos anos, que atualmente dá aulas num seminário romano (seu nome foi alterado). Eu o conheci no restaurante Propaganda, depois que se tornou amante de um dos meus tradutores. Decidindo não esconder mais sua homossexualidade, ele escolheu falar comigo abertamente e nos encontramos cinco vezes, para jantar, no decorrer desta investigação.

Tal como Ydier, Axel e Robert, Lafcadio me conta o seu percurso: uma adolescência difícil na América Latina, mas não possui dúvidas quanto à sua sexualidade. Decide entrar para o seminário "por vocação", explica, embora a ociosidade afetiva e o aborrecimento sem nome, cuja causa ignorava, possam ter pesado na decisão. Pouco a pouco, conseguiu atribuir uma qualificação a

esse desconforto: homossexualidade. E depois, subitamente, um acontecimento casual: um dia, no ônibus, um homem coloca a mão sobre a sua coxa.

— Fiquei paralisado. Não sabia o que fazer. Quando o ônibus parou, fugi. Mas, à noite, esse gesto sem gravidade não saiu da minha cabeça. Pensava nele sem parar e achei isso terrivelmente agradável. E queria que acontecesse de novo.

Ele descobre e aceita, pouco a pouco, a sua homossexualidade e parte para a Itália, uma vez que os seminários italianos eram "tradicionalmente", diz, o local "para onde se enviam os rapazes sensíveis da América Latina". Na capital, começa a levar uma vida dupla bem dividida, sem nunca se permitir deixar de dormir no seminário, onde mora e tem, agora, responsabilidades importantes.

Comigo, é abertamente gay e me conta tanto das suas obsessões quanto dos seus desejos sexuais intensos. "Muitas vezes, estou excitado", ele diz. Quantas noites passadas em camas ocasionais — e sempre aquela obrigação de retornar ao seminário antes do toque de recolher, mesmo quando ainda havia tantas coisas para fazer!

Ao assumir sua homossexualidade, Lafcadio também começou a olhar a Igreja sob um novo ângulo.

— Desde então, decifro melhor os códigos. Com frequência, sou abordado por *monsignori*, arcebispos e cardeais no Vaticano. Antes, não tinha consciência do que queriam de mim; agora já sei! (Lafcadio se tornou um dos meus informantes preciosos porque, jovem e bonito, além de muito bem relacionado na Cúria Romana, já foi alvo de afetos e flertes recorrentes, que me descreveu, por parte de vários cardeais, bispos e mesmo de uma rainha da liturgia do séquito do papa.)

Tal como vários seminaristas entrevistados, Lafcadio me descreveu outro fenômeno particularmente difundido na Igreja, a ponto de ter um nome:

sollicitatio ad turpia (as solicitações em confissão). Ao confessarem sua homossexualidade ao seu padre ou ao seu diretor espiritual, os seminaristas se expõem.

— Alguns dos padres para quem confessei minhas dúvidas ou minhas atrações me fizeram propostas — afirma ele.

Frequentemente, tais solicitações não têm futuro; em outras vezes, são consentidas e terminam numa relação; às vezes, se formam casais. Em outras, ainda, essas confissões — trata-se, no entanto, de um sacramento — dão direito a toques, assédios, chantagens ou agressões sexuais. Quando um seminarista confessa que tem atrações ou tendências, ele corre riscos. Em determinados casos, o jovem é denunciado pelo seu superior, como foi o caso do antigo padre Francesco Lepore, na Universidade Pontifícia da Santa-Cruz:

— Durante uma confissão, evoquei os meus conflitos interiores junto de um dos capelães do Opus Dei. Fui sincero e um pouco ingênuo. O que eu não sabia era que ele ia trair minha confiança e contar aquilo aos demais.

Outros seminaristas foram apanhados na armadilha a ponto de suas confissões terem sido utilizadas contra eles para expulsá-los do seminário, o que é ilegal em direito canônico, porque o segredo da confissão é absoluto e traí-lo dá direito à excomunhão.

— Nesse caso, a Igreja também apresenta dois pesos e duas medidas. Deixa fazer a denúncia contra os homossexuais, cujos segredos foram recolhidos em confissão, mas proíbe os padres que tomam conhecimento de abusos sexuais em confissão de trair esse segredo — lamenta um seminarista.

Segundo vários testemunhos, a abordagem durante a confissão é particularmente frequente durante os primeiros meses do seminário, no decurso do ano de "discernimento", chamado de "propedêutica", mais raramente no nível do diaconato. No clero regular, dominicanos, franciscanos e beneditinos confirmaram ter sido submetidos, enquanto noviços, a esse "rito

de passagem". Esses avanços, consentidos ou não, têm uma forma de desculpa bíblica: no Livro de Jó, o culpado é aquele que cede à tentação, e não aquele que a orquestra; no final das contas, o culpado é sempre o seminarista, e não o seu superior agressor — e encontramos aqui a inversão dos valores do Bem e do Mal que a Igreja tanto prega.

Para compreender o sistema católico, do qual os seminários não passam de uma antessala, é preciso decifrar outro código de Sodoma: o das amizades, das proteções e dos protetores. Os cardeais e bispos que entrevistei falaram, na sua maioria, de seus "assistentes" ou "adjuntos" — ou seja, seus "protegidos". Achille Silvestrini era o protegido do cardeal Agostino Casaroli; o leigo Dino Boffo, de Stanisław Dziwisz; Paolo Romeo e Giovanni Lajolo, do cardeal Angelo Sodano; Gianpaolo Rizzotti, do cardeal Re; dom Lech Piechota, do cardeal Tarcisio Bertone; dom Ermes Viale, do cardeal Fernando Filoni; o monsenhor Graham Bell, do arcebispo Rino Fisichella; o arcebispo Jean-Louis Bruguès, do cardeal Jean-Louis Tauran; os futuros cardeais Dominique Mamberti e Piero Parolin também foram protegidos de Tauran; o núncio Ettore Balestrero, do cardeal Mauro Piacenza; o monsenhor Fabrice Rivet, do cardeal Giovanni Angelo Becciu etc. Há centenas de exemplos desse tipo, que põem em cena "o anjo da guarda" e o "favorito" — por vezes, o "anjo mau". Essas "amizades particulares" poderiam evoluir para uma relação homossexual, mas, na maioria das vezes, isso não acontecia. Constituem, mais frequentemente, um sistema de alianças hierárquicas muito divididas, que pode desembocar em clãs, facções e, por vezes, máfias. E como em todo organismo vivo há rompimentos, idas e vindas, inversões de alianças. Por vezes, tais binômios onde as pessoas "se aborrecem juntas" se tornam verdadeiras organizações criminosas — e também a chave para compreender escândalos financeiros, como o caso do VatiLeaks.

Esse modelo de "protetores" e "protegidos" — que lembra algumas tribos aborígenes estudadas por Claude Lévi-Strauss — está em todos os níveis da Igreja, dos seminários ao Colégio Cardinalício, e torna geralmente as nomeações ilegíveis e as hierarquias, opacas, para que o leigo não decifre seus códigos. Seria necessário ser etnologista para apreender toda a sua complexidade!

Um monge beneditino, um dos responsáveis da Universidade Sant'Anselmo, em Roma, me explicou a regra implícita:

— No geral, podemos fazer o que quisermos dentro de uma casa religiosa, desde que não sejamos descobertos. E, mesmo quando somos pegos em flagrante, os superiores fazem vista grossa, sobretudo se dermos a entender que estamos dispostos a nos corrigir. Numa universidade pontifícia como a Sant'Anselmo, também é preciso levar em consideração que o corpo docente é majoritariamente homossexual.

Em *Un coeur sous une soutane*, Rimbaud já descrevia, visionário do alto dos seus quinze anos, as "intimidades dos seminaristas", os desejos sexuais que se revelavam uma vez "vestida a túnica sagrada", suas partes íntimas que roçavam na "capa de seminarista", a "imprudência" de uma "confidência" traída e, talvez, os abusos suscitados pelo padre superior cujos "olhos emerg[em] da sua gordura". Rimbaud resumirá mais tarde o problema, à sua maneira: "Era muito novo, e Cristo profanou meu hálito".

"O confessionário não é uma câmara de tortura", disse o papa Francisco. O santo padre poderia ter acrescentado: "E também não deve ser um local de abusos sexuais".

A maioria dos seminaristas me fez perceber uma coisa de que não tinha me dado conta a princípio e que é muito bem resumida por um jovem alemão que encontrei por acaso nas ruas de Roma:

— Não vejo isso como uma vida dupla. Uma vida dupla seria algo secreto, feito às escondidas. Ora, minha homossexualidade é conhecida no seminário. Não é ruidosa, não é militante, mas é conhecida. Em compensação, o que é realmente proibido é militar, se afirmar. Mas, desde que sejamos discretos, está tudo bem.

A velha regra de *Don't ask, don't tell* funciona bem nesse caso, como em toda a Igreja. A prática homossexual é tolerada nos seminários se não for explícita. Mas ai daquele que provocar um escândalo!

— A única coisa que é verdadeiramente banida é ser heterossexual. Ter uma mulher, trazer uma mulher, é expulsão imediata. A castidade e o celibato são entendidos principalmente em relação às mulheres — acrescenta, sorridente, o seminarista alemão.

Um antigo seminarista que vive em Zurique me explica seu ponto de vista:

— No fundo, a Igreja sempre preferiu padres gays a padres heterossexuais. Com seus comunicados antigays, pretende alterar um pouco as coisas, mas uma realidade não se altera à força com base em comunicados! Enquanto o celibato dos padres permanecer em vigor, um padre gay será sempre mais bem acolhido na Igreja do que um padre hétero. Isso é uma realidade, e a Igreja não pode fazer nada quanto a isso.

Os seminaristas que entrevistei estão de acordo quanto a outro ponto: um heterossexual nunca está totalmente à vontade num seminário católico, por causa — cito as suas expressões — "dos olhares", das "amizades particulares", dos "*bromances*", das "maluquices", da "sensibilidade", da "fluidez", da "ternura" e da "atmosfera homoerótica generalizada" que se desprende deles. Um celibatário resoluto não entende nada do que acontece lá!

— Tudo é homoerótico. A liturgia é homoerótica, os trajes são homoeróticos, os homens são homoeróticos, isso sem falar em Michelangelo! — explica o antigo seminarista Robert Mickens.

Outro seminarista dominicano acrescenta, usando uma fórmula que ouvi diversas vezes:

— Jesus nunca evoca a homossexualidade. Se é uma coisa tão terrível, por que Jesus nunca fala nela?

E, após certa hesitação, acrescenta:

— Estar num seminário é um pouco como estar no *Blade Runner*: ninguém sabe quem é humano e quem é replicante. É uma ambiguidade com a qual os héteros não lidam muito bem.

O seminarista hesita, como se estivesse pensando na própria sorte, e acrescenta, de repente:

— Não podemos nos esquecer que muitos renunciam!

O jornalista Pasquale Quaranta é um deles. Ele me conta também o seu percurso de seminarista, vivido, se assim podemos dizer, de pai para filho. Quaranta, hoje redator no *La Repubblica*, foi, com o editor Carlo Feltrinelli e um jovem escritor italiano, uma das três pessoas que me convenceram a escrever este livro. Durante várias dezenas de jantares e noites em Roma, mas também em viagem para Perúgia ou para Ostia, onde fomos juntos seguindo as pisadas de Pasolini, ele me contou a sua trajetória.

Pasquale, filho de um padre franciscano que abandonou a Igreja para se casar com a sua mãe, escolheu inicialmente a via do sacerdócio. Passou oito anos com os estigmatinos, uma congregação clerical dedicada ao ensino e ao catecismo.

— Devo dizer que tive uma boa educação. Estou grato aos meus pais por terem me mandado para o seminário. Com isso me transmitiram a paixão por *A divina comédia*!

A homossexualidade foi um dos motores secretos dessa vocação? Pasquale não pensa assim; entrou para o seminário jovem demais para isso ter alguma influência. Mas talvez tenha sido em razão dela que abandonou sua vocação.

Quando descobriu sua homossexualidade, e fala dela com o pai, as relações muito fortes de cumplicidade que existiam entre eles se degradam de imediato.

— Meu pai nunca mais me dirigiu a palavra. Deixamos de nos ver. Ficou traumatizado. A princípio, pensou que o problema era eu, uma vez que o problema era ele. Pouco a pouco, ao fim de um grande caminho de diálogo, que durou vários anos, nos reconciliamos. No entanto, eu havia renunciado ao sacerdócio e, no seu leito de morte, ele revisou as provas de um livro que eu ia publicar sobre a homossexualidade, escrito com um padre, que permitiu que eu me assumisse melhor.

Os seminaristas gays que ainda não renunciaram são, por isso, felizes e descontraídos? Quando os interrogo sobre esse ponto, o rosto deles se fecha, o sorriso deles se apaga, a dúvida se instala. Exceto o sul-americano, Lafcadio, que me afirma "gostar da sua vida", os outros insistem no desconforto de estarem sempre "numa zona cinzenta", um pouco escondidos, um pouco silenciosos, e nos riscos que correm para sua futura carreira na Igreja.

O seminário foi para muitos o momento do descobrimento da homossexualidade, mas também o local de tomada de consciência de um impasse. A maioria se digladia com sua homossexualidade, que, nesse contexto, se tornou opressiva. Como escreve Rimbaud: "encarregado do meu vício, o vício que lançou suas raízes de sofrimento ao meu lado desde a idade da razão — que se ergue para o céu, me bate, me derruba, me arrasta".

Todos têm medo de desperdiçar sua vida, de se tornar fósseis num mundo muito diferente daquele em que se encontram. No seminário, a vida fica estagnada: descobrem que a vida como padre será em meio a mentiras e quimeras, uma vida amarga de jansenista solitário, insincero, uma vida bruxuleante como a chama de uma vela. A perder de vista: o sofrimento, o

silêncio, as belezas "cativas", as ternuras impedidas logo imaginadas, os "falsos sentimentos" e, sobretudo, os "desertos do amor". A perder de vista: o tempo que passa, a juventude que se consome. Ao redor, "paraísos de tristeza", como diz Rimbaud.

A obsessão dos seminaristas é de terem esgotado seu "capital noturno" antes mesmo de o terem estreado. Na comunidade gay, fala-se muito em "morte gay": o prazo de "validade" de um homossexual seria aos trinta anos, uma idade que marcaria o fim da facilidade para encontrar parceiros! Vale mais estar casado antes do expurgo! Ora, não tendo podido dar livre curso à sua paixão, é comum nessa idade, quando o apelo sexual decresce, que muitos padres comecem a sair. Daí a obsessão dos seminaristas, que têm medo de ter que compensar o tempo perdido em *chemsex parties* e noites sadomasoquistas. Presos nos seminários, terão que esperar os trinta anos até ascenderem nos bastidores?

Esse dilema, que me foi descrito com frequência pelos padres católicos, só piorou depois da libertação homossexual. Antes da década de 1970, a Igreja era um refúgio para aqueles que eram discriminados; desde então, tornou-se uma prisão para aqueles que entraram ou permaneceram nela, que se sentiram encarcerados, sufocados, quando os gays se libertaram no exterior. Ainda Rimbaud: "Ó, Cristo! Eterno ladrão das energias".

Ao contrário de outros seminaristas mais velhos que me falaram de flagelações, de autopunições ou de castigos corporais, Ydier, Axel ou Lafcadio não passaram por situações tão extremas; mas também tiveram seu quinhão de lágrimas. Amaldiçoaram a vida e esse sofrimento que se retroalimenta, como que consentido, masoquista. Gostariam tanto de ser diferentes, afinal, repetindo o grito terrível de André Gide: "Não sou igual aos outros! Não sou igual aos outros!".

Sobra o onanismo. A obsessão da Igreja pela masturbação encontra seu apogeu nos dias atuais nos seminários, segundo todos os meus interlocutores, apesar de os próprios padres saberem, por experiência própria, que já não lhe davam ouvidos. Um gosto exagerado pelo controle e pela repressão já não tem, claro, nenhum efeito: já passou o tempo em que os seminaristas "que tinham cedido a um onanismo próprio da época" podiam temer pela sua salvação e estar "convencidos de que cheiravam a chamusco" (segundo as belas fórmulas do crítico literário Angelo Rinaldi).

A masturbação, que no passado era um tabu nos seminários, e de que não se falava, é agora um tema importante e recorrente. Essa vã obsessão não visa apenas o repúdio de toda a sexualidade sem fim procriador (a razão oficial da proibição), mas, em primeiro lugar, o controle totalitário sobre o indivíduo, privado da família e do corpo, uma verdadeira despersonalização a serviço do coletivo. Uma ideia fixa, tão banal, tão maníaca, que o onanismo se torna como que uma espécie de "armário" dentro do "armário", uma forma de identidade sexual, duplamente encerrada a sete chaves. Então os padres abusam dela, até se dominarem, sonhando com as "doces queimaduras" que são outros tantos sonhos de liberdade.

— Que a masturbação ainda seja tida como pecado nos seminários é medieval! E que seja mais discutida e combatida do que a pedofilia diz muito sobre a Igreja católica — afirma Robert Mickens.

Certo dia, quando regressava do Vaticano, um jovem perto da estação de metrô Ottaviano ficou me encarando por um tempo. Trazia uma grossa cruz de madeira sobre a camiseta e era acompanhado por um padre idoso (como me dirá mais tarde). Após um momento complicado, ele consegue arranjar uma maneira de me abordar. O jovem se chamava Andrea e, um pouco envergonhado, pediu meu número de telefone. Debaixo do braço trazia

As Saggi biblici, um manual de teologia editado por Franco Manzi — o que o trai e, portanto, o torna interessante aos meus olhos. Puxo conversa.

Ao final da tarde, naquele mesmo dia, tomamos um café num bar de Roma e ele confessa rapidamente que me deu um nome falso e é seminarista. Conversaremos várias vezes e, como os outros futuros padres, Andrea descreve seu universo.

Contra tudo o que seria de esperar, Andrea, assumidamente homossexual comigo, é um fiel de Bento XVI.

— Preferia Benedetto. Não gosto do Francisco. Não gosto deste papa. Gostaria tanto de voltar à época de antes do Concílio Vaticano II.

Como concilia a vida gay e a vida de seminarista? Andrea baixa a cabeça, visivelmente atormentado e lamentando tal ambivalência. Tergiversa entre orgulho e autoflagelação, tal como na sua resposta:

— Bom, não sou tão bom cristão. Eu tentei, mas não consigo. É a carne, sabe? A única coisa que me acalma é saber que a maioria dos seminaristas com quem convivo é como eu.

— Escolheu o seminário por ser gay?

— Não vejo as coisas desse modo. O seminário foi, antes de tudo, uma solução provisória. Queria ver se a homossexualidade seria duradoura para mim. Depois, o seminário se tornou um compromisso. Meus pais queriam acreditar que não sou homossexual, é bom para eles que eu esteja no seminário. E, para mim, é uma forma de viver segundo meu gosto. Não é simples, mas é melhor assim. Se tem dúvidas quanto à sua sexualidade, se não quer que as pessoas à sua volta saibam que é gay, se não quer fazer sua mãe sofrer, então, vá para o seminário! Se for analisar minhas próprias razões, a predominante é claramente a homossexualidade, apesar de não ter estado, a princípio, totalmente consciente dentro de mim. Só tive uma verdadeira

confirmação da minha homossexualidade depois de ter entrado para o seminário.

E Andrea acrescenta, fazendo as vezes de sociólogo:

— É uma espécie de regra: a grande maioria dos padres descobriu que se sentia atraída por rapazes nesse universo homoerótico e estritamente masculino que são os seminários. Quando se está no ensino médio, na sua província italiana, a chance de encontrar homossexuais que lhe agradem é pequena. E é sempre bastante arriscado. Então você chega a Roma, ao seminário, e ali só há rapazes e quase todos são homossexuais, além de jovens e belos, e você compreende que também é como eles.

Durante nossas conversas, o jovem seminarista descreve, de forma bem detalhista, o ambiente do seminário. Explica que utiliza frequentemente os aplicativos Grindr e ibreviary.com — a ferramenta dos encontros sexuais gays e um breviário católico em cinco línguas disponível gratuitamente no celular. Um resumo perfeito da sua vida!

Aos vinte anos, Andrea já teve inúmeros amantes, cerca de cinquenta:

— Conheço os homens no Grindr ou entre os seminaristas.

Culpando-se por essa vida dupla e para atenuar sua decepção por não ser um santo, inventou pequenas regras para si mesmo, para ficar com a consciência limpa. Assim, conta que proibiu a si mesmo de ter relações sexuais no primeiro encontro no Grindr: espera sempre, pelo menos, o terceiro encontro!

— É o meu método, diria o meu lado Ratzinger — diz, irônico.

Insisto em conhecer suas razões para continuar a querer se tornar padre. O jovem provocante hesita. Não sabe bem. Reflete e depois diz:

— Só Deus sabe.

Segundo inúmeros testemunhos recolhidos nas universidades pontifícias romanas, a vida dupla dos seminaristas teria evoluído consideravelmente nesses últimos anos pela internet e pelos smartphones. Uma grande proporção daqueles que saíam pela noite à procura de encontros casuais ou, em Roma, em clubes como o Diabolo 23, o K-Men's Gay, o Bunker ou o Vicious Club, agora faz o mesmo calmamente de casa. Graças a aplicativos como Grindr, Tinder ou Hornet e sites de encontros como Gay Romeo (que se tornou PlanetRomeo), Scruff (para os mais maduros e os "Bears"), Daddyhunt (para aqueles que gostam dos *daddies*) ou ainda Recon (para os fetichistas e as sexualidades "extremas"), já não precisam se deslocar, nem correr tantos riscos.

Com meus investigadores de Roma, descobrimos a homossexualidade de vários seminaristas, padres gays ou bispos da Cúria graças à magia da internet. Frequentemente, nos ofereciam por delicadeza ou conivência, quando nos encontrávamos com eles no Vaticano, seu e-mail ou seu número de celular. Quando, em seguida, gravávamos essas informações, com toda a inocência, no livro de endereços do Gmail ou dos nossos celulares, diferentes contas e nomes associados apareciam automaticamente no WhatsApp, Google+, LinkedIn ou Facebook. Com frequência, pseudônimos! A partir desses nomes, a vida dupla desses seminaristas, padres ou bispos da Cúria — decerto muito discretos, mas não suficientemente *geeks* — emergia nos sites de encontros, como por obra e graça do espírito santo! (Aqui, estou pensando, é claro, numa dezena de casos precisos e nomeadamente em vários *monsignori* com os quais já nos cruzamos neste livro.)

São numerosos aqueles que hoje passam as noites no GayRomeo, Tinder, Scruff ou o site Venerabilis — mas, principalmente, no Grindr. Pessoalmente, nunca gostei desse aplicativo desumanizante e repetitivo, mas compreendo

sua lógica: geolocalizada em tempo real, indica todos os gays disponíveis nas proximidades. É diabólica!

Segundo vários padres, o Grindr se tornou um fenômeno de enorme amplitude nos seminários e em reuniões de padres. Suscitaram, inclusive, diversos escândalos (por exemplo, no seminário irlandês), e o aplicativo se tornou um estorvo na Igreja. Frequentemente, os padres se identificam uns aos outros, sem querer, ao verificarem que outro religioso gay figura a alguns metros de distância. E, aliás, consegui provar, com minha equipe, que o Grindr funciona todas as noites no interior do Vaticano.

Bastam dois celulares de cada lado do pequeno Estado católico para identificarmos, com uma margem de erro extremamente baixa, a localização de todos os gays. Quando fizemos a experiência, em duas ocasiões, não eram muitos os que se encontravam ligados a partir do Vaticano, mas, segundo diversos contatos internos, os diálogos vaticanos no Grindr seriam por vezes mais intensos.

O site Venerabilis merecia por si só um relato. Criado em 2007, trata-se de uma plataforma on-line inteiramente dedicada aos padres "homossensíveis" que aí publicavam anúncios ou podiam conversar. Local de trocas e de apoio, veio a dar origem à criação de grupos de discussão *in real life*: esses grupos se reuniam, inclusive, no café da célebre livraria Feltrinelli, no largo Torre Argentina, com horários distintos de acordo com as universidades pontifícias! Um dos administradores do site, próximo de Tarcisio Bertone, o monsenhor Tommaso Stenico, era conhecido por ser homofóbico no interior da Cúria, mas praticante fora do Vaticano (foi demitido das suas funções vaticanas depois de ter sido exposto pela impressa italiana). Seguindo uma vertente bastante natural, o site evoluiu, no entanto, para o engate eclesiástico e, depois de ter sido denunciado pela imprensa católica conservadora, foi posto de lado. Encontramos vestígios nos arquivos da web e na *deep web*, mas não

estão mais disponíveis as informações nem estão indexadas pelos motores de pesquisa.

No Facebook, outra ferramenta de flerte muito utilizada em virtude da sua diversidade, é fácil identificar os padres ou seminaristas gays. É o caso, por exemplo, de vários prelados que acompanhamos em Roma: a maior parte não conhece bem as regras de privacidade da rede social e deixa visível sua lista de amigos. Com efeito, basta olhar para essa conta depois de olhar para a conta de um gay romano bem integrado na comunidade homossexual da cidade, para determinar, a partir dos "amigos em comum", com alguma certeza se o padre é ou não gay. Sem que uma *timeline* contenha a menor mensagem gay, o funcionamento do Facebook trai quase automaticamente os gays.

No Twitter, Instagram, Google+ ou LinkedIn, ligando-os ao Facebook, podemos fazer o mesmo tipo de pesquisa de uma forma totalmente legal. Graças a ferramentas profissionais como Brandwatch, KB Crawl ou Maltego, é possível analisar os conteúdos "sociais" de um padre, seus amigos, os conteúdos de que gostou, que compartilhou ou publicou e descobrir, inclusive, suas diferentes contas associadas (por vezes sob identidades diferentes). Tive a oportunidade de utilizar esse tipo de software muito eficaz que permite criar hierarquias gerais e gráficos de todas as interações de uma pessoa nas redes sociais, a partir das informações públicas que deixa na web. O resultado é impressionante, porque o perfil completo da pessoa emerge a partir de milhares de dados que comunicou pessoalmente nas redes, sem sequer se lembrar: na maior parte dos casos, se essa pessoa for homossexual, essa informação aparece com uma pequena margem de incerteza. Para escapar desse tipo de ferramenta, é preciso ter dividido de tal forma a vida, utilizando redes separadas e nunca tendo compartilhado com os amigos a mais ínfima informação pessoal, que é quase impossível tê-lo feito.

Os smartphones e a internet estão mudando a vida dos seminaristas e dos padres tanto para melhor quanto para pior. Aliás, ao longo desta investigação, eu próprio utilizei consideravelmente essas novas ferramentas digitais, alugando apartamentos no Airbnb, utilizando o Waze e circulando com o Uber, contatando padres no LinkedIn ou Facebook, guardando importantes documentos ou gravações no Pocket, Wunderlist ou Voice Record, e conversando secretamente com muitas fontes no Skype, Signal, WhatsApp ou Telegram. O escritor de hoje é digital — um verdadeiro *digital writer*.

Neste livro, não tento reduzir a vida dos seminaristas e dos padres à homossexualidade, à orgia, à masturbação ou à pornografia on-line. Há, é claro, determinados religiosos que podemos classificar como "ascéticos", que não se interessam pelo sexo e vivem pacificamente sua castidade. Mas, segundo todos os testemunhos, os padres que são fiéis ao voto de celibato seriam uma minoria.

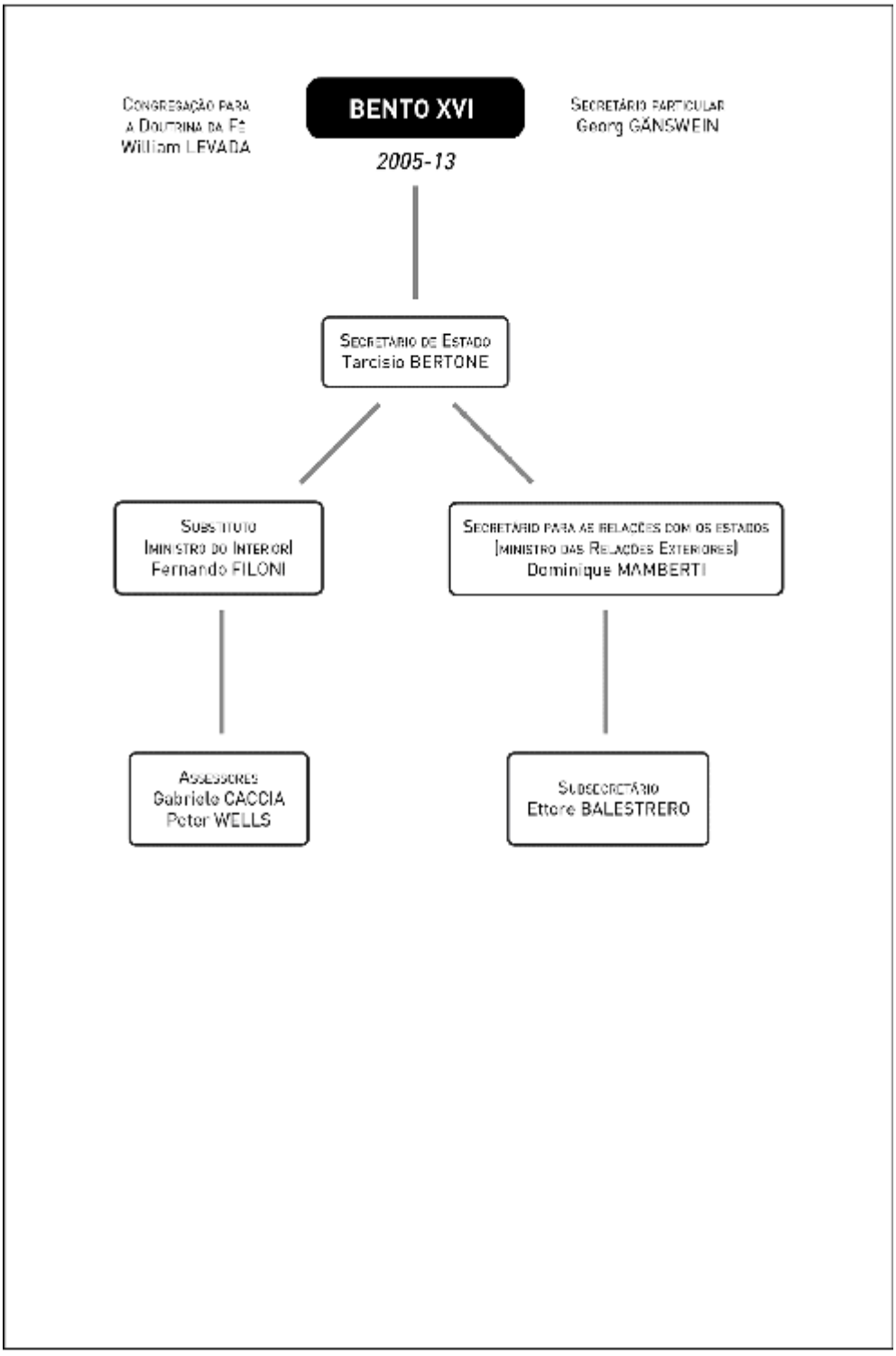
Em última análise, as revelações sobre a homossexualidade dos padres e a vida dupla do Vaticano mal começaram. Com a multiplicação de smartphones que permitem filmar e gravar tudo, com as redes sociais onde tudo se sabe, os segredos do Vaticano serão cada vez mais difíceis de guardar. A palavra se liberta. Hoje, jornalistas corajosos investigam em todo o mundo a hipocrisia generalizada do clero e as testemunhas não se calam. Alguns cardeais que interroguei pensam que "essas questões não são essenciais", que "foram demasiado exploradas" e que "as polêmicas sexuais já foram ultrapassadas". Querem virar a página.

Penso precisamente o contrário. Creio que mal tocamos no assunto, e tudo o que conto neste livro não é mais do que a primeira página de uma longa história que ainda está sendo escrita. Até acho que estou aquém da realidade.

A revelação, o desnudar, a história do mundo secreto, e ainda quase inexplorado, de Sodoma está apenas começando.

Quarta Parte

Bento


Congregação para a Doutrina da Fé
William LEVADA
BENTO XVI
2005-13
Secretário particular
Georg GÄNSWEIN
Secretário de Estado
Tarcisio BERTONE
Substituto
(Ministro do Interior)
Fernando FILONI
Secretário para as relações com os estados
(Ministro das Relações Exteriores)
Dominique MAMBERTI
Assessores
Gabriele CACCIA
Peter WELLS
Subsecretário
Ettore BALESTRERO

20. Passivo e *bianco*

Na sede da fundação Ratzinger, em Roma, a guerra terminou. Agora, só a história julgará — e Deus, na sua misericórdia. Nas paredes: várias fotos e quadros que representam Bento XVI. Aqui, ainda é cardeal; ali, já está aposentado, papa "emérito".

Entre essas duas figuras, um imenso retrato, exposto bem à vista, chama minha atenção: o sumo pontífice ainda em exercício, sentado em grande pompa numa cadeira papal muito alta, vermelha e dourada, sorrindo, majestoso nos seus trajes brancos bordados em ouro. A sua mitra amarelo-topázio, também altiva, o faz crescer ainda mais, "maior que a própria vida". Anjinhos de cachinhos, faunos, psiques ou cupidos, estão esculpidos na poltrona de madeira. A figura de tez vermelha do papa domina, *ex cathedra*, num arco-íris de cores e fogos de artifício de rendas. Como um rei, Bento XVI pontifica. No auge da sua glória.

Olhando de perto esse retrato fora do tempo, encontro algumas semelhanças com o papa Inocêncio X pintado por Velázquez, sentado como ele em majestade, com seu traje ocre e seus ornamentos, o barrete vermelho na cabeça e o anel que cintila (o magnífico *Retrato de Inocêncio X* está na galeria Doria Pamphilj, em Roma). Olhando melhor, a mudança, as transformações radicais saltam aos olhos. Imagino agora o rosto do santo padre tal como foi reproduzido por Francis Bacon para o seu *Estudo do papa II, segundo Velázquez*, de que existe uma versão exposta nos Museus do Vaticano.

O rosto cubista do papa está totalmente deformado: é como uma máscara, com o nariz distorcido, quase apagado; os olhos são inquisidores. O santo padre está encolerizado ou esconde um segredo? É um perverso narcísico ou uma encarnação da pureza do mundo? É vítima de máquinas desejantes ou pensa na sua juventude perdida? Chora? Por que chora? Como assinalou o filósofo Gilles Deleuze, Francis Bacon deixa habilmente fora da tela as causas que angustiam o papa, nos privando dessa maneira de uma explicação racional.

Tal como nos quadros de Velázquez e de Bacon, embora com infinitamente menos talento, o mistério Ratzinger se expõe nesse grande retrato que ninguém vê, na sede da sua fundação que ninguém visita mais e que está vazia. Um sumo pontífice na sua simplicidade indizível e na sua complexidade indecifrável.

Bento foi o primeiro papa moderno a renunciar ao cargo. Dizem que foi por razões de saúde; um elemento que desempenhou um papel, é claro, entre outros — as catorze estações dessa longa via-sacra que foi o seu curto pontificado. Bento XVI também não foi vítima de um lobby gay, como deram a entender. No entanto, nove dos catorze momentos dessa via dolorosa que selaram sua sorte e precipitaram sua queda estão relacionados à homossexualidade.

Na sede da fundação Ratzinger, não há ninguém. Todas as vezes que me dirigi a esse escritório-fantasma, nas instalações oficiais do Vaticano, na Via della Conciliazioni, em Roma, para me encontrar com o padre Federico Lombardi, ele estava sozinho. Sem secretária, sem assistente, sem ninguém. E, quando nos apresentamos na entrada, o guarda gordinho e embriagado nem sequer controla os visitantes: são muito poucos.

Bato na porta. Federico Lombardi abre pessoalmente.

Fiel, pontual, com voz suave e sempre disponível, Lombardi é um mistério. Foi um dos mais próximos colaboradores de três papas e está na memória dos jornalistas como o porta-voz de Bento XVI durante sua longa via-sacra. Quem é ele? Falou tão frequentemente, mas não sabemos nada a seu respeito.

Por um lado, é um jesuíta de grande humildade, admirado e amado por muitos. Sua vida de despojamento e de leituras, marcada por certo desapego, abnegação, contrastam com alguns membros dos séquitos dos papas que serviu: eles viviam no luxo, da lavagem de dinheiro e dos casos de costumes; ele, por outro lado, fazia um ato de fé viver com muito pouco. E ainda hoje, quando me encontro com ele, vem a pé do quartel-general dos jesuítas, no Borgo, onde reside, num quarto espartano. Sem dúvida é um daqueles, no Vaticano, que respeitam verdadeiramente os três votos da vida religiosa (a pobreza, a castidade, a obediência), a que acrescentou, como todos os membros da sua congregação, um quarto voto: obediência especial ao papa.

Por outro lado, o padre Federico é um *papimano*, como afirma lindamente Rabelais sobre os prelados que vivem na adoração beata ao papa. Esse Loyola colocou a obediência ao papa acima de tudo, inclusive da verdade. O adágio é válido tanto para ele como para todos os jesuítas: "Acreditarei que é preto aquilo que for branco, se for a vontade da Igreja". Tendo se tornado daltônico sob Ratzinger, Lombardi viu muitas vezes como branco o que era preto, chegando a ponto de os jornalistas terem censurado frequentemente sua linguagem estereotipada: um porta-voz que desmentia verdades ou relativizava escândalos de pedofilia que se abatiam em tempestades imprevisíveis sobre o pontificado, o que lhe valeu o apelido de Pravda. Como escreveu Pascal, que não gostava dos jesuítas: "Podemos muito bem dizer inverdades crendo que são verdades, mas a qualidade de mentiroso encerra a intenção de mentir".

Durante cinco longos encontros com Lombardi, esse padre cativante respondeu com calma as minhas perguntas e corrigiu com tato as minhas

interpretações:

— Não creio que haja contradição entre a verdade e a obediência ao papa. O jesuíta que sou está, sem dúvida, a serviço de uma interpretação positiva da mensagem do santo padre. Aconteceu de me empenhar nela com paixão, mas sempre disse o que pensava.

O vaticanista americano, Robert Carl Mickens, não fica muito convencido com essa versão reescrita dos fatos, que critica severamente:

— A Igreja católica é, com certeza, a organização que mais fala em verdade. Tem essa palavra constantemente na boca. Brande incessantemente a "verdade". E, ao mesmo tempo, é a organização que mais mente no mundo. O porta-voz de João Paulo II, Joaquín Navarro-Valls, e o de Bento XVI, Federico Lombardi, nunca diziam a verdade. É simples: mentiam o tempo todo.

Durante o pontificado de Bento XVI, uma sucessão quase ininterrupta de falhas, de erros, de escândalos, de casos e de polêmicas, o soldado Lombardi foi obrigado, com muita frequência, a ir para a frente da batalha. Encarregado de tantas contraofensivas, solicitado a defender o indefensável, o velho padre agora usufrui de uma aposentadoria merecida.

Federico Lombardi chegou ao Vaticano sob João Paulo II, há mais de 25 anos, e lhe foi confiada a direção da Rádio Vaticano, um lugar reservado tradicionalmente aos jesuítas. No entanto, de acordo com amigos e antigos colaboradores que entrevistei, Lombardi nunca pertenceu à linha dura de João Paulo II ou de Bento XVI. É mais ou menos esquerdista, próximo da sensibilidade do catolicismo social italiano. De fato, o padre Lombardi esteve sempre na contramão: serviu papas que não compartilhavam em nada seus valores e foi dispensado, por fim, por um jesuíta, Francisco, cujas ideias compartilhava e que deveria, se as coisas fossem bem-feitas, ser o "seu" papa.

— Para mim, a prioridade era estar a serviço do papa atuante. Um jesuíta apoia a linha pontifícia e se identifica com ela. Além disso, como estudei na Alemanha, tinha uma grande admiração pela teologia de Ratzinger, pelo seu equilíbrio — explica.

Subindo os degraus da santa sé, como outros das nunciaturas, Lombardi é promovido sob João Paulo II: é nomeado para a direção do gabinete de imprensa do Vaticano (o conjunto dos serviços de comunicação), antes de se tornar porta-voz do papa, pouco depois da eleição de Bento XVI.

Nesse cargo, sucede ao espanhol Joaquín Navarro-Valls, que tinha ligações comprovadas com o Opus Dei. Quando jovem, todos o achavam bonito: "Por que Deus, Nosso Senhor, se limitaria a chamar os feios?", teria respondido, a seu respeito, o papa João Paulo II, quando comentavam que sabia escolher bem! Estranhamente, Navarro-Valls era um leigo celibatário que fizera voto de castidade heterossexual sem ser obrigado a tal, como haviam feito, no seu tempo, Jacques Maritain ou Jean Guitton.

Sempre achei graça desses leigos castos e "numerários" do Vaticano que demonstram pouco interesse pelo chamado "sexo frágil" e que só têm um medo: terem que se casar! Por que fazem um voto de castidade que ninguém exige? Se não são casados, a dúvida aumenta; e se não conhecem uma mulher, já não tenho dúvidas. Quanto a Federico Lombardi, é padre.

Eis que o porta-voz dos três últimos papas se lança, à minha frente, no decurso das nossas diferentes conversas, em algumas comparações. Ele é sutil, mas quase sempre pertinente.

— João Paulo II era um homem do povo. Francisco é o homem da proximidade. Quanto a Bento, ele era o homem das ideias. Retenho, para começar, a clareza do seu pensamento. Bento não era um comunicador popular, como João Paulo II era ou como Francisco é hoje em dia. Não gostava

de aplausos, por exemplo, enquanto Wojtyła adorava. Bento era um intelectual, um grande intelectual — diz Lombardi.

Um intelectual, portanto. Entre os inúmeros cardeais que interroguei, todos reconhecem que, se João Paulo II era um espiritual e um místico, Bento XVI foi, antes de mais nada, um grande teólogo. Alguns complementam esse argumento com ar contrito, dizendo que ele não foi verdadeiramente talhado para ser papa.

— Para mim, é o maior teólogo dos últimos tempos — afirma o cardeal Giovanni Battista Re.

O cardeal Paul Poupard reforça:

— Fui colega de Ratzinger durante 25 anos. E preciso dizer: governar não era o seu forte.

Em sua defesa, o próprio papa reivindicou o poder do seu trabalho teológico, mas reconheceu sua debilidade na gestão dos assuntos e dos homens. "O governo prático não é realmente a minha especialidade, o que constitui, diria, uma certa fraqueza", escreve Bento XVI no seu livro-testamento *O último testamento*.

Se Ratzinger era um homem inteligente? Sem dúvida. O teólogo deixa uma obra útil para a Igreja católica, mesmo se hoje em dia é discutida entre aqueles que tendem a enaltecê-lo, a ponto de falarem dele como um "pensador cardeal", e aqueles que relativizam a sua importância — um bom professor, nada mais.

Não é objetivo deste livro fazer o levantamento da vida, nem sequer da vida intelectual, daquele que se tornaria o futuro papa Bento XVI. Para o que me propus a fazer, basta me fixar em algumas datas e em alguns pontos destacados. Para começar, a infância bávara do jovem Ratzinger, numa família rural modesta e carinhosa, em que a fé, a música clássica alemã e os livros

davam forma ao cotidiano. Nas imagens da época, Joseph já tem aquele rosto de boneca de tez rosa-pálido, o sorriso afeminado, a rigidez do corpo e a severidade com que o futuro papa ficaria conhecido.

Clichê curioso: quando pequeno, dizia que "gostava de brincar de padre" (como outros brincam com bonecas). Outro clichê: sua mãe é possessiva e tem uma natureza infantil. Terceiro clichê: é filho de um comissário de polícia, com o que isso implica de autoridade e de rigor; mas seu pai é anti-hitleriano. Muito mais tarde, Joseph Ratzinger será acusado de ter pertencido à Juventude Hitlerista, na Alemanha, e alguns chegariam a ponto de apelidá-lo injuriosamente como papa "Adolf II", que abençoaria dizendo "Em nome do Pai, do Filho e do Terceiro Reich".

Sua passagem pela Hitlerjugend está provada e, aliás, o papa deu uma longa explicação sobre ela. Ele entrou para a Juventude Hitlerista aos catorze anos, como a grande maioria dos jovens alemães em meados da década de 1930, e essa arregimentação não reflete necessariamente sua proximidade com o Partido Nazista. Posteriormente, Joseph Ratzinger desertará da Wehrmacht, na qual, repetiu com frequência, foi incorporado contra sua vontade (a biografia de Bento XVI foi estudada minuciosamente em Israel, quando da sua eleição, e o papa foi exonerado do seu pretenso passado nazista).

Apaixonado por Goethe e pelos clássicos latinos e gregos, amante dos quadros de Rembrandt, o jovem Ratzinger compõe poemas e aprende piano. Alimenta-se desde cedo da filosofia alemã, Heidegger e Nietzsche, o tipo de leitura que leva com frequência ao anti-humanismo — e Ratzinger é, efetivamente, muito "anti-iluminista". Também lê os pensadores franceses, a começar pelo poeta Paul Claudel, a ponto (diz o cardeal Poupard) de aprender a língua para ser capaz de ler Claudel no original. Ratzinger ficará de tal modo marcado pelo autor de *Soulier de satin* que ligará sua própria conversão à de Claudel, deixando de lado o fato de a conversão do poeta ter se dado graças à

leitura exaltada de *Une saison en enfer*, assinada por um jovem "místico em estado selvagem", homossexual e anticlerical: Arthur Rimbaud. Ratzinger também lê Jacques Maritain, e vários estudos sérios mostraram a proximidade entre as teses de Ratzinger e as de Maritain, especificamente sobre a castidade, o amor e o casal. Mas o futuro papa também tem suas ingenuidades e fragilidades: leu muito *O pequeno príncipe*.

Não dispomos de informações, além de anedotas e uma autobiografia tão controlada que pode esconder zonas sombrias essenciais, sobre a vocação eclesiástica do jovem seminarista Ratzinger e seus pontos fortes, ainda que a escolha do sacerdócio e do seu corolário celibato estejam de acordo com o caráter especulativo do futuro papa. A imagem da sua ordenação, em 29 de junho de 1951, o mostra sorridente e orgulhoso, todo vestido de renda. É muito bonito. Ainda o chamam de "o menino do coro".

"Colaborador da verdade": esse é o lema que Joseph Ratzinger escolhe ao ser consagrado bispo em 1977. Mas até que ponto? E por que se tornou padre? Nesse registro, deveremos segui-lo e acreditar nele? Com frequência, Bento XVI mente, como todos nós; por vezes, temos que deixá-lo mentir. Dizem que na articulação do sacerdócio e do celibato teria havido "complicações" no íntimo do jovem Ratzinger.

A puberdade foi, para ele, um parêntesis, cujas dúvidas, desordem e talvez vertigem quis esquecer, um período que lhe custou muitas noites. Segundo seus biógrafos, parece que esse menino de voz fraca, abafada como a de François Mauriac, esteve confuso durante sua juventude e teve dificuldades de ordem afetiva. Seria ele o tipo de menino prodígio que maravilha os professores, mas não sabe conversar com uma garota num bar? Pressentiu uma doce loucura e inclinações? Não sabemos. Nunca esqueçamos quão difícil era, na adolescência e no pós-guerra (Ratzinger tinha vinte anos em 1947), pressentir as eventuais "tendências" ou descobrir-se homossexual. A

título de comparação, uma personalidade tão precoce e corajosa como o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, que pertence à mesma geração de Joseph Ratzinger, pôde escrever na sua juventude, numa carta de 1950: "Nascera para ser sereno, equilibrado, natural: a minha homossexualidade estava além, no exterior, não me dizia respeito. Vi-a sempre ao meu lado como um inimigo".

A homossexualidade como "inimigo" interior: será essa a experiência desse papa intranquilo, "inseguro", que evocou sempre sua grande "fraqueza", sua "santa inquietação", sua "inadequação" fundamental e seus amores secretos "em diversas dimensões e sob diferentes formas", mesmo se, claro, acrescenta: "está fora de questão abordarmos aqui a vida íntima"? Como saber?

De qualquer modo, Joseph Ratzinger fez o papel das vestais, das virgens amedrontadas. Nunca teria se sentido atraído pelo sexo oposto, ao contrário de João Paulo II ou Francisco. Nenhuma referência na sua vida, sob qualquer forma, a qualquer garota, nem a qualquer mulher: sua mãe e sua irmã são as únicas que contaram e, mesmo assim, Maria foi essencial e duradouramente a governanta da sua casa. Várias testemunhas confirmam também que a sua misoginia não parou de crescer com o passar dos anos. Podemos referir, no entanto, que, muito tardiamente, uma pulsão carnal única por uma mulher, antes do seminário, foi miraculosamente descoberta em 2016 pelo entrevistador oficial do papa, Peter Seewald, no momento das conversas para o livro-testamento do santo padre. Esse "grande amor" teria atormentado muito o jovem Ratzinger e complicado sua decisão de optar pelo celibato. No entanto, Seewald parece acreditar tão pouco nessa informação que nem sequer foi publicada no seu livro de conversas com o papa emérito — "por falta de espaço", dirá Ratzinger. Será por fim revelada por Seewald no diário *Die Zeit* e, portanto, prudentemente confinada a uma audiência alemã. Quase aos noventa anos, o papa inventa de repente um "caso"! Este "Fou d'Elsa" deixa escapar, nas entrelinhas, que no passado (naturalmente antes do voto de

castidade) havia se apaixonado por uma mulher! Um coração debaixo da batina. Quem acreditaria nele?

E, é claro, ninguém acreditou! Tal confissão era tão pouco crível que imediatamente foi creditada como uma tentativa de calar os boatos, que se generalizaram então na imprensa germanófona, sobre a pretensa homossexualidade do papa. Contraintuitiva, essa paixão secreta talvez seja realmente uma confissão. Trata-se daquelas pastoras de Virgílio — que são realmente pastores? Será Albertine, a célebre personagem de *Em busca do tempo perdido*, sob a qual se esconde o motorista de grandes bigodes de Proust? Seja como for, a história pareceu de tal modo inventada, e artificial, que teve como efeito paradoxal aumentar um pouco mais a desconfiança. "Só se sai da ambiguidade em detrimento próprio", gostava de dizer o cardeal de Retz — uma frase válida para todos no Vaticano.

O certo é que, para Ratzinger, o sacerdócio foi apenas uma meia escolha: padre, mas também professor; papa, mas continuará passando suas férias em Castel Gandolfo e dedicando dias inteiros à escrita; hesitará sempre entre uma vida de pastor e uma carreira erudita, o que não o impede de progredir rapidamente, graças a uma inteligência e uma dedicação ao trabalho sem igual: mal é ordenado, torna-se professor; mal se torna bispo, é feito cardeal. A sua eleição para o trono de Pedro é apenas mais um degrau da escada, a partir da morte de João Paulo II.

É progressista ou conservador? A pergunta parece estranha, já que Joseph Ratzinger foi associado à ala direita do Vaticano. Evidente no contexto atual, responder a essa pergunta era mais difícil na época. Ao contrário dos qualificativos com que o enfeitaram mais tarde — "Panzer-kardinal", "Rottweiler de Deus", "Pastor-alemão" —, o jovem Ratzinger iniciou sua carreira à esquerda do Vaticano como exegeta do Concílio Vaticano II (a que assiste como *peritus*, ou perito). Os cardeais que o conheceram nessa época e

as testemunhas que entrevistei em Berlim, Munique e Regensburg falaram dele como um progressista de pensamento complexo, pouco intransigente. Joseph Ratzinger é bastante aberto e benevolente: não desconfia que, por trás de cada conflito de opiniões, esteja o luterano ou o ateu. No debate, frequentemente hesita, quase tímido. "Os Ratzinger não são muito exuberantes", revelará, durante uma entrevista. Nunca impõe seu ponto de vista.

No entanto, ao contrário do caminho percorrido pelo seu ex-amigo e teólogo, Hans Kung, ou seu concidadão cardeal, Walter Kasper, Joseph Ratzinger pouco a pouco faz uma leitura cada vez mais restritiva do Concílio Vaticano II. Homem do concílio, progressista, portanto, torna-se o guardião exigente, ortodoxo, do mesmo, a ponto de já não aceitar qualquer interpretação além da sua. Aquele que avaliou a importância do Concílio Vaticano II e saudou sua modernidade passaria a se dedicar a controlar seus efeitos. Enquanto isso, acontecia a revolução sexual dos anos 1960 e o movimento de maio de 1968 — e a inquietação se apodera de Joseph Ratzinger.

— Ratzinger é um teólogo que ficou com medo. Ficou com medo do Concílio Vaticano II, medo da Teologia da Libertação, medo do marxismo, medo dos jovens dos anos 1960, medo dos homossexuais — conta o professor Arnd Bünker, um influente teólogo suíço-alemão, entrevistado em St. Gallen.

Mais do que qualquer outro papa antes ou depois dele, Joseph Ratzinger está completamente tomado de "paixões tristes". Ele, tão alegre em geral, é inimigo dos prazeres e de todos os que defendem a liberdade sexual: é perseguido pelo medo de que alguém, em qualquer lugar, possa ter prazer! Das suas obsessões contra os "desvios niilistas" (leia-se, "maio de 1968"), vai fazer encíclicas. Das suas culpas, vai fazer bulas.

O pontificado de Bento XVI, durante o qual se instala uma estrita ortodoxia, já aparece aos olhos dos seus opositores como uma "restauração": Bento XVI utiliza, aliás, essa palavra, sinônimo de retorno à monarquia de direito divino, suscitando uma polêmica.

— É verdade, ele colocou o Concílio Vaticano II numa gaveta — reconhece um cardeal que é próximo do antigo papa.

O que ele pensa, nessa época, das questões da sociedade e, entre elas, da homossexualidade? Joseph Ratzinger conhece pelo menos a questão pelas suas leituras. É preciso dizer que vários autores católicos que ele venera — Jacques Maritain, François Mauriac — estão obcecados com ela e que o tema também aterrorizou Paul Claudel.

Aliás, este seria um ponto significativo para o futuro papa Bento XVI, uma autocensura que ainda é um sinal de época: ler apenas os "escritores respeitáveis". Nunca, na sua carreira, evocou os nomes de Rimbaud, Verlaine, André Gide ou Julien Green, autores com quem cruzou forçosamente, e provavelmente leu, mas que haviam se tornado impróprios para conviver devido às próprias confissões. Em compensação, pôde exibir sua paixão por François Mauriac e Jacques Maritain, escritores então "respeitáveis", uma vez que suas inclinações só foram reveladas mais tarde.

Por fim, tratando-se da sua cultura, é necessário acrescentar aqui que Joseph Ratzinger fez sua a pequena filosofia nietzschiana: "Sem música, a vida seria um erro". Podemos até dizer que o futuro papa é, em si mesmo, uma "ópera fabulosa": é louco por compositores alemães, de Bach a Beethoven, passando por Händel, que era homossexual. E sobretudo Mozart, que interpreta ainda criança com o irmão ("Quando ele começava o *Kyrie*, era como se o céu se abrisse", contou Ratzinger pensando na sua juventude). As óperas de Mozart o encantam enquanto as óperas italianas — que se resume, segundo um dito célebre, aos "esforços do barítono para impedir que tenor e

soprano vão para a cama" — o agoniam. A inclinação de Joseph Ratzinger não é meridional, mas germânica: a sutileza de *Cosi fan tutte*, a erotomania ambígua de *Don Giovanni* e, é claro, a androginia quintessencial de *Apollo et Hyacinthus*. Mozart é o mais "teoria de gênero" de todos os compositores de ópera. Alguns dos *monsignori* com quem conversei descreveram Joseph Ratzinger como uma rainha da liturgia ou uma rainha da ópera.

Bento XVI também é um estilo. Por si só, é mesmo uma verdadeira teoria de gênero. *Sua cuinque persona* (a cada um a sua máscara), diz a expressão latina.

O excêntrico papa se torna, desde a sua eleição, o queridinho da imprensa italiana: uma figura da moda, observada sob todos os ângulos a partir de Milão, como outrora Grace Kelly, Jacqueline Kennedy Onassis ou Elizabeth II.

Há que dizer que Bento XVI faz o papel de celebridade. Inicialmente, como acontece com todos os papas, suas roupas foram feitas sob medida por Gammarelli, o célebre "alfaiate clerical", situado a dois passos do Panteão. Ali, naquela lojinha escura, discreta e cara, é possível comprar uma mitra, um barrete, uma camalha, um roquete ou um simples colarinho, todos os tipos de batinas, mantos curiais, bem como as célebres meias vermelhas Gammarelli.

— Somos um alfaiate eclesiástico e estamos a serviço de todo o clero, dos seminaristas aos cardeais, passando pelos padres, bispos e, claro, o santo padre, que é o nosso cliente mais precioso — diz Lorenzo Gammarelli, o responsável pela loja. E acrescenta: — Mas, é claro, quando se trata do papa, nós vamos até o Vaticano, aos seus aposentos.

Durante nossa conversa, no entanto, noto algo estranho. Aqui, veneram Paulo VI, João Paulo II e Francisco, mas o nome de Bento XVI não surge. É como se estivesse entre parênteses.

A afronta feita a Gammarelli continua na memória de todos: Bento XVI fez suas compras na Euroclero, um concorrente, cuja loja está situada perto da Basílica de São Pedro. O seu proprietário, o agora célebre Alessandro Cattaneo, fez uma fortuna na época. Criticado sobre esse ponto essencial da liturgia, o papa Bento XVI volta ao alfaiate oficial, mas sem abandonar a Euroclero: "Não podemos prescindir de Gammarelli!", confessará. Dois costureiros valem mais do que um.

Só dois? Bento XVI se deixou arrebatar pela alta-costura a ponto de ter um séquito de costureiros, chapeleiros e sapateiros agarrados às suas roupas. Logo, é Valentino Garavani quem confecciona sua nova capa vermelha; depois, Renato Balestra que costura sua grande casula, um verdadeiro vestido azul. Em março de 2007, quando visitou um centro de detenção juvenil, o papa apareceu numa extravagante túnica comprida cor-de-rosa!

Num dia de sol, os italianos descobrem, estupefatos, que seu papa usa Ray-Ban; e em breve, ainda com calor, calça seus Geox assinados pelo sapateiro veneziano Mario Moretti Polegato.

Um estranho grupo, aliás, para esse papa tão casto, esses costureiros e sapateiros, alguns dos quais são conhecidos pelos seus costumes "intrinsecamente desordenados". Criticado pelos Ray-Ban, o representante de Cristo na Terra opta por óculos de sol da marca Serengeti-Bushnell, menos pretensiosos; criticado pelos Geox, troca seus sapatos informais por sublimes mocassins Prada brilhantes como batom vermelho.

Os sapatos Prada derramaram muita tinta — centenas de artigos, pelo menos, a ponto de investigações aprofundadas e uma reportagem da apresentadora da CNN, Christiane Amanpour, terem mostrado que, por fim, talvez se não fosse Prada. Se o diabo veste Prada, o mesmo não acontece com o papa!

Bento XVI gosta de trajes extravagantes. Mais do que qualquer papa antes dele, deu ao seu camareiro, aquele que prepara suas roupas, bastante trabalho. E alguns sustos. Numa foto, Ratzinger aparece com um sorriso de adolescente que acaba de fazer uma besteira daquelas. Dessa vez, o papa escondeu do seu alfaiate a sua nova loucura, porque aí está ele, muito alegre, trazendo na cabeça um gorro vermelho enfeitado com arminho. Trata-se do famoso "camauro", em linguagem eclesiástica, ou touca de inverno, que os papas deixaram de usar desde João XXIII. Dessa vez, a imprensa não perdoa e acusa o papa Ratzinger de usar um chapéu ridículo de Papai Noel!

Alerta na santa sé! Incidente no Vaticano! Bento XVI foi intimado a se explicar, o que fez nessa confissão chamada de chapéu de Papai Noel: "Só o usei uma vez. Estava com frio, pura e simplesmente, e minha cabeça é sensível. E disse, uma vez que já temos o camauro, por que não usá-lo? Desde então, me abstive, a fim de não suscitar interpretações excessivas".

Frustrado por esses cabeças-duras rigoristas, o papa voltou, mais classicamente, às suas casulas e camalhas. Mas nossa *queeny* não pararia por aí: eis que sai do armário com uma camalha de veludo vermelho-fluorescente enfeitado com arminho, abandonada depois pelo papa Francisco. Uma verdadeira celebridade, Bento XVI põe de novo na moda a casula medieval em forma de violino!

Há também, é claro, os chapéus. É preciso nos deter um pouco nas suas escolhas ridículas, cuja ousadia supera o bom senso. Se outra pessoa que não um papa usasse aqueles chapéus de duas pontas, aqueles barretes, se não fosse sentenciado diretamente para o purgatório, no mínimo seria parado pelos *carabinieri*. O mais célebre foi um chapéu de caubói, versão *Brokeback Mountain*, de cor vermelho-vivo. Em 2007, a famosa revista americana *Esquire* coloca o papa em primeiro lugar na sua classificação das personalidades, na categoria: "Acessórios do ano".

Acrescentemos um relógio de ouro antigo da marca alemã Junghans, um iPod Nano, gibões cheios de franjas e as famosas abotoaduras que, confessou o papa, lhe "deram um trabalhão": o retrato de Bento XVI está feito. Nem mesmo Fellini, no desfile eclesiástico do seu filme *Roma*, onde não faltavam, no entanto, arminhos meias cor-de-rosa, teria tido a audácia de ir tão longe. E se ousássemos, evocaríamos em seu lugar, para descrever o vaidoso papa, as rimas invertidas de um célebre soneto de Michelangelo: "*Un uomo in una donna, anzio uno dio*" (Um homem numa mulher, antes um Deus).

Devemos a Oscar Wilde o retrato mais fiel do cardeal Ratzinger. O autor descreveu magistralmente o futuro papa no capítulo célebre de *O retrato de Dorian Gray*, em que seu herói se transforma num dândi homossexualizado e se apaixona pelas vestes sacerdotais do catolicismo romano: o culto mesclado com o sacrifício; as virtudes cardeais e os jovens elegantes; o orgulho "que figura pela metade no fascínio do pecado"; a paixão pelo perfume, as joias, os botões de punho com rebordos dourados, os bordados, a púrpura e a música alemã. Está tudo lá. E Wilde conclui: "No uso místico atribuído a esses objetos, havia algo que excitava sua imaginação". E mais: "A insinceridade é, verdadeiramente, algo abominável? Não creio. Não é mais do que um método que nos permite multiplicar nossa personalidade".

Imagino Joseph Ratzinger exclamando, tal como o dândi Dorian Gray, depois de ter experimentado todas as joias, todos os perfumes, todos os bordados e, claro, todas as óperas: "Como a vida era requintada antigamente!".

E depois há Georg. Além dos trajes e dos chapéus, a relação do cardeal Ratzinger com Georg Gänswein foi tão discutida, suscitou tantos boatos, que é necessário abordá-la aqui com a prudência que nem sempre foi a dos polemistas.

O *monsignore* alemão não foi o primeiro protegido do cardeal. Antes de Georg; conhecemos pelo menos mais duas amizades particulares de Ratzinger com jovens assistentes. Ambas as vezes, essas relações vertiginosas foram verdadeiras osmoses, e suas ambiguidades suscitaram boatos recorrentes. Todos esses homens têm em comum uma beleza angelical.

O padre alemão, Josef Clemens, foi, durante muito tempo, o fiel assistente do cardeal Ratzinger. Com um físico interessante (porém dez anos mais velho do que Georg), Clemens teria tido uma verdadeira paixão intelectual súbita pelo jovem padre Gänswein, a ponto de recrutá-lo para ser seu assistente. Seguindo um argumento muito utilizado nas óperas italianas, mas mais raro no repertório lírico alemão, Gänswein, que é assistente do assistente, em breve arranja uma maneira de tomar o lugar de Clemens, sendo promovido e consagrado bispo. Esse *capo del suo capo*, que consiste em se aproximar "do chefe do seu chefe" (a frase é mais bela em italiano), ficará célebre nos anais do Vaticano.

Duas testemunhas diretas no interior da Congregação para a Doutrina da Fé me contaram a intriga dessa verdadeira novela, seus motivos e seus capítulos, e até os "momentos de suspense". Contaram sobre uma "transfiliação" que teria acabado mal — e essa palavra me entusiasmou.

Por falta de espaço, e peço desculpas pelo *spoiler*, vou diretamente para o último capítulo: o fim do suspense é marcado, como deve ser, pela derrota do pobre Clemens, imprudente diante do ambicioso estagiário. Georg triunfa! É amoral, eu sei, mas foi a escolha do roteirista.

Entretanto, o divórcio psicológico se transformou numa querela teatral: discussões em público; golpes baixos de drama queens; procrastinação e indecisão do papa paranoico, que hesita quanto a se afastar da sua "querida grande alma", antes de seguir sua tendência natural; tentativas de intimidação; a recusa de Georg de dar seu novo número de celular a Josef; e, por fim, o

remake e o escândalo público, numa versão moderna de *Duelo de fogo*, através do primeiro episódio da série *VatiLeaks*.

Avesso a conflitos, e ainda mais a escândalos (o caso começa a vazar para a imprensa italiana), Ratzinger consolará o filho repudiado promovendo-o: *promoveatur ut amoveatur*. E Georg se torna o verdadeiro assistente. O Primus.

Antes de chegar a ele, tenho que citar um segundo assistente que também excitou a imaginação de Bento XVI e conheceu uma ascensão rápida: o maltês Alfred Xuereb. Foi o segundo secretário privado do papa, o adjunto de Gänswein — um segundo que não tentou ser califa substituindo o califa. Bento XVI manteve excelentes relações com ele e o levou, no dia da sua partida, para Castel Gandolfo. Pouco depois, teria sido encarregado a Francisco, junto de quem ficou durante pouco tempo. O novo papa — que ouviu os boatos sobre sua maldade e seu maquiavelismo — afastou-o rapidamente sob o pretexto de que precisava de um assistente hispânico: escolherá, para substituí-lo, o prelado argentino Fabián Pedacchio, que conhece de longa data. Alfred Xuereb será, por fim, recolocado junto do cardeal George Pell para velar pelos costumes e as finanças do banco do Vaticano.

Georg é o Marlboro Man. Gänswein tem o físico atlético de um ator de cinema ou de um modelo publicitário. A sua beleza luciferiana é uma mais-valia. Frequentemente ouço falar dele no Vaticano, evocando o encanto dos atores de Visconti. Para uns, Georg é o Tadzio de *Morte em Veneza*: durante muito tempo, também teve cabelo comprido encaracolado; para outros, é o Helmut Berger de *Os deuses malditos*. Poderíamos acrescentar o Tonio de *Tonio Kröger*, talvez por causa dos olhos azuis que fazem transtornar o espírito

(e porque Ratzinger leu Thomas Mann, escritor símbolo das inclinações contrariadas ou reprimidas). Em resumo: Georg é bonito.

Além dos critérios estéticos e superficiais, houve pelo menos quatro razões que explicam a harmonia perfeita que o jovem *monsignore* estabelece com o velho cardeal. Em primeiro lugar, Georg é trinta anos mais novo do que Ratzinger (isto é, mais ou menos a mesma diferença entre Michelangelo e Tommaso dei Cavalieri) e possui uma humildade e ternura pelo papa sem igual. Depois, é um alemão da Baviera, com um olhar vertiginoso, nascido na Floresta Negra, o que lembra a Ratzinger sua própria juventude. Georg é virtuoso como um cavaleiro teutônico e humano, demasiado humano, como o Siegfried de Wagner, sempre à procura de amigos. Tal como o futuro papa, Georg também gosta de música sacra e toca clarinete (a peça preferida de Bento XVI é o *Quinteto com clarinete*, de Mozart).

Por fim, em quarto lugar, a chave dessa amizade tão íntima: Georg Gänswein é um conservador severo, tradicionalista e antigay, que gosta de poder. Vários artigos, desmentidos por ele, dão a entender que conviveria em Écône, na Suíça italiana, com padres da Fraternidade São Pio X do monsenhor Lefebvre, o dissidente de extrema direita — negacionista, antissemita, defensor da missa tridentina e, por fim, excomungado. Outros, principalmente na Espanha, onde fiz diversas entrevistas, e onde Georg passava férias na proximidade de círculos ultraconservadores, julgam-no membro do Opus Dei; também ensinou em Roma na Universidade de Santa Cruz, que pertence a esta instituição. Mas sua adesão à "Obra" nunca foi confirmada nem comprovada. As orientações desse homem entusiasmado são claras, portanto.

Na Alemanha e na Suíça alemã, que visitei mais de quinze vezes, entrevistando amigos e inimigos de Georg Gänswein, seu passado continua suscitando uma boa quantidade de boatos. Espessos dossiês, que circularam

muito, e dizem respeito às suas pretensas ligações com a extrema direita do catolicismo alemão, são conservados por diversos jornalistas que encontrei em Berlim, Munique e Zurique. Será mesmo o dândi venenoso que me dizem que é?

Seja como for, Gänswein está no cerne daquilo a que chamam, na Baviera, das Regensburger Netzwerk. É um movimento de extrema direita onde puderam evoluir o cardeal Joseph Ratzinger, seu irmão Georg Ratzinger (que continua morando em Regensburg), bem como o cardeal Ludwig Müller. A princesa Gloria von Thurn und Taxis, uma milionária monarca alemã que entrevistei no seu Castelo de Regensburg, parece ser, há muito tempo, a senhora padroeira do grupo. A rede contraintuitiva conta também com o padre alemão Wilhelm Imkamp (hoje albergado pela princesa Gloria TNT no seu castelo), ou ainda "o bispo de luxo" de Limburgo, Franz-Peter Tebartz-van Elst, que me recebeu em Roma (foi reintegrado, talvez graças ao apoio do cardeal Müller e do bispo Gänswein, no Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, dirigido pelo arcebispo Rino Fisichella, apesar de um escândalo financeiro: este "monsenhor Bling Bling" mandara restaurar a sua residência episcopal por 31 milhões de euros, suscitando uma imensa polêmica e uma severa sanção do papa Francisco).

Não muito longe da Baviera, uma importante ramificação dessa rede de Regensburg se situa em Coira, na região da Suíça alemã, ao redor do bispo Vitus Huonder e seu ajudante, o padre Martin Grichting. Segundo mais de cinquenta padres, jornalistas e peritos do catolicismo suíço que questionei em Zurique, Illnau-Effretikon, Genebra, Lausanne, St. Gallen, Lucerna, Basileia e, é claro, em Coira, o episcopado da cidade tem a particularidade de reunir homofóbicos de extrema direita e homossexuais praticantes. Esse séquito híbrido e versátil provoca muito o que falar na Suíça.

Para Joseph, Georg é, portanto, aquilo que podemos chamar de um "bom partido". Ele e Ratzinger formam uma bela aliança. O ultraconservadorismo de Gänswein se parece, inclusive na sua esquizofrenia, com o do velho cardeal. Os dois solteirões que se encontraram nunca vão abrir mão um do outro. Viverão juntos no palácio episcopal: o papa, no terceiro andar; Georg, no quarto. A imprensa italiana se interessa pelo casal como nunca fez em relação a rainha alguma — e encontra um apelido para Georg: "Bel Giorgio".

No entanto, a relação de poder entre os dois homens da Igreja não é fácil de decifrar. Alguns escreveram que Georg, sabendo que o papa estava fraco e envelhecia, teria começado a sonhar com um papel semelhante ao de Stanisław Dziwisz, o célebre assistente particular de João Paulo II, que exerceu um poder crescente à medida que o papa declinava. O gosto pelo poder de Gänswein não suscita a menor dúvida quando lemos os documentos secretos do VatiLeaks. Outros acharam que Bento XVI apenas representava o papel secundário e acompanhava seu assistente. Uma relação típica de dominação invertida, concluíram, sem convencerem forçosamente. Com um humor certeiro, como para ridicularizar as fofocas, Georg avançou com a metáfora da neve: "O meu papel é proteger sua santidade da avalanche de cartas que recebe". Acrescentando: "Sou, até certo ponto, o seu limpador de neve na rua". O título de uma das suas entrevistas célebres à *Vanity Fair*, publicada na capa, é: "Ser belo não é pecado". Uma das suas citações!

Exagerado? Esse Narciso contrariado adora se exibir ao lado do santo padre. Existem centenas de fotos dos dois juntos: Don Giorgio agarrando a mão do papa; sussurrando-lhe ao ouvido; ajudando-o a caminhar; entregando-lhe um ramo de flores; colocando delicadamente um chapéu na cabeça, porque este voou. Algumas imagens são ainda mais inesperadas, como aqueles em que, à semelhança de Jack e Jackie Kennedy, Georg aparece de frente para o papa com um grande mantelete vermelho, um casaquinho voando com o

vento, que pousa delicadamente nos ombros do grande homem, num movimento masculino e protetor, para abrigá-lo do frio, antes de enlaçá-lo com ternura e atar a roupa. Nessa série de imagens, Bento XVI está totalmente vestido de branco; quanto a Georg, enverga uma batina negra, com uma leve borda de seda violeta e que conta 86 botões rosa-púrpura. Nenhum assistente particular do papa se pôs alguma vez em uma cena assim — nem Pasquale Macci com Paulo VI, nem Stanisław Dziwisz com João Paulo II, nem Fabián Pedacchio com Francisco.

Por fim, um detalhe. O leitor talvez não lhe atribua nenhuma importância e diga que é uma coisa frequente, um hábito muito difundido e que carece de significado, mas este autor pensa de maneira diferente: nada é pequeno demais para ter um sentido e, às vezes, alguns pormenores nos trazem uma verdade que se tentou esconder durante muito tempo. O diabo, como se sabe, está nos pormenores.

Eis: soube que o papa deu um apelido a Georg — chama-lhe "Ciorcio", pronunciado com um forte sotaque italiano. Não se trata de uma alcunha usada na Cúria, mas sim de um diminutivo afetuoso que só o papa utiliza. Uma maneira, certamente, de distingui-lo do seu irmão mais velho, que tem o mesmo nome, Georg; uma maneira de dizer que essa relação profissional também é uma amizade ou pertence à ordem do "amor de amizade".

O que não devemos subestimar é o ciúme que a presença deste Antínoo letrado ao lado do velho cardeal Ratzinger suscitou na santa sé. Todos os inimigos de Georg no cerne da Cúria vão aparecer, na verdade, quando for divulgado o primeiro caso VatiLeaks. Ao interrogar os padres, os confessores, os bispos ou os cardeais no interior do próprio Vaticano, esse ciúme explode: Georg é descrito alternadamente como "uma bela pessoa", "agradável de se ver", "George Clooney do Vaticano" ou prelado "para paparazzi" (um jogo de palavras perverso com "Papa Ratzi"). Alguns chamam a atenção para o fato de

que sua relação com Ratzinger "dava origem a fofocas" no Vaticano e que quando as fotos de Georg, em equipamento de escalada ou de bermuda justa, apareceram na grande imprensa italiana, o "mal-estar se tornou insustentável". Sem falar na coleção outono-inverno de 2007, lançada por Donatella Versace e chamada "Clergyman": a estilista de moda afirma ter se inspirado no "Belo George". Diante de tais exuberâncias, visivelmente toleradas pelo santo padre, inúmeros cardeais recalcados e *monsignori* ainda no armário ficaram chocados. Seu ressentimento, que também era da ordem do ciúme, foi vivo e desempenhou um papel na falência do pontificado. Georg Gänswein foi acusado de ter enfeitiçado o papa e de, sob a cobertura da humildade, esconder seu jogo: o prelado alemão teria uma ambição de mármore. Já se imaginaria cardeal, ou até "papabile"!

Essas fofocas e esses boatos, que me foram destilados regularmente no Vaticano, sem nunca serem comprovados, deixam sempre uma coisa subentendida: uma relação afetiva.

É, aliás, a tese de um livro de David Berger, *Der heilige Schein* (*A santa impostura*). Berger, testemunha em primeira mão, foi um jovem teólogo neotomista da Baviera que teve uma ascensão rápida no Vaticano, quando se tornou membro da Academia Pontifícia São Tomás de Aquino de Roma e colaborador de diversas revistas da santa sé. Os cardeais e os prelados bajulam — e, por vezes, abordam — esse homossexual ainda no armário, embora nunca tenha sido ordenado padre. O jovem retribui as atenções.

Por razões um pouco misteriosas, o consultor com o ego inflado cai subitamente no ativismo homossexual, tornando-se redator-chefe de um dos principais jornais gays da Alemanha. Sem surpresa, o Vaticano retira de imediato sua acreditação de teólogo.

No seu livro, a partir das próprias experiências, descreve minuciosamente a estética litúrgica homoerótica do catolicismo e a homossexualidade subliminar

de Bento XVI. Fazendo suas confidências de teólogo gay no coração do Vaticano, aproveita para avaliar o número de homossexuais na Igreja em "mais de 50%". Ele vai mais longe, evocando as fotos eróticas e o escândalo sexual do seminário de Sankt Pölten, na Áustria, que enlamearia inclusive o círculo próximo do papa. Pouco depois, numa entrevista ao canal ZDF, David Berger denuncia a vida sexual de Bento XVI, referindo-se a afirmações que ouviu de padres e de teólogos.

Essa operação de exposição do papa suscitou um verdadeiro escândalo na Alemanha, mas não foi além dos meios de comunicação alemães (o livro não foi traduzido para outros países). A razão talvez seja a fragilidade da tese.

Quando me encontro com David Berger em Berlim, ele responde com sinceridade às minhas perguntas e faz seu mea-culpa. Almoçamos num restaurante de imigrantes gregos, apesar da sua oposição ferrenha às políticas de imigração.

— Venho de uma família esquerdista, meus pais eram hippies. Reconheço que tive grande dificuldade em aceitar minha homossexualidade na adolescência e que existiu certa tensão entre o fato de me tornar padre e me tornar gay. Era seminarista e me apaixonei por um homem. Tinha dezenove anos. Mais de trinta anos depois, continuamos juntos — conta Berger.

Quando chega em Roma e se insere naturalmente nas redes gays do Vaticano, David Berger se entrega ao jogo da vida dupla, passando a se encontrar com seu amante regularmente.

— Desde sempre, a Igreja foi um local onde os homossexuais se sentiram em segurança. A chave é essa. Para um gay, a Igreja é "segura".

No seu livro, alimentado pelas suas aventuras romanas, David Berger descreve o universo homoerótico do Vaticano. No entanto, quando acusa o papa e seu secretário, esta testemunha de acusação que caiu no ativismo gay

não apresenta nenhuma prova. Inclusive, é levado a pedir desculpas por ter exagerado os fatos durante sua entrevista à ZDF.

— Nunca contradisse o meu livro, ao contrário do que possam ter dito. Limitei-me a lamentar ter afirmado, na televisão, que Bento XVI era homossexual, quando não tinha provas. Pedi desculpas.

Após nosso almoço, David Berger propõe irmos tomar café na sua casa, a alguns quarteirões de distância, no coração do bairro gay histórico de Schöneberg. Ali, vive rodeado de livros e quadros, num grande apartamento berlinense com uma bela lareira clássica. Continuamos nossa conversa sobre as Regensburger Netzwerk de que fala longamente no seu livro sob o nome de "rede Gänswein". Segundo ele, o bispo Georg Gänswein, o cardeal Müller, o padre Wilhelm Imkamp e a princesa Gloria von Thurn und Taxis pertencem a essa mesma "rede" da extrema direita.

Curiosamente, David Berger compartilha vários pontos de vista com seus detratores. Como eles, evoluiu para determinadas temáticas da extrema direita alemã (AfD), algo que reconhece no decorrer da nossa conversa, justificando-se e insistindo nos dois principais problemas da Europa: a imigração e o islamismo.

— David Berger perdeu muita credibilidade quando se aproximou da extrema direita alemã e do partido ultranacionalista, AfD. Também se tornou obsessivamente antimuçulmano — conta o antigo deputado alemão Volker Beck, entrevistado em Berlim.

A tese de David Berger sobre a homossexualidade de Bento XVI e Georg está enormemente desacreditada hoje em dia. Na verdade, pouco sabemos sobre a relação privilegiada existente entre o papa Bento XVI e seu secretário particular. Ninguém, aliás, mesmo no Vaticano, conseguiu descobrir a verdade. Tudo é da ordem da especulação, e mesmo se George assiste até duas

vezes por dia aos "despertares" do santo padre (o papa faz a sesta) ou almoça e janta com ele a sós, isso não constitui sequer um mero indício de prova.

De longe, os limites dessa amizade parecem confusos; de perto, temos a imagem mais provável: a do "amor de amizade", na grande tradição da Idade Média, casto e de beleza pura. Essa idealização dos amores platônicos, esse sonho de fusão das almas na castidade, corresponde bem à psique de Ratzinger. E talvez seja deste "amor de amizade" que retira sua paixão e sua energia.

Se essa hipótese for verdadeira — como ter certeza? —, podemos pensar que Ratzinger talvez tenha sido mais sincero do que julgaram os ativistas LGBTs, que tantas vezes o censuraram por estar "no armário". Assim, Bento XVI não teria outra ambição que não fosse impor aos outros suas próprias virtudes e, fiel ao seu voto de castidade, com o preço de uma luta dilacerante, teria exigido aos homossexuais que fizessem como ele. Assim, Ratzinger "seria um homem a ser expulso da espécie humana se não tivesse compartilhado e ultrapassado os rigores que impunha aos outros": Chateaubriand tem aqui as palavras certas, a propósito do seu caro abade de Rancé, mas também perfeitamente aplicáveis a Ratzinger.

Se a vida de Joseph Ratzinger continua, portanto, sendo um mistério para todos nós, ao contrário do que alguns afirmaram, a vida privada de Georg é mais aberta. Conversei com padres com os quais morou em Santa Marta, um assistente que trabalhou junto dele e contatos com que se encontrou na Espanha, na Alemanha ou na Suíça. Todas essas fontes me descreveram um padre de grande delicadeza, de uma "beleza sinuosa", sempre elegante, um "ser evidentemente irresistível", mas por vezes "lunático", "volúvel" e "caprichoso"; ninguém fala mal dele, mas dão a entender que, na sua juventude, o loiro teria gostado das noites loucas e, como todos os padres, passou muito do seu tempo entre homens jovens.

O que é certo: Gänswein se interessa pela vida dupla dos cardeais, dos bispos e dos padres. Sempre reservado, esse "maníaco por controle" pediria, segundo várias fontes, notas e informações sobre os prelados gays. Em Sodoma, todo mundo vigia todo mundo — e a homossexualidade está no cerne de muitas intrigas.

Às vezes, a fera viaja também para se evadir da rigidez do Vaticano, frequentar outras paróquias e procurar novas amizades. Belo, prefere se rodear de homens, em vez de dar o flanco aos boatos sobre suas relações com mulheres, que são igualmente numerosos e, ao que parece, infundados.

"É muito conivente", diz um padre entrevistado na Suíça. "É muito sociável", conta outro em Madri. Tem contatos "mundanos", diz um terceiro, em Berlim. Hoje em dia, menos cortejador do que cortejado, dados seus títulos de prestígio, tem relações vantajosas onde seu narcisismo apenas lhe serve como uma vantagem.

Apesar dos boatos e das maledicências, o papa Bento XVI nunca afastou seu favorito; pelo contrário, promoveu-o. Depois do escândalo VatiLeaks, em que Georg está implicado e de que é forçosamente parte responsável, o sumo pontífice renovou-lhe a confiança, nomeando-o simultaneamente prefeito da Casa Pontifícia (grosso modo, chefe de protocolo) e, sobretudo, arcebispo. O ato oficial foi realizado na Epifania, em 6 de janeiro de 2013 — um mês antes da renúncia estrondosa do santo padre —, e podemos datar com essa missa extravagante o fim oficioso do pontificado.

"Bento XVI enlouqueceu!" A frase é de um padre da Cúria que continua estupefato diante do acontecimento a que assistiu, "o mais belo da sua vida". Nunca um papa moderno teve a audácia de tal missa de coroação, tal desmesura, tal loucura para seu belo protegido. No dia da consagração de Georg Gänswein como arcebispo, Bento XVI preside uma das mais belas festas

litúrgicas de todos os tempos. (Cinco pessoas que estavam presentes, entre as quais dois cardeais, contaram a cena, e podemos rever a cerimônia no YouTube, com duração de quase três horas. Consegui também obter o livreto original da missa com as partituras musicais, um documento que conta com 106 páginas! A cerimônia também foi relatada longamente por vaticanistas atordoados. Por fim, o arcebispo Piero Marini, que era mestre das celebrações dos papas João Paulo II e Bento XVI, e Pierre Blanchard, que esteve durante muitos anos na direção da APSA, dois bons conhecedores do protocolo imutável do Vaticano, me explicaram suas regras hieráticas e até a cadeira pontifícia.)

Sob a cúpula grandiosa de Michelangelo e as colunas barrocas de estuque dourado em baldaquino de Bernini, o papa consagra, portanto, Georg, na Basílica de São Pedro de Roma. Teimoso no seu lendário *ostinato rigore* ("obstinado rigor" é a divisa de Leonardo da Vinci), o papa não se esconde como tantos cardeais que ocultam seus protegidos; ele assume em público. Foi o que sempre admirei nele.

Bento XVI fez questão de entregar pessoalmente o anel pastoral à sua excelência bávara Georg Gänswein, numa cerimônia felliniana gravada para sempre na memória das 450 estátuas, quinhentas colunas e cinquenta altares da basílica. Para começar, a procissão, lenta, soberba, coreografada na perfeição; o papa com sua imensa mitra amarelo-topázio e ouro, de pé num pequeno papamóvel de interior, verdadeiro trono com rodas, percorre como um gigante os quase duzentos metros da nave ao som dos metais ardentes, dos belos órgãos e das vozes dos meninos de coro de São Pedro, direitos como círios ainda por acender. Os cálices são incrustados de pedras; os turíbulos soltam fumaça. Nas primeiras filas dessa ordenação episcopal, dezenas de cardeais e centenas de bispos e padres nos seus mais belos trajes

proporcionam uma paleta de cores vermelha, branca e cor de sangue. Flores estavam espalhadas por todos os lados, como para um casamento.

Em seguida, começa a cerimônia propriamente dita. Ladeado pelo secretário de Estado Tarcisio Bertone e pelo incorrigível cardeal Zenon Grocholewski, coconsagradores, o papa fulgurante de orgulho e contentamento fala com uma voz enfraquecida, mas bela. À sua frente, no cruzamento da nave e do transepto, quatro prelados, sendo um deles Georg, estão estendidos de bruços no chão, como manda a tradição. Com gestos rápidos, um padre da cerimônia arruma o hábito de Georg quando não está disposto corretamente. O papa, imóvel e imperturbável no seu trono, está concentrado na sua grande obra, seus "aromas sagrados" e sua chama. Sobre sua cabeça, uma multidão de anjinhos contempla a cena com admiração enquanto os anjos ajoelhados de Bernini estão igualmente comovidos. É a coroação de Carlos Magno! É Adriano que moveu céus e terra, construiu cidades e mausoléus, pôs em movimento todos os escultores do seu império para prestar homenagem ao seu Antínoo! E Adriano vai a ponto de mandar ajoelhar diante do seu protegido uma plateia composta por toda a alta sociedade de Roma, cardeais, embaixadores, diversos homens políticos e antigos ministros e até o presidente do conselho italiano, Mario Monti, em pessoa — todos juntos em genuflexões, protocolo sublime e extravagante.

De repente, o papa toma nas mãos a cabeça de Georg: a emoção está no auge. "O ar fica imóvel." Georg abre um sorriso digno de Leonardo antes de engolfar sua cabeleira entre as mãos soberanas e pontifícias, as câmaras se imobilizam, os cardeais — reconheço Angelo Sodano, Raymond Burke e Robert Sarah, nas imagens — prendem a respiração; os anjinhos bochechudos que sustentam as pias de água benta estão, nesse momento, boquiabertos. "O tempo perdeu o sentido." Dessa vez, entre Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus e Benedictus, a música é bela em São Pedro, calculada com o diapasão por

algumas rainhas da liturgia. O papa acaricia longamente (dezenove segundos) os cachinhos grisalhos do seu George Clooney, com uma infinita delicadeza acompanhada por uma infinita prudência. Mas "o corpo não mente", como gostava de dizer a grande coreógrafa Martha Graham, perita em linguagem corporal.

Claro que o papa sabe dos boatos que correm no Vaticano e o nome do amante que lhe atribuem. Ele, infame? Ele, uranista? Ele, antifísico? Que piada! E agrava seu caso. Que coragem! Que estilo! Ratzinger tem a grandeza de um Oscar Wilde que, quando o previnem do perigo que corre ao manter um relacionamento com o jovem Bosie, apenas se exibe ainda mais com ele; ou de um Verlaine, cuja família lhe pede insistentemente que se afaste do jovem Rimbaud, e que vai viver como ele com mais entusiasmo — o que custou, tanto a Oscar Wilde como a Verlaine, dois anos de prisão. "A injúria dos homens / Que faz ela? / Vai, o nosso coração sabe / Por si só o que somos."

À sua maneira, Joseph Ratzinger se mantém fiel ao seu solteirão, apesar das advertências frenéticas da Cúria. Essa missa cantada é uma confissão grandiosa. E, nesse dia, está radiante. Seu sorriso contido é uma maravilha. Ele, que bebeu do cálice da amargura, não tem medo, naquela manhã, de tomar mais um gole. Está belo. Está orgulhoso. Magnetizado pela própria audácia, ganhou. Revendo-o no vídeo, tão soberbamente patético, talvez nunca tenha gostado tanto dele como nesse momento.

Naquele dia, Georg é consagrado arcebispo pelo santo padre sem que ninguém saiba ainda que Bento XVI tomou a decisão mais espetacular já tomada por um papa: anunciaria sua renúncia pouco tempo depois. Georg já conhecia o segredo? É provável. De qualquer modo, esse dia, para o papa, essa missa de coroação, dedicada ao "Ciorcio", será seu testamento para a história.

Por ora, o carnaval continua. A missa nunca mais acaba, de tal modo que o papa chegará com um atraso de vinte minutos ao Ângelus e terá que se desculpar diante da multidão, impaciente, da praça de São Pedro.

— Foi uma liturgia de celebração! Um espetáculo! Um erro! A liturgia não pode ser um espetáculo — diz com voz embargada, durante uma conversa, Piero Marini, antigo mestre de cerimônias de João Paulo II e Bento XVI.

Mais generoso, um dos seus sucessores, o monsenhor Vincenzo Peroni, mestre de liturgia do papa Francisco, que também contribuiu, na época, para a preparação dessa missa, explica durante um jantar:

— A tal cerimônia mostrava a beleza que revela o rosto e a glória de Deus, e nada é demasiado belo para Deus.

No final, em meio a aplausos contidos — o que é raro —, e dos flashes dos fotógrafos, reconheço *A arte da fuga*, de Bach, tocada por uma orquestra de câmara colocada nos andares superiores da basílica, e uma das "músicas para os olhos" preferidas de Joseph Ratzinger. Ao ritmo constante e seguindo o rigor absoluto de Bach, o imenso cortejo inicia o trajeto em sentido inverso pela nave, enquadrado pelos guardas suíços multicoloridos e os guarda-costas de farda preta.

Extravaganza! Quando passou diante da *Pietà*, uma das mais belas obras do mundo, não seria inverossímil que, do fundo da sua capela, a estátua de Michelangelo tivesse ficado surpresa com o cortejo que se deslocava.

Um fato igualmente fora do comum: ao casamento religioso se seguiu um casamento civil. Depois da missa, mais de duzentos convidados foram chamados a participar numa prestigiosa recepção na grande sala das audiências Paulo VI. Por fim, à noite, de uma forma mais íntima, seria organizado um jantar de gala, nos Museus do Vaticano, pelo papa insolente, que participará pessoalmente, rodeado, para a ocasião, por Leonardo da Vinci, Michelangelo, Caravaggio e Il Sodoma.

O papa Francisco admitiu o camareiro-mor Georg Gänswein na sua dupla função, após a renúncia de Bento XVI e sua própria eleição. Para uma situação inédita, um título inédito: Georg é hoje ao mesmo tempo, secretário particular do papa aposentado e prefeito da Casa Pontifícia do papa em exercício.

Essa dualidade de cargos tem a vantagem de permitir comparações ousadas. E quantas vezes ouvi dizer, em Roma, esta frase atribuída a Georg Gänswein, que teria dito que trabalhava "para um papa ativo e um papa passivo". Nas redações, nas associações, a frase é célebre e repetida sem cessar! Os militantes gays ainda se deleitam com ela! Encontrei essa frase no discurso original, que é sem dúvida infeliz, mas apócrifa. Durante uma conferência, em 2016, Georg compara brevemente os dois papas e afirma: "Desde a eleição de Francisco, não há dois papas, mas, efetivamente, um ministério alargado, com um membro ativo e um membro contemplativo ["*un membro attivo e un membro contemplativo*"]. Eis a razão pela qual Bento XVI não renunciou nem ao seu nome nem à batina branca". A frase, inevitavelmente, foi retirada de contexto, travestida em inúmeros sites gays e retomada infinitas vezes por dezenas de blogueiros. Apesar de nunca terem tratado por "papa ativo" e "papa passivo"!

Georg é um mensageiro entre os dois papas. Foi um dos primeiros a quem Bento XVI comunicou sua intenção de renunciar. Georg teria respondido: "Não, santo padre, isso não é possível". Na época da sua partida definitiva, em 2013, todos o vimos acompanhar o papa durante o voo de helicóptero em direção a Castel Gandolfo — uma imagem jocosamente associada ao papa subindo ao céu ainda vivo! Pouco depois, Georg se mudou, com o sumo pontífice e suas duas gatas, para o Vaticano, para o mosteiro Mater Ecclesiae, por detrás de um portão com guardas e altas grades — o que não acontece com nenhuma outra residência no interior do Vaticano.

Contam que Francisco aprecia a inteligência de Georg, que ele não tem apenas um belo rosto, mas também uma bela cabeça. Sua cultura é vasta, muito germânica, e tão diferente da hispânica do papa que lhe abre perspectivas. Na entrevista à *Vanity Fair*, aquele que gostaria de aparecer como a eminência parda de Bento XVI formulara o voto de "que não se atenham à [sua] aparência física, mas também tomem consciência do homem sob a batina".

Ecce homo. Gostaria de apresentar aqui, para encerrar o capítulo sobre a personalidade de Bento XVI, uma hipótese que pego emprestada em parte da análise sutil e temerária de Freud sobre a homossexualidade de Leonardo da Vinci. Não sou psicanalista, mas fico surpreso, como muitos outros, com o fato de a homossexualidade ter sido uma das questões cardeais, se é que o podemos dizer, da vida e pensamento de Joseph Ratzinger. É um dos teólogos que mais estudou sobre esta questão. Em certa medida, a questão gay permeia sua vida e isso o torna bastante interessante.

Freud acredita que não existe nenhuma vida humana sem desejo sexual em sentido amplo, libido que perdura necessariamente com o sacerdócio, mais que não seja sob formas sublimadas ou reprimidas. Para Leonardo da Vinci, trata-se, diz Freud, da homossexualidade recalcada no saber, na investigação, na arte e na beleza não consumida dos garotos (investigações recentes contradisseram severamente Freud, uma vez que o pintor foi na verdade homossexual praticante). Leonardo da Vinci escreveu, aliás, nos seus cadernos, esta frase muitas vezes comentada: "A paixão intelectual expulsa a sensualidade".

Parece que podemos fazer uma hipótese semelhante em relação a Joseph Ratzinger, com toda a prudência necessária: certa homossexualidade latente foi sublimada na vocação e recalcada na investigação? A estética literária e

musical, os gestos afeminados, as extravagâncias no vestuário e o culto da beleza dos rapazes seriam indícios disso? Trata-se apenas de um "bovarismo", que consiste em viver a vida própria através das de personagens de romance, para não ter que se confrontar com o real?

A vida de Ratzinger cabe inteiramente no horizonte das suas leituras e dos seus escritos. Teria tido que construir sua força a partir de uma inflexibilidade interior e secreta? Que a atividade intelectual ou estética seja uma derivação do desejo é um processo psicossexual bem conhecido tanto da vida artística e literária quanto da vida sacerdotal. Se quisermos seguir pela linha de Freud, podemos falar de um complexo de Édipo sublimado em "neurose obsessiva": um complexo de Prometeu?

Aquilo que sabemos da vida emocional de Bento XVI é limitado, mas esse pouco já é mais do que significativo: sua tendência segue em uma única direção. Com base nos músicos de que Joseph Ratzinger gosta, nas figuras andróginas que valoriza nas óperas que o encantam, nos escritores que lê, nos amigos de que se rodeia, no seu irmão, nos cardeais que nomeia, nas inúmeras decisões contra os homossexuais e até na sua queda final, que está intimamente ligada à questão gay, podemos elaborar a hipótese de que a homossexualidade tivesse sido "o espinho na carne" de Joseph Ratzinger.

Que tenha sido o mais atormentado dos homens e oprimido pelo pecado ou, pelo menos, pelo sentimento do pecado, não é alvo de nenhuma dúvida: nisso, é uma figura trágica. Que esse recalque explique sua "homofobia interiorizada" é uma hipótese sugerida com frequência por um número ilimitado de psicanalistas, psiquiatras, padres ou teólogos progressistas e, claro, militantes gays, incluindo o jornalista Pasquale Quaranta que me propôs inclusive a expressão "síndrome de Ratzinger" para definir esse modelo arquetípico da "homofobia internalizada".

Raramente um homem se bateu, a esse ponto, contra sua "paróquia" — e essa obstinação acabou por se tornar suspeita. Bento XVI teria feito os outros pagarem pelas suas próprias dúvidas. No entanto, me parece que essa explicação baseada em psicologia barata é frágil porque, ao analisarmos de perto os textos de Joseph Ratzinger, descobrimos seu segredo mais querido — e a nuance é a dimensão. Considerarei antes uma outra hipótese segundo a qual ele não seria, na verdade, um "homossexual homofóbico", como se disse com tanta frequência, se entendermos a palavra no sentido de uma aversão profunda e geral em relação aos homossexuais. Na realidade, o cardeal Ratzinger teve sempre o cuidado, e nenhum prelado o fez tão claramente como ele, de distinguir duas formas de homossexualidade. A primeira, a homossexualidade vivida e valorizada, a identidade e a cultura gay que são intrinsecamente desordenadas. Aquilo que Ratzinger repudia com a mais clara severidade é o ato sexual. As fraquezas da carne, a sexualidade entre homens, eis o pecado.

Em compensação, e esse ponto me parece ter sido negligenciado, há uma homossexualidade que Ratzinger nunca repudiou, erigindo-a até em modelo incontornável, bem superior a seus olhos ao amor carnal entre um homem e uma mulher. Trata-se da homossexualidade ascética, aquela que foi corrigida por "legislações sobre-humanas": a luta contra si mesmo, luta enérgica, luta incessante, luta verdadeiramente diabólica e que, por fim, desabrocha na abstinência. Essa vitória sobre os sentidos é o modelo para que tendem a personalidade e a obra de Ratzinger. Nietzsche já tinha nos prevenido quando fez do eunuco, em *O crepúsculo dos ídolos*, o modelo ideal da Igreja: "O santo que agrada a Deus é o castrado ideal".

Afinal de contas, poderíamos dizer que, apesar de repudiar as pessoas LGBT, Ratzinger não tem a mesma dureza em relação àquele que hesita, àquele que procura por si mesmo, esse agnóstico da sexualidade, àquele que está se

questionando, ou o "Q" de que falam os americanos, e que os fez forjar uma nova sigla: LGBTQ. Grosso modo, entre os gays, o papa estaria disposto a salvar aqueles que renunciam, aqueles que não cometem "atos de homossexualidade" e permanecem castos.

Ratzinger forjou e repetiu esse ideal do santo homossexual abstinente nas suas encíclicas, de moto próprio, exortações apostólicas, cartas, trechos de livros ou entrevistas. Podemos analisar o texto mais elaborado e que tem um valor importante: os artigos-chave do *Novo catecismo da Igreja católica* (1992). Sabemos que o cardeal Ratzinger foi o seu redator-chefe, assistido por um jovem e talentoso bispo de língua alemã, que o professor Ratzinger teve como aluno e pôs sob sua asa — Christoph Schönborn. Se o esforço é coletivo, entre as mãos de uma quinzena de prelados, alimentados por milhares de bispos, foi Ratzinger que coordenou o conjunto e redigiu pessoalmente, com Schönborn e o bispo francês Jean-Louis Bruguès, os três artigos-chave relativos à homossexualidade (§ 2357 ss.). A parte em que estão agrupados é intitulada, aliás, de forma bem clara: "Castidade e homossexualidade".

No primeiro artigo, o *Catecismo* se limita a afirmar que "os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados". Depois de ter referido que aquelas pessoas que têm "tendências homossexuais profundamente radicadas" constituem um "número considerável", que para elas é "uma provação" e que devem ser "acolhidas com respeito, compaixão e delicadeza", o *Catecismo* se abre à grande teoria de Ratzinger. "Os homossexuais são chamados à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã."

A perfeição cristã! Os homossexuais não pediam tanto! Podemos pensar que o verdadeiro redator do texto, Ratzinger, se revela maravilhosamente aqui ao valorizar os homossexuais "abstinentes" depois de ter condenado os homossexuais "praticantes" (os outros dois redatores, Schönborn e Bruguès, são mais progressistas do que ele a esse respeito).

Eis a proposta binária: repúdio das práticas e do "exercício" da homossexualidade; idealização da castidade e da homossexualidade "não consumada". O praticante é censurado; o não praticante é louvado. Um pensamento de uma esquizofrenia abissal, se refletirmos sobre ele. Aqui, estamos no cerne, na quintessência, do sistema ratzingeriano.

Aliás, o papa Bento XVI voltará lá como um belo diabo. Em vários livros e entrevistas, repetirá suas frases sob um arco-íris de formulações. Por exemplo, em *Luz do mundo*, livro de entrevistas oficiais: "Se alguém tem tendências homossexuais profundas — ignoramos até hoje se são verdadeiramente inatas ou se aparecem na primeira infância —, se essas tendências têm essa pessoa em seu poder, isso é para ela uma grande provação... Mas não significa que seja, todavia, justa". O jornalista, habitualmente menos temerário, contra-ataca com o fato de haver inúmeros homossexuais na Igreja. Ao que Bento XVI responde: "Isso também faz parte das dificuldades da Igreja. E as pessoas em questão devem, no mínimo, tentar não ceder ativamente a essa tendência a fim de permanecerem fiéis à missão inerente ao seu ministério".

Conhecemos bem esta homossexualidade "dominada": é mais Platão e o amor platônico do que Sócrates e os amores socráticos; é santo Agostinho heterossexual volúvel, é certo, mas que luta duramente contra si próprio e atinge a santidade se tornando casto; são Häendel, Schubert, Chopin e talvez Mozart; são Jacques Maritain e o André Gide dos primeiros tempos; são François Mauriac e o jovem Julien Green; é o Rimbaud sonhado por Claudel, que o imagina abstinente; são Leonardo da Vinci e Michelangelo antes de se

renderem ao ato. Dito de outro modo: todas as paixões intelectuais e artísticas de Joseph Ratzinger.

Aceitar o homossexual desde que ele renuncie à sua sexualidade: a aposta de Ratzinger é ousada. E que homem heroico, à força de flagelação, pode atingi-lo? Um Ratzinger, talvez, ou, à força de sacrifícios, um replicante ou um Jedi! Para todos os outros, os "normais" que sabem bem que a abstinência é antinatural, o pensamento de Bento XVI conduz inevitavelmente à vida dupla e, como diz Rimbaud, aos "velhos amores ilusórios" e aos "casais mentirosos". No seu princípio, o projeto ratzingeriano estava votado ao fracasso e à hipocrisia — tanto por todo mundo como no cerne da própria Casa Pontifícia.

Foi longe demais nesse elogio da abstinência que condena bem mais a prática do que a ideia? Não abriu ele benignamente a porta a inúmeras hipocrisias numa Igreja que se homossexualiza a passos largos? Na verdade, o cardeal Ratzinger viu bem a armadilha e o limite da sua grande teoria. Então, em 1986, com a ajuda do episcopado americano que lhe sopra uma versão do texto, afina as coisas na sua célebre *Carta aos bispos da Igreja católica sobre o atendimento pastoral dos homossexuais* — o primeiro documento de toda a história do cristianismo dedicado unicamente à questão. Lembrando que é preciso fazer a distinção entre a "condição" e a "tendência" homossexual, por um lado, e os "atos" homossexuais, por outro, o cardeal Ratzinger confirma que só estes últimos, os atos, são "intrinsecamente desordenados". Mas acrescenta de imediato uma restrição de peso: considerando as interpretações "excessivamente benévolas" que pôde verificar, convém lembrar que "a própria inclinação" é ruim, apesar de não ser pecado. A indulgência tem limites.

Mais do que talvez qualquer homem da sua geração, Joseph Ratzinger terá ido contra a história — e sua própria vida. O seu raciocínio, de uma perversidade absoluta, logo justificará as discriminações em relação aos homossexuais, incitará à sua demissão no trabalho ou no exército, validará a

recusa de contratação ou o acesso à habitação. Ao legitimar a homofobia institucional, o cardeal e, em seguida, o papa, confirmará, contra sua vontade, que seu poder teológico não o precaveu contra os preconceitos.

Talvez não tivesse outro jeito? É preciso manter em mente que Joseph Ratzinger nasceu em 1927 e que já tinha quarenta anos na época da "libertação" gay de Stonewall. Tornou-se papa aos 78 anos, já um ancião. Seu pensamento é de um homem que ficou preso às ideias homofóbicas do seu tempo.

Definitivamente, e mais do que no início da minha investigação, sinto ternura por esse homem perturbado, aferrolhado, impedido, por essa figura trágica cujo anacronismo me persegue. Esse intelectual de primeira categoria pensou em tudo — menos na questão mais essencial para ele. Um homem de outra época a quem uma vida não chegou para resolver o próprio conflito interior quando, hoje, dezenas de milhões de adolescentes, bem menos letrados ou inteligentes do que ele, conseguem, em todo o mundo, decifrar o mesmo enigma em alguns meses, antes dos dezoito anos.

Vivo me perguntando como, talvez, em outro lugar ou em outro tempo, um Michelangelo qualquer teria podido ajudá-lo a revelar sua identidade enterrada no mármore, e acordar esse homem "no armário", esse Atlas, esse Escravo, esse Prisioneiro jovem ou barbudo, como aqueles que podemos ver, esplêndidos, brotar da pedra, na Galleria dell'Accademia em Florença. Não deveríamos, finalmente, ter respeito por esse homem que amou a beleza e lutou contra si mesmo durante toda a sua vida, um combate ilusório e patético, com certeza, mas, em última instância, sincero?

Independentemente de qual possa ser a verdade sobre esta questão — uma verdade que talvez nunca venhamos a conhecer —, prefiro me restringir a essa hipótese generosa de um sacerdote escolhido para se proteger de si mesmo,

uma conjectura que restitui uma humanidade e uma ternura a um dos homofóbicos mais assíduos do século xx.

Naturam expelles furca, tamen usque recurret, escreve Horácio ("Expulsa a natureza com uma forquilha, que ela regressa a correr" ou "o que o berço dá, a tumba o leva"). Pode alguém dissimular durante tanto tempo sua verdadeira natureza? Uma das frases mais reveladoras do pontificado de Bento XVI, e também uma das mais extraordinárias, embora aparentemente anedótica, figura no seu livro de entrevistas oficiais, *Luz do mundo*. Nessa longa entrevista, publicada em 2010, ele retoma a imensa polêmica mundial suscitada pelas suas afirmações obscurantistas sobre a aids (declarara, quando da sua primeira viagem à África, que a distribuição de preservativos apenas "agravaria" a epidemia). Pretende, portanto, corrigir suas afirmações e fazer com que o compreendam melhor. E de súbito, na sua resposta, afirma: "Pode haver casos particulares, por exemplo, quando um profissional do sexo utiliza um preservativo, pois isso pode ser um primeiro passo na direção da moralização... Mas não é a maneira verdadeira de combater o mal que o vírus HIV representa. A melhor resposta reside forçosamente na humanização da sexualidade".

Freud teria adorado essa frase e, sem dúvida, a teria dissecado com a mesma minúcia que a recordação de infância de Leonardo da Vinci. O que é absolutamente extraordinário aqui não é a frase do papa sobre a aids, mas o seu *lapsus linguae* reforçado por um *lapsus calami*. Pronunciada oralmente e relida depois de escrita, a frase foi validada duas vezes (verifiquei no original, foi realmente escrita com esse artigo masculino: *ein Prostituierter*, pp. 146-7 da edição alemã). Na África, onde a grande maioria dos casos de aids está relacionada com heterossexuais, a única concessão que ele aceita fazer se relaciona com "um" profissional do sexo (masculino). Nem sequer uma

prostituta. O artigo deveria ser, segundo toda a lógica, feminino (uma), ou, no mínimo, plural ("os" profissionais do sexo). Nenhum heterossexual dirá espontaneamente "um" profissional do sexo; utiliza sempre, sem sequer pensar, o feminino. Mas Bento XVI, quando evoca a prostituição na África, e por mais que lhe custe, os imagina homens! Nunca um lapso foi tão revelador e já nem conto o número de padres, bispos, jornalistas ou militantes gays que me citaram essa frase, incomodados ou radiantes, e por vezes às gargalhadas. Esse duplo *lapsus linguae* e *calami* ficará sendo, sem dúvida, uma das mais belas confissões de toda a história do catolicismo.

21. O vice-papa

A imagem é tão irreal que poderíamos pensar que foi editada. O cardeal secretário de Estado Tarcisio Bertone pontifica em majestade: está sentado numa cadeira alta, colocada sobre um estrado azul, e usa sua mitra debruada de vermelho. Assim, graças a este triplo subterfúgio disposto em andares — o estrado, o trono, a mitra —, parece um gigante um pouco assustador. Está imóvel, como um imperador durante uma coroação, a menos que, na verdade, seja um caso de excesso de cálcio.

À sua direita, o cardeal Jorge Bergoglio parece muito pequeno: sentado numa simples cadeira de metal, fora do estrado, está apenas vestido de branco. Bertone traz óculos escuros estilo aviador; Bergoglio, seus óculos grossos de leitura. A casula de Bertone, dourada, termina numa renda branca que me remete aos guardanapos da minha avó; no pulso, cintila um relógio que foi identificado como sendo um Rolex. A tensão entre os dois homens é palpável: Bertone fita o que tem à frente. Com um olhar inquisidor, imóvel como uma múmia; Bergoglio tem a boca aberta de estupefação, talvez diante desse César pedante.

A imagem, fácil de encontrar no Google e no Instagram, data de novembro de 2007, foi feita durante uma viagem do secretário de Estado à Argentina, para uma cerimônia de beatificação. Na época, Bertone era a personalidade mais poderosa da Igreja católica depois de Bento XVI: era conhecido como "o vice-papa". Alguns anos depois, seria colocado na geladeira; quanto a Bergoglio, seria eleito sumo pontífice sob o nome de Francisco.

Tarcisio Bertone nasceu em 1934, no Piemonte. Compartilha com Angelo Sodano, seu predecessor na Secretaria de Estado, essa origem: o norte da Itália. Ao lado de Sodano, é o segundo grande vilão deste livro. E, claro, nesse grande teatro shakespeariano que a Cúria Romana sempre foi, esses dois gigantes de vaidade e rigidez viriam a se tornar "inimigos complementares".

Bertone, filho de camponeses das montanhas, é um salesiano, uma congregação católica fundada na Itália que coloca a educação no coração da sua missão. A sua carreira foi serena durante muito tempo. Durante trinta anos, não dá o que falar: é padre e ensina. Claro, discretamente, vai estabelecendo uma rede de contatos; o que lhe permite ser nomeado, aos 56 anos, arcebispo de Vercelli, na sua cidade natal, Piemonte.

Um dos homens que o conhecem bem nessa época é o cardeal Raffaele Farina, também ele salesiano, que nos recebe, eu e Daniele, no seu apartamento no interior do Vaticano. Da sua janela, é possível ver os aposentos do papa, a poucos metros, e um pouco mais longe, os terraços espetaculares dos cardeais Giovanni Battista Re e Bertone. Mais longe ainda, o terraço da cobertura de Angelo Sodano. Todos esses octogenários se observam, quais cães de caça, com inveja e animosidade, das suas respectivas janelas. Uma verdadeira guerra de terraços.

— Eu presidia a Universidade Salesiana quando Bertone se juntou a nós — conta Farina. — Foi meu adjunto. Conheço-o bem e nunca o teria nomeado secretário de Estado do Vaticano. Gostava de viajar ou ajustar suas contas pessoais. Fala muito, sobretudo italiano e um pouco de francês; tem muitos contatos internacionais; mas falhou na Universidade Salesiana antes de estragar tudo no Vaticano.

E o cardeal Farina acrescenta, como se divagasse:

— Bertone estava sempre mexendo as mãos. É um italiano do norte que fala com as mãos como um homem do sul!

Farina conhece todos os segredos do Vaticano. Tornado cardeal por Bento XVI, de quem é próximo, foi nomeado por Francisco para presidir a importante comissão de reforma do banco do Vaticano. Sabe tudo sobre finanças, corrupção e homossexualidade no Vaticano, e falamos demoradamente sobre esses temas, com uma liberdade espantosa, ao longo de várias conversas.

No final de um dos nossos encontros, Farina propõe nos acompanhar. Entramos no seu pequeno automóvel, um Volkswagen "Up!", e acabamos nossa conversa a bordo do veículo diplomático do Vaticano que ele próprio dirige, aos 85 anos. Passamos diante do edifício do apartamento do cardeal Tarcisio Bertone e, em seguida, diante do de Sodano. Percorremos as ruas íngremes do Vaticano, entre as cerejeiras em flor, sob o olhar vigilante dos gendarmes que sabem por experiência própria que o cardeal Farina já não está com os reflexos tão bons. Eis que ele não respeita um sinal vermelho; e agora entra na contramão; de todas as vezes, os gendarmes fazem-lhe muitos sinais e reorientam-no calmamente. Sãos e salvos, chegamos à Porta de Santa Ana, após alguns sustos, e com uma recordação maravilhosa de uma conversa com um cardeal que falou muito. E quanto!

Bertone está senil? É o que todos me dão a entender hoje em dia, no Vaticano. De fato, é difícil encontrar um prelado ou um núncio que o defenda, apesar de essas críticas tão excessivas, que emanam precisamente dos mesmos indivíduos que no passado o enalteceram, não levarem em consideração as raras qualidades de Bertone. Entre as quais: sua grande capacidade para o trabalho, sua fidelidade aos homens, seu sentido para criar redes no episcopado italiano, seu dogmatismo ratzingeriano. Mas, por falta de autoridade natural, é, como muitos incompetentes, autoritário. Os que o conheceram em Gênova descrevem-no como um homem formalista, cheio de

si, e que, no palácio onde recebia, tinha a sua corte de jovens celibatários e solteirões.

— Ele nos fazia esperar como se estivéssemos numa audiência com o papa — conta, descrevendo a cena, o antigo embaixador da França no Vaticano, Pierre Morel.

Um dos antigos alunos de Bertone, quando este ensinava direito e francês, um padre que encontrei em Londres, diz, no entanto, que "era um professor muito bom e muito divertido". Bertone gostava de citar, revela a mesma fonte, Claudel, Bernanos ou Jacques Maritain. Numa troca de correspondência, Bertone confirma suas leituras; pede também desculpa pelo francês um pouco enferrujado e agradece por ter lhe "refrescado" a memória ao lhe oferecer uma obra: o famoso livrinho branco.

Para muitos, Tarcisio Bertone atingiu o seu nível de incompetência na Secretaria de Estado. O cardeal Giovanni Battista Re, ex-ministro do Interior de João Paulo II e inimigo de Bertone, revela, pesando as palavras:

— Bertone estava muito bem na Congregação para a Doutrina da Fé, mas não estava preparado para o cargo de secretário de Estado.

Dom Julius, o confessor da Basílica de São Pedro, que conviveu com Bertone e talvez o tenha confessado, acrescenta:

— Era presunçoso e um péssimo professor de direito canônico.

Os confessores de São Pedro, na sua maioria homossexuais, constituem uma fonte interessante de informações sobre o que acontece no interior do Vaticano. Instalados num edifício antigo, na Piazza di Santa Marta, vivem em "celas" privativas e belas salas de jantar coletivas. Muitas vezes, marquei meus encontros lá, no parlatório que, bem situado no centro nevrálgico da santa sé, é o local mais discreto possível: ninguém incomoda um confessor que confessa... ou se confessa.

Desse posto de informação situado entre o Palácio da Justiça e os escritórios da gendarmaria vaticana, a dois passos da residência do papa Francisco e em frente ao apartamento de Bertone, os confessores veem tudo e sabem tudo. Paolo Gabriele ficou encarcerado em sua própria residência após o caso VatiLeaks: pela primeira vez, as "celas" tinham se tornado uma prisão de verdade.

Anonimamente, os confessores de São Pedro me contam tudo. Sabem qual é o cardeal que está implicado naquele caso de corrupção; quem dorme com quem; que belo assistente vai se juntar, à noite, ao seu chefe no seu apartamento de luxo; quem gosta dos guardas suíços ou prefere os gendarmes mais viris.

Sem quebrar o voto de segredo da confissão, um dos padres testemunha:

— Nenhum cardeal corrupto nos diz, em confissão, que é corrupto! Nenhum cardeal homossexual nos confessou a sua orientação! Falam sobre coisas estúpidas, de pormenores sem importância. E, no entanto, sabemos que são de tal modo corruptos que já não fazem a menor ideia do que é corrupção. Mentem inclusive na confissão.

A carreira de Bertone decola verdadeiramente quando é chamado por João Paulo II e Joseph Ratzinger para ser o número dois da importante Congregação para a Doutrina da Fé. Estamos em 1995; ele tem sessenta anos.

Para um homem rígido, ser nomeado para o lugar mais doutrinário de toda a Igreja é uma bênção. "A rigidez ao quadrado", diz um padre da Cúria. É aí que Bertone adquire a má fama de policial do pensamento.

O monsenhor Krzysztof Charamsa, que trabalhou no palácio do Santo Ofício durante longos anos, compara-o a uma "sucursal da KGB", um "verdadeiro sistema totalitário opressor que controlava as almas e as camas". Bertone exercia pressão psicológica sobre determinados bispos homossexuais?

Fazia um cardeal qualquer ficar sabendo que existia um dossiê sobre ele e que era melhor ele tomar cuidado? Algumas testemunhas garantem que era assim. Charamsa se esquiva sobre o assunto, quando lhe pergunto.

Seja como for, essa maneira de trabalhar na Congregação origina seu apelido: Hoover.

— É um Hoover menos esperto — corrige, no entanto, o arcebispo que me revelou esse apelido e narrou essa interessante comparação com o fundador do FBI americano.

Hoover, que dirigiu a polícia federal dos Estados Unidos durante quase cinquenta anos, juntava uma compreensão dos homens e das situações a uma organização estrita da sua existência compartimentada. Lutando de forma incessante e diabólica contra si mesmo, elaborou dossiês secretos muito bem fundamentados sobre a vida privada de inúmeras personalidades e políticos americanos. Sabemos hoje que essa dedicação ao trabalho fora do comum, esse gosto dos mais perversos pelo poder, essa obsessão anticomunista, tinham um segredo por trás: também era homossexual. Aquele que gostava de se travestir em privado viveu grande parte da sua vida esquizofrênica com seu principal adjunto, Clyde Tolson, que nomeou diretor-adjunto do FBI antes de torná-lo seu herdeiro.

A comparação com Bertone só funciona em alguns pontos, pois a cópia se difere bastante do modelo, mas a psicologia está presente. Bertone é um Hoover que não foi bem-sucedido.

Em 2002, Tarcisio Bertone é nomeado arcebispo de Gênova por João Paulo II e tornado cardeal por insistência de Joseph Ratzinger. Alguns meses após sua eleição, Bento XVI o chama para substituir Angelo Sodano como secretário de Estado: torna-se primeiro-ministro do papa.

O arrivista de sucesso tem, a partir de então, todos os poderes. Tal como Sodano, que foi verdadeiramente o vice-papa durante os últimos dez anos do

pontificado de João Paulo II devido à longa doença do santo padre, Bertone torna-se vice-papa graças ao desinteresse manifesto de Bento XVI pela gestão dos assuntos do dia a dia.

Segundo várias fontes, Bertone teria instituído um sistema de controle interno feito de comunicações, fichas, monitoramento, toda uma cadeia de comando com ele no topo para proteger os segredos do Vaticano. Esse sistema teria lhe permitido se manter no poder por muitos anos se ele não tivesse se deparado com duas complicações imprevistas nesse percurso sem mácula: em primeiro lugar, o caso VatiLeaks e, ainda mais inesperada, a "renúncia" de Bento XVI.

Apesar de menos organizado do que Hoover, Bertone sabe, como ele, corrigir seus defeitos com a escolha dos seus homens. Assim, aproxima-se de um tal Domenico Giani, que nomeia para a chefia do Corpo della Gendarmeria do Vaticano, apesar da oposição do cardeal Angelo Sodano, que espera continuar controlando as marionetes pessoalmente. À frente de uma centena de gendarmes, inspetores e policiais, esse antigo oficial da Guardia di Finanza italiana viria a se tornar o braço direito de Bertone para todos os assuntos e missões secretas.

— Os responsáveis da polícia italiana são muito críticos em relação à gendarmaria vaticana que se recusa a cooperar conosco e utiliza as zonas de extraterritorialidade e a imunidade diplomática para encobrir determinados casos. As relações foram ficando cada vez mais tensas — afirma um responsável italiano.

Num livro polêmico, mas que contém informações fornecidas por Georg Gänswein e por um assistente de Bertone, o ensaísta Nicolas Diat dá a entender que Domenico Giani estaria sujeito a influências, sem especificar se se trata de maçonaria, lobby gay ou serviços secretos italianos. Um cardeal, que cita, considera que ele é "culpado de alta traição" e seria um "dos

exemplos mais graves de infiltração na santa sé". (Essas insinuações nunca foram provadas, nem sequer confirmadas; foram desmentidas vigorosamente pelo porta-voz do papa Bento XVI; e o papa Francisco renovou sua confiança em Giani.)

Com a ajuda de Domenico Giani e dos serviços técnicos do Vaticano, Bertone vigia a Cúria. Centenas de câmaras são instaladas em toda parte; as comunicações são filtradas. É considerado autorizar um único modelo de celular particularmente seguro. Protesto coletivo dos bispos! Recusam-se a ser colocados desse modo sob escrutínio! A tentativa de padronizar os celulares vai falhar, mas o controle acontecerá. (O cardeal Jean-Louis Tauran me confirmou esse ponto.)

— Os meios de comunicação, os telefones e os computadores são filtrados e controlados estritamente pelo Vaticano. Assim, sabem tudo o que se passa na santa sé e, se for caso disso, têm provas contra aqueles que podem causar problemas. Mas, em geral, guardam tudo isso para eles — afirma o ex-padre Francesco Lepore, que foi, pessoalmente, alvo de vigilância antes da sua demissão.

O ex-ministro do Interior de João Paulo II, Giovanni Battista Re, que questiono sobre este tema, na presença de Daniele, duvida, no entanto, que o Vaticano tenha tido os meios para uma vigilância desse tipo:

— Por definição, no Vaticano, o secretário de Estado sabe tudo e, claro, tem dossiês sobre todos. Mas não penso que Bertone fosse tão organizado que fizesse fichas sobre todas aquelas pessoas.

Como a maior parte dos sistemas de vigilância, o de Bertone-Giani suscitou estratégias para burlá-lo ou evitá-lo. Os prelados da Cúria, em sua maior parte, começaram a utilizar aplicativos seguros como Signal ou Telegram; também adquiriram um segundo celular, com o qual podem tranquilamente falar mal do secretário de Estado, discutir os boatos sobre seus

correligionários ou socializar no Grindr. No interior do Vaticano, onde a rede é particularmente filtrada, esse segundo telefone permitia transpor o firewall diretamente, ou a partir do computador ao compartilhar dados móveis, e acessar endereços proibidos, como os sites eróticos pagos ou gratuitos do tipo YouPorn.

Certo dia, em que estou hospedado no apartamento privado de um bispo, no interior do Vaticano, fazemos uma experiência. Testamos diversos sites eróticos e somos bloqueados por uma mensagem: "Se desejar desbloquear este site, ligue, por favor, para o número interno 181, para 83511 ou para 90500". Que controle parental eficiente!

Volto a fazer a mesma experiência, alguns meses depois, a partir do apartamento de um bispo, ainda no interior do Vaticano, e dessa vez leio na tela que "o acesso à página procurada" foi bloqueado com base "na política de segurança" do Vaticano. É indicado um motivo: "Conteúdo adulto". Posso utilizar a tecla "Enviar" para pedir o desbloqueamento.

— Os membros importantes do Vaticano acham que não estão sujeitos a essa supervisão. Deixam que façam o que quiserem; mas, se um dia se tornarem um "obstáculo", o que sabem sobre eles poderá ser utilizado para controlá-los — conta Francesco Lepore.

A pornografia, essencialmente gay, é um fenômeno tão frequente no Vaticano que minhas fontes falam em "graves problemas de adição entre os prelados da Cúria". Alguns padres recorreram inclusive a serviços destinados a lutar contra tais vícios, como o NoFap, um site especializado cuja sede está situada numa igreja católica da Pensilvânia.

Essa vigilância interna foi se ampliando durante o pontificado de Bento XVI, à medida que os casos, os boatos e, claro, o primeiro escândalo VatiLeaks, se multiplicaram. Sendo Tarcisio Bertone visado pessoalmente por essas fugas, sua paranoia piorou. Começará a procurar microfones nos seus aposentos

privados, a desconfiar dos seus colaboradores e demitirá seu motorista, que suspeita ser informante do cardeal Sodano.

Durante esse tempo, a máquina do Vaticano dá os primeiros sinais de que algo não vai bem. Encarregado das relações internacionais, mas falando mal as línguas estrangeiras, Bertone se isola dos episcopados locais e multiplica os erros. Pouco diplomático, concentra-se no que conhece melhor, a saber, a política partidária italiana e as relações com os dirigentes do país que entende bem gerir ao vivo (esse ponto foi confirmado por dois presidentes da CEI, os cardeais Camillo Ruini e Angelo Bagnasco).

O secretário de Estado de Bento XVI também está rodeado de colaboradores sem envergadura que suscitam alguns boatos. É o que se passa com o doravante célebre Lech Piechota, o assistente preferido de Bertone, com quem parece ter uma relação simbiótica, como Ratzinger com Georg Gänswein ou João Paulo II com Stanisław Dziwisz.

Tentei, sem êxito, entrevistar Piechota. Após o final do pontificado de Bento XVI, esse padre polonês foi realocado, deram a entender, no Conselho Pontifício para a Cultura. Numa das minhas inúmeras visitas a esse Ministério, procuro ter notícias de Piechota e saber por que alguém que nunca se interessou pelas artes se enfiou ali? Teria um talento artístico escondido? Estaria na geladeira? Tento compreender, inocentemente.

Decidido a descobrir, questiono, em duas ocasiões, os responsáveis pelo Ministério da Cultura sobre Piechota. Está ali? A resposta é categórica:

— Não sei de quem está falando. Não está aqui.

Uma resposta estranha. Lech Piechota figura no Annuario Pontificio como encarregado de missão no Conselho Pontifício para a Cultura, ao lado dos nomes do padre Laurent Mazas, do padre Pasquale Iacobone e do bispo Carlos Azevedo, a quem também entrevistei. E, ao ligar para a central telefônica desse Ministério, transferem efetivamente minha chamada para

Piechota. Falamos durante um breve instante, apesar de estranhamente, o antigo assistente do primeiro-ministro, um homem que dialogava todos os dias com dezenas de cardeais e chefes de governo de todo o mundo, não falar inglês, nem francês, nem espanhol.

Piechota é realmente um dos encarregados de missão do Ministério da Cultura, mas parece que se esqueceram da sua presença. Teria sido censurado depois de seu nome ter surgido nos casos VatiLeaks? É realmente preciso proteger esse assistente pessoal e particular do cardeal Bertone? Por que esse padre polonês se mantém tão discreto? Por que abandona seu gabinete do Conselho Pontifício para a Cultura quando Bertone o chama (segundo duas testemunhas)? Por que o veem se deslocar num grande carro oficial: um Audi 6 de luxo, com vidros fumê e placa do Vaticano? Por que Piechota continua morando no palácio do Santo Ofício, onde o encontrei várias vezes, e onde esse grande carro está estacionado numa vaga reservada onde ninguém tem o direito de parar? Quando fiz essas perguntas a membros da Cúria, por que começaram a rir? Por quê? Por quê?

Tarcisio Bertone tem muitos inimigos. Entre eles, Angelo Sodano, que permaneceu atrás das cortinas no início do pontificado de Bento XVI. Do alto do seu Colégio Etíope, que mandou restaurar apesar dos elevados custos, o antigo secretário de Estado se mantém à espreita. É claro que está na geladeira, mas continua a ser decano do colégio dos cardeais: esse título ainda lhe proporciona uma autoridade superior sobre todos os eleitores do conclave que continuam a tomá-lo por um criador de papas. Como exerceu seu poder absoluto durante muito tempo, Sodano também tem seus hábitos ruins: de seu pedestal dourado, manipula os homens, e os dossiês sobre eles, como se ainda estivesse no controle. Bertone demorou para perceber que Sodano foi um dos principais críticos do pontificado de Bento XVI.

Na origem, como é frequente, há uma humilhação. O antigo cardeal secretário de Estado de João Paulo II fez de tudo para ficar na corte. No primeiro ano do seu reinado, o papa manteve Sodano no cargo, por formalidade e por outra razão mais significativa: não tinha mais ninguém a quem recorrer! Joseph Ratzinger nunca foi um cardeal político: não tem grupo, não tem equipe, ninguém para colocar, nem para promover, além de Georg, seu assistente pessoal. No entanto, Ratzinger teve sempre grandes suspeitas em relação a Solano sobre o qual dispõe, como todos os demais, de informações que o chocam. Ficou surpreso quando lhe falaram no seu passado no Chile, a ponto de não ter querido acreditar nesses boatos.

Aproveitando sua idade canônica, 79 anos, Bento XVI acaba por se livrar de Sodano. O argumento é o seguinte, repetido nas suas memórias: "Tinha a mesma idade que eu. Se o papa é idoso porque foi eleito já com muita idade, é preciso que pelo menos seu secretário de Estado esteja em plena forma".

Dispensar um cardeal de quase oitenta anos: Sodano não suportou isso. Por não esperar, indigna-se, rebela-se, começa a espalhar boatos. Entra para a resistência. Quando compreende que a missa acabou, reclama, e exige até escolher seu sucessor (seu protegido e ajudante Giovanni Lajolo, um antigo APSA que foi núncio na Alemanha), sem êxito. E quando conhece finalmente o nome do seu substituto, o arcebispo de Gênova Tarcisio Bertone, fica sem voz: podia ter sido meu adjunto! Nem sequer é núncio! Nem fala inglês! Nem pertence à nobreza negra! (Em defesa de Bertone, é possível dizer que fala muito bem francês e espanhol, além de italiano, conforme pude verificar.)

Começa então um episódio de maledicências, fofocas e vinganças de que a Itália não tinha memória desde Júlio César: o imperador puniu os soldados que tinham se declarado gays apelidando-os de "rainha"!

As fofocas, é claro, sempre fizeram parte da história da santa sé. É o "alegre veneno", de que fala Rimbaud, e a "doença do boato, da maledicência e da

bisbilhotice" denunciada pelo papa Francisco. Reveladora, essa prática lembra a vida homossexual antes da "libertação gay". São as mesmas alusões, as mesmas piadas, as mesmas calúnias que os cardeais usam hoje para prejudicar e maldizer — na esperança de esconderem assim a própria vida dupla.

— O Vaticano é uma corte com um monarca. E, como no clero não há separação entre a vida privada e a pública, nem família, dado que todos vivem em comunidade, tudo se sabe, tudo se mistura. É assim que os boatos, as fofocas, as maledicências se tornam parte do sistema — explica a vaticanista Romilda Ferrauto, que durante muito tempo foi uma das responsáveis pela Rádio Vaticano.

Rabelais, também um ex-monge, reparou nessa tendência dos prelados da corte pontifical de "falarem mal de todo mundo" ao mesmo tempo que "transavam a torto e a direito". Quanto à revelação, arma terrível dos homofóbicos, sempre foi algo muito apreciado pelos próprios homossexuais, tanto nos clubes gays da década de 1950, como no principado do Vaticano hoje em dia.

O papa Francisco, fino observador da "sua" Cúria, nunca se enganou a esse respeito, uma vez que evocou, como já referi, no seu discurso "as quinze doenças curiais": a esquizofrenia existencial; os cortesãos que "assassinam a sangue-frio" a reputação dos seus colegas cardeais; o "terrorismo da bisbilhotice" e os prelados que "criam um mundo paralelo, onde põem de lado tudo o que ensinam severamente aos outros e começam a levar uma vida escondida e, frequentemente, dissoluta". Alguma vez alguém foi tão claro? O vínculo entre as fofocas e as vidas duplas é estabelecido pela testemunha mais irrecusável de todas: o papa.

Seja como for, o antigo secretário de Estado, Angelo Sodano, vai organizar minuciosamente sua vingança contra Bertone: formado no Chile de Pinochet,

ele conhece a música, os boatos que matam e os métodos diligentes. Para começar, recusa-se a abandonar seu apartamento de luxo, que Bertone deve habitar. O novo secretário de Estado pode muito bem se contentar com um apartamento temporário enquanto a nova cobertura de Sodano está sendo reformada.

Tendo entrado para a resistência, o rabugento Sodano agita suas redes no íntimo do Colégio Cardinalício e na máquina de boatos. Bertone demora para perceber a dimensão exata dessa batalha de egos. Quando o fizer, depois do VatiLeaks, será tarde demais. Todos terão se aposentado antecipadamente junto com o papa!

Um dos cúmplices próximos de Sodano é um arcebispo argentino, que foi núncio na Venezuela e no México: Leonardo Sandri, de quem já falamos. O novo papa, que tem em relação a ele as mesmas desconfianças, decide se separar também do obstrutor argentino. Claro que cumpre as formalidades: torna Sandri cardeal, em 2007, e confia-lhe as Igrejas orientais, mas isso é pouco para esse machista provido de um grande ego e que também não suporta ser privado do seu cargo de ministro do Interior do papa. Por sua vez, entra para a resistência ao lado de Sodano, soldadinho de uma pequena guerrilha que se agita na Sierra Maestra vaticana.

A santa sé sempre foi palco de tais cenas conjugais e rixas familiares. No oceano das ambições, perversões e maledicências do Vaticano, muitos papas conseguiram resistir apesar dos ventos contrários. Outro secretário de Estado provavelmente teria levado o barco do Vaticano a um bom porto — mesmo com Bento XVI; outro papa teria, se tivesse velado pela Cúria, posto o navio para flutuar de novo — mesmo com Bertone. Mas a associação entre um papa ideólogo focado unicamente na teoria e um cardeal incapaz de gerir a Cúria, por estar de tal modo cheio de si mesmo e desejoso de reconhecimento, não podia funcionar. A dupla pontifícia é um erro desde o início, e seu fracasso é

confirmado rapidamente. “Confiávamos um no outro, nos entendíamos bem e, então, não o deixei ir”, confirmará, muito mais tarde, a propósito de Bertone, com indulgência e generosidade, o papa emérito Bento XVI.

As polêmicas estouram uma atrás da outra e com tamanha rapidez e violência, numa sucessão espantosa: quando do discurso de Regensburg, o papa suscita um escândalo internacional porque deu a entender que o islamismo era intrinsecamente violento, negando assim todos os esforços de diálogo inter-religioso do Vaticano (o discurso não foi repetido, e o papa teria que pedir desculpas); ao reabilitar rápida e incondicionalmente os integristas lefebvristas, incluindo um antissemita e revisionista notório, o papa é acusado de apoiar a extrema direita e suscita uma imensa polêmica com os judeus. Esses erros graves de comunicação enfraquecem rápido o santo padre. E, inevitavelmente, seu passado na Juventude Hitlerista volta à tona.

O cardeal Bertone estará em breve no centro de um imenso escândalo imobiliário. A imprensa, com base nos VatiLeaks, atira-o aos lobos por ter atribuído uma cobertura a si mesmo, como Sodano: 350 metros quadrados no palácio São Carlos, formada mediante a anexação de dois apartamentos anteriores, prolongado por um vasto terraço de trezentos metros quadrados. As obras de renovação do seu palácio, na ordem dos 200 mil euros, teriam sido financiadas pela fundação do hospital pediátrico Bambino Gesù. (O papa Francisco exigirá que Bertone reembolse essa quantia, abrindo um processo contra o cardeal gastador.)

Poucos sabem, mas, nos bastidores, um séquito gay se agita para atiçar as polêmicas e intrigas. No centro dele, cardeais e bispos, todos homossexuais praticantes, estão no comando. Inicia-se uma verdadeira guerra que visa Bertone e, é claro, através dele, também o papa. Como pano de fundo dessas intrigas se escondem tantos ódios requentados, maledicências, fofocas e, às vezes, histórias de amor, de ligações e de términos antigos, que é difícil

desemaranhar os problemas interpessoais das verdadeiras questões. (Na sua *Testimonianza*, o arcebispo Viganò lança suspeitas, pelo seu lado, contra o cardeal Bertone por "ter sido notoriamente favorável à promoção dos homossexuais a cargos de responsabilidade".)

Nesse contexto desagradável, chegam à santa sé novas revelações graves sobre casos de abusos sexuais provenientes de diversos países. Já à beira da explosão, o Vaticano vai ser arrastado por esse tsunami do qual a cidade papal, mais de dez anos depois, ainda não se recuperou totalmente.

Bertone, tão homofóbico quanto Sodano, tem a própria teoria sobre a questão da pedofilia, uma opinião que revela finalmente ao grande público e à imprensa, durante uma viagem ao Chile, onde chega, muito entusiasmado, ao lado do seu assistente favorito. O secretário de Estado se exprime lá oficialmente, em abril de 2010, sobre a psicologia dos padres pedófilos. Uma nova polêmica mundial está prestes a explodir.

Eis o que disse o cardeal Bertone:

— Inúmeros psicólogos e psiquiatras mostraram que não havia nenhuma relação entre o celibato [dos padres] e a pedofilia; mas muitos outros mostraram, descobri recentemente, que existe uma relação entre a homossexualidade e a pedofilia. Isso é verdade. É o verdadeiro problema.

Essa afirmação oficial, proferida pelo segundo homem mais importante do Vaticano, não passa despercebida. Suas declarações, totalmente sem fundamento, suscitam protestos internacionais: centenas de celebridades, militantes LGBTs, mas também ministros europeus e teólogos católicos denunciam as afirmações irresponsáveis do prelado. Pela primeira vez, sua declaração obriga o serviço de imprensa do Vaticano a tentar contornar a situação, validados pelo papa. Bento XVI sai da sua reserva para deixar ouvir

uma nuance de desacordo com seu primeiro-ministro demasiadamente homofóbico: o caso dá pano para mangas. O momento é grave.

Como Bertone se deixou escorregar de forma tão absurda? Entrevistei vários cardeais e prelados quanto a esse ponto: alegaram erro de comunicação ou falta de jeito; apenas um me deu uma explicação interessante. Segundo esse padre da Cúria que trabalhou no Vaticano sob Bento XVI, a posição de Bertone sobre a homossexualidade é estratégica, mas refletiria também suas próprias crenças. Estratégica, para começar, porque é a uma forma de culpar as ovelhas desgarradas que não têm lugar na Igreja em vez de pôr em xeque o celibato dos padres. A saída do secretário de Estado também reflete suas próprias crenças porque corresponde, segundo a mesma fonte, ao que pensam os teóricos de quem Bertone é próximo, como o cardeal Alfonso López Trujillo ou o padre psicanalista Tony Anatrella. Dois homofóbicos obsessivamente praticantes.

Gostaria ainda de contextualizar o caso a partir de elementos que descobri durante minhas viagens ao Chile. O primeiro é que a congregação mais afetada pelos abusos sexuais, no Chile, é nem mais nem menos que aquela de onde saiu Bertone: a Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Depois, e isso fez todo mundo rir: quando Bertone se expressa em público para denunciar a homossexualidade como matriz da pedofilia, está rodeado, em determinadas fotos, por pelo menos dois padres homossexuais notórios. Sua declaração "perdeu credibilidade" por esse simples fato, disseram várias fontes.

Por fim, Juan Pablo Hermosilla, um dos principais advogados chilenos nos casos de abusos sexuais da Igreja, nomeadamente o do padre pedófilo Fernando Karadima, me deu esta explicação, que me parece pertinente, sobre os vínculos entre a homossexualidade e a pedofilia:

— Minha teoria é que os padres pedófilos utilizam, para se proteger, das informações de que dispõem sobre a hierarquia católica. É uma forma de pressão ou de chantagem. Os bispos que têm, eles próprios, relações homossexuais são obrigados a se calar. Isso explica por que Karadima foi protegido [por bispos e arcebispos]: não porque eles fossem pedófilos e, aliás, a maioria não é, mas para evitar que sua própria homossexualidade seja descoberta. Eis, para mim, a verdadeira fonte da corrupção e do acobertamento institucionalizado da Igreja.

Podemos ir mais longe. Muitos dos desvios da Igreja, muitos dos silêncios, muitos dos mistérios se explicam por essa regra simples de Sodoma: "Todo mundo se apoia". Por que os cardeais se calam? Por que todos fecham os olhos? Por que o papa Bento XVI, que estava a par de tantos escândalos sexuais, não os transmitiu à Justiça? Por que o cardeal Bertone, arruinado pelos ataques de Angelo Sodano, não divulgou os dossiês que tinha sobre seu inimigo? Falar dos outros é correr o risco de que falem de nós. Eis a chave da omertà e da mentira generalizada da Igreja. O Vaticano e Sodoma são como o Clube da Luta — e a primeira regra do Clube da Luta é: ninguém fala sobre o Clube da Luta.

A homofobia de Bertone não o impede de comprar, com toda a discrição, uma sauna gay no centro de Roma. Foi nesses termos, pelo menos, que a imprensa apresentou a incrível notícia.

Para compreender o caso, eu me dirijo ao local, no nº 40 da Via Aureliana: é aí que se encontra a sauna Europa Multiclub. Um dos estabelecimentos gays mais frequentados de Roma, é um clube desportivo e, simultaneamente, um local de flerte com saunas e *hammams*. Ali, as relações sexuais são possíveis e legais, uma vez que o clube é considerado "privado". Para entrar, é preciso um cartão de membro, como na maior parte dos estabelecimentos gays da Itália —

uma singularidade nacional. Durante muito tempo, esse cartão foi distribuído pela associação Arcigay; hoje, é vendido, por quinze euros, pela Anddos, uma espécie de lobby enfeudado aos donos de estabelecimentos gays.

— O cartão de membro é obrigatório para entrar na sauna porque a lei proíbe relações sexuais em locais públicos. Nós somos um estabelecimento privado — justifica Marco Canale, o gerente da sauna Europa Multiclub.

Canale é simultaneamente gerente da sauna Europa Multiclub e presidente da associação Anddos. Ele me recebe no próprio local da polêmica.

E prossegue, dessa vez na sua qualidade associativa:

— Temos cerca de 200 mil membros na Itália, porque um grande número de bares, clubes e saunas exige, para entrar, o cartão Anddos.

Esse sistema de acesso aos estabelecimentos gays é único na Europa. Originalmente, na Itália machista e antigay da década de 1980, tinha como finalidade garantir a segurança dos membros, fidelizar a clientela e legalizar a sexualidade no local. Hoje, perdura por razões menos essenciais, sob a pressão dos donos dos setenta clubes federados na Anddos, e talvez porque permita à associação realizar campanhas de combate à aids e receber subsídios do governo.

Para vários militantes gays que entrevistei, "esse cartão é um resíduo arcaico que já está mais do que na hora de sumir". Além do possível monitoramento dos homossexuais da Itália (algo que a Anddos desmente firmemente), esse cartão seria, segundo um ativista, o símbolo "de uma homossexualidade trancada no armário, vergonhosa, algo que se quer esconder".

Questiono Marco Canale sobre a polêmica e os inúmeros artigos que apresentaram a sauna Europa Multiclub como sendo um estabelecimento gerido pelo Vaticano e mesmo pelo próprio cardeal Bertone.

— É preciso entender que, em Roma, há centenas de edifícios que pertencem à santa sé — diz Canale, sem desmentir claramente a informação.

Na verdade, o edifício que está na esquina da Via Aureliana com a Via Carducci, e no qual se situa a sauna, foi comprado pelo Vaticano por 20 milhões de euros em maio de 2008. O cardeal Bertone, na época primeiro-ministro do papa Bento XVI, supervisionou e validou a transação financeira. Segundo minhas fontes, a sauna representa, no entanto, apenas parte do vasto complexo imobiliário, que inclui também uma vintena de apartamentos de padres e até o de um cardeal. Foi assim que a amálgama foi feita pela imprensa e deu origem a esse resumo interessante: o cardeal Tarcisio Bertone comprou a maior sauna gay da Itália!

No entanto, o negócio continua sendo desconcertante em termos de amadorismo uma vez que seria bem improvável que o secretário de Estado e seus assistentes tenham liberado essa operação imobiliária de grande envergadura sem que ninguém tenha notado que a maior sauna gay da Itália se encontrava ali, visível e conhecida por todos. Quanto ao preço pago pelo Vaticano, parece anormal: segundo uma investigação do jornal italiano *La Repubblica*, levando em conta que o edifício fora vendido anteriormente por 9 milhões, teriam sido extorquidos, assim, 11 milhões ao Vaticano nessa operação financeira!

Durante nosso encontro, Marco Canale se diverte com a polêmica, apesar de me revelar outro fato interessante:

— Na sauna Europe Multiclub, recebemos inúmeros padres e até cardeais. E sempre que há um jubileu, um sínodo ou um conclave, notamos de imediato: a sauna fica muito mais cheia do que é habitual. Tudo graças aos padres!

Segundo outra fonte, o número de padres que são membros da associação gay Anddos também seria elevado. É possível descobrir por que, para se tornar membro, é preciso apresentar um documento de identificação válido;

ora, a profissão aparece no bilhete de identidade italiano, apesar de ser mantida anônima pelo computador.

— Mas nós não somos a polícia. Não fichamos ninguém. Temos muitos membros que são padres, mais nada — conclui Canale.

Outro caso, que se desenrolou sob Bento XVI e Bertone, mas só seria revelado sob Francisco, diz respeito às *chemsex parties*. Ouvira dizer há muito tempo que festas desse tipo ocorriam no interior do próprio Vaticano, verdadeiras orgias em que sexo e drogas se misturavam num coquetel muitas vezes perigoso (aqui, "chem" significa *chemicals* no sentido de droga sintética, MDMA, GHB, DOM, DOB, DIPT e algumas drogas farmacológicas).

Durante muito tempo, pensei que não passavam de boatos, como existem tantos no Vaticano. Então, de repente, no verão de 2017, a imprensa italiana revelou que um *monsignore*, o padre Luigi Capozzi, que era havia mais de dez anos um dos principais assistentes do cardeal Francesco Coccopalmerio, foi detido pela gendarmaria vaticana por ter organizado *chemsex parties* no seu apartamento privado do Vaticano. (Interroguei, sobre esse processo, um padre da Cúria que conheceu bem Capozzi e também me encontrei com o cardeal Coccopalmerio.)

Capozzi, próximo de Tarcisio Bertone e muito apreciado pelo cardeal Ratzinger, residia num apartamento situado no palácio do Santo Ofício, onde estava rodeado por cardeais, arcebispos e inúmeros prelados, entre os quais Lech Piechota, assistente do cardeal Bertone, e Josef Clemens, antigo secretário particular do cardeal Ratzinger.

Conheço bem a construção porque tive a oportunidade de jantar ali dezenas de vezes: uma das suas entradas se situa em território italiano; a outra, no interior do Vaticano. Capozzi tinha um apartamento idealmente localizado para organizar essas orgias porque podia jogar nos dois tabuleiros: a

polícia italiana não podia fazer buscas no seu apartamento, nem no seu carro diplomático, uma vez que residia no interior do Vaticano; mas podia sair impunemente de sua casa, sem passar pelo controle da santa sé, nem ser revistado pelos guardas suíços, uma vez que uma porta da sua residência se abria diretamente para a Itália. No local, havia todo um ritual em vigor: as *chemsex parties* eram realizadas sob uma suave luz vermelha, com um forte consumo de drogas e vodca de maconha, além de convidados muito travessos. Eram verdadeiras "noites do inferno"!

Segundo testemunhas, a homossexualidade de Capozzi era de conhecimento geral — e, portanto, de modo plausível, dos seus superiores, do cardeal Coccopalmerio e de Tarcisio Bertone — tanto mais porque o padre não hesitava em frequentar os clubes gays de Roma ou, no verão, as grandes festas LGBTs do Gay Village Fantasia, no sul da capital.

— Durante essas *chemsex parties*, havia por lá outros padres e funcionários do Vaticano — acrescenta uma das testemunhas, um *monsignore* que participou das festas.

Após essas revelações, o padre Luigi Capozzi foi hospitalizado na clínica Pio XI e nunca mais deu sinais de vida. (Ele continua sendo considerado inocente até a realização do julgamento por uso e ocultação de narcóticos.)

O pontificado de Bento XVI começou, portanto, a toda velocidade e prosseguiu na multiplicação dos escândalos, de vento em popa. No que se refere à questão gay, a guerra aos homossexuais recomeça ainda com mais intensidade, como no tempo de João Paulo II; a hipocrisia se torna, mais do que nunca, sistemática. Ódio aos homossexuais, no exterior; homossexualidade e vida dupla, no interior. O circo continua.

"O pontificado mais gay da história": a expressão se deve ao ex-prelado Krzysztof Charamsa. Quando o entrevistei em Barcelona, e depois em Paris,

esse padre, que trabalhou durante muito tempo ao lado de Joseph Ratzinger, insistiu várias vezes nessa expressão: "o pontificado mais gay da história". Quanto ao padre da Cúria, dom Julius, afirma que era "difícil ser homossexual sob Bento XVI", embora tenha havido realmente algumas exceções, e tem uma expressão forte para definir o círculo próximo do papa: "Cinquenta tons de gay".

O próprio papa Francisco, evidentemente menos direto, chamou a atenção para os paradoxos desse séquito incongruente utilizando uma expressão severa contra os ratzingerianos: "narcisismo teológico". Outra palavra que utiliza para insinuar a homossexualidade implícita: "autorreferencial". Frequentemente, é por detrás de toda a rigidez que se escondem as vidas duplas.

— Sinto uma profunda tristeza quando me lembro do pontificado de Bento XVI, um dos momentos mais sombrios da Igreja, em que a homofobia representava a tentativa constante e desesperada de dissimular a própria homossexualidade — afirma Charamsa.

Durante o pontificado de Bento XVI, quanto mais subimos na hierarquia vaticana, mais homossexuais encontramos. E os cardeais que o papa nomeou seriam, na sua maioria, gays, sendo alguns deles bastante "praticantes".

— Sob Bento XVI, um bispo homossexual que dê a impressão de ser casto tem muito mais chance de se tornar cardeal do que um bispo heterossexual — diz um célebre frade dominicano, fino conhecedor do ratzingerismo e que foi titular da cátedra Bento XVI em Regensburg.

Em cada uma de suas deslocações, o papa é acompanhado por alguns dos seus colaboradores mais próximos. Entre eles o célebre prelado apelidado *monsignore* Jessica, que aproveita as visitas regulares do santo padre à igreja de Santa Sabina de Roma para dar aos jovens frades seu cartão de visita. A sua técnica de abordagem foi comentada no mundo inteiro, depois de divulgada

por uma investigação da revista *Vanity Fair*: tentava seduzir os seminaristas propondo-lhes verem a cama de João XXIII!

— Era muito íntimo com os seminaristas — reconhece o padre Urien, que o viu em ação.

Dois outros bispos extremamente gays que banham Ratzinger com sua atenção e são próximos do secretário de Estado Bertone só jogam mais lenha na fogueira: tendo aperfeiçoado suas técnicas sob João Paulo II, continuam a utilizá-las sob Ratzinger. (Eu me encontrei com os dois, junto com Daniele, e um deles nos abordou assiduamente.)

No Vaticano, tudo isso dá origem a mais boato, a ponto de os prelados se escandalizarem. Assim, o arcebispo e núncio Angelo Mottola, que esteve alocado no Irã e em Montenegro, dirige-se, numa das suas passagens por Roma, ao cardeal Tauran dizendo-lhe (segundo uma testemunha que assistiu à cena):

— Não compreendo por que esse papa [Bento XVI] condena os homossexuais se gosta de ficar rodeado de *ricchioni* (a palavra italiana é de difícil tradução, "bicha" é o sentido mais próximo).

O papa não escuta os boatos. Por vezes, vai até o fim da sua parábola. Quando o *São João Batista*, de Leonardo da Vinci, é exposto no Palazzo Venezia, em Roma, durante a longa turnê organizada pelo Museu do Louvre, após sua restauração, decide se deslocar até lá em majestade. Bento XVI, rodeado pelo seu séquito, e seus padres à procura de meninos, faz um percurso especial. É o andrógino de cabelos loiros e cacheados que o atrai ou o indicador da mão esquerda que esse filho do trovão aponta para o céu? De qualquer modo, a restauração da obra é um verdadeiro renascimento: o adolescente afeminado e provocante, escondido por detrás de anos de sujeira, surge, à vista de todos. Restaurado e sublime, *São João Batista* acaba de fazer sua estreia, e o papa não quis perder o acontecimento. (Dizem que o modelo

do *São João Batista* tenha sido Salai, um rapazinho pobre e delinquente, com uma intensa beleza angelical e andrógina, que Leonardo da Vinci encontrou por acaso nas ruas de Milão, em 1490: esse "diabinho" de longos cachinhos foi seu amante durante muito tempo.)

Numa outra vez, em 2010, quando de uma audiência geral, o papa assiste, na sala Paulo VI, a um curto espetáculo de dança: quatro acrobatas sobem ao palco e, diante do olhar contemplativo do santo padre, despem-se subitamente, tirando as camisas. De peito nu, resplandecentes de juventude e beleza, fazem então seu número jovial, que pode ser revisto no YouTube. Sentado no seu imenso trono papal branco, o santo padre levanta espontaneamente, transtornado, para saudá-los. Atrás dele, o cardeal Bertone e Georg Gänswein aplaudem estrepitosamente. Soubemos depois que a pequena trupe tivera o mesmo êxito durante a Gay Pride de Barcelona. Alguém do séquito do papa os teria descoberto lá?

Tudo isso não impede o papa de, uma vez mais, redobrar os ataques aos gays. Pouco depois da sua eleição, já pedira, no final de 2005, à Congregação para a Doutrina da Fé que redigisse, considerando que "a cultura homossexual não parava de progredir", um novo texto para condenar ainda mais severamente a homossexualidade. O debate para saber se seria necessário fazer uma encíclica sobre o assunto ou um simples "documento" teria sido ferrenho. Mas o texto foi concluído numa versão que circulou para ser comentada, como é a regra, entre os membros do conselho da Congregação para a Doutrina da Fé (um dos padres que prestava assistência ao cardeal Jean-Louis Tauran teve acesso a ela e descreveu-a para mim minuciosamente). A violência do texto era intolerável, segundo esse padre, que também leu os pareceres dos consultores e dos membros da congregação, entre os quais Tauran, anexados ao processo (por exemplo, os dos bispos e futuros cardeais Albert Vanhoye e Giovanni Lajolo, ou ainda do bispo Enrico Dal Covolo,

todos muito homofóbicos em seus comentários). O padre se recorda de frases medievais sobre o "pecado antinatural", a "baixeza" dos homossexuais ou ainda o "poder do lobby gay internacional".

— Algumas das pessoas consultadas defendiam uma intervenção forte sob a forma de uma encíclica; outras pensaram num documento de importância menor; outras ainda aconselharam, considerando o risco de consequências contraproducentes, a não se voltar a essa questão — recorda o padre.

A encíclica será abandonada finalmente após o círculo próximo do papa tê-lo dissuadido de voltar, uma vez mais — de novo? — ao tema. Mas o espírito do texto perdurará.

Já num contexto de final de reinado, após menos de cinco anos de pontificado, a máquina vaticana se isola quase totalmente. Bento XVI se recolhe na sua timidez e começa a chorar. O vice-papa, Bertone, desconfiado por natureza, fica totalmente paranoico. Vê, para todo o lado, conspirações e maquinações! Como reação, teria ampliado ainda mais o controle. Os boatos ganham força, e, com eles, as escutas telefônicas da gendarmaria.

Nos ministérios e congregações do Vaticano, as demissões se multiplicam, por vontade própria ou impostas. Na Secretaria de Estado, local nevrálgico do poder, Bertone faz a limpeza pessoalmente, tal o medo que tem dos traidores e ainda mais dos espertalhões, que poderiam ofuscá-lo. Assim, os Judas, os Pedros e os Joões são colocados no mesmo saco: pede-se a todos que abandonem a Ceia.

Tarcisio Bertone afasta dois dos núncios mais experientes da Secretaria de Estado: elimina o monsenhor Gabriele Caccia, exilado para o Líbano (onde me encontrei com ele) e envia Pietro Parolin para a Venezuela.

— Quando Caccia e Parolin foram embora, Bertone ficou só. O sistema que era gravemente disfuncional desmoronou por completo — informou o

vaticanista americano Robert Carl Mickens.

Muitos começam a pedir audiência ao papa sem passar pelo obstrutor secretário de Estado. Sodano abre seu coração para o papa, e Georg Gänswein, a quem se dirigem diretamente para evitar Bertone, recebe todos os descontentes, que formam uma fila ininterrupta à porta do seu gabinete. E, nesse momento em que o pontificado está em agonia, quatro cardeais de peso — Schönborn, Scola, Bagnasco e Ruini — interrompem bruscamente o silêncio para pedir uma audiência a Bento XVI. Tais peritos em intrigas vaticanas, finos conhecedores dos maus hábitos da Cúria, sugerem a substituição imediata de Bertone. Por acaso, tal iniciativa vaza na mesma hora para a imprensa. O papa não quer ouvir nada daquilo e interrompe bruscamente:

— Bertone fica, *basta*!

Que a homossexualidade esteve no centro de inúmeras intrigas e de vários escândalos do pontificado é uma certeza, mas seria errado criar uma dicotomia, como por vezes foi feito, e dividir o Vaticano em dois times, um a favor dos direitos dos gays e outro homofóbico, ou "no armário" oposto aos homossexuais castos. O pontificado de Bento XVI, cujos casos são por um lado o produto dos "círculos de luxúria" que começaram a brilhar sob João Paulo II, opõe, na verdade, diversas facções homossexuais que compartilham da mesma homofobia. Sob esse pontificado, todos, ou quase todos, são replicantes.

A guerra contra os gays, o preservativo e as uniões civis também repercutem. Mas enquanto em 2005, na época da eleição de Joseph Ratzinger, o casamento ainda era um fenômeno muito limitado, oito anos depois, no momento em que Bento XVI renuncia, está se generalizando na Europa e na América Latina. Podemos resumir esse pontificado abreviado como o de uma sucessão de batalhas perdidas. Nenhum papa da história

moderna foi tão antigay; e nenhum papa assistiu, impotente, a tal ímpeto em prol dos direitos dos gays e das lésbicas. Em pouco tempo, quase trinta países vão reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo, inclusive sua amada Alemanha, que aprovará em 2017, por uma grande maioria no Parlamento, o texto contra o qual Joseph Ratzinger se opôs durante toda a vida.

No entanto, Bento XVI nunca parou de lutar. A lista de bulas, escritos, intervenções, cartas e mensagens contra o casamento é infinita. Desafiando a separação entre a Igreja e o Estado, interveio no debate público em todo canto e, nos bastidores, o Vaticano manipulou todas as manifestações anticasamento.

Todas as vezes, o mesmo fracasso, mas o que é revelador, também aqui, é que, na sua maioria, os atores desse combate são eles próprios homossexuais, "no armário" ou praticantes. Frequentemente, pertencem à paróquia.

A guerrilha contra o casamento gay é conduzida, sob sua autoridade, por nove homens: Tarcisio Bertone, o secretário de Estado, assistido por seus dois adjuntos; Leonardo Sandri, na sua função de substituto ou ministro do Interior; e Dominique Mamberti, como ministro das Relações Exteriores, bem como por William Levada e, depois, Gerhard Müller, à frente da Congregação para a Doutrina da Fé. Giovanni Battista Re e Marc Ouellet desempenham o mesmo papel no seio da Congregação para os Bispos. E, claro, o cardeal Alfonso López Trujillo que, à frente do Conselho Pontifício para a Família, se enfurece, no início do pontificado, contra o casamento gay.

O que é fascinante, quando observamos ou nos encontramos com esse grupo de homens (entrevistei seis deles), é sua rigidez artificial e sua misoginia. Levarão também uma vida dupla? A regra não se verifica sempre, mas parece que Joseph Ratzinger teve um dos melhores "radares gays" do Vaticano.

Tomemos como exemplo este outro ratzingeriano: o cardeal suíço Kurt Koch, bispo da Basileia, que o papa manda vir para perto de si, na Cúria, em 2010. No mesmo momento, o jornalista veterano Michael Meier, especialista em questões religiosas no *Tages-Anzeiger*, o principal jornal suíço germanófono, publica uma longa investigação baseada em diversos testemunhos em primeira mão e documentos originais. Nela, Meier revela nomeadamente a existência de um livro publicado por Koch, mas estranhamente desaparecido da sua bibliografia, *Lebensspiel der Freundschaft, Meditativer Brief an meiner Freund* (em tradução literal *Jogo da amizade, carta meditativa ao meu amigo*). Esse livro, de que consegui um exemplar, pode ser lido como uma verdadeira carta de amor a um jovem teólogo. Meier descreve também o círculo próximo do cardeal e revela um apartamento secreto que Koch compartilharia com outro padre, insinuando que o cardeal levaria uma vida paralela.

— Todo mundo sabia que Koch se sentia mal na própria pele — contou Michael Meier, durante uma de nossas conversas no seu apartamento de Zurique. (Que eu saiba, seu artigo não foi desmentido pelo bispo da Basileia: não houve direito de resposta ou reclamação da parte dele.)

Koch foi vítima de denúncias caluniosas por parte dos que o rodeavam? Seja como for, Ratzinger chama Koch para a Cúria. Ao torná-lo cardeal e nomeá-lo seu ministro do "ecumenismo", Koch sai discretamente da Basileia. (O cardeal Koch não quis responder às minhas perguntas, mas entrevistei, em Roma, um dos seus adjuntos, o padre Hyacinthe Destivelle, que me descreveu longamente o círculo dos *schülerkreis*, o círculo dos discípulos de Ratzinger de que Koch faz parte. Também discutimos sobre a homossexualidade de Tchaikóvski.)

Na Itália, a homofobia doentia de Bento XVI começa, no entanto, a exasperar os meios a favor dos direitos dos gays. Cada vez tem menos êxito junto da opinião pública (os italianos compreenderam sua lógica!), e os militantes LGBTs começam a responder à altura. Os tempos estão mudando, e o papa vai descobrir a duras penas.

Ao atacar continuamente a homossexualidade sem quase nunca falar sobre a questão da pedofilia, o santo padre perde, em primeiro lugar, a batalha moral. A título pessoal, será denunciado como nenhum papa antes dele. É difícil imaginar hoje as críticas de que Bento XVI foi alvo durante seu pontificado. Chamado, numa frase inédita, de "passivo e *bianco*" pelos meios homossexuais italianos, foi regularmente denunciado como estando "no armário", tornando-se o símbolo da "homofobia interiorizada". Foi uma verdadeira crucificação midiática e militante.

Nos arquivos das associações gays italianas, na internet e na *deep web*, encontrei inúmeros artigos, panfletos e fotos que ilustram essa guerrilha. É provável que um papa nunca tenha sido tão odiado na história moderna do Vaticano.

— Nunca vi uma coisa assim. Era uma completa enxurrada contínua de artigos acusadores, boatos, ataques vindos de todo lado, de artigos de blogueiros agressivos que ajudavam a aumentar o ruído, cartas com insultos, em todas as línguas, vindas de todos os países. Hipocrisia, duplicidade, insinceridade, jogo duplo, homofobia interiorizada, tudo isso aparecia *ad nauseam* — conta um padre que trabalhou nessa época no gabinete de imprensa do Vaticano.

Encontro cartazes nesses termos, difundidos nas manifestações em prol das uniões civis italianas, em 2007: "*Joseph e Georg, Lottiamo anche per voi*" (Joseph e Georg, também lutamos por vocês). Ou então: "*Il papa è gay come noi*" (O papa é gay como nós).

Num livro que teve um êxito modesto, mas marcou os espíritos pela sua audácia, o jornalista anarquista, figura do underground italiano, Angelo Quattrocchi, tirou Bento XVI do armário. A obra irônica, intitulada *The Pope is NOT Gay* ou "O papa NÃO é gay", reúne inúmeras fotos comprometedoras do papa e do seu protegido, Georg. O texto é medíocre, recheado de erros factuais, e não apresenta uma única prova do que afirma; mas as fotos são explícitas e divertidíssimas. Sob o pseudônimo de "o papa Rosa", Ratzinger é retratado sob todas as facetas.

Em paralelo, os apelidos de Bento XVI se espalham, cada um mais cruel do que o outro: um dos piores, juntamente com "passivo e bianco", foi "La Maladetta" ("a Maldita", um jogo de palavras sobre "Benedetto").

Antigos companheiros de escola ou estudantes que conheceram o papa também começam a falar, como, por exemplo, a alemã Uta Ranke-Heinemann, que estudou com ele na Universidade de Munique. Aos 84 anos, testemunha para afirmar que, segundo ela, o papa seria gay. (Não fornece nenhuma prova além do próprio testemunho.)

Em todo mundo, dezenas de associações LGBTs, de meios de comunicação gays, mas também jornais sensacionalistas, como a "impressa marrom" britânica, lançam-se numa campanha desenfreada contra Ratzinger. E com que habilidade essa imprensa cor-de-rosa consegue, à força de alusões, de fórmulas veladas, de jogos de palavras inteligentes, dizer as coisas sem dizê-las!

O célebre blogueiro americano Andrew Sullivan se atira, por sua vez, ao papa, num artigo de certa relevância. O ataque de Sullivan, polemista conservador temido e militante gay, tem um impacto ainda mais considerável na medida em que ele próprio é católico. Para Sullivan, não existe a menor dúvida de que o papa seria gay, apesar de não avançar nenhuma prova além das farpelas extravagantes de Bento XVI e o seu *bromance* com Georg.

Todas as vezes, essas campanhas têm como alvo Georg Gänswein, descrito geralmente como secretário "preferido" de Ratzinger, seu "namorado" ou ainda o "parceiro do santo padre". Na Alemanha, chegaram a fazer uma piada com a pronúncia do seu nome, chamando-o de "gay.org".

A maldade é tamanha que um padre gay teria adquirido o hábito de circular pelos parques de Roma se apresentando como: "Georg Gänswein, secretário particular do papa". É uma invenção total, é claro, mas pode ter contribuído para aumentar os boatos. Essa história me lembra a técnica do grande escritor André Gide que, depois de ter feito amor com belos jovens, no Norte de África, lhes dizia (segundo um dos seus biógrafos): "Lembre-se de que foi para a cama com um dos maiores escritores franceses: François Mauriac!".

Como explicar um ataque de tamanha proporção? Para começar, há o discurso antigay de Bento XVI que se prestava naturalmente ao ataque, porque, como se costuma dizer, tinha arrumado sarna para se coçar!

O papa parece ter se esquecido do Evangelho segundo são Lucas: "Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados".

O antigo padre da Cúria, Francesco Lepore, que tem um livro prefaciado por Joseph Ratzinger, explica:

— É evidente que um papa tão requintado, afeminado e próximo do seu magnífico secretário particular seria um alvo fácil para os militantes gays. Mas foi, antes de mais nada, por causa das suas posições muito homofóbicas que sofreu esses ataques. É dito que ele é um homossexual que não saiu do armário, mas ninguém apresentou a menor prova desse fato. Eram boatos. De minha parte, penso que é homossexual por causa de tantos elementos, mas, ao mesmo tempo, penso que nunca praticou.

Outro padre italiano, que trabalha no Vaticano, relativiza esse ponto de vista e não acredita de modo algum na homossexualidade de Ratzinger:

— Existem realmente essas imagens e é verdade que qualquer gay que olhe para as fotos de Bento XVI, o seu sorriso, a sua forma de andar, as suas maneiras, pode pensar que é homossexual. Nada poderia dissipar essa convicção profunda. Além disso, e essa é a armadilha em que caiu, sendo padre ele não pode desmentir esses boatos, uma vez que não pôde ter mulheres ou amantes. Um padre nunca poderá provar que é heterossexual!

Federico Lombardi, o antigo porta-voz de Bento XVI e atual diretor da fundação Ratzinger, fica impávido diante dessa enxurrada de críticas que continua ainda hoje:

— Sabe, eu vivi a crise irlandesa, a crise alemã, a crise mexicana... Penso que a história prestará homenagem a Bento XVI no que se refere à questão da pedofilia em que ele clarificou as posições da Igreja e denunciou os abusos sexuais. Foi mais corajoso do que todos os outros.

Por fim, resta a questão do "lobby gay", que envenenou o pontificado e foi uma verdadeira obsessão de Ratzinger. Real ou imaginário, é certo que Bento XVI se viu em maus lençóis devido a esse "lobby" sobre o qual se parabenizará, muito mais tarde, fanfarrão, no seu *Bento xvi: O último testamento*, por ter "dissolvido"! Quanto a Francisco, também denunciará um "lobby gay" na sua famosa resposta: "Quem sou eu para julgar?" (e na sua primeira conversa com o jesuíta Antonio Spadaro).

Com base nas centenas de entrevistas realizadas para este livro, cheguei à conclusão de que tal lobby, no sentido preciso do termo, não existe. Se existisse, seria necessário que essa espécie de maçonaria secreta trabalhasse para uma causa, no caso, a promoção dos homossexuais. Nada disso acontece no Vaticano, onde, se existisse, um lobby gay não faria jus a seu nome, uma vez que a maioria dos cardeais e prelados homossexuais da santa sé age, em geral, contra os interesses dos gays.

— Penso que é um erro falar de um lobby gay no Vaticano — sugere o ex-padre da Cúria, Francesco Lepore. — Um lobby significa que haveria uma estrutura de poder que visa secretamente atingir um objetivo. É impossível e absurdo. A realidade é que existe, no Vaticano, uma maioria de homossexuais no poder. Por vergonha, por medo, mas também por carreirismo, esses cardeais, arcebispos e padres querem proteger seu poder e sua vida secreta. Eles não têm nenhuma intenção de fazer o que quer que seja pelos homossexuais. Mentem aos outros e, às vezes, a si próprios. Mas não existe nenhum lobby.

Levantarei aqui uma hipótese que me parece descrever melhor a vida gay no Vaticano do que um "lobby": o rizoma. Na botânica, um rizoma é uma planta que não é simplesmente uma raiz subterrânea, mas uma vegetação rica em ramificações horizontais e verticais, multiplicando-se a ponto de já não sabermos se a planta está debaixo da terra ou acima do solo, nem o que é raiz ou caule aéreo. A nível social, o "rizoma" (uma imagem que pego emprestada do livro *Mil platôs*, dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari) é uma rede de relações e ligações totalmente descentralizadas, desordenadas, sem início ou limites; cada ramo do rizoma pode se ligar a outro, sem hierarquia nem lógica, sem centro.

A realidade homossexual e suas ligações subterrâneas me parecem estar estruturadas no Vaticano, e mais amplamente na Igreja católica, como um rizoma. Com sua dinâmica interna própria, cuja energia provém concomitantemente do desejo e do segredo, a homossexualidade liga, entre si, centenas de prelados e cardeais de uma forma que escapa às hierarquias e aos códigos. Ao fazê-lo, ao se multiplicar, acelerar, derivar, ocasiona inúmeras ligações multidirecionais: relações amorosas, relações sexuais, brigas, amizades, reciprocidades, situações de dependência e promoções profissionais, abusos de poder sem maiores consequências, tudo isso sem que

as causalidades, ramificações e relações possam ser determinadas claramente nem decifradas do exterior. Cada "ramo" do rizoma, cada fragmento da Grande Obra, cada "bloco" desse *blockchain* (usando aqui uma imagem digital) ignora frequentemente a sexualidade dos outros raminhos: é uma homossexualidade em diferentes níveis, verdadeiras "gavetas" isoladas de um mesmo armário (o teólogo americano Mark Jordan escolheu uma outra imagem ao comparar o Vaticano a uma colmeia com seu "armários em favo": seria constituída por outros tantos armariozinhos, estando cada padre homossexual isolado, de certa forma, no seu alvéolo). Logo, não podemos subestimar a opacidade dos indivíduos e o isolamento em que se encontram, mesmo quando são parte do rizoma. Agregação de seres fracos cuja união não faz a força, é uma rede onde cada um se mantém vulnerável e, com frequência, infeliz. E assim podemos explicar por que inúmeros bispos e cardeais que entrevistei, mesmo quando eles próprios eram gays, pareciam sinceramente apavorados diante da dimensão da homossexualidade no interior do Vaticano.

Em última análise, os "mil palanques" homossexuais do Vaticano, esse rizoma extraordinariamente denso e secreto, é bem maior do que um simples lobby. É um sistema. É a matriz de Sodoma.

O cardeal Ratzinger compreendeu esse sistema? É impossível dizê-lo. Em compensação, é certo que o papa Francisco descobriu os mecanismos e a dimensão do rizoma quando chegou ao trono de São Pedro. E não podemos compreender os VatiLeaks, a guerra a Francisco, a cultura do silêncio relativa aos milhares de casos de abusos sexuais, a homofobia recorrente dos cardeais, nem sequer a renúncia de Bento XVI, se não medirmos a extensão e a profundidade do rizoma.

Portanto, não existe um "lobby gay"; há algo bem maior do que isso no Vaticano: uma imensa rede de relações homossexuais ou homossexualizadas, polimorfas, sem centro, mas dominadas pelo segredo, a vida dupla e a

mentira, constituídos em um "rizoma". O que também poderíamos chamar de "o armário".

22. Dissidentes

— Acho que não vai sobreviver ao inverno — sussurra Radcliffe para mim.

O padre tira uma moeda do bolso e a oferece a um ancião que está sentado na rua, chamando-o pelo nome. Conversa um pouco com ele, e depois continuamos nosso caminho pelas ruas de Oxford, na Inglaterra. Faz um frio glacial.

Timothy Radcliffe conhece os sem-teto do seu bairro e tenta ajudá-los com os meios de que dispõe. Um pequeno gesto que não parece grande coisa, banal na sua simplicidade, e que se tornou raro numa Igreja "autorreferencial" e com tendência para se afastar dos pobres.

Esse frade dominicano não é um rebelde, na verdadeira acepção da palavra: é um padre e teólogo inglês de fama internacional e uma das grandes figuras da Igreja, uma vez que foi "mestre" da Ordem dos Dominicanos entre 1992 e 2001. No entanto, Radcliffe pertence aos espíritos críticos.

No momento em que o Vaticano de Bento XVI já está em estado de sítio, o secretário de Estado Tarcisio Bertone perde o controle da situação e a oposição na Cúria Romana se intensifica, aparecem outras frentes. Por todo o mundo, "dissidentes" começam a se rebelar contra a intransigência e a rigidez do papa. Timothy Radcliffe está entre aqueles que se opõem à deriva conservadora do pontificado.

— Durante muito tempo, detestei Ratzinger, era mais forte do que eu, e escrevi inclusive um artigo contra ele. Depois, quando cheguei a Roma, como mestre dos dominicanos, e me encontrei com ele, minha opinião mudou. Na época, ele era cardeal e eu podia falar o que bem entendesse, uma vez que

representava uma das ordens importantes da Igreja. Conversei muito com ele e devo dizer que era possível argumentar com Ratzinger, mesmo quando estávamos em desacordo. Acabei por ter respeito, e até afeto, por ele.

Após minha primeira conversa com Radcliffe, no convento dos Blackfriars, perto do campus da Universidade de Oxford, onde vive, continuamos trocando ideias num restaurante francês da cidade. Radcliffe tem tempo: o conferencista internacional em que se tornou só vai pegar o avião na manhã do dia seguinte. Conversamos bastante e, naquela noite, durmo no convento dos Blackfriars para não ter que voltar a Londres no último trem.

Quando a Ordem dos Dominicanos elege para ficar à sua frente, em 1992, o muito liberal e *gay-friendly*, Timothy Radcliffe, o Vaticano fica atônito. Como pode ter acontecido um erro desses? Os dominicanos terão ficado todos doidos? Escandalizados, os cardeais Angelo Sodano e Giovanni Battista Re tentam imaginar uma estratégia para contestar essa escolha. O cardeal que tem a seu cargo as ordens religiosas, Jean Jérôme Hamer, um belga, é impelido a tomar medidas de retaliação!

— Hamer, que era dominicano, me boicotou! Após minha eleição, só vinha visitar a Ordem quando eu estava ausente! Mas, depois, nós conversamos. Ele aceitou melhor minha presença. A partir de então, só vinha quando eu estava presente! — conta Radcliffe.

É preciso dizer que Timothy Radcliffe é uma espécie rara no catolicismo romano: um teólogo abertamente "pró-gay". Sempre defendeu os LGBTs e fez gestos significativos para incluí-los na Igreja. Declarou, nomeadamente, que os homossexuais podiam ser fiéis a Cristo e que as relações entre homens podiam ser tão "generosas, vulneráveis, ternas ou mútuas" como as relações heterossexuais. Também publicou um livro sobre a questão da aids e assumiu posições corajosas quanto à questão do preservativo.

— Pouco importa se a pessoa é gay ou heterossexual: o essencial é amar — diz Radcliffe durante nossa conversa, numa grande liberdade de tom, sob influência talvez de um côtes-du-rhône enérgico.

Raros são os prelados desse nível que falam sem clichês. Em relação à homossexualidade e aos homossexuais da Igreja, Radcliffe não tem nenhum tabu. Nunca milita: diz os fatos. Pausada e serenamente. Prega.

A sua cultura é imensa: teológica, claro, mas também filosófica, geopolítica e artística. É capaz de escrever longos artigos sobre Rembrandt ou uma apaixonante comparação entre *Jurassic Park* e *A última ceia* de Leonardo da Vinci!

Durante seus anos em Roma, o dominicano se aproximou da ala moderada da Igreja, tornando-se amigo dos grandes cardeais liberais Carlo Maria Martini e Achille Silvestrini. Ele me conta sobre os passeios que fez na capital, no carrinho deste último.

A sua longa passagem pelo Vaticano foi marcada, no final do pontificado de João Paulo II, em que a Igreja dos cardeais Sodano e Ratzinger se torna ultraconservadora, pela necessidade de proteger os teólogos dissidentes que eram ameaçados com frequência. Radcliffe toma a defesa de algumas figuras-chave, na primeira linha das quais se encontra o teólogo da libertação Gustavo Gutiérrez, que se torna justamente dominicano...

— Quando uma pessoa entra para a Ordem, fica protegida. É claro que os dominicanos protegem seus irmãos — comenta, simplesmente, Radcliffe.

O padre se mantém discreto em relação a essas lutas, mas, segundo outras fontes, Timothy Radcliffe defendeu padres que estavam em risco de ser excomungados, multiplicou as cartas e, nos casos mais difíceis, foi ver pessoalmente o cardeal Ratzinger para defender um processo, evitar um castigo ou pedir um adiamento. Diante da "técnica do Tipp-Ex" do cardeal,

que consistia em eliminar o nome dos dissidentes de que não gostava, o dominicano preferiu argumentar.

Dissidente? Radcliffe é apenas religioso e exigente. Acrescenta, insistindo fortemente nesse ponto, quando nos separamos:

— Amo minha Igreja. Sim, amo-a.

James Alison é um dos dissidentes que deu o que falar. Inglês, tal como Timothy Radcliffe, e também formado nos dominicanos, esse padre é uma das figuras mais corajosas que encontrei na Igreja. Teólogo e padre assumidamente gay, Alison é um bom especialista da América Latina, onde viveu inúmeros anos, no México e no Brasil. Também passou longas temporadas nos Estados Unidos, antes de se instalar em Madri.

Estamos numa vinoteca do bairro gay de Chueca, e Alison está acompanhado pelo seu cachorro Nicholas, um buldogue francês adotado no Brasil. O padre me conta o seu percurso e a sua paixão pelas viagens. Esse "pregador viajante" percorre o mundo para fazer conferências, colóquios, e não hesita, pelo caminho, em celebrar missas para grupos LGBTs. Em Madri, por exemplo, vejo-o oficiar no seio da associação Crismhom, um grupo de cristãos gays que conta com mais de duzentos adeptos, que se reúnem num pequeno estabelecimento de Chueca, para onde me dirijo.

Tendo sido, durante muito tempo, padre na América Latina, Alison me conta sobre as batalhas entre Joseph Ratzinger e os teólogos da libertação. Durante várias décadas, o cardeal perseguiu obcecadamente o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, obrigado a se explicar diante do grande professor alemão, chamado a Roma e humilhado. O brasileiro Leonardo Boff, figura muito respeitada na América Latina, também foi humilhado e, depois, reduzido ao silêncio por Ratzinger devido às suas teses controversas, antes de decidir abandonar a Ordem Franciscana por razões pessoais. O padre e

teólogo jesuíta Jon Sobrino, outro padre esquerdista, foi assediado por Alfonso López Trujillo e Joseph Ratzinger durante longos anos. Quanto ao marxista Frei Betto, um dos teólogos progressistas do Brasil que passou vários anos na prisão durante a ditadura, foi repreendido pelo papa.

O que é paradoxal nessa batalha em que os campos estão invertidos é que as grandes figuras da Teologia da Libertação — Gutiérrez, Boff, Sobrino, Betto — eram religiosos claramente não gays, enquanto os cardeais e bispos que os atacavam, tanto na América Latina quanto no Vaticano, e os acusavam de "desviar" da norma, eram eles mesmos, na sua maioria, homossexuais! Basta pensar nos cardeais Alfonso López Trujillo ou Sebastiano Baggio, entre outros... O mundo virado do avesso, em suma.

— Sempre tive muito respeito pela teologia de Bento XVI. Lamento apenas que Ratzinger tenha acentuado o inverno intelectual decretado por João Paulo II. E estou contente pelo papa Francisco ter reabilitado alguns desses pensadores marginalizados durante muito tempo — resume Alison, com prudência.

O cardeal Walter Kasper, figura importante da ala liberal da Cúria e um dos inspiradores do projeto do papa Francisco, resume a situação:

— Essas figuras da Teologia da Libertação são muito diferentes. Gustavo Gutiérrez, por exemplo, estava sinceramente empenhado para com os pobres. Não era agressivo, pensava na Igreja. Para mim, era crível. Boff, em compensação, conseguiu ser muito ingênuo em relação ao marxismo, por exemplo, e era mais agressivo. Outros tinham feito a escolha de se juntar às guerrilhas e pegar em armas, algo que não podíamos tolerar.

Quanto à problemática gay, a Teologia da Libertação foi relativamente lenta e dividida, antes de se encontrar na vanguarda da "teologia *queer*". Prisioneiros da vulgata marxista, raros são os pensadores desse movimento "libertacionista" que compreenderam o peso das raças, do sexo ou da orientação sexual na

exclusão ou na pobreza. Algo que o dominicano brasileiro Frei Betto, uma das figuras-chave do movimento, reconhece quando conversamos no Rio de Janeiro:

— A Teologia da Libertação evoluiu em função do contexto. No início, nas décadas de 1960 e 1970, a descoberta do marxismo foi determinante como índice de leitura. Ainda hoje, Marx continua sendo essencial para analisar o capitalismo. Ao mesmo tempo, à medida que foram emergindo novas questões, a Teologia da Libertação se adaptou. Sobre a ecologia, por exemplo, Leonardo Boff é conhecido hoje como um dos pais da ecoteologia e influenciou muito a encíclica do papa Francisco sobre a ecologia integral: *Laudato si!* E graças às mulheres envolvidas nas comunidades de base e, em seguida, às teólogas feministas, surgiram as questões de sexualidade e gênero. Eu próprio acabei de publicar um pequeno manual sobre as questões de gênero e de orientação sexual. Nenhum tema é tabu.

Por sua vez, o cardeal-arcebispo de São Paulo, Paulo Evaristo Arns, próximo da Teologia da Libertação, ousou incentivar o uso do preservativo e criticar João Paulo II por ter proibido o debate sobre o celibato dos padres que não repousaria, segundo ele, sobre nenhuma base séria (também se deslocou a Roma para assumir a defesa de Boff contra Ratzinger). Afeminado e cheio de trejeitos, Evaristo Arns era tão estranhamente *gay-friendly* que alguns teólogos brasileiros, que se contavam entre os seus amigos, suspeitam de que ele próprio teria tendências homossexuais, o que explicaria, segundo eles, seu liberalismo. Mas essa hipótese, que ouvi várias vezes durante minha investigação no Rio, em Brasília e em São Paulo, não parece se basear em nenhum acontecimento preciso e nunca foi confirmada. Em compensação, é fato que foi um opositor à ditadura no Brasil e que "celebrava missas pelas vítimas do poder militar" (segundo o testemunho, recolhido por mim em São

Paulo, de André Fischer, uma das principais figuras do movimento gay brasileiro).

De qualquer modo, é no movimento da Teologia da Libertação, e mais tarde (a partir da década de 1990), que aparece finalmente um movimento ativamente pró-gay de que o irmão James Alison foi um dos teóricos: uma verdadeira "teologia gay".

— Alison foi dos que previram e acompanharam esse movimento da Teologia da Libertação em direção ao feminismo, às minorias e aos gays — confirma Timothy Radcliffe.

Nessa evolução intelectual um pouco inesperada, a Teologia da Libertação começou a pensar a pobreza e a exclusão não mais em termos de classe social e de grupos, mas em termos de indivíduos, algo que é resumido pelo teólogo alemão Michael Brinkschröder, que entrevisto em Munique:

— Começaram a se interessar pelo indivíduo com sua origem, sua raça, seu gênero, sua orientação sexual. Consequentemente, as referências marxistas foram ficando cada vez menos operantes. Em sua substituição, alimentaram-se com *french theory* (os filósofos Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida) e pensamento feminista radical (Judith Butler). E foi assim que se passou da Teologia da Libertação para a "teologia gay" e, em breve, para a "teologia *queer*".

Teólogos como o americano Robert Gross (um antigo jesuíta abertamente gay), a feminista radical Marcella Althaus-Reid, na Argentina, os brasileiros Paulo Suess e André Musskopf (um luterano) e até o frade dominicano Carlos Mendoza-Álvarez, no México, contribuíram para definir ou alimentar essa "teologia *queer*". Podemos citar ainda o nome do brasileiro Luiz Carlos Sussin, um frade capuchinho que foi, explica ele, "o organizador de um *side event* sobre a teologia *queer*, em 2005, quando de uma das primeiras edições do

Fórum Social Mundial, em Porto Alegre". Esse workshop sobre as questões de gênero contribuiu para a expansão da "teologia *queer*" na América Latina.

Hoje em dia, inúmeros grupos de leitura *queer* da Bíblia fazem com que essa corrente ainda se mantenha viva, embora tenha tido tendência para se esgotar devido à ausência de reconhecimento acadêmico ou em virtude de ter se fragmentado em capelinhas e outras tantas subcorrentes LGBTIQ+, vertente natural da "desconstrução", um pouco "à maneira do protestantismo" (segundo a fórmula de Michel Brinkschröder).

Sem surpresa, a "teologia *queer*" também foi violentamente posta em questão por parte do Vaticano sob Bento XVI. Alguns padres foram castigados; alguns teólogos perderam sua credibilidade. No México, Angel Méndez, da Universidade Jesuíta Ibero-Americana, foi mesmo punido severamente em virtude dos seus ensinamentos sobre a "teologia *queer*". "Abertamente gay, soropositivo e vivendo com o namorado", como ele próprio me confirma, Méndez foi demitido mesmo com a lei mexicana que proíbe qualquer discriminação no trabalho. Pagou pela sua sinceridade e pelos seus ensinamentos teológicos LGBTs. Mais recentemente, o novo reitor, um jesuíta *gay-friendly*, David Fernández Dávalos, o readmitiu.

Uma mesma lógica anima padres tão diferentes como Timothy Radcliffe, Paulo Evaristo Arns, James Alison, Carlos Mendoza-Álvarez, Angel Méndez ou Luiz Carlos Susin e tantos outros teólogos gays ou *queers*: a sinceridade, a autenticidade e o repúdio da hipocrisia sobre a homossexualidade. Sem serem eles mesmos necessariamente gays, sabem que a porcentagem de homossexuais na Igreja é muito alta.

James Alison, um homem do campo que percorreu a América Latina, pôde verificar que, nela, a maior parte dos padres leva uma vida dupla.

— Na Bolívia e no Peru, por exemplo, os padres têm geralmente uma concubina. Aqueles que são celibatários são, na maioria das vezes,

homossexuais. No fundo, diria que o clero diocesano rural é, sobretudo, hétero praticante; e o clero religioso urbano, homossexual praticante — resume Alison.

Quanto à guerra aos gays, travada sob João Paulo II, e de que o próprio padre Alison foi vítima, porque ainda hoje se encontra privado de título oficial, muitos consideram que foi contraproducente:

— Para a Igreja, é um desperdício de energia — acrescenta Alison.

Mas os tempos mudaram. A maior parte dos teólogos da libertação e dos padres gays tem hoje relações pacificadas com a santa sé. O papa Francisco mantém boas relações com Gustavo Gutiérrez, a quem recebeu no Vaticano, e com Leonardo Boff, a quem pede conselhos. Quanto a James Alison, o padre sem paróquia que foi alvo de um processo canônico irregular, acabou de receber uma chamada do Vaticano, em que o homem do outro lado da linha queria saber notícias suas. Ainda não se recompôs! Alison se recusa a comentar comigo essa conversa privada ou a revelar a identidade da pessoa que lhe telefonou. Mas a informação circulou pela Cúria e fico sabendo do nome daquele que ligou através da central telefônica do Vaticano: o papa Francisco!

Durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, os papas João Paulo II e Bento XVI não pegavam no telefone: mandavam seus cães de guarda. A Secretaria de Estado, a Congregação para a Doutrina da Fé e a Congregação para os Religiosos são encarregadas dessas inquisições. Timothy Radcliffe e James Alison, entre tantos outros, têm um processo lá. As chamadas à ordem, as humilhações, os castigos, as "constituições de arguidos" não faltaram.

Durante trinta anos, Joseph Ratzinger foi esse grande inquisidor. Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e, depois, sumo pontífice, instituiu um sistema sofisticado de sanções, secundado durante muito tempo pelo seu

gênio maléfico, Tarcisio Bertone. O que choca não é tanto a violência ou as excomunhões, afinal raras, como a perversão de Ratzinger e sua propensão para as humilhações "martirizantes". Não há autos de fé: há exames de consciência! Ratzinger usa e abusa de toda uma paleta de castigos graduais. E que imaginação!

Seus opositores, principalmente homossexuais ou *gay-friendly*, foram marginalizados ou punidos, repreendidos ou mortificados, reduzidos ao estado secular, acusados publicamente, obrigados ao "silêncio penitencial", ou ainda privados de *missio canonica* (seus trabalhos já não têm valor aos olhos da Igreja). O célebre teólogo Eugen Drewermann, que, em *Funcionários de Deus*, dinamitou a ideologia do Vaticano de João Paulo II, foi castigado duramente. A lista dos excluídos, dos punidos ou dos párias é longa: o padre Charles E. Curran (um americano aberto demais em relação ao divórcio, a pílula e à homossexualidade); o frade Matthew Fox (um dominicano heterossexual que desejava se casar); o padre americano Robert Nugent (favorável aos gays); o jesuíta belga Jacques Dupuis (especialista em religião na Índia); a religiosa e teóloga inglesa Lavinia Byrne (favorável à ordenação das mulheres); a religiosa e teóloga brasileira Ivone Gebara (considerada muito liberal em relação à moral sexual e ao aborto); ou ainda o padre italiano Franco Barbero (que defende, num livro com o jornalista Pasquale Quaranta, a tese segundo a qual o amor entre pessoas do mesmo sexo não está em contradição com os Evangelhos). Nem os mortos foram poupados: foram passados em revista, dez anos após seu desaparecimento, os escritos do jesuíta indiano Anthony de Mello, célebre pelos seus ensinamentos pró-gays da Bíblia e que encorajava as manifestações de afeto entre religiosos seguindo uma "terceira via" que não era nem a sexualidade, nem o celibato — e foram declarados não conformes.

Dando provas de uma espécie de fanatismo individual, Bento XVI também suspendeu padres ou freiras que distribuíam preservativos na África. Sem

esquecer a nomeação insólita, por João Paulo II e Joseph Ratzinger, do bispo francês Jacques Gaillot, que defendia os homossexuais e os preservativos como forma de prevenção contra a aids: foi nomeado finalmente bispo *in partibus* de Partenia, uma sede episcopal situada no deserto argelino, sem paróquia nem fiéis, porque a cidade desapareceu sob a areia no final do século V.

Joseph Ratzinger convoca os recalcitrantes diversas vezes para que se justifiquem durante dias inteiros; obriga-os a confessar, comentar repetidamente um desvario, descrever um desvio, justificar um simples "tom". Convencido de que a Igreja escapa em si mesma à crítica, porque é a encarnação da própria moral, esse doutrinário utiliza argumentos de autoridade. Suas posições são descritas pelos seus detratores como arbitrárias e definitivas, "justificadas pela ausência de justificativa" (segundo a frase de Albert Camus em *O homem revoltado*). Uma rigidez tão artificial que o papa Francisco não terá a menor hesitação em desviar ou inverter a maior parte dessas regras.

Todos aqueles que foram excluídos, castigados ou reduzidos ao silêncio ficaram com sequelas ou estigmas severos: o desenraizamento; a ideia de terem perdido uma família; o impasse financeiro por não poderem encontrar facilmente um trabalho; o sentimento de fracasso após a "servidão voluntária"; por fim, e talvez em primeiro lugar, essa carência indefinível daquilo a que chamaria a "fraternidade".

Quer sejam excluídos ou saiam voluntariamente, os padres despadrados aceleraram ainda mais a grande crise das vocações, movimento silencioso e duradouro, que começa na década de 1970. Alguns perderam a fé após a encíclica rígida de Paulo VI sobre moralidade sexual, *Humanae vitae*; milhares de padres mandaram a batina às favas para se casar, nas décadas de 1970 e 1980; outros abandonaram a Igreja durante a liquidação sistemática dos

progressos do Concílio Vaticano II, sob João Paulo II; outros, por fim, abandonaram sua paróquia à medida que os teólogos de direita e a homofobia começaram a dominar a Cúria Romana.

Paralelamente, dezenas de milhões de fiéis se afastam da Igreja por causa das mudanças em relação ao espírito do tempo, às suas posições ultraconservadoras sobre o casamento, os direitos das mulheres, os direitos homossexuais ou os preservativos e a aids; inúmeros religiosos também ficaram chocados com as revelações sobre os abusos sexuais e a proteção de que beneficiaram centenas de padres predadores. As repetidas colocações no Índex realizadas pelo cardeal Ratzinger isolam a Igreja dos seus intelectuais; por fim, também os artistas se afastam de uma Igreja que já não aprecia a beleza das coisas.

— Joseph Ratzinger fez o deserto ideológico à sua volta. Mandou todo mundo se calar. Era o único teólogo relevante. Não tolerava nenhuma contradição. Ratzinger foi responsável pelo aniquilamento da liberdade de pensamento na Igreja e pelo empobrecimento impressionante do pensamento teológico católico nos últimos quarenta anos — resume frei Bento Domingues.

Esse teólogo dominicano respeitado que entrevisto em Lisboa é livre na sua palavra porque, aos 84 anos, não se deixa mais impressionar pelo autoritarismo. Acrescenta, furioso:

— Ratzinger foi de uma crueldade inimaginável com seus opositores. Instaurou inclusive um processo canônico a um teólogo mesmo sabendo que ele tinha câncer.

No andamento dessa investigação, conheci em todo o mundo — tanto em Portugal como no Japão, nos Estados Unidos como em Hong Kong ou nas missões da África e da Ásia — padres liberais ou *gay-friendly* que tentam fazer

a sua Igreja evoluir na "periferia" dessa. Todos estiveram em guerra com Ratzinger ou seus representantes locais conservadores.

Estranhamente, um dos lugares onde essa oposição a Joseph Ratzinger foi mais poderosa e ao mesmo tempo mais irredutível foi no Oriente Médio. Durante estadas, para esta investigação, em oito países árabes, encontrei com cristãos do Oriente e também, muito frequentemente, com missionários europeus que continuam "evangelizando" o Oriente Médio, esquecendo que o colonialismo pertence ao passado.

Em Roma, o "cérebro" do Vaticano que tem a seu cargo os cristãos do Oriente é o cardeal Leonardo Sandri. Já conhecemos esse prelado: é uma figura digna do Antigo Testamento, que está povoado de eminências desse calibre, excessivamente coloridas, acima do bem e do mal, o que as torna bem mais interessantes, pelas suas contradições diabólicas e longas barbas, do que os personagens polidos dos *blockbusters* assépticos que são os evangelhos.

O argentino foi, como sabemos, ministro do Interior de João Paulo II e, ostracizado sob Bento XVI, teve direito a um *maroquin* para compensar: a congregação encarregada dos cristãos do Oriente. Quando visito esse ministro do papa, no seu escritório espetacular da Via della Conciliazioni, em Roma, cruzo primeiro com todo um séquito de assistentes, secretários, subchefes, contínuos e mordomos que me deixam impressionado. Vários deles poderiam ter sido os companheiros de viagem de André Gide no Oriente!

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, o protocolo continua sendo um assunto sério, e descubro por que a palavra "antecâmara" é um italianismo, como "peruca", "bancarrota", "caricatura" ou "grotesco". Enquanto aguardo pelo cardeal Sandri, me fazem aguardar primeiro numa imensa sala de espera; depois desse grande salão, um contínuo me conduz a um pequeno vestíbulo; após essa antecâmara, um mordomo me leva a uma espécie de quarto de vestir, verdadeiro secretariado de Sua Eminência, antes de me introduzirem,

por fim, delicadamente, talvez para não acordá-lo, no grande gabinete do papão, onde entro por fim.

O cardeal Sandri é imponente: tem uma grande testa tenaz e um estilo apache. Recebe no seu gabinete, contrariando a ordem oficial do Vaticano, que obriga todos os prelados a receber, por razões de confidencialidade, em salões particulares. Rebelde e ignorando as normas, Sandri me convida para sentar no seu sofá. Fala um francês impecável, como muitos cardeais, e é, comigo, de uma simpatia repleta de encanto. Agarra a minha mão para me mostrar, da sua janela, o escritório da "Ordem Equestre dos Cavaleiros de Jerusalém" — essas coisas não se inventam — e me dá um presente de boas-vindas: uma medalha de ouro (ou folheada a ouro) com a efígie do papa Francisco.

— É religioso? — pergunta Sandri, durante a conversa. (A entrevista é gravada com a permissão do cardeal.)

Respondo-lhe que, depois do Iluminismo, depois de Espinosa, Nietzsche e Darwin, depois de Voltaire e Rousseau, depois de Rimbaud, se tornou difícil, sobretudo para um francês...

— Sim, a secularização! Eu sei! — retruca Sandri, com o olhar penetrante, a voz exageradamente forte.

Como muitos no Vaticano, e no mundo católico, Leonardo Sandri tem a paixão do Oriente. Esse latino, que tem um sorriso digno de Leonardo, gosta das longas *méharées*, da separação clara dos sexos, apesar de, por função, não se ocupar dos circuncisos.

Graças a esse novo posto, Sandri descobre um novo Oriente na sua vida, de que me fala longamente: esse grande conhecedor dos caldeus, dos sírios e dos melquitas descreve as sutilezas bizantinas das Igrejas do Oriente. Dá dicas para uma viagem que tenho que fazer pouco depois ao Líbano e aos Emirados Árabes Unidos: recomenda bons contatos que posso ir ver da sua parte.

Sandri conhece o terreno como os bolsos da sua batina. Cardeal, antigo diplomata, núncio e um dos melhores especialistas do Vaticano quanto às mil sutilezas do Oriente Médio: seus Aladins, suas pintas no rosto, seus dervixes com seu Qamar, suas adolescentes com o Budûr, sem esquecer, é claro, Ali Babá e os quarenta ladrões.

Ele e eu conhecemos bem essa paixão pelo Oriente. É a das cruzadas e do catolicismo de conquista, a do monte das Oliveiras, de São Luís e Napoleão. Mas a "viagem pelo Oriente" também foi um gênero muito apreciado pelos escritores homossexuais: Rimbaud em Áden, Lawrence na Arábia, André Gide na Tunísia, Oscar Wilde no Magrebe, Pierre Herbart na África, Henry de Montherlant na Argélia e no Marrocos, Pierre Loti na Galileia, Jean Genet na Palestina, William Burroughs e Allen Ginsberg em Tânger... Riumbaud escreve: "O Oriente, a pátria primitiva".

— Vários escritores que quiseram fazer a "viagem pelo Oriente", um grande clássico literário, eram homossexuais. O nome de Sodoma encerrou sempre uma formidável carga simbólica — comenta Benny Ziffer, o redator-chefe literário do *Haaretz*, durante um jantar em Tel Aviv.

E o Oriente também é uma paixão gay! Grande mito, em suma, e duradouro, esta evasão para o Oriente: uma pátria primitiva dos católicos; nova Sodoma para os gays. Uma escapadela que frequentemente se revela um engodo, um mau negócio; só as misérias sexuais se acasalam.

No Oriente Próximo e no Oriente Médio, no Levante, no Magrebe, cruzei com *houmous queens*, como lhes chamam no Líbano: aqueles que, não podendo saciar suas tendências na Cúria Romana, na sua diocese ou mosteiro, se deslocam às terras dos seus antepassados cristãos e dos seus amantes. Como me fascinaram esses cavaleiros da Ordem Equestre de Jerusalém, esses cavaleiros da Ordem de Malta, esses missionários filantropos da Ordem do Oriente quando prestam dupla vassalagem à Igreja e às belezas árabes. Quão

estranhos são esses peregrinos que estão aterrorizados com o islamismo, mas não têm mais nenhum medo nos braços de um muçulmano que os condena às penas eternas. No Marrocos, na Argélia ou na Tunísia, onde também cruzei com eles, esses padres, que gostam de receber cantadas na rua como se fossem princesas, recordaram comigo, por segundos sentidos, os estabelecimentos *gay-friendly* que frequentam, os hotéis "conciliadores" e os *riads* luxuosos. Por exemplo, o clero católico europeu frequentou, em determinada época, o antigo mosteiro beneditino de Toumliline, isolado nas montanhas do Atlas (segundo o testemunho de diplomatas, de altas patentes militares e próximos da família real, que entrevistei no Marrocos). No Egito, também me descreveram a atmosfera *gay-friendly* do Instituto Dominicano de Estudos Orientais do Cairo.

Essa paixão pelo Oriente também tem ramificações no interior do Vaticano. Segundo o testemunho de um padre da Cúria e de um confessor de São Pedro, seriam comuns no seu interior o consumo de vídeos pornográficos árabes do YouPorn, bem como a utilização da versão italiana da plataforma de vídeo citebeur.com e de um site que propõe acompanhantes pagos árabes, em Roma.

No Líbano, por recomendação do simpático cardeal Sandri, eu me encontro com o núncio apostólico Gabriele Caccia. Esse diplomata foi, aliás, o jovem adjunto de Sandri sob Ratzinger, com o cargo de "assessor", ou seja, uma espécie de braço direito do ministro do Interior do Vaticano. Afastado por Tarcisio Bertone, agora segue exilado em Beirute, onde me recebe. Uma das cabeças cortadas de Ratzinger parece se portar como um anjo, e o arcebispo conta que adora o Líbano. (Francisco nomeou-o recentemente para as Filipinas.)

A nunciatura fica longe do centro da cidade de Beirute, em Bkerké, ao norte da capital libanesa. É um bastião cristão: Nossa Senhora do Líbano fica a dois passos, bem como a sede do Patriarcado dos Maronitas, uma das principais comunidades católicas de rito oriental. Caccia vive e trabalha lá, protegido pelos soldados do exército libanês, numa casinha a um nível inferior da nunciatura (que estava em obras quando a visitei). A vista sobre Beirute e o vale que a rodeia são espetaculares.

Como todos os diplomatas do Vaticano, Caccia não tem o direito de se expressar sem autorização, e nossa conversa é em off, mas fico impressionado com seu conhecimento do país e com sua coragem: viaja por todo lado, por sua conta e risco, vestido de arcebispo, tendo bem visível, na cabeça, a barretina de seda violeta furta-cor dos núncios apostólicos. Aqui, a guerra está perto: não se mostram aparências nem festas sociais. Caccia não me oferece uma joia como presente de boas-vindas, mas o Evangelho segundo são Lucas, traduzido em árabe.

As Igrejas católicas de rito oriental são fiéis a Roma, mas seus padres podem ser ordenados sendo casados. Estamos no cerne da grande contradição do Vaticano, que foi obrigado, por mais que lhe custe, a reconhecer essa heterossexualidade praticante!

— O celibato dos padres é uma decisão relativamente recente. Mesmo em Roma, os padres podiam se casar até o século XI! Aqui, nos mantemos fiéis à tradição: os padres são, muitas vezes, casados. Em compensação, depois de ter sido ordenado, o casamento já não é possível, e os bispos são sempre escolhidos entre os padres celibatários — explica o bispo Samir Mazloum, porta-voz do patriarca maronita, que entrevistei em Beirute.

Os papas João Paulo II e Bento XVI, muito incomodados com essa exceção oriental, que consideravam fora das normas, fizeram de tudo para restringi-la. Assim, opuseram-se durante muito tempo a que padres católicos do Oriente

pudessem servir, quando eram casados, nas igrejas europeias, uma solução que, no entanto, teria permitido atenuar a crise das vocações na Europa. Mas o precedente dos anglicanos ou luteranos convertidos levou-os a tolerar essas exceções que o papa Francisco generalizou: hoje em dia, inúmeros padres católicos que prestam serviço em igrejas da França, Espanha ou Itália são... casados. No que se refere ao celibato e ao casamento dos padres, os cristãos do Oriente representam, portanto, uma oposição latente às regras ditadas pelo Vaticano.

O padre maronita Fadi Daou, professor de teologia e presidente da importante fundação Adyan, que entrevisto em Beirute na presença do meu investigador árabe Hady ElHady, resume assim a situação:

— Somos cristãos do Oriente associados a Roma, mas independentes. Podemos estimar que 55% dos padres maronitas são casados; escolhemos livremente nossos bispos. Somos mais liberais em relação a determinados temas, como, precisamente, o celibato; e mais conservadores quanto a outros, como a condição da mulher ou a homossexualidade. O papa Francisco reconheceu a singularidade das nossas igrejas ao autorizar nossos padres casados a servir na Europa Ocidental. (Com a mesma prudência, monsenhor Pascal Gollnisch, da Obra do Oriente, e o cardeal Louis Raphaël I Sako, o chamado patriarca da Babilônia, que representa a Igreja católica da Caldeia, confirmaram essas informações durante nossas conversas em Paris.)

Alguns padres, jornalistas ou docentes universitários católicos, que encontrei na região, chamaram a minha atenção para o fato de que "os católicos eram ameaçados no Oriente, tal como os homossexuais". Essas duas "minorias" teriam, inclusive, no mundo árabe, os mesmos inimigos. Um padre libanês confirma:

— O mapa da perseguição aos católicos corresponde estranha e quase perfeitamente ao mapa da perseguição aos homossexuais.

No Extremo Oriente — bem longe do Oriente Próximo, de que os franceses gostam, e do Oriente Médio, preferência dos ingleses —, a situação também apresenta fortes contrastes. As "periferias" mais distantes vivem o catolicismo mais livremente, dissidentes a seu modo. Aí, a Igreja de Roma é em geral muito minoritária, exceto nas Filipinas e no Timor-Leste e, em menor grau, na Coreia do Sul e no Vietnã.

Na santa sé, o responsável pela "evangelização" da Ásia e da África é o cardeal Fernando Filoni. Apelidado de o "papa vermelho", está à frente de um dos ministérios estratégicos para o futuro do catolicismo. Tendo sido núncio, próximo do cardeal Sodano, Filoni esteve alocado, no início da década de 2000, no Iraque, onde demonstrou uma verdadeira coragem, quando a maior parte dos diplomatas ocidentais havia fugido do país ainda antes da intervenção militar americana contra Saddam Hussein.

Encontro com ele na sede histórica da Propaganda Fide, a Congregação para a Evangelização dos Povos, um edifício célebre desenhado por Bernini, na Piazza di Spagna, em Roma.

— O nome "papa vermelho" surge de uma forma indireta por oposição ao do santo padre, que é o "papa branco", ou do superior dos jesuítas, que é o "papa negro" — explica Filoni, num francês perfeito.

Após vinte viagens a uma dezena de países da Ásia, e em particular ao Japão, a Hong Kong, a Taiwan, a Cingapura e à China, pude avaliar até que ponto o catolicismo asiático tendia a amolecer determinada rigidez imposta por Roma. Em contato com as igrejas locais e as Missões Estrangeiras, observei uma grande distorção entre as regras e as práticas: o celibato dos padres heterossexuais, contrário à cultura local, é em geral pouco respeitado lá, e o número de missionários católicos homossexuais também é particularmente relevante.

Na China, país onde o catolicismo romano é clandestino, a vida privada dos padres e bispos católicos é alvo de uma vigilância ativa por parte do regime, que não hesita em "utilizar" a eventual vida dupla dos eclesiásticos — frequentemente heterossexual — para controlá-los ou "comprar" sua cooperação (segundo vários testemunhos recolhidos em Pequim, Shangai, Cantão, Shenzhen, Hong Kong e Taiwan). Na China, o trabalho dos padres locais, como o padre jesuíta Benoît Vermander, com quem me encontrei, não deixa de ser exemplar, apesar dos riscos. O dos missionários estrangeiros, aqui chamados "paraquedistas" porque chegam à terra da evangelização e ficam isolados durante muito tempo, é mesmo de muita coragem.

No Japão, no séquito de um bispo influente, confirmam que a Igreja nipônica é muito liberal e que seus bispos, por essa mesma razão, tiveram algumas desavenças com Bento XVI:

— O episcopado prefere evitar conflitos. Somos fiéis aos princípios de tolerância, de equanimidade e de consenso que prevalecem na ilha. Aceitamos as injunções de Roma; mas continuamos fazendo o que achamos bom para o Japão, sem nos preocuparmos muito com o Vaticano — explica um padre próximo da Conferência Episcopal Nipônica.

Aliás, durante o sínodo de 2014, a Igreja católica japonesa produziu, como confirma o padre Pierre Charignon, um capelão enviado para Tóquio pelas Missões Estrangeiras de Paris, um documento oficial de quinze páginas lamentando as posições de Roma; criticou sua "falta de hospitalidade" e suas normas "artificiais" sobre a contracepção, o preservativo ou os casais divorciados.

— Nós preferimos Francisco — diz, em Tóquio, Noriko Hiruma, uma das responsáveis da Comissão Justiça e Paz da Conferência dos Bispos japonesa.

Durante minha estadia, visito uma igreja católica pró-LGBT, no bairro gay de Shinjuku ni-chome. Ali, um padre milita abertamente em prol do casamento

para os casais do mesmo sexo e distribui preservativos aos jovens.

A oposição a Joseph Ratzinger ainda foi menos discreta nas "periferias" espirituais da Europa Ocidental. Na Alemanha, na Áustria, na Holanda, na Bélgica, na Suíça, mas também nos países escandinavos e na Irlanda, a rigidez do papa é denunciada por todo lado. Segmentos inteiros da Igreja entraram de fato em dissidência.

— Aqui está numa paróquia católica como outra qualquer — conta Monica Schmid.

E, de fato, visito com ela a igreja moderna e depurada de Effretikon, na Suíça, onde tudo parece em regra com a doutrina católica. Só que essa mulher generosa, Monica Schmid, é o pároco daqui!

Monica Schmid descreve longamente e com paixão a sua igreja, a grande panóplia de sacramentos e rituais disponíveis, e percebo que ela é bem mais instruída em teologia e liturgia do que a maior parte dos padres. A "sua" igreja é moderna e aberta; são inúmeros os paroquianos que lhe são fiéis (segundo Meinrad Furrer, um assistente pastoral católico que me acompanha durante diversas viagens pela Suíça).

Durante essas estadas em Illnau-Effretikon, Zurique, Genebra, Lausanne, St. Gallen, Lucerna ou Basileia, verifico que são cada vez mais numerosos os leigos e as mulheres que oficiam na Suíça. Inúmeros religiosos assumem publicamente sua homossexualidade e se organizam. Alguns, que evoluem na zona cinzenta, ainda são autorizados a celebrar a missa; outros se limitam a sermões sem consagração. Existem associações, como a Network em Zurique, que reúnem nomeadamente católicos LGBTs. Padres com quem me encontrei celebram bênçãos de casais homossexuais. Todos se rebelaram abertamente contra Joseph Ratzinger e exigem agora que a "Igreja de baixo" ("Kirche von Unten") seja finalmente ouvida.

Claro que Roma e, em especial, o papa Bento XVI fizeram de tudo para restaurar a ordem nessas paróquias dissidentes, pedindo aos bispos que as castigassem. Estes últimos, zelosos, até tentaram aplicar a norma impopular de Roma — antes de verem a imprensa revelar para todos sua vida dupla! De tal modo que foi decretado um cessar-fogo e, agora, deixam em paz os dissidentes suíços pró-gays!

Na Alemanha, a oposição é ainda mais forte. No cerne da própria Igreja, o episcopado alemão foi ultrapassado pela base, em profunda rebelião contra o Vaticano. Embora os alemães tivessem, de início, acolhido favoravelmente sua eleição, Bento XVI se desiludiu rapidamente. O papa suscitou lá uma onda de protestos sem precedentes, a ponto de ter se tornado persona non grata no próprio país. Suas posições morais, consideradas reacionárias, foram repudiadas inclusive entre os católicos: durante uma de suas viagens a Berlim, dezenas de associações de famílias, feministas, laicas ou homossexuais, desfilaram pelas ruas. No mesmo momento, mais de uma centena de deputados anunciaram o boicote ao seu discurso no Bundestag, o Parlamento alemão, no preciso momento em que o presidente exigia ao papa que se alterassem as regras em relação ao celibato dos padres. Por fim, o presidente, ele próprio no segundo casamento, criticou publicamente as posições morais do santo padre sobre casais divorciados.

— Aqui, a maioria dos teólogos alemães é hostil a Ratzinger — explica, em Berlim, o antigo deputado Volker Beck, que tomou parte no boicote ao papa.

No seu próprio país, Joseph Ratzinger perdeu a influência. Cerca de 90% dos alemães questionam o celibato dos padres e a proibição da ordenação de mulheres. Os movimentos de padres homossexuais e as associações de religiosos LGBTs também se multiplicaram a ponto de aparecerem como uma das componentes mais dinâmicas da Igreja, apoiadas por vezes pelo clero local. O cardeal Reinhard Marx, arcebispo de Munique e presidente da

Conferência Episcopal Alemã, é um dos raros ratzingerianos que se mostraram abertos à questão gay: em 2018, deu a entender, pesando bem as palavras, que os padres católicos poderiam organizar, em certos casos, "cerimônias de bênção para casais homossexuais". Esse prelado sabe, melhor do que todos, que segmentos inteiros do catolicismo de língua alemã estão em ruptura com o Vaticano, que os padres gays são maioria nas igrejas alemãs e alemânicas e mais numerosos ainda entre os jesuítas, franciscanos ou dominicanos do país.

O caso do cardeal-arcebispo de Viena, Hans Groër, contribuiu para desenganar os espíritos: rígido, homofóbico e homossexual praticante, o cardeal levou uma vida dupla até ter sido pego pelos velhos demônios. Acusado de abuso sexual por jovens padres, foi alvo de inúmeras queixas. E, à medida que a lista das vítimas foi crescendo — mais de mil entre os garotos e jovens da diocese —, o caso Groër se tornou um escândalo em todo o mundo germânico.

Durante o processo, as proteções de que o cardeal se beneficiou nas altas esferas são reveladas publicamente. Corajoso, o novo arcebispo de Viena, Christoph Schönborn, critica, em relação a esse processo, o papel do papa João Paulo II e do seu adjunto, Angelo Sodano, que teriam, segundo ele, protegido o cardeal pedófilo.

Vamos nos deter um pouco na figura de Schönborn. O sucessor de Groër em Viena é um dos cardeais mais *gay-friendly* da Igreja atual. Leitor entusiasta de Jacques Maritain e Julien Green (que está enterrado na Áustria), apaixonado pelo Oriente e frequentador habitual do hospício austríaco de Jerusalém, Schönborn deseja estar, no âmbito privado, atento às preocupações dos homossexuais. No final da década de 1990, por exemplo, o arcebispo de Viena encoraja a criação do jornal *Dialog*, editado pela diocese e distribuído em várias centenas de milhares de exemplares aos católicos austríacos. Nas

suas colunas, é realizado o debate sobre o celibato dos padres ou a outorga de sacramentos aos casais divorciados.

— Lançamos esse jornal sob a aprovação e com o financiamento da diocese, com o apoio constante do arcebispo Schönborn e do seu vigário-geral, Helmut Schüller. Estávamos seguindo as diretrizes da Igreja, mas, ao mesmo tempo, o debate se abria cada vez mais... — explica Martin Zimper, o redator-chefe, após vários encontros em Lucerna, onde agora vive com Peter, seu companheiro.

A abertura tem limites: Schönborn põe fim à experiência quando o prisma homossexual da publicação se torna excessivamente pregnante, mas o impacto da mesma sobre o catolicismo austríaco não será menos duradouro.

Foi também no círculo próximo do arcebispo de Viena que foi lançada, em 2006, a Pfarrer-Initiative (iniciativa dos párocos), cofundada precisamente pelo padre Helmut Schüller. Esse movimento muito influente pretende estruturar grupos de padres em ruptura com a Igreja. Em 2011, o próprio Schüller estará na origem de um "apelo à desobediência", assinado por cerca de quatrocentos padres e diáconos, para exigir o fim do celibato e a ordenação de mulheres. Por sua vez, o grupo Wir Sind Kirche (Nós Somos a Igreja), nascido no momento do escândalo Groër, pretende também reformar a Igreja austríaca, reunindo mais de 500 mil signatários.

A maior parte desses movimentos e grupos foi severamente repreendida pelo cardeal Joseph Ratzinger e, mais tarde, por Bento XVI.

— O papa se mostrou muito mais crítico em relação às associações católicas pró-gays do que em relação ao cardeal pedófilo multirreincidente Hans Groër, que nem sequer foi reduzido ao estado laical! — afirma um teólogo de língua alemã.

Nesse contexto, Christoph Schönborn navega com prudência, numa espécie de ignorância benevolente em relação aos inúmeros padres e bispos

gays do seu país: um "*Don't ask, don't tell*" que tem tudo a ver com ele, segundo a expressão de um dos seus antigos colaboradores. Abstém-se de fazer perguntas aos que o rodeiam com medo das respostas. Assim, continua a associar gays às iniciativas do arcebispado de Viena e afirmou ter ficado impressionado com a solidariedade, que testemunhou, no meio dos casais homossexuais, diante da provação da aids: "Era exemplar e ponto-final", declarou. Durante suas frequentes visitas à França, o cardeal viajante encontra-se com seus correligionários *gay-friendly* no convento dos dominicanos de Toulouse, onde me encontrei com eles. Schönborn também escreveu uma carta de felicitações, que pude consultar, a um casal de homossexuais austríacos que acabara de se comprometer numa união civil. E, em 1º de dezembro de 2017, Schönborn chegou a ponto de celebrar uma missa *gay-friendly* em Viena, durante a qual prestou homenagem aos infectados pelo HIV. Naturalmente, hoje Schönborn é próximo do papa Francisco.

23. VatiLeaks

Um mordomo um pouco curioso demais: é essa, mais ou menos, a versão oficial do caso, conhecido hoje sob o nome VatiLeaks. A tese inventada pela santa sé foi retomada pelos vaticanistas mais ingênuos. Aliás, a expressão "VatiLeaks" foi criada no círculo imediato do papa (Federico Lombardi reivindica a autoria, quando o interrogo). A realidade é, evidentemente, um pouco mais complexa.

O culpado, que, naturalmente, agiu "sozinho", chama-se Paolo Gabriele: era o mordomo do papa. Ele teria fotocopiado centenas de documentos oficiais, "pedidos de empréstimo" ao secretariado particular do papa Bento XVI e que acabaram por fim na imprensa em 2012. O escândalo é evidentemente de grande dimensão. Cartas internas manuscritas destinadas ao papa, notas secretas entregues em mãos a Georg Gänswein e até cópias de telegramas diplomáticos cifrados entre as nunciaturas e o Vaticano são postos na praça pública. O culpado ideal é um leigo de 48 anos, casado e pai de três filhos: um sedutor italiano, homem belo, que gosta de um segredo! Um camareiro! Um mordomo!

Na verdade, ninguém acredita que o mordomo tenha agido sozinho: o caso é uma empreitada, quiçá uma conspiração, organizada ao mais alto nível do Vaticano, com o objetivo de desestabilizar o secretário de Estado Tarcisio Bertone e, através dele, o papa. Um técnico de informática também foi culpado pessoalmente no VatiLeaks, o que já confirma que o mordomo tinha pelo menos um cúmplice. A principal vítima do VatiLeaks, o cardeal Bertone,

falará de um "nó de víboras e corvos": a frase é usada no plural. O que é muito para um único mordomo!

Uma vez eliminada a versão oficial, o caso que abala o pontificado de Bento XVI, e põe em andamento sua queda, continua sendo muito obscuro. Muitas perguntas permanecem sem resposta até hoje: quem recrutou Paolo Gabriele para esse lugar estratégico junto do papa? De que cardeais "Paoletto", como chamam ao mordomo, era secretamente próximo? Qual é o papel exato, nesse caso, de Georg Gänswein, o assistente pessoal do papa, apresentado como outra "vítima" do mordomo, quando é, necessariamente, também culpado? Por que Gänswein permitiu uma margem tão grande de manobra a Paolo Gabriele no seu próprio gabinete, de onde foram roubados os documentos, e qual era a natureza exata da sua relação? Será que o próprio Paolo selecionou os documentos para fotocopiar, ou teria feito isso a pedido de Georg, antes de duplicá-los, novamente, sem seu conhecimento? Que papel desempenhou o antigo secretário particular de Joseph Ratzinger, Josef Clemens, já que era de conhecimento geral que nutria um ressentimento tenaz contra Gänswein e que estava em contato com Paolo Gabriele? Por fim, por que o Vaticano encobriu a maior parte dos protagonistas dessa conspiração de alto nível e acusou apenas o mordomo, que aparece assim como um amálgama ideal?

O que é certo: o VatiLeaks vai contribuir para a queda do papa Bento XVI e fazer vir à tona um grau de violência incomum no coração do próprio Vaticano. Sobretudo, porque logo surgiria um segundo caso, batizado como VatiLeaks II.

Vários altos dignitários da Igreja desempenharam um papel nesse primeiro episódio do VatiLeaks: o cardeal americano James Harvey, que recrutou o mordomo e parecia próximo dele; o cardeal italiano Mauro Piacenza, que também bancou o Pigmaleão com Paolo Gabriele; o arcebispo Carlo Maria Viganò, que era o secretário-geral da cidade do Vaticano; o arcebispo Paolo

Romeo; o futuro núncio Ettore Balestrero; ou inclusive o antigo secretário particular do cardeal Ratzinger, Josef Clemens. Todos esses prelados foram suspeitos, sobretudo na imprensa e nos livros informados por Georg Gänswein e pelo séquito de Bertone, de ter participado, em diferentes graus, no caso e, apesar de seu papel não ter sido determinado, o simples fato de terem sido transferidos, marginalizados ou afastados por Bento XVI ou Francisco poderia levar a pensar que existe uma ligação com esse caso.

Quanto ao mordomo, embora não tenha nomeado eventuais mandantes durante o seu célere processo, repetiu ter agido por dever: "Tenho convicção de ter agido por amor exclusivo, diria até visceral, à igreja de Cristo e ao [papa]". "Não me considero um ladrão", insistiu Gabriel, que pensava que o Vaticano era o "reino da hipocrisia", que havia uma "omertà" quanto à realidade do que acontecia lá. Por isso, agiu para fazer com que toda a verdade viesse à tona e para proteger "o santo padre, que não estava corretamente informado". Numa entrevista realizada pelo canal de televisão La Sette, Paolo Gabriele acrescentou: "Ao ver o mal e a corrupção na Igreja, cheguei a um ponto em que perdi todos os meus inibidores. Estava convencido de que um choque, mesmo midiático, podia ajudar a pôr a Igreja de volta nos trilhos". Paolo Gabriele, que evoca nas entrelinhas a hipocrisia e a corrupção gay, nunca quis endossar a responsabilidade plena do delito e se recusou a expressar remorso.

É provável, portanto, que Paolo Gabriele tenha agido em nome de mandantes, apesar de ter sido o único a ser condenado por furto agravado e sentenciado a dezoito meses de prisão. Por fim, Bento XVI, que considerava o mordomo como "seu próprio filho", perdoou Gabriele. O papa, que se encontrou com ele antes de perdoá-lo, deixou entender ele próprio que poderia ter sido manipulado: "Não quero analisar sua personalidade. É uma mistura curiosa, aquilo de que o convenceram ou de que ele próprio se

convenceu. Compreendeu que não devia ter feito aquilo", disse Bento XVI em *O último testamento*.

— Os atores de VatiLeaks I e II são, na sua maioria, homossexuais — confirma um arcebispo da Cúria Romana. Esse ponto explica os dois casos, mas foi sistematicamente dissimulado pelo Vaticano e atenuado pela imprensa. Não se trata de um lobby, como disseram. Trata-se simplesmente de relações gays e das vinganças interpessoais que delas resultaram. Francisco, que conhece perfeitamente o caso, castigou os culpados.

O segundo caso VatiLeaks começa em Madri. Ele se dá sob Francisco, mas é elaborado sob Bento XVI. O vilão da história dessa vez se chama Lucio Ángel Vallejo Balda e tem um perfil totalmente diferente do de Paolo Gabriele.

Após uma investigação aprofundada realizada na Espanha, o percurso de Vallejo Balda surge tão límpido quanto suas ações serão obscuras. O jornalista José Manuel Vidal, também ex-padre, descreve a personagem durante diversas conversas em Madri:

— A história de Vallejo Balda é a de um insignificante pároco de província que se tornou um convencido. É belo, atraente, sobe rapidamente os degraus do episcopado espanhol. É próximo do Opus Dei: logo, é apoiado pelos meios ultraconservadores. Aqui, em Madri, torna-se próximo do cardeal Rouco Varela, um homofóbico que gosta de estar rodeado por esse tipo de rapaz, tanto absolutamente enrustidos quanto extravagantes, que se criam nos meios católicos *gay-friendly* espanhóis.

Quando o papa Bento XVI e o cardeal Bertone pedem a Rouco que lhes recomende um padre de confiança para se ocupar de questões de dinheiro, o cardeal espanhol lhes envia Balda. As competências financeiras e a moral do jovem padre são, no mínimo, discutíveis, mas, para Rouco, é uma

oportunidade inesperada de colocar um peão no círculo próximo do papa. Só que Balda vai se revelar uma figura perturbadora, como o herói do filme *Teorema*, de Pasolini, ou a personagem crística de *O idiota*, de Dostoiévski: vai fazer virar as cabeças e implodir o Vaticano.

Ordenado padre aos 26 anos, Lucio Ángel Vallejo Balda, criado em uma cidade pequena antes de se mudar para Madri, era "irresistível", confirmam aqueles que o conheceram na época. Hoje, aos 55 anos, já tendo voltado à sua cidade natal, ainda é um belo homem.

— Era um provinciano recém-chegado da sua província. Era um anjo, como o próprio nome indicava. Um encanto simultaneamente rural e arrivista. Causou de imediato uma boa impressão no cardeal Rouco Varela, ainda mais por ser próximo do Opus Dei — conta outro padre, entrevistado em Madri.

A sua promoção, através de seu inventor, Rouco, e sua espetacular ascensão em Roma, apoiada nomeadamente pelo cardeal espanhol Antonio Cañizares, suscitam, no entanto, reservas na Espanha, no meio da Conferência Episcopal. Atualmente, descobri que certos bispos e cardeais espanhóis criticaram publicamente a nomeação de Balda para Roma, por o considerarem "um pequeno preguiçoso" que levava uma "vida de devassidão".

— Os responsáveis da Conferência Episcopal Espanhola consideraram essa escolha ilegítima e perigosa para o papa. Houve inclusive um pequeno protesto contra Rouco, aqui em Madri — conta um padre próximo da Conferência Episcopal Espanhola.

Seja como for, Balda, vindo de uma família pobre, de repente se encontra em Roma, com o diabo no corpo e, aí, esse anjo exilado começa a levar a *dolce vita*: os hotéis de luxo, os grandes restaurantes, as noites entre os rapazes e uma vida de VIP. Provoca algum abalo para lá do Tibre.

— Em Roma, o jovem ficou descontrolado — resume, mais severamente, um padre romano que o conheceu bem.

Sem muita inteligência, mas com uma ousadia que tudo pode, Vallejo Balda se torna, contra todas as expectativas, o número dois da APSA, a administração da Cúria que gere o patrimônio e o dinheiro do Vaticano. Encarregado também do controle do banco da santa sé, agora o jovem espanhol sabe tudo. Com a "mente cheia de eminências", tem esperteza e dinheiro. Bertone deposita nele uma confiança tão mais cega quanto a Itália católica está prestes a se tornar, graças a ele, um albergue espanhol!

Quando estoura o VatiLeaks II, o anjo hispânico de ambições vaidosas e vida tórrida é o primeiro suspeito. Alguns documentos financeiros ultrassensíveis sobre o banco do Vaticano são publicados em dois jornalistas italianos, Gianluigi Nuzzi e Emiliano Fittipaldi. O mundo descobre, estupefato, as inúmeras contas-correntes ilegais, as transferências de capitais ilícitos e a obscuridade do banco do Vaticano, e com os necessários elementos de prova. O cardeal Tarciso Bertone também é denunciado, como vimos, por ter mandado reformar seu apartamento de luxo, no Vaticano, com o dinheiro da fundação do hospital pediátrico Bambino Gesù.

Também no centro do caso, uma mulher — algo tão raro no Vaticano: Francesca Immacolata Chaouqui, uma ítalo-egípcia de 31 anos. Leiga, sedutora e comunicativa, agrada aos conservadores da cúria devido à sua proximidade do Opus Dei; ela desnorteia o ramerrão vaticano com os métodos de gestão adotados na Ernst & Young; sobretudo, enlouquece os raros heterossexuais da Cúria com seus seios avantajados e sua cabeleira farta — até o momento em que, em breve, será denunciada e apelidada de "garganta profunda". Misteriosamente, a consultora está bem inserida no Vaticano, a ponto de ser nomeada perita da comissão de reforma das finanças e economia da santa sé. Essa mulher fatal mantém uma relação secreta com o padre Vallejo Balda? É a tese implicitamente defendida pelo Vaticano.

— O Vaticano inventou a história da ligação entre Vallejo Balda e Francesca Immacolata Chaouqui. Esse boato visa dar um sentido a um caso que o não tem, a não ser que pensemos que Balda tinha outras relações que precisava esconder — explica um padre da Cúria.

Um confessor de São Pedro confirma:

— Quando foi detido, Vallejo Balda foi colocado em uma residência fixa na nossa casa, aqui, entre o Palácio da Justiça e a gendarmaria, na praça de Santa Marta. Pôde obter um telefone, um computador e almoçava todos os dias conosco. Posso afirmar que nunca foi amante de Chaouqui.

Segundo toda a verossimilhança, o VatiLeaks II tinha como ambição desestabilizar Francisco, tal como o VatiLeaks I visava destronar Bertone e Bento XVI. A operação pode ter sido maquinada por cardeais ratzingerianos da Cúria, opostos à linha política do novo papa, e posta em execução por Balda.

Um deles, rígido e que leva uma vida dupla, é central nesse caso: presidia um dos Ministérios do Vaticano. O padre dom Julius, que conviveu com ele no interior do Vaticano, fala dele como uma *old-fashion old-school gay lady* que viveria apenas para difamar. Sobre o vaticanista Robert Carl Mickens, afirma: "É uma doida venenosa".

Bento XVI estava, naturalmente, a par da sexualidade antinatural desse cardeal e das suas extravagâncias fora das normas. No entanto, gostava bastante dele, segundo várias testemunhas, porque julgou durante muito tempo que sua homossexualidade não era praticante, mas casta ou em dúvida. Em compensação, Francisco, que não aprecia tais nuances, mas estava bem informado sobre o "caso", afastou-o da Cúria. Desleal, homofóbico e gay, esse cardeal é, de qualquer modo, a única coisa em comum entre os dois VatiLeaks. Sem a chave homossexual, esses casos continuam obscuros; com esta chave, respostas começam a ser reveladas.

Na época do processo, cinco pessoas foram acusadas pelo Vaticano de formação de quadrilha: Vallejo Balda, seu secretário particular, a consultora Francesca Immacolata Chaouqui e dois jornalistas que divulgaram os documentos. Balda será condenado a dezoito meses de cadeia; depois de ter cumprido metade da pena, será posto em liberdade condicional e devolvido à sua diocese de origem, no noroeste da Espanha, onde se encontra hoje em dia. Os cardeais que podem ter sido os mandantes do caso ou os cúmplices de Balda não foram incomodados pelos tribunais do Vaticano.

Os dois casos VatiLeaks são as duas temporadas de uma mesma série televisiva de que a Igreja católica tem o segredo. Estão atados em parte ao redor da questão homossexual, a ponto de um vaticanista inglês bem informado falar deles ironicamente como "o caso do mordomo e do prostituto", sem que saibam muito bem, na confusão das responsabilidades cruzadas desses dois casos imbricados, quem está por trás desses epítetos pouco amáveis.

Resta um mistério que não esclareci totalmente. Entre os motivos que podem explicar que um homem aja contra seu campo, qual é aquele que se sobrepôs a tudo dentro de Paolo Gabriele e Lucio Ángel Vallejo Bada, a ponto de incitá-los a falar? A acreditar no código Mice, expressão célebre usada pelos serviços secretos de todo o mundo, há essencialmente quatro razões que podem levar alguém a se voltar contra o próprio campo: dinheiro ideologia corrupção comprometimento (e chantagem sexual) e, por fim, ego. Tendo em vista a amplitude da traição, e o grau da deslealdade, podemos pensar que os diferentes atores desses dois psicodramas recorrem, ao mesmo tempo e simultaneamente, às quatro facetas do código Mice.

Na mesa do cardeal Jozef Tomko está o livro de Francesca Immacolata Chaouqui. O cardeal eslovaco agarra o livro que, visivelmente, está lendo e me

mostra.

O ancião, jovial e simpático, acolhe, eu e Daniele, no seu apartamento privado. Falamos do seu percurso de "papa vermelho", como chamam o cardeal que tem a seu cargo a evangelização dos povos; evocamos suas leituras, além de Chaouqui: Jean Daniélou, Jacques Maritain e Verlaine, dos quais, esse cardeal perfeitamente francófono, me fala com paixão. Sobre a estante do salão onde nos recebe, vejo uma bela foto do papa Bento XVI, envolvido no seu casaco comprido vermelho, segurando as mãos de Tomko com afeto.

Essa proximidade com Joseph Ratzinger valeu a Tomko estar entre os três cardeais encarregados de investigar a Cúria Romana depois do VatiLeaks. Com seus colegas cardeais, o espanhol Julián Herranz e o italiano Salvatore De Giorgi, foi encarregado pelo papa de uma investigação interna secretíssima. O resultado, um relatório em dois tomos de trezentas páginas, é um documento explosivo sobre os excessos da Cúria e os escândalos financeiros e homossexuais do Vaticano. Alguns críticos e jornalistas pensaram inclusive que esse relatório estivera na origem da demissão do papa.

— Com Herranz e De Giorgi, ouvimos todo mundo. Tentamos compreender. Foi fraterno. Não foi de modo algum um processo, como alguns podem ter dito depois — esclarece Jozef Tomko.

E o velho cardeal acrescenta, a propósito do relatório, numa frase enigmática:

— Não compreendem a Cúria. Ninguém compreende a Cúria.

Os três cardeais, com 87, 88 e 94 anos, respectivamente, são conservadores. Grande parte da sua carreira se deu em Roma e conhecem perfeitamente o Vaticano. De Giorgi é o único italiano que foi bispo e arcebispo em diversas cidades do país — é o mais rígido dos três. Quanto a Tomko, foi um missionário mais amigável, que viajou por todo o mundo. O

terceiro, Herranz, é membro do Opus Dei. Foi o encarregado de coordenar a missão e dirigi-la.

Quando vou visitá-lo, no seu apartamento, perto da praça de São Pedro, Herranz me mostra uma foto antiga onde o jovem padre espanhol que ele foi posa de braços dados com o fundador da Ordem, Josemaría Escrivá de Balaguer.

Na foto, aos 27 anos, o jovem Herranz é espantosamente sedutor; o homem, agora com 88 anos, contempla essa imagem que lhe fala de um tempo distante, irreversível, como se o jovem soldado do Opus Dei tivesse se tornado um estranho para ele. Faz uma pausa. Como é triste! Essa foto ficou eternamente jovem; e ele envelheceu terrivelmente. Herranz fica em silêncio durante alguns segundos e talvez se ponha a sonhar com um outro mundo, invertido, onde essa foto teria envelhecido, e ele, se mantido eternamente jovem?

Segundo os testemunhos de padres ou assistentes que trabalharam com Tomko, Herranz e De Giorgi, os três cardeais estão completamente obcecados com a questão homossexual. De Giorgi é conhecido por ter observado as relações de poder no interior da Cúria através do prisma das redes gays e é acusado, tal como Herranz, de frequentemente confundir pedofilia e homossexualidade.

— De Giorgi é um ortodoxo e também um vaidoso que gosta que falem dele. Seu único objetivo na vida parecia ser que o *L'Osservatore Romano* escrevesse positivamente a seu respeito! Passava a vida a nos pedir isso — conta um colaborador do jornal oficial do Vaticano. (Apesar de diversos pedidos, De Giorgi foi o único dos três cardeais que se recusou a me receber, uma recusa que expressou em termos complicados, cheios de animosidade e censuras, e com uma homofobia tal que acabou por torná-lo suspeito a meus olhos.)

Herranz, Tomko e De Giorgi precisaram de oito meses para levar a cabo sua investigação. Uma centena de padres que trabalhavam no Vaticano são interrogados. Oficialmente, só cinco pessoas tiveram acesso a esse relatório (de fato, uma dúzia); o relatório é tão sensível que um exemplar estaria encerrado até no cofre do papa Francisco.

O que os três relatores descobrem é a amplitude da corrupção no Vaticano. Duas pessoas que leram esse relatório, entre esses cardeais, seus assistentes, o círculo próximo de Bento XVI e outros cardeais ou prelados da Cúria, o descreveram em grandes linhas, como determinadas passagens de uma forma mais pormenorizada. O próprio papa Bento XVI, em *O último testamento*, revelou os elementos do relatório que se relacionaria, deixa entender, com um "séquito homossexual" e um "lobby gay".

— Sabemos que os escândalos homossexuais constituem um dos elementos centrais do relatório dos três cardeais — diz um padre da Cúria que trabalhou para um deles e não quis se identificar.

A conclusão mais chocante do relatório, verdadeiro código que permite compreender o Vaticano, é o vínculo entre os assuntos financeiros e a homossexualidade — a vida gay oculta anda de mãos dadas com o desvio de recursos. Essa articulação entre sexo e dinheiro é efetivamente uma das chaves para entender *No armário do Vaticano*.

O relatório revela também que um grupo de cardeais gays, no mais alto nível da Cúria, quis depor o cardeal Bertone. O relatório volta também aos círculos de luxúria do Vaticano e tenta descrever a rede que tornou possível a fuga e o escândalo VatiLeaks I. Vários nomes figuram no relatório, entre os quais os dos cardeais James Harvey, Mauro Piacenza e Angelo Sodano. Altos prelados teriam igualmente sido alvo de chantagem. Sem dar muitos detalhes, afirmam que os nomes de Georg Gänswein e do irmão do papa, Georg Ratzinger, figuram realmente no relatório.

Por mais sério que pretenda ser, esse documento é, contudo, segundo uma pessoa que teve acesso a ele, "dissimulado" e mesmo uma "hipocrisia". Os três cardeais homofóbicos tentam decifrar a realidade de Sodoma, mas ignoram o sistema de conjunto, por não compreenderem sua dimensão e seus códigos. Por vezes, identificam os membros da conspiração e ajustam as contas pessoalmente. Denunciam as ovelhas desgarradas, como sempre, e constroem alguns "registros criminais sexuais" a partir de simples boatos, de fofocas, sem ter conduzido nenhum procedimento investigativo, elementar antes de qualquer sentença. Esses prelados esquizofrênicos, que em nada estão acima das suspeitas que denunciam, são estranhamente juízes e réus.

A principal conclusão do relatório é, portanto, a revelação da existência de um importante "lobby gay" no Vaticano (a expressão aparece várias vezes no relatório, segundo duas fontes). Mas os três cardeais, afinal bastante incompetentes, têm dificuldade em decifrar as realidades que apenas analisam superficialmente. Eles superestimam aqui, ou subestimam ali, o único problema real do Vaticano: sua matriz intrinsecamente homossexual. No final, a obscuridade do relatório é pura e simplesmente maior, por não terem compreendido, ou querido descrever, o que Sodoma é na verdade.

De qualquer modo, Bento XVI e Francisco retomam publicamente a expressão mais forte do relatório, seu pretenso "lobby gay", confirmando de fato que ela figura em posição central no documento. Quando da transferência de poder entre Bento XVI e Francisco, é possível notar, nas fotos de Castel Gandolfo, uma caixa e dossiês bem selados sobre uma mesa baixa. Segundo uma fonte, é o célebre relatório.

Podemos compreender a reação apavorada de Bento XVI com a leitura desse documento secreto. Diante de tanta luxúria, tantas vidas duplas, tanta hipocrisia, tantos homossexuais no armário, por todo o lado, no próprio interior do Vaticano, todas as crenças desse papa sensível em relação à "sua"

Igreja desmoronaram? Houve quem afirmasse isso. Também ouvi dizer que ele chorou ao ler o relatório.

Para Bento XVI, foi a gota d'água. O sofrimento nunca terá fim? Não tem mais vontade de lutar. Ao ler o relatório dos três cardeais, sua decisão é tomada — vai deixar o barco de São Pedro.

Mas a via-sacra de Bento XVI, figura trágica, ainda não chegou ao fim. Ainda lhe faltam algumas estações antes da sua "renúncia".

Muito antes da entrega do relatório secreto, os casos de pedofilia mancharam o pontificado nascente de Bento XVI. A partir de 2010, tornam-se endêmicos. Já não se trata de casos isolados ou de desvios, como o cardeal Sodano repetiu durante tanto tempo para proteger a Igreja: é sistemático. Agora sob os holofotes.

"Álcool, pedofilia ou mulheres?": nas redações de todo o mundo, a pergunta irrompeu a cada novo caso, verdadeira enxurrada incessante de revelações de abusos, de todos os gêneros, sob o pontificado ratzingeriano. (De fato, os escândalos raramente incluíam mulheres!) Dezenas de milhares de padres (5948 nos Estados Unidos, 1880 na Austrália, 1670 na Alemanha, oitocentos na Holanda, quinhentos na Bélgica etc.) Dezenas de cardeais e centenas de bispos estão implicados. Há episcopados destruídos, dioceses em ruínas. No dia da renúncia de Bento XVI, a Igreja católica estará em ruínas. Entretanto, o sistema Ratzinger estaria desmoronado absolutamente.

O objetivo deste livro não é detalhar esses milhares de casos de pedofilia, mas sim compreender por que Bento XVI, um homem tão prolixo e obcecado na guerra aos atos homossexuais legítimos, pareceu impotente diante dos abusos sexuais de menores. É certo que denunciou muito cedo as "manchas na Igreja" e, dirigindo-se ao Senhor, declarou: "As roupas e o rosto tão sujo da Tua Igreja nos horrorizam!". Também publicou textos de uma grande firmeza.

Mas entre negação e aniquilação, amadorismo e pânico, e sempre pouca ou nenhuma empatia pelas vítimas, o balanço do pontificado nesse tema continua sendo desastroso.

— Os abusos sexuais da Igreja não são uma página sombria do pontificado de Bento XVI: trata-se da maior tragédia, da maior catástrofe da história do catolicismo desde a Reforma — afirma um padre francês.

Duas teses se confrontam quanto a esse tema. A primeira (a de, por exemplo, Federico Lombardi, antigo porta-voz do papa, e da santa sé em geral): Bento XVI agiu com destreza e foi o primeiro papa a levar a sério a questão dos abusos sexuais dos padres. Durante cinco conversas, Lombardi lembra de que o papa "laicizou" — isto é, reduziu ao estado laical — "mais de oitocentos padres" considerados culpados de abusos sexuais. É impossível verificar esse número e, segundo outras testemunhas, estaria grosseiramente exagerado e o número não iria além de algumas dezenas (no prefácio de *O último testamento*, livro oficial de memórias de Bento XVI, em 2016, o número só chega a quatrocentos, ou seja, metade). Uma vez estabelecido um sistema de mentira generalizada do Vaticano sobre tais casos, é, no mínimo, possível duvidar da realidade desses números.

A segunda tese (que é aquela, na maior parte do tempo, da justiça dos países envolvidos e da imprensa): a Igreja de Bento XVI é responsável, e talvez culpada, no conjunto desses processos. Sabe-se, na verdade, que todos os casos de abusos sexuais, como fora querido por Joseph Ratzinger, desde a década de 1980, subiam à Congregação para a Doutrina da Fé, onde eram tratados. Uma vez que Joseph Ratzinger foi prefeito desse Ministério e depois papa, teve, portanto, esses dossiês a seu cargo entre 1981 e 2013, ou seja, durante mais de trinta anos. Os historiadores mostrarão, sem dúvida alguma, uma grande severidade quanto às ambiguidades do papa e dos seus atos; alguns pensam, aliás, que, por isso, nunca poderá ser canonizado.

Além disso, precisamos falar sobre a falência da justiça vaticana. Na santa sé, verdadeira teocracia que não é um Estado de direito, não há, de fato, separação de poderes. Segundo todas as testemunhas entrevistadas, incluindo cardeais de primeira ordem, a justiça vaticana é muito deficiente. O direito canônico é continuamente deformado, as constituições apostólicas, incompletas, os magistrados são inexperientes e, na maior parte dos casos, incompetentes, os tribunais não têm procedimento nem seriedade. Falei com o cardeal Dominique Mamberti, prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, e com o cardeal Francesco Coccopalmerio, presidente do Conselho Pontifício para os Textos Legislativos, e me pareceu que esses prelados não poderiam, em total independência, julgar casos desse tipo.

— A justiça não existe no Vaticano. Os processos não são fiáveis, as investigações não são credíveis, há uma grave falta de meios, as pessoas são incompetentes. Nem sequer há uma prisão! É uma paródia de justiça — confirma um arcebispo próximo da Congregação para a Doutrina da Fé.

Giovanni Maria Vian, o diretor do *L'Osservatore Romano*, próximo do secretário de Estado Tarcisio Bertone e ator central do sistema, confessa, também, durante uma das nossas cinco conversas (sempre gravadas com sua permissão), que se recusa a publicar as atas das audiências e dos processos, no jornal oficial do Vaticano, porque isso poderia desacreditar toda a instituição...

Essa paródia da justiça vaticana é denunciada por inúmeros especialistas em direito, dentre os quais um antigo embaixador colocado junto da santa sé, ele próprio jurista experiente:

— Esses casos de abusos sexuais se revestem de uma grande complexidade jurídica e técnica: exigem investigações de vários meses, um grande número de audiências, como mostra atualmente o processo contra o cardeal George Pell, na Austrália, que mobilizou dezenas de magistrados e advogados e milhares de horas de processo. Imaginar que o Vaticano possa julgar um processo desses é

um disparate. Não está preparado para tal: não tem os textos, nem os meios processuais, nem os juristas, nem os magistrados, nem os meios de investigação, nem o direito para se ocupar deles. O Vaticano não tem outra solução além de reconhecer sua incompetência fundamental e deixar as justiças nacionais agirem.

Esse julgamento severo poderia ser matizado pelo trabalho sério conduzido por alguns cardeais e bispos, por exemplo, o realizado por Charles Scicluna, arcebispo de Malta, nos casos de Marcial Maciel, no México, e de Fernando Karadima, no Chile. No entanto, até mesmo a comissão antipedofilia do Vaticano, criada pelo papa Francisco, suscitou críticas: apesar da boa vontade do velho cardeal Sean O'Malley, arcebispo de Boston, que a preside, três dos seus membros se demitiram para protestar contra a lentidão dos processos e o jogo duplo dos dicastérios envolvidos. (O'Malley, de 74 anos, pertence a outra época e também já não parece capaz de gerir esse tipo de processo: na sua *Testimonianza*, o monsenhor Viganò contesta "sua transparência e credibilidade" por razões evidentes; e durante uma visita aos Estados Unidos, no verão de 2018, quando peço uma entrevista ao cardeal, sua secretária, constrangida, confessa que ele "não lê e-mails, não sabe usar a internet e não tem celular"... Propõe que eu lhe envie um fax.)

Por fim, é difícil não recordar aqui do caso que envolve o próprio irmão de Bento XVI. Na Alemanha, Georg Ratzinger esteve no centro de um imenso escândalo de maus-tratos e abusos sexuais de menores por ter dirigido o célebre coro dos pequenos cantores da catedral de Regensburg entre 1964 e 1994, ou seja, durante trinta anos. Ora, a partir de 2010, a justiça alemã e um relatório interno da diocese revelaram que mais de 547 crianças da escola associada a esse prestigioso coro foram vítimas de violência e, no caso de 67 delas, de abusos sexuais e violações. Quarenta e nove padres e leigos são suspeitos dessas violências, nove deles de agressões sexuais. Apesar das

negações, é difícil acreditar que Georg Ratzinger não estivesse a par da situação. Provavelmente, o papa também estava informado: aliás, como se soube depois, esse caso foi levado tão a sério pela santa sé que foi acompanhado ao mais alto nível da Congregação para a Doutrina da Fé. Vários cardeais e o círculo imediato do sumo pontífice teriam protegido até o irmão mais velho do papa sem consideração pela verdade, pela justiça e pelo futuro das vítimas. (Três cardeais são citados nos inúmeros processos judiciais em curso na Alemanha.)

Atualmente, há críticos, inclusive entre padres e teólogos, que consideram que a falha da Igreja católica nos dossiês dos abusos sexuais prejudica, antes de mais nada, a governança e as ideias de Joseph Ratzinger. Um deles me conta:

— Eis um homem que dedicou sua vida a denunciar a homossexualidade, fazendo dela um dos piores males da humanidade. Ao mesmo tempo, falou muito pouco na pedofilia e só muito tardiamente tomou consciência da dimensão do problema. Nunca estabeleceu verdadeiramente a diferença, no plano teológico, entre relações sexuais entre adultos, livremente consentidas, e os abusos sexuais de menores com menos de quinze anos.

Outro teólogo crítico em relação a Bento XVI, e que interroguei na América Latina, diz:

— O problema de Ratzinger é a escala de valores, que está pervertida desde o início. Sancionou duramente os teólogos da libertação e castigou padres que distribuíam preservativos na África, mas encontrou desculpas para os padres pedófilos. Achou que o multirreincidente e pedocriminoso mexicano Marcial Maciel era velho demais para ser reduzido ao estado laical!

Seja como for, para o papa Bento XVI, a sucessão ininterrupta de revelações sobre os abusos sexuais da Igreja é bem mais do que uma "estação no inferno". Ela atinge, no coração, o sistema ratzingeriano e sua teologia.

Independentemente dos desmentidos públicos e das posições de princípio, o papa sabe muito bem, dentro de si, talvez até por experiência própria, que o celibato, a abstinência e o não reconhecimento da homossexualidade dos padres estão no cerne de todo esse caso. Seu pensamento, elaborado minuciosamente no Vaticano durante quatro décadas, voa em estilhaços. Essa falência intelectual não pode deixar de ter contribuído para sua demissão.

Um bispo de língua alemã resume a situação:

— O que restará do pensamento de Joseph Ratzinger após um balanço? Eu diria que sua moral sexual e sua posição quanto ao celibato dos padres, a abstinência, a homossexualidade e o casamento gay. São essas sua única verdadeira novidade e originalidade. Ora, os abusos sexuais aniquilaram definitivamente tudo isso. Seus interditos, suas regras, seus fantasmas, nada disso se sustenta. Hoje, não resta nada da sua moral sexual. E, apesar de ainda ser tabu na Igreja, todo mundo sabe que os abusos sexuais dos padres não vão parar enquanto o celibato não for abolido, enquanto a homossexualidade não for reconhecida na Igreja para permitir que os padres possam denunciar os abusos, enquanto as mulheres não forem ordenadas. Todas as outras medidas quanto aos abusos sexuais são vãs. Grosso modo, é preciso inverter completamente a perspectiva ratzingeriana. Todo mundo sabe. E todos os que dizem o contrário são, daqui para a frente, cúmplices.

O julgamento é severo, mas hoje são muitos os que, na Igreja, compartilham, quando não dessas palavras, pelo menos dessas ideias.

Em março de 2012, Bento XVI viaja ao México e a Cuba. As suas estações no inferno prosseguem: após um inverno marcado por novas revelações sobre a pedofilia, eis uma primavera de escândalos. Nova estação na sua longa via-sacra, Joseph Ratzinger vai descobrir em Havana um mundo demoníaco de

que não suspeitava, nem sequer em pesadelo. Será no regresso da sua viagem a Cuba que tomará a decisão de se demitir. E eis o porquê.

24. A abdicação

Quando bato à porta de Jaime Ortega, em Cuba, Alejandro, um jovem encantador, a abre. Explico a ele que gostaria de falar com o cardeal. Benevolente e simpático, além de trilíngue, Alejandro me pede para aguardar um momento. Fecha de novo a porta e me deixa sozinho no patamar. Após dois ou três minutos, a porta se abre novamente. De repente, à minha frente: Jaime Ortega y Alamino. Está ali, em pessoa: um velho senhor me olha da cabeça aos pés, lançando um olhar inquisitivo cheio de dúvida e capricho. É um homem gordinho, cuja enorme cruz sobre o ventre proeminente parece ainda maior por ser de baixa estatura.

Ele me convida para entrar em seu escritório e pede desculpa por não ter respondido aos meus pedidos anteriores:

— Meu assistente habitual, Nelson, está na Espanha, se preparando para a obtenção de um diploma. Desde sua partida, tudo está um pouco desorganizado aqui — desculpa-se Ortega.

Falamos de tudo e mais um pouco — inclusive do furacão que acabou de atingir a Martinica e deveria chegar a Cuba dentro de algumas horas. O cardeal se inquieta com a minha volta para a França se os aviões não decolarem.

Jaime Ortega se exprime num francês impecável. Sem aviso, começa a me tratar informalmente. E de repente, sem mais formalidades, baseando-se apenas numa impressão de alguns minutos, olha fixo para mim e diz:

— Se quiser, podemos jantar juntos, amanhã à noite.

Para me encontrar com o cardeal de Cuba, um dos mais célebres prelados da América Latina, precisei de uma paciência infinita. Vim cinco vezes a Havana para realizar essa entrevista e, a cada uma delas, o cardeal estava ausente do país, indisponível ou não respondia aos meus pedidos.

No arcebispado, disseram-me que ele nunca recebia jornalistas; na recepção do Centro Cultural Padre Félix Varela, onde reside com toda a discrição, garantiram que ele não morava mais lá; quanto ao seu porta-voz, Orlando Márquez, respondeu às minhas perguntas porque, preveniu, o cardeal não vai ter tempo para me ver pessoalmente. Felizmente, uma manhã, tive a sorte de encontrar no arcebispado um contato benevolente que me levou para visitar os locais mais secretos do catolicismo cubano, me transmitiu alguns segredos essenciais e me forneceu, por fim, o endereço exato do cardeal Ortega.

— Ortega mora lá, no terceiro andar, mas ninguém lhe dirá, porque ele quer permanecer discreto — revelou minha fonte.

À imagem de Rouco Varela, em Madri, de Tarcisio Bertone e Angelo Sodano, no Vaticano, Ortega requisitou os dois últimos andares de uma espécie de palácio colonial magnífico, na margem da baía de Havana, para ali instalar sua residência privada. O local é soberbo, no meio das flores exóticas, das palmeiras e das figueiras, situado idealmente na Calle Tacón, na cidade velha, atrás da catedral barroca e não muito distante da sede do episcopado cubano.

Existem lá um claustro com um belo pátio e essa espécie de *hacienda* urbana, que foi durante muito tempo o quartel-general dos jesuítas, depois sede da diocese e, hoje em dia, se tornou o Centro Cultural Padre Félix Varela.

Ali, a Igreja cubana ministra cursos de línguas e atribui diplomas gerais reconhecidos pelo Vaticano, mas não pelo governo cubano. Frequento durante vários dias a biblioteca, aberta aos investigadores, até descobrir, escondido na ala direita, um elevador privado que permite chegar ao terceiro andar. Numa

porta, leio: "*No Pase. Privado*" (Não Entre. Privado), sem outra indicação. Entro.

Quando Bento XVI se desloca pela primeira vez a Cuba, em março de 2012, está ciente dos abusos sexuais na América Latina, mas ainda subestima sua dimensão. Esse papa, que desconhece o mundo hispânico, não sabe que a pedofilia se tornou endêmica por lá, em especial no México, no Chile, no Peru, na Colômbia e no Brasil. Sobretudo, julga, como todo mundo, que Cuba foi poupada.

Quem descreveu minuciosamente ao santo padre a situação da Igreja cubana? Foi informado no avião ou quando pôs o pé em Havana? O que me garantiram por duas fontes diplomáticas vaticanas diferentes foi que Bento XVI descobre inesperadamente, estupefato, a amplitude da corrupção sexual da Igreja local. Três diplomatas estrangeiros alocados em Havana também me descreveram os pormenores dessa situação, o mesmo tendo-se passado com vários dissidentes cubanos que permaneceram na ilha. Católicos de Little Havana, em Miami, o pastor protestante de origem cubana Tony Ramos, bem como os jornalistas da WPLG Local 10, uma das principais estações de televisão locais, também me forneceram informações preciosas após diversas viagens à Florida.

Se é difícil investigar, em geral, as questões sexuais no cerne da Igreja, falar dos abusos cometidos pelos padres cubanos é uma missão quase impossível. A imprensa é controlada com punhos de ferro; a censura na ilha é total; a internet está fechada, além de lenta e caríssima. No entanto, sabem de tudo em Cuba, como eu iria descobrir pouco a pouco.

— Em matéria de abusos sexuais, aqui, na Igreja de Cuba, acontece precisamente o mesmo que nos Estados Unidos, no México ou no Vaticano —

me alerta, logo de cara, Roberto Veiga. — Missas negras de domingo, orgias, casos de pedofilia, prostituição: a Igreja cubana está muito comprometida.

Veiga foi, durante muito tempo, responsável pelo jornal católico *Espacio Laical*. Nessa qualidade, trabalhou oficial e diretamente, durante dez anos, com o cardeal Jaime Ortega, e conhece o sistema católico do interior. De lá para cá, afastou-se da Igreja para aderir a Cuba Posible, um grupo de intelectuais dissidentes que se distanciaram tanto da Igreja como do regime castrista. Encontro-me com Veiga no hotel Plaza, acompanhado por Ignacio González, meu intermediário cubano, e falamos longamente sobre as relações tensas entre a Igreja e o regime comunista de Fidel Castro.

— Vivemos aqui uma verdadeira guerra civil entre o governo e a Igreja, durante a década de 1960 — prossegue Roberto Veiga. — Os irmãos Castro e Che Guevara consideravam que o episcopado estava em oposição ao regime e não tiveram descanso na sua tarefa de enfraquecer o catolicismo: inúmeras igrejas foram fechadas; as escolas privadas, nacionalizadas; os padres assediados, controlados ou deportados. O próprio Jaime Ortega foi preso, como é de conhecimento geral, mas foi enviado, desde o início, para os campos da Umap, apesar de ter acabado de se ordenar padre.

Os campos da Umap (Unidade Militar de Ajuda à Produção), de triste memória, foram campos de reeducação e trabalhos forçados, imaginados pelo regime castrista para deportar para lá todos os que não queriam realizar seu serviço militar obrigatório (o Servicio Militar Obligatorio). Entre eles, a grande maioria era constituída, portanto, por objetores de consciência, bem como, no caso de cerca de 10%, dissidentes, adversários políticos, camponeses que haviam repudiado a expropriação da sua terra, testemunhas de Jeová, bem como homossexuais e padres católicos. Portanto, se a Igreja foi muito maltratada pelos revolucionários cubanos a partir de 1959, parece que os seminaristas e os meros padres foram pouco numerosos entre os

deportados nos campos da Umap, exceto quando, em simultâneo, eram, objetores de consciência, dissidentes políticos ou homossexuais.

Nas suas célebres memórias, o escritor cubano homossexual Reinaldo Arenas contou como, entre 1964 e 1969, o regime cubano abrira esses campos para "tratar" os homossexuais. Obcecado com a virilidade e os preconceitos, Fidel Castro considerava a homossexualidade um fenômeno pequeno-burguês, capitalista e imperialista. Logo, era preciso "reeducar" os homossexuais e colocá-los de novo no bom caminho. A técnica, bárbara, é descrita longamente por Arenas, que também lá esteve internado: colocavam imagens de homens nus sob os olhos do "paciente", que recebia descargas elétricas. Pensavam que essas terapias "reparadoras" iriam corrigir, pouco a pouco, sua orientação sexual.

Depois de ter sido libertado de um dos campos, Jaime Ortega, que foi ordenado padre aos 28 anos, inicia uma longa carreira discreta na Igreja cubana. Quer virar essa página sombria e que o esqueçam. Tem senso de organização e diálogo e, sobretudo, está disposto a fechar muitos compromissos com o governo para evitar novamente a prisão e a marginalização do catolicismo em Cuba. Sua estratégia é a boa?

— Era a única opção viável. Ortega compreendeu que a resistência não era a solução e só o diálogo podia funcionar — destaca Roberto Veiga.

No arcebispado de Havana, onde o interrogo, o monsenhor Ramón Suárez Polcari, o porta-voz do arcebispo atual, faz a mesma leitura:

— A experiência difícil dos campos da Umap marcou profundamente o cardeal Ortega e, depois dela, preferiu o diálogo ao confronto. A Igreja nunca mais deveria aparecer como um partido de oposição. Foi uma escolha mais corajosa do que parece: significava que era necessário ficar, não se exilar, não renunciar à presença católica em Cuba. Nisso, era também uma forma de resistência.

Nas paredes do arcebispado, uma residência de gama alta, de cor amarela e azul, no centro da cidade de Havana, vejo grandes retratos do cardeal Ortega, afixados na época do quinquagésimo aniversário do seu sacerdócio. Nas fotos, vemos o cardeal criança, jovem padre, jovem bispo e finalmente arcebispo — um verdadeiro culto da personalidade.

O diretor do Centro Cultural Padre Félix Varela, um leigo chamado Andura, confirma, também, a pertinência da escolha da colaboração com o regime comunista:

— A Igreja cubana não tinha um arsenal de armas como disseram, mas esteve, é verdade, claramente na oposição durante a década de 1960. Para nós, católicos, foram anos sombrios. Era absolutamente necessário restabelecer o diálogo, mas isso não significa que sejamos um ramo do governo!

Descoberto pelo núncio apostólico do novo papa João Paulo II, Ortega é nomeado bispo de Pinar del Río, em 1979, e depois arcebispo de Havana, em 1981. Tem 45 anos.

Jaime Ortega inicia então um trabalho meticuloso de reaproximação com o regime visando o reconhecimento pleno da Igreja católica em Cuba. Conduz discretamente, entre 1986 e 1987, negociações ao mais alto nível do Estado, que terminam numa espécie de pacto de não agressão: a Igreja reconhece o poder comunista; e os comunistas reconhecem o catolicismo.

A partir dessa data, a Igreja recupera sua legitimidade em Cuba, condição para seu desenvolvimento. As aulas de catecismo são autorizadas timidamente, o episcopado recomeça a publicar revistas, proibidas até então, e as nomeações de bispos são feitas com prudência, sob uma aparência de independência, mas com vetos discretos do governo. Realizam-se encontros, informais primeiro, depois mais oficiais, entre Fidel Castro e Jaime Ortega. É avançada a hipótese de uma visita pascal. Por essa estratégia eficaz, e pela sua

coragem, o arcebispo de Havana é elevado à púrpura por João Paulo II em 1994. O padre se torna um dos mais jovens cardeais da época.

— Jaime Ortega é um homem muito inteligente. Teve sempre uma visão a longo prazo. Tem um faro político raro e previu, muito cedo, que o regime teria que pacificar sua relação com a Igreja. Acredita no tempo — acrescenta Roberto Veiga.

O monsenhor Ramón Suárez Polcari também destaca os talentos do cardeal:

— Ortega é um homem de Deus. Mas, ao mesmo tempo, tem uma grande facilidade de comunicação. Também é um homem de ideias e de cultura. É muito próximo dos artistas, dos escritores, dos bailarinos...

De lá para cá, Ortega organizou, com um senso diplomático perfeito, a viagem de três papas a Cuba, incluindo a histórica de João Paulo II, em janeiro de 1998, a que se seguiram a de Bento XVI, em março de 2012, e duas de Francisco, em 2015 e 2016. Também desempenhou um papel importante nas negociações secretas que permitiram a reaproximação entre Cuba e os Estados Unidos (para tal, se encontrou com o presidente Obama, em Washington) e participou das negociações de paz entre o governo colombiano e as guerrilhas das Farc, em Havana, antes de se aposentar, em 2016.

O intelectual brasileiro, Frei Betto, que conhece bem Cuba e assinou um importante livro de conversas com Fidel Castro sobre a religião, resume o papel do cardeal, durante uma conversa no Rio de Janeiro:

— Conheço bem Ortega. É um homem de diálogo que conseguiu reaproximar a Igreja da Revolução Cubana. Teve um papel determinante. Eu o respeito muito, apesar de ter sido sempre bastante reservado quanto à Teologia da Libertação. Foi ele que supervisionou as viagens a Cuba de três papas, e Francisco foi lá duas vezes. E diria, brincando, que, hoje em dia, é mais fácil encontrar Francisco em Havana do que em Roma!

Esse percurso notável foi feito às custas de compromissos inevitáveis com o regime.

— Ortega não teve, a partir da década de 1980, relações fluidas com a oposição e os dissidentes. Suas relações são bem melhores com o governo — comenta, de forma factual, Roberto Veiga.

No Vaticano, alguns diplomatas comungam dessa opinião. É o caso, por exemplo, do arcebispo François Bacqué, que foi, durante muito tempo, núncio na América Latina:

— Achávamos que ele era um pouco condescendente demais com o regime — diz Bacqué.

Outros, em Roma, são ainda mais críticos: um núncio questiona se ele não serviria "dois senhores ao mesmo tempo": o papa e Fidel. Outro diplomata acha que a Igreja cubana não é independente do poder e que Ortega fez um jogo duplo: contaria uma coisa ao Vaticano e outra aos irmãos Castro. Talvez. Mas parece que o papa Francisco, que conhece bem a situação política cubana, continuou confiando em Jaime Ortega.

Após outra viagem a Cuba, dessa vez com o colombiano Emmanuel Neisa, um dos meus pesquisadores na América Latina (trocando de passaporte e, várias vezes, de alojamento para não chamar a atenção), nos encontramos em Havana com inúmeros dissidentes cubanos, entre os quais Berta Soler, a porta-voz das célebres Damas de Blanco, o ativista corajoso Antonio Rodiles, o artista Gorki ou o escritor Leonardo Padura (bem como mais alguns cujos nomes não posso revelar aqui). Os pontos de vista variam, mas a maior parte se mostra severa quanto à estratégia de Ortega, apesar de os dissidentes reconhecerem que ele desempenhou um papel positivo na libertação de determinados prisioneiros políticos.

— Diria que o cardeal Ortega defende o regime. Não faz nenhuma crítica sobre os direitos humanos, nem sobre a situação política. E, quando o papa veio a Havana, criticou o regime mexicano e o regime americano sobre a questão da imigração, mas não disse nada sobre a ausência total de liberdade de imprensa, de liberdade de associação, de liberdade de pensamento em Cuba — afirma Antonio Rodiles, que entrevistei quatro vezes na sua residência em Havana.

Em compensação, Berta Soler, que também entrevisto, é mais indulgente quanto ao balanço de Jaime Ortega: seu marido, Angel Moya Acosta, um opositor político que a acompanha durante nosso encontro, foi libertado após oito anos de cadeia, tal como uma centena de outros dissidentes, graças a um acordo que o cardeal negociou entre o regime cubano, o governo espanhol e a Igreja cubana.

Ortega deve ter tido, inevitavelmente, dificuldade em manter o equilíbrio entre, à direita, a linha anticomunista dura de João Paulo II e do cardeal Angelo Sodano — de quem é próximo — e seu compromisso, à esquerda, com os irmãos Castro. Sobretudo, porque Fidel se entusiasma, no início da década de 1980, com a Teologia da Libertação: o líder máximo lê Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff e publica, como já foi dito, um livro de conversas com Frei Betto sobre religião. De imediato, diplomata versátil, Ortega começa a denunciar, moderada e simultaneamente, os excessos do capitalismo e do comunismo. Em vez e no lugar da Teologia da Libertação, exaltada por Castro, mas combatida na América Latina por João Paulo II e Joseph Ratzinger, ele prega sutilmente uma "teologia da reconciliação" entre cubanos.

— Na sua juventude, Ortega fazia parte do movimento da Teologia da Libertação, mas evoluiu mais tarde — confirma, em Miami, o pastor de origem cubana Tony Ramos, que conheceu Ortega em Havana, quando tinha dezoito anos, e a dada altura frequentou o mesmo seminário que ele.

E que precisa, numa formulação sibilina (e querendo manter o resto da nossa conversa em off):

— Ortega viveu sempre em conflito, como muitos padres.

É certo, como me sugerem vários contatos entrevistados em Havana, que o regime conhecia perfeitamente as relações, os encontros, os movimentos, a vida privada, os costumes — sejam eles quais forem — de Jaime Ortega. Considerando seu nível hierárquico, e suas ligações frequentes com o Vaticano, era de esperar que o cardeal fosse alvo de vigilância permanente por parte da polícia política cubana. Uma das especialidades dessa polícia é precisamente comprometer as pessoas sensíveis filmando-as durante as relações sexuais, em casa ou em hotéis.

— O cardeal Ortega é uma marionete controlada pelo regime castrista. Está nas mãos de Raúl Castro. Não se esqueça de que Cuba é a sociedade mais controlada do mundo — diz Michael Putney, um dos jornalistas mais respeitados da Flórida, e que interrogo na sede da WPLG Local 10, ao norte de Miami.

Ortega foi chantageado, como sugerem alguns? Ele próprio, ou seu círculo próximo, eram vulneráveis a ponto de não terem nenhuma margem de manobra para criticar o regime? Um dos melhores especialistas anglo-saxônicos sobre as questões dos serviços de informações cubanos afirma, durante um almoço em Paris, que o cardeal Ortega e seu círculo próximo foram colocados sob a vigilância direta de Alejandro Castro Espín, o filho do ex-presidente Raúl Castro. O chefe oficioso de todos os serviços secretos cubanos teria montado, ao longo dos anos, com base numa vigilância tecnológica muito sofisticada, um dossiê completo sobre os dirigentes da Igreja católica em Cuba e sobre Jaime Ortega em particular. Em outros termos, Ortega é "atendido", "protegido", a um nível muito alto. Personagem duvidosa, Alejandro Castro Espín ocupa o cargo de coordenador do Conselho

de Defesa e Segurança Nacional, que reúne o conjunto dos serviços de informações e contraespionagem cubanos: seria, pessoalmente, o oficial de ligação do cardeal Ortega. Seria responsável por fiscalizar todas as conversas com o Vaticano e, embora não haja quase nenhuma foto dele (dizem que perdeu um olho num combate em Angola), apareceu nesses últimos anos numa única foto, na companhia de seu pai, Raúl, ao lado do papa Francisco.

— O regime castrista tem uma longa história de comprometimento das pessoas sensíveis e dos opositores ao regime, com base na sua sexualidade. E a homossexualidade é um dos mais poderosos instrumentos de chantagem quando a pessoa em questão está no armário, em particular se se tratar de um padre ou de um bispo — conta essa mesma fonte. (Essas informações se juntam às espantosas informações sobre as escutas e as chantagens sexuais do regime, feitas pelo guarda-costas pessoal de Fidel Castro, tenente-coronel Juan Reinaldo Sánchez, no seu livro *A vida secreta de Fidel Castro: As revelações de seu guarda-costas pessoal* publicado após seu exílio.)

Há alguns anos, o testemunho na televisão de um antigo coronel das Fuerzas Armadas Revolucionarias cubanas, Roberto Ortega, também esteve no centro das atenções nos meios cubanos. Este, exilado nos Estados Unidos, afirmou que o arcebispo Jaime Ortega levaria uma vida dupla: teria tido relações íntimas com um agente do serviço secreto cubano, descrito como um "negro troncudo com quase dois metros de altura". Segundo esse coronel, o governo cubano teria vídeos e provas concretas sobre Jaime Ortega. Esses elementos eram úteis para exercer pressão, ou fazer chantagem, sobre o cardeal a fim de garantir seu apoio total ao regime castrista. Embora essa entrevista televisiva tenha suscitado inúmeros artigos na imprensa, que podem ser encontrados on-line, e não tenha sido desmentida pessoalmente pelo cardeal Ortega, não apresenta nenhuma prova concreta. Quanto às afirmações do ex-coronel, embora sejam consideradas críveis pelos peritos que

entrevistei, também podem ter sido alimentadas por boatos e por um desejo de vingança inerente ao exílio político.

O que é certo, de qualquer modo: os escândalos sexuais no cerne da Igreja se multiplicaram em Cuba, de há várias décadas até agora, tanto no íntimo do arcebispado e do episcopado, como em várias dioceses do país. Um nome reaparece com frequência: o de monsenhor Carlos Manuel de Céspedes, um padre da paróquia de San Agustin, antigo vigário-geral do arcebispado de Havana e próximo de Ortega. Enfeitado com o título de monsenhor, Céspedes nunca foi eleito bispo, talvez em razão da sua vida dupla: sua homossexualidade e seu aventureirismo sexual estão bem documentados; e sua proximidade em relação à polícia política cubana, também (tinha fama de gostar de "abençoar o pênis dos rapazes", diz um célebre teólogo).

— Houve aqui, em Cuba, muitos escândalos de pedofilia, muita corrupção de natureza sexual, uma verdadeira falência moral da Igreja. Mas a imprensa nunca falou, evidentemente, nisso. O governo sabe tudo; tem todas as provas, porém nunca as utilizou contra a Igreja. Guarda-as para se servir delas, caso seja necessário. É a técnica de chantagem habitual do regime — diz Veiga.

Os rumores sobre a homossexualidade de inúmeros padres e bispos do episcopado cubano são tão frequentes em Havana que me foram relatados, com cópia de pormenores e nomes, por quase todas as pessoas que interroguei na ilha — mais de uma centena de testemunhas, entre as quais os principais dissidentes, diplomatas estrangeiros, artistas, escritores e até padres de Havana.

— Há que ter cuidado com os boatos. Podem vir de todo lado. É preciso não subestimar o fato de que continua havendo inimigos da Igreja no cerne do governo, apesar de Fidel e Raúl Castro terem evoluído ao longo desses últimos anos — relativiza Andura, o diretor do Centro Cultural Padre Félix Varela.

E acrescenta, prudentemente, parecendo negar o que acabou de dizer:

— No entanto, há muito que a homossexualidade já não é um delito, em Cuba. Se os rapazes tiverem mais de dezesseis anos, que é quando se atinge a maioridade sexual no país, e se derem seu consentimento, e não existirem relações de dinheiro ou de autoridade entre eles, não constitui um problema em si.

Orlando Márquez, o diretor do jornal do episcopado cubano, *Palabra Nueva*, e porta-voz do cardeal Ortega, com quem trabalha há vinte anos, também me recebe. Bom comunicador, hábil e amigável, Márquez não foge a nenhuma pergunta. Era necessário fazer um compromisso com o regime comunista?

— Se o cardeal Ortega não tivesse escolhido a linha do diálogo, não haveria bispos em Cuba, é simples assim.

O que ele pensa dos boatos sobre a homossexualidade do cardeal Ortega?

— Esse boato é muito antigo. Ouvi com muita frequência e provém do fato de ele ter sido enviado para os campos da Umap, onde o boato começou. Às vezes, as pessoas também me acusam de ser gay, porque sou próximo de Ortega! — acrescenta Orlando Márquez, soltando uma gargalhada.

O cardeal Ortega foi informado dos abusos no arcebispado de Havana, como vários diplomatas alocados em Havana dão a entender? Teria lhes dado cobertura? O que aconteceu exatamente na hierarquia católica cubana? Quatro depoimentos recolhidos em primeira mão proporcionam a confirmação do número consequente desses casos de costumes e da sua repartição ao longo de muitos anos: para começar, o de um padre com quem me encontrei por recomendação de um diplomata ocidental; o de um responsável da Mesa de Diálogo de la Juventud Cubana (uma ONG especializada em direitos humanos e da juventude); o de um casal de

militantes cristãos; e, por fim, o de um quarto dissidente cubano. Essas informações também são confirmadas em Madri, por bons conhecedores de Cuba. Em Santiago, duas fontes próximas de Fidel Castro que entrevistei, forneceram informações preciosas (Ernesto Ottone, antigo dirigente do Partido Comunista chileno, e Gloria Gaitán, a filha do célebre líder colombiano assassinado). No próprio Vaticano, três diplomatas da santa sé confirmam que houve problemas graves de abusos sexuais em Cuba. Esse dossiê é muito confidencial na Secretaria de Estado, mas é bem conhecido pelos diplomatas do papa Francisco, dois dos quais — o ministro do Interior Giovanni Angelo Becciu e o diplomata monsenhor Fabrice Rivet — estiveram alocados em Havana.

Também deram a entender que o papa Francisco teria pedido ao cardeal Ortega que abandonasse o arcebispado de Havana devido à sua passividade e ao seu acobertamento dos escândalos. Esse ponto não é exato, como me confirma Guzmán Carriquiry, que dirige a Comissão Pontifícia para a América Latina, no Vaticano. Jaime Ortega tinha quase oitenta anos no momento da sua demissão, e, como o papa já o havia prolongado muito além da idade-limite, era normal, portanto, que fosse substituído.

O monsenhor Fabrice Rivet, que foi o número dois da embaixada da santa sé em Havana e que esteve inclusive ao lado de Bento XVI quando este se encontrou com Fidel Castro na nunciatura, se recusa a falar em caráter oficial, apesar de ter me recebido cinco vezes na Secretaria de Estado. A respeito de Ortega, de quem não diz mal nenhum, faz apenas este comentário enigmático: "É muito controverso". (Os cardeais Pietro Parolin e Beniamino Stella, que foram, respectivamente, núncios em Caracas e em Cuba, também estão bem informados sobre a situação; é também o caso de Tarcisio Bertone, que se deslocou cinco vezes a Cuba, sendo que um dos seus secretários particulares, o futuro núncio Nicolas Thévenin, esteve alocado em Cuba. Evidentemente

bem informado, Thévenin revela, aliás, por intermédio do jornalista Nicolas Diat, num dia em que almoçava com este último, informações preciosas sobre Ortega, Cuba, a homossexualidade e os comunistas. Georg Gänswein, de quem Thévenin também foi assistente, está igualmente ciente sobre os dossiês.)

Interrogado duas vezes em sua casa, em Roma, o cardeal Etchegaray, que foi embaixador "itinerante" de João Paulo II e conhece Cuba como a palma da mão, mostra-se mais favorável a Ortega, tal como o cardeal Jean-Louis Tauran, ex-ministro das Relações Exteriores de João Paulo II, com quem discuti em detalhes esses casos de costumes e que afirma que se trata de "pura especulação".

Mas outros, em Roma e em Havana, são mais diretos. E por vezes basta uma pergunta doce, com a promessa do off, para que as línguas se desatem sobre os costumes do arcebispado.

Para começar, há o número impressionante de homossexuais entre os padres e bispos de Cuba. Protegida ao nível do episcopado, essa verdadeira maçonaria se tornou muito visível, transbordando para fora do armário. E também muito "praticante". Assim, descrevem longamente a famosa missa de domingo à noite na catedral de Havana que se torna, na década de 1990, um local de flerte homossexual muito apreciado na capital.

Depois, há os padres e os prelados do Vaticano que se deslocam regularmente a Cuba como turistas sexuais, com a bênção da hierarquia católica cubana. Visitei clubes e festas especializados onde os padres europeus fazem seu safári em Havana. Assim, Cuba se torna, pelo menos a partir de meados da década de 1980, um destino favorito para os que são umas vezes "da paróquia", outras "do armário".

— De certa forma, os religiosos consideram que não são abrangidos pelas leis dos homens, e em Cuba mais do que em qualquer outro lado. Segundo

sua maneira de ver, o seu estatuto singular justifica e legitima que possam se colocar num campo derrogatório do direito comum — diz, prudentemente, Roberto Veiga.

No interior do episcopado cubano, também me falam de abusos sexuais "internos", os perpetrados pelos prelados sobre seminaristas ou jovens padres. Um determinado número de *monsignori* recorreria também a acompanhantes pagos, abusando desses jovens e pagando-lhes quantias módicas. Com frequência, e segundo um testemunho de primeira mão, os prostitutos são convidados para festas a quatro, onde se multiplicam os palavrões — *pinga* (pinto), *friqui* (trepar), *maricones* (bicha) — e as humilhações. Caso se recusem a participar desses ágapes sensuais, são denunciados à polícia, que prende sistematicamente os acompanhantes pagos — e deixa os prelados em paz.

A prostituição masculina é massiva em Cuba, em especial graças a uma rede de clubes e bares especializados. Desenrola-se geralmente nos passeios na proximidade dos estabelecimentos mais frequentados da cidade como o Las Vegas, o Humboldt 52 (hoje fechado), La Gruta ou o café Cantante. Ao redor do Parque Central, os prostitutos são inúmeros, tal como à noite na Calle 23 ou ao longo do célebre Malecón. Num país onde a corrupção é generalizada, e onde as barreiras midiáticas e judiciais são inexistentes, não deveria nos surpreender que a Igreja católica tenha adquirido lá, mais do que em qualquer outro lugar, maus hábitos.

— O cardeal Ortega está ciente de tudo o que acontece no arcebispado: controla tudo. Mas, se dissesse uma palavra sequer sobre os abusos sexuais no interior da Igreja, dos seus próximos ou dos bispos, sua carreira teria sido encurtada. Então, fechou os olhos — conta um dissidente entrevistado em Havana.

Essas covardias, esses silêncios, essa omertà, esses escândalos são tão extraordinários que o círculo próximo de Bento XVI precisou de muita

coragem para pôr o papa ciente de tudo o que acontecia, antes ou no momento da sua estada em Havana. Quando lhe é comunicada a notícia, e sobretudo a extensão do problema do arcebispado de Havana, ele, que já conhece a "sujidade" da Igreja (segundo suas próprias palavras), é, dessa vez, invadido pela repugnância. Segundo uma testemunha, o papa, ao ouvir esse relato, teria chorado outra vez.

A partir de então, passou a existir uma viva tensão entre Bento XVI e Ortega, que já tinha "relações muito especiais" com o papa (segundo uma testemunha que assiste ao seu encontro). Dessa vez, Joseph Ratzinger fraqueja. Ele que, intransigente e indomável, tentou toda a sua vida frustrar o Mal, está rodeado, cercado, cingido, pelos padres homossexuais ou pelos casos de pedofilia. Não haveria prelados virtuosos?

— A viagem de Bento XVI a Cuba foi um caos. O papa estava em choque, entristecido e profundamente agitado por aquilo que acabara de saber sobre a extensão dos abusos sexuais da Igreja cubana. Por que continuou sua viagem nessas condições, não sei. A única certeza: decidirá renunciar apenas uma semana depois do seu regresso de Cuba — confirma Roberto Veiga, na presença de um dos meus pesquisadores, Nathan Marcel-Millet.

No México, durante a mesma viagem, o papa já tinha perdido as ilusões. Mas Cuba! Até em Cuba! Não são desvios, nem acidentes: é um sistema completo. A Igreja está cheia de "máculas", disse: mas dessa vez descobre que a Igreja está corrompida em todos os lados. Fatigado pelo fuso horário e pela sua etapa mexicana, onde machucou ligeiramente a cabeça ao cair, o santo padre sofre fisicamente; em Cuba, começa a sofrer moralmente. Todas as testemunhas confirmam: a viagem é "horrorosa". Foi uma "verdadeira penitência".

Na paradisíaca ilha cubana, o papa descobre a extensão do pecado na Igreja. "A rede também contém peixe ruim", dirá depois, exasperado. A viagem para

Cuba é a queda do Velho Adão.

— Sim, foi no momento da sua viagem ao México e a Cuba que o papa começou a acalentar a ideia da sua renúncia — confirma Francesco Lombardi, durante um dos nossos cinco encontros na sede da fundação Ratzinger. (Lombardi acompanhou o papa à América Latina.)

Por que o regime castrista, que conhece todos os pormenores desses casos que implicam o episcopado cubano, não agiu? Interrogo Roberto Veiga a esse respeito:

— É um poderoso meio de controle do regime sobre a Igreja. Não denunciar os casos de prostituição, de pedofilia é, de certa forma, dar cobertura. Mas é também, em compensação, uma maneira de garantir que a Igreja, que continua sendo uma das principais forças de oposição na ilha, nunca se voltará contra o regime.

Ao voltar de Havana, Bento XVI é um homem despedaçado. Uma mola se rompeu. É "uma grande alma asfixiada". Em toda a parte, à sua volta, as colunas do tempo se fissuraram.

Algumas semanas depois, o papa decide renunciar (só seis meses mais tarde anunciará publicamente sua decisão). No seu livro de memórias, *O último testamento*, o papa aponta duas vezes a viagem a Cuba como sendo o momento desencadeador; e se apenas se refere a fadiga física e ao "fardo" que sua missão de papa representa, diversas fontes permitem afirmar que ficou "transtornado" com o que soube, durante essa viagem, sobre os abusos sexuais. Cuba terá sido a última estação da longa via-sacra do pontificado de Bento XVI.

— A queda? Que queda? É um ato de liberdade — diz o cardeal Poupard, rabugento, quando o interrogo sobre o fim e a queda de Bento XVI.

Renúncia, abdicação, ato de liberdade? Seja como for, em 11 de fevereiro de 2013, durante um consistório de rotina, Bento XVI abdica. Durante a missa inaugural do pontificado, oito anos antes, declarara: "Rezai por mim, para que aprenda a amar cada vez mais [o] rebanho. Rezai por mim, para que não fraqueje, por medo, diante dos lobos". Os lobos o venceram. É a primeira vez, na era moderna, que um papa renuncia e também a primeira vez, desde o papado de Avignon, que dois papas vão coabitar.

Para nós, hoje em dia, é difícil imaginar o que foi esse trovão no céu do Vaticano. Preparada secretamente durante vários meses, a renúncia de Bento XVI pareceu brutal. No momento do anúncio, a Cúria, tão calma e despreocupada, se torna, num instante, *A última ceia* de Leonardo da Vinci, como se Cristo tivesse acabado de dizer, de novo: "Em verdade vos digo que um de vós me trairá". Uma vez mais, o tempo saiu dos gonzos. Os cardeais, sem voz, espantados, constituindo agora uma comunidade desconjuntada, protestam então, na desordem, seu amor e sua verdade: "Senhor, sou eu?". E o papa sereno diante da sua escolha, ocultando seu drama interiorizado, apaziguado agora que deixou de "se debater consigo mesmo", não se preocupa mais com essa Cúria agitada, tão mesquinha, tão perversa, tão encerrada no armário, com essas intrigas em que os rígidos que levam uma vida dupla são tão numerosos, em que os lobos os venceram; pela primeira vez, triunfa. Sua abdicação, centelha luminosa, gesto histórico que o torna finalmente grande — a primeira boa decisão, e talvez a única, do seu curto pontificado.

O acontecimento é de tal forma inédito que ainda temos dificuldade em controlar, a longo prazo, todas as suas consequências, uma vez que nada será como antes: ao abdicar, o papa "desceu da cruz", como disse, pérfido, Stanisław Dziwisz, o antigo secretário particular do papa João Paulo II. O catolicismo romano atingiu seu perigeu. O ofício de papa é, de agora em diante, um pontificado de duração determinada, quase um contrato a termo

certo; um limite de idade será imposto; o papa volta a ser um homem como qualquer outro, e seu poder se retrai ao se tornar temporal.

Todo mundo compreendeu, também, que a doença era apenas uma das razões da renúncia, entre as invocadas para explicar esse gesto tão espetacular. O porta-voz de Bento XVI, Federico Lombardi, multiplicou as declarações para insistir no fato de que só o estado de saúde do santo padre, sua fragilidade física, explicavam seu gesto único na história. A sua insistência era risível.

O estado de saúde do papa é um fator. Joseph Ratzinger foi vítima de um acidente vascular cerebral, em 1991, que teve como consequência, como ele próprio contou, torná-lo, pouco a pouco, cego do olho esquerdo. Tem igualmente um marca-passo para combater uma fibrilação auricular crônica, mas não parece ter havido um novo elemento de saúde, entre 2012 e 2013, que explicasse sua decisão. O papa não estava à beira da morte, vive duradouramente, além dos seus oitenta anos. A história é repetida demais para ser verdadeira.

— O Vaticano explicou a demissão do papa com base nos seus problemas de saúde: era, evidentemente, uma mentira, como acontece com frequência — afirma Francesco Lepore.

Poucos jornalistas, teólogos ou mesmo membros da Cúria Romana, entre aqueles com quem me encontrei, consideram que a demissão de Bento XVI esteja ligada à sua saúde. Após o desmentido de fachada, na mais perfeita tradição stalinista, os próprios cardeais que interroguei reconhecem que houve "outros fatores".

Podemos afirmar aqui que, no final da sua via-sacra, o papa Bento XVI jogou a toalha por múltiplas razões conjugadas ou imbricadas, em que a homossexualidade ocupou um lugar central. No fim dessa pesquisa, as catorze estações desta via dolorosa parecem ser as seguintes: o estado de saúde, a

idade, a incapacidade de governar, o fracasso do cardeal Bertone na reforma da Cúria, as polêmicas religiosas e o desastre da sua comunicação, os encobrimentos dos escândalos pedófilos; o desmoronamento, em virtude dos abusos sexuais, da sua teologia sobre o celibato e a castidade dos padres; a viagem a Cuba, VatiLeaks I, o relatório dos três cardeais, a devastação sistemática do pontificado pelo cardeal Sodano, os boatos ou as eventuais ameaças sobre Georg Gänswein e seu irmão Georg Ratzinger, a homofobia interiorizada ou a síndrome de Ratzinger; por fim, Mozart, porque esse papa que não gostava do burburinho preferiu voltar para junto do seu piano e da música clássica de que tinha terríveis saudades.

Deixarei em aberto o debate sobre o peso respectivo das catorze estações da via-sacra de Bento XVI no ato final do seu crepúsculo de Deus. Cada um pode atribuir-lhes matizes, rever a ordem ou ponderar uma estação em relação a outra. Tudo o que posso afirmar aqui é que, dessas catorze estações do seu pontificado, dez, pelo menos, estão ligadas, direta ou indiretamente, à questão homossexual — uma questão que também foi seu drama pessoal.

Epílogo

"Não gosto de mulheres. O amor tem que ser reinventado." Essas frases grandiosas, essas fórmulas célebres em forma de manifesto do jovem poeta de *Une saison en enfer*, banhadas de pulsões crísticas e homossexuais entremeadas, podem nos servir de guia neste epílogo. A reinvenção do amor é de fato a revelação mais surpreendente deste livro — a mais bela e também a mais otimista —, e aquela pela qual desejaria concluir esta longa investigação.

No coração da Igreja, num universo excessivamente constrangido, os padres vivem suas paixões amorosas e, ao fazê-lo, estão renovando o gênero e imaginando novas famílias.

Esse é um segredo ainda mais escondido do que a homossexualidade de uma grande parte do Colégio Cardinalício e do clero. Além da mentira e da hipocrisia generalizadas, o Vaticano também é um local de experiências inesperadas: constroem-se lá novas formas de vida em casal; novas relações afetivas; novos modos de vida gay; tenta-se formar a família do futuro; prepara-se a aposentadoria dos velhos homossexuais.

No termo desta investigação, desenham-se cinco perfis principais de padres, recortando o essencial das nossas personagens: a "virgem louca", o "esposo infernal", o modelo "da louca por afeto", o "Don Juan falsificado", e, por fim, o modelo "La Montgolfiera". Neste livro, fomos apresentados a esses arquétipos, quer os adoremos ou detestemos.

O arquétipo "virgem louca", feito de ascetismo e de sublimação, é o que caracteriza Jacques Maritain, François Mauriac, Jean Guitton e também o de alguns papas recentes. Homossexuais "contrariados", escolheram a religião

para não cederem à tentação; e a batina para escaparem à sua orientação. O amor platônico é sua propensão natural. Podemos pensar que não passaram ao ato, mesmo que François Mauriac, como se sabe hoje, tenha conhecido intimamente outros homens.

O modelo do "esposo infernal" é o mais praticante: o padre "não assumido" ou "em dúvida" está consciente da sua homossexualidade, mas tem medo de vivê-la, oscilando sempre entre o pecado e o arrependimento, numa grande confusão de sentimentos. Por vezes, as amizades particulares que estabelece desembocam em atos, algo que se traduz por crises de consciência profundas. Esse modelo do indivíduo de "má vida" que nunca se "acalma" é o de inúmeros cardeais com os quais cruzamos neste livro. Nesses dois primeiros arquétipos, a homossexualidade pode ser uma prática, mas não é uma identidade. Os padres envolvidos não se assumem e não se reconhecem como gays; pelo contrário, têm tendência para a homofobia.

O arquétipo da "louca por afeto" é um dos mais frequentes: ao contrário dos precedentes, trata-se realmente de uma identidade. Tão característico, por exemplo, do escritor Julien Green, é compartilhado por inúmeros cardeais e padres da Cúria que conheci. Esses prelados privilegiam sobretudo a monogamia, frequentemente idealizada, com as gratificações que decorrem do fato de ser fiel ao outro. Constroem suas relações com base no longo prazo e na vida dupla, não isentas de uma "perpétua oscilação entre os rapazes cuja beleza os condena às penas eternas, e Deus, cuja bondade os absolve". São híbridos, ao mesmo tempo aciprestes e arquigays.

O arquétipo "Don Juan falsificado" é aquele que não pode ver um rabo de calça: "homens de prazer", como se dizia outrora de algumas mulheres. Alguns cardeais, alguns bispos de que falamos são exemplos perfeitos dessa categoria: levam uma vida agitada e sem complexos, com sua famosa lista "mil e três" de cortesãos impenitentes, nas regras da arte. E, por vezes, fora das vias

habituais. (“Virgem louca”, “esposo infernal”, “louca por afeto”: peço emprestadas a Rimbaud essas três primeiras fórmulas e, a quarta, “Don Juan falsificado”, a um poema do seu amante. Algumas estão inspiradas nos evangelhos.)

Por fim, o modelo “La Montgolfiera” é o da perversão ou das redes de prostituição: é, por excelência, o do cardeal indecente que tem este apelido, mas também dos cardeais Alfonso López Trujillo, Platinette e de vários outros cardeais e bispos da Cúria. (Deixo de lado aqui as porcentagens muito baixas de cardeais verdadeiramente assexuados e castos; os heterossexuais que têm relações segundo um dos modelos precedentes, mas com uma mulher — também numerosos, mas que não são o tema deste livro —; e, finalmente, a categoria dos predadores sexuais, como o padre Marcial Maciel, que ficam de fora de qualquer classificação objetiva.)

Como podemos ver, os perfis homossexuais variam imensamente no cerne da Igreja católica, apesar de a grande maioria dos prelados do Vaticano e das personagens deste livro se situar em um ou em outro. Noto duas constantes: por um lado, a maioria desses padres não tem o “amor vulgar”; sua vida sexual pode ser refreada ou exagerada, fechada no armário ou dissoluta, e por vezes tudo isso e ao mesmo tempo, mas raramente é banal. Por outro lado, continua existindo certa fluidez: as categorias não são tão herméticas como escrevo; elas representam todo um espectro, um conjunto homogêneo de elementos, e muitos padres, fluidos, evoluem de um grupo para o outro ao longo da vida, entre dois mundos, como no limbo. No entanto, várias categorias estão ausentes ou são raras no Vaticano: os verdadeiros transexuais quase não existem e os bissexuais são sub-representados. No mundo LGBT do Vaticano, não há B nem T, apenas algumas L e uma imensa multidão de G. (Não me referi, neste livro, ao lesbianismo, por não poder concluir a investigação num mundo muito discreto, onde é necessário ser do sexo feminino para ter

acesso, mas levanto a hipótese, a partir de vários testemunhos, de a vida religiosa feminina em Gomorra estar dominada pelo prisma do lesbianismo, tal como a vida do clero masculino está pela questão gay.)

Embora a homossexualidade seja a regra e a heterossexualidade a exceção no sacerdote católico, isso não significa que seja assumida como uma identidade coletiva. Apesar de ser a norma "por definição", aparece como uma "prática" muito individualizada e a tal ponto dissimulada e "não assumida" que não se traduz nem em modo de vida, nem em cultura. Os homossexuais do Vaticano e do clero são inúmeros, mas não formam uma comunidade, e muito menos um lobby. Não são "gays" na verdadeira acepção da palavra, se a entendermos como uma homossexualidade assumida, vivida coletivamente. No entanto, têm códigos e referências comuns. Os de Sodoma.

Ao longo da minha pesquisa, descobri, portanto, autênticas relações amorosas no íntimo do clero que, consoante as idades e as circunstâncias, podem assumir a forma de um amor paternal, filial ou fraternal — e esses amores me reconfortaram. Histórias de solteirões? De celibatários empedernidos? Muitos vivem, de fato, sua homossexualidade com obstinação e praticam-na com assiduidade, segundo o belo modelo descrito por Paul Verlaine, o amante de Rimbaud: "O romance de viver de dois homens / melhor por não terem esposos modelares".

Isso é um fato: as restrições da Igreja forçaram esses padres a imaginar subterfúgios magníficos para conhecer belos amores, conforme os autores do teatro clássico que atingiam a perfeição literária sendo obrigados a respeitar, para suas tragédias, a regra muito limitadora das três unidades — tempo, local e ação.

Viver o amor sob a coação: alguns são bem-sucedidos à força de encenações inimagináveis. Estou pensando num célebre cardeal, entre os mais graduados

da santa sé, que vive com um homem. Durante uma conversa com ele, no seu magnífico apartamento do Vaticano, e quando nos postamos por algum tempo no terraço banhado pelo sol, o companheiro do cardeal chegou. A conversa durou tanto assim ou seu amigo é quem chegou cedo demais? De qualquer modo, senti o embaraço do cardeal, que olhou para o relógio e encerrou rapidamente nossa conversa, enquanto havia várias horas em que se deliciava a se ouvir falar e a tagarelar conosco. Quando nos acompanhou, eu e Daniele, à porta, à entrada da sua cobertura, foi obrigado a nos apresentar seu companheiro com uma explicação muito rebuscada:

— É o marido da minha falecida irmã — balbuciou o velho cardeal, que julgou, sem dúvida, que eu iria engolir sua mentira.

No entanto, eu já tinha sido alertado. No Vaticano, todo mundo conhece o segredo do santo homem. Os guardas suíços me falaram do seu terno companheiro; os padres da Secretaria de Estado ironizaram a duração fora do comum de uma relação desse tipo. Deixei o "binômio" em paz, divertido com a falsa distância que os dois homens se esforçavam para exibir diante de mim, e imaginando-os agora a iniciarem a sua refeiçãozinha sozinhos, a tirarem da geladeira um prato preparado pela sua cozinheira, a assistirem televisão de pantufas e a acariciarem seu cãozinho chamado talvez "Cão" — um casal burguês (quase) como outro qualquer.

Encontramos esse tipo de relação inovadora com uma variante num outro cardeal emérito, que também vive com seu assistente, o que apresenta, também nesse caso, algumas vantagens. Os amantes podem passar longos minutos juntos, sem suscitar demasiadas desconfianças; também podem viajar e sair de férias como namorados, porque têm o álibi perfeito. Ninguém pode contestar tal proximidade, baseada nas relações de trabalho. Por vezes, os assistentes moram na residência dos cardeais, o que é ainda mais prático. Com isso também ninguém se espanta. Os guardas suíços confirmaram para mim

que têm que fechar os olhos "independentemente de quais sejam as visitas" dos cardeais. Há muito que integraram a regra do "*Don't ask, don't tell*", que continua sendo o mantra número um do Vaticano.

Ir para a cama com seu secretário particular: esse modelo é onipresente na história do Vaticano. É um grande clássico da santa sé: os amantes secretários são tão numerosos, a tendência está ancorada tão profundamente, que poderíamos chegar a ponto de transformá-la numa nova regra sociológica — a décima terceira de *No armário do Vaticano: Não procurem quem são os companheiros dos cardeais e dos bispos; perguntem aos seus secretários, aos seus assistentes e aos seus protegidos, e pelas reações destes conhecerão a verdade*.

Nietzsche não dizia que "o casamento [deve ser] considerado uma longa conversa"? Ao se envolverem com um assistente, os prelados acabam por construir relações duradouras, urdidas tanto pelo trabalho quanto pelos sentimentos. Isso pode explicar sua longevidade, porque também se trata de uma relação de poder. Vários desses cardeais devem seu êxito sexual à sua posição: souberam alimentar e incentivar a ambição dos seus favoritos.

Esses "arranjos" continuam sendo vulneráveis. Fazer do amante seu assistente é um pouco como, para um casal heterossexual, ter um bebê para salvar o casamento. O que acontece em caso de ruptura, de ciúme, de engano? O custo da separação é dez vezes maior em relação a um casal "normal". Deixar seu assistente é correr o risco de passar por situações constrangedoras: os boatos, a traição, por vezes, a chantagem. Sem falar da "trans-filiação", para utilizar uma imagem religiosa: um assistente próximo de um cardeal pode começar a servir outro cardeal, uma transferência que frequentemente incita ciúme e, às vezes, violência. Inúmeros escândalos e casos vaticanos são explicados por essas rupturas amorosas entre uma eminência e seu protegido.

Uma variante desse modelo foi imaginada por um cardeal que, apesar de ter se envolvido com prostitutos por um tempo, parece ter criado juízo. E

encontrou a defesa: em qualquer saída, em qualquer viagem, é acompanhado pelo seu amante na função de guarda-costas! (Uma anedota que é confirmada por dois prelados, bem como pelo ex-padre Francesco Lepore.) Um cardeal com um guarda-costas! No Vaticano, todos riem dessa extravagância, para não falar da inveja que essa relação suscita, porque o companheiro em questão é, ouvi dizer, "incrível".

Muitos cardeais e padres do Vaticano inventaram sua própria *Amoris laetitia*, uma forma de amor entre homens de um novo gênero. Já não se trata de "sair do armário", confissão sacrílega em terra papal, mas de "voltar para casa" — que consiste em fazer vir o amante para casa. É sabido, mas não dito. Aí, estamos no centro da nova jogada amorosa dos gays de todo o mundo. Os padres teriam antecipado os novos modos de vida LGBT? Estariam inventando aquilo a que os sociólogos chamam agora de fluidez afetiva ou "amor líquido"?

Um cardeal francês, com quem estabeleci uma relação de amizade, viveu durante muito tempo com um padre anglicano; um arcebispo italiano, com um escocês; um cardeal africano mantém, também, uma relação à distância com um jesuíta do Boston College, e outro com seu namorado de Long Beach, nos Estados Unidos.

Amor? *Bromance*? Namoro? Interesse amoroso? Amantes? *Sugar daddy*? Amizade colorida? Melhores amigos? Tudo é possível e proibido, simultaneamente. Nós nos perdemos nas palavras; temos dificuldade em decifrar a natureza exata dessas relações que renegociam constantemente as cláusulas do contrato amoroso, mas são ou foram — isso é certo — "praticantes". Uma lógica já analisada pelo escritor francês Marcel Proust no que se refere aos amores homossexuais, e me inspiro nela para a última regra, a décima quarta deste livro: Nós nos *enganamos frequentemente quanto aos amores dos padres e o número de pessoas com quem têm ligações*, "porque

interpretamos erroneamente as amizades como ligações, o que é um erro por adição", mas também porque temos dificuldade de imaginar amizades como ligações, o que é um outro gênero de erro, dessa vez por subtração.

Outro modelo amoroso da hierarquia católica passa pelas "adoções". Conheço uma dezena de casos em que um cardeal, um arcebispo ou um padre "adotou" seu namorado. É verdade, por exemplo, no caso de um cardeal francófono, que adotou um migrante por quem nutria um afeto especial, suscitando o espanto da polícia que descobriu, ao investigar o "indocumentado", que o eclesiástico pretendia efetivamente legalizar seu companheiro!

Um cardeal hispânico adotou, pelo seu lado, seu "amigo", que se tornou seu filho (e continuou sendo seu amante). Outro cardeal idoso que visito, e que vive com seu jovem "irmão", que as freiras que compartilham seu apartamento identificaram realmente como sendo seu namorado — algo que elas traem ao me falar dele como seu "novo" irmão.

Um padre célebre também me contou como "adotou um jovem latino-americano, órfão, que vendia seu corpo na rua". Inicialmente seu "cliente", a relação "se tornou rapidamente de ordem paternal, em comum acordo, e agora não é mais sexual", diz o padre. O jovem é selvagem e incompreensível, e seu protetor fala dele como de um filho, algo que efetivamente se tornou, aos olhos da lei.

— Essa relação me humanizou — afirma o padre.

O rapaz estava muito insociável, muito inseguro: então, o percurso dessa relação esteve cheio de dificuldades, sendo que o vício em drogas não foi a menor. Também foi legalizado ao fim de infinitas arrelias administrativas, que o padre me descreve durante várias conversas no seu domicílio comum. Sustenta com dificuldade seu jovem amigo, lhe ensina sua nova língua e lhe dá

a oportunidade de obter uma formação que deveria permitir que arrumasse um trabalho. Que sonho insensato esse de querer oferecer uma vida melhor a um desconhecido!

Felizmente, o antigo prostituto, que não tem mais nada além da própria história, teve um destino positivo. O padre lhe ofereceu um *coming of age*, uma passagem para a maturidade. Ele não tem pressa: não exerce nenhuma pressão sobre seu amigo que, no entanto, fez muitas asneiras, a ponto de ameaçar incendiar seu apartamento. Sabe que nunca abandonará seu filho, cujo amor, tornado amizade, não é produto dos vínculos de sangue, mas sim de uma filiação eletiva.

Essa relação generosa, inventiva, se baseia em sacrifícios e num amor verdadeiro que provocam necessariamente admiração.

— Até minha irmã teve dificuldade, no início, de imaginar que se tratasse de uma verdadeira relação de pai e filho, mas suas filhas não tiveram nenhum problema em acolher seu novo primo — conta o padre.

Ele também me diz que aprendeu muito e mudou muito após conhecer seu amigo — e adivinho pelo seu olhar, pelos seus olhos tão belos quando me fala do seu companheiro, que essa relação deu um sentido à sua vida que já não existia.

Essas amizades pós-gays escapam a qualquer classificação. Correspondem, de certa forma, ao que Michel Foucault preconizava no seu célebre texto "Da amizade como modo de vida". E o filósofo homossexual se questionava: "Como é possível os homens estarem juntos? Viverem juntos, compartilharem seu tempo, suas refeições, seu quarto, seus lazeres, seus desgostos, seu saber, suas confidências? Como é isso, estar entre homens, "nu", fora das relações institucionais, de família, de profissão, de camaradagem forçada?" Por mais surpreendente que possa parecer, os padres e os eclesiásticos estão

inventando essas novas famílias, essas novas formas de amor, esses novos modos de vida, tal como foram imaginados pelo filósofo homossexual que morreu de aids há mais de trinta anos.

Os padres que deixam em geral, e precocemente, seus pais, têm que aprender a viver entre homens desde a adolescência: criam, assim, uma nova "família" para si. Sem parentesco, sem filhos, essas novas estruturas de solidariedade recompostas são uma mistura inédita de amigos, de protegidos, de amantes, de colegas, de ex-amantes, a que se juntam eventualmente uma velha mãe ou uma irmã de passagem; aqui, amores e amizades se misturam de uma forma que não é isenta de originalidade.

Um padre me contou sua própria história quando me encontrei com ele numa cidade à beira-mar. Os católicos italianos o conhecem bem porque foi a personagem anônima de *La Confessione* (reeditado com o título *Io, prete gay*), o relato da vida de um homossexual no Vaticano, publicado pelo jornalista Marco Politi em 2000.

Esse padre, que hoje tem 74 anos, quis retomar a palavra pela primeira vez desde *La Confessione*. Sua simplicidade, sua fé, sua generosidade, seu amor à vida me deixaram emocionado. Quando me conta sobre seus relacionamentos amorosos ou me fala dos homens que amou — e não apenas desejou —, não sinto em momento algum que sua fé seja menor. Pelo contrário, acho-o fiel aos seus compromissos e, de qualquer modo, mais sincero do que muitos *monsignori* e cardeais romanos que pregam a castidade durante o dia e, à noite, catequisam prostitutos.

O padre teve belos amores e me fala de três homens importantes para ele, em especial Rodolfo, um arquiteto argentino.

— Rodolfo mudou minha vida — diz, simplesmente, o padre.

Os dois homens viveram juntos em Roma por cinco anos, quando o padre pusera seu sacerdócio entre parênteses, para não trair seu voto de castidade,

depois de ter pedido uma espécie de passagem à disponibilidade, embora continuasse trabalhando todos os dias no Vaticano. O que alicerçava realmente o casal não era tanto a sexualidade, como poderíamos pensar, mas o "porquê" de estarem juntos. O diálogo intelectual e cultural, a generosidade e a ternura, a harmonia: tudo isso contava tanto quanto a dimensão física.

— Dou graças a Deus por me ter feito encontrar Rodolfo. Com ele, aprendi verdadeiramente o que significa amar. Aprendi a deixar de lado os belos discursos que não se articulam com os fatos — conta o padre, que me confirma também que, embora tenha vivido essa longa relação na discrição, não a ocultou: falou dela aos seus confessores e ao seu diretor espiritual. Escolheu a honestidade, rara no Vaticano, e rejeitou os "amores mentirosos". Claro que sua carreira sofreu com isso; mas esse fato tornou-o melhor e mais seguro de si.

Agora, caminhamos ao longo da praia, perto do oceano Atlântico, e o padre, que tirou a tarde para me mostrar a cidade onde vive, fala de novo incessantemente de Rodolfo, esse grande amor, frágil, distante, e avalio até que ponto o padre confere uma espécie de eleição a essa relação. Posteriormente, viria a escrever longas cartas para me precisar alguns pontos que não teve tempo de me comunicar, para corrigir essa impressão, para acrescentar aquele elemento. Tem muito medo de ser mal compreendido.

Quando Rodolfo morre em Roma, após uma longa doença, o padre vai às suas exéquias: no avião que o traz de novo para junto do seu ex-amante, se sente atormentado, e até paralisado, com a questão de saber se "deveria" ou "poderia" ou "quereria" concelebrar o ofício.

— À hora marcada, o padre encarregado do ofício não apareceu — recorda. — Era um sinal dos céus. Como o tempo ia passando, pediram que eu o substituísse. E foi assim que um pequeno texto que escrevi durante a viagem se tornou a homilia do funeral de Rodolfo.

Manterei confidencial o texto que o padre me enviou, porque é tão pessoal e tão tocante que publicá-lo seria inevitavelmente desnaturar os segredos desse belo amor. Uma intimidade durante muito tempo indizível, mas, no entanto, revelada, e inclusive declamada em pleno dia, diante os olhos de todos, no coração daquela igreja de Roma, quando da missa do funeral.

No cerne do próprio Vaticano, dois casais homossexuais lendários continuam também a resplandecer na memória daqueles que os conheceram, e eu gostaria de terminar este livro com eles. Trabalhavam na Rádio Vaticano, o meio de comunicação social por excelência da santa sé e porta-voz do papa.

— Bernard Decottignies era jornalista na Rádio Vaticano. Quase todos os seus colegas estavam cientes da relação que mantinha com Dominique Lomré, que era pintor. Eram ambos belgas e incrivelmente próximos. Bernard ajudava Dominique em todas as suas exposições, estava sempre lá para acalmá-lo, lhe dar assistência, amá-lo. Sua prioridade sempre foi Dominique. Dedicou-lhe sua vida — conta, no decurso de inúmeras conversas, Romilda Ferrauto, antiga redatora-chefe do programa francês da Rádio Vaticano.

O padre José Maria Pacheco, que também era amigo do casal e foi, durante muitos anos, jornalista no programa lusófono da Rádio Vaticano, confirma-me a beleza dessa relação, numa conversa em Portugal:

— Eu me lembro da serenidade de Bernard e do seu profissionalismo. O que me marca, ainda hoje, é a "normalidade" com que vivia, dia a dia, a sua vida profissional e a sua relação afetiva com Dominique. Lembro-me de Bernard como alguém que vivia sua condição homossexual, e sua vida de casal, sem inquietação, nem ativismo. Não queria comunicar, nem esconder, que era gay... pura e simplesmente porque não havia nada a esconder. Era simples e, de certa maneira, "normal". Vivia sua homossexualidade de uma forma calma, pacífica, na dignidade e na bondade de um amor estável.

Em 2014, Dominique morreu com uma doença respiratória.

— A partir desse momento, Bernard deixou de ser o mesmo. Sua vida já não tinha sentido. Ficou doente por um tempo e depois continuou em depressão. Um dia, veio me ver e disse: "Não percebe: minha vida parou com a morte de Dominique" — conta Romilda Ferrauto.

— A partir da morte de Dominique — confirma o padre José Maria Pacheco —, ocorreu algo irreversível. Por exemplo, Bernard deixou de se barbear e sua longa barba era, em certo sentido, o sinal da sua angústia. Quando o encontrava, Bernard estava esmagado, devorado pela dor.

Em novembro de 2015, Bernard se suicidou, mergulhando de novo o Vaticano no estupor e no desgosto.

— Ficamos todos consternados. O amor era tão forte. Bernard se suicidou porque não conseguia mais viver sem Dominique — acrescenta Romilda Ferrauto.

O jornalista americano Robert Carl Mickens, que trabalhou durante muito tempo na Rádio Vaticano, também se lembra da morte de Bernard:

— O padre Francesco Lombardi, porta-voz do papa, quis celebrar pessoalmente a missa do velório de Bernard, na Igreja Santa Maria in Traspontina. No final do ofício, veio me dar um beijo porque eu era muito próximo de Bernard. Essa relação amorosa muito forte, homossexual, era do conhecimento de todos, inclusive do padre Lombardi.

Romilda Ferrauto acrescenta:

— Bernard tentava tanto quanto possível não esconder sua homossexualidade. Nisso, era honesto e corajoso. Sua homossexualidade era aceita pela maioria dos que estavam cientes dela e, na redação francesa, todos conhecíamos seu companheiro.

Outro casal de homens, Henry McConnachie e Speer Brian Ogle, também era muito conhecido no íntimo da Rádio Vaticano. Os dois trabalhavam no

serviço inglês da estação. Quando morreram de velhice, o Vaticano prestou-lhes uma homenagem.

— Henry e Speer viviam juntos em Roma desde a década de 1960. O casal, muito querido, não era assumidamente homossexual. Pertenciam a outra geração, para a qual primava certa discrição. Eram, digamos, cavaleiros — esclarece Robert Carl Mickens, que foi um amigo chegado de Henry.

O cardeal Jean-Louis Tauran fez questão de celebrar pessoalmente a missa do velório de Henry McConnachie, que conhecia de longa data, tal como também estava ciente de sua sexualidade.

— Quase todo mundo sabia da homossexualidade desses dois casais, e eles tinham muitos amigos na Rádio Vaticano. Ainda hoje nos lembramos deles com imensa ternura — conclui Romilda Ferrauto.

O mundo que descrevi neste livro não é o meu. Não sou católico. Nem sequer sou religioso, embora avalie a importância da cultura católica na minha vida e na história do meu país, um pouco como Chateaubriand fala do "gênio do cristianismo". Também não sou anticlerical e, aliás, este livro não é contra o catolicismo, mas sim, em primeiro lugar e antes de tudo, independentemente do que possam pensar, uma crítica da comunidade gay — uma crítica da minha própria comunidade.

Eis por que acho útil evocar, no epílogo, a história de um padre que teve uma influência importante para mim, durante minha juventude. É raro falar da minha vida pessoal nos meus livros, mas aqui, tendo em conta o tema, todos compreenderão que é necessário. Devo essa verdade ao leitor.

Na verdade, fui cristão até os treze anos. Nessa época, na França, o catolicismo era, como se diz, "a religião de todos". Era um fato cultural quase banal. Meu padre se chamava Louis. Dizíamos simplesmente: "o abade Louis" ou, mais frequentemente, "o padre Louis". Uma figura à la El Greco, com uma barba

exageradamente longa, chegou uma manhã à nossa paróquia, perto de Avignon, no sul da França. De onde vinha? Na época, não sabia. Como todos os habitantes da nossa cidade da Provença, acolhemos esse "missionário"; o adotamos e amamos. Era um simples abade, e não um pároco; um vigário, e não um prelado nem um ministro do culto. Era jovem e simpático. Dava uma bela imagem da Igreja.

Também era paradoxal. Um aristocrata, de origem belga — segundo o que sabíamos —, um intelectual, mas que falava a linguagem simples dos pobres. Ele nos tratava como amigos enquanto fumava seu cachimbo. Tomava-nos um pouco pela sua família.

Não recebi educação católica: frequentei escolas públicas e laicas, que mantêm, muito felizmente na França, a religião a uma boa distância; algo que agradeço aos meus pais. Raramente íamos à missa, que nos parecia tão chata. Entre minha primeira comunhão e a segunda, me tornei um dos alunos preferidos do padre Louis, seu favorito talvez, a ponto de meus pais terem lhe pedido para ser meu padrinho de crisma. Tornar-me amigo de um padre, uma amizade pouco banal, foi uma experiência significativa quando minha inclinação natural teria sido sobretudo, já, a crítica da religião, no espírito do jovem Rimbaud: "Realmente, são uma estupidez essas igrejas das aldeias" onde as criancinhas ouvem "as divinas tagarelices".

Era católico por tradição. Nunca fui "escravo do meu batismo". Mas o padre Louis era fantástico. Eu era indisciplinado demais para ser menino de coro e julgo que fui expulso do catecismo por indisciplina. Meu padre não se ofendeu com isso — pelo contrário. Ensinar o catecismo às crianças da paróquia? Viver ao redor da sacristia e animar a quermesse? Eu era um pequeno Rimbaud à procura de outros horizontes; o abade aspirava, como nós, a espaços maiores. Encorajou-me a entrar para uma capelania que ele dirigia e, com ele, durante cinco ou seis anos, vivemos a aventura. Era uma capelania popular — e não um movimento de

exploradores ou de escoteiros, mais burgueses. Instilou-me a paixão pelas viagens e ensinou-me alpinismo, preso a ele com uma corda. Sob o pretexto de "retiros espirituais", fomos para acampamentos de jovens, de bicicleta ou a pé, nos Alpilles provençais, no maciço das Calanques, em Marselha, perto da montanha de Lure, nos Alpes da Alta Provença, ou ainda na alta montanha, com nossas tendas e pequenas picaretas, dormindo em barracas, escalando, a mais de 4 mil metros de altitude, o maciço dos Écrins. E à noite, durante essas temporadas longe da minha família, comecei a ler livros que, por vezes, sem insistir muito, esse abade de "leituras mal benevolentes" nos recomendava, talvez com fins evangelizantes.

Por que se tornou padre? Nessa época, não sabíamos muito sobre a vida de Louis "antes". Era reservado: o que fizera "antes" de chegar à nossa paróquia de Avignon? No momento de escrever este livro, com a ajuda dos seus amigos mais próximos, tentei encontrar seu rastro. Fiz pesquisas nos arquivos da diocese e consegui reconstruir seu itinerário, com bastante precisão, desde Lusambo, no Zaire (então o Congo Belga), onde nasceu em 1941, até Avignon.

Lembro-me do proselitismo cultural e do "catecismo dos tempos livres" do abade Louis. Nisso era, por essa própria expressão, simultaneamente moderno e tradicional. Homem de arte e de literatura, gostava de cântico gregoriano e de cinema de arte e ensaio. Levava-nos a ver filmes "de arte" para ter conosco conversas tendenciosas sobre suicídio, aborto, pena de morte, eutanásia ou paz no mundo (nunca, parece-me, sobre homossexualidade). Tudo para ele estava aberto à conversa, sem tabu, sem preconceito. Mas, licenciado em filosofia e teologia — Louis concluiu sua educação religiosa com uma licenciatura em direito canônico na Universidade Pontifícia Gregoriana em Roma —, era muito bom em debates. Era simultaneamente o produto do Concílio Vaticano II, da sua modernidade, e o herdeiro de uma concepção conservadora da Igreja que o fazia ter a nostalgia do latim e dos paramentos de cerimônia. Teve uma verdadeira paixão por Paulo VI;

um pouco menos por João Paulo II. Era a favor de um catecismo renovado, que abalasse a tradição, mas se amparava também nos vínculos indefectíveis do casamento, a ponto de ter recusado a comunhão a alguns casais divorciados. Na verdade, em Avignon, devido às suas contradições e à sua liberdade de espírito, desnorteava seus paroquianos.

Padre operário para uns — irritada, a burguesia local acusava-o de ser comunista; pároco de aldeia para outros, que o veneravam; padre letrado para todos, igualmente admirado e invejado, porque as pessoas do campo desconfiam sempre das pessoas da cidade que leem livros.

Era censurado por ser "altivo", isto é, inteligente. Sua alegria de viver irônica inquietava. Sua cultura antiburguesa, que o fazia desprezar o dinheiro, a vaidade e a ostentação era mal aceita entre os católicos praticantes que, não sabendo o que pensar, o achavam simplesmente "espiritual" demais para seu gosto. Viam com desconfiança as viagens (demasiado numerosas) que fizera e as novas ideias que delas trouxera. Diziam que tinha "ambição", ou previam que um dia seria bispo ou até cardeal e, na nossa paróquia, aquela personagem de Balzac — mais Lucien de Rubempré que Rastignac —, era confundida com um ativista. Lembro-me também de que, ao contrário de muitos padres, não era misógino e se sentia bem na companhia das mulheres. Foi por essa razão que, em breve, lhe atribuíram uma amante, na pessoa de uma militante socialista local, um boato com que esta última, que interroguei para este livro ainda se diverte hoje em dia. Também criticavam — como podiam criticar isso? — sua hospitalidade, que foi seu grande caso; porque hospedava, na paróquia, pobres, jovens marginais e estrangeiros de passagem. Atribuíram-lhe também, e disso eu não soube na época, histórias antinaturais com marinheiros no porto de Toulon; disseram que percorria o mundo à procura de aventuras. Ria de tudo isso e cumprimentava a pretensa sogra, na paróquia, com um tonitruante: "Sogrinha!".

Para parafrasear Chateaubriand, no seu belo retrato do abade Rancé, poderia escrever que "esta família da religião ao redor do padre Louis tinha a ternura da família natural e algo mais".

Para mim, o diálogo com Deus — e com o padre Louis — parou quando fui para o ensino médio, em Avignon. Nunca detestei o catolicismo — esqueci-o, simplesmente. As páginas dos evangelhos, que nunca lera realmente, foram substituídas por Rimbaud, Rousseau e Voltaire (menos o Voltaire de "Écraser l'infame" do que o de Cândido, *em que os jesuítas são todos gays). Creio menos na Bíblia do que na literatura — que me parece mais verdadeira, suas páginas infinitamente mais belas e, no final das contas, menos romanceadas.*

Em Avignon, continuei, portanto, frequentando assiduamente a capela dos Pénitents Gris, a capela dos Carmes, a capela dos Pénitents Blancs, o jardim de Urbano V, o claustro dos Célestins e, sobretudo, o pátio principal do Palácio dos Papas, mas já não era para seguir os ensinamentos cristãos: ia lá ver espetáculos pagãos. Avignon foi, como sabemos, a capital da cristandade e sede do papado no século XIV, com nove papas que lá residiram (e meu segundo nome próprio, de acordo com uma tradição frequente em Avignon, é Clément, como três desses papas, um dos quais um antipapa!). No entanto, Avignon representa algo diferente para a maior parte dos franceses hoje em dia: a capital do teatro laico. Meus evangelhos se chamam agora Hamlet *e* Angels in America, *e não tenho medo de dizer que o* Dom Juan *de Molière me diz muito mais do que o Evangelho segundo são João. Daria inclusive a Bíblia inteira para ter em seu lugar todo o Shakespeare e, para mim, uma única página de Rimbaud vale mais do que toda a obra de Joseph Ratzinger! E, aliás, nunca coloquei nenhuma bíblia na gaveta da minha mesa de cabeceira, mas sim* Une saison en enfer, *na edição da Pléiade que, com o seu papel-bíblia, parece um missal. Possuo poucos livros dessa bela coleção, mas as* Oeuvres complètes *de Rimbaud estão sempre ao alcance da*

mão, perto da minha cama, para o caso de insônia ou de sonhos. É uma regra de vida.

Dessa formação religiosa, hoje em dia dissipada, restam alguns vestígios. Em Paris, perpetuo à minha maneira a tradição provençal que consiste em fazer todos os anos, pelo Natal, o presépio com modelos Carbonel, comprados na feira das figurinhas de presépio de Marselha (e em comer, nessa noite, as famosas "treze sobremesas"). Mas se trata de um Natal "cultural" ou "laico" e daquilo a que o Poeta Rimbaud chama um "Natal na Terra". Também colaborei, durante vários anos, com a revista Esprit, *tal como fui formado nos meus gostos cinematográficos pelo pensamento do crítico católico André Bazin. Se leitor de Kant, Nietzsche e Darwin, e filho de Rousseau e Descartes, mais do que de Pascal — francês, caramba! —, não posso ser religioso hoje em dia, nem sequer um "cristão cultural". Respeito a cultura cristã e, portanto, o "gênio (cultural) do cristianismo". E gosto muito dessa fórmula de um primeiro-ministro francês que disse: "Sou um protestante ateu". Digamos, então, que sou um "católico ateu", um ateu de cultura católica. Ou, por outras palavras, sou "rimbaudian".*

Na minha paróquia perto de Avignon (que Louis também deixou depois de ter sido nomeado pároco de outra igreja da Provença, em 1981), o catolicismo entrou em declínio. O pároco, escreve Rimbaud, "levou a chave da igreja". Uma Igreja que não soube evoluir com o tempo: apoiou-se no celibato dos padres, que é, como percebemos hoje, profundamente antinatural, e proibiu os sacramentos aos divorciados, no preciso momento em que as famílias da minha aldeia são, na sua maioria, reconstruídas. Quando havia, na época, três missas todos os domingos com três padres na igreja, agora há apenas uma, a cada três domingos, com o pároco ambulante, vindo da África, aliás, correndo de uma paróquia para outra, nessa periferia do sul de Avignon, transformada em deserto católico. Na França, morrem cerca de oitocentos padres a cada ano; são ordenados menos de cem... O catolicismo morre lentamente.

Também para mim o catolicismo é uma página virada, sem ressentimento nem rancor, sem animosidade nem anticlericalismo — não estou no "ódio dos padres", como se diz em Flaubert. E logo o padre Louis também se afastou.

Soube da sua morte quando vivia em Paris, e tal destino, ainda jovem, aos 53 anos, entristeceu-me terrivelmente. Quis prestar-lhe homenagem e, portanto, redigi um pequeno texto para as páginas locais do diário Le Provençal (*hoje,* La Provence), *publicado anonimamente com o título "A morte do padre Louis". Releio hoje esse artigo que acabei de encontrar e em cuja conclusão faço referência, um pouco ingenuamente, ao filme italiano* Cinema Paradiso *e ao seu velho projecionista siciliano, Alfredo, que ensinara a vida a Totò, o herói, um menino de coro, que se emancipou da sua aldeia graças à sala de cinema paroquial e que se tornou diretor de cinema em Roma. E, assim, disse adeus ao padre Louis.*

Quando estava terminando de escrever este livro, e já perdera o rastro do padre Louis havia muitos anos, este entrou de novo na minha vida, subitamente e de forma inesperada. Uma das amigas de Louis, uma paroquiana progressista com quem mantive contato, decidiu me contar o fim da vida dele. Longe de Avignon, vivendo em Paris, não soubera de nada; e ninguém na paróquia, aliás, conhecera seus segredos. Louis era homossexual. Tinha uma vida dupla que, retrospectivamente, dava sentido a alguns dos seus paradoxos, às suas ambiguidades. Como tantos padres, tentava conjugar sua fé e sua orientação sexual. Parece-me, ao recordar desse abade atípico de quem tanto gostava, que uma dor interior o embaraçava, uma lágrima, talvez. Mas é possível que esta leitura seja apenas retrospectiva.

Também fiquei sabendo sobre as circunstâncias da sua morte. Na biografia que consegui com a diocese, quando quis encontrar seu rastro, está escrito pudicamente no final: "Ficou internado no lar sacerdotal em Aix-en-Provence de

1992 a 1994". Mas, ao interrogar seus amigos, soube de outra realidade: Louis morreu de aids.

Nesses anos em que a doença era quase sempre mortal, e imediatamente antes — infelizmente — de poder se beneficiar dos antivirais, Louis começou a ser tratado no Institut Paoli-Calmettes de Marselha, hospital precursor em matéria de aids, antes de ter passado a ser atendido numa clínica de Villeneuve de Aix-en-Provence, pelas irmãs da capela Saint-Thomas. Foi aí que morreu na "espera desesperada", me disseram, de um tratamento que não chegou a tempo. Nunca falou verdadeiramente da sua homossexualidade e negou sempre a natureza da sua doença. Seus colegas religiosos, provavelmente informados do seu mal, abandonaram-no, na sua maioria. Dar provas de solidariedade teria sido, também aqui, apoiar um padre gay e correr muitos riscos. As autoridades da diocese preferiram dissimular as causas da sua morte, e a maior parte dos párocos com quem convivera, agora também falecidos, nunca mais se manifestou quando ele ficou acamado. Contatou-os, sem resposta da parte deles. Ninguém veio visitá-lo. (Um dos raros padres que estiveram a seu lado até o fim se questiona, quando o entrevisto, se não foi o próprio Louis que quis se distanciar dos seus antigos correligionários; o cardeal Jean-Pierre Ricard, atualmente arcebispo de Bordeaux, e que foi vigário-geral do arcebispado de Marselha, que entrevisto durante um almoço em Bordeaux, lembra-se do padre Louis, mas diz que não se lembra dos pormenores da sua morte.)

— Morreu só, abandonado por quase todos, em grande sofrimento. Não queria morrer. Revoltou-se contra a morte — testemunha uma das mulheres que o acompanharam no final da vida.

Hoje, penso no sofrimento desse homem solitário, repudiado pela Igreja — sua única família —, negado pela sua diocese e mantido à distância pelo seu bispo. Tudo isso se passava sob o pontificado de João Paulo II.

Aids? Um padre com aids? "Tive simplesmente que franzir as sobrancelhas como diante do enunciado de um problema difícil. Precisei de muito tempo para compreender que ia morrer de um mal que raramente encontramos nas pessoas da minha idade." É como a reação do jovem pároco de aldeia, ao saber que tem câncer no estômago, no belo romance de Georges Bernanos e no filme, ainda mais magnífico, de Robert Bresson. O jovem diz também: "Por mais que repetisse que nada mudara em mim, o pensamento de regressar ao lar com essa coisa me provoca vergonha". Não sei se Louis pensou assim ao longo do próprio calvário. Não sei se, na sua fragilidade e angústia, julgou e pensou, como o padre de Bernanos: "Deus me abandonou".

Na verdade, Louis nunca foi um "pároco de aldeia", como refere, por facilidade, o subtítulo da coletânea das suas homilias. A comparação com o pároco de Bernanos, que procura a ajuda da graça, é, portanto, um pouco enganadora. Louis não teve uma vida banal, modesta. Foi um padre aristocrata que, no caminho inverso ao seguido por tantos prelados oficiais que nasceram pobres e acabam no luxo e na luxúria do Vaticano, iniciou sua vida na aristocracia e a terminou em contato com pessoas simples. E sei que nessa mudança radical, tanto no caso dele como no desses outros, a homossexualidade desempenhou seu papel.

O fato de o arcebispado ter ficado insensível à sua via-sacra continua sendo incompreensível para mim. Que seu sofrimento crístico, mau sangue, máculas, desfalecimentos não tenham encontrado eco na diocese será durante muito tempo, a meus olhos, um escândalo, um mistério. Só o imagino tremendo.

Só as irmãs da capela de Saint-Thomas, magnificamente dedicadas, o rodearam com seu afeto anônimo até sua morte, no início do verão de 1994. Um bispo aceitou finalmente presidir a concelebração. Em seguida, Louis foi cremado em Manosque, nos Alpes da Alta Provença (os cuidados funerários eram proibidos na época aos doentes de aids, e a cremação, incentivada).

Alguns dias depois, tal como ele desejava, suas cinzas foram espalhadas no mar, com toda a discrição, a alguns quilômetros de Marselha, ao largo das Calanques, onde tínhamos ido juntos algumas vezes, por quatro mulheres — duas das quais me contaram a cena —, a partir de um barquinho que ele comprara no final da vida. E nessa região, nesse "país" magnífico, o sul da França — a que por vezes chamamos, entre nós, o Midi —, dizem que os únicos acontecimentos são as tempestades.

Agradecimentos

No armário do Vaticano é uma reportagem investigativa que demorou quatro anos para ficar pronta e incluiu viagens para a Itália e mais trinta países. No total, foram realizadas 1500 entrevistas para esta obra: nomeadamente a 41 cardeais, 52 bispos e *monsignori*, 45 núncios apostólicos, secretários de nunciaturas ou embaixadores estrangeiros, onze guardas suíços e mais de duzentos padres católicos e seminaristas. Por isso, a maior parte das informações deste livro é de primeira mão, tendo sido todas recolhidas pessoalmente pelo autor (nenhuma entrevista foi realizada por telefone ou e-mail).

Os 41 cardeais com quem me encontrei, num total de mais de 130 conversas cardinalícias, são majoritariamente membros da Cúria Romana. Eis a lista: Angelo Bagnasco, Lorenzo Baldisseri, Giuseppe Betori, Dario Castrillón Hoyos †, Francesco Coccopalmerio, Stanisław Dziwisz, Roger Etchegaray, Raffaele Farina, Fernando Filoni, Julián Herranz, Juan Sandoval Íñiguez, Walter Kasper, Dominique Mamberti, Renato Raffaele Martino, Laurent Monsengwo, Gerhard Ludwig Müller, Juan José Omella y Omella, Jaime Ortega, Carlos Osoro, Marc Ouellet, George Pell, Paul Poupard, Giovanni Battista Re, Jean-Pierre Ricard, Franc Rodé, Camillo Ruini, Louis Raphaël Sako, Leonardo Sandri, Odilo Scherer, Achille Silvestrini, James Francis Stafford, Daniel Sturla, Jean-Louis Tauran e Jozef Tomko (outros sete cardeais entrevistados não figuram nesta lista, pois manifestaram o desejo de permanecer anônimos).

Para realizar esta investigação, viajei regularmente para Roma, me hospedando por lá em média uma semana por mês, entre 2015 e 2018. Também pude me instalar algumas vezes no interior do Vaticano e em duas outras residências extraterritoriais da santa sé, nomeadamente, uma longa estada na Domus International Paulus VI (ou Casa del Clero) e na Domus Romana Sacerdotalis. Também fiz pesquisa em cerca de quinze cidades italianas: Milão, Florença, Bolonha, Nápoles e Veneza, bem como em Castel Gandolfo, Cortona, Gênova, Ostia, Palermo, Perúgia, Pisa, Pordenone, Spoleto, Tivoli, Trento, Trieste e Turim.

Além do Estado do Vaticano e da Itália, realizei minha investigação em pelo menos mais trinta países, para onde retornei diversas vezes: Alemanha (várias estadas em Berlim, Frankfurt, Munique e Regensburg; 2015-8); Arábia Saudita (Riad; 2018); Argentina (Buenos Aires e San Miguel; 2014, 2017); Bélgica (Bruxelas, Mons; várias estadas em 2015-8); Bolívia (La Paz; 2015); Brasil (Belém, Brasília, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo; 2014, 2015, 2016, 2018); Chile (Santiago; 2014, 2017); Colômbia (Bogotá, Cartagena e Medellín; 2014, 2015, 2017); Cuba (Havana; 2014-6); Egito (Alexandria e Cairo; 2014-5); Emirados Árabes Unidos (Dubai; 2016); Equador (Quito; 2015); Espanha (Barcelona e Madri; várias estadas entre 2015 e 2018); Estados Unidos (Boston, Chicago, Nova York, Filadélfia, San Francisco e Washington; 2015-8); Hong Kong (2014-5); Índia (Nova Delhi; 2015); Israel (Tel Aviv, Jerusalém e Mar Morto; 2015-6); Japão (Tóquio; 2016); Jordânia (Amã; 2016); Líbano (Beirute e Bkerké; 2015, 2017); México (Guadalajara, Cidade do México, Monterrey, Puebla, Veracruz e Xalapa; 2014, 2016, 2018); Palestina (Gaza e Ramallah; 2015-6); Holanda (Amsterdam, Haia e Roterdam; várias estadas entre 2015 e 2018); Peru (Arequipa e Lima; 2014-5); Polônia (Cracóvia e Varsóvia; 2013, 2018); Portugal (Lisboa e Porto; 2016-7); Reino Unido (Londres e Oxford; inúmeras estadas entre 2015 e

2018); Suíça (Basileia, Coira, Genebra, Illnau-Effretikon, Lausanne, Lucerna, St. Gallen e Zurique; inúmeras estadas entre 2015 e 2018); Tunísia (Túnis; 2018); Uruguai (Montevidéu; 2017). Viajei para mais de vinte países, especificamente África do Sul, Argélia, Canadá, Camarões, China, Coreia do Sul, Dinamarca, Equador, Indonésia, Irã, Quênia, Rússia, Taiwan, Tailândia, Venezuela, Vietnã etc., antes do início desta investigação e também esses podem alimentá-la pontualmente.

No armário do Vaticano se baseia em fatos, citações e fontes rigorosamente exatas. A maior parte das entrevistas realizadas foi gravada, com total acordo dos interlocutores, ou efetuada na presença de um investigador ou de um tradutor, que a testemunharam; no total, disponho de cerca de quatrocentas horas de gravações, oitenta blocos de notas de entrevistas (em cadernos Rhodia A5 cor laranja!) e de várias centenas de fotos e selfies cardinalícias. De acordo com uma deontologia jornalística já clássica, as citações não foram revistas — e nem precisavam ser.

Como se pode supor, os testemunhos privados dos cardeais e dos prelados são infinitamente mais interessantes do que suas afirmações públicas! E, dado que minha intenção não é expor os padres homossexuais vivos que ainda não se assumiram, protegi minhas fontes. E, apesar de, por princípio, ser bastante reservado em relação a declarações não atribuídas, este livro não seria possível sem tal anonimato. No entanto, tentei limitar ao máximo sua utilização, recorrendo, na maior parte das vezes, na minha escrita, a informações comunicadas pelas pessoas entrevistadas. De igual modo, há raros casos em que, e a seu pedido, concordei em alterar os nomes de determinados padres (os pseudônimos utilizados estão claramente assinalados ao longo do livro e são todos pedidos de empréstimo a personagens de André Gide). Quanto aos cardeais Platinette e La Montgolfiera, o arcebispo La Païva, ou os famosos monsenhores Jessica e Negretto, são pseudônimos "autênticos", ousaria dizer,

utilizados secretamente no Vaticano. Qualquer leitor que tentasse fazer alguma correspondência entre um pseudônimo e um nome real, ou cruzasse as fontes anônimas, acabaria se perdendo.

Uma investigação desse tipo nunca poderia ter sido realizada sem ajuda. Tive ajuda de uma equipe de mais de oitenta colaboradores, tradutores, conselheiros e investigadores espalhados por todo o mundo. Entre estes, quero citar aqui os principais investigadores que me acompanharam nessa longa aventura. Em primeiro lugar, e antes de todos, o jornalista italiano Daniele Particelli, que trabalhou ao meu lado durante quase quatro anos e me acompanhou constantemente em Roma e na Itália. Na Argentina e no Chile, Andrés Herrera fez longas investigações para mim e me acompanhou nas diversas estadas hispânicas. Na Colômbia, Emmanuel Neisa me ajudou constantemente. Em Paris, o mexicano Luis Chumacero, que podia traduzir seis línguas, foi meu assistente. Também me beneficiei da ajuda constante de: René Buonocore, Fabrizio Sorbara e dos militares, policiais e *carabinieri* da associação LGBT "Polis Aperta", na Itália; Enrique Anarte Lazo, na Espanha; Guilherme Altmayer, Tom Avendaño e Andrei Netto, no Brasil; Pablo Simonetti, no Chile; Miroslaw Wlekly, Marcin Wójcik e Jerzy Szczesny, na Polônia; Vassily Klimentov, na Rússia; Antonio Martínez Velázquez, Guillermo Osorno, Marcela Gonzáles Durán e Eliezer Ojedo Felix, no México; Jürg Koller, Meinrad Furrer e Martin Zimper, na Suíça; Michael Brinkschröder, Sergey Lagodinsky e Volker Beck, na Alemanha; Michael Denneny, nos Estados Unidos; Hady ElHady, no Egito e em Dubai; Abbas Saad, no Líbano e na Jordânia; Benny e Irit Ziffer, em Israel; Louis de Strycker e Bruno Selun, na Bélgica; Erwin Cameron, na África do Sul; Nathan Marcel-Millet e Ignacio González, em Cuba; Julian Gorodischer e David Jacobson, na Argentina; Julia Mitsubizaya e Jonas Pulver, no Japão; Rafael Luciani, na Colômbia e na Venezuela; Alberto Servat, no Peru; Martin Peake,

na Austrália. (A lista completa da equipe de investigadores deste livro se encontra on-line.)

Durante minhas investigações, preparei quatro emissões sobre o Vaticano para a rádio nacional France Culture, vários artigos para a *Slate* e organizei um colóquio sobre as diplomacias do papa Francisco na *Sciences Po-Paris*. Esses projetos paralelos alimentaram este livro e foram ocasiões de encontros frutíferos.

Sou infinitamente grato pelo trabalho — e pela agilidade — dos meus tradutores: Matteo Schianchi (para o italiano), que já traduziu três dos meus livros, Michele Zurlo (também para o italiano), Maria Pons e Juan Vivanco (para o espanhol), Artur Lopes Cardoso (para o português), Shaun Whiteside (para o inglês), Nathalie Tabury, Henriëtte Gorthuis, Alexander van Kesteren e Marga Blankestijn (para o holandês), e ainda Anastazja Dwulit, Monika Osiecka e Elżbieta Derelkowska (para o polonês).

Meu principal editor, Jean-Luc Barré (da Robert Laffont/Editis) acreditou precocemente neste livro: foi um editor atento e um revisor vigilante, sem o qual este livro não existiria. Na Robert Laffont, Cécile Boyer-Runge defendeu ativamente este projeto. Na Feltrinelli, em Milão, também devo muito aos meus editores italianos: o amigo fiel Carlo Feltrinelli — que acreditou neste livro desde 2015 — e, claro, Gianluca Foglia, que coordenou sua edição; mas também às minhas editoras Alessia Dimitri e Camilla Cottafavi. Robin Baird-Smith (Bloomsbury) foi o editor decisivo deste livro para o mundo anglo-saxão, assistido por Jamie Birkett; bem como Blanca Rosa Roca, Carlos Ramos e Enrique Murillo, para Espanha e América Latina; João Duarte Rodrigues, para Portugal, e Pawel Gozlinski, para a Polônia. Agradeço também à minha agente literária italiana, Valeria Frasca, bem como, para o mundo hispânico, à minha conselheira Marcela González Durán, e para o resto do mundo, Benita Edzard.

Pelas releituras e *checagem de fatos*, quero agradecer aos meus amigos Stéphane Foin, Andrés Herrera, Daniele Particelli, Marie-Laure Defretin, bem como a três padres, um arcebispo e um vaticanista de renome, que têm que ficar anônimos aqui. Agradeço também a Sophie Berlin, que releu este livro carinhosamente, a título pessoal. Ao jornalista Pasquale Quaranta, que constantemente me ajudou em Roma durante esses quatro anos. A Reinier Bullain Escobar, que me acompanhou durante a escrita deste livro e a quem sou infinitamente grato. Também agradeço às minhas 28 "fontes" internas da Cúria Romana — *monsignori*, sacerdotes, religiosos ou leigos — todos assumidamente gays comigo e que trabalham ou vivem diariamente no Vaticano: têm sido informantes regulares, e por vezes anfitriões, por quatro anos, sem os quais este livro não teria visto a luz do dia. Todos compreendem que devem permanecer anônimos nesta obra.

Este livro é acompanhado e defendido por um consórcio de pelo menos uma quinzena de advogados, coordenados pelo francês dr. William Bourdon, advogado do autor: dra. Appoline Cagnat (Bourdon & Associés), na França; dr. Massimiliano Magistretti, na Itália; o advogado Scott R. Wilson, Esq., nos Estados Unidos; dra. Felicity McMahon (escritório 5RB), e Maya Abu-Deeb, no Reino Unido; dra. Isabel Elbal e dr. Gonzalo Boyé (Boyé-Elbal & Asociados) e dr. Juan Garcés, na Espanha; dr. Juan Pablo Hermosilla, no Chile; dr. Antonio Martinez, no México; a sociedade Teixeira, Martins & Advogados, no Brasil; dr. Jürg Koller, na Suíça; dr. Sergey Lagodinsky, na Alemanha; dr. Jacek Oleszezyk, na Polônia. Valérie Robe e dr. Jean-Pierre Mignard foram meus conselheiros jurídicos para a edição francesa.

Este livro se baseia num número muito importante de fontes escritas, de notas e numa extensa bibliografia, que compreende mais de uma centena de referências a obras e artigos. Como seu formato não me permite listá-los aqui, os investigadores e leitores interessados encontrarão gratuitamente on-line,

num documento de trezentas páginas, o conjunto dessas fontes, bem como três capítulos inéditos (minha procura da verdadeira Sodoma em Israel, na Palestina e na Jordânia; e um texto sobre arte e cultura no Vaticano). Foram incluídas também todas as citações e referências, incluindo 23 excertos das *Obras completas* de Rimbaud neste livro.

Para saber mais, visite o site: www.sodoma.fr; serão também publicadas atualizações com a hashtag #sodoma, na página do Facebook do autor: @fredericmartel; assim como na conta do Instagram: @martelfrederic e no Twitter: @martelf.



ASTRID DI CROLLALANZA

FRÉDÉRIC MARTEL é escritor, pesquisador, jornalista, doutor em sociologia, professor e autor de *Smart: O que você não sabe sobre a internet* e *Mainstream*, entre outros livros. É também apresentador de um programa de rádio na France Culture sobre as indústrias criativas e os meios de comunicação.

Copyright © 2019 by Frédéric Martel
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Sodoma: Enquête au cœur du Vatican

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

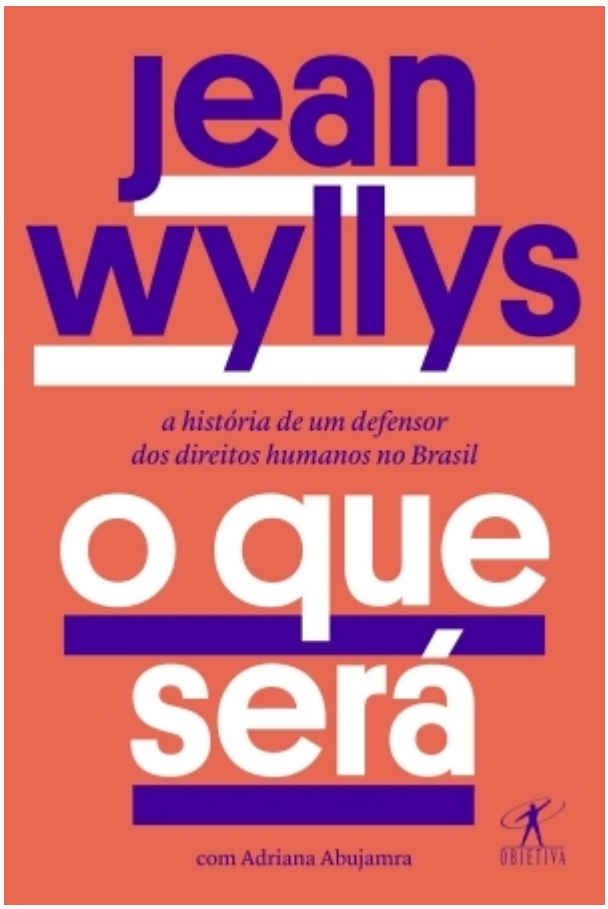
Foto de capa
Holloway / Getty Images

Preparação
Carolina Vaz Rodrigues
Liciane Corrêa Garcia
Pedro Staite

Revisão
Ana Maria Barbosa
Marise Leal Assad

ISBN 978-85-5451-424-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editoraobjetiva
instagram.com/editora_objetiva
twitter.com/edobjetiva


jean
wyllys
a história de um defensor
dos direitos humanos no Brasil
o que
será
com Adriana Abujamra
OBJETIVA

O que será

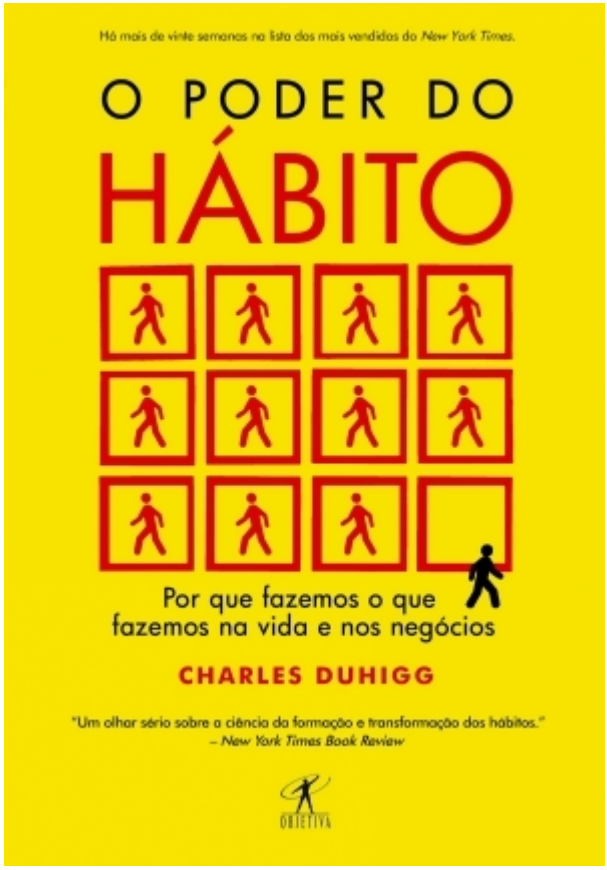
Wyllys, Jean
9788554514600
224 páginas

Compre agora e leia

Único homossexual assumido no Congresso por quase dez anos, Jean Wyllys se destacou por ampliar e promover importantes pautas ligadas aos direitos humanos. Por outro lado, sua postura anticonservadora suscitou ameaças e ataques que tornaram insustentável sua permanência no país. Neste livro, Jean divide com o leitor um relato comovente e sincero sobre sua trajetória e suas escolhas. Jean Wyllys lutou desde o início. Ainda criança, numa cidadezinha do interior da Bahia, disse à mãe que entraria numa universidade e tiraria toda a família da miséria. Apesar de desacreditado pela família e pelos amigos, em 1995 foi aprovado no curso de jornalismo da Universidade Federal da Bahia, um dos mais disputados do país. Dez anos depois, voltou a surpreender ao vencer a quinta edição do Big Brother, o reality show mais popular da televisão brasileira. Tornou-se uma celebridade, mas em pouco tempo deu uma nova guinada, abraçando a política. Eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro três vezes consecutivas, Jean Wyllys levou o debate sobre os direitos das minorias e dos homossexuais para uma das principais arenas da política: a Câmara Federal. Na mesma proporção em que cresciam sua popularidade e a visibilidade de seus projetos, campanhas de difamação e ameaças

à sua vida e à de seus familiares aumentaram até sua vida se tornar um pesadelo. Em O que será, Jean Wyllys revê a trajetória do Brasil através de sua própria história e narra o longo caminho percorrido de Alagoinhas até Berlim, cidade que escolheu para morar após desistir do mandato e deixar o país.

Compre agora e leia


Há mais de vinte semanas na lista dos mais vendidos do New York Times.
O PODER DO
HÁBITO
Por que fazemos o que
fazemos na vida e nos negócios
CHARLES DUHIGG
"Um olhar sério sobre a ciência da formação e transformação dos hábitos."
– New York Times Book Review
OBJETIVA

O poder do hábito

Duhigg, Charles
9788539004256
408 páginas

Compre agora e leia

Charles Duhigg, repórter investigativo do New York Times, mostra que a chave para o sucesso é entender como os hábitos funcionam - e como podemos transformá-los.Durante os últimos dois anos, uma jovem transformou quase todos os aspectos de sua vida. Parou de fumar, correu uma maratona e foi promovida. Em um laboratório, neurologistas descobriram que os padrões dentro do cérebro dela mudaram de maneira fundamental. Publicitários da Procter & Gamble observaram vídeos de pessoas fazendo a cama. Tentavam desesperadamente descobrir como vender um novo produto chamado Febreze, que estava prestes a se tornar um dos maiores fracassos na história da empresa. De repente, um deles detecta um padrão quase imperceptível - e, com uma sutil mudança na campanha publicitária, Febreze começa a vender um bilhão de dólares por anos. Um diretor executivo pouco conhecido assume uma das maiores empresas norte-americanas. Seu primeiro passo é atacar um único padrão entre os funcionários - a maneira como lidam com a segurança no ambiente de trabalho -, e logo a empresa começa a ter o melhor desempenho no índice Dow Jones. O que todas essas pessoas tem em comum? Conseguiram ter sucesso focando em padrões que moldam cada aspecto de nossas vidas.

Tiveram êxito transformando hábitos. Com perspicácia e habilidade, Charles Duhigg apresenta um novo entendimento da natureza humana e seu potencial para a transformação.

Compre agora e leia


Autor de A mente organizada
DANIEL J. LEVITIN
Best-seller internacional
O GUIA CONTRA MENTIRAS
Como pensar criticamente na era da pós-verdade
"Um manual do pensamento crítico.
Todas as páginas são reveladoras."
Charles Duhigg, autor de O poder do hábito
OBJETIVA

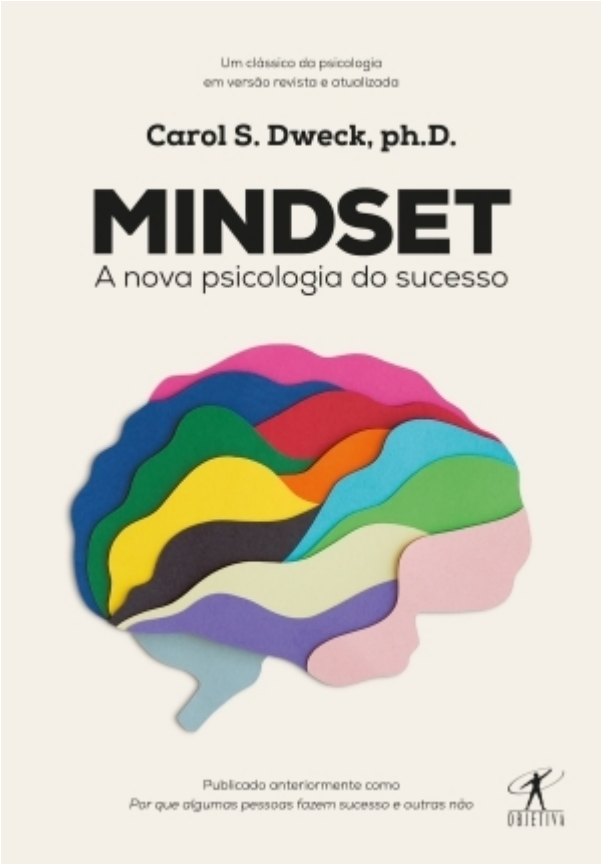
O guia contra mentiras

Levitin, Daniel J.
9788554514617
328 páginas

Compre agora e leia

Best-seller internacional. Lições fundamentais sobre pensamento crítico que precisamos aprender e compartilhar o quanto antes. Fatos e números sobre absolutamente tudo estão ao nosso alcance, mas são muitas vezes tendenciosos, distorcidos ou mentirosos. Dos números do desemprego às urnas de votação, dos testes de QI às taxas de divórcio, somos bombardeados por estatísticas aparentemente plausíveis sobre como as pessoas vivem e o que pensam. Neste livro, o renomado neurocientista Daniel Levitin nos ensina a questionar: podemos realmente saber disso? E como eles sabem disso?Neste guia acessível e revelador, repleto de exemplos fascinantes e dicas práticas, Daniel Levitin nos mostra que compreender as estatísticas nos permitirá julgar de forma mais inteligente o mundo ao nosso redor."Um manual do pensamento crítico. Todas as páginas são reveladoras." — Charles Duhigg, autor de O poder do hábito"Um guia para quem deseja testar a autenticidade das informações que nos inundam de cada canto, iluminado ou escuro, da internet." — The Washington Post

Compre agora e leia


Um clássico da psicologia
em versão revista e atualizada
Carol S. Dweck, ph.D.
MINDSET
A nova psicologia do sucesso
Publicado anteriormente como
Por que algumas pessoas fazem sucesso e outras não
OBJETIVA

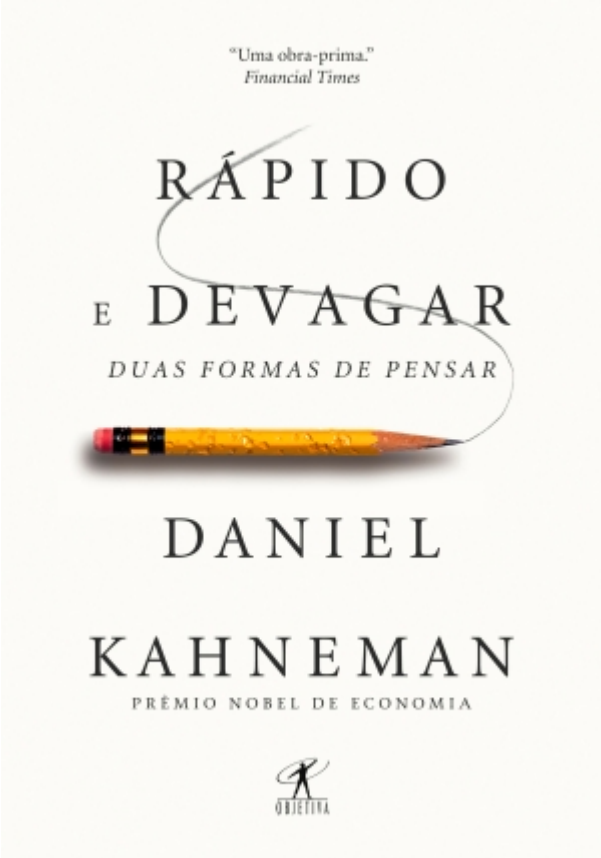
Mindset

Dweck, Carol
9788543808246
328 páginas

Compre agora e leia

Clássico da psicologia em versão revista e atualizada.Carol S. Dweck, professora de psicologia na Universidade Stanford e especialista internacional em sucesso e motivação, desenvolveu, ao longo de décadas de pesquisa, um conceito fundamental: a atitude mental com que encaramos a vida, que ela chama de "mindset", é crucial para o sucesso. Dweck revela de forma brilhante como o sucesso pode ser alcançado pela maneira como lidamos com nossos objetivos. O mindset não é um mero traço de personalidade, é a explicação de por que somos otimistas ou pessimistas, bem-sucedidos ou não. Ele define nossa relação com o trabalho e com as pessoas e a maneira como educamos nossos filhos. É um fator decisivo para que todo o nosso potencial seja explorado.

Compre agora e leia


"Uma obra-prima."
Financial Times
RÁPIDO
E DEVAGAR
DUAS FORMAS DE PENSAR
DANIEL
KAHNEMAN
PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA
OBJETIVA

Rápido e devagar

Kahneman, Daniel
9788539004010
624 páginas

Compre agora e leia

Uma visão inovadora sobre como nossa mente funciona e como tomamos decisões.Daniel Kahneman, ganhador do Prêmio Nobel de Economia por pesquisas que colocam em xeque a ideia de que a nossa tomada de decisões é essencialmente racional, é um dos mais importantes pensadores do século XXI. Suas ideias tiveram um impacto profundo em muitas áreas, incluindo economia, psicologia, medicina e política, mas é a primeira vez que o autor reúne seus muitos anos de pesquisa e pensamento em um único livro. Rápido e devagar: duas formas de pensar apresenta uma visão tão inovadora quanto inquietante sobre como a mente funciona e como as decisões são tomadas. No livro, o autor explica as duas formas como se desenvolvem o pensamento humano: uma é rápida, intuitiva e emocional; a outra, mais lenta, deliberativa e lógica. Kahneman expõe as capacidades extraordinárias — e também os defeitos e vícios — do pensamento rápido e revela o peso das impressões intuitivas no processo de tomada de decisões. O autor revela quando é possível ou não confiar na intuição. Oferece insights práticos e esclarecedores sobre como são tomadas as decisões nos negócios e na vida pessoal, e como se pode usar diferentes técnicas para proteger contra falhas mentais que, muitas

vezes, colocam o indivíduo em situações de apuro.Eleito um dos melhores livros de 2011 pelo New York Times Book Review

Compre agora e leia